



Universidade Estadual Paulista

Júlio de Mesquita Filho

Faculdade de Ciências

Programa de Pós-Graduação “Educação para a Ciência”

José Luiz Lacerda

**CORPO, CONTEMPORANEIDADE, JUVENTUDES E
ESCOLA.**

Bauru
2013

José Luiz Lacerda

CORPO, CONTEMPORANEIDADE, JUVENTUDES E ESCOLA.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação “Educação para a Ciência”, Área de Concentração: ensino de Ciências, como parte das exigências para obtenção do título de doutor.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho.

Bauru
2013

Lacerda, José Luiz.

Corpo, contemporaneidade, juventudes e escola /
José Luiz Lacerda, 2013

625 f. : il.

Orientador: Cláudio Bertolli Filho

Tese (Doutorado)-Universidade Estadual

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE JOSÉ LUIZ LACERDA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.

Aos 25 dias do mês de março do ano de 2013, às 09:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-graduação da Faculdade de Ciências, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. CLAUDIO BERTOLLI FILHO do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Profa. Dra. MARIA ELISA CAPUTO FERREIRA do(a) Departamento de Fundamentos de Educação Física/Universidade Federal de Juiz de Fora, Profa. Dra. ANA MARIA DE ANDRADE CALDEIRA do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências de Bauru, Prof. Dr. ANDERSON FERRARI do(a) Departamento de Ciências Humanas/Universidade Federal de Juiz de Fora, Prof. Dr. FERNANDO BASTOS do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da TESE DE DOUTORADO de JOSÉ LUIZ LACERDA, intitulado "Corpo, contemporaneidade, juventudes e escola". Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: Aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Prof. Dr. CLAUDIO BERTOLLI FILHO


Profa. Dra. MARIA ELISA CAPUTO FERREIRA


Profa. Dra. ANA MARIA DE ANDRADE CALDEIRA


Prof. Dr. ANDERSON FERRARI


Prof. Dr. FERNANDO BASTOS

Bauru, 25 de março de 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que ao longo de minha carreira contribuíram, direta ou indiretamente, com o processo de minha qualificação profissional, desde a formação inicial até chegar a esta tese.

À Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), na figura do Magnífico Reitor Prof. Dr. Henrique Duque de Miranda Chaves, pessoa impar, que faz pulsar a vida em nossa Universidade e com sua dedicação e olhar humanizador, vem mostrando que é possível transformar sonhos em realidade.

À Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, através do Prof. Dr. Roberto Nardi, que teve a ousadia de enfrentar o desafio do Programa DINTER.

Ao Colégio de Aplicação João XXII/UFJF, minha casa e campo de pesquisa, um laboratório que propicia viver e aprender, cotidianamente, os desafios educacionais.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho, que sabiamente conduziu os caminhos que levaram a concretizar esta pesquisa.

Às professoras Eliete, Janaína e Mônica que, pelo espírito cooperativo que regem suas vidas e tornam simples as atitudes, se disponibilizaram a ajudar o outro.

Aos bolsistas de Iniciação Científica Júnior, Yan e Gabriela, pela contribuição dada à realização desta tese.

Aos meus pais, que sempre tiveram a sabedoria de reconhecer a educação como um bem a ser deixado como herança.

Aos meus filhos, Leandro e Nathália, por tudo que são, pelo que me proporcionaram, oferecendo significado à vida.

À Andréa, companheira no trabalho e na vida, por podermos construir, juntos, nosso crescimento e descobrir a satisfação de oportunizar a outros a idealização de pequenos sonhos.

A todos que estiveram presentes em minha vida, fazendo parte do que hoje sou e conquisto, construindo a experiência que dá sentido à existência.

Por fim, agradeço a Deus, que faz pulsar a vida de todos nós, que nos desafia a compreender o porquê de estarmos neste mundo.

“O corpo é o mais natural instrumento técnico de que dispomos”.

Marcel Mauss

“O meu corpo é mais do que imagem, é um instrumento”.

Participante do grupo focal

RESUMO

Esta pesquisa pretende compreender como a noção de corpo é compartilhada entre alunos de 15 a 18 anos de uma escola pública da cidade de Juiz de Fora, buscando perceber quais as representações estão presentes entre eles e qual o papel que a escola exerce nessa constituição. Analisamos se a juventude indica um deslocamento das características do mundo moderno para um mundo contemporâneo, onde o corpo ganha sentidos e constitui uma ética da estética. O estudo se sustenta nas fundamentações de Michel Maffesoli, que se utiliza da sociologia compreensiva e se refere à noção de socialidade, onde emerge na atualidade um sentimento de comunidade marcado, predominantemente, pelo corpo coletivo sobre o individual, coexistindo emoção com razão e que torna mais próxima as experiências compartilhadas e vividas em comum, criando um ambiente de solidariedade que permite um “estar juntos”. Como instrumento metodológico, foi utilizado a técnica de grupo focal com a participação de 11 alunos, realizado em quatro blocos de questões, lançadas para discussão. Todos os encontros foram filmados, transcritos e analisados. Concluímos que em nosso destino cíclico, a juventude contemporânea vem transformando seu modo de ver e compreender o mundo que difere dos tempos modernos. O corpo está em evidência, o que faz com que o jovem se desloque de um tempo onde a racionalidade predominou no modo de agir no mundo que vem se esgotando, passando a uma transição, onde a emocionalidade predomina com o retorno do dionisíaco, em substituição a um tempo prometeico. Confirmamos o retorno de um corpo coletivo, iniciando outro paradigma que se sustenta no estético, onde o belo, o prazer-se da aparência, o jogo das formas, faz o reconhecimento da estética, no sentido da emoção comum, em que o “estar juntos” predomina no imaginário da juventude, tendo em seu modo de pensar o mundo com ênfase na vida, não tem a revolução como ideário e se voltam a “conquista do presente”. Neste tempo, o pensamento científico está cada vez mais presente, mas não determina ou submete nosso modo de viver, que também incorpora a emocionalidade. O que fazemos com o nosso próprio corpo vem carregado de significado de conhecimentos científicos e de decisões originárias do gosto e do desejo. Estamos num tempo da emergência de produção de um novo corpo em evidência, necessitando de ser compreendido, pela escola, em suas essências, para que esta acompanhe o desenrolar de um novo espírito do tempo, em que um pacto venha a conjugar o desafio de estar na escola e aprender, juntos, a arte de cooperar.

Palavras-chave: Corpo, Modernidade, Pós-modernidade, Contemporaneidade, Juventudes, Emocionalidade, Escola.

ABSTRACT

This research aims to understand how the body notion is shared among 15 to 18 year-old students at a public school in the city of Juiz de Fora, trying to perceive which representations are present among them and what role the school plays in this constitution. We have analyzed whether the youth indicates a shift of the characteristics of the modern world to a contemporary world, where the body wins senses and constitutes an ethics of aesthetics. The study is based on the foundations of Michel Maffesoli, which uses the comprehensive sociology and refers to the notion of sociality, in which, nowadays, it emerges a feeling of community marked predominantly by the collective body on the individual one, coexisting emotion and reason and making closer the experiences which have been shared and lived in common, creating an environment of solidarity that allows people "being together". As a methodological tool, it has been used the focus group technique involving 11 students, conducted in four blocks of questions, posted for discussion. All meetings were videotaped, transcribed and analyzed. We have concluded that in our cyclical destination, the contemporary youth has been transforming its way of seeing and understanding the world that differs from modern times. The body is in evidence, which causes the young people to move from a place where rationality prevailed in the way of acting in the world that is running out, going to a transition where emotion prevails with the Dionysian return, in substitution to a Promethean time. We have confirmed the return of a collective body, starting another paradigm that is based on aesthetic, in which beauty, the good pleasure of looking up, the game of forms, makes the recognition of aesthetics, in the sense of common emotion in which "being together " prevails in the minds of youth, having in their way of thinking about the world with emphasis on life, not having the revolution as ideology and turning to the " conquest of the present ". At this time, the scientific thinking is increasingly present, but does not determine or submit our way of life, which also incorporates emotion. What we do with our own body has been carried out with meaning of scientific knowledge and decisions originating from taste and desire. We are in a time of production emergency of a new body in evidence, that needs to be understood, by the school, in its essence, for it to follow the progress of a new spirit of the time, in which a deal comes to conjugate the challenge of being in the school and of learning together the art of cooperating.

Keywords: Body, Modernity, Post modernity, Contemporaneity, Youth, Emotion, School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE	
1.Compreendendo a contemporaneidade.....	21
1.1 A invenção da modernidade.....	23
1.2 Uma época de transição	28
1.3 O debate entre a modernidade e a pós-modernidade	34
1.4 Outras interpretações do momento presente	41
1.5 Maffesoli e o fim de um tempo: modernidade ou pós-modernidade?	49
COMPREENDENDO O CORPO	
2. O corpo.....	56
2.1 Concebendo o corpo	58
2.2 O corpo e a dualidade cartesiana.....	68
2.3 Políticas do corpo	71
2.4 Saberes corporais: o individualismo moderno e o corpo coletivo na contemporaneidade.....	73
2.5 Corpo, educação e modernidade.....	76
2.6 Corpo e diferença	79
2.7 A busca de outro corpo.....	81
2.8 O corpo na contemporaneidade: o olhar antropológico de Le Breton	84
2.9 O corpo na contemporaneidade: o olhar na sociologia de Michel Maffesoli	85
COMPREENDENDO MICHEL MAFFESOLI	
3. As noções de Michel Maffesoli	94
3.1 Identidade e identificação	99
3.2 Tempo histórico: as épocas racionais e as épocas emocionais	104
3.3 Socialidade	105
3.4 Formismo	107
3.5 A ética da estética, o estilo ético afetivo e a solidariedade de base	111
3.6 O paradigma estético	115
3.7 Deontologia	118
3.8 O retorno do arcaísmo	120
3.9 O tribalismo contemporâneo.....	121
3.10 Nomadismo e errância	125
3.11 O trágico, o lúdico, a repetição e o eterno retorno	129
3.12 Nietzsche, niilismo e Maffesoli	131

3.13 O imaginário	136
3.14 A transfiguração do político	139
3.15 O sair de si	144
3.16 Orgiasmo	144
3.17 Imagem e comunicação.....	145
3.18 O Sujeito e a persona em Maffesoli	151

FUNDAMENTOS DO REFERENCIAL METODOLÓGICO ADOTADO

4. A sociologia compreensiva	155
4.1 Maffesoli e a sociologia compreensiva	157
4.2 A fenomenologia	160
4.3 Merleau-Ponty.....	165
4.4 Fenomenologia hermenêutica	175

CAMINHOS METODOLÓGICOS

5. Objetivos.....	179
5.1 Metodologia	180
5.2 Levantamento quantitativo: o questionário	182
5.3 O Grupo Focal	183
5.4 A composição e as características do grupo focal	184
5.5 Os Colégios de Aplicação	186
5.6 O Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF	189

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

6. Um olhar sobre os dados	194
6.1 Meio ambiente: a construção de um corpo coletivo.....	195
6.2 Corpo: individualismo e individualidade	211
6.3 Juventude e socialidade: a ética da estética	215
6.4 A necessidade do outro	226
6.5 Corpo e festa	237
6.6 Corpo real e corpo virtual	241
6.7 Corpo e família	253
6.8 Corpo e religião	268
6.9 Corpo e drogas	275
6.10 Corpo: diferença e preconceito	280
6.11 Marcas Corporais	286
6.12 O corpo ridicularizado: o não reconhecimento do outro.....	289
6.13 Corpo e consumo	290

6.14 Corpo: as vestimentas e a moda	303
6.15 Corpo, conhecimento e tecnologia	311
6.16 Corpo, escola e juventude	313
6.17 Corpo e sociedade: o culto ao corpo e imposições sociais.....	350
CONSIDERAÇÕES FINAIS	372
REFERENCIAS.....	394
ANEXOS	
ANEXO I – QUESTÕES PARA O GRUPO FOCAL	409
ANEXO II – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL	
TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO 1.....	412
TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO 2.....	440
TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO 3.....	484
TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO 4.....	520
ANEXO III – QUESTIONÁRIO	554
ANEXO IV – GRÁFICOS DOS DADOS QUANTITATIVOS	
RESULTADOS GRUPO FEMININO	558
RESULTADOS GRUPO MASCULINO	573
RESULTADOS GRUPO MASCULINO E FEMININO	588
ANEXO V – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	603
ANEXO VI – FICHA INDIVIDUAL	604
ANEXO VII– FIGURAS	605

INTRODUÇÃO

Compreender quem somos faz parte do nosso imaginário e desafia nossa condição humana. Mas podemos, antes de mais nada, afirmar que somos corpo. Corpo que labora, que religa, que ideologiza, que comunica, que se narcisiza, que adocece, que se sujeita, que se emancipa, que se banaliza, que se diverte, que deseja etc.

A temática do “corpo” é complexa. Podemos abordá-la através de diversos campos do conhecimento, em diferentes tempos, linguagens ou culturas. Para o desenvolvimento desta pesquisa, situaremos o corpo no tempo, buscando compreender seu espírito, de um tempo que se esgota e outro que se encontra em plena transição. Passaremos de um tempo de racionalidade para um tempo de emocionalidade, em que Dionísio emerge, o corpo retorna e se encontra em evidência.

Diversos autores concordam que a modernidade entrou em crise, que estamos em um tempo de mudanças. Assim, sem um termo que possa definir ou indicar ao certo para onde vamos, cada um se utiliza de uma expressão para denominar esse tempo como alta-modernidade, sociedade de risco, capitalismo tardio, capitalismo desorganizado, modernidade líquida, hipermodernidade ou pós-modernidade.

No meio dessa transição, encontramos-nos frente à escola e compreendemos ser necessário situá-la diante da questão. A escola, na atualidade, está fundamentada em uma tradição moderna, no que se refere ao modo como o corpo é concebido. A despeito disso, seus alunos estão inseridos em um mundo contemporâneo que vem transmutando os valores, de modo a colocar o corpo em evidência, o que contribui para a ocorrência de conflitos e crises no cotidiano. Nesse contexto, registra-se o desinteresse da juventude em frequentar a escola, resultando em uma expressiva evasão escolar.

Goergen (2005) aponta que o corpo da educação ainda é um corpo aprisionado, disciplinado, ordenado, imóvel. O autor, propondo a reinvenção dos corpos, cita três questões que afligem o corpo na escola atual. A primeira é a que ainda mantém o corpo subalterno à razão a qual ainda é sustentada pelo paradigma do racionalismo iluminista, inspirador de uma educação intelectualista, evidenciando a herança cartesiana que o

concebe como simples extensão da mente, considerado como *res extensa*¹. O autor afirma que o corpo não vai à escola.

A segunda questão que precisa ser superada é que as principais correntes epistemológicas que tratam da origem do conhecimento limitam-se a uma forma de conhecimento predominantemente racional, com a ausência do corpo e, por último, uma pedagogia que se limita ao exclusivamente racional e míope, sendo necessário, portanto, reivindicar o lugar dos corpos na escola. Goergen (2005) salienta que, embora neguemos Descartes, convidamo-lo a entrar pela janela, uma vez que sentimentos e emoções não penetram no mundo demasiado humano da suprema razão. Isso também tem a concordância de Gaya (2006), para quem deveria haver, na escola, um corpo que despertasse seus sentidos, sendo que a autora ainda aponta que descartamos Descartes no discurso, mas o acatamos na prática.

Por consequência, Goergen (2005) afirma como terceira questão que a escola acaba se constituindo como um mundo virtual de nossa escola real, onde nosso corpo não é nosso corpo no mundo, é um *avatar*, é uma transfiguração, é uma metamorfose que muito bem pode existir, desde que fora do mundo real. Um corpo marionete que a escola expressa na forma de uma humanidade sem corpos.

Como contraponto às pedagogias tradicionais, Gaya (2006) propõe a reinvenção dos corpos, que seria o anúncio do discurso sobre o corpo ausente na educação escolar.

Tudo isso são heranças da modernidade que, entretanto, vem se esgotando por haver a percepção de que a soberania da razão, a concepção racionalista mecanicista, o caráter universalizador da ética do dever, fundada no criticismo kantiano dos imperativos categóricos, a fé na racionalidade e no progresso são fatores que poderiam garantir um futuro melhor, o qual, todavia, não se consolidou.

A escola de massa, reconhecida como um projeto moderno, constituiu-se sob a égide do corpo, tendo como um de suas funções constituir um corpo disciplinado, capaz de produzir, para dar sustentação às necessidades do capitalismo, diferentemente do corpo da aristocracia. Escola esta que também se empenhou em um projeto de um corpo saudável, dócil, capaz de produzir uma nova configuração política, o que exigiria um novo corpo social. Essa escola, voltada para a massificação do conhecimento,

¹ Segundo o Dicionário Abbagnano (1982), *Res extensa* ("coisa extensa") que é o corpo, a realidade deste mesmo ou matéria (coisa que não pensa). *Res cogitans* ("coisa pensante") é o sujeito pensante.

estruturou-se disciplinarmente e determinou que o conhecimento se situa na “mente”, ficando o corpo visto como uma soma das partes e reduzido ao biológico, sem interior, o que leva à dualidade cartesiana.

Situar a discussão na atualidade em relação à escola é uma tarefa que nos estimula e, movidos por essa motivação, consideramos para este trabalho aspectos relativos à modernidade e à contemporaneidade.

Assim como a modernidade, a escola atual encontra-se em crise, o que nos leva a refletir sobre suas essências. Nascida e pensada na égide da modernidade, a escola brasileira contemporânea vem se transformando desde o final da década de 1970, quando, pela abertura política, imbuída pelas perspectivas progressistas para educação, passou a negar valores tradicionais, distanciando-se de princípios éticos até então reconhecidos, entrando em um período de carência de sentidos e valores. Foi na fragmentação do homem, nas dualidades entre corpo e mente, que a visão holística e complexa do conhecimento se perdeu. Enquanto isso, a escola, no Brasil, tem buscado resgatar essa visão por meio de outras concepções educacionais. Dentro dessa perspectiva, propõe-se romper com a escola tradicional que colocou, no centro do ensino, os saberes objetivos do conhecimento, tendo seu currículo organizado a partir de disciplinas oriundas das áreas científicas e considerando o conhecimento produzido cientificamente como o conhecimento válido, preterindo as sensibilidades, as experiências e percepções dos alunos, buscando, por sua vez, consolidar outro projeto de escola.

Para Silva (1999), essa busca por outras concepções que rompessem com o modelo educacional passaram, nas últimas décadas, a ser considerados pelas teorias do currículo com os princípios da perspectiva fenomenológica, que considera as categorias do senso comum na experiência vivida, no mundo da vida, nos significados construídos subjetiva e intersubjetivamente. Além disso, são questionados dados entendidos simplesmente como naturais, que podem ser, então, interpretados em suas múltiplas possibilidades, conforme proposto na perspectiva hermenêutica fenomenológica.

Na atualidade, o currículo escolar trata dos conhecimentos sobre o corpo em sua dimensão anatômica e fisiológica, produto do desenvolvimento da área de Ciências. Entretanto, o conhecimento do corpo não se reduz à disciplina de Ciências. Podemos afirmar que o corpo é tratado com diferentes linguagens e discursos que são gerados nas

diferentes disciplinas a cujas leituras o aluno é submetido, de forma frequentemente fragmentada ou mesmo de forma oculta.

Silva (2001, p. 90) sinaliza que o conhecimento corporal, tratado pelas ciências, exclui as características do sujeito, da cultura e de sua história, o que torna o modelo de corpo proposto pela ciência “um corpo inexistente, porque ninguém corresponde às estatísticas vigentes”.

Também, na modernidade, o homem desejou dominar a natureza e sua crença nas ciências, no desenvolvimento científico e tecnológico, provocando mudanças em sua forma de viver. Na cena do imaginário dessa crença, a mídia tem se utilizado de vários signos para produzir comportamentos que despertam desejo de viver mais, de ser mais belo, de dominar o envelhecimento, levando o homem ao culto do corpo. Para se chegar aos modelos desejados, a mídia “apresenta imagens de corpos perfeitos e produz uma obsessão pela forma e pela saúde, gerando um consumismo hedonista e narcisista” (SILVA, 2001, p.131), afetando, conseqüentemente, o imaginário da juventude.

Assim, é o próprio corpo que está em jogo na contemporaneidade, quando não se separa o científico do social, seja na perspectiva de segurança (do próprio corpo e do corpo coletivo), de construção da autonomia, dos saberes sobre sustentabilidade, meio ambiente, ou do que podemos fazer e modificar em nossos corpos com conhecimentos e técnicas originárias das ciências, seja em dietas, em cirurgias plásticas, na alimentação, no uso de drogas ou na busca do corpo ideal.

A ciência e a tecnologia transformaram o mundo em todos os seus aspectos, sejam sociais, políticos, econômicos e culturais, transformando também as relações e o modo de compreender a existência. A escola, como instituição que introduz o jovem no mundo do conhecimento científico de forma sistematizada, é essencial no processo de compreensão das culturas juvenis e seus modos de se relacionar.

Frente a essas questões, encontramos-nos diante de um novo quadro social, uma nova época que se configura na contemporaneidade. Mas onde se encontra o corpo nesse quadro e como a escola se movimenta em relação a essas novas configurações corporais que se apresentam?

A escola seria um dos locais de “políticas culturais” (SIMON, 1995, p.68), o que nos leva a questionar sobre as suas pretensões em sentido de “política” e “que política do corpo” é representada no ambiente escolar. Enquanto política, a escola e suas

tecnologias determinam quais os corpos que estão autorizados a falar, quando, sobre o quê, ou seja, é ela que, de alguma forma, contribui, regulando, controlando os corpos dos estudantes, através de discursos pedagógicos, criando toda uma política sobre o corpo.

A compreensão da questão do corpo também se faz necessária, uma vez que, conforme Courtine (2008, p. 11), “a história do corpo está apenas começando”. Tal visão revela que, com a multiplicação de tecnologias virtuais, com o desenvolvimento da genética, com os implantes, novas vias de reprodução, as fronteiras entre o mecânico e o orgânico se reduzem e o limite humano se expande, de modo que “meu corpo já não é mais meu corpo”, citando também a ideia de que “meu corpo será sempre meu corpo” (COURTINE, 2008, p.11-12). Dessa forma, uma compreensão do corpo sob uma outra perspectiva se faz necessária, para que a escola o possa reinventar no processo educacional.

Torna-se evidente o desinteresse do jovem em estar na escola, em concluir sua etapa de educação básica. Para contribuir com a compreensão do problema, faz-se necessário compreendermos a juventude atual, as transformações que vêm ocorrendo, histórica e culturalmente, no tempo e nos espaços sociais. Na contemporaneidade, a juventude, formada por diferentes tribos, tem se caracterizado pela busca de um presenteísmo e compreender toda essa questão é uma tarefa complexa.

A formação do jovem, tradicionalmente, coube à família e à escola. As famílias de hoje ganham novas configurações e sentidos, a escola não atende aos anseios da juventude e, somando-se a isso, com as tecnologias digitais, os jovens sofrem grande influência dos meios de comunicação, das redes sociais, que aproximam os jovens de práticas sociais diferentes, motivados que são por um aparato de informação e comunicação.

Assim, o corpo, na atualidade, apresenta-se como um desafio para a escola. Novos adventos tecnológicos se incorporam à sociedade e, cada vez com mais rapidez, transformam-se ou se aperfeiçoam. A vida social vem se transformando rapidamente, empurrada por novas formas de se comunicar e de se informar. Iniciamos uma era pautada pela comunicação de identidades, de identificações, de diversidades e diferenças, em que a mídia tem se instalado por meio da instauração de valores que

engendram o próprio corpo individual e social, diferentemente do modo como a escola, sustentada pelos valores atribuídos à modernidade, estruturou-se e se organizou,.

Estaria a escola ainda distante dessa perspectiva de mudança ou transição social? Onde se encontra a escola nesse contexto? Que percepções têm os jovens e professores sobre essas questões? Que corpo vai a essa escola? Como tem ocorrido a sociabilidade no espaço formal da escola, onde convivem pessoas de diferentes grupos ou tribos? Como tem sido encarado o espaço escolar pelos jovens, atualmente, frente a toda essa aparência? Os valores das atuais tribos têm se distanciado da instituição escolar, fundada como lócus do conhecimento? Como estaria a escola tratando da questão do corpo, uma vez que os alunos são bombardeados externamente pela “cultura de imagem” que joga suas representações e os faz criar outras sobre o corpo? Como as questões do saber escolar, os mecanismos de vigilância, a distribuição de espaço, as relações de poder, das identidades e das diferenças, da inclusão, das áreas de conhecimento tratam o corpo? O corpo seria o alvo dos mecanismos em tecnologias escolares, assim como o é na atual sociedade? Como estaria, então, o aluno adolescente representando para si mesmo a questão do corpo com o tratamento dado ao conhecimento científico na escola?

Essas questões necessitam ser compreendidas. Assim, esta pesquisa, que tem como objetivo compreender como a noção de corpo é partilhada entre alunos de 15 a 18 anos, pertencentes a diferentes grupos ou tribos e oriundos de uma escola pública da cidade mineira de Juiz de Fora, busca perceber quais são as representações sobre o corpo apresentadas por esses jovens escolares e qual o papel que a instituição escolar exerce na produção dessas representações na contemporaneidade.

Também se busca compreender se as representações desses jovens indicam um deslocamento das características do mundo moderno para um mundo em transição ou pós-moderno, que se sustentaria pelo arcabouço teórico apresentado por Michel Maffesoli, segundo o qual estaríamos passando de uma época de racionalidade para uma de emocionalidade, em que o corpo entra em evidência, saindo do individualismo moderno para o coletivismo contemporâneo, de modo a partilhar emoções e garantir um estar juntos. Nesse sentido, passamos da identidade para a identificação ou ainda um tempo em que saímos de um corpo individual para um corpo coletivo.

Maffesoli aponta a necessidade de os campos de estudo considerarem também o sensível, já que, na atualidade, a dicotomia oriunda da modernidade, entre razão e imaginário ou sensível, vem se reduzindo. Desse modo, os conhecimentos que integram o frívolo, a emoção, a aparência, ou tudo que se resume no estético, passam a ser considerados. Nesse tempo, o viver em comum, o compartilhar, o estar juntos ganha espaço e nos distanciamos da modernidade, substituindo a lógica do individualismo para uma lógica da coletividade, em que a razão, já sucumbida em meados do séc. XX, abre espaço ao sensível e à embriaguez coletiva da atualidade.

O corpo, alvo na análise de Maffesoli, exhibe-se em grandes teatralidades contínuas e onipresentes. Trata-se de um corpo valorizado e epifanizado, sendo construído para ser visto, espetacularizado, que constrói uma socialização. Esse corpo passa a integrar um conjunto, transcendendo o indivíduo, abrindo espaço para a sensação coletiva, tendo como resultado a participação desse corpo geral, de um corpo social. Nesse contexto, a estética ganha função de agregação, fortalecendo o que Maffesoli chama de socialidade, que é marcada pela estética.

O campo de pesquisa, na qual se utilizou como instrumento metodológico a técnica do grupo focal, foram alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora. A escolha do local deveu-se ao fato de ser uma escola pública, como uma diversidade de alunos que inclui todos os segmentos sociais, vez que o ingresso de alunos se dá por sorteio público de vagas desde a década de 1980. Isso garante ao colégio a amostragem de um perfil sócio-econômico idêntico ao das demais escolas públicas da cidade, configurando-se em um campo interessante para pesquisas educacionais.

A opção por se utilizar jovens de Ensino Médio se deve ao fato de que o segmento de alunos do Ensino Médio hoje, no Brasil, é alvo de discussão e preocupação do Ministério da Educação, já que cerca de 50% dos jovens dessa idade estão fora da escola ou fora da faixa etária considerada normal para esse ensino, o que tem gerado a elaboração de diversas políticas públicas voltadas a esse segmento.

Como fora mencionado, torna-se necessário compreender o afastamento e o desinteresse da juventude pela escola, o que implica compreender a própria juventude e, conseqüentemente, criar mecanismos que possam garantir ao jovem o direito ao

acesso à cultura, à educação e à ciência. Para isso, compreendemos que o corpo é alvo dessa discussão, fazendo-se necessário detectarmos suas representações entre os jovens.

Após a expansão do Ensino Médio no Brasil, esse segmento encontra-se em um processo de grande evasão, exigindo-se discussões acerca dos problemas que afligem esses jovens, para que se possam engendrar de gerar ações que possibilitem avanços em sua vida escolar. Dentre as ações necessárias, diversos temas têm sido discutidos no processo educacional do Ensino Médio, tais como a juventude e sua condição na sociedade; o cotidiano escolar dos jovens de Ensino Médio; as formas de socialidade, comunicação e solidariedades juvenis; as suas culturas; as relações entre os saberes escolar e da vida cotidiana; as diferenças, dentre outros, destacando-se que esses temas têm sido levados para a reflexão na formação de professores promovidas pelo Ministério da Educação.

Percebe-se, na formulação de políticas públicas para a educação voltadas ao Ensino Médio, a necessidade de que a questão das juventudes seja o foco das ações, estando devidamente orientada por pesquisas.

Na busca de soluções, diversos programas têm sido implantados pelo MEC, como o Ensino Médio Inovador, o Pró-Jovem Urbano, o incentivo ao Ensino Médio regular noturno, Programas de aceleração, Trajetórias Criativas, Escola sem Fronteiras etc.

Toda essa preocupação com a juventude e a educação tem como referencial os índices estatísticos que apresentam a situação dos jovens em relação à escola. Hoje, no Brasil, segundo o MEC (2011), há 10.262.468 jovens na faixa etária entre 15 e 17 anos que deveriam estar na escola. Entretanto, sua permanência nessa instituição tornou-se um grande desafio. Temos 55% que se declaram negros, 45% brancos, 81% moram em centros urbanos; somente 2% são analfabetos, contra 10% de outras faixas etárias, o que comprova que as políticas de universalização da educação sendo efetivadas. Apesar disso, 18% desses jovens nessa faixa etária não frequentam a escola e 55% não terminaram o ensino fundamental, havendo atrasos no acesso ao Ensino Médio.

Desse modo, é necessário que a instituição escolar esteja contextualizada com as transformações da sociedade contemporânea, sendo capaz de desencadear mudanças de sentidos e de significados do espaço escolar e de promover transformações. Dentro dessa premissa, a presente pesquisa foi desenvolvida em cinco capítulos, que vêm

sustentar o arcabouço teórico desta tese, assim como suas análises e conclusões. Os três primeiros capítulos foram dedicados à revisão teórica do tema problematizando as questões da modernidade e pós-modernidade, pela questão do corpo e pelas noções postas por Michel Maffesoli, autor fundante para o desenvolvimento desta pesquisa.

Assim, o capítulo I trata de como o tema do corpo se insere nas formas de pensamento durante a modernidade, envolvendo a compreensão do renascimento, do Iluminismo, das mudanças promovidas pela revolução francesa, pela invenção da biblioteca, tendo o marco em Diderot, nos conceitos de modernidade estabelecidos por diversos autores como Weber, Cassirer, Touraine, Giddens, Harvey, dentre outros. Apresentamos, também, nesse capítulo, como a modernidade entra em crise com o fim das metanarrativas, da razão, do racionalismo cartesiano e como passamos para um tempo de transição, em que se questiona a soberania da razão, as tentativas de universalização dos pensamentos, ganhando diversas denominações como alta modernidade, pós-industrial, pós-secular, hipermodernidade, sociedades industriais avançadas, capitalismo maduro ou pós-modernidade, dentre outras. Mostramos como, nesses novos tempos, um tempo de transição sem uma denominação que de fato o defina, o termo que melhor é aceito seria de contemporaneidade, em que emergem novos modos de vida e trava-se um debate protagonizado por Lyotard e Habermas, que tem o foco na tensão entre modernidade e pós-modernidade. Nessa transição, ressaltamos diversos autores que discutem o tema como Habermas, Jamelson, Giddens, Beck, Santos, Bauman, Lipovetsky e Maffesoli.

O capítulo II aborda uma revisão sobre como o corpo tem sido concebido ao longo de sua história, corpo este que é nossa condição de existência, que foi inventado a partir de saberes médicos anatômicos, do corpo do individualismo ao corpo coletivo, do corpo na educação, do corpo diferença, abordado por autores como Sennet, Courtine, Corbin, Le Goff, Le Breton, Foucault, Merleau-Ponty, Maffesoli, dentre outros, que, por sua vez, apresentam suas sustentações, passando das questões cartesianas às abordagens contemporâneas em que o culto ao corpo se faz presente, em que nos deslocamos para um tempo dionisíaco em que o corpo se encontra em evidência.

O capítulo III dedica-se às noções postas por Michel Maffesoli, que, na contemporaneidade ou pós-modernidade, encontra-se em uma época de transição, deslizando do corpo individual que tomou a modernidade para um corpo coletivo,

passando a perceber e se consolidar nos aspectos que nos levam a estar juntos. O autor se utiliza de um instrumental para compreender a realidade atual, buscando dar conta dos movimentos e das transformações dos costumes ou das reações da atual sociedade, contrapondo-se às razões da razão racionalizante.

O capítulo IV aponta os objetivos, as questões a serem investigadas, a opção metodológica adotada, assim como a caracterização do campo de pesquisa utilizado.

O capítulo V apresenta as análises e a interpretação dos dados, finalizando com as conclusões que esta pesquisa possibilitou.

Desse modo, pretendemos, nesta tese de doutorado, desenvolver reflexões que nos auxiliem a compreender, na atualidade, a questão do corpo no espaço escolar, tendo a juventude e a emocionalidade como referências para este trabalho.

MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

1. COMPREENDENDO A CONTEMPORANEIDADE

O foco desta pesquisa é compreender como os jovens representam o presente, tendo como referência a questão do corpo. Para tanto, retraçamos as ideias da compreensão histórica de como o mundo vem sendo narrado e questionado na atualidade, para analisarmos o jovem e a escola.

O tempo vem sendo marcado por acontecimentos que transformam nossos modos de pensamento, em uma velocidade que, talvez, não tenha precedentes históricos. O fato é que, se considerarmos os últimos 500 anos, diversas transformações ocorreram no mundo e, dentre elas, o que a história chamou de modernidade e a percepção atual de uma fase de transição ou mesmo de consolidação tardia desse projeto de modernidade, que vem recebendo diversas denominações.

Diversos autores têm descrito esse fenômeno, denominado de diferentes formas pelos autores, dentre os quais Giddens (1991), que utiliza o termo alta-modernidade; Beck (1995), com a sociedade de risco; Jameson (1995), com a noção de capitalismo tardio (1995); Santos (1996), com o termo capitalismo desorganizado; Bauman (2001), com a modernidade líquida; Lipovetsky (2004), com a expressão hipermodernidade ou

a era do vazio; Lyotard (1979), com a condição pós-moderna; Habermas (1980), com a modernidade inacabada; Maffesoli (1986), com a pós-modernidade, ou mesmo em Latour (1994), para quem jamais fomos modernos, dentre outros. Um traço comum entre essas abordagens é que elas remetem a uma análise da “contemporaneidade”, que seria um termo geral aceito para qualquer discussão, como um momento em que vêm ocorrendo mudanças no quadro sociológico e antropológico da humanidade.

Entretanto, a expressão pós-moderno tem sido difundida, fundamentada na convergência de autores que empreendem uma reflexão sobre a crise da modernidade. A condição pós-moderna representaria, para alguns autores, uma fase posterior à do processo de secularização, na qual a própria experiência da secularização já estaria esgotada. Assim, o pós-moderno se apresentaria pela ausência daquelas contraposições fortes, das quais a tese da secularização tomava vigor.

Dessa forma, não nos deteremos em defender uma posição entre o moderno e o pós-moderno, o que seria pouco produtivo, mas, antes, pretendemos, nesta revisão, contextualizar o debate de modo a subsidiar as questões da pesquisa, já que consideramos que diversos autores reconhecem significativas mudanças na contemporaneidade, como a emergência de nova experiência no campo das artes, da literatura, da filosofia, da ciência e da cultura, predominantemente, na sociedade ocidental. Vamos resgatar as noções que vêm narrando as formas de pensamento do social nos últimos tempos, compreendidas como modernidade, até chegarmos aos dias atuais, chamados por alguns autores de pós-modernidade.

Giddens (1995, p. 58) observa: "não vivemos ainda em um universo social pós-moderno, mas podemos ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas". Giddens (2002) denomina esse tempo de modernidade alta ou modernidade tardia.

Para Giddens (2002, p. 201), o corpo, na modernidade, era tido como um aspecto da natureza, governado por aspectos marginalmente sujeitos à intervenção do homem, sendo um dado. Na contemporaneidade, o corpo torna-se lugar de interação, apropriação e reapropriação, estando “disponível para ser ‘trabalhado’ pelas influências da alta modernidade... sendo elemento fundamental dos debates e lutas da política-vida”. Para o autor, “o corpo não pode mais ser tomado como uma entidade fisiológica

fixa, mas está profundamente envolvido na flexibilidade da modernidade” (GIDDENS, 2002, p.200).

Para exemplificar essas mudanças, além de outras tantas questões, voltamo-nos a Foucault (2000, p. 43) que, sem falar em modernidade ou pós-modernidade, observa que Freud, em algum lugar, teria apontado o que nós chamaríamos de três acontecimentos marcantes ou feridas, que vieram a estabelecer novos modos no pensamento ocidental: a ferida imposta por Copérnico, a feita por Darwin, pela descoberta de que o homem descendia do macaco e a do próprio Freud, ao afirmar que a consciência repousava na inconsciência.

Vattimo (1996) sinaliza que o que alguns chamam de modernidade assemelha-se ao que outros denominam de pós-modernidade. Segundo o autor, mesmo Habermas se inclui no discurso de Nietzsche no que se refere ao que é visto como o ponto de alteração do discurso da modernidade e alvo desta pesquisa, que quer compreender o presente.

A existência de duas abordagens indica a ausência de consenso sobre a emergência da pós-modernidade ou apenas a reconfiguração do sentido da modernidade.

1.1 A invenção da modernidade

Diferentemente do entendimento do senso comum, que associa o moderno ao novo, ao tempo recente e atual, o termo "moderno" vem de longa data, sendo bem mais antigo do que tem sido historiado. A palavra "moderno", em sua acepção latina "*modernus*", é registrada pela primeira vez no fim do século V para distinguir uma mudança do presente, que oficialmente se tornara cristão em oposição ao passado romano e pagão. Desse modo, o uso do termo vem sempre se referindo a uma época passada para se conceber como resultado de uma transição do velho para o novo.

Assim, por algumas vezes na história, o uso do termo ressurgiu sem que fosse exclusividade de nossos tempos. Alguns autores limitam esse conceito de "modernidade" a um tempo que teria surgido a partir da Renascença. Embora os atuais historiadores classifiquem esse tempo em sucessão à Idade Média, o que leva ao modo

de pensar no sentido de ser moderno é bem mais antigo. As pessoas consideravam-se modernas durante o período de Carlos, o Grande, no século XII. Assim como na França do fim do século XVII, nos tempos da famosa *Querelle des Anciens et des Modernes*.

É importante destacar que o uso do termo "moderno" surgiu e ressurgiu sempre em épocas que se formava a consciência de uma nova época sem negar o passado, mas mantendo uma renovada relação com o "antigo", que não era menosprezado, o que manteve o fascínio pelos clássicos do mundo antigo sobre o espírito dos tempos posteriores.

Habermas (1990) situa o tempo chamado moderno a partir da crise do século XIV dado pela desintegração do sistema feudal e sua transição para o capitalismo. Para o autor, o projeto da modernidade se propunha a distinguir ciência, arte e moral em ramos específicos, sem o controle de autoridades instituídas. Se, anteriormente, a ciência e a arte deveriam servir à moral, agora isso não faria mais sentido. Houve também o rompimento da religião que deveria se distinguir do controle de poder. Esse impulso desencadeia uma série de acontecimentos no pensamento ocidental, sendo um deles o Iluminismo. Seu programa, diz Habermas concordando com Weber, visava ao desencantamento do mundo, propondo colocar o ser humano acima do medo dos mitos, bem como substituir a imaginação pelo saber.

Somente com os ideais do Iluminismo francês, a ideia de que ser "moderno" implicava voltar aos antigos mudou, ao se estabelecer a crença na ciência moderna, no progresso do conhecimento e no avanço em direção ao aperfeiçoamento social e moral. O imaginário modernista teria se formado no rastro dessa mudança, por meio da qual o romântico modernista procurou opor-se aos antigos ideais dos classicistas.

Como movimento histórico-filosófico, Peters (2000, p. 12) observa que, "filosoficamente falando, o modernismo começa com o pensamento de Francis Bacon na Inglaterra e o de René Descartes na França". Também se reconhece que o mundo moderno teve como fatores determinantes o Renascimento na Itália, a Reforma Protestante na Alemanha e a Revolução Industrial na Inglaterra. Entretanto, o marco comum a diversos autores encontra-se na revolução científica, à qual acrescentamos os nomes de Copérnico, Galileu Galilei, Isaac Newton, entre outros tantos que fizeram uma verdadeira revolução na ciência, gerando, como consequência, o reposicionamento do homem em sua cultura, sua visão do mundo, do universo e de si mesmo.

Touraine (1994, p. 17) ressalta que a modernidade não é simplesmente uma pura mudança ou sucessão de acontecimentos, sendo impossível chamar de moderna “uma sociedade que age e organiza-se por uma revelação divina ou essência nacional”. A modernidade implica a difusão dos setores da vida social nos quais se difunde a atividade racional, científica, tecnológica, administrativa, influenciando a economia, a vida familiar, a religião, a arte. A ideia de modernidade está ligada à racionalização. Esta, por sua vez, impôs a destruição dos laços sociais, dos sentimentos, dos costumes e das crenças tradicionais, sendo o agente da modernização a própria razão e a tentativa histórica de realizar seu triunfo. Essa nova filosofia rejeita a autoridade da tradição e somente confia na razão, constituindo a principal força da concepção de modernidade, em que o pensamento crítico, a confiança nas ciências serão associadas à ideia de progresso.

Essa nova era ideal não persistiu. O modernismo passou a simplesmente estabelecer uma oposição abstrata entre tradição e presente. Para Peters (2000), ainda permanecemos contemporâneos daquela espécie de modernidade surgida em meados do século XIX, na qual somente são considerados modernos os que simplesmente carregam o rótulo do "novo", até que sejam ultrapassados e tornam-se obsoletos pela próxima novidade. Tudo o que sobrevive ao tempo sempre foi considerado um clássico. Entretanto, a modernidade cria seus próprios cânones do que considera clássico. Assim, a relação entre moderno e clássico perdeu definitivamente qualquer referência histórica fixa.

Max Weber definiu a modernidade como desencantamento do mundo. Nietzsche, Heidegger, Adorno e Horkheimer e Foucault, cada um à sua maneira, classificam-na como desencantamento da modernidade.

Para Weber, o pensamento iluminista seria uma ironia. De acordo com o autor, mantinha-se o vínculo do desenvolvimento científico, da racionalidade e da liberdade universal, mas, de fato, o legado iluminista foi o triunfo da racionalidade, que afetou e infectou todos os planos da vida social e cultural. Weber caracterizava a modernidade como um processo crescente de racionalização intelectualista, ligado ao progresso científico, que leva ao desencantamento do mundo.

Segundo Nietzsche, as imagens iluministas, a razão, os direitos universais e a moralidade não avançaram. O filósofo situa a estética em um lugar acima da ciência, da racionalidade e da política.

Também Vattimo (1996) pontua que a modernidade se caracteriza por ser a "época da história" em oposição à visão naturalista e cíclica do curso do mundo, fato que pode ser entendido a partir do processo de secularização e de autonomização do pensamento nos domínios da ciência e da técnica.

Como característica, a modernidade, ao buscar romper com a lógica metafísica vigente na época, passou a adotar um racionalismo que só aceita alguma tese que tiver como base argumentos racionais, lógicos, negando aqueles sustentados por crenças religiosas ou sociais. Com conseqüente busca de princípios explicativos racionais para os fenômenos da natureza e da cultura, possui normas racionalmente fundadas para a política, para a ética e para a estética.

O modernismo aponta para um racionalismo que valoriza o espírito crítico, que examina, argumenta, questiona e prega com ardor o respeito aos direitos humanos, aos avanços da ciência, à liberdade de ideias e de expressão e ao fim do obscurantismo religioso e da ignorância dele derivada, que foi a tônica da Idade Média.

Alguns autores vêm discutir a questão da modernidade, buscando compreender a atualidade ou para situar o tempo presente. Assim, podemos citar Cassirer (1994, p. 21), para quem a modernidade parece "constituir um sonho que a humanidade elaborou para si mesma, que é o projeto da Razão como libertadora, que seria sustentado pelo discurso iluminista de emancipação pela revolução, ou pelo saber, que sustentou essa confiança na capacidade da razão".

Também Harvey (1994, p. 23), de modo sintético, resume o que caracterizaria a modernidade na atual história. Segundo o autor, a modernidade entrou em foco no século XVIII, sendo um projeto de um esforço intelectual dos pensadores iluministas "para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universal e a arte autônoma". Para ele, o uso do acúmulo de conhecimentos produzidos criativa e livremente pelas pessoas as levaria à emancipação e ao enriquecimento da vida. O domínio científico da natureza prometia liberdade em relação à escassez, às necessidades e às calamidades naturais. As formas racionais de organização social e modos racionais de organização

social e de modos racionais de pensamento libertariam o ser humano da irracionalidade dos mitos, da religião, da superstição, do uso arbitrário do poder.

Nesse sonho, utilizando o acúmulo de conhecimento, as pessoas trabalhariam livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária. A promessa da razão promoveria uma organização social segura, uma sociedade estável, democrática e igualitária. Pelo domínio científico, o homem dominaria a natureza que, por sua vez, deveria submeter-se ao poder da razão humana.

Assim, a modernidade tem sido considerada como a época do acesso do homem à maioridade, ao livre uso da razão e à consequente autonomia em relação aos entraves que o impedem de escolher e de seguir por si próprio o seu destino.

Esses questionamentos permanecem ainda controversos nos debates. São mais de três séculos de discussão sobre o triunfo da razão e da perda das tradições ocidentais. O esgotamento da modernidade se transforma em sentimento de angústia e desencantamento do mundo, conforme aponta Weber, surgindo a secularização e a separação entre o mundo dos fenômenos e o mundo do ser.

No século XVIII, dois acontecimentos sinalizam transformações no modo de pensamento, configurando-se como marcas irreversíveis das mudanças do tempo que, normalmente, são associadas à modernidade: a publicação da Enciclopédia de Diderot e d'Alembert e a Revolução Francesa (1789). A Enciclopédia consagrou uma nova modalidade de saber, não fundado na autoridade política ou religiosa, mas em uma comunidade de homens dotados de razão e, por isso, capazes de juízo crítico. Já a Revolução Francesa instituiu uma nova ordem política de homens livres, governados por uma Constituição fundada na vontade do povo.

Também a modernidade foi marcada pelo pensamento revolucionário de Descartes, que faz emergir o sujeito ao afirmar “penso, logo existo”, trazendo à tona a relação corpo-mente. O corpo seria um mecanismo regido por leis imutáveis, de modo que cada efeito seria produto de uma causa, tendo a mente uma atividade racional e concebida como substância independente.

Alguns autores apontam um tempo mais remoto que comportaria fatos ligados à modernidade como o desenvolvimento e as descobertas científicas, a autonomia das ciências dada a partir de métodos de observação e de experimentação, a aceleração dos processos de invenção técnica e, também, a invenção da imprensa por Gutenberg

(1440), os ideais críticos da Reforma e do catolicismo, a partir do Concílio de Trento (1545-1563), o incremento das viagens marítimas, que trouxeram a descoberta do Novo Mundo e do caminho da Índias. Esse novo tempo surge a partir da crise do século XIV pela desintegração do sistema feudal e sua transição para o capitalismo. Vale lembrar que movimentos políticos e econômicos, como o Estado Nacional, o Absolutismo, o Expansionismo e o Mercantilismo fazem parte dessa transição

É importante destacar que a modernidade se distingue dos conceitos de modernismo e de modernização, sendo uma modalidade da experiência marcada pela ruptura para com a tradição. Desse modo, sempre que há perda de suas normas e fundamentos, deixando de se impor com obrigatoriedade, sempre que a experiência tradicional atinge o limite, o estado de anarquia, de algo que perdeu ou esqueceu o sentido originário, a “arque”, ou a memória da sua razão de ser, busca-se o novo ou a refundação.

A modernidade retira da tradição o seu sentido e a sua razão de ser. Todavia, o novo torna-se uma forma de tradição, pois se impõe como imperativo e os novos modelos e as novas normas, mal implantadas, exigem a sua superação. Para Harvey (1994), isso provocou a indiferença na modernidade, pois, ao se buscar converter a diferença em norma, foi produzida a norma da indiferença.

Entendemos que todos esses argumentos que indicam uma mudança ou uma transição dos tempos ressurgem na atualidade com o esgotamento da modernidade.

1.2 Uma época de transição?

A nossa época caracteriza-se pelo esgotamento dos projetos, romântico e futurista, da modernidade e pela conseqüente indiferença perante os valores e as normas que os movimentos de vanguarda procuraram instaurar ao longo do seu processo de implantação.

Diversos autores afirmam que estamos em uma crise da modernidade. Assim, o vislumbamento de uma pós-modernidade não significaria o rompimento total com a

modernidade, uma vez que se vislumbram formas tradicionais que retornam, por vezes, de maneira nostálgica.

Conforme Touraine (2002), a crise da modernidade, manifestada pela ruptura com a secularização e a confiança na razão, poderia também ser uma entrada em uma modernidade mais completa. Em um primeiro momento, o autor observa que o homem se julgou deus, embriagou-se com seu poder, em um despotismo que o tornou autoritário. Em meados do século XIX, a ideia de modernidade se liga à de modernização, sucumbindo ao final do século XX, esmagada por seus próprios agentes, “e se reduziu a um vanguardismo acelerado que se transforma em pós-modernidade desorientada. (TOURAINÉ, 2002, p.386). Para o autor, estaríamos em uma modernidade mais completa.

Touraine (2009) também cita que, desde a década de 1960 e 1970, com as revoltas estudantis que se estenderam pelo mundo, com as mudanças econômicas que se livraram das consequências do pós-guerra e entraram no neoliberalismo, com o declínio do marxismo e o fim do regime comunista soviético, com os fenômenos de mundialização e as mudanças no sistema de produção, a sociedade industrial vai se distanciando, o que nos leva a entrar em um tempo de uma sociedade de comunicação ou do conhecimento.

Também para Touraine (2002), o longo período de triunfo modernista que dominou o pensamento ocidental do Iluminismo, das filosofias do progresso e do sociologismo se completa, o que faz o pensamento pós-modernista ser um sucesso. A modernidade não é posta pelo autor como uma passagem do mundo de divindades para o de uma unidade revelada pelas ciências, mas a passagem de uma correspondência entre o macro e micro cosmos, entre o universo e o homem, para uma ruptura que traz o cogito cartesiano, sendo invadida pelo individualismo burguês do século XVIII. Ela triunfa com as ciências. Segundo o autor, “os apelos para servir o progresso e a razão, ou o Estado que é seu braço armado, são menos modernos que o apelo à liberdade e à gestão responsável pela sua própria vida” (TOURAINÉ, 2002, p.219).

O fato a ser reconhecido é que, desde a modernidade, vem ocorrendo uma mudança no imaginário ou nas formas de pensamento. Com a modernidade, o homem passa a reconhecer suas limitações, afastando-se da visão que o colocava em superioridade - visão reforçada no Iluminismo - e vem se reposicionar no planeta,

dentro de sua realidade, abdicando da visão de ser supremo e esclarecido pela razão. Esse limite foi estabelecido já em Kant, no prefácio da *Crítica da Razão Pura* (1787). Nesse texto, o autor aponta que, pela revolução copernicana, o homem passa a saber que não é a Terra o centro do sistema solar, o sol não gira em torno dela e, desse modo, não é o sujeito que se orienta pelo objeto, mas é o objeto que é determinado pelo sujeito. “Sujeito” e “Objeto”, para Kant, passam a ser termos relacionais.

Essa visão faz parte do projeto iniciado com a modernidade, que se propunha, em termos de conhecimento, a distinguir ciência, arte e moral em ramos específicos, sem o controle de autoridades instituídas. Se, anteriormente, a ciência e a arte deveriam servir à moral, agora isso não faria mais sentido. Também a religião deveria divorciar-se do controle de poder. Esse impulso desencadeia uma série de acontecimentos na história das nações e do pensamento ocidental. O Iluminismo é um desses acontecimentos marcadamente moderno. Seu programa visava ao desencantamento do mundo, propondo colocar o ser humano acima do medo dos mitos, bem como substituir a imaginação pelo saber.

Assim, a modernidade construiu um ambicioso e revolucionário projeto cultural, consolidando a fé na ciência e na técnica que, aplicadas às forças produtivas sustentadas pelas relações liberais de mercado, seriam capazes de implementar um estado justo e próspero, assim como na positividade do progresso e na sua constante renovação e superação.

Diversos autores abordam a crise da modernidade, apontando que as propostas modernas que visavam, entre outros objetivos, à prosperidade social a partir do desenvolvimento da técnica, da ciência aplicada e do livre mercado não teriam se concretizado, mesmo que, por um lado, a ciência e a técnica tenham avançado.

Esses objetivos ainda devem estar em pauta, pois se criam novas formas de resistências, saindo da acomodação. Talvez a discussão passe pela seguinte questão: se a modernidade ainda é um projeto inacabado e tem condições de se cumprir enquanto tal, ou se, de fato, entramos em um novo paradigma, chamado por alguns de pós-moderno.

Assim, Vátimo (1996) considera que é a partir da noção de "superação" que a modernidade busca legitimar esse desenvolvimento, essa iluminação progressiva do pensamento, que se reapropria e ressignifica o seu próprio fundamento e origem. Para o autor, a pós-modernidade só pode ser compreendida como uma instância legítima, na

medida em que oferecer respostas originais para os três fundamentos filosóficos da modernidade: as noções de progresso, história e superação, o que pode não ocorrer ou não e cita que "a pura e simples consciência - ou pretensão - de representar uma novidade na história, uma figura nova e diferente na fenomenologia do espírito, colocaria de fato o pós-moderno na linha da modernidade" (VÁTTIMO, 1996, p.09).

Por isso, o pós-moderno deve se caracterizar não por se tratar de uma novidade, mas, sim, por trazer uma dissolução na categoria do novo e, também, como uma experiência de "fim da história", em que a ideia de um processo histórico unitário se dissolve. Nesse contexto, a história dos eventos, a história dos vencedores se torna apenas uma "estória" entre outras.

No que se refere à história, Vátimo (1996) pondera que a atualidade teria os mecanismos de coleta e troca de informações que podem permitir a realização de uma "história universal". No entanto, para o autor, a realização dessa história tornou-se impossível, pois o nivelamento da experiência no plano da simultaneidade e da contemporaneidade produziu uma des-historicização da experiência.

No que tange à questão do progresso, para Vátimo este se tornou uma rotina, de modo que, quanto mais aumentam as possibilidades de o homem dispor tecnicamente da natureza, de alcançar novos resultados, menos "novos" esses resultados se tornam, por se basearem em uma lógica esvaída, ocorrendo um processo de exaustão no qual a novidade é cada vez menos nova, menos revolucionária, permitindo apenas que as coisas prossigam da mesma forma. O fim do conhecimento, nesse processo de secularização, haveria se perdido e o progresso que este deveria trazer tornou-se uma noção vazia, tautológica, cujo único ideal final é a realização das condições para um progresso subsequente.

Vátimo (1996) ainda recorre a Nietzsche, citando que o valor do Ser foi reduzido a um valor de troca. É a consumação da "morte de Deus" e a instauração do tempo do niilismo em que a liquidação dos valores supremos não gera uma situação de "valor", tampouco cria uma experiência mais autêntica que a anterior.

Se, ao mesmo tempo, o niilismo nos confronta com as incertezas de "abandonar o Ser como fundamento", também nos convida para um salto em seu abismo. Trata-se de um convite para sair da rigidez do imaginário, do estabelecimento unívoco de novos "valores supremos", empreendendo uma jornada na mobilidade do simbólico.

Foi Lyotard (2002, p. 15), quem introduziu a noção de uma condição pós-moderna. As sociedades mais desenvolvidas, inicialmente, foram chamadas de pós-modernas por autores americanos “designando o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX”.

O autor aponta duas questões fundamentais que levam à condição pós-moderna, à alteração no estatuto do saber e à exaustão dos metarrelatos. Seria difícil compreender o conhecimento científico e filosófico como possuidores de certezas universais, capazes de representar a realidade em direção à construção da verdade, igualmente válida universalmente. Isso gera a exaustão ou fracasso dos discursos metanarrativos. Em busca de alternativas, o pós-modernismo, que ele define como uma "incredulidade em relação a meta-narrativas", estabelece os critérios a que um conhecimento revisado deve atender (LYOTARD, 2002, p.26).

Seriam três os critérios apontados por Lyotard (2002). Inicialmente, poderia ser a rejeição a qualquer discurso que tenha pretensão universalizante. A busca de universais que hegemonizem ser humano e cultura tende a se tornar um processo autoritário, impedindo que sejam reconhecidas a diversidade e as diferenças entre culturas, raças ou linguagens. No contexto em que vivemos, notamos, crescentemente, a diversidade presente na sociedade. Novos grupos ou tribos surgem a todo instante.

A crise das metanarrativas é uma suspeita da capacidade da ciência de conduzir o processo humano. As duas guerras mundiais instalaram essa crise. O que passa a ser questionado é a própria razão, alertando pensadores e cientistas sobre a possibilidade de que a razão não seja onipotente para conduzir os destinos da sociedade humana.

Lyotard (2002, p. 15) salienta que a modernidade se caracterizou na crença de que o uso da razão garantiria à sociedade um futuro melhor, conduzindo a promoção da ordem e do controle a níveis mais elevados de entendimento social, de progresso moral, de justiça. Para o pensador, o projeto se sustentou na fé na racionalidade e no progresso, passando a um estágio mais desenvolvido e “instaurava a união inédita entre razão e liberdade”.

A razão teria se consolidado com a fundação, por Descartes, do racionalismo moderno, acreditando na soberania da razão, com uma concepção racionalista-mecanicista, em que o verdadeiro método era o indutivo e a observação e o experimento

dariam confiabilidade e validade ao que se conceituava como ciências, passando a existir a crença na ciência. Também Kant funda o criticismo, por meio do qual a ciência do absoluto, ou metafísica, transforma-se e o conhecimento estaria fundamentado na experiência e na percepção dos sentidos. O conhecimento controlaria as escapadas da razão, estendendo-se o racionalismo crítico ao campo do agir que, por sua vez, orientado pelo imperativo categórico, teria o caráter universal de uma ética do dever.

Para Lyotard (2002), é uma necessidade poder avançar para além da modernidade, no que ela tem de crença na ciência ou na tecnologia e de endeuamento da racionalidade. Ou, de outra forma, as duas principais características da modernidade seriam a crença na tecnologia e na razão, que também faz os indivíduos seguirem conforme a marcha do rebanho.

Essas duas questões, que seriam formas de opressão ao indivíduo, estão colocadas de tal forma que discordar de qualquer uma é afrontar o progresso, como se progresso fosse apenas o acúmulo de riquezas e modismos superficiais que o uso exclusivo da razão pode proporcionar. Dentre os questionamentos da razão, sustentada no domínio da natureza pelo homem, haveria fragilidades ou talvez uma arrogância que se converte em ingenuidade por parte do homem moderno ao abordar a questão do conhecimento.

Gallo (2006) recorre a Nietzsche em a “Gaia ciência”, em que este expõe alguns argumentos que desconstruem o olhar no qual a razão se impôs na modernidade. Nietzsche (2004) provoca os homens de conhecimento para expor três equívocos básicos que ocorreram no desenvolvimento da ciência moderna. O primeiro “era por meio da ciência que se esperava compreender a bondade e sabedoria de Deus”, no qual ironiza o inglês Newton que diz conhecer a mente de Deus. O segundo equívoco estaria na crença de que o conhecimento teria utilidade em sua ligação com a moral, a ciência e a felicidade, o que pode ser ilustrado por Gallo (2006, p. 59), para quem “conhecer mais significa ser melhor e mais feliz”. O terceiro equívoco estaria na crença na bondade dos homens, na inocência de ver a ciência como algo inofensivo. Nesse sentido, Gallo acredita que todo saber somente teria bons efeitos, não se transformando em dominação, exploração ou morte.

O questionamento da razão, sem dúvida, é uma marca da contemporaneidade, de uma mudança de tempo, das formas de pensamento. Os metarrelatos não seriam

possíveis, se os questionamentos levantados por Nietzsche acima tivessem sido considerados.

Lyotard (2002, p. 3) retoma a discussão sobre o conhecimento, abordando que, quanto ao estatuto do saber, "nossa hipótese de trabalho é a de que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna". Isso levaria à sua segunda hipótese de que, nessa "sociedade pós-industrial" e nessa "cultura pós-moderna", os metarrelatos (discursos filosóficos pretensamente universais) já não dão conta do real, uma vez que,

Na sociedade e na cultura contemporânea, sociedade pós-industrial, cultura pós-moderna, a questão da legitimação do saber coloca-se em outros termos. O grande relato perdeu sua credibilidade, seja qual for o modo de unificação que lhe é conferido: relato especulativo, relato da emancipação (LYOTARD, 2002, p. 69).

Nesse sentido, a crítica pós-moderna parece apontar que tendemos para a desconstrução do conhecimento objetivista-subjetivista da modernidade em direção a um conhecimento científico e humano que procure valorizar aspectos da cultura e processos intelectuais de pesquisa.

Na contemporaneidade, diferentemente das crenças modernas dos séculos passados, a razão não é soberana. Sabe-se hoje e questiona-se não sobre a capacidade do homem de produzir conhecimentos e tecnologias, mas de como os utilizará para o bem ou para o mal. Daí o exemplo das discussões postas sobre o desenvolvimento das pesquisas na área da genética.

Também Nietzsche (2002), em *Genealogia da moral*, cita que o sujeito do conhecimento, isento de vontade, alheio à dor e ao tempo, teria de mudar seu olhar. Assim, o autor lança outros modos de pensar, de olhar, fazendo apelo a um conhecimento perspectivo. Quanto mais afetos, mais olhos, mais completo será nosso conceito. Reconhece também que não devemos supor que temos a capacidade de eliminar a vontade ou suspender os afetos.

Podemos afirmar que é sob o olhar perspectivo que nasce outra possibilidade de compreender o mundo contemporâneo.

1.3 O debate entre a modernidade e a pós-modernidade

Pensadores contemporâneos concordam sobre a visão de modernidade e seu projeto no que se refere às críticas a ele. Entretanto, a compreensão das questões atuais tem sido das mais diversas e através delas encontramos uma discussão sobre a questão da modernidade e da pós-modernidade.

De modo geral, o que podemos apontar como características dessa mudança que marca o tempo atual estaria no desencanto e na desconfiança em relação à razão, a não preocupação com a realidade total, a refutação da verdade absoluta, os dogmas que surgiram na modernidade, a críticas aos grandes relatos ou ideologias que sustentaram a modernidade.

Na ponta desse debate, encontramos Lyotard e Habermas, com foco na interpretação da sociedade, da arte e da cultura. Como foi dito, ambos concordam com a crise da modernidade, contudo, propõem soluções bem distintas.

Segundo Lyotard (1988, p. 16), o que caracteriza a modernidade é um “estado de incredulidade em relação aos meta-relatos”, que foram criados para legitimar as ciências, as artes e as normas que se apresentam como a dialética do espírito, a emancipação do sujeito racional, na emancipação do trabalhador, no desenvolvimento da riqueza, na incredulidade em uma racionalidade universal que ofereça um fundamento à realidade.

Lyotard (1986) observa que a pós-modernidade poderia fazer fomentar o nascimento de um movimento similar ao Romantismo de Rousseau que, em oposição ao racionalismo de seu tempo, pretendia a valorização do lado emocional, sentimental, espiritual do homem. Para o autor, a revalorização do sentimento e da arte traria aquilo que o ser humano teria de melhor: a sua liberdade traduzida em criatividade.

Habermas (1990) defende, ao contrário de Lyotard, que o Modernismo não é um projeto pronto, mas a ser ainda acabado, pois, só com a progressiva valorização da razão crítica (ou do raciocínio capaz de julgar, questionar, argumentar, exigir comprovação etc.), é que o homem obterá sua efetiva alforria ou libertação das antigas ideologias funestas e da dominação político-econômica.

Lyotard, em termos gerais, defende o fim das "meta-narrativas", conforme citado acima.

Habermas (1980), citando que o projeto de modernidade entrou em foco no século XVIII, observa que os iluministas se esforçaram para o desenvolvimento da ciência objetiva, a moralidade, as leis universais e a arte autônoma nos termos da sua própria lógica. O autor descreve como sendo o projeto da modernidade:

O projeto da modernidade formulado no século XVIII pelos filósofos do Iluminismo consistiu em esforços que visavam a desenvolver tanto a ciência objetiva, a moralidade universal e a lei, quanto a arte autônoma, conforme sua lógica interna. Este projeto pretendia ao mesmo tempo liberar o potencial cognitivo de cada um desses domínios no intuito de livrá-los de suas formas esotéricas. Os filósofos iluministas almejavam valer-se deste acúmulo de cultura especializada para enriquecer a vida cotidiana, ou seja, para organizar racionalmente o cotidiano da vida social (HABERMAS, 1980, p. 88).

Para Habermas (1980), houve uma exagerada expectativa de que as artes e as ciências promoveriam o controle das forças naturais, da compreensão de mundo, do eu, do progresso moral, a justiça e da felicidade humana. Entretanto, no séc. XX, os campos de concentração, duas guerras mundiais, Hiroshima e Nagasaki fizeram desabar esses otimismo.

Mesmo com as suspeitas de Horkheimer e Adorno, na dialética do esclarecimento, de que o projeto iluminista estava fadado a voltar-se contra si mesmo e que a busca da emancipação humana se transformaria em um sistema de opressão em nome da libertação humana, Habermas continuou no apoio ao projeto. Apontando ser precipitado falar em pós-modernidade, estaria ele convencido de que é possível que se busque uma comunicação consensual, fruto da práxis comunicativa.

Habermas voltou-se para o trabalho da teoria da "ação comunicativa", considerada por Freitag (1993) como integrante de uma Teoria da Modernidade, sustentada pelo conceito de razão comunicativa e um conceito de sociedade que ingressasse o sistema num mundo vivido. Compõe essa teoria a ideia de um esquema ético baseado nos princípios da razão, da justiça e da democracia, que não corra o risco de alienar ou silenciar vozes minoritárias dentro das formas falsas ou opressivas de consenso.

Scaldeferro (2009) aponta que Habermas desenvolveu seu pensamento sobre a

modernidade recorrendo a investigações sobre Hegel, que utiliza, em suas análises, três eventos determinantes: a Reforma Protestante, a Revolução Francesa e o Iluminismo. O autor cita que é a partir desses três eventos que Habermas pensa a modernidade do ponto de vista filosófico, sendo importante destacar que Hegel põe como princípio dos novos tempos a subjetividade, que se desdobra em quatro noções que regem seus trabalhos, sendo eles:

- a) individualismo: no mundo moderno surge a ideia do indivíduo, que se entende dotado de uma singularidade única e que pode fazer valer suas pretensões; de onde faz emergir o individualismo pela ideia de indivíduo, que se entende dotado de uma singularidade única e que pode fazer valer suas pretensões;
- b) o direito de crítica: no mundo moderno aquilo que se busca ser aceito universalmente tem que ser reconhecido como legítimo por cada um, sendo assim, se encontra aberto à crítica;
- c) autonomia da ação: no mundo moderno advém a ideia do homem como aquele que pode dar leis a si mesmo;
- d) filosofia idealista: no mundo moderno a filosofia coloca como objeto do conhecimento o próprio Eu que conhece (SCALDAFERRO, 2009, p.40).

O Iluminismo instala um processo de diferenciação em que ciência, moral e arte se distinguem no âmbito da cultura, mantendo-se cada um independente do outro. É o que Habermas define como modernidade cultural. O teórico distingue os processos de modernização, que enfatizam os processos de racionalização nos sistemas políticos e econômicos da modernidade cultural, os quais remetem à “autonomização no interior do mundo vivido das esferas de valor moral, da ciência e da arte” (FREITAG, 1993, p. 25).

É necessário compreender essa noção, pois Hegel a compreende como uma “época de cisões” e, com isso, busca promover uma reconciliação das cisões da modernidade, ou seja, a razão e todo o sistema de relações vitais.

Scaldaferro (2009) salienta que a razão, posta em pauta na modernidade, foi concebida por Hegel em três dimensões: primeiramente, foi concebida como autoconhecimento do Espírito Absoluto (Hegel), em segundo, como razão agente da revolução (hegelianos de esquerda) e, em terceiro, como razão rememorativa das tradições (hegelianos de direita). Essas três concepções de razão falharam na tentativa de se apresentarem “como equivalente do poder unificador da religião e superar as

cisões da modernidade a partir das forças motrizes da própria modernidade” (HABERMAS, 2000, p.124).

Surgem, desse modo, a esquerda e a direita hegeliana. Habermas (2000, p. 80) pontua que a esquerda está “voltada para a prática e atenta à revolução, quer mobilizar o potencial de razão historicamente acumulado”, configurando-se como uma razão revolucionária, cujo foco é a consciência do trabalhador que produz sua realidade histórica e deve promover a revolução através de uma razão emancipadora. Para ele, essa reconciliação foi insuficiente, uma vez que a razão, nesse caso, é proveniente do próprio trabalho, que tem uma racionalidade instrumental. Habermas propõe que a reconciliação deva ser maior que a relação sujeito-objeto, exigindo uma relação na qual um sujeito se põe diante de outro, reconhecendo-o como sujeito, requerendo uma intersubjetividade.

Já a direita hegeliana não recorre a uma razão que promoverá a revolução, mas, antes, uma razão que rememore a tradição. Para Habermas, essa corrente reduz o alcance da razão, na medida em que essa não mais pode projetar o futuro, se não for uma reafirmação das tradições do passado.

Habermas ainda cita Nietzsche, que questionou a razão, renunciando-se a fazer uma revisão de seu conceito. Como fundamento, Nietzsche (2007, p. 133) aponta que toda cultura perderia sua força natural e criadora sem o mito, que seria o outro da razão, em que “só um horizonte cercado de mitos encerra em unidade todo um movimento cultural”.

Habermas aponta dois aspectos em que Nietzsche contrapõe à razão. O primeiro seria que o esclarecimento histórico apenas reforça as cisões sentidas com as conquistas da modernidade e em segundo que a razão, apresentada na forma de uma religião cultural, não desenvolve mais nenhuma força sintetizadora, capaz de renovar o poder unificador da religião tradicional. Para o autor, a experiência estética de uma nova mitologia renovada pela arte permitiria o acesso ao dionisíaco. Somente em uma arte que dá acesso ao dionisíaco é que estaria a “salvação” da modernidade.

Scaldeferro (2009, p. 42) destaca que:

o pensamento nietzschiano pretende mostrar que o conhecimento teórico e a ação moral não permitem a reconciliação de uma modernidade cindida à medida que são frutos da razão, e foi da própria razão que nasceram as cisões da modernidade.

Habermas (2000) concorda que Nietzsche seria um ponto de inflexão no discurso filosófico da modernidade, inaugurando uma mudança de curso que permitiu o surgimento dos discursos pós-modernos. Entretanto, Nietzsche nunca se intitulou pós-moderno ou mesmo anunciou a entrada na pós-modernidade.

Assim, para Habermas (2000), a cultura se libera dos punhos de aço de uma razão universal, as ciências não mais concebem modelos fixos de como se deve proceder, combinando tradições e a revalorização de tradições que a ciência expurgou para fora do campo do conhecimento, tal como a astrologia, a alquimia, o xamanismo, etc. Também para o autor, a moral, compreendida como uma busca de fundamentação de normas de comportamento universal seria renunciada pelo homem pós-moderno, de modo que o certo e o errado são definidos por valores compartilhados internamente.

Assim, para Habermas (2000, p. 8), *“o pensamento pós-moderno se arroga meramente uma posição transcendental, quando, de fato, permanece preso aos pressupostos da autocompreensão da modernidade”*. Haveria na pós-modernidade mais um “estado de consciência” do que um “estado da cultura”. Para o autor, um “culto” a um pluralismo sem critério das ideias gera um relativismo exacerbado, uma sensação de “tanto faz”.

Dentro das posições e abordagens lançados por Habermas e Lyotard, Vattimo (1996), procedendo a uma análise nos modos de pensar de Lyotard e Habermas, esclarece que, para Lyotard, esse agir comunicativo, que visa superar a distância entre o conhecimento e sua experiência, parece ser a busca da construção de uma

ponte por cima do abismo que separa o discurso do conhecimento, o da ética e o da política, e que abra, assim, passagem para a unidade da experiência. A questão é saber em que tipo de unidade pensa Habermas, "será a constituição de uma unidade sociocultural no seio da qual todos os elementos da vida cotidiana e pensamento venham a ocupar o seu lugar, como num todo orgânico?" (VATTIMO, 1996, p. 15).

Lyotard ainda lançaria a pergunta se seria possível abrir passagem entre jogos de linguagem heterogêneos como os do conhecimento, da ética, da política. Com a publicação de Lyotard, em 1979, do livro “A condição pós-moderna”, Habermas (1990, p. 11) assevera que o “polêmico e multifacetado tema da modernidade” o teria acompanhado pelo interesse público despertado com a publicação.

Ao compreender a “modernidade como um projeto inacabado”, Habermas (1992, p. 121) concebe a pós-modernidade como um “antimodernismo”, um meio de expressão

das posições dos jovens conservadores, ou pós-estruturalistas franceses que vai de "George Bataille a Derrida, passando por Foucault", que se apropriam da experiência da modernidade estética, almejando uma "subjetividade descentrada, liberta de todas as restrições da cognição e da atividade voltada para fins, de todos os imperativos do trabalho e da utilidade" (HABERMAS, 1992, p. 122), afastando-se do mundo moderno.

Lyotard (1993) propõe uma alternativa teórica que abranja a posição do saber nas sociedades informatizadas, sua legitimação buscando na reinterpretação dos jogos de linguagem de Wittgenstein o aparato metodológico que sustentaria sua posição. Os jogos de linguagem podem compreender as diversas categorias de enunciados, incluindo uma analogia ao jogo de xadrez, cujas regras determinariam a propriedade de cada peça e o modo de seu deslocamento no tabuleiro. Nos efeitos dos discursos, os enunciados fariam parte de um jogo com regras determinadas que "não possuiriam legitimação nelas mesmas, mas constituem um contrato explícito ou não entre os jogadores", em que "na ausência de regras não existe jogo" e de que "todo enunciado deve ser considerado como um lance feito num jogo" (LYOTARD, 1993, p.17).

Para Lyotard (1993, p. 17), essa perspectiva do jogo proviria de um ato de linguagem e um método que pressupõe que "falar é combater, no sentido de jogar" não somente com a finalidade de ganhar, mas também para realizar um lance pelo simples prazer de inventá-lo, não perdendo de vista "o sentimento de sucesso" sobre um adversário: "o da língua estabelecida, o da conotação".

Com isso, Lyotard passa a explicitar a crise dos relatos que atingem o saber científico e narrativo na sociedade e que viriam gerando uma condição de incredulidade nas metanarrativas. Constatada essa condição (pós-moderna), Lyotard (2000) investiga de onde se poderia encontrar a legitimidade do saber, já que o critério atual do saber científico e de sua pragmática seria tecnológico, impossibilitando que ele julgasse o verdadeiro e o justo.

Para Habermas (1980), o critério de legitimidade do saber poderia ser restabelecido por meio da discussão e do consenso, que Lyotard coloca como conflituoso pelo modo como vem sendo narrado pela pragmática do saber narrativo e científico.

Assim, a pós-modernidade, para Lyotard (2000), não seria o que vem depois da modernidade, mas o que vem antes e a acompanha. O autor lembra Adorno, no texto

Educação após Auschwitz², citando o quanto a história ocidental recente parece inconsistente ao projeto moderno de emancipação da humanidade.

Para Vattimo (1996), Lyotard parece ter uma visão um tanto quanto negativa da modernidade, apontando que deveria haver uma nova orientação, sem necessariamente ser uma nova perspectiva, mas que houvesse a elaboração de um signo que contradissesse esse projeto, devendo ser reescrita do zero, com suas pretensões de ruptura com o passado e de inauguração de uma nova era, em uma cronologia que ordenasse o passado e o futuro a partir do presente.

Lyotard (1997, p. 42) parece reconsiderar e reelaborar a tese da pós-modernidade. Nessa perspectiva, a reescrita depende tanto de uma problemática do sublime e, hoje ainda mais e mais obviamente, do que do belo. Isso abre a grande porta para a questão das relações entre estética e ética. Nesses termos, a reescrita da modernidade não estaria relacionada com a pós-modernidade e, muito menos, com a sua conversão no mercado das ideologias. O autor abre mão do termo pós-moderno, justificando que, embora já tivesse se utilizado desse termo em outra ocasião, a pós-modernidade foi, segundo ele, uma "forma provocatória" para "deslocar o debate do conhecimento", que não implicava a postulação de uma nova era e sim em uma "reescrita de traços reivindicados pela modernidade", que estariam nela inscritos há muito tempo (LYOTARD, 1997, p.43).

Entretanto, Lyotard vê, na atualidade, dificuldades com essa reescrita, uma vez que, com a introdução das novas tecnologias na produção, na difusão, na distribuição e no consumo dos bens culturais e com a transformação das formas de comunicação em bits, já não se trataria de "formas livres das aqui e agora à sensibilidade e à imaginação" (LYOTARD, 1997, p. 43). O autor propõe uma reescrita da modernidade que resista à escrita dessa suposta pós-modernidade.

Giddens (1991) também faz uma discussão entre a modernidade e a pós-modernidade. Para o autor, já temos consciência de que a observação sensorial constitui categorias teóricas, que o pensamento filosófico afastou-se do empirismo e que, desde Nietzsche, percebemos a circularidade da razão e os problemas oriundos do binômio

² Obra escrita por Theodor W. Adorno em 1971 que tem sua 3ª. edição no Brasil em 2003, pela Editora Paz e Terra.

conhecimento e poder. Com isso, ao invés de irmos além da modernidade, poderíamos desenvolver uma melhor compreensão da reflexividade da própria modernidade.

Vattimo (1996) lembra que, passados 10 anos, ao se colocar essas questões e respondê-las desse modo, Lyotard parece retomar o diagnóstico do presente, aproveitando o que ainda seria atual nos escritos de “A condição pós-moderna”, para criar uma outra denominação ao que entendia por pós-modernidade, passando a utilizar a denominação de “reescrita da modernidade”.

1.4 Outras interpretações do momento presente

Pretendemos mostrar que nos encontramos em uma época de mudanças ou de transição, buscando observar como diversos autores veem essa época e como pretendem explicar o momento presente.

Frederic Jamelson considera os anos 1960 como o início da pós-modernidade, compreendendo-a como lógica cultural do capitalismo tardio. Chevitarese (2001) observa que Jamelson pontua uma data, entretanto, não poderia deixar de considerar que existe uma crise cultural, a partir do pós-guerra e a crise de conceitos como “verdade, razão, legitimidade, universalidade, sujeito, progresso, dentre outros, também acompanhada do efeito da desilusão dos sonhos da modernidade, presentes em três esferas axiológicas: a estética, a ética e a ciência.

Jamelson (2002) não trataria da pós-modernidade, mas, sim, do terceiro estágio do capitalismo, denominado de capitalismo tardio, ou outras denominações como capitalismo multinacional, sociedade do espetáculo ou da imagem, capitalismo da mídia, sistema mundial, que vem permitir que a sociedade pós-moderna se consolide como “sociedade de consumo”. Para o autor, também estaríamos em uma época de perda da historicidade e de falta de profundidade que se manifestaria no sujeito que, nesse período, ganhou características diferentes do modernismo incorporando novos elementos à sua subjetividade. Essas características como o individualismo, a identidade pessoal e a singularidade foram substituídas por uma identidade múltipla, que se dá pela identificação com um todo, tornando-se o sujeito fragmentado e superficial, perdendo

sua historicidade. Isso gerou o que Jamelson denominou de a “morte do sujeito”, ou seja, a perda do sentimento do eu singular que reinava na era moderna.

Para Bauman (2001), o tempo atual seria um tempo da passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida, quando estaria ocorrendo a liquefação das crenças, dos valores, dos sólidos conceitos do passado que sustentavam a sociedade, para uma liquidez, no sentido de sua fluidez. No entanto, embora isso facilite a adaptabilidade a situações adversas, dificulta a sedimentação de valores e, desse modo, passa a ser qualidade na sociedade.

Esse estágio da modernidade, como observado por Bauman, tem como característica marcante a liquefação dos laços e vínculos que firmavam as relações sociais, resultando em um individualismo. As relações amorosas, profissionais e todas as outras formas de relações estariam pautadas pelo medo do estabelecimento de vínculos. A liquidez seria a grande virtude a ser exaltada hoje, e questões como liberdade e independência seriam objetivos pessoais que, de certo modo, contrapõem-se à noção de compromisso. Os vínculos seriam substituídos por conexões que podem ser feitas ou desfeitas a qualquer momento. Embora sejam amplas as relações do sujeito da modernidade líquida, são sem compromisso, o que faz com que a quantidade de relacionamentos seja mais importante que sua qualidade.

Bauman (2001) considera a existência de um panorama insustentável de violência, terrorismo e individualismo que evidencia a falência do projeto moderno-sólido de “ordem e progresso” para a instauração global e local de não-lugares ou de “terras-de-ninguém” que padecem de total ausência de normas sociais. Estaríamos em uma era da exacerbação individualista, em que todos e cada um seguem suas próprias convicções, fazendo de seus semelhantes coisas e demonstrando que a humanidade vive um processo de reificação ou de retorno à barbárie, a partir da desumanização dos indivíduos potencialmente humanos.

Para o autor, nestes tempos atuais, houve um esgarçamento do tecido social com consequências para o âmbito dos relacionamentos humanos, o que vem chamar de liquefação. Segundo o autor, a solidez das instituições sociais, (do estado de bem-estar, da família, das relações de trabalho, entre outras) perde espaço para o fenômeno de liquefação. A modernidade teria sido sólida e essa concretude, firme e inabalável, derrete-se irreversivelmente, tornando os relacionamentos humanos fluidos, maleáveis,

flexíveis, com capacidade de se moldar a infinitas estruturas. Na modernidade líquida, não há compromisso com a ideia de permanência e durabilidade.

Isso vem trazendo como consequência um tempo de transformações sociais aceleradas, apresentando dissoluções dos laços afetivos e sociais. A modernidade líquida, ou sua liquefação, explicita um tempo de desapego e provisoriedade, uma suposta sensação de liberdade que, por outro lado, traz em seu avesso o desamparo social em que se encontram os indivíduos moderno-líquidos.

Na abordagem feita por Bauman, na modernidade líquida, o indivíduo se desprenderia de sua rede de pertencimento social, que inclui a própria família, voltando-se paralelamente ao processo de individualização como característica central da constituição das novas subjetividades. Nestes tempos, a cultura do Eu sobrepõe-se à do Nós, os relacionamentos se tornam mercantis, frágeis, podendo ser desfeitos frequentemente. Teriam sido privatizados não somente os “serviços” de cunho social, mas também as próprias parcerias humanas. A suposta liberdade da modernidade líquida apontada por Bauman, em que relacionamentos voláteis e fluidos remetem a uma sensação de leveza e descompromisso, criam novas patologias, como a depressão, solidão, desamparo, isolamento, desterritorialização. Os laços sociais, para Bauman, levam a um crescente processo de tribalização social.

A suposta liberdade preconizada pela modernidade líquida torna clara a percepção de que ser ou sentir-se livre para ir, vir e desapegar-se é status proporcional ao poder de consumo individual. Ter é ser, e ser é estar. Nesse panorama, as identidades estão à disposição do consumidor. Ser é para aqueles que podem consumir. Há um vácuo entre a liberdade e a incerteza, a emancipação e o total desamparo social e individual.

Entretanto, para Bauman (2005), a compreensão da atualidade não se encerra apenas nessas questões. Estaríamos em um tempo de instantaneidade, velocidade de informações, liquidez que envolve, também, outros aspectos, como, por exemplo, a fluidez dos sentimentos (BAUMAN, 2003) que se reflete nas relações e, conseqüentemente, na formação das identidades. O eu pós-moderno não é único, mas fragmentado e adaptável ao mundo incerto que o envolve. A ausência de uma referência estável na realidade, constantemente em movimento, inviabiliza a formação de uma identidade sólida. Nesse sentido, Bauman (1998) toma a incerteza como o princípio da

pós-modernidade, afirmando não ser mais possível a construção da identidade do modo como se constrói uma casa. Segundo o autor, sua construção se daria como um agrupamento de “novos começos”, tão facilmente agrupados quanto demolidos. Ele não propõe, com essa metáfora, que a identidade do sujeito desapareça, mas apenas que não seja rígida, que não se fixe ao corpo por muito tempo. Essa frágil relação que o indivíduo estabelece com o tempo faz com que a experiência e o desejo de viver o presente sejam intensos, uma vez que não há substratos para constituir um projeto futuro.

Segundo Bauman (2005), a incapacidade de constituir uma identidade fixa é produto do sentimento de insegurança presente na esfera pós-moderna. Assim, a procura desenfreada pela “identificação”, por um “nós” que acolha os diversos “eus” torna-se uma constante. Também o autor acrescenta a suas ideias que, na contemporaneidade, haveria uma falta de profundidade de significados, uma superficialidade que foi descrita por Jameson (2002) para quem a arte pós-moderna é uma representação do esvaziamento do sujeito, vez que ela é efêmera, destituída de afetividade, não representando nada além de uma estética.

O autor (1998) afirma também que a identidade, na pós-modernidade, é marcada pela fragmentação, derivada dessa multiplicidade de referências e, sobretudo, pela ruptura na linearidade temporal na qual a experiência do presente se exacerba.

Para ele, a perspectiva pós-moderna “significa sobretudo o rasgamento da máscara social das ilusões; o reconhecimento de certas pretensões como falsas e de certos objetivos como inatingíveis, e nem, por isto mesmo, desejáveis” (BAUMAN, 1997, p 08). Restaria verificarmos se o tempo da pós-modernidade passará para a história como renascimento ou crepúsculo da moralidade.

Gallo (2006) faz uma discussão entre as ideias de Lipovetsky e Habermas sobre a questão da pós-modernidade. Segundo ele, estaríamos de fato em uma época de transformações e que talvez fosse mesmo necessário dar um nome ao que vinha ocorrendo. Desse modo, o termo pós-moderno teria um mérito: salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas. Contudo, passou a ser considerado um termo vago e mesmo em desuso.

Lipovetsky (2004) aponta que o rótulo pós-moderno já estaria obsoleto, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que anuncia, encontrando-se sua capacidade já esgotada. O autor manifesta que a expressão pós-modernidade nunca teve condições de expressar um campo. Assim, para além desse termo, propõe as expressões hipermoderno, hipermodernidade. Em suas palavras:

O pós de pós-moderno ainda dirigia o olhar para um passado que se decretara morto, fazia pensar numa extinção sem determinar o que nos tornávamos, como se tratasse de preservar uma liberdade nova, conquistada no rastro da dissolução dos enquadramentos sociais, políticos e ideológicos. Donde seu sucesso. Essa época terminou” (LIPOVETSKY, 2004, p.52).

De acordo com Lipovetsky (2005), a primeira revolução moderna desencadeou o que seria o paradigma individualista, destacando o reino da moda, as metamorfoses da ética, a nova economia dos sexos, a explosão do luxo e as mutações da sociedade de consumo. Para o autor, haveria uma revolução moderna, que também chama de hipermoderna, em que se assiste ao reinvestimento afetivo em certo número de sentimentos e valores tradicionais: o gosto pela sociabilidade, o voluntariado, a indignação moral, a valorização do amor. Também em outra obra, o autor destaca algumas características desse tempo, apontando-o como “a era do vazio”. Isso é feito, entretanto, sem o pessimismo de outros autores que colocam esses tempos como o pior dos tempos. Esse vazio seria a era pós-moralista, do fim da era do sacrifício e da condenação do prazer, da derrocada de uma moral que deseja ser rigorosa, surgindo uma época polissêmica de elaboração de éticas. Estaríamos mais lúcidos, mais livres, menos dependentes, menos submissos, menos engessados no poder que colocava com verdades transcendentais ou universais em nome de verdades. O autor saúda o crepúsculo do dever e o efêmero que proporciona uma atmosfera cultural em que tudo se move, tudo muda, tudo é fluxo. O vazio representa um novo conteúdo, é um tempo de comunicação como forma de contato, de expressão de desejos, um tempo no qual tudo pode ser questionado, um tempo em que a manipulação cede lugar à sedução, a imposição se transforma em conquista, um tempo em que não nos submetemos mais a um valor, mas aderimos a ele. Nada é mais óbvio, somos agora mais frívolos. É também uma época de valorização dos desejos, de liberação dos prazeres e de produção do corpo.

Entretanto, Lipovetsky (2004, p. 53) destaca que, longe de se decretar o óbito da modernidade, assiste-se a seu remate pelo “liberalismo globalizado, pela mercantilização quase generalizada dos modos de vida, pela exploração da razão instrumental até a morte desta, numa individualização galopante”.

Gallo (2006) explica que Lipovetsky – outrora um dos defensores da força explicativa do pós-moderno - revê suas teses, encontrando, de certa forma, a posição defendida por Jürgen Habermas, em “O discurso filosófico da modernidade”, de que esse é um projeto inacabado e que, não tendo sido completado, ainda não pode ser superado.

O autor acima adverte que as saídas propostas por Lipovetsky ou por Habermas não resolvem o problema. Entretanto, a noção de hipermodernidade acrescenta uma perspectiva importante que seria a da elasticidade do projeto moderno, fazendo analogia à ideia de Deleuze e Guattari em “O anti-Édipo” (1976), no qual, mostrando que o capitalismo é capaz de se metamorfosear, perguntam se não seria apressado demais denominarmos de pós-modernidade, já que o tempo presente não poderia ser nada mais do que as metamorfoses do projeto moderno, assumindo novas feições, na medida em que suas realizações não nos satisfazem.

Segundo Lipovetsky (2004, p. 21), desejar o controle absoluto sobre a vida transforma o homem em um ser angustiado e temeroso, buscando incessantemente sua autonomia, o que reflete um custo elevado na constituição de sua subjetividade, pois há o aumento da “ansiedade, da depressão e de perturbações psicopatológicas comportamentais diversas”.

Na atualidade, Lipovetsky (2007) adverte que houve um abandono do universo disciplinar, o que não significa que desapareceu todo o poder sobre os indivíduos, que estamos em um mundo ideal, sem conflito e sem dominação. Os mecanismos de controle teriam se transformado, apresentando-se de forma menos reguladoras, privilegiando a comunicação em vez da imposição. Seria um tempo pós-disciplinar, em que os indivíduos têm a opção de assumir responsabilidades ou não, de se autocontrolarem ou se deixarem levar.

Dessa forma, o autor justifica que não seria a pós-modernidade, mas sim a hipermodernidade que melhor definiria os tempos atuais. Este seria um tempo em que a

análise do social se explica melhor pela sedução que por noções como a de alienação ou de disciplina.

Haveria, para Lipovetsky (2007), vários sinais que fazem pensar que estamos na era do hiper, da hipermodernidade, que seria uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade, era do hiperconsumo, do hipernarcisismo, uma era em que os indivíduos são mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos. Nesse tempo, a fé foi substituída pela paixão, a intransigência do discurso sistemático pela frivolidade do sentido, o extremismo pela descontração.

Seria um movimento coletivo em que a sociedade se desprende de normas culturais rígidas do passado para dar à luz uma sociedade mais flexível, mais diversa, mais individualista, com um espírito menos firme e mais receptivo à crítica, menos estável e mais tolerante, menos seguro de si e mais aberto à diferença, à evidência, à argumentação do outro.

Para o autor, não haveria nada mais falso do que a crença de que o consumo reine sem restrições e que o indivíduo possa ser reduzido ao papel de consumidor, produzindo uma homogeneização social. Também para Lipovetsky, nesta atual sociedade, estaríamos em uma fase pós-moralista, mas não imoral, o que também não implica a perda de valores éticos. Não viveríamos mais sob uma ética do dever sacrificial, mas em uma lógica em que deve ser considerada uma moral indolor, opcional, que funciona mais pela emoção que pela obrigação sanção e que está adaptada aos novos valores de autonomia individualista.

De acordo com Lipovetsky (2005), haveria três condições éticas que possibilitam sustentar o individualismo contemporâneo. Primeiro, o fato de que o desaparecimento de uma moral incondicional não teve como consequência a difusão de comportamentos egoístas no conjunto social. Em segundo lugar, o relativismo de valores não contribuiu para o niilismo moral porque perdura um núcleo duro de valores democráticos. E, em terceiro, o fato de que a perda dos referenciais tradicionais não teria resultado no caos social.

Haveria também algo espantoso na sociedade contemporânea que liga o emocional ao individualismo. A sociedade de consumo comporta um espírito de

responsabilidade, coabitando com um espírito de irresponsabilidade incapaz de resistir tanto às solicitações exteriores quanto aos impulsos interiores. Isso traz o fato de que a responsabilidade se amplia, ganhando cada vez mais importância. A contemporaneidade é uma época sem precedentes históricos, em que se exerce uma autonomia e uma liberdade individual jamais experimentada anteriormente. Todavia, o autor lembra que é necessário assumirmos responsabilidades coletivas e individuais, pois, em último recurso, cabe a nós assumirmos a autonomia que a modernidade nos legou.

Na hipermodernidade estariam sendo delineadas duas tendências contraditórias. De um lado, os indivíduos, mais do que nunca, cuidam do corpo, são fanáticos por higiene e saúde, obedecem às determinações médicas e sanitárias e, por outro, proliferam as patologias individuais, o consumo anômico, a anarquia comportamental. A era hipermoderna produz, em um só movimento, a ordem e a desordem, a independência e a dependência subjetiva, a moderação e a imoderação. Não haveria outra escolha ou alternativa a não ser evoluir, acelerar, para não ser ultrapassado pela evolução.

Para Lypovetsky, a modernidade da qual estamos saindo era negadora, enquanto que a hipermodernidade é integradora, não deseja a destruição do passado, mas, sim, sua reintegração, sua reformulação no quadro das lógicas modernas do mercado, do consumo e da modernidade.

O autor define que, no tempo histórico, tivemos, em um primeiro momento da modernidade, a passagem do capitalismo de produção para uma economia de consumo e de comunicação de massa e, em um segundo momento, a substituição de uma sociedade-disciplinar por uma sociedade-moda, reestruturada pelo efêmero, pela renovação e pela sedução permanente. Nasce toda uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, que estimula a urgência dos prazeres, enaltece o florescimento pessoal, colocado no pedestal o paraíso do bem-estar, do conforto e do lazer.

A própria insegurança do futuro faria não renunciar a nada e viver o presente. Assim, consumimos sem esperar, viajamos, divertimo-nos, morrem as utopias coletivas, mas intensificam-se as atitudes pragmáticas de previsão e prevenção técnico-científicas.

O presente não é absoluto e, ao mesmo tempo que a cultura liberacionista está fora de moda, manifestam-se numerosas formas de valorização do duradouro. Coabitam duas tendências, uma que acelera os ritmos e tende à desencarnação dos prazeres e outra que, ao contrário, leva à estatização dos gozos, à felicidade dos sentidos, à busca da qualidade no agora.

A cultura hipermoderna se caracteriza pelo enfraquecimento do poder regulador das instituições coletivas e pela autonomização correlativa dos atores sociais em face das imposições de grupo, seja da família, da religião, dos partidos políticos, das culturas de classe, mostrando uma volatilidade do indivíduo que significa muito mais a desestabilização do eu do que sua afirmação como senhor de si mesmo. Se, por um lado, o individualismo faz reduzir a força das obrigações morais, por outro, contribui para dar-lhes nova prioridade.

Touraine (2002) aponta uma etapa na qual não confiamos mais no progresso, não acreditamos que o enriquecimento traga felicidade e democratização. A razão sucumbiu por si mesma, tememos os desequilíbrios naturais e o aumento das desigualdades. Nesse sentido, lança-se a pergunta: “não está a humanidade em vias de romper sua aliança com a natureza, de tornar-se selvagem no momento em que ela se acredita liberada das exigências tradicionais e senhora de seu destino? (TOURAINÉ, 2002, p. 391). Dentre as diversas possibilidades, o autor reflete que, para evitar a explosão da sociedade moderna, a única opção seria reconhecer que a modernidade não se baseava inteiramente na racionalização, que ela se definiria pela separação e complementaridade entre razão e sujeito, entre racionalização e subjetivação. A modernidade produz o sujeito, que não é nem o indivíduo nem o si-mesmo, “mas o trabalho pelo qual um indivíduo se transforma em ator, isto é, em agente capaz de transformar sua situação em vez de reproduzi-la por seus comportamentos” (TOURAINÉ, 2002, p.393).

Touraine salienta que razão e sujeito podem se unir pela união do movimento social, ou seja, pela ação coletiva dirigida contra o poder que submete a razão aos seus interesses, constituindo um debate em aberto.

1.5 Maffesoli e o fim de um tempo: modernidade ou pós-modernidade

As reflexões de Maffesoli sobre a sociedade moderna e pós-moderna diferem de alguns autores, pois, mesmo criticando a razão abstrata, não abdica do uso de outras razões, como a razão interna ou sensível.

Para Maffesoli (1999, p. 228), a passagem da modernidade para a pós-modernidade é um questionamento de questões que, até então, eram evidências, dentre elas, o fato de que não nos satisfazemos mais com uma história soberana e linear, de que “o projeto político não exerce o mesmo fascínio, a natureza não é um objeto inerte, o indivíduo não é mais o sentido como a razão última de toda uma vida em sociedade”.

O pós-moderno não seria nem a superação da modernidade, nem oposição a ela, mas sim sua derivação e sua dissolução. Para Maffesoli (1999), a sociedade pós-moderna seria uma sociedade pós-secular na qual a ênfase no “trend” secularizante, deixado de lado, permite perceber numerosos fenômenos de dessecularização.

Maffesoli pensa a contemporaneidade distanciando-se das análises políticas econômicas, que não deram conta de todas as explicações como se pretendeu na lógica da modernidade, em que chegaríamos a uma sociedade perfeita. Nessa lógica, seríamos sujeitos individuais, associados a outros sujeitos contratualmente.

Haveria várias questões que apontariam o que está em jogo na pós-modernidade. Barros (2008) sintetiza algumas dessas questões em Maffesoli, como: a “infra-estrutura social” utilizada por Freud; a invenção do indivíduo filosófico por Descartes (“penso, logo existo”); os apontamentos de Weber, que mostrou o indivíduo religioso que traria o desenvolvimento do capitalismo e a economia da salvação agostiniana que seria a base da sociedade moderna; a invenção do sujeito político na filosofia das luzes e da Revolução Francesa; a invenção do sujeito jurídico no século XIX pelo código napoleônico; a invenção do indivíduo que é o pivô que constrói o contrato e Foucault, que mostra como se inventa a instituição social.

Também em sua obra “Elogio da Razão sensível”, Maffesoli indica que começamos a viver uma mutação radical na compreensão da sociedade contemporânea. Depois de um período que vigorou uma ideologia progressista, ressurgem valores arcaicos, uma espécie de *doxa*, que exprime a vida cotidiana.

Para Maffesoli (2005), na Idade Média, predominou o estilo ideológico, na modernidade, o econômico e, na pós-modernidade, pode-se apontar o lugar do coletivo em uma nova ordem que se esboça. É a partir dessa ordem que se deve buscar, conforme Nietzsche, a profundidade na superfície das coisas.

Para isso, é necessário olhar novamente para as coisas buscando uma nova identificação com as várias culturas e tribos, apreendendo e apreciando cada coisa a partir da nossa coerência interna e não a partir de um julgamento exterior que dita o que ela deve ser.

Em “No fundo das aparências”, sem querer oferecer uma definição precisa à pós-modernidade, o autor ressalta que seria um tempo em que se pode ver a conjunção do arcaico e do contemporâneo. A conjunção do arcaico-desenvolvimento tecnológico está produzindo um novo modo do estar juntos original, havendo a complementaridade de afetividade e tecnologia.

Nesse sentido, a pós-modernidade inauguraria uma forma de solidariedade social que não se reduz ao “contratual”, mas que é elaborada por um processo complexo feito de atrações e repulsões, de emoções e de paixões, que contém uma forte carga estética.

Hoje também impera a convivência de valores contrários, cada um defendendo seus valores, sem a necessidade de que o outro tenha de adotá-lo. Estamos na lógica do já é, do cotidiano que substitui o dever-ser. A atualidade é antifuturista e prevalece o presenteísmo, vive-se o momento. O autor utiliza o termo “organicidade”, para apontar o que mantém juntos elementos contrários, ou mesmo opostos, que seria a mistura orgânica desses elementos.

Boaventura Santos (2001) também aponta que estamos em uma cultura de transição paradigmática com uma mudança societal modulada pelo “princípio da comunidade” e sentido “estético-expressivo”, remetendo para um entendimento estético e hermenêutico da vida social.

Maffesoli assevera que o sentido dado à estética é o de tudo que faz estar juntos, do vivido em comum. Para Santos, a vida em comum na modernidade foi fundamentada no paradigma da racionalidade técnico-científica ou pela predominância da racionalidade cognitivo-instrumental. Assim, o autor propõe um novo paradigma que chama de “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”(SANTOS,

1987, p.46), que deve observar a dimensão societal e epistemológica da cultura, que seriam as vias de construção da realidade social.

Santos (1987) se aproxima de Maffesoli, ao abordar a dimensão estético-expressiva, que está fundamentada no princípio de comunidade. Os autores têm interesse na questão do senso comum, em uma outra epistemologia. Para eles, nesse tempo, estaria se construindo um novo senso comum, no qual as ideias de solidariedade (dimensão ética), de participação (dimensão política) e de prazer (dimensão estética) estariam presentes.

Para Santos (1987), um conhecimento-emancipação poderia se converter em senso comum, ao estar presente nas relações sociais. Ele defende a solidariedade como uma forma de conhecimento necessária à prática política.

Também Lash (1997) é um dos autores que convergem com as fundamentações observadas por Maffesoli. O autor aponta a “alta modernidade” que teria analogicamente os mesmos princípios que levaram Maffesoli a classificar o tempo atual como pós-modernidade, como um princípio da comunidade, em uma realidade ético-estética, exaltando o nós em detrimento do eu. O autor constrói uma “teoria da reflexibilidade hermenêutica”, em que os signos, a informação e a comunicação, as práticas e obrigações cotidianas, o viver comum são valorizados, criando sentidos e significações culturais, como se estivessem inscritos nos corpos e que, “ao fazer parte de uma comunidade de gosto, que assume a facticidade da comunidade, envolve significações, práticas e obrigações compartilhadas” (LASH, 1997, p.194). A proposta do autor é de uma reflexão hermenêutica acerca da vida social, já que estaríamos em uma mutação ontológica do fenômeno de comunidade na modernidade tardia.

Outras noções surgiram com a saturação dessas lógicas em que o homem comum passa a reconhecer seus limites, não se prendendo mais em um saber trágico. Maffesoli ressalta que os valores instituídos que foram consolidados na modernidade tornaram-se incômodos.

Os movimentos de “lutas”, as resistências à opressão não se dão mais através da contestação, o que no Brasil seria muito característico. Acreditamos que quase todos já tenham ouvido diversas conversas em que se falou sobre uma passividade ou conformismo do brasileiro no que se refere ao político e social, sobre exigências de uma sociedade melhor que deveriam estar postas, mas que o povo não faz movimentos de

contestação ou protestos massivamente, diferentemente do que acontece em relação ao futebol, por exemplo.

Entretanto, sob o olhar de Maffesoli, não seria propriamente essa afirmação que o fato revela. O que ocorreria seria uma recusa em participar, no caso da política, como modo de contornar o que causa desconforto. Como a promessa de união em uma sociedade idealizada não se consolidou, as pessoas se juntam pelo presenteísmo, em que a conversa fiada, as questões afetivas, o trabalho, a família, a sorte no horóscopo, a banalidade do cotidiano são fatores de reunião.

Dessa forma, para Maffesoli (1987, 2006), essas reuniões, essa conjunção se consolidam pela formação das tribos pós-modernas, nas quais se pode contemplar um processo de desindividualização, formando as tribos afetuais, as comunidades emocionais da pós-modernidade que vêm se contrapor aos grupos sociais, contratuais, da modernidade.

Para o autor, a sociedade moderna seria asséptica, exageradamente racionalizada, preocupada em banir o risco e, com sua saturação, o bárbaro retorna, não sendo uma coisa má, o que nos livra de morrer de tédio, como falou Le Play, já que não se morreria mais de fome.

As tribos urbanas suscitam a urgência de uma socialidade empática, em que as emoções e afetos possam ser partilhados. Estaríamos escorregando, passando da “Pólis” para a “Thiase”, de uma ordem “política” para uma ordem “fusional”, que marca a saturação da lógica da identidade. O tribalismo carregaria o sentimento de pertença a um lugar, a um grupo como fundamento essencial de toda a vida social.

Maffesoli (2007, p. 100) diz que estaríamos em um tempo da “revanche de Dionísio”, no qual a vida social carrega a ambiência erótica. Entra em cena, retomando a expressão de Ortega y Gasset, o “imperativo atmosférico” em que a ambiência estética apresenta a dimensão transindividual, coletiva e cósmica, sucedendo o imperativo categórico kantiano da moral, ativo e racional.

Na contemporaneidade, as razões e afetos locais ganham lugar e o que Maffesoli chama, em “O instante eterno”, de “pensamento dos sentidos”, passa a assumir os sentidos, as paixões e as emoções comuns.

Para Maffesoli, estamos marcando o fim de uma época, que foi organizada a partir do primado do indivíduo e temos o retorno da comunidade, nas grifes do

tribalismo: destino comunitário, comunidades de destino, retorno da barbárie que são ocasiões de regeneração do corpo social. Para Maffesoli (1998), na atualidade, o bárbaro não se encontra mais em nossas portas, estando ele, antes, em cada um de nós e nada serviria para julgá-lo ou negá-lo.

No trabalho denominado “Elogio a razão sensível”, Maffesoli remete à razão, em um questionamento à modernidade. A tese do autor é a de que as razões da razão racionalizante, vigente durante estes dois mil e quinhentos anos no pensamento ocidental, teria esgotado a sua capacidade de compreensão do mundo atual. Daí ele sugerir uma nova proposta teórica que, por oposição às razões da razão racionalizante, instituir-se-ia sobre as intuições e as reluzências da razão sensível.

A razão sensível procura compatibilizar pares até então dicotômicos: objetivo-subjetivo, intelecto-intuição, razão-emoção etc. e sua eficácia epistemológica residiria na maneira de abordar o real em sua complexidade fluida, levantando a topografia do imprevisível e do incerto, seguindo as linhas de fusão e efervescência do social e apreendendo o rumor abafado das redistribuições da vida coletiva.

Para o autor, não poderíamos afirmar que seria a pós-modernidade, mas faltando, ainda hoje, um termo que melhor definisse esse tempo, passa a assim chamá-lo. Interessa-nos, neste caso, não a discussão do uso ou não do termo pós-moderno, que, sabemos, é controverso, mas o modo pelo qual o autor busca compreender o tempo presente. Em relação ao termo, voltaremos a discuti-lo mais adiante.

Observa-se não haver um consenso sobre a narrativa social da atualidade que a denomine e caracterize por uma única expressão. Se houve consenso sobre as denominações anteriores como a Idade Média, o Iluminismo e a própria modernidade, ainda não se pode definir para onde irá essa transição, por isso as controvérsias sobre o tempo presente. Entretanto, destaca-se que existem características comuns nas observações de diversos autores que apontam para um tempo de transição e, fôssemos caracterizar o presente, somente podemos nos utilizar da expressão contemporaneidade.

Concordamos que há um paradigma emergente e, para compreendê-lo, seria necessário fazer o resgate do tempo social intitulado como modernidade e que avança até a atualidade. No imaginário moderno, emergiu a crença de que o homem dominaria a natureza, emergindo o mito do progresso, da racionalidade técnica com o

desenvolvimento científico e tecnológico, aflorando o individualismo e levando à transformação nos modos de organização social e política.

Percebe-se, na contemporaneidade, que houve avanços, contudo, as promessas modernas parecem não ter sido cumpridas. Vivenciando o rompimento com a secularização, o questionamento do triunfo razão, colocamos o corpo em risco, o que leva a se pensar no esgotamento da modernidade, ou em termos weberianos, no desencantamento do mundo.

Também há indícios de que também o individualismo vem se esgotando e que transpomos para um período de coletividade, saindo de um período de racionalidade para um tempo no qual a emocionalidade vigora. Encontramo-nos em um tempo que se encerra, um tempo em que o corpo individual abre espaço ao corpo coletivo. O espírito do tempo é outro, uma nova ordem se esboça. Para Maffesoli, a ideologia progressista cede lugar a valores arcaicos, ao conhecimento da vida cotidiana e passamos de um corpo individual a um corpo coletivo. A pós-modernidade inaugura um tempo de solidariedade social não reduzida ao contratual, em que a emoção, as atrações, as paixões emergem e compõem uma ordem estética em que o estar juntos, o vivido em comum passa a vigorar e as pessoas passam a se juntar pelo presenteísmo em que qualquer banalidade pode se constituir como um fator que leva à reunião. Ressurge, nesse tempo de emocionalidade, o mito dionisíaco no qual o corpo ressurgem.

Em sequência ao tema, no próximo capítulo, abordaremos sobre as concepções modernas do corpo e como ele vem sendo discutido na contemporaneidade.

COMPREENDENDO O CORPO

2. O CORPO

Ao longo desta tese, trataremos da compreensão dos corpos humanos para que a escola possa melhor situá-lo nos discursos e práticas pedagógicas. Concordando com Schüller (2001, p. 106), "há um saber corpo... O corpo sabe o mundo, convive com ele. Sabe as coisas ao tocá-las. Conhece e reconhece. Os corpos comunicam-se, interpenetram-se" ou, remetendo-nos a Merleau-Ponty (1975, p. 438), que nos aponta que somos "esse animal de percepções e de movimentos que se chama corpo".

Temos o corpo da linguagem, o corpo que sentimos, o corpo que se transforma através de outras linguagens humanas. Por muito tempo, a escola tem colocado o corpo à margem em seus projetos, tratando do seu conhecimento sustentado pela dimensão da racionalidade técnica. É necessário a escola reinventá-lo, a fim de buscar a dimensão da percepção no tratamento dado ao conhecimento de forma sistematizada.

Assim, temos "o corpo". O que compreendemos ao ouvirmos o termo? A constatação que temos é a de que, sem ele, o homem não existiria, ou seja, conforme afirma Le Breton (2011, p. 18), a condição humana é corporal, sendo que nada é mais misterioso para o homem de que seu próprio corpo, por mais óbvio que ele pareça. O autor pontua também que "o corpo é uma construção simbólica" e que, desse modo, criam-se representações, saberes que constituem um estado social, uma visão de mundo,

bem como uma definição de pessoa, sendo o corpo “recinto do sujeito”. Ao mesmo tempo, o corpo está dissociado do sujeito na modernidade, existindo somente quando construído culturalmente pelo homem.

Conforme Le Breton (2011, p. 395), se o corpo fosse realmente uma máquina, ele não estaria submetido ao envelhecimento, à precariedade e à morte. O autor lembra que “não se compara a máquina ao corpo, compara-se o corpo a máquina”. Não obstante, ele é orgânico.

Os saberes sobre o corpo nascem do saber médico, com os anatomistas e com os fisiologistas, o que o torna objeto da ciência, através da qual foi dissecado, manuseado, tendo sua massa medida, bem como seu volume, sua densidade, uma ciência que também analisa seu movimento (CORBIN, 2008).

Entretanto, Le Goff e Truong (2010) nos lembram de que o corpo foi ignorado por historiadores durante muito tempo, tendo sido considerado parte da natureza e não da cultura, princípio que somente foi quebrado, no decorrer do século XX, por autores como Norbert Elias, Marc Bloch, Lucien Lebre e Michel Foucault.

Assim, sustentado pelas recentes compreensões sobre o corpo, Corbin (2008, p. 09) observa que, na atualidade, podemos afirmar que “o corpo é uma ficção”. Temos hoje um corpo diferente do corpo do prazer, da dor, do lugar das sensações, da experiência, da carne, da espiritualidade, do corpo social, coletivo, sujeito, individual, corpo explorado, corpo negado, que passa também a ser alvo de estudos, de outras formas de saber.

Para Courtine (2008), o século XX é que teria inventado teoricamente o corpo, com a psicanálise, que valoriza a expressão do corpo por meio do inconsciente. O autor lembra que, para Husserl, o corpo é berço de toda significação; com Merleau-Ponty, o corpo é encarnação de toda consciência e, finalmente, com Marcel Mauss que, por meio da observação das técnicas corporais, elaborou a reflexão histórica e antropológica sobre o corpo que se estende até hoje.

Sennet (1997, p. 15) nos aponta como, a partir do entendimento da experiência corporal do povo, as marcas da história se inscrevem nas próprias posturas corporais dos membros da comunidade.

Dessa forma, discutir e pesquisar a questão do corpo e educação faz-se necessário. Mudanças culturais ocorreram ao longo da modernidade até a atualidade.

Coincidindo com o processo de escolarização em massa e com o advento das ciências, do progresso, uma nova ordem foi estabelecida para a formação.

Oliveira e Vaz (2004) ressaltam que, nesse período, surge a redefinição do papel conferido ao corpo ou à corporeidade dos alunos no novo modelo escolar que se instaurava. Dentre o que foi instaurado, Soares (2001) salienta que a escola delimitou espaços, estabeleceu o que cada um pode ou não fazer, impôs marcas, que influem e interferem na relação dos sujeitos com a instituição escolar, como utensílios, móveis e sua própria arquitetura que projetou espaços específicos que expressam a ideia de educação do corpo e de um projeto político de ordem.

Assim, compreender em que lugar se encontra o corpo na atualidade é uma discussão relevante.

2.1 Concebendo o corpo

A presença corporal identifica o homem como um ser social, que interage e se comunica pela linguagem, constituindo todo um simbolismo que o faz representar e/ou significar. É por meio do corpo que a relação com o mundo é constituída, os sentimentos são expressos, constroem-se os rituais, gestos, produzem-se aparências, seduz-se, sente-se dor etc., sendo ele o definidor da própria existência.

Nesse sentido, é necessário salientarmos de que corpo estamos falando. Inicialmente, concorda-se com Najmanovich (2001, p. 09), para quem “o corpo emerge de nossa experiência social e histórica e está atravessado por múltiplos imaginários”.

Platão, em ‘Fédon’, deu ao corpo o significado de prisão da alma. Lock, no “Ensaio Acerca do Entendimento Humano”, deu-lhe o sentido de uma tábua rasa. Descartes o dualiza em corpo e mente, Husserl, Heidegger, Espinosa, Merleau-Ponty e contemporâneos como Michel Serres, Morin, Atlan e Damásio fazem referências sólidas para a reinvenção dos corpos humanos.

Segundo Cardim (2009), podemos afirmar ter havido, no ocidente, uma ruptura entre a filosofia e a ciência. Entre os pré-socráticos não existia a separação entre corpo e alma, tendo sido esta fundada por Platão. Na filosofia dos pré-socráticos, água, terra, fogo e ar poderiam ser separados e reunidos sem que houvesse oposição ou distinção entre os elementos, assim como o corpo e alma que “compunham um todo indivisível,

vivo e visível!” (CARDIM, 2009, p.22). Embora Platão apontasse que corpo e alma fossem contrários um ao outro, fazia-o de modo diferenciado da forma como ocorreria mais tarde, já na modernidade. Na filosofia platônica, a alma é imaterial e imortal, movendo-se a si mesma de seu próprio interior, sendo seu próprio princípio de movimento, preexistindo ao corpo, enquanto que o corpo é movido pela alma, sendo sua prisão. A alma é dotada de capacidade de pensar, é associada ao divino e é imortal, enquanto que o corpo é mortal e desprovido de inteligência. Cardim ainda destaca que, nessa oposição do pensamento platônico, alma se relaciona com o pensamento verdadeiro, a imortalidade, o destino, a educação, o desejo, com a relação com o divino em que os deuses influenciam os homens. Pelo corpo a alma dá expressão ao que quer se manifestar.

Aristóteles coloca a alma estreitamente ligada ao corpo, sendo entendida como forma do corpo. O homem pertence à natureza e deve contemplar as realidades transcendente e eterna. Cardim (2009, p. 26) lembra que, para Aristóteles, “o fim do que é (ser), e do agir humano não esta no mundo ideal, mas na matéria animada pelo dinamismo da forma que lhe é própria e constitui seu núcleo inteligível”. Para Aristóteles, a alma é um princípio vital, é o ato do corpo organizado. Sendo ela da natureza, caberia ser estudada. Entretanto, Aristóteles pontua que o homem não é puramente natural, já que tem paixões, desejos. É um animal capaz de existência política, que somente se realiza na vida comum. Desde então, com a perspectiva aristotélica, ficou um marco de que a finalidade humana é que a vida ética e política devem ser guiadas pela razão.

Voltando-se para a sociologia e antropologia, Marcel Mauss (1974), na década de 1930, publicou, sobre o corpo, diversos trabalhos cujas ideias são, até hoje, utilizadas como referência. Para o autor, o corpo carrega consigo os valores da sociedade na qual estiver inserido, sendo superfície de inscrição dessa cultura. Ele observa diferentes culturas e mostra como as "técnicas corporais", os modos de caminhar, dormir, escavar, nadar, parir, sentar, comer, variam de uma cultura para outra. As técnicas corporais também são compreendidas pelo autor como as maneiras pelas quais os homens se servem de seus corpos na vida social, fazendo parte das representações coletivas. Mauss apresenta seu silogismo com a frase que perdura até hoje de que “o corpo é o mais natural instrumento técnico de que dispomos”.

Nessa perspectiva, as técnicas seriam tratadas como um "fato social total", ou seja, como um fenômeno que engloba diferentes dimensões da experiência social e individual, descrito pelo conceito de *habitus*, que seria produto da "razão prática" coletiva e individual, variando social e historicamente.

Le Breton (2006) também destaca o corpo como fenômeno social e cultural, simbólico, objeto de representações e imaginários. Do corpo nascem e se propagam significações que fundamentam a existência individual e coletiva, sendo ele o eixo da relação com o mundo.

Campbell (2001, p. 29) aponta haver diversas possibilidades e formas possíveis de se conceber o corpo, "incorporando signos, símbolos, prazeres e necessidades, cativando e sendo cativados". Assim, para o autor, a contemporaneidade transforma as realidades e os desejos dos indivíduos, e, por conseguinte, a mídia, a relação da economia e a globalização fazem com que nos remetamos a uma reflexão mais ampla de como desejamos nossa vida nessa sociedade constantemente em transformação. Para o autor, o conhecimento se expressa na história do próprio processo corporal, que é o ingrediente essencial para o eu subjetivo, como determina Campbell (2001). A experiência de corporificação é que dá a percepção de estarmos vivos. É histórica e cultural. Pensando assim, como distanciar o "corpo cultural" da educação?

Na contemporaneidade, com o avanço do conhecimento, novas possibilidades passam a ser incorporadas sobre o corpo, de modo que as limitações naturais se tornam passíveis de superação. Os conhecimentos oriundos da ciência e tecnologia avançam e passam a ter autoridade para falar do que é ou não seguro para nós humanos (GUZZO, 2005, p.45). Isso torna curiosa a forma como utilizamos esses conhecimentos, visto que muitas vezes nos colocamos em situações de risco, utilizando o conhecimento e a tecnologia disponíveis para promovermos mudanças corporais.

Criamos artefatos como próteses biônicas controladas pelo cérebro, implantes de chips, plásticas, células-tronco e outras tecnologias que vêm apontar o surgimento de um novo corpo, um corpo híbrido, talvez monstros, talvez os "cyborgs", que mesclam o orgânico com o artificial. Esses artefatos e mesmo os bioquímicos (produtos estéticos, drogas como medicamentos) tanto podem oferecer melhoria da qualidade de vida e ou seu prolongamento, como também se transformam em objetos de consumo e desejos em nome de uma aparência. Entretanto, também se tornam elementos que alteram a

percepção humana, as relações entre as pessoas passando a constituir subjetividades, já que são “incorporados” ao seu ser e tornam-se mesmo parte do corpo, levando a mudanças em nossas relações, conforme cita Guimarães (2010, p. 23).

Segundo Gristelli (2009), em 1747, foi publicado por La Mettrie “O homem máquina”, publicação considerada escandalosa para a época. Segundo a autora, La Mettrie discutiu se o homem, como animal, poderia ser insensível e sem alma, questionando se a razão teria se desvanecido nos “homens de corpo”. A ideia principal do livro que tornou o autor famoso é a de que o homem poderia existir sem ter sentimentos (no caso compreendido como consciência) e assim não seria necessário crer que a alma “pensa para sempre”. Tal concepção retomava a ideia de Descartes no que diz respeito à hipótese de o homem ter duas substâncias, o corpo e a alma. Entretanto, La Mettrie considerava a tentativa de explicação de Descartes que concebia os animais como insensíveis e explicava o ser vivo pelas leis da física-matemática. La Mettrie afirma que o seu ideal de homem não seria um robô, mas o homem sensível e natural, negando qualquer outra possibilidade do homem além da matéria e, reduzindo, desse modo, a alma ao corpo.

O uso da tecnologia atende a várias atividades com diferentes interesses. Durand (1998) aborda a questão sobre o próprio progresso das ciências que permitiu um efeito “perverso admirável”, divulgando de forma gigantesca as técnicas de imagem. Assim, podemos considerar que a mídia frequentemente se apropria do conhecimento, utilizando-o para seu fim. Por sua vez, a escola, em seus discursos, vem historicamente tratando como válidos e verdadeiros os conhecimentos científicos, minimizando a problematização e a reflexão sobre sua utilização.

O conhecimento científico deveria contribuir para a conservação da vida e, conseqüentemente, estaria associado à preservação do corpo. No entanto, como nem sempre isso ocorre, o corpo anseia, almeja, deseja, buscando uma satisfação irrestrita que põe em risco a autoconservação. O conhecimento, utilizado em detrimento da preservação, necessita ser melhor compreendido. Assim, o conhecimento exigiria um aparato ético/moral que indicaria ou determinaria como ele poderia ser utilizado. Nesse aparato, estariam concebidas representações.

Em se tratando de escola, desde a década de 1970, perspectivas críticas têm sido discutidas e implantadas em projetos pedagógicos. Cabe destacar que o pensamento

crítico é introduzido na modernidade por Kant que o põe em discussão por meio da razão, o que nos influencia até hoje. Posteriormente, no século XX, surgem as teorias críticas, estendidas aos meios acadêmicos e pedagógicos, sustentados pela produção teórica da Escola de Frankfurt que são discutidas até hoje.

Razão e modernidade estão intimamente relacionadas em Kant, que define a razão como a faculdade que propicia o conhecimento. Ao fazer a crítica da razão, o autor mostra as limitações do aparato do conhecimento. Na razão prática, seríamos cidadãos de dois mundos, através dos quais teríamos a faculdade de conhecer e de agir, formulando as leis sociais que nos regem. A razão teórica desvendaria e descreveria suas leis. No mundo da natureza, valem os julgamentos científicos e, no mundo social, que é definido pela vontade humana, valeriam os julgamentos morais. Assim nos remeteríamos à questão da autonomia do sujeito, no qual ele tem a liberdade de fazer suas vontades. O sujeito teria a capacidade de autodeterminação, de legislar sobre sua vontade no mundo social? O mundo moral é o da razão?

Diante do exposto acima, a escola vive uma situação de certa forma paradoxal: enquanto propõe, através do conhecimento científico e sistematizado, educar, emancipar, oferecer autonomia, conscientizar o sujeito, por outro lado, a mídia, na atualidade, coloca o corpo em evidência, apresentando comportamentos que, não raramente, são contestados pela escola. O sujeito, no caso, o estudante, passa a conviver em ambos os ambientes que acabam tendo como alvo de suas ações o próprio corpo.

Existe, assim, um conflito no contexto escolar, que nos faz refletir sobre o modo como a escola utiliza esses conhecimentos organizados e sistematizados em um currículo, construído historicamente, que tem como referência as disciplinas científicas, por um lado, e, por outro, a mídia que, atuando sobre o imaginário do sujeito, tenta seduzi-lo pelo desejo. Haveria na atualidade o pensamento kantiano sobre a consciência moral, que aponta para a forma pela qual optamos ao utilizar o conhecimento?

Em relação ao corpo, como essa autonomia estaria sendo constituída em jovens escolares na atualidade, frente às fontes de informação oriundas do conhecimento científico e da força que a mídia exerce no cotidiano das pessoas?

Nesse sentido, percebe-se que a contemporaneidade traz aspectos diferenciados dos argumentos kantianos que podem ser conflitantes no ambiente escolar. As pedagogias, ao se proporem “conduzir” (conforme sua origem grega), parece que tratam

o corpo na perspectiva kantiana, de modo que o desejo somente se transforme em ação, quando este também se torne uma lei moral.

Entretanto, os conhecimentos científicos não são suficientes para que a pessoa supere os desejos, deslizando da razão e da moral. Assim, coloca-se o próprio corpo em risco, submetendo-se a mudanças corporais, por meio de dietas, ginástica, de utilização de cirurgias plásticas, da busca de um corpo ideal que leva à anorexia ou a questões como a sexualidade e outras.

A submissão ao risco pode ser produzida por frustrações corporais que levam o jovem a abdicar de informações científicas, passando a se importar mais em como o corpo parece para o outro do que para si mesmo. Para Costa (2004), tratamos o corpo com a moral do espetáculo.

Goldenberg e Ramos (2002) acreditam que as regras às quais o corpo está submetido atualmente são fundamentalmente estéticas, estando relacionadas ao belo, ao julgamento do gosto.

Outras questões, como a razão e o desejo, são discutidas por vários autores. Verardi (2009) salienta que a filosofia moderna e a obra freudiana revelam mudanças na noção de desejo, face à conservação da vida. A razão, noção que imperou por séculos, passa à função de instrumento de realização dos desejos. Os desejos de autoconservação, de recusa da autodestruição, de segurança da vida, guiados pela razão, passam a se constituir como tarefas pedagógicas do estado, que deverá instruir os demais desejos, principalmente os adquiridos ao longo da experiência de vida, colocando em risco, se não pedagogizados, o projeto de autoconservação.

Na busca de uma autoconservação, tratamos, na contemporaneidade, o corpo entre extremos, seja no indicado como correto, que acaba produzindo receitas restritivas, ou entre comportamentos que levam a riscos. Também podemos associar essa autoconservação à formação de grupos identitários, cujas dinâmicas de sua produção e de seus corpos necessitam compreender. Assim, Verardi (2009, p.39) ressalta que, até chegar a Freud,

a pluralidade dos desejos, que não tem hierarquias, e não apresenta subordinações ou valorizações entre eles, fez com que o corpo pudesse ser pensado como um espaço singular desejante, passando a ser palco do conflito, da diversidade de paixões, da individuação.

Caberia ao estado a educação dos desejos, colocando limites, atenuando sua intensidade, submetendo-o a regras, domesticando-o, cabendo a nós compreender o papel da escola junto às manifestações corporais.

Bruno (2004) chama a atenção para o fato de que, na atualidade, a perspectiva moderna de caráter disciplinar e coercitivo atuando sobre o corpo não é mais apresentada pela mídia televisiva que apresenta imagens que produzem ou fazem com que os desejos se manifestem, ou seja, sua atuação é de fazer com que o próprio indivíduo passe a desejar a ideia veiculada, não havendo necessidade de coerção. Os “reality shows” apresentam, de forma sedutora, o desejo pelo olhar do alheio, que, além de se tornar um comportamento aceitável, tornou-se desejável, expondo a intimidade. Para a autora, “o olhar do outro deixa de ser dado pelo coletivo, pela sociedade, e passa a ser demandado, conquistado pelo próprio indivíduo” (BRUNO, 2004, p.14).

Na contemporaneidade, a questão do corpo se evidencia e o papel que a mídia exerce nos sujeitos, ao constituir representações, pode ser destacado. O efetivo alcance que as formas de comunicação têm em nosso cotidiano não deve ser desconsiderado, principalmente por entendermos que a atualidade se volta para toda uma produção social do corpo.

O corpo é o foco dessa atualidade. Silva (2001) destaca que, mesmo ocorrendo o discurso de um modelo corporal ideal, não se pode afirmar que existe “um corpo”, mas uma multiplicidade de corpos. Entretanto, para o autor, os saberes científicos são utilizados para padronizar os corpos, havendo apenas um corpo. Excluem-se as características do sujeito, da cultura e de sua história, o que torna o modelo de corpo proposto pela ciência “um corpo inexistente, porque ninguém corresponde às estatísticas vigentes” (SILVA, 2001, p.90).

Outro aspecto a destacar em relação ao corpo são as colocações feitas por Foucault (2004), que retoma os gregos antigos, especificamente Platão, que apresenta o conhecimento de si como uma prática necessária e denomina o “cuidado de si” como uma forma de “conhecimento de si”, compreendido pelos gregos como gesto necessário de cuidar de si para cuidar da *polis*, para governar. Destaca-se o fato que o cuidado de si somente ganha sentido no coletivo, utilizado como condição política. O papel que o conhecimento teve na Grécia Antiga, em que a relação entre conhecimento e cuidar de si implicava conhecer o universo para se situar, para cuidar da alma e do corpo, da casa,

da sociedade, da natureza, para deliberar, na *polis*, exigia a constituição da autonomia. O cuidado, para os gregos, significava cuidado da alma. Com a extinção da democracia em Atenas, o cidadão não precisava mais cuidar da *polis*. Assim, o cuidado de si se converteu em um objetivo de vida feliz, de equilíbrio interior, de saber envelhecer. Pode-se fazer uma analogia com o presente. Embora nossa democracia tenha um sentido atual e se encontre em plena consolidação, temos um cidadão descrente com a política, o que o afasta da participação. Do mesmo modo, o tempo atual aponta para um cuidado com o corpo vinculado ao prazer, à felicidade, à conservação.

Yaari (2009, p. 23) aponta que, com o fim da autonomia política no período helenístico, esta se volta para “a autonomia do indivíduo, de modo que o conhecimento seria necessário para que este não se deixasse afetar por medos infundados”. Para cuidar da alma, seria necessário o conhecimento de mundo. O autor lembra que, entre os gregos, existia integração corpo e mente e destes com a natureza e a sociedade.

Já a modernidade é caracterizada pelo domínio da razão que deve dominar o corpo. O Iluminismo, termo cunhado para representar o fim das trevas, também chamado de “esclarecimento”, postulou que o conhecimento, por meio do uso da razão, seria o caminho para a emancipação do homem, colocando o predomínio da ciência sobre a religião, da luz sobre a escuridão.

Na modernidade, com a cultura cristã, dissolve-se a relação de integração corpo, alma, privilegiando-se o cuidado da alma. Todavia, Nietzsche (2005b) faz uma aproximação entre o platonismo e o cristianismo. Na concepção platônica, a razão seria controladora dos instintos, das paixões, pertencendo estes a outros domínios, de modo que, na proposta socrática, esse domínio não deveria ser repressor, mas integrado às necessidades do corpo. O cristianismo toma a ideia, mas o reprime, associando os prazeres ao pecado, caso não seja controlado pela razão, desprezando o corpo.

Na perspectiva cartesiana, corpo e mente são distintos, embora tenham relação de causalidade. Contudo, a mente deve dominar o corpo, como se este fosse algo externo, predominando a razão.

Nietzsche questiona o excessivo valor dado à razão (visão apolínea) e propõe que, no ser humano, também os instintos, desejos, paixões (dionisíacos) estão presentes, devendo compô-lo com a mesma intensidade.

A revolução cartesiana trouxe transformações de valores, conduzindo a uma nova ordem social e à aparição de novos modos de representação e novas formas de relação social. Entretanto, para Najmanovich (2001, p. 18), houve uma matematização do espaço, quando este acreditou que a única representação verdadeira e válida do espaço é a representação matemática. Para a autora, o mesmo processo também teria se instalado na filosofia, nas ciências, nas artes e na experiência que foram matematizadas, passando a ser concebidas nessa época como representação da natureza, estando o conhecimento fora e independente do sujeito. Assim, para a autora, o “corpo da modernidade” é “um corpo mensurável e estereotipado dentro de um eixo de coordenadas”, e como consequência teríamos um mundo linear, de causa e efeito, objetivo, afastado da experiência humana. O corpo poderia, nessa perspectiva, ser medido e representado por essa medida.

Yaari (2009) aponta que a perspectiva nietzschiana do niilismo propõe a transmutação dos valores, no sentido de que a perspectiva do cristianismo anula a natureza humana, tem a moral do rebanho pautada numa ilusão de verdade. Ao propor o equilíbrio entre Apolo e Dionísio, mente e corpo passam a se aproximar e a permitir a existência estética dando valor ao que produz vida.

No campo das artes, encontramos o trabalho do artista australiano Stelarc (1997), que busca compreender as capacidades do corpo com o uso das tecnologias. O artista apresenta, em suas performances, a combinação de próteses e de estímulos nervosos a partir de corrente elétrica sobre seu corpo, o que produz uma imbricação entre movimentos voluntários, involuntários e programados. Desse modo, o artista busca compreender “o corpo não como sujeito, mas como um objeto - não um objeto de desejo, mas um objeto de projeto” (STELARC, 1997, p.55).

Na atualidade, com o avanço das ciências, tecnologia e corpo humano tornam-se híbridos. A biotecnologia hoje está nos dando novas dimensões da interioridade e da exterioridade do que seria o corpo físico natural, misturando-se componentes do humano e da máquina.

Paul Virilio (1994) discute a relação entre os novos dispositivos tecnológicos e o corpo físico natural. O autor parte do referencial do super-homem nietzschiano e chega ao artista Stelarc. Virilio analisa o que denomina “intra-estrutura”, que seria a inseminação do corpo físico humano pelas biotecnologias, possibilitadas pelo

desenvolvimento da nanotecnologia. Para o autor, a nanotecnologia estaria propiciando uma colonização do corpo, que poderia surgir como último recurso, ou recurso de ponta, para domesticar o homem. As tecnologias ocupam novos espaços saindo do universo planetário para ocupar o corpo, povoando as entranhas do sujeito.

Não podemos negar a presença dessas tecnologias existentes que, para Guattari (1993, p. 116), reconfiguram a ecologia social. O autor comenta que a ecologia do virtual se faz tão necessária ao mundo de hoje quanto a ecologia do mundo natural e humano e que a associação dessas duas formas produzirá a ecologia geral, a qual ele denomina de ecosofia. Esta agirá como ciência do ecossistema, como objeto de regeneração política, mas também como engajamento ético, estético, analítico, na iminência de criar novos sistemas de valorização, um novo gosto pela vida, uma nova suavidade entre os sexos, as faixas etárias, as etnias, as raças.

Guattari, juntamente com Deleuze, aponta uma pequena diversidade de corpos, o corpo hipocondríaco, o corpo paranóico, o corpo esquizo, o corpo drogado e o corpo masoquista. Ao assumir como referência esses corpos, a personalidade fendida passa a desenvolver um modo diferenciado de ser. Para o autor, novos objetos são apreendidos por esse sujeito em seu território existencial, adquirindo entradas existenciais com um caráter desigual em que algumas se tornam mais importantes que as outras. Esse processo imprime, em uma primeira visão, uma desterritorialização dos modos de subjetivação existentes, mas acaba por construir uma reterritorialização conservadora no território existencial.

Ainda abordando a questão da tecnologia, Maffesoli (1996) afirma que, na atualidade, podemos pensar na perspectiva de uma estética ampliada, existindo uma erótica dos corpos na qual eles funcionam como fatores de união e de criação de comunidades.

Outra perspectiva atual sobre o corpo se encontra em Virilio (1994), segundo o qual, se podemos afirmar que estamos frente ao estabelecimento de alguns pressupostos que indicam para a constituição das comunidades virtuais, como, então, desprezar uma aproximação entre os cibercorpos? O autor ressalta que, nas redes sociais, as atuais formas de comunicação sustentadas por tecnologias não desprezam a questão da alteridade. O sujeito conectado muda seus componentes identitários e produz um corpo ilusório, não somente para si mesmo, mas para estabelecer um contato com o outro.

É a necessidade desse contato com o outro que leva ao agrupamento, à conjugação, ao que faz estar juntos. A atitude produzida no ciberespaço ou sobre o corpo físico não seria sintoma de uma subjetividade narcísica e solipsista, mas, paradoxalmente, signo de um narcisismo de grupo. Para isso, Maffesoli aponta os rituais de algumas sociedades da Idade Média, nos quais a carne era partilhada por todos não para uma colonização, mas para uma exaltação coletiva do corpo. Essa exaltação coletiva poderia ocorrer em sua hibridização com as máquinas ou mesmo quando afetado a distância, ainda que pelas redes sociais.

Na atualidade, os pensamentos não lineares ganham espaço. Nas ciências, a Teoria da Relatividade, o Princípio da Indeterminação de Heisenberg, a Teoria do Caos contribuem para fazer os modelos não lineares eclodirem. Isso faz com que o sujeito possa participar de uma dinâmica criativa de si mesmo e, ao reconhecermos que não podemos conhecer objetos independentemente de nós, reafirmamos que a experiência corporal é fundamental para a estruturação da linguagem e do conhecimento.

Assim, Najmanovich (2001) lembra que a experiência corporal não é fixa, nem imutável, vez que sentimos de maneira clara e distinta e estamos em permanente transformação. O conhecimento está em nossa experiência interativa com o ambiente, com o que está fora, mas não separado de nós.

2.2 O corpo e a dualidade cartesiana

O pensamento acima que durou por anos e vem a ser questionado por Descartes que faz emergir o sujeito ao afirmar em sua frase mais conhecida: “*Cogito, ergo sum*”, ou “Penso, logo existo”. Essa frase tem sido utilizada em sua formulação lógica e na teoria do conhecimento. Esse pensamento inaugura o racionalismo da modernidade, sendo também considerado a base do pensamento científico moderno.

Descartes afirmava que, para se conhecer a verdade, seria necessário que pusessemos todos os nossos pensamentos em dúvida e que somente deveríamos acreditar em algo se seu fundamento tivesse veracidade. Em seu livro, o “Discurso do Método”, consagrado como um manifesto da razão, o autor afirma que a única certeza fundamental, a de estar pensando, era a única prova da existência do ser humano.

Talvez seja Descartes o grande responsável pelo pensamento dicotômico gerador da “dualidade corpo e mente”. Como o corpo seria um mecanismo regido por leis imutáveis, cada efeito seria produto de uma causa e a mente teria uma atividade racional e concebida como substância independente.

Soares (2012, p. 07) lembra que a grande questão, para Descartes, em relação ao homem é pensar o “estatuto de seu próprio corpo, de como o que não pode ter lugar, a consciência, encontra um lugar e se encarna”. Tal questão se estende na busca de uma compreensão, de uma união substancial de corpo e mente tratado como *Leib* na fenomenologia, do próprio corpo abordado por Merleau-Ponty, do Dasein de Heidegger.

Na tradição pitagórica, a sabedoria e a ciência estariam ao alcance somente de uns poucos iniciados. Descartes amplia essa visão afirmando que o conhecimento estaria ao alcance dos que teriam bom-senso. No “Discurso do Método” sinaliza que “bom senso é a coisa do mundo mais bem distribuída, porquanto cada um acredita estar tão bem provido dele que, mesmo aqueles que são os mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa, não costumam desejar tê-lo mais do que já têm” (DESCARTES, 2009, p.13). Para o autor, todos os homens têm a razão ou bom senso de forma igual para julgar e distinguir o verdadeiro do falso, sendo a diversidade de opiniões o que nos leva a trilhar os pensamentos por caminhos diferentes. Podemos dizer que se trataria do método que cada um poderia adotar para conduzir sua razão. Para ele, na filosofia, encontram-se diferentes opiniões sobre a mesma matéria e somente uma seria verdadeira. Seriam os fundamentos “firmes” que garantiriam ao indivíduo não ser enganado por falsas promessas, pelas más doutrinas ou por aqueles que “acreditam saber mais do que realmente sabem” (idem, p.18).

Descartes encontra mais verdade no raciocínio do homem comum, que seria punido na vida por um erro, que nos letrados, que não pensam nas consequências do que falam. Nesses homens comuns encontrava a mesma diversidade encontrada nos filósofos, o que o levou ao estudo de si mesmo, através da reformulação de seus pensamentos, da construção do seu modelo, ainda que recomendando que ninguém o imitasse. A sua busca era pela verdade, estaria na razão, não necessariamente de um povo, mas poderia estar com um único homem. Assim concebe seu método baseado nos princípios de:

- nunca aceitar alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal...

- dividir cada uma das dificuldades que eu analisasse em tantas parcelas quantas fossem possíveis de conhecer...
- conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar-me, pouco a pouco, como que por degraus, até o conhecimento dos mais compostos... (DESCARTES, 2009, p.27).

Desse modo, Descartes acreditava usar em tudo a sua razão, ainda que não de modo perfeito. Deus havia concedido ao homem a razão para que ele encontrasse a verdade. Verdade para ele inquestionável, contida na premissa “Penso, logo existo”. Também elabora a questão de que poderia “pensar” que não possuía corpo, nem mundo, nem qualquer lugar que pudesse existir, tendo mais certeza de sua existência, a não ser que parasse de pensar. Assim, concebe-se a ideia de que, para existir, não é necessário nenhum lugar, mas somente o pensar, concluindo que sua alma é totalmente indistinta do corpo, ou que “a natureza inteligente é distinta da corporal” (DESCARTES, 2009, p.42).

Entretanto, Descartes salienta que, para conhecer a alma, é necessário elevar o espírito para além das coisas sensíveis e que tudo o que em nós existe vem de Deus. Ele propõe a si mesmo pressupor somente os princípios da existência de Deus, da alma e de não aceitar a verdade nas demonstrações dos geômetras.

Ao pensar como Deus faria um corpo, contenta-se em supor que fosse exatamente igual nosso, no aspecto exterior e no interior, com cada órgão tendo sua função sem precisarmos pensar nisso, sendo a alma totalmente distinta do corpo, com a função exclusiva de pensar. Por isso, somos diferentes dos outros animais, que não possuem alma para pensar. Descartes, ao descrever o corpo humano e de outros animais, conclui que o homem não teria condições de produzir algo de tamanha complexidade, o que caberia somente a Deus, que também nos dota da alma. O fato de os animais não conseguirem falar, pensar, articular um discurso para entendimento do outro seriam prova de que não possuem qualquer razão.

Descartes esclarece que a alma não estaria somente alojada no corpo, sendo “necessário que esteja junta e unida mais estreitamente com ele para ter, além disso, sentimentos e desejos semelhantes aos nossos e assim compor o verdadeiro homem” (DESCARTES, 2009, p.60). A alma seria imortal.

Para o homem tornar-se mais sábio, dependeria do temperamento e do bom funcionamento dos órgãos do corpo, de modo que, para elevar sua sabedoria, deveria

buscar na medicina as soluções para as doenças, para o envelhecimento a fim de que pudesse viver mais.

Essas observações de Descartes o levaram, no entanto, a buscar compreender o mundo, introduzindo a questão da “causa e efeito” como método ou o método dedutivo, que muito influenciou as ciências durante toda a modernidade. O filósofo observa que, em primeiro lugar, procurou “encontrar em geral os princípios ou causas primeiras de tudo o que existe ou pode existir no mundo....Depois disto, examinei quais eram os primeiros e mais usuais efeitos que podem ser deduzidos dessas causas...” (DESCARTES: 2009, p.66). O autor considera que pode obter explicações sobre todos os “objetos” apresentados a seus sentidos e que coisas, que pareciam verdadeiras, depois de observadas, passaram a parecer falsas e, assim, busca constantemente a verdade.

Para Soares (2012), o pensamento “pedagoga” colocou Descartes como seu vilão, atribuindo tudo de negativo ao cartesianismo. Entretanto, o autor aponta que a pedagogia seria radicalmente cartesiana, ao acreditar, por exemplo, na interdisciplinaridade, uma vez que Descartes retoma a importância da dimensão filosófica para a formação do indivíduo e condiciona o pensamento do desenvolvimento das ciências e técnicas à filosofia ou à unidade do pensamento humano.

Na atualidade, vem se tentando, nas escolas, instituir um currículo integrado, buscando a interdisciplinaridade. Entretanto, Silva (2011) ressalta que os primeiros a realizar a interação disciplinar foram Descartes junto com Galileu, aproximando a Física com a Matemática, o que colocou em xeque os fundamentos da ciência em sua época. Isso resultou na prerrogativa da razão sobre os dados sensíveis, juntamente com a predominância de dados quantitativos sobre os das essências e das formas que tiveram sua origem na filosofia tradicional.

Retornando a Soares (2012), o autor declara também que Descartes contraria o senso comum e as formas de positivismo, ao inverter o modo de se considerar o mundo e afirmar que, ao se situar na consciência, toda consideração científica requer uma reflexão filosófica anterior. Também podemos considerar que a perspectiva cartesiana sobre a razão humana, mesmo que por opção política filosófica, veio a democratizar, na atualidade, o acesso ao conhecimento pela escola.

Na contemporaneidade, a concepção cartesiana de corpo-mente ainda se encontra presente, embora outras perspectivas também tenham passado a ser consideradas, principalmente as ligadas ao pensamento fenomenológico.

2.3 Políticas do corpo

A modernidade apresenta também a transformação da configuração política com o fim da aristocracia, das monarquias, ganhando o Estado a função de cuidar do corpo social. Dentre suas funções e com o exercício de seu poder, é o responsável pela educação desse corpo e, para isso, também utiliza a escola, massificando-a.

A escola se constituiu na modernidade com toda uma arquitetura que atua sobre o corpo. Para Foucault (1979), a ideia do corpo na República se diferenciou da Monarquia. Enquanto na Monarquia o corpo do rei era uma realidade política, com sua presença física sendo necessária, na República ela se desloca para o corpo da sociedade, tendo, no século XIX, tornado-se um princípio. Constituiu-se, assim, na República, um corpo simbólico, criando-se métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia, a exclusão dos degenerados etc.

O corpo social emerge a partir da materialidade do exercício do poder sobre os corpos dos indivíduos. O poder investiu sobre o corpo através da ginástica, do exercício, do desenvolvimento muscular, da exaltação do belo com intenção de dominá-lo e conscientizá-lo, conduzindo ao desejo do próprio corpo “através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, agindo sobre o corpo das crianças, do soldado e do corpo sadio” (FOUCAULT, 1979, p.146). Isso fez com que nascessem exigências e reivindicações de seu próprio corpo contra o poder, a saúde, a economia, o prazer, as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor.

Para Foucault, há uma luta constante entre o poder e o domínio do corpo. A sexualidade tornou-se alvo de controle e, ao mesmo tempo, passou a produzir a intensificação dos desejos de cada um sobre seu próprio corpo.

O poder reagiu, por meio da exploração econômica e, talvez ideológica, da erotização, manifestada em produtos para bronzear, em filmes pornográficos, passando

de uma forma de controle-repressão para uma forma de controle estimulação: fique nu, ... mas magro, bonito, bronzeado (FOUCAULT, 1979, p.147). Assim, “nada é mais material, mais físico, mais corporal do que o exercício do poder” (idem).

Do século XVII ao século XX, o investimento do poder sobre o corpo foi denso, rígido, constante, metucioso, o que ocasionou regimes disciplinares, rígidos nas escolas, nas casernas, nos hospitais, nas oficinas, nas cidades, nas famílias. No século XIX foi feito um grande esforço de disciplinarização e de normalização com mecanismos que penetram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos. Juntamente com o início das sociedades industriais, instaurou-se um aparelho punitivo, um dispositivo de seleção entre normais e anormais. Também a arquitetura escolar se baseou no modelo do convento e se impôs nas escolas, distribuindo os indivíduos no espaço que tem, como uma de suas propostas, possibilitar a vigilância. Para essas afirmações, Foucault observa que, na sociedade disciplinar, busca-se a vigilância pela ideia do “*Panopticon*”, presente na arquitetura, com o qual, silenciosamente, tem-se visibilidade sobre o indivíduo e sobre o coletivo.

Foucault (1979) destaca que o saber sobre o corpo foi constituído através de um conjunto de disciplinas militares e escolares e que, a partir desse poder, sobre ele foi possível constituir-se um saber fisiológico, orgânico. A partir dos anos 1960, o controle sobre o corpo se tornou mais brando e tomou outras formas.

As sociedades de controle estão substituindo as sociedades disciplinares. Desse modo, a modernidade fez emergir novas formas de representação sobre o corpo, que surgem com o contexto histórico e político que se inserem na escola. Para Foucault, nasce o biopoder ou a biopolítica. A própria política tem no corpo seu objeto de ação, de controle, produzindo novas disciplinarizações.

Para Machado, segundo Muchail (2009), os modernos sistemas de vigilância na sociedade de controle passam pela comunicação virtual. Exacerbados pela sociedade midiática, sugerem o que seria uma atualização do panóptico. O gesto do mostrar-se e deixar-se ver poderia significar um modo despojado do desvelamento da verdade de cada um, ou o desnudamento de si mesmo, que não seria uma injunção, encobrendo a imposição de regras que regem nosso modo de produção da verdade.

Para Tucheran (1999, p. 94), temos um corpo que foi inventado, mas que também é imposto por uma “vontade de forma”, totalizada, singularizada e

reconhecível. A autora cita o grande brinde que Latour nos oferece, que indica uma nova política do corpo. Latour afirma que temos obrigação dietética austera, temos que nos contentar com uma salada, temos que correr da mesa para a ginástica. Isso se deve aos conhecimentos gerados na modernidade, produzidos pela ciência. Entretanto, com isso, a política funcionou no sentido de passar responsabilidades ao indivíduo, de modo que doença, saúde, morte passam a depender do sujeito.

No que se refere à política e à escola, nos anos 1960 e 1970, as metodologias de ensino espelhavam-se nos rigores da disciplina militarista, que tem o domínio do corpo como alvo de ação. No Brasil, a partir do final dos anos 1970, com a “abertura” política e, posteriormente, o fim do regime militar, inicia-se outra fase política no país. Concomitantemente aos acontecimentos políticos, uma rediscussão educacional passa a ser mobilizada e surgem outras concepções metodológicas que fazem sua crítica aos modelos tradicionais, surgindo, com isso, as tendências “progressistas” na educação.

No âmbito da educação, novos professores, que passaram a se formar sob novas perspectivas, hoje, atuam no cotidiano escolar. Esses fatos nos fazem afirmar que novas políticas do corpo estão presentes no cotidiano escolar.

2.4 Saberes corporais: o individualismo moderno e o corpo coletivo na contemporaneidade.

Mostraremos como o saber sobre o corpo contribuiu, entre a Idade Média e a Modernidade, para a construção das noções de pessoa, homem e para a invenção do individualismo característico da modernidade.

Cabe identificar que cada sociedade, em cada tempo, forja sua concepção de corpo. Esse mistério se confunde com a própria existência e podemos apontar que, ao longo dos tempos, as evidências fazem com que as representações se modifiquem. Desse modo, a história é imprescindível para compreender a questão do corpo e buscar conceituá-lo. Obrigatoriamente, faz-nos percorrer as trilhas da biologia/anatomia nos campos em que sua epistemologia permite o foco no corpo.

O corpo nos remete à busca da compreensão do que nós somos, estando presente em nosso imaginário. Para Le Breton (2011), haveria quatro condições sociais e

culturais que nos conduzem às concepções atuais de corpo: o individualismo enquanto estrutura social, o pensamento racional positivo e laico sobre a natureza, o recuo das tradições populares locais e a história da anatomia e ou medicina que vem construindo, de certa forma, um saber oficial sobre o corpo. O autor destaca também o corpo como fenômeno social e cultural, simbólico, objeto de representações e imaginários. Do corpo nascem e se propagam significações que fundamentam a existência individual e coletiva, sendo ele o eixo da relação com o mundo. Dessa maneira, a separação cartesiana entre mente e corpo, na qual se consolidou sua objetificação, amplia-se para buscarmos integrá-lo ao homem.

Contudo, isso não ocorre em todas as sociedades. Le Breton (2011) argumenta que, nas sociedades canaques, por exemplo, o corpo não é uma forma de matéria isolada do mundo. Estando integrado à natureza pela sua semelhança e metáforas com os vegetais, possui uma dimensão comunitária, não tendo sentido o entendimento ocidental da noção de pessoa. Também em sociedades holistas tradicionais, o homem está misturado ao cosmos, à natureza, à comunidade, tendo uma submissão fiel a esses elementos, não existindo o corpo como forma de individuação, uma vez que o indivíduo não se distingue do grupo.

Faremos, nesta sequência, um recorte específico das relações que imbricam o corpo na constituição do individualismo, iniciando-se a partir do saber médico, ainda na Idade Média, quando o corpo passa a ser alvo do conhecimento e inventa a pessoa, entre o Renascimento e a Modernidade.

Na Idade Média, sob o domínio cristão, fazer correr sangue é transgredir um tabu. Le Goff (2010) aponta que o barbeiro (que conhecia os pontos de sangramento), o açougueiro, o cirurgião e o carrasco não gozavam de grande estima, por lidarem diretamente com o sangue. Como os médicos da época preocupavam-se mais em dominar o latim, por lhes dar mais status, do que curar, não tocavam no corpo do doente. Assim, para Le Breton (2011), são os leigos e alguns médicos transgressores do tabu do corpo, imposto pelo cristianismo, que vêm explorar seu interior.

As construções sociais se diferenciavam da atualidade, de modo que o distanciamento do corpo colocava o médico em uma posição de não contaminação pelos doentes, construindo uma hierarquia social, na qual quanto mais distante do corpo doente, maior o grau hierárquico atingido. Na crítica à medicina, Le Breton (2011), em

seus estudos na antropologia do corpo, aponta que ela optou por cuidar da doença, da máquina humana em detrimento do doente, separando o homem de seu corpo para tratá-lo. O fato é que, a partir do saber médico, o homem se distanciou de seu corpo, o que vale especialmente para as sociedades ocidentais.

O conhecimento do corpo humano se deve ao anatomista, que cria a episteme ocidental entre o homem e seu corpo, e o artista que, pela observação objetiva, torna possível dar visibilidade ao interior. Também o artista, ao passar a pintar os retratos, contribui para a aparição do indivíduo, que ganha um rosto e captura a pessoa em toda a sua individuação e singularidade, transformando toda a axiologia do corpo.

Com a arte, no caso, a pintura, a visão ganha um sentido maior e vai se destacar na modernidade, por meio da comunicação. Com a aparição do indivíduo, seu corpo deixa de ser inseparável da comunidade, passando a ser individual. Com a arte voltada para os traços individuais, o homem encerra em seu corpo. Com isso, o corpo passa a “ser fronteira entre o homem e o outro, e, na modernidade, ele é a marca que o separa do cosmo, dos outros, de si mesmo” (LE BRETON, 2011, p. 71).

Essas distinções estabelecidas pelo saber médico anotômico, pela arte dos retratos que capturam a pessoa expressando seu rosto, contribuem para o nascimento do indivíduo. Em suas pesquisas sobre o aparecimento do indivíduo, Le Breton (2011) aponta que o comerciante é o protótipo do indivíduo moderno, por fazer valer seu interesse pessoal em detrimento ao do coletivo. Destaca-se também que, com o saber médico, o corpo se dissocia do homem, ao possibilitar seu estudo separadamente do homem, o que faz constituir um ter (um corpo) e não um “ser”, ganhando um estatuto de poder, por ser cientificamente estudado.

Voltando-se aos tempos contemporâneos, Talamoni (2011) cita a obra artística de Gunter von Hagens que mostra, em suas exposições sobre o corpo realizadas em diversos países, que a anatomia renasce, apresentando o corpo entre o científico e o artístico, entre o educativo e o entretenimento, fazendo renascer no público a reflexão sobre o corpo.

Essa separação na atualidade, que se configura pelos sentidos acumulados historicamente, entre homem e corpo, constitui-se por marcas sociais que se consolidaram com o individualismo e a cultura erudita, em que o corpo passa a ser propriedade do homem e não sua essência, ficando independente do homem.

Habermas aponta que a responsabilidade do indivíduo cresce na modernidade, quando seu sustento passa a depender de seu próprio trabalho. O indivíduo moderno é burguês, ou seja, juridicamente livre e economicamente independente, com profundas aspirações de autonomia e liberdade.

Nessa associação do saber anatômico e médico e as mudanças sociais que transferem ao indivíduo a responsabilidade por ele mesmo, evidencia-se o individualismo.

Na contemporaneidade Maffesoli (1999) sustenta que existe um hedonismo do cotidiano que emerge em certas épocas e o jogo das aparências passa a apontar novos modos de ser. Para Maffesoli, em “O mistério da conjunção”, há, na atualidade, um deslize da lógica da identidade, que tem como característica individualizar, para a lógica da identificação, na qual a pessoa emerge no coletivo. Nesse contexto, instaura-se um narcisismo coletivo que enfatiza a estética, os valores tribais, o banal, em que o insignificante e o prazer ganham importância, constituindo uma sociedade que ama o corpo, o que representa uma mudança dos valores do individualismo, da modernidade, para o aparente, para o retorno da aparência, para a embriaguez coletiva da pós-modernidade.

2.5 Corpo, educação e modernidade

Soares (2001) afirma que governar o corpo é condição para governar a sociedade, já que o controle do corpo é indissociável da esfera da política. A autora observa que, na área da educação, diversas ações interferem na relação dos sujeitos com a instituição escolar. Essas ações estão na ordem em que a escola delimita espaços, afirmando o que cada um pode ou não fazer: suas marcas, materiais, utensílios, mobiliário. Essa instituição, com “sua arquitetura característica e específica, é expressão material da idéia de educação do corpo e de um projeto político de ordem” (SOARES, 2001, p.16).

A experiência corporal também estaria relacionada à dificuldade de aprender, como aponta Campbell (2001, p. 29), para quem

a dificuldade do aprender está relacionada à aquisição do conhecimento, este conhecimento se expressa na história do próprio processo corporal, que é o ingrediente essencial para o eu subjetivo, como determina. A experiência de corporificação é que dá a percepção de estarmos vivos. É histórica e cultural. Pensando assim como distanciar o “corpo cultural” da educação? O Corpo na educação deve ser considerado dentro dos conceitos da corporeidade e da motricidade humana. Um Corpo unitário e não dual, num mundo de valores existentes.

Para o autor, “o corpo e suas respostas são uma fonte de conhecimento” (CAMPBELL, 2001, p.26). Vivemos em um mundo que transforma realidades, desejos, em que sofremos a influência da mídia e da economia, no qual devemos nós mesmos refletirmos como queremos nossas vidas. É a partir desses conhecimentos corporais, aos quais incorporamos signos, símbolos, prazeres, que devemos buscar como o homem deve ser pensado na educação, de modo a permitir uma reflexão corporal mais livre.

Silva (1999) discute a relação corpo e processo educativo na modernidade. Para a autora, o corpo é, ao mesmo tempo, pertencente ao contexto natural e social, sendo um ponto privilegiado na interconexão entre natureza e cultura, no qual a escola passa a ter importante papel. Para isso, toma como ponto de partida a antropologia do corpo-máquina presente no “Tratado do Homem” (1664) de Descartes, por considerá-la um marco na modernidade. O corpo, visto como um mecanismo, teria engrenagens que fariam a máquina humana funcionar, o que é explicado pela fisiologia da época. Nesse sentido, também as funções mentais seriam mecânicas.

Considera-se que o século XVII teria sido marcado pela matematização do mundo, no qual a natureza e seus elementos teriam sido reduzidos a dados mensuráveis. O contexto social também teria sido marcado pelo fim da aristocracia, da revolução burguesa e da perspectiva da transcendência humana, sendo esse momento apontado por Silva (1999, p. 9) como aquele em que nasce a concepção cartesiana corpo alma.

Essa dicotomia corpo mente criada com a modernidade se apresenta, na atualidade, no âmbito da estruturação da escola, onde o corpo intelecto passa a ser tratado pedagogicamente. Soares (2001) observa que diversas práticas são utilizadas pela escola para se apropriar dos corpos que lá se encontram. Isso vem a interferir na relação dos sujeitos com a instituição, estabelecendo relações de poder em que a arquitetura, a divisão do conhecimento por disciplinas, a distribuição do tempo escolar em grades de horários, a hierarquia dos saberes, os rituais, a promoção, a delimitação de

espaços, marcas, materiais, utensílios, mobiliário tornam-se estratégias de apropriação. A autora destaca que a arquitetura escolar teria sido pensada na perspectiva de uma concepção da ideia de educação do corpo e de um projeto político de ordem. A arquitetura também é pensada a partir da ideia do panóptico em Foucault (2003), como fora mencionado.

Desse modo, para Soares (2001, p. 16), a educação que se massificou na modernidade, passa a estar na ordem política, por compreender que “governar o corpo é condição para governar a sociedade”.

Também na escola, com a dualidade corpo mente, funde-se a ideia cartesiana. Seus projetos e concepções tratam do homem em uma dimensão em que seria o intelecto que aprende, estando o corpo desencarnado.

Soares (2001) destaca outra característica da modernidade encontrada na filosofia cartesiana e inserida na escola, que tem a relação mecanicista de causalidade, em que aparecem os projetos de dominação do corpo, como os corpos dóceis, do corpo para alunos, do corpo para alunas que vêm legitimar os espaços do corpo e da mente. Entretanto, na atualidade, esses corpos parecem resistir, sair da passividade, como diria Foucault.

Oliveira (2004) ressalta que algumas teorias de ensino-aprendizagem parecem hoje buscar “encarnar” o sujeito que aprende sem incorrer na mera soma das partes, buscando escapar do homem-máquina cartesiano, para colocar o homem em diversas dimensões para compreender o corpo e a educação.

A escola, até a atualidade, trata o corpo como essas mesmas características, sendo necessário repensar ou reinventar o corpo que vai à escola, um corpo que por hora se quer na igualdade, por outra é visto na diferença.

2.6 Corpo e diferença

A questão das diferenças tem sido alvo de inúmeros trabalhos na atualidade e foco de discussões relativas à escola. No espaço escolar, corpo e conhecimento estão encarnados e, para compreender a questão da diferença, faz-se necessário pensarmos em uma abordagem que contemple esse olhar.

Para Serres (2004), respeitar as diferenças significa deixar que o outro seja como eu não sou e, não simplesmente, deixar que o outro seja diferente de mim. A construção do ser é um movimento processual em que a multiplicidade se faz presente, fazendo parte da nossa identidade. Assim, nossa própria identidade é constituída e estimulada pela diferença, não se fundindo com o idêntico. Cada pessoa tem a sua história, seus sistemas, seus diferentes modos de viver, suas invenções, seu corpo. E cada corpo ensina, sabe, a partir de seus sentidos, “que assumem outras funções além daquela de canalizar informações exteriores para um centro de tratamento”, pois ele possui “uma presença e uma função cognitiva própria” (SERRES, 2004, p.68), de memória, prazer, troca. O corpo é suporte da intuição, do saber, do trabalho, da invenção, vez que “um procedimento maquinal pode substituir qualquer operação do entendimento, jamais as ações do corpo” (SERRES, 2004, p.36).

Serres (2004) ainda destaca não haver nada no conhecimento que primeiro não tenha estado no corpo, tendo por referência um conhecimento que admita o corpo e a sensibilidade. Dessa forma, é necessário preservar as diferenças entre os corpos, portanto, “nosso saber origina-se do saber de outros que o aprendem a partir do nosso” (SERRES, 2004, p.68).

No processo educacional, a dificuldade do aprender está relacionada à aquisição do conhecimento. Entretanto, para Campbell (2001, p. 29), esse conhecimento nem sempre é expresso ou relacionado à história do próprio processo corporal, que “é o ingrediente essencial para o eu subjetivo”. A experiência de corporificação é histórica e cultural. Assim, como distanciar o “corpo cultural” da educação? Para o autor, o corpo, na educação, deve ser considerado dentro dos conceitos da corporeidade e da motricidade humana. Um corpo unitário e não dual em um mundo de valores existentes.

O mundo contemporâneo transforma as realidades e desejos dos indivíduos. As influências da mídia, da relação econômica, da globalização nos remetem a uma reflexão mais ampla de como desejamos nossa vida nessa sociedade sempre em transformação. Nosso modo de vida está relacionado a como nos remetemos a nossa

concepção corporal, que no caso desta pesquisa, interessa também a como a escola se posiciona em relação ao corpo.

Para isto, Campbell (2001), cita, que o homem deve ser pensado na educação a partir dos conhecimentos produzidos pelo corpo e suas respostas, concebidos em uma concepção dialógica, incorporando signos, símbolos, prazeres e necessidades, cativando e sendo cativados.

O corpo excluído aponta os limites da liberação do corpo. O corpo velho, louco, deficiente físico ou mental são marcas desse limite. Para Le Breton, se há um corpo liberado, é um corpo jovem e somente haverá liberação do corpo, quando as preocupações com ele desaparecerem.

Virílio (1994) chama atenção para o fato de que, na atualidade, a biotecnologia está nos proporcionando novas dimensões da interioridade e da exterioridade do corpo, que adquire uma nova espessura. No ciberespaço, ele se torna híbrido, misturando os componentes do humano e da máquina. Haveria a inseminação do corpo físico humano pelas biotecnologias, possibilitada pelo desenvolvimento da nanotecnologia, das possibilidades de implantes biotecnológicos por meio dos quais podemos nos conectar a próteses artificiais. Também na atualidade temos programas de realidade virtual e redes sociais nos quais existe uma telepresença, registrando-se uma simulação das identidades, sem ser penetrado por estas.

Le Breton (2008) dá “adeus ao corpo” em virtude do ciberespaço. Este seria um mundo real e imaginário, onde sentidos e valores somente existiriam pelo cruzamento de milhões de computadores que colocam em contato indivíduos afastados do tempo e espaço e que nada podem saber sobre o outro. Para o autor, nesse mundo, as fronteiras se confundem, o corpo se apaga e o outro somente existiria na interface da comunicação. Sem corpo, sem rosto, o toque somente existe no teclado do computador e o olhar é o da tela. Essa vida virtual livra das coerções corporais, percebe um mundo sem carne, as aparências da verdade carecem do ônus da prova e as trocas face a face seriam raras.

Entretanto, Le Breton, no mesmo texto, apresenta que o discurso sobre o fim do corpo é um discurso religioso que crê no advento do reino dos céus e alerta que continuamos a ser carne, permanecendo o sensível. Para o autor, se o homem somente existe pelo seu corpo, se é definido na carne, qualquer modificação implica outra

definição de humanidade, o que afetaria o vínculo social, abalando toda a antropologia ocidental, todo humanismo implícito e explícito, colocando-os em questão.

Para Stelarc, mais do que objeto de desejo, o corpo estaria hoje como um objeto de projeto. Também Deleuze e Guattari apontam diferentes corpos: o corpo hipocondríaco, o corpo paranóico, o corpo esquizo, o corpo drogado e o corpo masoquista.

Assim, a diferença se faz presente nos corpos, e surge um novo corpo, que Guimarães (2010, p. 23) aponta como corpo híbrido ou entre o orgânico e a máquina, corpo monstro ou “cyborg”, e a ligação entre o social e a subjetividade ainda teria vínculo sob a forma de “um corpo partilhado a distância e imbricado em estratos sócio-culturais, códigos culturais e fluxos de espaço-tempo que, além de modelizar o corpo, metamodelizam a subjetividade contemporânea”.

2.7 A busca de outro corpo

Uma das questões relativas ao corpo na contemporaneidade é a busca de se atingir a perfeição estética. As atuais tecnologias também levam questões corporais a se transformarem meramente em objetos de consumo e desejos em nome de uma aparência, o que, muitas vezes, leva a riscos.

Sant’Anna (2004) destaca a possibilidade de se reconstruir o próprio corpo, com uso de cosméticos, cirurgias, uso de próteses, ginásticas, regimes etc., seja para ganhar mais saúde, beleza e juventude. Esses tipos de promessas que reconstroem o corpo sempre foram fascinantes em diversas épocas da civilização.

O que poderia aparentar maior liberdade corporal, parece estar cada vez mais regido por regras sociais interiorizadas em cada ser humano. A interiorização à qual essa apologia ao corpo perfeito leva o sujeito remete, muitas vezes, à causa de frustrações.

Goldenberg e Ramos (2002) afirmam que as regras às quais o corpo está submetido atualmente são fundamentalmente estéticas. Cada vez exige-se do sujeito o autocontrole, disciplina em tudo o que se refere ao corpo. Essas regras estéticas submetem principalmente o corpo feminino que se sente obrigado a corresponder a

padrões estabelecidos. De acordo com Goldenberg (2004, p. 45), “esta busca pelo corpo perfeito seria um retrocesso no processo de emancipação feminina”.

Entretanto, Silva (2001) salienta que, mesmo havendo uma difusão de um modelo corporal ideal, não se pode afirmar existir “um corpo”, havendo, antes, uma multiplicidade de corpos, tantos quantos são os sujeitos pertencentes às muitas culturas que povoam o planeta, embora a ideia proveniente da biologia nos leve a tentar padronizar os corpos, como se houvesse somente um corpo.

Em oposição aos modelos corporais, encontra-se referência aos monstros, aos corpos monstruosos, que aparecem em filmes, em desenhos animados, ou mesmo ao vivo nos circos ou em programas televisivos. São os “Frankstein” que há mais de 50 anos subsistem no cinema, como os anões, o homem elefante, pessoas com anomalias que atraem o interesse, despertam a curiosidade, o horror, repugnância, mas sempre atraindo plateias. Tucherman (1999, p. 149) aponta que “talvez os monstros existam para nos mostrar o que poderíamos ser, não o que somos, mas também não o que nunca seríamos” .

Na atualidade estamos em uma sociedade que, admitidamente, supervaloriza a estética. Com a iminente necessidade de ser identificado, o adolescente tende a imprimir no corpo “marcas” que poderão legitimar sua aceitação a determinadas “tribos” (MAFFESOLI, 2005). Esses agrupamentos remetem à existência de representações corporais compartilhadas por grupos específicos. Pensar o próprio corpo e considerar a necessidade de ser aceito em grupos específicos faz com que o adolescente estabeleça relações específicas e bastante particulares com seu corpo.

Questionar esses aspectos e conceitos entre os jovens que têm uma vida social dentro e fora da escola é de importância para a compreensão de sua inserção nessa instituição e de como a questão do corpo está presente nas relações escolares.

Na contemporaneidade, o cuidado com o próprio corpo, representado na recuperação da vitalidade, na busca do bem-estar físico, da autoestima, transformou-se em uma idolatria do corpo, denominada por Codo e Senne (1985, p. 12) de “corpolaria”. O termo refere-se à posição de centralidade do corpo nas sociedades contemporâneas bem como “a todo um universo mágico no qual se estrutura um verdadeiro culto ao corpo e cuja marca mais evidente é o narcisismo”. Para os autores, a luta contra a alienação transformou-se em outra alienação, ficando a felicidade cada vez

mais longe. Os autores comparam a corpolatria à religião, já que tem milagres a oferecer, exigindo sacrifícios, dispondo de templos e adeptos, contendo oráculos e dogmas.

Codo e Senne afirmam que, pela necessidade intensa do prazer, seríamos prisioneiros de uma vida que esmaga o corpo. O corpo está em evidência, prova disso é que, a cada dia, abre-se uma academia, lança-se um livro voltado ao autoconhecimento do corpo, novas práticas de saúde aparecem, constroem-se e desconstroem-se preconceitos. Mas, para os autores, é necessário um movimento social em que o homem busque a redescoberta do prazer de modo a promover o encontro do homem com seu corpo, em um reencontro do homem consigo mesmo. A corpolatria comporta “uma tempestade de manifestações concomitantes, ressaltando ou guiando o corpo ao centro do universo. Sempre meu corpo, e sempre antagonizado, contraposto à economia, à política, e à civilização” (CODO; SENE, 1985, p.25).

A corpolatria surge do conflito humano entre o animal, que é o homem, e a cultura imposta pela civilização. Já a questão do prazer posta pela corpolatria é associada pela psicanálise à realização do instinto. Dessa forma, haveria dois seres dentro de nós: um animal ávido a realizar seus desejos e um outro, produto da sociabilidade, que escravizaria o prazer em troca de cultura. Os autores salientam que, em relação ao trabalho e ao consumo, o homem, por um lado, tornou-se livre e, por outro, escravizou-se. Ou seja, tornou-se livre para o consumo e escravizado para o trabalho. No trabalho, o homem carrega o que há de humano e, nas outras funções, o que tem de animal (comer, dormir), invertendo uma relação histórica, na qual somos animais livres ao empregarmos nossos próprios desejos. Na corpolatria ocorreria essa relação, de modo que os teóricos do corpo encontram no animal, no prazer biológico, as razões da felicidade.

A questão da corpolatria, o conflito entre o humano e o animal estão presentes na forma como o corpo é tratado nesse ambiente. Codo e Senne evidenciam a fala de Rubem Alves, no livro “Estórias de quem gosta de ensinar”, em que o autor mostra que a escola tenta nos transformar, tolhendo nossos corpos de prazeres e desejos, buscando uma transformação que, por não considerar o corpo, acaba querendo educar bem-te-vi para transformá-lo em urubu.

As considerações dos autores são relevantes no tocante à socialização e à cultura. Mostram que a corpolatria se instaurou na atualidade em formas de consumo que levam o homem a buscar o prazer para se sentir livre, podendo constituir-se essa prática como um novo “ópio do povo”.

2.8 O corpo na contemporaneidade: o olhar antropológico de Le Breton

Le Breton (2008) coloca o corpo moderno em perspectiva, lembrando que, com o discurso científico, o corpo foi tomado como simples suporte da pessoa, devendo ser aprimorado. Conforme o autor, o corpo estaria se tornando cada vez mais máquina, sem sujeito, sem afetos, uma prótese, um acessório, uma bula ou um kit. Um corpo bricolagem, um acumulado de órgãos colados que “oscila entre a vontade de controle absoluto e narcisismo furioso próximo de uma vontade de potência niilista que milita contra o corpo pleno” (LE BRETON, 2008, p.10). Como o corpo objeto é imperfeito, um rascunho a ser corrigido, justificar-se-ia fazer uma mudança corporal em uma cirurgia plástica para mudar a vida. O autor aponta a preocupação de aperfeiçoamento por meio do qual nos transformaríamos em cibercorpos, que ligam a carne do homem a chips, sob uma promessa messiânica, em que todos ficariam sempre jovens, os feios se tornariam belos. A estética do belo torna-se fundamentalismo virtual, em que se cria a cibersexualidade e o sexo sem sexo torna-se o bom, sem sujeira. Le Breton recusa a dicotomia corpo/alma, mas inscreve outro dualismo contemporâneo que seria o corpo/homem.

Le Breton (2008) chama a atenção para uma ficção de Moravec e Minsky, que apresenta um mundo onde a emergência do corpo é mortal, onde existem a vida familiar, os amigos, o médico, mas somente pela telemática. Entretanto, mesmo sendo de certa forma pessimista, ele acrescenta que “o homem está enraizado em seu corpo para o melhor e para o pior” (LE BRETON, 2008, p.221). O autor considera que a perfeição somente existe para consolar a infelicidade e não para ser realizada, o que seria uma infelicidade maior. Do mesmo modo, a genética não garante a imortalidade e pode tornar-se discriminatória.

A visão do mundo que suspende o homem e isola o corpo já apresenta uma resistência social com um questionamento ético. Se o homem modificar a forma

corporal que o torna humano, será preciso redefinir a humanidade. Nesse sentido, pensar o corpo é pensar o mundo social. O discurso do fim do corpo, do ódio ao corpo, de uma cultura virtual é, para Le Breton, um discurso religioso, já que vem acompanhado do advento do Reino, onde o paraíso é um mundo sem corpo e cheio de bits e de modificações genéticas.

Todas as condutas na crença à medicina, na cultura cibernética fragmentam a relação do homem com seu corpo e convergem para a autonomização do corpo para o melhor ou para o pior, sendo simultaneamente local de salvação ou de ódio, sendo uma utopia do corpo. Contudo, tudo isso nos faz recordar a fragilidade da condição humana. Nesse sentido, o autor adverte que, a despeito de todas essas questões, felizmente, continuamos a ser carne.

Também Le Breton (2009) faz uma antropologia das emoções, ressaltando que emoções e ou sentimentos fazem parte de um sistema de sentidos e de valores próprios e confirmados de um grupo. Para a antropologia, as emoções seriam provenientes da educação, adquiridas por esferas particulares da socialização da criança, não podendo ser mais inatas que a própria língua. Assim, pela emoção, o ser humano é dotado da capacidade de simbolizar, de fixar os vínculos sociais pela criação de sentido e de valores, implicando diferenças coletivas e individuais que geram, por um lado, a diversidade cultural e, por outro, singularidades das quais os indivíduos se apropriam.

Assim, as percepções sensoriais ou a experiência e as expressões das emoções emanam da intimidade do sujeito cujos gestos não provêm unicamente da fisiologia e da psicologia, mas se encontram incrustados em um simbolismo corporal. Para Le Breton (2009, p. 13), a inteligência antropológica do corpo evidencia o papel “do outro na relação que todo homem desenvolve com o mundo e, principalmente, sobre a maneira como o corpo é socialmente construído”.

2.9 O corpo na contemporaneidade: o olhar na sociologia de Maffesoli

A ética da estética, do corpo individual ao corpo coletivo. Talvez essa expressão resuma o desenvolvimento do trabalho de Maffesoli. O autor apresenta o corpo no centro de suas análises. Nesse tempo de transição, estaríamos deslizando do corpo

individual que tomou a modernidade, para um corpo coletivo, que passa a perceber e a se consolidar nos aspectos que nos levam a estar juntos, chamado por ele de ética da estética. Para Maffesoli (1999, p. 236), temos hoje um ambiente dionisíaco, “feito ao mesmo tempo do corpo que se desnuda, do corpo que chama ao prazer, e do corpo que ritualmente se oferece aos prazeres espirituais”.

Segundo Maffesoli (1999), a contemporaneidade está se consolidando diante de um corpo que nos dedicamos a epifanizar, a valorizar. Atitudes muitas vezes antes consideradas frívolas, imorais, como os julgamentos normativos, podem hoje ser reconhecidas socialmente como técnicas de automodelagem, tendo como exemplo o “body-building”, a moda, o “jogging”. As técnicas orientais nos levam a constatar essa valorização.

Estaríamos, na contemporaneidade, diante de uma sociedade que ama o corpo, ou seja, uma sociedade somatófila, não no sentido individual ou narcísico, mas no da cristalização da pessoa (persona) em um ambiente de todo coletivo, onde há um jogo de máscaras generalizado.

Essa sociedade se volta ao corpo, pois estaríamos nos deslocando de um estilo ótico, que inspirou os classicismos, remetendo ao longínquo, à historização, para um estilo tátil, que favorece o que está próximo (proxemia), o cotidiano, o concreto, que atua em tudo o que favorece o contato ou o relacionamento das pessoas e das coisas. Os fatos sociais se explicariam hoje em dia pela categoria tátil. Por isso, a valorização multiforme do corpo que remete ao palpável, ao ambiente que favorece o tátil. Dessa forma, a estética pode ser compreendida pelo modo pelo qual ela se liga ao presente.

Diferentemente do que muitas vezes é compreendido habitualmente, Maffesoli (1999) explica que, nessa época de culto ao corpo que se isola, provocando como causa efeito o individualismo, o narcisismo não seria um fato predominante, mas, ao contrário da afirmativa, na atualidade não dá para se falar em narcisismo, pois somente teria sentido o narcisismo coletivo, uma vez que “o corpo enquanto metáfora dos sentidos, é um resumo do corpo social” (MAFFESOLI, 1999, p.78).

Nessa lógica, o corpo conveniente que, na Grécia, fora dever do Estado, reintegra o sensível em um jogo social fundando comunidades, como as academias de ginástica, por exemplo, ligando os sentidos e o corpo social, o que justifica chamar de narcisismo coletivo, pois questões como o culto ao corpo somente têm sentido no

coletivo e não individualmente. O autor, para melhor exemplificar, cita o corpo de Cristo como um exemplo da restauração da dignidade dos sentidos, no qual o cristianismo, ao revesti-lo na aparência corporal, integra-o enquanto corpo coletivo pelo meio simbólico da comunhão.

Nessa perspectiva, o corpo torna-se objeto fundamental de análise, já que, para o autor, a relação sujeito-outro é sujeito-corpo, fenômeno para o qual ele emprega a noção de corporeidade. Em suas palavras:

A corporeidade é o ambiente geral no qual os corpos se situam uns em relação aos outros; sejam os corpos pessoais, os corpos metafóricos (instituições, grupos), os corpos naturais ou os corpos místicos. É, portanto, o horizonte de comunicação que serve de pano de fundo à aparência (MAFFESOLI, 1996, p. 134).

Maffesoli (2001) afirma que, quando o corpo emerge como sendo prioritário, há um familiarismo vivenciado através de pequenos grupos que têm como objetivo simplesmente compartilhar uma linguagem que se traduz nos símbolos corpóreos. Na lógica da identificação, como há o deslocamento da pessoa entre um grupo e outro, o corpo se transforma constantemente, passando a ser linguagem para identificar e diferenciar.

Desse modo, existiria uma relação corpórea entre o sujeito e o contexto, mediada pela atribuição de sentidos e significados socioculturais que se sustentam na corporeidade. Maffesoli (1996, p. 96) chama a atenção para o fato de que “o emocional, no caso, fundamenta-se em sentimentos comuns, na experiência partilhada, na vivência coletiva”.

Na contemporaneidade, o nomadismo é presente, as pessoas mudam constantemente de grupos ou também participam de vários grupos ao mesmo tempo. A finalidade das tribos é apenas estética, vez que compartilham gostos e interesses em comum. Para Maffesoli (1999, p. 34), trata-se de um processo de atração e repulsão. Inicialmente, o corpo pessoal, com os humores, a sensualidade, as exigências e coações. Em seguida esses corpos se roçam, produzem fluxos, contatos e tornam-se coletivos, induzidos pelo espaço que partilham, o que leva o autor a afirmar que “a atração e a corporeidade caminham juntas”. Na perspectiva de uma estética generalizada ou ampliada, haveria uma “erótica dos corpos”, que são fatores de união e criam comunidades. Essa erótica tem seu sentido mais simples, o que leva à agregação.

Assim, o corpo social remete à lógica da corporeidade, que é ambiente geral no qual os corpos se situam uns em relação aos outros, sejam pessoais, metafóricos (instituições, grupos), naturais ou místicos. O corpo, além de ser abordado como um objeto teórico, opera em uma perspectiva transversal, que engendra comunicação, porque está presente, ocupa espaço, é visto, favorece o tátil.

Retomando a questão da lógica da emocionalidade e da racionalidade, a primeira surge a partir de um corpo, que é base dos relacionamentos humanos, e por meio da qual o corpo ressurgiu e passa a ser privilegiado. Na pós-modernidade, o corpo passa a estar em destaque, tendo essa emergência a função de propiciar e instaurar a lógica da emocionalidade. Isso ocorre através de três fenômenos complementares: as marcas corporais, o estar juntos e a expressão da máscara social, a persona.

Para Maffesoli (1999), a prevalência e a aparência na atualidade são reais e a relação do sujeito é com a forma e não com o conteúdo dos objetos e de outros sujeitos. O sujeito está determinado a receber, através de seus órgãos do sentido, apenas sensações-percepções das formas que compõem o contexto, interpretando as formas semióticas e conferindo significados e sentidos a elas com referência na cultura em que está inserido e perpassado pelo tempo histórico cíclico. Nos períodos de racionalidade, o corpo é negado, surgindo uma ideia de essência supracorpórea.

Maffesoli (1999, p. 157) cita Hanna Arendt, que questiona se seria “possível que as aparências não existam para as necessidades da vida, mas que, ao contrário, a vida esteja aí para o bem maior das aparências?”. Hoje em dia, haveria uma teatralidade dos corpos que seria uma modulação dessa conduta. Os gregos, que nos inspiram, usufruíam da sinergia do belo e do bem, do belo e do sério. O belo partilhado está na organização da *techné e da polis*, que vieram relacionar a técnica com a política. O belo, o comprazer-se da aparência, o jogo das formas é reconhecer que a estética, no sentido da emoção comum, inscreve-se na globalidade do dado natural e social, ou seja, no paradigma estético.

Assim Maffesoli (1999, p. 157) se coloca contra todas as doutrinas ascéticas, apontando que, para ser, a vida deve parecer, tratando-se de um truísmo que nos “obriga a considerar o corpo”, individual e social, no qual vai se ordenar toda a vida social.

O corpo em espetáculo é causa e efeito da comunicação. Um corpo em espetáculo, pavoneando-se, assim se manifesta na vida social. Maffesoli (1999) utiliza-

se do exemplo da roupa que se constitui como um signo, um meio de se comunicar, que aponta um costume, uma moral. Assim, o cuidado com o corpo estaria na origem do comércio, do artesanato e da indústria. Os Kimonos de Osaka, que demonstram um requinte e apontam o corpo social a que pertencem, são exemplos do ato de fundação que fortalece o corpo social. Seria nessas valorizações do próprio corpo que se fundaria o corpo social. Segundo Maffesoli (1999, p. 163), “o corpo que se pavoneia é causa efeito de toda socialidade dinâmica” e contribui para compreender a manifestação privilegiada da estética no sentido maffesoliano: “o de experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se, enfim, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos que fazem a superfície das coisas e das pessoas, fazer sentido”.

Também as marcas corporais são as transformações do corpo em imagens que incluem tatuagens, tinturas diferenciadas nos cabelos, “piercings”, corpo malhado, tipos de vestimentas ou outros. Para Maffesoli (1995), esses artefatos são símbolos que delineiam um estilo às pessoas, permitindo com que elas simplesmente permaneçam juntas por compartilhar um sentido estético, formando o fenômeno do tribalismo (MAFFESOLI, 2000). As tribos são formadas por pessoas, ou melhor, personas, que possuem um linguajar comum, as marcas corporais, expressas no e a partir do corpo-persona.

A persona se diferencia do sujeito em Maffesoli. O sujeito somente pode ser analisado e identificado quando situado, mesmo esforçando-se para esquecer o sujeito empírico, individualizado. Esse situacionismo e o envolvimento permitem avaliar as práticas corporais como o “body-building”, a teatralidade, os cuidados com o corpo, compreendendo os jogos de aparência que se inscrevem em um sistema simbólico.

Esse corpo em situação é sinônimo da barroquização que repousa no vaivém do natural e artificial, num dado conjunto social. Maffesoli (1999, p. 165) destaca “o nu e a máscara...no prazer do nu, a inocência procura-se em segredo. Sob disfarce a sinceridade”, sendo que o que está em jogo é a relação com o outro, em ambos os casos. Como exemplo do citado, o nudismo, o “top less”, o fio dental, todos são eminentemente artificiais e, por isso, estabelecem relações sociais, permitindo comunicação. O corpo em situação, em um ambiente natural ou social, não é desvalorizado nem superestimado.

As consciências individuais, pelo emblematismo, podem ser transcendidas, garantindo uma consciência de si e de uma sociedade. Esse emblematismo se manifesta corporalmente como nas tatuagens, que foram utilizadas pelos primeiros cristãos, pelos marinheiros de determinado barco, de um colégio que faziam marcar “sua comunidade de espírito, uma comunidade de existência, uma comunhão de consciências” (MAFFESOLI, 1999, p.167). O autor chamou isso de sociologia da pele, que envolve o pintar-se, tatuar-se, enfeitar-se com adereços, cosmetizar-se, tornando visível esse modo invisível que é estar junto. Podemos, aí, procurar profundidade das coisas pelo corpo que se deixa ver. Nisso se encontra a eficácia da aparência. O corpo como invólucro ligado ao corpo social que une a natureza e a cultura.

Assim o corpo, ao pavonear-se, enraíza-se, sendo fator de sociabilidade. É um modo erótico de ser. O enfeite, citando Simmel, era essencial às formas de socialização, sendo ambivalente, em que o autêntico e o inautêntico misturam-se, permitindo-se ser inteiramente desindividualizado e permanecendo para si mesmo.

Maffesoli (1999) também se refere à moda, que tende a privilegiar o corpo social, valorizando a teatralidade. Ela é uma sucessão de instantes eternos. No que ela tem de mutável, faz desaparecer o corpo no corpo coletivo. A moda e sua constante mudança representam uma sujeição considerável do indivíduo, significando sua diluição em um conjunto mais vasto, de apenas um elemento, como no caso das celebridades. Também em círculos mais estreitos como os grupos, tribos, bando, máfia, que realizam reuniões proxêmicas, efetais que formam um conjunto onde todos juntos criam um corpo.

Para Maffesoli (1999), cada vez que uma sociedade privilegia o corporeísmo, ocorre o ressurgimento comunitário ou tribal. Também, na prevalência do corpo, não ocorre o narcisismo, pois o travesti, o corpo nu, o disfarce, a moda, o enfeite, tudo o que se mostra na multiplicidade das práticas corporais, encontra-se em um arquétipo representando uma imagem ou uma força coletiva, porque esse coeficiente mítico do corpo em espetáculo simboliza o corpo social.

Também a imitação se apresenta com importância na vida social. É o que ocorre na roupa-hábito, que liberta o sujeito dos tormentos da escolha, já que o sinaliza como membro de um grupo, sendo receptível a seus conteúdos sociais, livrando também o indivíduo de toda responsabilidade ética ou estética, encontrando-se realizado por uma

ética coletiva, muitas vezes de um pequeno grupo. Simmel, citado por Maffesoli (1999, p. 178) diz que a moda seria uma máscara, “uma obediência cega as normas da generalidade em tudo que é exterior”. Essa imitação, essa moda, conformidade, é o desejo de reconhecimento pelo outro, de uma proteção social, tendo como denominador comum a “atração social”. A tribo vive com excesso a moda até que outro objeto de seu desejo apareça, tratando-se de sucessivas sinceridades por meio das quais se liga o corporeísmo ao presenteísmo. A moda associa e separa, tendo, assim, uma dupla função.

A contemporaneidade apresenta uma aparição-desaparecimento, “a aparição do próprio corpo e desaparecimento no corpo coletivo” (MAFFESOLI, 1999, p.182). É o que faz com que o individualismo sucumba. Assim, de um modo trágico, parece que tudo deve desaparecer, sendo preciso gozar de tudo imediatamente.

A representação de angústia, alegria apresentados pela máscara (persona), só valem porque são coletivos. Essa teatralidade de diferentes papéis que integram o conjunto societal fundam a dialética do “corpo/corpo social” (MAFFESOLI, 1999, p.172). Ao usar uma roupa, curva-se a um modo de viver, vez que o vestuário e os costumes estão ligados. Nesse sentido, “a forma faz o corpo social” (MAFFESOLI, 1999, p.173).

Assim, por um lado, o corpo é exacerbado e, por outro, tende a esgotar-se no corpo coletivo, o que incita a tratar os fenômenos atuais em termos de narcisismo de grupo em função de uma lógica de identificação. Nesse hedonismo que tendenciosamente é coletivo, o corpo se mostra como um corpo coletivo, que come, que toca junto, que canta e dança em coro, que se ornamenta para festas coletivas, tratando-se de uma “nova eucaristia” (MAFFESOLI, 1999, p.184).

Nesse contexto, o corpo é um elemento privilegiado na constituição das características individuais e coletivas. Nessa perspectiva, as características individuais não seriam conflitantes com as coletivas, mas, antes, compreendidas como complementares, compondo a lógica da identificação.

Com o que foi abordado neste capítulo, verifica-se que o corpo deslocou-se do entendimento platônico, deixando de ser a prisão da alma, para compreendê-lo como a condição humana de existência.

Percebemos hoje que o corpo é tão óbvio quanto misterioso e, talvez por isso, surja o interesse de diversas áreas de conhecimento em estudá-lo. O corpo se manifesta amplamente nas conversas de senso comum, constituindo um fenômeno simbólico, social, cultural, objeto de representações e imaginários, encarnação da consciência. Assim, imbrica-se na vida em todos os campos, sejam religiosos, políticos, de organização social, de modo que, na essência das coisas, sempre podemos chegar a uma redução que tem o corpo como centralidade.

Na atualidade observa-se, ao constatarmos a existência da experiência corporal, que a dualidade cartesiana vem se dissolvendo. As marcas históricas se inscrevem nos corpos e são carregadas pela pessoa ao longo da vida. Isso nos faz refletir sobre o papel do corpo na escola, na modernidade, em que a educação de massa pretendeu se apropriar do corpo, delimitando espaços, o que cada um pode fazer, as marcas das relações, o mobiliário, a arquitetura, sendo tudo voltado à educação do corpo que pretendeu imprimir suas marcas. Essa questão emerge a partir da própria crise da modernidade percebida na atualidade. Nesse sentido, esse corpo que vai à escola apresenta marcas que rejeitam as impressões anteriores, colocando o corpo em evidência.

Esses questionamentos foram possibilitados a partir da década de 1930, quando Mauss revolucionou os estudos sociológicos e antropológicos sobre o tema com discussões que se estendem até a atualidade. Com os conhecimentos científicos e avanços tecnológicos existentes, dispomos, hoje, de um aparato que nos coloca com uma condição corporal que, ao mesmo tempo, garante-nos melhores condições de vida, mas que também leva o homem a se colocar em risco por buscar mudanças corporais através do uso de uma diversidade de artifícios, ou pela própria degradação planetária promovida em nome do progresso.

Desse modo, confirma-se a crise da razão reivindicada pela modernidade, nesse caso, promovida por nossa própria condição corporal. Isso leva à questão de como a escola deve tratar e sistematizar o conhecimento científico por ela veiculado na formação de seus alunos. Além disso, cumpre buscar perceber como tal conhecimento vem sendo representado, assim como este se integra à própria experiência corporal, que expressa e estrutura nossa linguagem e significações que estão em constante

transformação. Torna-se mister compreendermos o lugar do corpo nesse contexto da contemporaneidade em que o corpo está em pauta.

Se caminhamos para um novo corpo, se o individualismo vem sucumbindo em nome de uma coletividade, se nos encontramos em uma época em que o corpo individual vem dando espaço ao corpo coletivo, a instituição escolar, como *lócus* do saber sistematizado e socializado deve situar o corpo em seu espaço, de modo que desperte a percepção da comunidade escolar para a questão.

Nessa época que vem se esgotando, corpo e diferença se manifestam, tribos se consolidam em uma pluralidade de intersubjetividades que levam à conjunção de corpos por diversos motivos, sejam as banalidades cotidianas ou mesmo pela busca de espaços onde a perfeição corporal é desejada. De acordo com Maffesoli, estamos em uma época da ética da estética na qual o estar juntos é o que importa, consolidando um corpo coletivo, o que leva ao retorno de Dionísio, onde a dimensão corpórea com atribuição de sentidos e significados socioculturais que se sustentam na corporeidade.

Seria um período em que corpo vem a instaurar uma época de emocionalidade fundamentada nos sentimentos comuns, na experiência partilhada e na vivência coletiva em oposição às épocas de racionalidade em que o corpo é negado. Uma época do corpo em espetáculo como causa e efeito de comunicação e da socialidade, um corpo que se pavoneia com “piercings”, tatuagens, roupas que apontam um costume, um significado, uma moral, um corpo que privilegia a estética no sentido de experimentar junto emoções, de estar no mesmo ambiente, de comungar gostos e valores e perder-se em uma teatralidade que permite que esses elementos superficiais das coisas e das pessoas façam sentido.

Dessa forma, pode-se procurar a profundidade das coisas pelo corpo que se deixa ver, um corpo como invólucro que se liga ao corpo social que une natureza e cultura. O próprio corpo aparece e desaparece no corpo coletivo. Nessa perspectiva, faz-se necessário compreendermos o pensamento de Michel Maffesoli. É o que faremos no capítulo subsequente.

COMPREENDENDO MICHEL MAFFESOLI

3. As noções de Michel Maffesoli

Neste capítulo, serão apresentadas as noções fundantes sobre o corpo abordadas pelo sociólogo francês Michel Maffesoli que publicou diversas obras, várias das quais traduzidas para o português, como “No fundo das aparências”; “Elogio à razão sensível”; “O conhecimento comum: Compêndio da sociologia compreensiva”; “A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia”; “O tempo das tribos: o declínio do indivíduo nas sociedades de massa”; “A conquista do presente: por uma sociologia da vida cotidiana”; “Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas”; “A transfiguração do político: a tribalização do mundo”; “A contemplação do mundo”; “A conquista do presente”; “A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna”; “O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas”; “A violência totalitária: ensaio de antropologia política”; “O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade”; “O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade”, além de diversos artigos e entrevistas.

Apontamos como aspecto relevante para esta pesquisa que a obra de Maffesoli coloca o corpo no centro de suas análises. Na contemporaneidade, estaríamos em uma época de transição, deslizando do corpo individual que tomou a modernidade, para um

corpo coletivo, que passa a perceber e a se consolidar nos aspectos que nos levam a estar juntos.

Torna-se necessário, na escola atual, compreender o jovem para, de alguma forma, repensar seu papel, suas relações, seus modos de ver o mundo. O corpo se constitui como aspecto central nesta pesquisa, e, para compreendê-lo, faremos um recorte que tem como foco os discursos e valores presentes e consolidados pelas abordagens modernas e as percepções do mundo e do corpo que esses jovens possuem no tempo presente.

Maffesoli se utiliza de um instrumental teórico, por meio do qual pretende compreender a realidade atual, buscando dar conta dos movimentos e das transformações dos costumes ou das reações da atual sociedade, contrapondo-se às razões da razão racionalizante.

Barros (2008) observa que a iniciativa intelectual de Maffesoli se guia pelo esforço compreensivo, não judicativo ou normativo, propondo produzir conhecimento considerando e aproximando o vivido e o pensado, recusando uma posição valorativa e moralista, utilizando, para isso, o método compreensivo. Para Barros, seu trabalho sintoniza-se com o real imediato, aceita as intuições e se oferece à partilha por meio da linguagem poética, que permite falar o impensável, o que lhe vale figurar entre os pensadores infames, apontado por racionalistas.

Maffesoli busca um modo de conhecimento que integre conhecimentos que foram secundarizados como o frívolo, a emoção, a aparência, ou tudo que se resume pela palavra estética. Não se trataria de recusar a razão, mas de considerá-la em outras dimensões. Para isso, considerar o “prazer dos sentidos, o jogo das formas, o retorno com força da natureza, a intrusão do fútil” (MAFFESOLI, 1998, p.14), faz a complexidade da sociedade, faz com que tenhamos de abdicar o espírito, faz com que apelemos a um conhecimento mais aberto, que Maffesoli denomina de “razão sensível”.

Maffesoli pensa a contemporaneidade a partir de um paradigma que abarque o sensível na sociedade, ou, como cita na obra “No fundo das aparências”, que diminua a dicotomia estabelecida pela modernidade entre razão e imaginário ou entre a razão e o sensível. Para tal, utiliza o pensamento fenomenológico, compreensivo e hermenêutico, que se inicia com Husserl (1859-1938), pelas obras de Georg Simmel (1858-1918), Alfred Schütz (1899-1959) e Max Weber (1864-1920), com a filosofia de Martin

Heidegger (1889-1976), com o pensamento antropológico de Gilbert Durand sobre as estruturas do imaginário e discutindo na atualidade com Habermas, por se encontrar no limite da modernidade.

Maffesoli (1999) classifica o Brasil como laboratório vivo da pós-modernidade, observando que o país teria as condições intelectuais e sociais ideais para que essa socialidade fosse forjada: a importância do corpo, a mestiçagem e a imaginação.

Para Maffesoli (1999, p. 09), estaríamos sucedendo um tempo, deixando de “odiar o presente”, esboçando um mundo reencantado e aceito pelo que é. A recriação do mundo, sua subversão, transgressão são frutos das potencialidades imaginativas. O autor quer pensar em questões que seriam características que nos levam a pensar em um outro tempo social que vem substituindo a modernidade, como o rompimento com a razão, ou a consideração de outras razões, o reconhecimento de que as grandes certezas desmoronaram, as indeterminações sociais que substituem as determinações modernistas, dentre outras questões. Nesse novo tempo, o viver social como estilo está permeado por imagens e simbolismos que constituem a vida em uma grande aventura na qual coexistem razão e emoção.

O autor, em “No fundo das aparências”, salienta que poderia existir uma lógica do conhecimento sensível que estaria na base da *Aesthetica*, ou seja, “no prazer dos sentidos vividos em comum”(MAFFESOLI, 1999, p.71). Tudo o que se relaciona ao corpo foi negado ou relegado à esfera da vida privada, pois ele é caótico, imprevisível, nunca totalmente dominável. O corpo como suporte da vida sensível deve ser “sublimado”. O sensível é, então, negado ou tolerado. Para Maffesoli (1999, p. 76), o sensível “é a condição de possibilidade da vida e do conhecimento”. Na contemporaneidade, quando a experiência estética vem à tona, uma variedade de práticas sociais se destacam, como a experiência artística, a experiência da religiosidade, o tribalismo, a preocupação consigo, o hedonismo, o culto ao objeto, o narcisismo coletivo. Para isso, propõe: “o sensível, enquanto realidade empírica, e o senso comum, enquanto categoria filosófica, tornam a dar gosto a felicidade terrestre....é o que permite considerar a vida um obra de arte” (MAFFESOLI, 1999, p.77).

Maffesoli (1999) insiste no contingente (na razão sensível) e não no conteúdo. Na obra “O conhecimento comum” (2007), em que se refere à sociologia compreensiva, ele pretende trabalhar com uma “dimensão aberta” e, para tal, utiliza o termo “noção”

no lugar do “conceito”. Para ele, o conceito buscaria a verdade, já a noção, a semelhança. A noção é uma instrumentação congruente com o momento vital, enquanto que o conceito estaria muito próximo do que fora a “crítica”, que seria outro termo a ser superado. O conceito significaria tudo aquilo que é fechado, sendo que ele próprio isola o objeto como um produto finito e acabado. No conceito haveria algo de paranóico, que, no grego, significa um olhar de cima, sendo Deus o maior dos paranóicos, como citou Baudrillard. Maffesoli prefere o “pensar com”, a “metanóia”, um pensamento que acompanha a realidade sem criá-la, o que a noção comporta.

Haveria, para Maffesoli (1999, p. 35), uma taticidade contemporânea, que seria um “horror ao vácuo que leva a uma agregação indiferenciada, que faz com que, sem o menor sentido, as pessoas se reúnam”. É uma forma contemporânea de uma relação com o outro que faz a economia da mediação racional e finalizada que, no limite, também faz a economia do próprio sujeito. Essa agregação ou conjunção que ressurgem, entre a exacerbação do corpo ou dos sentidos e da mística ou da religião, seria “o que me liga ao outro, o que me leva a me perder no outro” (MAFFESOLI, 1999, p.75).

Nesses tempos, o laço social se tornaria emocional e é elaborado “um modo de ser (*ethos*), onde o que é experimentado com outros será primordial” (MAFFESOLI, 1999, p.12). Assim, o que foi designado pelo autor como “ética da estética”, a ética é um compromisso sem obrigação nem sanção que não seja aquela de se agregar, de ser membro do corpo coletivo. O que nos introduziria à ética da estética seria a compreensão do laço social a partir de parâmetros “não racionais, que são o sonho, o lúdico, o imaginário e o prazer dos sentidos” (MAFFESOLI, 1999, p.74).

O prazer de estar juntos pode se manifestar colocando em comum os afetos e celebrando essa comunalização, nas refeições, nas festas, nas procissões. Assim, o prazer se torna cultura.

Para Maffesoli (1998), o homem é formado de acordo com o seu meio e com as possibilidades, inclusive as técnicas, disponíveis e, somente assim, a sociedade é possível. Dessa maneira, sua obra parte do pressuposto de que a forma partilhada funda a sociedade, que tem uma função erótica. Fazendo uma leitura dessa palavra no seu sentido mais simples, isto é o que levaria à agregação, gerando uma socialidade eletiva, em que processos de atração e de repulsão se dão por escolha.

Maffesoli, que tem um outro olhar para a contemporaneidade, reflete que estaríamos em uma época de transição, de mudanças, estando a modernidade em crise. Estaríamos, assim, em um tempo de transição. O fim de um mundo não é o fim do mundo. Barros (2008), em suas análises maffesolianas, argumenta que essa mutação poderia ser dividida em três pontos: a saturação do indivíduo, a do estado-nação e a de cunho epistemológico.

O primeiro ponto seria a saturação do indivíduo. Para Maffesoli, a pessoa tem várias máscaras, sendo ela estruturalmente plural, não mais uma identidade, mas de identificações múltiplas. Uma pluralidade do ser considerada uma espécie de esquizofrenia (esquizo significa corte). Nesse sentido, “muda a concepção temporal, que no individualismo o que era considerado era o futuro e na pessoa, o que está em jogo é o instante eterno. A mídia é o verbo dessa contaminação” (BARROS, 2008, p.185).

A segunda virada é a saturação do estado-nação e a emergência de uma entidade global, pensando no império e na tribo. O império é uma espécie de conjunto vazio, como o romano, sendo vago e vasto, com pequenas tribos.

A terceira saturação é epistemológica, com o retorno do sensível, do corpo e da intensidade, mais vivido do que pensado. Uma criatividade da existência, da vida como obra de arte e da estetização da vida social, sendo a estética o compartilhamento de emoções. A rebelião do imaginário seria interna. Se há uma força interna contra uma sociedade racionalista, é pelo fato de haver uma (re)ligação com forças arcaicas e naturais.

Para Maffesoli (1999), estamos no fim das grandes certezas ideológicas, do cansaço que invade os grandes valores culturais que moldaram a modernidade, sendo necessário recuar um pouco para compreender a socialidade que emerge sob nossos olhos. Constata-se, hoje, uma profunda crise dos mitos fundadores da modernidade, ou seja, a sociedade do trabalho, a representação política e o saber científico.

Outro argumento utilizado por Maffesoli (1998, p. 55) que o fez pensar sobre uma outra proposta teórica em que abarque o sensível, é o fato de que “o racionalismo moderno contentou-se em analisar o mundo real, enquanto que a racionalidade aberta leva em conta a realidade em sua totalidade”.

Essa racionalidade aberta traz coisas que fazem pensar, por estarem cada vez mais presentes na vida social, como o onírico coletivo, o imaginário, o lúdico. Segundo o autor, precisamos superar ou alargar as categorias de análise que foram elaboradas ao longo da modernidade, buscando compreender, e não julgar, todos os fenômenos, as ações, as representações humanas pelo que são e não pelo que deveriam ser.

Maffesoli (1998) pretende abarcar a razão interna³, algo que preexiste no coração antes de qualquer construção intelectual. Não somente uma razão pura, mas, citando Ortega y Gasset, uma razão vital de um raciovitalismo⁴ que sabe unir os opostos, operar o conhecimento, e, ao mesmo tempo, perceber as pulsões vitais, saber e poder compreender a existência. O raciovitalismo, para Maffesoli (1998, p. 59), tem o “interesse em não negligenciar nada naquilo que nos cerca, neste mundo, no qual estamos e que é, ao mesmo tempo, sentimento e razão”. Uma razão que tem o mesmo sentido de sua origem no latim, *ratio*, *reason*, *ragione*, que significa que, antes de designar uma causa, designa a reflexão, que, se não for transparente, não é capaz de fazer um efeito.

No trabalho de Maffesoli, a experiência sensível, a vivência, não seria uma negação do saber, como é costume, mas seria uma forma de enriquecer o saber, que não se encontra desencarnado.

Maffesoli (1998) recusa o corte epistemológico, a separação que marcou a qualidade científica de uma reflexão e leva em conta a vivência cotidiana e a sabedoria popular que serve de fundamento e busca compreender a mística do estar juntos, tendo o corpo no centro de análise.

Nesse tempo que seria o fim de uma época, Maffesoli (1999) reflete que a estética, marginalizada na perspectiva do fim da história, poderá se tornar central no tempo do destino, ou pós-história. Estaríamos, assim, incitados a ver a lógica da identidade substituída pela da identificação que estaria se elaborando. Um tempo marcado pela “imagem, pelo sensualismo material ou imaterial, pelo desejo de viver aqui e agora os prazeres do presente” (MAFFESOLI, 1998, p.349-350).

³ Maffesoli (1998, p. 64) destaca que a razão interna é contrária a uma razão separada, intelectualista, desencarnada. Ela é específica, feita de matéria, de concretude.

⁴ Sob a perspectiva epistemológica definida pelo próprio Maffesoli (1998, p. 63), o raciovitalismo é que “existe uma estreita ligação entre um conceito - que caracterize um povo, uma civilização, uma comunidade específica - é o que o exprime”.

3.1 Identidade x identificação

Maffesoli (1999) salienta haver inúmeras constatações empíricas que podem apontar a saturação da identidade, mesmo que a maioria das análises sociológicas ou artigos jornalísticos se comportem como se nada estivesse acontecendo: defesa ou cegueira dogmática.

Barros (2008), em um seminário em que Maffesoli estava presente, observou que há uma passagem da identidade (de conotação ideológica) a uma forma de identificação (conotação imaginal), sendo a identidade, uma característica da modernidade, e a identificação, da pós-modernidade. Vivíamos com um perfil delineado, uma profissão segura, um projeto de vida, e, na atualidade, o perfil é mutante, o projeto é ocasional e o futuro, incerto. O que vale é o presente.

Estamos em uma época de incertezas imediatas, sejam elas ideológicas, políticas, sexual ou outras, que vêm sendo expressas em prefixos como o “meta” ou “trans” e fundamentam as “culturas do sentimento”(MAFFESOLI, 1999, p.37). Para o autor, essas culturas podem ser imorais em relação às normas estabelecidas. De início são combatidas, depois toleradas e, em seguida, aceitas, capilarizando-se no corpo social. É o que permite compreender o deslize de uma lógica da identidade para uma lógica da identificação. A primeira, essencialmente individualista, e a segunda, muito mais coletiva, o que faz com que a cultura do sentimento seja consequência da atração: “agregamos-nos segundo as ocorrências ou desejos” (MAFFESOLI, 1999, p.37).

A identidade estaria hoje sendo abandonada em favor de uma outra lógica. Para Maffesoli (1999), a identidade predominou na modernidade. O fenômeno do tribalismo, como força agregadora, faz com que haja o deslocamento da lógica da identidade para a lógica da identificação. A identidade na modernidade estabeleceu referências com o indivíduo autônomo, senhor de suas ações. Já a lógica da identificação põe em cena a “pessoa”, em uma teatralidade em que são utilizadas máscaras variáveis de acordo com o sistema emblemático com o qual se identificam, podendo ser um herói, um santo, um jornal, um guru, um território, um time, suscitando a adesão.

A lógica da identidade, que serve de suporte ao individualismo, é algo relativo, permitindo seu deslize à lógica da identificação, já que houve uma saturação da identidade estável. A barroquização do mundo, o prazer dos sentidos, o reino das aparências, a naturalização da cultura se aproximam e se manifestam pelo mesmo deslize da identidade em direção à identificação. O desejo de estar junto, o prazer do lúdico de exprimi-lo é o que levou ao equívoco de tomar como o retorno do individualismo o que apenas é um narcisismo coletivo.

A identificação pode assumir a forma do transe religioso, do musical, da máscara, da indeterminação sexual, do ecletismo ideológico, da versatilidade política, das vestimentas, que agem em retorno com as características do mito, para tornar as pessoas partes de um mesmo grupo. Nas pluralidades das relações é que se vão “construir a pessoa em sua relação consigo mesmo, com outrem e com o mundo”. (MAFFESOLI, 1999, p.316).

Para Maffesoli (1999, p. 303), o sujeito cede lugar à pessoa: “o eu é apenas uma ilusão ou, antes, uma busca um pouco iniciática; não é nunca dado, definitivamente, mas conta-se progressivamente, sem que haja, para ser exato, unidade de suas diversas expressões”. Maffesoli (1999, p. 305) assevera que, nesse contexto em que o eu é uma ilusão, o sujeito seria “um efeito de composição”, diferente de um conceito previamente estabelecido.

A modernidade apontava que o indivíduo deveria ter uma identidade, surgindo da obrigação em que o mundo deveria ser isto ou aquilo. A existência do eu é construída na relação, na lógica comunicacional, permitindo sair do seu egocentrismo, ultrapassando sua ilusão ontológica. Na lógica da identidade, Maffesoli (1999) adota a perspectiva heraclitiana que, considerando só casos da experiência, sem preconceitos estabelecidos em que o eu é feito pelo outro, que pode ser a família, a tribo, Deus, além de outros “eus” que estariam em nós.

O autor faz uma diferenciação entre indivíduo e pessoa. Há uma dupla natureza da individualidade de base: uma que considera a forma do indivíduo, que tem uma identidade forte e particular, outra em que o indivíduo se perde em um processo de pertencer a um conjunto vasto, produzindo a pessoa (persona) por um procedimento de identificações sucessivas. Segundo Maffesoli (1999, p. 309), “ao indivíduo, oposto a pessoa, corresponderia a identidade, oposta a identificação”. Nesse sentido, a

individualidade, por um lado, é autônoma, relaciona-se a si, e, de outro, é heterônoma, relaciona-se ao outro.

Abrimos aqui um espaço para a noção de pessoa apontada por Da Matta (1987), encontrada pelo autor nas tribos de ameríndios, mas que pode se aproximar também das tribos urbanas contemporâneas. Nestas a concepção de corpo está ligada à sua concepção de pessoa, não concebida como ser substantivo, dado ou acabado, mas como um ser em processo permanente de transformação e aberto a experimentar diferentes possibilidades de metamorfose, diferente da noção ocidental centrada na noção de indivíduo. O corpo ameríndio não é uma substância fixa dada pela natureza, mas um corpo praticado, um corpo em performance, em um conjunto de atitudes, de afecções, de modos de ser. O autor salienta que os corpos, para esses indígenas, são outros e são eles também a diferença, porque, talvez, no interior dessas culturas e sociedades, seja possível encontrar a *diferença*.

Essa constituição da pessoa nessas tribos, com foco no que Da Matta chama de corporalidade, estendeu-se para uma série de fenômenos contemporâneos que colocaram o corpo no centro da produção acadêmica mais recente. Como exemplo, o autor cita as chamadas novas identidades urbanas, formadas por grupos de jovens que compartilham de uma mesma estética corporal, com um tipo de vestimenta, tatuagens, “piercings”, tipos de cortes e penteados de cabelos, que evidenciam a dimensão corporal ou corporificada da experiência. Ao serem inscritos por esses símbolos, significados e valores culturais, cada membro desses grupos estaria se constituindo como um determinado sujeito com uma determinada corporalidade (corpo), que constrói uma determinada pessoa que carrega a experiência individual e coletiva. Para os autores, o corpo é o ponto de convergência da oposição individual e a coletiva ou social.

Assim, sem adotarmos o referencial de Da Matta, mas apontando a aproximação das noções de pessoa com as de Maffesoli, retomamos as questões levantadas como foco no momento.

Maffesoli (1999) aponta que outro fator diferencial da socialidade é que a pessoa (*persona*), que representa papéis e muda o seu figurino conforme seus gostos e momentos, tem a chance de participar de quantas tribos desejar, sua motivação é afetiva, subjetiva, é o estar juntos que se torna relevante. O paradigma estético permite pensar-se em uma configuração societal alternativa e em um momento em que o “eu” vive em

meio a um turbilhão de incertezas imediatas, de várias espécies, incluindo a incerteza sobre a existência de uma identidade, que fundamenta as culturas dos sentimentos. Na concepção do autor, há o deslize de uma “lógica da identidade”, individualista, para uma “lógica da identificação”, que é muito mais coletiva.

Maffesoli (1999, p. 326) ressalta que o deslizamento da identidade para a identificação não determina que a identidade desapareça. Também essa pulsão de se identificar com o outro está presente na modernidade, pois “não há cultura sem identificação”. A formação do homem se dá pela transmissão de valores e, para integrar-se, é necessário identificar-se com esses valores.

Ainda discutindo o indivíduo e pessoa, haveria uma bipolaridade. O indivíduo (fechado) e a pessoa (aberta) teriam uma tendência geral que vai ser causa efeito de um espírito do tempo. O predomínio da pessoa (persona) ocorre em um primado da comunicação, seja religiosa, seja festiva ou também nos ambientes emocionais da comunidade, um pensamento político que favorece a microorganização, a associação, a comuna. O denominador comum disso é que a pessoa constrói-se na e pela comunicação, com “forte componente hedonista onde todas as potencialidades humanas, a imaginação, os sentidos, o afeto, e não apenas a razão participam desta construção” (MAFFESOLI, 1999, p.310), sendo isso que permite falar em abertura da pessoa aos outros, às diversas características do eu.

As inclinações sociais que fazem a sociedade podem ser explicadas pelo aspecto aberto da pessoa, “em direção ao outro e aberto em mim” (MAFFESOLI, 1999, p.312). Nas pessoas, as múltiplas máscaras fazem prevalecer o conjunto sobre o particular, ou seja, do outro que pode ser reconhecido em si.

Para Maffesoli, há uma limitação na identidade, constatada na forma em que, ao se ver uma imagem bela, pela lógica da identidade, não se veria com plenitude a realidade por ela exposta, enquanto a multiplicidade das aberturas o possibilitaria. O autor fala que “somos vários”, somos sempre outro além do que esperam que sejamos.

As discussões e pesquisas em torno da identidade nos últimos anos levaram ao ápice da educação, ao apogeu da socialização. Entretanto, assistimos agora à passagem da identidade para as identificações múltiplas. Nesse sentido Maffesoli (1997, p. 28) afirma que “é essa passagem que me parece fundar o nascimento, talvez seja melhor dizer, o renascimento de formas tribais de existência”.

Segundo o autor, mesmo se perdendo, o processo de identificação é uma sequência de sinceridades que tem o objetivo de perdurar o corpo social. Entretanto, ao se perder, sua estrutura se mantém e surge outra forma de identificação. Assim, um grupo somente poderia constituir-se e perdurar, a partir de um polo idealizado. Essa afirmação de Maffesoli (1999) é sustentada pela perspectiva freudiana do “totem”. As figuras idealizadas apresentariam um mecanismo de atração, uma estética que tem função ética e exercem atração, suscitando o laço social. Esses totens, que têm uma aura atrativa, apresentam-se hoje como a nação, a organização, a tribo, a seita, que configuram o fenômeno que o autor chama de reversibilidade. O objeto, totem, teria um poder de imantação, que também pode se saturar, mas sua estrutura perdura e um outro objeto passa a desempenhar essa função de agregação.

Para ele, do ponto de vista fenomenológico, na orbe da socialidade contemporânea, o ambiente estético é o que predomina e as emoções coletivas resultam em uma série de identificações em que se apresentam menos o indivíduo, unificado, do que a pessoa, com várias máscaras. A agregação ocorre para fazer alguma coisa junto ou não fazer nada. O estar juntos é o que importaria.

Assim, a identificação seria um modo de se deter o tempo que passa, o eu que quer fazer durar os bons momentos e, na fusão, torna o instante eterno.

3.2 Tempo histórico: as épocas racionais e as épocas emocionais

Outra característica que aponta que vivemos uma época de mudanças é a noção de tempo histórico. Maffesoli destaca que existiriam basicamente duas formas para caracterizá-lo - as épocas racionais e as épocas emocionais - que se sucedem progressivamente.

Para Maffesoli (1999), o indivíduo é um modo de ser das épocas históricas racionais, e a pessoa, das épocas emocionais. O indivíduo, que é um ser único e singular, pertencente a um grupo com características distintas de outros grupos, ou a pessoa (*persona*), que é um ser de variadas coletividades cimentadas pela experiência sensorial e sentimental compartilhadas.

O autor afirma que a pessoa surge em tempos em que a lógica da emocionalidade predomina. Ao falar de pessoa, refere-se etimologicamente à *persona* com a sua máscara social, que são os diversos papéis que a pessoa desempenha nas várias dimensões da vida e nos grupos de pertença, atuando em um mundo como se fosse uma grande teatralização. Seus personagens encarnariam um pouco dela mesma em cada espaço de atuação, de acordo com seus gostos sexuais, culturais, religiosos, mas não constituiriam a sua totalidade.

A contemporaneidade seria um tempo da ordem dos afetos, da emocionalidade e não mais do racionalismo contratual. Nesse tempo, apresenta-se um sentido de atmosfera ou de um elemento essencial que seria uma atmosfera histórica, como a de uma copa do mundo. A isso, Maffesoli (2003a) chama de ambiência ou dimensão climatológica.

As sociedades são regidas por racionalidades ou subjetividades coletivas. A emergência da emocionalidade surge em determinadas épocas devido à deteriorização da racionalidade predominante naquele momento histórico. Para Maffesoli (2004, p. 20), esse ciclo se daria, então, pela saturação e que, em seguida, viria “a recomposição, sendo, talvez, essa a única lei que podemos identificar no curso caótico das histórias humanas!” A cada ciclo, a lógica se repetiria, embora essa repetição seja acompanhada de uma evolução das sociedades.

Isso aponta para uma aproximação com o caos, o que possibilita um menor controle da racionalidade dando espaço para a emergência da emocionalidade, do mesmo modo, Maffesoli (1995) argumenta haver o retorno à racionalidade no esgotamento de um tempo de emocionalidade.

Para Maffesoli (2003a, p. 58-59), há épocas racionais em que a ideia da vontade, da ação, do sentido do projeto e do futuro predominam. Em outras épocas há um ajuste, uma acomodação dessa visão que se ajusta, ocorrendo a percepção da fugacidade, do sentimento de finitude e a “preferência à contemplação e ao gozo do mundo, ao presenteísmo lhes serve de vetor, e assim, consomem, com intensidade, tudo o que vivem”. Na pós-modernidade, a marca desse tempo é a inovação tecnológica.

Assim, segundo o autor, indivíduo e pessoa interpretam o tempo de formas diferenciadas. Para o indivíduo, o tempo é linear, cronológico, permitindo a contemplação do futuro como negação da morte. Para a pessoa, o tempo é presente,

fugidio, e é nesse tempo que tudo se esgota e finaliza pela incorporação da morte como um aspecto da vida.

A questão do tempo e da repetição para o homem tem relação com a percepção da finitude ou da morte. Uma tragédia que nos diz que só vale o que sabemos que vai acabar. Maffesoli (2003b) observa que a aceitação do presente, por mais paradoxal que possa parecer, é uma maneira de expressar a aceitação da morte. Nessa perspectiva, o autor ainda reflete que o tempo é representação da morte, porque nele se findam todas as coisas no “prazer do instante eterno” (MAFFESOLI, 1999, p. 60). Desse modo, aceitar-se-ia essa característica do tempo vivenciando o presente, ou negando-o, imaginando-se um tempo futuro como um dado real idealizado. Assim, viver no presente é viver sua morte de todos os dias, afrontando-a e assumindo-a.

Para Maffesoli, o tempo é cíclico, havendo um eterno finalizar e reiniciar, sendo o tempo eterno, o tempo inexistente. Nesse sentido, tempo seria uma interpretação subjetiva do indivíduo-pessoa.

3.3 Socialidade

Outra noção posta por Maffesoli (1999) é a de socialidade, que se diferencia da sociabilidade. Ambas têm relação com a alteridade, pois estão relacionadas ao estilo de vida, mas se diferenciam. A sociabilidade se exprime pela polidez, rituais, civilidade, vizinhança e a socialidade, mais complexa, constitui a memória coletiva, simbólica, imaginário social.

A noção de socialidade remete à ambiência de uma época, que, na atualidade, volta-se a um sentimento de comunidade que é marcada, predominantemente, pelo corpo coletivo sobre o individual. Maffesoli (1999) reflete que somente podemos compreender a ambiência de uma época, se for através do que se deixa ver, na profundidade e na aparência. Como exemplo do que se deixa ver, uma roupa é um signo, um meio de se comunicar, que aponta um costume, uma moral.

Buscando compreender as mudanças dessa ambiência sofridas nos últimos tempos que fazem com que a sociabilidade e a socialidade se diferenciem, o teórico remete a características da modernidade e pós-modernidade. A modernidade era regida

pela estrutura social. Grupos estruturados, permanentes ao longo do tempo e formados por indivíduos que compartilhavam características determinadas, ou seja, identidades. Estas remetem ao indivíduo, um ser centrado, unificado, racional, consciente e ativo (HALL, 2002). Na perspectiva de uma identidade, Maffesoli (1999) cita que o indivíduo podia atuar no âmbito de um partido, de uma associação ou de um grupo estável.

Na pós-modernidade, para Maffesoli (1999), a formação grupal estruturada em classes ou do proletariado deixou de existir e surgiu a socialidade, que é um movimento das massas que não se funda na lógica da identidade, mas na lógica da emocionalidade, das experiências e dos sentimentos compartilhados.

Maffesoli (2006) também cita a metáfora das tribos, que permitiria compreender o processo de desindividuação que se deslocaria de uma ambiência do social na modernidade para uma ambiência da socialidade na pós-modernidade, apresentando características que se deslocam da estrutura mecânica para a estrutura complexa ou orgânica, das organizações econômico-políticas para as massas, dos indivíduos (função) para pessoas (papéis), dos grupos contratuais para tribos afetuais. No estilo pós-moderno, o particular se apaga para dar lugar ao típico, podendo se observar, nesse cenário, por exemplo, o tipo musical, tipo político, tipo guru etc.

Maffesoli (1999, p. 259) também chama de socialidade todos os “sentimentos que vão nascer, crescer, fortalecer-se essas inter-relações feitas de atrações e repulsões, todos esses pequenos nada que fazem o todo, que chamo de socialidade. Coisas que se resumem ao termo interacionismo simbólico”.

Na noção de socialidade estão presentes as noções de comutabilidade, reversibilidade e sinergia⁵, que possibilitam compreender a pluralidade do viver social.

⁵ Maffesoli (1996, p. 99) define que a noção de comutabilidade indica um estado de ordem relacional que privilegia a coexistência de elementos de um sistema, sem impor, a nenhuma das partes, uma posição única ou estática, possibilitando que cada elemento do sistema possa estar ligado a outros, formando novas configurações, o que não impede de constituírem, entre si, uma rede, um todo, mais ou menos expandido pela participação e pela correspondência comum. Esse pertencimento comunitário desemboca na noção de reversibilidade, que demonstra a dinâmica dos sentidos construídos socialmente através dos centros de referência e demonstra que “nada é absoluto, mas que cada coisa vale enquanto estiver em relação com o conjunto das pessoas e das coisas”. Sinergia, ou sentido cinestésico, vem a complementar as duas categorias anteriores. Sinergia supõe uma “harmonia conflituosa”, ou seja, o equilíbrio de forças conflitantes que atritam ou se atraem por suas diferenças constituintes, quer dizer, a partir de sua diversidade.

As três categorias não existiriam sem o confronto entre as forças ativas ou reativas que agem na vida social possibilitando o aparecimento das formas e das figuras sociais.

No processo de reversibilidade e comutabilidade, o imaginário mantém uma relação entre a parte e o todo, o que permite definir, dar forma ao sistema e ao fragmento, ou seja, tanto ao “self” como ao nós comunitário. Esse jogo de identificação e diferenciação, de interação e correspondência, reforça a socialidade e as singularidades sociais.

No livro “No fundo das aparências” (1999), o autor fala sobre o sentimento de existir, entre as paisagens do corpo, da alma, do social, dos ajuntamentos, da sinergia de uma massa global que se harmoniza no movimento material, espiritual e natural do corpo social do qual somos portadores em direção à alteridade, à singularidade e ao devir.

Maffesoli (1999, p. 34) enfatiza que a socialidade contemporânea “é tomada num verdadeiro transe, onde num movimento sem fim, circulam as aparências, as pertinências, as diversas personalidades sincretistas e a multiplicidade das culturas que trabalham no corpo”.

3.4 Formismo

Uma das características do trabalho de Maffesoli (1999) em sua sociologia compreensiva é a utilização da noção de formismo, que é o estudo da relação sujeito-fenômeno-forma, que, enquanto “apresentação”, relata a estrutura orgânica, própria das culturas nascentes, além de mostrar “o exterior” ou a superfície. O formismo teria a função de permitir apreender o aspecto aleatório e a coerência profunda da existência social.

Maffesoli (1999, p. 145) qualifica de formismo, ao valorizar a aparência, a articulação do conjunto do que aponta como os quatro pivôs essenciais em que a estética social parece se organizar: “a prevalência do sensível, a importância do ambiente ou do espaço, a procura do estilo e a valorização do sentimento tribal”, que vem a caracterizar a cultura em um determinado momento.

A proposta de Maffesoli (1998, p. 82), para o formismo, é de que prevaleça a aparência, a necessidade de levar a sério o que se considera frívolo. A “forma seria a matriz que gera os fenômenos estéticos que delimitam a cultura pós-moderna” que permite a conjugação, favorece o atalho, é o centro da união, delimitando a socialidade. Em suas palavras, a forma é formante, ela faz a sociedade, sem deixar de valorizar o corpo, as imagens, a aparência. Em sua razão interna, ela é imagem do corpo social em seu conjunto, em sua pluralidade.

Maffesoli (1999,) afirma que a forma faz a mediação entre o eu e o mundo natural e social. Aponta também que o formismo faz passar de uma lógica da identidade para a lógica da identificação.

A forma exerce uma força de atração, ela acentua, caricatura-se, carrega no traço, faz sobressair o invisível, o subterrâneo, o que a ciência oficial nem sempre distingue. Maffesoli (1998) recorre a Simmel buscando um esclarecimento sobre a forma. Seria sua justaposição que permite adquirir um valor estético, de modo que uma palavra banal, uma cor ou outro fragmento qualquer são indiferentes, sendo que a justaposição de uma multiplicidade de cores, de palavras é que se tornariam obra de arte. Assim, as particularidades e as justaposições se tornam importantes.

A força da forma encontra-se no fato de que ela impõe uma emoção coletiva orientando as vontades individuais, por isso ela faz sociedade. O invisível (coibição) tem de ser mostrado pela visível (liberdade). A forma justifica o geral e o particular ao mesmo tempo, “o universal concreto” (MAFFESOLI, 1999, p. 146).

O formismo se diferencia do formalismo, conforme salienta Maffesoli (2007, p. 115). O formalismo se “empenha em dar sentido a tudo o que observa, dando razão e submetendo à razão e o formismo se contentaria em delinear, de modo a não reduzir os valores plurais e muitas vezes antagônicos da vida corrente”.

O formalismo seria também, para Maffesoli (1999), a arte pela arte. A arte somente emociona aqueles que a compreendem como signo, e o autor propõe a superação do formalismo, ou da arte pela arte. Essa superação se dá pelo fato de que haveria uma autonomia das formas, já que elas, necessariamente, não têm mesmo sentido para diferentes grupos, constituindo não uma autonomia em si, mas uma autonomia em relação a outras formas, o que a torna relativa. Assim, a forma teria ver com o grupo particular, sendo o que ele chama de “formismo”, entendido como “o que

permite a um determinado grupo constituir-se enquanto tal, permitindo ser totalmente autônomo em relação a outro” (MAFFESOLI, 1999, p.39).

Também o formismo captaria e integraria as dimensões apontadas por Fourier, sobre a expressão utilizada por esse autor, o hiper-racionalismo, que considera, para análise, o universo que toma tanto os elementos clássicos em ação na organização social, quanto uma dimensão afetual, que integra a admiração, a participação coletiva em figuras emblemáticas. Estas são as tendências de uma nebulosa existencial, viva e efervescente, e outra de representações coletivas que exprimem sua tendência.

Nossa tradição seria substantiva, importando mais o conteúdo do que o contingente ou a forma. Essa lógica integra todos os elementos da realidade social. Maffesoli (1999, p. 140) cita Ehrenfels, que utiliza o conceito de Gestalt, sustentando que “as formas são mais gerais e mais permanentes que seu conteúdo”. O autor ainda adverte que o essencial da forma é que cada fragmento contém o mundo na sua totalidade. A forma é uma aglomeração e se inscreve organicamente, “onde tudo se mantém, onde tudo corresponde” (MAFFESOLI, 1999, p.143).

O formismo não é judicativo ou normativo. Cada configuração é tomada pelo que é. A forma é elaborada a partir de dados observáveis, sem que se suspeite ou o critique: “apreciar cada coisa a partir de sua lógica, sua coerência subterrânea, e não de um julgamento exterior que dita o que ela deve ser” (MAFFESOLI, 1999, p.143).

A sociologia simmeliana pode representar o que diferencia os modos de pensamento entre o moderno e o contemporâneo. A modernidade caracterizou-se pela fixidez, expressa nas formas de pensamento como na ideia de verdade, de identidade, na universalização de conceitos, de valores dentre outros, enquanto que a contemporaneidade é o movimento que predomina. Nesse sentido, Maffesoli se refere a Simmel, no que diz respeito aos conceitos da fixidez e alteração propostos pelo autor, considerando que a modernidade consolidou um pensamento com um ser inalterável que confere às coisas o caráter de uma fixidez absoluta.

Waizbort (2008) esclarece que esse modo de pensamento ocorre quando vemos o mundo a partir de sua substância, chegando assim à ideia de uno e de totalidade. Entretanto, a forma se transforma incessantemente em outra, passando o mundo a ser visto em um movimento eterno. Simmel (1991) aponta para uma realidade em fluxo infatigável, na qual ocorrem “instantâneos”, que são momentos de um complexo de

movimentos que se congelam na forma, ou em “instantâneos paralisados”, em suspensos momentaneamente. Nesses instantâneos, pode-se perceber uma fixidez por trás do movimento. As formas seriam, assim, cristalizações momentâneas de movimentos. Assim sendo, Simmel realizou suas investigações acerca das formas de socialização, nas quais se cristaliza um movimento resultante de interações históricas, mas que continuam em movimento.

Simmel também argumenta sobre um dualismo da existência que estaria situado no metafísico e na empiria, onde ou tudo é fixo, ou tudo flui, ou seja, ou movimento ou fixidez. A fixidez se relaciona à lei eterna e imutável, ao intemporal, enquanto que o movimento se refere ao efêmero, à realidade histórica.

Assim, são duas visões de mundo, consideradas por Simmel como visões que se apresentam no mundo moderno. Seu exemplo está no dinheiro, apresentado pelo autor como coisa mais fluida do mundo (movimento) e, ao mesmo tempo, mais estável (fixidez), sendo fixo e móvel simultaneamente. Percebe-se o que Maffesoli aponta como característica pós-moderna: o retorno do arcaísmo e sua junção ao movimento, ao nomadismo, ao comércio das trocas de bens ou afetivas.

Assim, Maffesoli propõe o conceito do formismo, que diz respeito à relação sujeito-fenômeno-forma, enquanto “apresentação”, mostrando “o exterior” ou a superfície. Pelo formismo, pretende-se apreender o aspecto aleatório e ou a coerência profunda da existência social.

3.5 A ética da estética, o estilo ético afetivo ou a solidariedade de base

Para Maffesoli (1999), há um momento em que a estética se transforma em ética. O autor, concordando com diversas correntes, afirma que a moral é universal e a ética, particular. Por ser particular, funda uma comunidade que vale por um determinado tempo, elaborando-se a partir de um território real ou simbólico. Isso faz com que se tenham “imoralismos éticos” (MAFFESOLI, 1999, p.16), já que os laços sociais são

marcados por éticas particulares, que, muitas vezes, são amorais, imorais ou pelo menos relativos, quando comparada a outro grupo.

Maffesoli (1999, p. 39) explica que ética quer dizer “aquilo que a partir de algo que seja exterior a mim, possa operar um reconhecimento de mim mesmo”. A ética que prevalece na atualidade se encontra no sentido nietzcheniano, sendo que é considerado ético tudo o que fortalece a coesão do grupo no qual a pessoa se encontra bem.

A estética pode ser compreendida “como a faculdade de sentir em comum” (MAFFESOLI, 1999, p.28). O experimentar em comum, constante nas artes, suscita valor, sendo vetor de criação, tornando-se a própria vida social uma potência coletiva, uma arte generalizada. A existência pode, desse modo, tornar-se uma obra de arte e, para isso, o autor desenvolve o pensamento da barroquização das sociedades contemporâneas.

A vida social está cada vez mais impregnada por agregações favorecidas pelo movimento de atrações e repulsões que se formam pelo que chama ética da estética. Daí surgem os grupos, as agregações em clãs, as igrejas, os partidos, ou qualquer entidade que se constitua para legitimar uma prática, prevalecendo a forma tribal. Essa atração, produzida pelas sensibilidades, pode engendrar novas formas de solidariedade. É desse modo que a lógica da identificação vem substituindo a lógica da identidade que prevaleceu na modernidade.

Maffesoli (1999, p. 37-38) explica que a pessoa busca ser membro de um corpo coletivo, não existindo, todavia, sanção por encerrar o interesse que liga o indivíduo ao grupo. E a ética, dessa forma, é compreendida como “sem obrigação nem sanção”, que não seja se agregar, de ser membro do corpo coletivo. Assim, o autor aponta a “ética da estética: o fato de experimentar junto algo é fator de socialização”.

Ao buscar a agregação, a pessoa se insere em um ambiente estético, impulsionando-se pelo jogo ali presente. O grupo favorece esse jogo, seja ele esportivo, das bolsas, político, eletrônico, tornando-se a sociedade um jogo. Assim, seria a ética que agregaria o grupo, no qual ela se torna estética pela emoção comum e vice versa, ou seja, “uma ética pode jorrar de uma estética” (MAFFESOLI, 1999, p.20).

Maffesoli destaca ainda que a separação entre ética e estética é recente e nunca constante. O cristianismo teria trabalhado para que ela se impusesse, secundarizando ou negando o prazer, que foi associado ao imoral. Para Maffesoli (1999), a

contemporaneidade se opõe às doutrinas ascéticas, de forma que o prazer pode ser vivido como modo de apropriar-se do mundo e a vida produtiva esboça uma conjunção entre prazer e trabalho, ultrapassando a distinção entre prazer e ação ou entre a estética e a moral. Para o autor, na pós-modernidade, a ligação entre ética e estética seria um conjunto de sensibilidades alternativas que sucederam as que prevaleceram durante a modernidade. Seria a saturação de um episteme, que se faz necessário compreender, pois se situa “entre o fim de um mundo e o nascimento de outro” (MAFFESOLI, 1999, p.26).

Esse processo aponta a saturação dos valores dominantes, que determinariam o fim de um mundo, e que foram aceitos e partilhados contratualmente pela maioria, agregando a pessoa a pequenos grupos ou ‘séries’ de grupos com uma multiplicidade de valores muitas vezes opostos.

Isso, equivocadamente, levou a que se falasse de narcisismo, pois estaria vinculado a uma análise sobre um mundo individual. Entretanto, para Maffesoli (1999, p. 38), poder-se-ia denominar de narcisismo coletivo, causa efeito de um mundo de vida, sem deixar de ser individual, pois põe em evidência a estética, ao promover um estilo particular, um modo de vida, uma vestimenta, um valor sexual, sendo “da ordem da paixão partilhada”.

Maffesoli (1999) dedica um capítulo ao “*Homo estheticus*”. Seu questionamento parte do princípio de que todas as épocas permitem o estar juntos. Em determinadas épocas, o estar juntos pode se exprimir enquanto *morale stricto sensu*, ou seja, assumindo uma forma dominante, universal, rígida que privilegia o projeto, a produtividade, o puritanismo, em uma lógica do dever-ser. Em outras, o valor se volta ao sensível, à comunicação, à emoção coletiva, sendo mais dependente dos grupos ou tribos, um *ethos* que vem debaixo, constituindo-se, então, uma ética.

No tempo atual, a ética estaria ligada à estética, existindo a presença do imaterial no seio do material. Essa presença aparece, por exemplo, nas imagens imateriais que a mídia utiliza, no âmago do real que tem um irreal, fazendo com que nos distanciemos de uma sociedade mecânica que foi a modernidade.

Para Maffesoli (1999), as sociedades politeístas segregam o espírito do tempo, criando o paradoxo em que, sem ter unidade, não deixam de possuir certa unicidade⁶. Desse modo, a estética garante a sinergia social e as convergências das ações, das vontades, trazendo equilíbrio, ainda que conflitual.

De acordo com o autor, existiria um estilo-estético-afetivo do viver social na atualidade, em que emoção e razão coexistem como marca de um tempo, tornando mais próximas as experiências vividas em comum. Esse estilo é permeado por imagens e simbolismos que constituem a vida em uma grande ou banal aventura. Constitui, além disso, um processo ético-estético que coloca em jogo uma paixão operante, cuja vitalidade compõe a base de toda socialidade ou solidariedade de base, em que o corpo coletivo predomina sobre o individual. A comunidade envolve um fluxo afetivo que concretiza essa “solidariedade de base”, que aglutina os indivíduos pela vontade de ligação instaurada pelo simples fato de estar juntos.

A solidariedade de base reafirma o *ethos* do viver comum, aglutinando os indivíduos pela vontade de ligação instaurada pelo simples fato de estar juntos, envolvidos pela banalidade da vida cotidiana. Esse sentimento de agregação, esse compartilhar acentua, conforme o autor, o caráter ético da emoção estética. Ele faz com que o pertencimento aos grupos, ou às tribos, transforme-se no cimento que sustenta a vida social. Portanto, a argamassa que fundamenta a comunidade está apoiada por elementos e objetos concretos, como: a ação militante, os grandes eventos culturais, a moda, a caridade, a ação voluntária etc. Entretanto, esses elementos devem ser reconhecidos como pretextos, pois sua função é possibilitar e legitimar a relação de alguém por outrem.

A relação entre a solidariedade de base e a emoção estética é o que permite a emergência de um estilo ético-estético-afetivo. Uma ambiência comunitária com orientação em direção ao outro cria uma correspondência social acentuada pela empatia, de onde surge o que Maffesoli chama de “estetismo”, alicerçando o “formismo” de sua teoria.

Também essa estruturação de base, ou socialidade de base, está igualmente vinculada aos palcos ou cenários onde se desenrolam as cenas da vida cotidiana: os

⁶ Para Maffesoli (1999, p. 32), “enquanto a unidade exprime uma entidade fechada e homogênea (identidade, indivíduo, estado-nação), a noção medieval de unicidade traduz a abertura, o heterogêneo (identificação, pessoa, policulturalismo)”.

shoppings, os eventos esportivos e culturais, os grandes eventos religiosos, a vida nos condomínios, as relações de vizinhança de toda a ordem, lembrando que formas e conteúdos são uma e mesma coisa.

A ambiência estética se desenvolve nos espaços-tempos sociais e, com isso, poderíamos falar de um estilo de um tempo que se vincula à sensibilidade coletiva e/ou estabelece nexos a partir da emoção que alimenta o vitalismo social. Essa emoção permite falar de uma ética-estética porque brota da vida em comum.

O autor afirma que a ligação existente entre a emoção estética e a socialidade (ou solidariedade de base) promove a relação que possibilita a emergência de um viver ético-estético-afetivo, que surge da ambiência comunitária e se fortalece pelos princípios de simpatia social. Trata-se mesmo de empatia⁷ porque tal sentimento pode ser compartilhado através da generosidade de espírito, da proximidade e da correspondência mútua entre as pessoas.

O estilo estético afetivo exalta a ideia de um sentimento de se religar aos sentidos sociais, ou ainda, de religação ao outro, permitindo pensar uma ética da estética nascida no cotidiano com seus significados vivenciados em comum, em que a ética é um compromisso sem obrigação nem sanção, sem nenhuma outra obrigação que não seja aquela de se agregar, de ser membro do corpo coletivo.

Para Maffesoli (2005), o estilo estético, ao se tornar atento à globalidade das coisas, à reversibilidade dos diversos elementos dessa globalidade e à conjunção do material com a imaterial, tende a favorecer um estar juntos que não busca um objetivo a ser atingido, não está voltado para o devir, mas empenha-se, simplesmente, em usufruir dos bens desse mundo, em cultivar aquilo que Michel Foucault chamava de cuidado de si ou uso dos prazeres, em buscar, no quadro reduzido das tribos, encontrar o outro e partilhar com ele algumas emoções e sentimentos comuns.

⁷ A noção de empatia ressalta a emoção comunitária, isto é, um movimento em direção ao outro que assinala a disponibilidade de compartilhar experiências que brotam das razões e das sensações do pluralismo societal. Portanto, essa orientação em direção ao outro, essa correspondência social é acentuada pela ideia de empatia e se constitui em característica exemplar do estetismo, ou estilo estético afetivo.

3.6 O paradigma estético

Maffesoli (1999, p. 55) aponta o que poderia ser a hipótese central de sua proposta: o paradigma estético é o único capaz de justificar toda uma constelação de ações, de sentimentos e de ambientes específicos do espírito do tempo pós-moderno: “tudo o que se liga ao presenteísmo, no sentido da oportunidade, tudo remete à banalidade e à força agregativa, numa palavra, à ênfase do *carpe diem*, hoje renascente, encontra na matriz estética um lugar de eleição”.

O ponto de ligação desses elementos é a função de religação ou mesmo de uma condição pós-moderna, conforme cita Lyotard (1998), um estilo diferente de ver o mundo, quando, em lugar do dever histórico do homem, acontece a integração plena do cidadão em comunidades.

Para Maffesoli (2007), estaríamos vivendo um paradigma estético, que é sustentado pelo argumento de que a pessoa só existe na relação com o outro, o que daria sentido ao ato de vivenciar ou sentir em comum. Isso superaria a dicotomia sujeito/objeto, ao enfatizar muito mais o que une do que o que separa. A tônica da atualidade seria a estética. Para o autor,

Enquanto a sociedade privilegia os indivíduos e suas associações contratuais e racionais, a socialidade vai acentuar a dimensão afetiva e sensível. De um lado está o social que tem uma consistência própria, uma estratégia e uma finalidade. Do outro lado, a massa onde se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos (MAFFESOLI, 2007, p. 101-102).

Também Guattari (1996, p. 32) chamará de “paradigma estético” ou seja, aquele que justifica uma constelação de ações e sentimentos que favorecem a “correspondência das pessoas entre si e destas com coisas e símbolos”, dirigindo-se à potência de sentir, à criação em seu estado nascente. A estética, para Guattari, por ser processual, remete a uma ética de singularidades, cuja vivência permite a ruptura de consensos, subjetividades dominantes, dogmatismos, ao “sem sentido, às contradições insolúveis, ao curto-circuito entre complexidade e caos”. Nesse sentido, o processo estético atua como facilitador da integralidade do ser, da presentificação de sujeitos, de ações criadoras que, somadas a sínteses imaginativas, emocionais e cognitivas e formais, possibilitam movimentos em direção à reflexão, à possibilidade de transformação da existência.

Para Guattari, a arte possibilita a invenção de novas realidades, novos campos existenciais oriundos da experimentação do desconhecido, permitindo sentir e expressar relações vitais, infinitas virtualidades, inexauríveis significações, ao privilegiar o fazer e permitindo um entendimento da expressão como o que permite acrescentar à realidade da vida vivida um mundo imaginário e heterogêneo.

A arte é, portanto, um produto dessas inter-relações humanas. Ela propicia relações entre o interior e o exterior do sujeito, contribuindo para estender os limites entre o individual e o social. Para Maffesoli (1999, p. 339), na arte, a separação entre sujeito e objeto não existe, eles se perdem um no outro. Em sua apreciação, é necessário “resistir à tendência de identificar”. Na arte, percebe-se o desejo de participação, pela admiração, pela repulsão, por amor ou por ódio, pelo desejo de experimentar em comum. O *pathos* coletivo está na base da estética como dinâmica social, vivido no cotidiano através de práticas.

Maffesoli (1999) se utiliza do estético e busca compreendê-lo na dinâmica do vitalismo social, considerando a existência do respeito à alma humana, o que remete a uma sensibilidade generosa, a uma ética das situações. Na contemporaneidade, o que leva as pessoas a estarem em grupo e se agregarem é apenas o prazer de estarem juntas, não havendo nenhuma ideologia ou finalidade específica. Isso seria simplesmente uma forma de viver o presente coletivamente em busca de um sentido estético, que é compreendido em Maffesoli (1999, p. 105), como “a faculdade comum de sentir, de experimentar”. Nessa perspectiva, Maffesoli (1999) ainda salienta que o segredo da estética está no que é experimentado em comum, nas banalidades, naquilo que nos liga essencialmente ao outro.

A estética, para ele, não é mais um suplemento da alma secundário e de distração. Ela é uma realidade global, existencial e intelectual, ultrapassando e integrando as separações da moral, política, física, lógica da modernidade, tornando-se um imperativo vital. A estética, aqui vista em uma perspectiva dos momentos vividos em comum, exprimindo o tempo imóvel e o prazer do instante eterno, remete a uma outra concepção de tempo, que não é uniforme, mas que varia segundo as pessoas e seus reagrupamentos.

Maffesoli (2009) confere ao termo estética um sentido amplo, um sentido de agregação que constitui as relações sociais à maneira de uma pulsão. Porém, a

utilização do estético em Maffesoli deve levar em conta o componente temporal e dinâmico, que interfere na significação estética, na originação das formas de percepção, no processo de intensidade que lhe imprime o desejo, os afetos, as paixões, alterando-lhe os padrões de agrado e desagradado, a tônica de enfraquecimento ou fortalecimento das energias envolvidas na arte.

Por muito tempo pensou-se que o estético estivesse confinado às representações miméticas, ao caráter significativo definido pelo esquema sensório-motor das percepções. Também na atual estética, busca-se compreender as pulsões do ciberespaço e suas relações com o corpo físico, o que é extremamente relevante para a compreensão da juventude, que hoje está presente nas redes sociais. Diversas atitudes são produzidas nesses espaços e também sobre o corpo físico que hoje quer ser belo. Para o autor, essas atitudes não seriam sintomas de uma subjetividade narcísica e solipsista, mas, paradoxalmente, signo de um narcisismo de grupo.

A leitura de Maffesoli é instigante por nos fazer mudar o olhar sobre algumas ideias muito veiculadas. O narcisismo de grupo ocorre com a exaltação do corpo no coletivo, o que, também, ocorrera nos rituais de partilha da carne na Idade Média.

Maffesoli (1999) fala sobre uma perspectiva de estética ampliada, na qual haveria uma erótica dos corpos, ou seja, eles funcionam como fatores de união e de criação de comunidades, mesmo em comunidades virtuais. Assim, mesmo nas redes sociais, no campo do virtual, Maffesoli aponta a presença e centralidade do corpo. Nas redes sociais, nos diferentes meios tecnológicos de comunicação hoje disponíveis, o sujeito cria e muda seus componentes identitários, o que produz um corpo ilusório, não somente para sua própria satisfação, mas para estabelecer um contato com o outro.

Entretanto, nesses casos, a questão da alteridade não é desprezada, e seria nessa necessidade de contato com o outro que os agrupamentos se formam, estabelecem as relações sociais, levando à conjunção, ao que faz estar juntos, constituindo a estética em um sentido amplo, um sentido de agregação, de pulsão.

Para Eagleton (1993, p. 17), a estética é a mediação entre os temas políticos, modos de produção, lutas de classes relacionados aos temas corporais, ou aos “sentidos do viver”, valendo para todas as culturas e não somente as capitalistas. O autor questiona se a vida do corpo deveria ser abandonada em função da razão, deixando de lado a experiência.

Maffesoli (1999) observa que a experiência relativiza o sujeito enquanto pensante, senhor e seguro de si mesmo, racional, pivô da modernidade. É a relação com o outro que determina o que se é, pois se participa junto de uma experiência comum, comunica-se, põe-se em comum, sendo que a experiência deve ser dita, contada vista, pois “a experiência é uma perpétua encenação, ela nos introduz a uma lógica que, de parte, é relacional” (MAFFESOLI, 1999, p.92). Maffesoli cita Foucault para quem o cuidado consigo mesmo é uma experiência que privilegia o prazer e aparece como um intensificação das relações sociais, tornando-se uma ética na medida em que permite a união dos membros de uma mesma comunidade. A experiência do eu é uma experiência do mundo que partilhamos com os outros. A experiência e o gozo estético são maneiras de se apropriar do mundo, de modo que o gozo percorre todas as fases da experiência e ganha função cultural.

A estética teria uma dupla função, uma para si e outra para o outro. Maffesoli (1999) revela que, a partir da experiência, é permitido dizer que a solidariedade contemporânea é essencialmente estética, ampliada nos diferentes domínios da existência. Essa estética, pelos elementos que a compõem, como o sensível, a comunicação, o emocional, a imagem, o corpo, coisas que se enraízam na experiência, é essencialmente ética, possibilitando a “relição social” (MAFFESOLI, 1999, p.122).

O autor enfatiza também que a estética, enquanto sentimento comum, é um elemento da *physis*, da força espontânea e irreprímível que dá origem à vida em sociedade.

3.7 Deontologia

Maffesoli (1998) propõe a noção de deontologia que seria uma nova sensibilidade surgida da própria desconfiança com a modernidade, com o fim das certezas ideológicas, o cansaço dos grandes valores culturais, a crise dos valores ideológicos, institucionais, políticos, que nos levam a apostar em uma sabedoria relativista, pois podemos atribuir valores específicos às situações presentes, às oportunidades pontuais (MAFFESOLI, 1998, p. 12).

Para o autor, é preciso saber apostar na sabedoria relativista, pois esta “sabe, por um saber incorporado, que nada é absoluto, que não há verdade geral, mas que todas as verdades parciais podem entrar em relação umas com as outras. Isto é um bom uso do relativismo...” (MAFFESOLI, 1998, p. 11). Ele nos adverte, entretanto, que o relativismo proposto não constitui uma renúncia ao intelecto, sendo um desafio a responder. Por isso, remete a uma deontologia, para uma consideração das situações (*ta deonta*).

A deontologia propõe pensar o mundo a partir de uma ética das situações, que colocaria em ação uma sensibilidade generosa, que não se choca e não se espanta com nada, em substituição à moral do dever-ser, vez que “a moda está, indubitavelmente, com o moralismo” (MAFFESOLI, 1998, p.14). Ela elabora um saber dionisíaco, que esteja mais próximo possível de seu objeto, que seja capaz de integrar o caos, que saiba estabelecer a topografia da incerteza e do imprevisível, da desordem e da efervescência, do trágico e do imprevisível. Trata-se de um “saber erótico que ama o mundo que descreve” (MAFFESOLI, 1998, p. 14), uma “sociologia da carícia, sem mais nada a ver com o arranhão conceitual” (MAFFESOLI, 1998, p. 19).

De acordo com Maffesoli (*idem*), a prática deontológica é uma recusa do racionalismo puro e duro e também um não ao irracionalismo. Nossas sociedades policiadas “são aquelas onde o irracionalismo afirma com força crescente”.

Para Maffesoli, assim como Descartes balizou o caminho da modernidade, torna-se necessário saber balizar o da pós-modernidade. Dessa maneira, sugere que, em vez de se pensar na forma de um racionalismo puro e duro, de ceder às sereias do irracionalismo, talvez seja melhor colocar em prática uma deontologia que reconheça em cada situação a ambivalência que a compõe, chamando a atenção para o fato de que “a sombra e a luz entremeadas, assim como corpo e espírito, interpenetram-se numa organicidade fecunda” (MAFFESOLI, 1998, p.19).

Essa nova postura implicaria, conforme o autor, uma operação intelectual de substituição da representação pela apresentação. A representação na modernidade pretendeu dar conta do mundo em sua verdade essencial, universal e incontornável, reduzindo-o e aperfeiçoando-o sob o comando do conceito. A crítica à investigação sustentada na representação, realizada por alguns filósofos e retomada por Maffesoli, tem enfatizado a sua ilusão mimética ou especular que esteve inerte sobre os efeitos do

estado de espelho e da identificação, quando toma a imagem pelo real, por identificação do objeto. O sistema de representação é uma análise que substitui, pela identificação, o ato arbitrário ou convencional de designação, sobrepondo o signo ao referente.

A apresentação, para o teórico, parte do princípio de que não se pode jamais esvaziar totalmente um fenômeno, pois é preciso reconhecer em cada situação a ambivalência que a compõe: a sombra e a luz entremeadas; o corpo e o espírito interpenetrando-se. Assim, ele nos propõe uma metanoia (que pensa ao lado), por oposição à paranoia (que pensa de modo impositivo).

Trabalhar na perspectiva do racionalismo que predominou nas ciências é uma via reta e eficaz. Entretanto, Maffesoli pretende outro caminho de onde possa emergir o incerto, o imaginário, que revela e que oculta, que deixa para cada um o cuidado de desvelar, “de compreender por si mesmo e para si mesmo o que convém descobrir”. (MAFFESOLI, 1998, p.21). Para o autor, os domínios, dos mais sérios aos mais frívolos, dos diversos jogos de faz de conta ao jogo político, no trabalho ou no lazer, “a paixão, o sentimento, a emoção e o afeto (re) exercem um papel privilegiado” (MAFFESOLI, 1998, p.22).

Maffesoli (1998) nos lembra de que, nos melhores momentos da história do pensamento, foi permitido que se encontrasse um equilíbrio entre intelecto e o afeto. Desse modo, deontologia, em Maffesoli, pretende compreender situações em que intelecto e afeto também estejam presentes, em que existe espaço ao sensível, em que a emoção, o sofrimento, o cômico sejam reconhecidos. O autor salienta que é no maravilhar-se que se vai vivendo, bem ou mal. A integração de tudo isso é que possibilitará ser o menos infiel possível à efervescência existencial da socialidade contemporânea. Para tanto, recorre a Nietzsche, que aconselhava fazer do conhecimento a mais potente das paixões, com o intuito de que talvez possamos fazer com que essa paixão nos reconcilie com a vida, sem perda da exigência intelectual.

3.8 Retorno do arcaísmo

Para Maffesoli (1999), a pós-modernidade seria marcada pelo retorno do arcaísmo, além dos elementos tecnológicos. O arcaísmo pode ser compreendido como

aquilo que se enraíza a fundo, podendo ser chamado de pré-moderno, considerando-se que aquilo que é pré-moderno é orgânico.

Maffesoli (1998) cita Simmel, ao lembrar que um corpo não orgânico é delimitado de fora, recebendo impulso do exterior. O corpo orgânico ou vivo encontra em si mesmo sua forma, extraindo seu dinamismo de dentro; é chamado a crescer e a se desenvolver, possui forças inatas que são causa e efeito de sua própria vida.

A vida somente prevalece quando um conjunto se sustenta. Nessa perspectiva, o que separa, que fragmenta é sempre potencialmente mortífero, e o que vive tende a se reunir, conjugar mesmo os elementos díspares. Daí a necessidade de conjunção.

Para o autor, o paradigma grego é um bom exemplo do arcaísmo, ele é uma tradição, mas que dá vida ao presente, sendo o modelo pelo qual o indivíduo e a sociedade se estruturam.

As características essenciais de ordem orgânica são, por um lado, o modo como ela encontra seu impulso a partir de si própria e, por outro, ela estabelece uma conjunção nova com elementos do passado.

Dessa forma, para Maffesoli, a pós-modernidade traz uma conjunção do arcaico com as tecnologias de ponta, havendo uma complementariedade de afetividade e tecnologia, pois o arcaico é tudo na ordem emocional. Existe um sentimento temporal do estar juntos, de partilhar sentimentos, prevalecendo o corpo coletivo, e isso é arcaico, é emoção.

Barros (2008) explica que, em Maffesoli, são destacados três arcaísmos na pós-modernidade: o retorno de Dionísio (dimensão hedonista da existência), a ideia de tribo (modo de estar juntos a partir do gosto compartilhado) e a de nomadismo (sedentarização da existência, retorno da animalidade, do bárbaro e do selvagem).

3.9 O Tribalismo contemporâneo

Para Maffesoli, o termo tribalismo tem sido muito utilizado, muitas vezes, nas mãos de mercenários. Maffesoli (2007) recorre a Durkheim, ao usar a expressão tribalismo, metáfora que utilizou para apontar a metamorfose social que estaria ocorrendo com a saturação da identidade e do individualismo. Nessa perspectiva, a

época de um mundo organizado a partir do primado do indivíduo, senhor de sua história, a fazer, junto com outros indivíduos, a história do mundo, está se encerrando.

Estaríamos, assim, em uma época de ambiguidades em que os agrupamentos clássicos da modernidade vão se dissolvendo, ou ganhando outros sentidos, e a sociedade estaria mostrando a capacidade e a criatividade de se organizar em microgrupos, chamados por ele de tribos, dando origem ao título de um de seus livros. Para Maffesoli (2006), as cidades contemporâneas dessa sociedade são povoadas por tribos.

Conforme o autor, a estrutura patriarcal e vertical está sendo sucedida por uma estrutura horizontal e fraternal. Em 1999, o autor aponta que, nessas estruturas, o burguesismo é distintivo, tem por valor o indivíduo, o que vem se sucedendo por uma cultura de grupo, repousando a cultura dos sentimentos sobre o simples prazer e o desejo de estar juntos, ou seja, a ética da estética.

Assim, nessa nova cultura, surgem os grupos ou tribos, que têm um estilo hedonista atuante. Dessa maneira, não haveria um valor moral, intelectual, religioso que seja intangível e único, mas, antes, um pluralismo de apreciações, diversidades de opiniões, importando mais a dimensão relacional, comunicacional da ideologia do que seu aspecto dominante.

Para que o indivíduo consiga ser aceito ou inserido em uma tribo, investe em máscaras como uma forma de autoproteção ou para conservação de si, deslocando-se do seu verdadeiro eu, é o que nos lembra Maffesoli (2006). Essas máscaras são trocadas conforme as situações vividas e, às vezes, escondem ou omitem alguma convicção ou crença, pois o que se quer é compartilhar, evitando conflitos que geram talvez a exclusão de determinados grupos dos quais se participa. Evitar conflitos é, assim, uma forma de conservação de si, que “permite difundir suas idéias e assim reforçar, na longa duração, a integridade do grupo em questão” (MAFFESOLI, 1999, p.106).

Também para Maffesoli (1997), as tribos comungam com outros em torno de emblemas ou totens que se caracterizam em determinadas épocas, fenômeno a que o autor chama ambiência mística. O totem não isola e serve de vetor de comunhão, valendo-se como polo de atração para as tribos pós-modernas. Esses totens podem ser Deus, a família, a tribo, o grupo de amigos, que criam as comunidades, ou ainda a mídia e as novas tecnologias de informação e comunicação da atualidade, visto que auxiliam e

até mesmo influenciam os envolvidos no processo. A durabilidade de um grupo é determinada em função de sua capacidade de influência de um totem.

O autor afirma que um líder (ou um totem) só suscita adesão, pois existe a necessidade de colocar-se em estado de “religação”⁸. Para o autor, o “tempo das tribos” vem sucedendo o projeto moderno que não se consolidou, de um progresso linear e seguro, da causa e efeito do bem-estar social. O que se apresenta nesses tempos seria uma volta de valores arcaicos enlaçados com o desenvolvimento tecnológico.

Ainda nessa linha de pensamento o tribalismo pós-moderno teria duas características em suas raízes: “aqueles que colocam o acento nos aspectos ao mesmo tempo arcaicos e juvenis do tribalismo e, por outro, aquele que sublinha a sua dimensão comunicativa e a saturação do indivíduo e da lógica da identidade” (MAFFESOLI, 1997, p.98).

Nesse sentido, o social das análises modernas aponta para o racional de indivíduos que têm uma identidade precisa e uma existência autônoma, o que, na perspectiva de Maffesoli (1987, 2006), não se consolidou, propondo, então, a noção de socialidade que se fundamenta na “ambiguidade básica da estrutura simbólica” (MAFFESOLI, 1997, p. 135).

Maffesoli (2007, p. 100) destaca que as tribos pós-modernas estão presentes na atualidade, quando o ideal comunitário é revivido. As tribos pós-modernas estão aí, “para o melhor e para o pior”. Sua grife seria o destino comunitário, comunidades de destino, na qual as realidades são o que são de fato.

Para compreender essas mudanças, é exigido esforço, sem julgamento *a priori*, sem espírito pré-concebido, o que pode “permitir ver dentro do mimetismo tribal, do deslizamento da identidade estável para as identificações ocasiões, uma outra maneira de viver a relação com a alteridade” (MAFFESOLI, 2007, p.102).

Estaríamos, para Maffesoli (2007), caminhando para uma ambiência erótica da vida social. O imperativo categórico da moral em Kant estaria sendo substituído pelo que Ortega y Gasset chamaram de “imperativo atmosférico, entendido como uma ambiência estética de dimensão transindividual, coletiva, talvez cósmica” (MAFFESOLI, 2007, p.100). Seria a saturação do sujeito, um narcisismo de massa. Não

⁸ Termo utilizado para denotar uma forma específica e orgânica de laço social marcado pela comunhão e pela efervescência (1997).

há suspeitas sobre as consequências disso. O mundo e indivíduo atual estariam “no mais que um”, ou no pré-individual. Para o autor, é preciso retomar o mecanismo de participação mágica: dos outros (tribalismo), do mundo (magia), da natureza (ecologia), não havendo sentido em fechar-se em uma identidade.

O tribalismo rompe com os esquemas modernos na sociedade ocidental, onde “o indivíduo é seu último avatar” (MAFFESOLI, 2007, p.100). Existe no tribalismo um deslizamento do indivíduo com identidade estável, com funções contratuais para a pessoa com múltiplas identificações, com papéis desempenhados em tribos de afeição, em que “o universalismo do sujeito, da razão, avatares de um Deus transcendente deixa lugar a razões e afetos locais, particulares, situados” (MAFFESOLI, 2007, p.101). O que prevalece seria um dos sentidos, as paixões e as emoções comuns.

Para Maffesoli (1999), a atualidade não é uma nova fase do processo dialético da história, mas de uma sensibilidade específica que vem renascendo. O neotribalismo contemporâneo não se inscreve mais no quadro da história moral ou política, das lutas de classe, do proletariado que ainda está em andamento, mas também não estaria contra a história, mas em um quadro onde outras perspectivas são criadas com sua história específica.

Haveria, no tempo das tribos, o declínio do individualismo e, assim, Maffesoli (2007) propõe a noção de “ingresso”, que aponta para um entrar sem progredir (ingresso), não havendo necessidade de um fim, um projeto econômico, político, social a ser realizado, ou seja, é um caminho que pode não ter fim, ou um caminhar ainda sem finalização. Parece que as tribos contemporâneas “preferem entrar dentro do prazer de estar juntos, entrar dentro da intensidade do momento, entrar dentro da fruição deste mundo tal como ele é” (MAFFESOLI, 2007, p.96). Simplesmente “entrar dentro” do prazer de estar junto, da intensidade do momento, da fruição desse mundo (MAFFESOLI, 2007, p.98).

Esse ingresso ocorreria nos retornos à natureza, no ecologismo ambiental, na criatividade publicitária, na anomia sexual, nos odores e em tudo que lembre o lado animal no ser humano.

No tribalismo ocorreria uma selvagização da vida, em que encontramos um paradoxo pós-moderno, que coloca em cena a origem, a fonte, o primitivo e o bárbaro, ligando o arcaísmo e a vitalidade. É o retorno do mito do “*puer aeternus*”, “voltar a

ser criança”. O falar jovem, o vestir-se jovem, os cuidados com o corpo, as histerias sociais são partilhadas no todo social e não somente entre os jovens, sendo todos contaminados pela figura da eterna criança.

Assim, o arquétipo cultural do judeu-cristianismo, o adulto forte e racional vem sendo sucedido pelo ator de uma eterna criança, que, por seus atos, suas maneiras de ser, sua música, reafirmam a fidelidade ao que é, não sendo uma aceitação ao *status quo* político econômico.

Maffesoli (2006a) aponta que o tribalismo pós-moderno pode atingir tanto as efervescências juvenis quanto as agregações elaboradas a partir dos gostos sexuais, culturais, religiosos ou políticos. Os motivos que levam às agregações, na atualidade, não são somente resultado de uma programação puramente racional, ocorrendo também sobre o desejo de estar com o outro.

Schultz (2010) salienta que o neotribalismo não seria um campo teórico ou a descrição rígida de uma época nova em termos históricos, muito menos um programa social, mas, sim, uma postura, um estado de espírito, uma tendência que afeta as coisas, a sociedade, as instituições, as pessoas e mesmo a imagem de Deus.

3.10 Nomadismo e errância

Outra noção apontada por Maffesoli (1999, p. 28) é o retorno cíclico de outro arcaísmo, o nomadismo que, cada vez mais presente na atualidade, constitui uma tendência desse tempo. O nômade é o não-ser, o oco, o vazio, o dinâmico, a ausência de estabilidade do ser, a ausência de substancialidade existencial, presentes na pós-modernidade, o que, para o autor, vem se configurando a partir de uma vagabundagem existencial que se desenrola a partir desse oco, da "sede do infinito" e do desejo de outro lugar. O autor descreve o desejo da errância como "sede do infinito". Uma "sede do infinito", que se põe em movimento pelo desejo de evasão. "É uma espécie de pulsão migratória" (MAFFESOLI, 1999, p.227), que incita o indivíduo a "mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade" (MAFFESOLI, 1999, p. 51). Essa pulsão aparece aí como resposta a um tédio existencial. A sede de infinito, a busca de si trazem o retorno da tendência nômade do

homem. O autor afirma que “somos andarilhos em busca do Graal” (MAFFESOLI, 1999, p.186). Buscamos outro lugar e esse lugar é metaforizado pela busca do Graal⁹, da aventura, do invisível, daquilo que não sabemos ao certo o que é. “Sair de si para a realização do si, eis-nos vivendo o mito do Graal” (MAFFESOLI, 1999, p. 187) é uma premissa que representa o caminho entre o bem e o mal, entre o medo e o desejo.

A errância, a sede de infinito, desse modo, possuem um lado místico, que é também de "relição". Não no sentido religioso, mas sim no sentido de "relição" com o outro, de ideais e modos de vida que não se reduzem ao racional, ao utilitário. Dessa forma, o nômade carrega uma verdadeira espiritualidade. O autor afirma que "os fanatismos contemporâneos, as diversas vagabundagens e múltiplas anomias são, mesmo que inconscientemente, convocações mais ou menos violentas a um ideal comunitário" (MAFFESOLI, 1999, p.41).

O nomadismo funda uma mística do acolhimento, tão necessária na atualidade que traz múltiplas formas de exclusão, tendo uma predisposição a acolher o outro, o da pequena tribo à qual aderiu, o amante, o amigo, o próximo, o conhecimento, o inimigo, o indiferente, mas também o grande outro, da alteridade absoluta, da natureza, da divindade, da estranheza ou da morte.

Na modernidade, o sedentarismo, associado por Maffesoli (1999) ao não movimento e à territorialização individual (marca de identidade) ou social (marca da instituição), estariam dando lugar ao nomadismo e à errância, noção que o nomadismo carrega.

O autor explica que o nomadismo e a errância se manifestam em ciclos e que existiria uma antinomia¹⁰ no par nomadismo - sedentarismo que se expressa e constitui um "dado mundano", ganhando a forma de uma espécie de "enraizamento dinâmico". Nesse sentido, ele adverte que "ainda será preciso que os dois pólos dessa ambivalência possam se articular harmoniosamente" (MAFFESOLI, 1999, p.103).

¹⁰ Maffesoli trabalha em uma lógica contraditorial, em uma dialética em que os opostos permanecem em contínua tensão, denominada dialética antinomista ou trágica, sendo própria de pensadores antigos e modernos como Zoroastro, Heráclito, Proudhon e Nietzsche. Nessa perspectiva, as antinomias não se resolvem, sendo complementares e irredutíveis.

Além disso, afirma, ainda, que a dialética destruição-construção expressa a vida no seu sentido soberano. A vida, portanto, é apreendida essencialmente como ruptura, movimento, mudança.

O arcaísmo do arquétipo nômade retorna em ciclos que se sucedem e retornam no tempo histórico seguindo uma dialética, "como o vaivém das peças que dão equilíbrio às máquinas, aquele pólo que se descuidou retoma a importância" (MAFFESOLI, 1999, p.103), e é nesse ciclo que o arcaísmo do arquétipo nômade retorna. Para Maffesoli (1999, p. 90), "o habitante das megalópoles seria, em certo sentido, um novo tipo de nômade, um errante que muda de aparência e de papéis na vasta teatralidade social".

O ambiente pós-moderno é caracterizado por uma generosidade de ser, em que as pessoas desenvolvem formas de solidariedade, multiplicam expressões de compaixão e manifestações caritativas, havendo essa pulsão que empurra para o outro, recusando o *status quo*.

A liberdade do errante seria a da pessoa que busca, de um modo místico, a experiência do ser. Essa experiência, é antes de tudo, comunitária, pois é necessária a ajuda do outro e "o outro pode ser aquele da pequena tribo à qual se aderiu, ou o grande Outro da natureza, ou de tal ou qual divindade" (MAFFESOLI, 1999, p. 70).

Dessa maneira, a religiosidade, ligada à ideia de procura, exílio e volta ao caminhar existencial, retornaria, assim como os mitos encarnados em expectativas coletivas, no desejo de outro lugar, tendo como exemplo Dom Quixote ou os Rolling Stones.

O nomadismo restaura o pequeno individual no si global, fortalecendo a divindade que está em cada um e cada coisa, o que pode se chamar do "divino social". O teórico aponta, como fruto do nomadismo contemporâneo, uma orientalização que se expressa por técnicas corporais, ecologia, astrologia, retiros espirituais, práticas religiosas de diversos tipos, antes ocultadas pelo racionalismo da modernidade, "e disso faz o centro da sociabilidade contemporânea" (MAFFESOLI, 1999, p. 69).

O nomadismo e a errância se relacionam com a pluralidade de valores e papéis, levando-nos a uma errância estrutural, a uma variação permanente de papéis desempenhados pelo indivíduo, o que leva a um politeísmo de valores, que seria causa e efeito de uma vida errante.

Maffesoli (1999, p. 21), para caracterizar a necessidade da errância, afirma que, "em breve, quando não houver fome, vai-se morrer de tédio ou desespero". A pulsão da errância seria, portanto, resposta a um mundo que não satisfaz mais, onde as fronteiras se atenuam, os valores flutuam ao ritmo dos acontecimentos quase sempre incontroláveis. O presente é inatingível, volátil. Há fluência e circulação.

Na pós-modernidade há uma circulação, que transparece no movimento nômade, nas migrações do trabalho e do consumo, na fuga dos finais de semana para a praia, serra, shopping, nas migrações induzidas por desigualdades econômicas, transitando entre a trágica tensão da segurança e sufocamento do lar e a atração pela aventura, colocando-nos na impossibilidade de uma solução segura, como queria a modernidade. A alma, diz o autor, tem necessidade de se afastar do que é demasiado familiar, de afastar-se do lugar comum, de explorar novas paragens, novas aventuras, de perder-se para se reencontrar.

Para ele, a errância é um remédio para as vidas pessoal e coletiva, reprimidas por fechamentos territoriais, políticos, identitários, é um *modus operandi* que permite abordar o pluralismo estrutural dado pela pluralidade de facetas do "eu" e do conjunto social e também um modo de vivê-lo. Em seu sentido mais estrito, é uma êxtase que permite escapar simultaneamente ao fechamento de um tempo individual, ao princípio de identidade e à obrigação de uma residência social e profissional. Esse êxtase, que anteriormente se encontrava em um religioso separado, agora "está na origem das epidemias de massa, esportivas, musicais, religiosas, políticas, culturais" (MAFFESOLI, 1999, p. 113).

A pulsão migratória e o desejo de estar em outro lugar pode ser gerado pelo tédio e pela solidão que se instala, em que o presente parece ser impossível de ser vivido, e a "festa", por consequência, é sentida sempre como sendo em outro lugar. Para se escapar do mal-estar existencial próprio da nossa sociedade, quer se a chame de capitalista, pós-moderna, sociedade de consumo, sociedade do espetáculo, sociedade moderna etc., o nomadismo enfatiza a dimensão qualitativa da existência.

O autor ainda atribui mais uma função à errância. Embora a compreensão do termo venha a significar uma imperfeição, é ela que permite ao mesmo tempo ter a intuição da perfeição. Enfim, a errância pós-moderna permitiria "lançar uma ponte entre o mundo contemporâneo e os valores tradicionais" (MAFFESOLI, 1999, p. 112).

Assim, o nomadismo prevaleceria nas épocas em que o gozo do presente assume grande importância, ligando-se a um outro fenômeno, o presenteísmo, que busca viver o presente.

3.11 O Trágico, o lúdico, a repetição e o eterno retorno

Para Maffesoli (2001b), querer viver neste mundo de agressividade, violência, egoísmo, indiferença seria uma teimosia, sugerindo que seria mais coerente não se retornar a esses momentos. Entretanto, para dar coerência a esse fato, é necessária a aceitação do presente, da sabedoria que nos manda desfrutar aqui e agora das banalidades que dão sentido à vida. Desse modo, a repetição e a circularidade, paradoxalmente, acabam por representarem a negação do tempo e tornam-se signo do não-tempo, o que caracteriza o concreto da vida cotidiana, o instante vivido, fazendo suportar a vida. Em sua argumentação, Maffesoli (2001b) faz menção à obra de Gilbert Durant, “As estruturas antropológicas do imaginário”, em que o autor faz referência ao eterno retorno do tempo:

o mundo fantástico das imagens, que se sabe a pregnância na concretude da vida social, anula o tempo num eterno retorno do mesmo, cujas teorizações conhecemos, e que permite à vida social e individual ser revivida sempre. Neste sentido, o passado e o futuro dominados comportam um eterno presente que será preciso ver as diversas figurações e os múltiplos gestos (MAFFESOLI, 2001b, p.116).

A repetição insurge, assim, como uma proteção contra o tempo que passa, contra a angústia do devir, contra toda uniformização e totalitarismo de um processo linear. Isso viria a justificar a pedagogia que, para Maffesoli (2003b, p. 38), “poderia se efetivar com o que se apresenta recorrente, como foi proposto na sociedade pré-moderna, com os usos e costumes, os mitos e os ritos de uma determinada sociedade”.

Para compreender a vida, Maffesoli aponta que o trágico, o tempo e a repetição são noções que se complementam. Nesse sentido, o autor observa que o trágico possui

uma estreita relação com a repetição e com a concepção cíclica do tempo, que advêm da atualização das paixões, dos pensamentos, das criações que se esgotam no próprio ato e não se economizam, mas se gastam no instante. A vida cotidiana é o lugar por excelência do trágico, onde se percebe a duração e o fim (morte). É onde se manifesta um querer viver, “exacerbado ou perverso que se volta contra todas as formas da imposição mortífera” (MAFFESOLI, 2001b, p. 129).

Nesse período de transição, que pode ser a pós-modernidade, há uma mudança nas formas de se viver. Na modernidade, Prometeu, o deus do trabalho, da razão, da seriedade emergiu com o mito do paraíso, do fantasma da vida eterna. Como a pós-modernidade apresenta uma recusa inconsciente desse mito, assistimos ao retorno de uma outra figura emblemática: Dionísio, deus grego da versatilidade, do jogo, do trágico e do desperdício de si mesmo, que representa a desordem, a festa e, sobretudo, a transgressão da norma, da mesmice, do igual baseada na negação da ordem do sentido e o crescente investimento no presente, quando ocorreria a desaceleração do tempo.

No domínio de Dionísio, reina a ambiguidade, a narrativa fragmentada e a magia como metáfora. Assim, deslocar-nos-íamos do tempo tido como “tempo de troca” e passaríamos a privilegiar o “tempo do culto”.

Na contemporaneidade, apesar de o pensamento racional ainda nortear o comportamento e as atitudes dos homens, essa sociedade traz na essência de sua caminhada características que lhe associam à temática de Dionísio. Para Maffesoli (1985), na pós-modernidade, encontrar-nos-íamos à sombra de Dionísio. Ressurgem as emoções, ocorre a queda do racionalismo, as pessoas estariam infestadas de múltiplas identificações. Para o autor, nossas atuais sociedades vivem da circulação, da troca, da abertura à alteridade. Dionísio emerge em sua representação da grandeza de papéis exercidos por uma pessoa, que troca de papel inúmeras vezes, em todas as esferas da vida, seja religiosa, amorosa, profissional, amical.

Keske (2005) aponta a influência dionisíaca em nossa sociedade, com o desenvolvimento do hedonismo, pautado em uma importância exagerada concedida ao corpo. O corpo adquiriu um valor em si mesmo e pode-se dar como exemplo a cirurgia estética. O trabalho, foco da modernidade, deixa lugar a um outro tipo de realidade, muito mais festiva, difusa, alegre, desligada. Segundo o autor, “queremos permanecer

jovens, falar como jovens, nos vestir como jovens, ter um corpo como o dos jovens” (KESKE, 2005, p.35).

O trágico na atualidade passa a ser alimentado pela insignificância das ações humanas, pelo sentimento de precariedade e de brevidade da vida. Entretanto, a socialidade que comporta o trágico introduz a ficção e o lúdico. O trágico, a ficção e o lúdico expressam uma resistência ou convivência com a mortalidade.

A ficção se expressa nas mentiras nas quais os indivíduos decidem acreditar e dá origem a uma dupla existência, baseada na astúcia, bazófia, fofoca e hipocrisia. Desse modo, poderíamos afrontar a verdade, que, em sua forma última, é a morte, cujo ódio é alimentado por ela por intermédio da mentira.

O lúdico trata fundamentalmente do efeito e da consequência de toda sociabilidade em ato. Para Maffesoli (2001, p. 71), “essa comunhão de emoções ou de sensações dos grandes eventos pontuais ou comemorativos (aniversários, revoluções, movimentos de massa, greves, agrupamentos, etc.) é, *stricto sensu*, aquilo que funda a vida social ou aquilo que lembra sua fundação”.

3.12 Nietzsche, niilismo e Maffesoli

Algumas noções em Maffesoli têm sua origem em suas reflexões sobre Nietzsche. O autor a que se refere Maffesoli analisa que, na passagem do pensamento mítico para o lógico-científico, teriam se perdido a proximidade com a natureza, sucumbindo Dionísio e fazendo emergir Apolo, o deus da racionalidade, o que foi possível com a emergência da razão.

Marcondes (2005, p. 244) sinaliza que Apolo prevalece em detrimento de Dionísio, que pouco a pouco é reprimido com tudo o que ele representa, o desejo, as emoções, os sentimentos e tudo o mais. O autor ainda cita que Nietzsche “zomba do racionalismo crítico moderno, de sua pretensão de fundamentar nosso conhecimento e nossas práticas”.

Dentre as noções abordadas por Nietzsche, a do niilismo tem uma forte influência no pensamento de Maffesoli. O niilismo, em um primeiro entendimento, remete ao mundo sem valores. Entretanto, a noção nietzcheniana volta-se para a

superação de um mundo sem valores, deslocando-se para um mundo com outros valores, o que repercute no pensamento de Maffesoli.

A perda ou desvalorização dos valores supremos é atribuída por Nietzsche (2004) à morte de Deus, o que não significaria destruir o que havia de sagrado no mundo. Assim, entre um Deus vivo e morto, é apresentada a ideia da transvalorização. Nietzsche pergunta “para onde foi Deus? Eu já lhes direi! Nós o matamos, você e eu”(NIETZSCHE, 2004, aforismo 125 do Livro III). Entretanto, o autor parece questionar nossa arrogância e ainda pergunta se esse ato não seria demasiadamente grande para nós, de modo que, para merecermos Deus, deveríamos nós mesmos tornarmo-nos Deus.

Nietzsche se recusou a revisar o conceito de razão e depositou suas esperanças na inconstância e indeterminação da experiência estética, conclamando um levante dionisíaco contra o Ocidente decadente que oprimiu a mutabilidade da própria vida em nome do universalismo da razão.

Conforme Lima (2008), Nietzsche afirma que, para superar o niilismo, importaria a transvalorização dos valores, o que significaria dizer que “livrar-se das crenças metafísicas e religiosas requer assumir a própria existência” (LIMA, 2008, p.234). Nessa perspectiva, assumiríamos o domínio da terra, de modo a fazer nascer um novo homem, elevado e livre, o super-homem nietzschiniano, que não supõe assumir o lugar do divino.

Segundo Nietzsche (2004, p. 193), a renúncia à crença em Deus levaria à transformação do homem num ser elevado, pois, “talvez o homem suba cada vez mais, já não tendo um Deus no qual desaguar”. A grandeza desse ato possibilitaria aos homens se libertarem da domesticação proporcionada pelos processos civilizatórios, sendo necessária ao homem a superação da negação e a decadência do cansaço que acomete a sociedade civilizada pelo rebanho. Para ele, “estamos cansados do homem” (NIETZSCHE, 2002, p.35).

O tribalismo maffesoliano seria, então, uma reação ao niilismo, ao cansaço do homem. Maffesoli (1987, p. 78) considera um sintoma da pós-modernidade a conduta cética e cínica em relação à ordem social, que se manifesta pelo desprezo à política e pela não intenção em se construir um projeto para o futuro, advertindo que “podemos morrer de um dia para outro”. Assim, usufruir o dia-a-dia, ter o senso do presente,

aproveitar esse presente, tomar a vida pelo lado agradável seria uma das características da atualidade, o que o autor chamou de presenteísmo, que se relaciona ao nomadismo e à errância, traduzindo a inquietude dos indivíduos diante da tragicidade¹¹ vivida.

Lima (2008, p. 238) pontua que a sabedoria trágica se apresenta, quando, ao mesmo tempo, reclamamos das adversidades da vida e concordamos ser esta a única forma de existência. Para a autora, “seriam formas de resistir ou de se enganar a arbitrariedade da existência, ao andamento do tempo, instantes de fuga e refúgio, que representem pequenos nada cotidianos, que são os verdadeiros atos responsáveis pelo clima generalizado de vitalismo e resistência resignada”.

Nesse sentido, Maffesoli (1987) aponta que o tribalismo é também uma forma de resistir e construir realidades sociais alternativas, seria a manifestação da sabedoria trágica, na qual se apresenta a capacidade humana de se ajustar, de acomodar e se conformar em viver sob as condições desfavoráveis e sofridas, encontrando momentos de efervescência e celebração da vida.

Nietzsche (2002, p. 87-88) esclarece que a falta de sentido e o sentimento de vazio provocam um vácuo, e que, como tem um “horror ao vácuo”, precisa de um objetivo “e preferirá ainda querer o nada a nada querer”.

Para Maffesoli (1999), essa vontade de nada como uma forma de se proteger da falta de sentido para a existência é uma das características do tribalismo. O autor aponta que o hedonismo coletivo pulsante da atualidade expressa o sentimento de urgência para aproveitar intensamente todo instante: “*carpe diem!* Desse modo, Lima (2008, p. 238) salienta que temos, na contemporaneidade, “o desejo coletivo de intensificar a vida se expressa através das festas, atos violentos, momentos lúdicos e ações inconseqüentes”.

Maffesoli (2001, p. 11) reflete que as errâncias da pós-modernidade, mesmo anunciando uma celebração irrestrita da vida, transformam a aceitação em indiferença, entretanto, esse movimento não “contemplaria a travessia do deserto niilista”. Seria uma passagem do *amor fati* (amor ao destino em Nietzsche) para o *amor mundi*, no qual “o mundo só é miserável para aqueles que nele projetam sua própria miséria”.

¹¹ Nietzsche inspirou Maffesoli na diferenciação entre o drama e a tragédia. O drama é uma ação que deve ser solucionada e também uma concepção judaico-cristã encontrada no marxismo, que tem como instrumento a dialética. O trágico, chamado de instante eterno, é justificado porque não se procura uma eternidade, mas, sim, o presente, o gozo, de onde o prazer teria relação com o trágico.

A modernidade prometeu a superação social e sua não consolidação fez com que, na atualidade, o social carregue esse fardo, o que poderia levá-lo a sucumbir em um conformismo e na resignação. Entretanto, para Maffesoli (1999, p.312) as efervescências vitalistas assumem um agir afirmativo e criam a si mesmas. Para o autor, na socialidade, os indivíduos se anulam em função do desejo de estar juntos e se confundem com os outros, criando identificações coletivas, por meio das quais buscam possuir inúmeras máscaras ou *personas*. Isso não retira as possibilidades do indivíduo, uma vez que, na pós-modernidade, a subversão, que desafia as imposições sociais, institui diversos abrigos e refúgios fundamentais para as existências individuais.

Assim, para Nietzsche (2005a, p. 153), a sociedade do rebanho, que é consequência da condição niilista, coloca inerte a ascensão do homem para a “auto-superação do homem”. O autor também se afastou da ideia de igualdade, posicionando-se a favor do “nivelamento” entre os indivíduos. Com isso, em vez da igualdade, passa a defesa da diferenciação, denominada *pathos da distância*, que é uma crítica à sociedade do rebanho e representa a necessidade de superação da ordem estabelecida pela moral da civilização judaico-cristã. Para a diferença, não é necessária a dominação de alguns indivíduos sobre outros.

Lima (2008, p. 241) observa que superar o niilismo, para Nietzsche, é gerar uma nova forma de existência superior e livre dos constrangimentos morais, abandonando “o sentimento de culpa e sofrimento ressentido sobre a vida e aceitar e criar novos sentido existenciais significa constituir uma existência digna de ser eternamente afirmada”.

Para Lima (2008), em Nietzsche, a perspectiva artística traduz a melhor maneira de enxergar o mundo. O artista não faz para consolar, mas aprecia e cria a realidade, com superficialidade e, ao mesmo tempo, com toda a profundidade. Assim, Nietzsche (2004, p. 15) procura escapar da crença em um mundo além da superfície na qual se vive e, para isso, remete aos gregos, afirmando que eles eram adoradores da aparência: “Esses gregos eram superficiais – por profundidade!” Ser “superficial por profundidade” significa perceber que a realidade se constitui de representações de fenômenos, mas não possui uma verdade além da aparência, ou seja, “reconhecer a inverdade como condição de vida: isto significa, sem dúvida, enfrentar de maneira perigosa os habituais sentimentos de valor, e uma filosofia que se atreve a fazê-lo se coloca, apenas por isso, além do bem e do mal” (NIETZSCHE, 2005a, p. 11). Assim,

Lima (2008, p. 93) argumenta que “seria a inverdade que possibilitaria reconhecer a profundidade das aparências como verdadeira realidade, composta de verdades mutáveis e realidades incertas”.

Para Nietzsche, a compreensão do mundo, uma vez que o conhecimento verdadeiro se desestruturou, não se daria pela razão, mas pela vontade de poder, apontada por Lima (2008) como um princípio segundo o qual se define a vida, não pressupondo este uma teoria da unidade, mas implicando multiplicidade.

Para a autora (2008), a tese nietzschiana sobre a relação entre a vida e a vontade de poder é elaborada em oposição à teoria da vontade de Schopenhauer, que atribui confiança na causalidade da vontade. A autora destaca que, em uma palavra, Nietzsche (2005a, p. 40) procura definir a vontade atuante na própria vontade, isto é, a força:

em suma, é preciso arriscar a hipótese de que em toda parte onde se reconhecem 'efeitos', vontade atua sobre vontade – e de que todo acontecer mecânico, na medida em que nele age uma força, é justamente força de vontade, efeito da vontade.

A força atuante na vontade não corresponde à vontade relacionada com o querer, tampouco seria uma adequação à causalidade, visto que a vontade de poder causa, antes, uma pluralidade de efeitos, incontroláveis e imprevisíveis. A vontade de poder critica a crença metafísica de que há uma verdade única e questiona a consideração moral sobre a uniformidade imposta aos indivíduos, que os transforma em rebanho.

Daí Nietzsche vem apontar a superação desses valores. A vontade de poder exprime a incessante superação que rege a vida. A força atuante da vontade de poder também assume o sentido de vontade criadora, capaz de avaliar e criar valores que superem o niilismo no qual impera a desvalorização de todos os sentidos. A vontade de poder permite atravessar o niilismo sem a vontade de veneração que se submete aos deuses.

Trata-se da vontade veraz ou “vontade de leão”, que se expressa pela atitude destemida, faminta e violenta (NIETZSCHE, 2005b, p. 132-133), além de insaciável em relação ao conhecimento. Nietzsche (2005b, p. 246) cria ficções para transformar todos os valores em criações demasiadamente humanas. A vontade de poder criadora e destruidora se empenha por superar o desejo de “nada desejar”, que acomete os fracos e cansados do mundo: “o querer liberto, pois querer é criar”.

Segundo Lima (2008), percebe-se que, em Maffesoli, como as análises nietzschianas foram utilizadas para compreender de que forma a sociedade pós-moderna, considerada herdeira da história niilista, consegue subverter a ordem, por meio de transgressões que esbanjam vitalismo. No entanto, a atual sociedade permanece, em geral, acolhida pelo rebanho, embora venha resistindo, visto que apresenta uma postura reativa. Na atualidade, parece que, nos casos de resistência, não há enfrentamento combativo, mas desvios e fugas que constroem caminhos alternativos; as transgressões representam uma forma de escapar das imposições sociais sem transvalorar completamente a realidade social.

Teria Nietzsche o inspirado a pensar na ideia de pessoa e de tribo, na saturação do indivíduo e na emergência do tribalismo? Assumir uma *transvaloração* que reordene a realidade significa, enfim, transformar-se em herói da própria tragédia, fazendo-se obra artística.

Para Maffesoli (1999), assim como Nietzsche, o não racional não significa irracional. O não racional seria da ordem das paixões, da emoção e do afeto. Enfim, Maffesoli (1999, p. 249) propõe a vida como obra de arte, noção de inspiração nietzschiana, afirmando que “assumir uma transvaloração reordenadora da realidade significa, enfim, transformar-se em herói da própria tragédia, fazendo-se obra artística”.

3.13 O imaginário

Para compreender o pensamento de Maffesoli, destacamos que o autor foi orientado de Gilbert Durant, pesquisador do campo do imaginário. Na obra “O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno”, Maffesoli propõe analisar a sociedade contemporânea sem ódio e sem raiva, em uma tentativa de compreender e viver o mundo do jeito que ele é, tendo destaque as noções sobre o conhecimento comum como a religação entre o indivíduo e seus ambientes social e natural e o estar junto.

Ricardo Freitas, na apresentação dessa obra de Maffesoli, destaca que diversas manifestações de nosso tempo demonstram que não nos encontraríamos em uma nova barbárie, mas, ao contrário, estaríamos buscando o ritmo da vida no íntimo de nossos sentidos e sentidos comuns, em que a decadência da razão e do progresso rompem com as

ilusões entre o público e o privado, oferecendo valor às estéticas múltiplas dos espaços urbanos. As manifestações de nosso tempo, como as histerias de liquidações, os reality shows, as paradas gays, os corpos tatuados, “piercings”, redes sociais, grafites nos convidam a perceber sensibilidades diversas, que irão construir estéticas harmonizadas por uma ambiência transversal, sendo uma lógica instintiva que passa pelos afetos dos quais participamos coletivamente. No mundo imaginal, podemos pensar em imagens e sentidos que formam as comunidades, pela presença de significados ao que poderia parecer insensato ou imprevisível.

Maffesoli (1996, p. 110) se refere à “perspectiva arquetipológica” utilizada por Durant, que, por sua vez, inspirou-se na abordagem junguiana. A opção adotada por Maffesoli no que se refere à ênfase no coletivo está, sem dúvida, embasada no imaginário. Silva (2001, p. 79) nos lembra de uma entrevista em que Maffesoli fez a seguinte afirmação: “para mim, sem tentar precisar a posição de Gilbert Durand, só existe o imaginário coletivo.... O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo”. Nessa mesma entrevista sobre o imaginário, Maffesoli exemplifica que, como em uma obra de arte, há uma aura que podemos sentir, uma atmosfera, algo que envolve e ultrapassa a obra, que vai além de sua materialidade, o que constituiria o imaginário, e “esta seria a idéia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de algo mais, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário” (MAFFESOLI, apud SILVA, 2001, p. 75).

Durand (2001, p. 391) reflete que existiria uma universalidade dos arquétipos, de modo que “a história não explica o conteúdo mental arquetipológico, pertencendo a própria história ao domínio do imaginário”, pois, dentro dessa perspectiva, seriam os arquétipos que controlam o imaginário, dominando, a partir deste, o tempo histórico.

Esse “algo a mais”, essa “aura” é a expressão arquetípica coletiva, igual em todos os seres humanos que convivem em uma mesma época histórica, também movida pelos arquétipos através do imaginário coletivo.

Para Maffesoli, o arquétipo representa um “roteiro” impresso no inconsciente coletivo do sujeito que o impulsiona para a busca do autodesenvolvimento ou individuação. Na abordagem junguiana, como esse roteiro interno existiria em todos os

seres humanos, cada sujeito teria sua maneira particular de ser impulsionado a essa busca da individuação.

Maffesoli se diferencia de Jung nesse aspecto. Silva (2003, p. 14) lembra que, para aquele, somente haveria o imaginário coletivo ou social, pois o individual se reflete no grupo, seja esportivo, sexual, sendo determinado na ideia de fazer parte de algo, de partilhar uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão de coisas, na encruzilhada do racional e do não racional.

Maffesoli (1999, p. 150-151) considera que esse imaginário coletivo se apresenta na adesão às imagens televisivas, aos encantos dos estereótipos das imagens publicitárias, ou nas submersões de imagens políticas. O que ocorreria seria apenas o reconhecimento dos arquétipos do “mundo imaginal”.

O entendimento de um viver social marcado pela força imaginal (imaginário, imagens, imaginação, aparência) pode ser decifrado por traços que carregam marcas do religioso, tatuagens e diversas outras, permitindo ao imaginário religar os indivíduos aos significados construídos culturalmente atualizando o *ethos* coletivo.

Assim, para Maffesoli (1999), o símbolo é “linguagem” do inconsciente coletivo, ou seja, dos arquétipos, tornando-se uma categoria ampla que inclui todos os símbolos socioculturais, tornando-se mediação entre o corpo-persona e o inconsciente coletivo através dos símbolos expressos na coletividade de um imaginário comum. É dessa maneira, portanto, que o inconsciente coletivo se revela no contexto através de símbolos-linguagens compartilhados, que formam um imaginário atravessado ou pela racionalidade ou pela emocionalidade, dependendo da expressão arquetípica que delineia o momento histórico. Conforme o autor, “trata-se, de algum modo, de um inconsciente (ou não-consciente) coletivo que serve de matriz à multiplicidade das experiências, das situações, das ações ou das deambulações grupais” (MAFFESOLI, 1995, p. 139).

Maffesoli (1995, p. 17) considera que a cultura é sempre marcada por uma “cultura maior”, a do imaginário arquetípico e que, na atualidade, esse imaginário coletivo seria o da “cultura do sentimento”, representando, por sua vez, a emocionalidade que permeia todos os grupos sociais. Para compreender a atualidade, Maffesoli (2001a) utilizou o arquétipo do caminho ou da alteridade, que chama de arquétipo do êxodo, no qual a humanidade teria um destino cíclico.

Conforme Pinthan, percebemos um imaginário comum que difere nas épocas racionais e emocionais, modificando a forma como os sujeitos se relacionam com a realidade construída socialmente. Para a autora,

a construção do imaginário individual se dá, essencialmente, por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si). O imaginário social estrutura-se principalmente por contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte) PINTHAN, 2007, p. 05-06).

É no aspecto coletivo que surge o imaginário das tribos, onde se produziria sentido para a errância do indivíduo. No imaginário tribal, o indivíduo é retirado da solidão e inserido em uma atmosfera de partilha e, ao “produzir sentido grupal, o imaginário só poderia ser a negação do indivíduo por sua assimilação num todo”. (MAFFESOLI, 1999, p. 15). No tribalismo, esse sentido grupal se consolida e, como produção subjetiva, contém os elementos da fragmentação, da efemeridade e do hedonismo.

Também a reflexão de Silva (2003, p. 13-14) é importante, por apontar que “o imaginário explica o “eu” (parte) no “outro” (todo). Mostra como se permanece individual no grupo e grupal na cultura”. Pelo imaginário, Maffesoli aponta dois arquétipos que, em nosso entendimento, demarcam uma mudança em nosso tempo histórico, marcando posições fundamentais neste trabalho, no que se refere à questão da modernidade e da pós-modernidade.

Na modernidade, os indivíduos expressavam o arquétipo de Prometeu. O sujeito pós-moderno se expressa no contexto, tendo uma centralidade, uma persona, que, no caso da pós-modernidade, é a de Dionísio. As pessoas da época contemporânea teriam expressas em suas personas-corpo o arquétipo de Dionísio, o que as move em um presenteísmo.

Também Maffesoli (1999) se refere a Gilbert Durand, apontando que o arquétipo cultural ocidental é o da cultura heróica, do modelo judaico-cristão, em uma concepção do indivíduo ativo, dominando a si mesmo e a natureza. Para o autor, ainda não existe uma palavra que designaria a vitalidade não-ativa das tribos pós-modernas, uma vitalidade da eterna-criança¹², um pouco lúdica, um pouco anômica. Uma eterna criança

¹² Maffesoli (1999) mostra que, na atualidade, substituiu-se o adulto forte e racional da modernidade pela eterna criança. O mito remete que a eterna criança é calculadamente imoral, mas ético no que costura,

que é Dionísio, não restrita aos grupos de boêmios, mas à ideia de que toda ocasião é boa para se viver.

Para isso, exemplifica com o imaginário do “Tour de France”, uma nova subida em direção à infância, que, de maneira mais ou menos barroca, carrega fantasias, sonhos, o estar com o senso lúdico partilhado, expressando o prazer da horizontalidade, o sentimento de fraternidade, a nostalgia de uma fusão pré-individual (MAFFESOLI, 1999, p.99).

3.14 A transfiguração do político

Maffesoli (1997) nos lembra que, ao longo da história humana, sempre existiu uma força imaterial, imaginal que deu sustentação ao político. Entretanto, esse tempo da política passa a ser objeto de desconfiança, por esta não estar mais capacitada, ou desacreditada, para enfrentar os desafios do momento. Conforme o autor, hoje em dia, de maneira geral, o político não merece consideração, pois “é visto sob suspeita de corrupção, como um histrião de gesticulação e linguagem estranhas, tendo como sua preocupação essencial ser visto na mídia” (MAFFESOLI, 2007, p. 09).

Todavia, o autor aponta que a política teria perdido força de atração porque as pessoas não querem mais adiar o gozo, não querem mais esperar o paraíso celeste ou outras formas de sociedades futuras reformadas, revolucionadas ou mudadas. Somente importaria o presente vivido aqui e agora com outros.

Por mais de dois séculos de modernidade, valorizamos a ação dos sistemas políticos que se basearam na administração racional de tudo e de todos. O desinteresse do povo pela política sempre foi visto como expressão de ignorância, desinformação, apatia. No entanto, tais comportamentos não seriam meras passividades frente ao poder político, mas a expressão de um movimento subterrâneo que, em silêncio, por intermédio da indiferença, da ironia e da inércia estaria solapando as bases sobre as quais os sistemas políticos têm se apoiado ao longo da modernidade. Esse movimento

rejunta e induz a uma outra relação com a alteridade com o outro que é o próximo e com a natureza. Essa criança sabe que, para aquém das convicções, dos projetos e objetivos mais ou menos impostos, a vida existe com toda sua riqueza, sem finalidade nem utilidade: simplesmente a vida.

estaria baseado na não-ação, em que o político cede lugar à contemplação, em uma espécie de orientalização do mundo, um tempo social mais descontraído, que deixa as coisas correrem.

Assim, para o autor, o povo se distancia da política porque ela sempre se baseou em um projeto, em uma visão teleológica da história, de sentido único, e, portanto, totalitária, que entra em contradição com a diversidade da vida em sociedade que não se deixa encerrar em uma via reta.

O fim e o sentido devem estar aqui e agora e não constituírem uma utopia exterior, de modo que aprendamos a aceitar o mundo pelo que ele é. Os atuais regimes democráticos estão marcados por uma reação orgânica do corpo social que, não se reconhecendo mais nos seus representantes, busca um novo equilíbrio capaz de traduzi-lo melhor. O homem, não sustentando mais as esperanças, necessita viver o aqui e o agora.

Haveria um desprezo aos regimes, manifestado pelo consentimento discreto à opressão, que desmonta o que sustentaria um regime, a fascinação. Nesse sentido, Maffesoli destaca que nenhum regime resiste muito tempo aos efeitos do distanciamento interior induzido pelo desprezo, podendo explodir em levantes incontroláveis ou exprimir-se através da desafeição em relação à coisa pública.

Para o autor, a política tem negado as paixões e teria se esquecido de que elas desempenham importante papel na luta política. Os governantes, os regimes políticos são obcecados por tudo abstrair e a tudo racionalizar. A coisa pública assume um caráter de exterioridade, afastando-se, com isso, da vida que flui, que não segue necessariamente os cânones da razão.

Maffesoli (1997) aponta a morte da política ou sua transfiguração, que denota novas maneiras de exercer a atividade da *polis* e não propriamente o seu fim. A ideia de morte nos remete a um sentido do fim de sua existência, o que não é o que o autor deseja apontar. Por isso, talvez, o uso da expressão transfiguração seja mais adequada e faça mais sentido.

Assim, o político é uma instância que determina a vida social, limita-a, constrange-a e permite-lhe existir. Na origem de qualquer coletividade sempre existe uma ideia fundadora sustentada pelo mito, história racional, fato legendário, ou outra, que serve de substrato à dominação legítima do estado.

A transfiguração se daria porque os indivíduos, na contemporaneidade, estariam propensos a se integrar em um todo orgânico, sem objetivos pré-estabelecidos, sem projetos políticos, sem a pretensão de adiar o gozo, mas preocupados somente em viver e dar ênfase ao presente, ao aqui e agora, compartilhando sentimentos, pequenos prazeres da vida na companhia dos outros. O que permite compreender essa transfiguração seria o presenteísmo¹³. Para Maffesoli (2004), o comando do social começa a ser tomado por baixo, pelas microtribos, a partir da emoção, do afeto e não da razão.

A questão do político na atualidade, para Maffesoli (1997), é que o pacto que lhe deu sustentação parece ter se rompido ao longo da modernidade. Nesse período, o político se baseou na razão monovalente, em uma visão linear e progressista e, portanto, teleológica da história que não comporta a pluralidade da vida social, e que, por muitas vezes, tem desembocado em várias formas de totalitarismos. Antes do imaginário totalitário, que se transcreveu politicamente no Estado-nação, prevaleceu o equilíbrio conflitual, em uma realidade de múltiplas facetas.

Para qualquer denominação adotada para a detenção do poder, este se cristaliza na energia interna da comunidade, mobiliza a força imaginal que a constitui e assegura o bom equilíbrio entre esta e o meio circundante, tanto social quanto natural. Nos regimes existiria uma servidão voluntária, uma curiosa pulsão que força a submissão a outro, a aceitar chefes, um efeito de estrutura ou lei natural inexorável que incita a dobrar a espinha e a aceitar de alguém ou alguns a lei, seja verdadeiro ou o falso, o bem ou o mal, o desejável ou o indesejável. No absolutismo, ela ocorre com a coerção que se torna a marca do político.

Assim, o poder se legitima contratualmente, por consentimento, ou mesmo impondo a coerção. Esta, entretanto, é consentida e, para funcionar, deve-se aceitar a

¹³ Maffesoli (1997) utiliza o termo presenteísmo como uma expressão do paradigma estético, que tem a função de nos ligar uns aos outros fazendo com que tenhamos confiança no mundo que partilhamos. Também pelo presenteísmo, o autor (1997) explica que ele permite compreender a transfiguração do político. O êxtase doméstico, satisfeito em possuir com outros um momento e um lugar bem delimitados vem sucedendo a ação prometéica, ao êxtase revolucionário ou político. Ocorreria uma suspensão do tempo. O instante e o momento vivido representam a alternativa à filosofia da história ou do progresso que predominou na modernidade.

evidência de sua autoridade moral e, de certa maneira, ter fé nela, repousando sobre uma forma de aceitação.

Segundo o autor, a implosão do político está ligada à saturação da lógica de identidade, à qual chama de patriarcado e que prevaleceu na modernidade. O poder construiu-se e reforçou-se na gestão e na regulação de organizações, nas associações organizadas racionalmente como as de identidades sexuais, profissionais, classes, categorias sócio-profissionais, ideológicas, religiosas, filosóficas ou políticas. Entretanto, uma vez que o sujeito encontra-se fragilizado, o contrato estabelecido entre ele e outros sujeitos históricos também está.

Na atualidade, esse sistema está cedendo lugar a uma outra lógica, chamada de identificação, que ele denomina também de matriarcado. Este conota um estado civilizacional mais frouxo, diverso, estilhaçado, mais próximo da vida em suas diversas potencialidades. Na nova ordem que vem surgindo, aparece a fusão das emoções comuns, dos fanatismos religiosos, dos movimentos de massa, do desabamento dos sistemas ideológicos, em sucessão à distinção das representações separadas que não se baseiam em convicções racionais, mas em representações sobre a fascinação e a contaminação resultantes da pressão irresistível de um “nós fusional” cujo cimento é feito de ideias comuns que contaminam, um a um, multidões cada vez maiores.

Como uma característica fundante da nova ordem, Maffesoli vê surgindo uma tendência para a vida em comunidade, em grupos. Os indivíduos estariam propensos a se integrar em um todo orgânico, em um nós fusional, sem objetivos preestabelecidos, sem preocupação com o futuro, sem projetos políticos, sem a pretensão de adiar o gozo, preocupados somente em viver o presente, o aqui e agora, compartilhando sentimentos, pequenos prazeres da vida na companhia de outros.

Nessa saturação do político, apresenta-se essa nova socialidade que não tem objetivos precisos, que tem sentido no momento presente partilhado aqui e agora, que não é dramático como a política que busca soluções, mas que funciona como um sentimento trágico, pouco importando o objetivo a atingir. Vive-se uma estética, entendida como o experimentar emoções, sentimentos, paixões comuns, nos mais diversos domínios da vida social. Assim, a transfiguração do político denota novas maneiras de exercer a atividade da *polis* e não propriamente o seu fim.

Em uma entrevista concedida no Brasil na Unisinos, em 2007, Maffesoli fala sobre a transfiguração do político, sobre o nascimento de ícones hipermodernos e a tentativa de refletir sobre as transfigurações da ética e do imaginário, em tempo de pós-democracia. Nessa entrevista, o autor faz uma discussão sobre o político e suas configurações no imaginário atual, apontando para uma teatralização do político, justificando que ocorre um retorno na história e nas vivências humanas. Para ilustrar, cita Calígula, Heliogábalo, na festa da deusa Razão durante a Revolução Francesa, nas cerimônias inúteis e de ritos profanos que têm circundado ou circundam a nossa vida.

Segundo Maffesoli, nessa entrevista, o bom velho Marx disse que toda coisa que se apresenta na nobre forma da tragédia é destinada, antes ou depois, a representar-se, mas transfigurada em farsa ou em vulgar comédia. A transfiguração do político na atualidade estaria, assim, regida por um deslocamento fundamental de nosso eixo político: a passagem da convicção à sedução. Essa tendência à sedução corresponderia à saturação de todos os canais emotivos, fato que nos leva a nos perguntarmos, para o futuro, quais serão as novas formas do viver, do sentir e do estar juntos.

Para Maffesoli, a crítica política ainda não teria entendido essa passagem da convicção à sedução. O fato é que surgem novos estilos de vida comunitária, em que o arcaico e as tecnologias convivem, em que existem resíduos de racionalismo, de atitudes irracionais em que, em uma análise superficial, poderíamos apontar uma confusão geral. Maffesoli destaca, na referida entrevista, que, nessa perspectiva, um pouco literária, um pouco anarquizante, o estar juntos poderia nos aproximar de uma federação de microentidades autônomas, ligadas transversalmente por novos meios de comunicação interativa. Nessa sinergia formar-se-iam as tribos pós-modernas.

3.15 O sair de si

Maffesoli lembra que, na pós-modernidade, haveria um hedonismo cotidiano que se alimenta dos entusiasmos coletivos, das solidariedades, do prazer mercantilizado e tudo que se liga ao presenteísmo. Para o autor, haveria um impulso vital que procura agregação e, talvez, isso exprima um arquétipo da natureza humana que valoriza o desejo de comunhão.

Buscando a compreensão do que nos leva a nos unir uns aos outros, a nos agregar e a praticar atos solidários, Maffesoli adverte que tal atitude é a de sair de si, por meio da qual o indivíduo assume sua vida pessoal enganchado ao instinto vital que o leva a perder-se em um conjunto mais vasto no qual ele participa com os outros. As relações entre cada um e o conjunto são estabelecidas pelo corpo no cotidiano, em que se fundam os vínculos sociais, que permitem a criação e recriação da socialidade, possibilitando ao indivíduo ser aceito em grupos ou tribos. Podemos compreender o sair de si como uma saída do individualismo para o conjunto, para o coletivo, na perspectiva dos vínculos sociais estabelecidos pelas tribos.

Existiria um outro, ou um monstro à espreita de cada um. Ao lado do homem que pensa, existe o que é movido pelas paixões, havendo um corpo que se mexe, um corpo que se manipula. Ele se manifesta no orgasmo musical, nas drogas, nos pegs automobilísticos, nos métodos trágicos de gritar e viver a eternidade, constituindo exemplos da experiência de “sair de si”(êxtase), ou seja, o indivíduo sai de si mesmo para participar do completamente diferente.

Lembramos que a expressão por ele utilizada é diferente da usada no Brasil, que se refere a “perder a cabeça”. Sair de si, na perspectiva de Maffesoli, envolve as máscaras que são assumidas e que permitem a passagem da identidade para uma noção de identificação que integra a pessoa às tribos.

3.16 Orgiasmo

Maffesoli (2005) cria o termo “orgiasmo”, que seria uma das estruturas de toda a socialidade. O termo, que vem de orgia, possui diversos significados, como excesso, desregramento, anarquia. Na Antiguidade, orgia era um ritual festivo em homenagem a Dionísio, deus de múltiplas faces, que ocorria normalmente à noite. No plano sexual, orgia significa que uma pessoa se relaciona com vários parceiros, todos juntos, mantendo contato entre si. Assim, o autor faz a analogia transpondo para o social, em que viver um orgasmo é ter múltiplas identificações, entregando-se a vários amantes, que também são coisas, programas de TV, estilos, atividades, esportes, dentre outros. A regra é não ter somente um valor e, sim, ter várias máscaras para se camuflar em várias

identificações. O eu é múltiplo e entrega-se a diversas paixões, visto que “o orgasmo é essencialmente plural” (MAFFESOLI, 1999, p. 11).

O autor trabalha com a ideia da perda do indivíduo em um sujeito coletivo. Nessa perspectiva, quem determinaria o eu seria o outro. De acordo com as agregações (família, cidade, povo) múltiplas, o ser vive num “porvir”. No coletivo adianta-se ao individual, passando os grandes valores a ser relativizados. O que era negativo vai sendo aceito. A moral hoje seria de caráter individual, cada um tendo a sua. Cada um aprendeu a conviver com as diferenças. Assim, Maffesoli cria outro termo, o “confusional”, que seria a perda das certezas e o surgimento de uma realidade indefinida em que cada um exerce um papel, mas não uma função. As pessoas se satisfazem no coletivo.

Vive-se hoje uma efervescência dionisíaca, em que o que vale é o todo, é a relação do eu com os outros. É necessário haver múltiplas identificações para que a sociedade se preserve no seio de uma totalidade. O corpo coletivo deve prevalecer sobre o próprio corpo. O orgasmo é, desse modo, um fator de socialidade, incitando todos a viverem a dilaceração no conjunto societal. A pós-modernidade desdenha as virtudes moralistas vigentes na modernidade.

Dionísio funda uma nova ordem na pós-modernidade, na qual o coletivo prevalece sobre o individualismo. O imaginário, os sonhos, as coisas mágicas que foram esquecidas estão sendo ovacionadas e vividas pelo conjunto social.

3.17 Imagem e Comunicação

Outra noção importante de Maffesoli (1999, p. 267) para a compreensão da atualidade é a de comunicação, uma vez que sua análise centra-se na ideia de conjunção ou no estar juntos, ou seja “a comunicação torna-se comunhão”.

No latim, *communitas*, *commnio e communis* significam um compartilhamento, que envolve troca e circulação, não se restringindo a mídias ou a simples informação, como muitas vezes esses termos são compreendidos.

Na contemporaneidade, temos presenciado uma transformação nas formas de comunicação. A atual geração de jovens já nasce inserida em um contexto social onde

especialmente a internet e o celular fazem parte do cotidiano. Dessa forma, como a comunicação é hoje fundamental para a produção de cultura, compreender como o jovem a utiliza nessa produção/transmissão cultural, na atual estética social, é imprescindível. Em um sentido mais amplo, a comunicação é também todo modo de ser de cada sociedade. Conforme sinaliza Beverari (2012), Rousseau apontou que o homem, ao perceber a existência da sensibilidade como algo presente no indivíduo, deixou vir à tona a necessidade de comunicar seus sentimentos e pensamentos.

Nesse sentido, a comunicação depende do outro, sendo uma forma de compartilhar ideias, experiências, sentimentos, significando o mundo. Também nessa direção, compreendemos o corpo como central no processo de comunicação, ao expressar códigos de linguagem que apresentam os diferentes modos de ser de um povo, que se comunica pelas vestimentas, pelo estilo dos cabelos, pelos comportamentos nos espaços sociais etc.

A comunicação, para Maffesoli (2003a), é a primeira relação que nos remete para uma sociedade de informação na qual nos formamos em um mundo comum, no qual o indivíduo é o que é na relação com as pessoas. A comunicação é que nos liga ao outro, é o que faz “reliance” (religação), é o cimento social, é a cola do mundo pós-moderno. Para o autor, a comunicação é uma forma de reencarnação do velho simbolismo arcaico, pelo qual percebemos que não podemos nos compreender individualmente, mas que só podemos existir e compreendermo-nos na relação com o outro.

Se a ideia do coletivo vem ganhando espaço e predominando, a ideia de individualismo passa a não fazer muito sentido, pois, para que o coletivo exista, é necessário que cada um esteja ligado a outro e o que faz essa mediação é a comunicação. O importante é o *primum relationis*, ou seja, o princípio de relação que nos une ao outro, quando se participa de um destino comum.

Maffesoli (2003a) observa que Heidegger concebeu uma bela fórmula para sintetizar tudo isso: “compreender é vibrar”. Para isso, o autor coloca o sentido etimológico da palavra, que significa pegar com, tomar junto, reunir, abordar o mundo na sua totalidade, abrir-se aos outros, remetendo essa forma de vibração, essencialmente, à comunicação.

O autor faz uma crítica ao monopólio das palavras informação e comunicação pelos intelectuais hegemônicos que, não estando atentos ao sentido desses termos, falam de informação sem pensar no que significa pôr em forma e sem referência à criação de um destino comum, deixando de lado o essencial, fazendo desaparecer o participativo, a partilha, o laço social.

Assim, Maffesoli (1999) aponta a diferença entre informação e comunicação. Informar significa ser formado por, trataria da forma que forma, a forma formante. Considerando estarmos em uma era da informação, as noções tornam-se significativas. Na informação, não se pensa por si mesmo, mas se é pensado, formado, inserido em uma comunidade de destino.

A informação também liga, une, junta. Em que pese o fato de comunicação e informação se diferenciarem conceitualmente, ambas descrevem um *modus vivendi* característico da pós-modernidade. A comunicação remete ao estar juntos, enquanto a informação, ao utilitário.

A comunicação ocorre nas conversas sem razão de ser de todo dia, conversar por conversar, para estar junto, para passar o tempo, para dividir um sentimento, uma emoção, um momento. Comunicar por comunicar.

Já a informação pode ser vista como uma astúcia da comunicação. A pessoa olha um telejornal, em princípio para informar-se, mas, em realidade, toma-o como um espetáculo, um divertimento, um jogo de imagens. Também o leitor quer saber o final da novela, como foi determinada festa, o que leva a deduzir que o que conta na sociedade de informação é a partilha cotidiana e segmentada das emoções e de pequenos acontecimentos.

Assim, a informação pode estabelecer comunhão partilhada de algo entre indivíduos e grupos, estabelecendo comunidades, já que “a emissão não pode controlar efetivamente a recepção” (MAFFESOLI, 1999, p.15). Ela se volta para um público-alvo, em que, no conjunto de informações, os indivíduos absorvem aquilo que os faz vibrar, ficando mais segmentada e voltada para um público-alvo, reforçando a dimensão do aspecto tribal presente na contemporaneidade.

Ao nos remetermos a ambas no sentido da partilha de emoções e de sentimentos, é necessário considerarmos que, nesse sentido, é necessário dirigir-se a tribos que comungam em torno de um totem. Em qualquer forma de comunicação e de

informação, há essa possibilidade de criação, em dado momento, de um totem, seja pelas lembranças de família, pelo desejo de criação de um grupo a partir de um elemento comum, por exemplo, a identificação sexual.

Entretanto, também é necessário considerar que, tradicionalmente, as funções da comunicação estabelecem uma hierarquia que vai da informação à distração, passando pela formação, pela educação, pela prestação de serviços ao público e outras categorias. Maffesoli (2003a) adverte que, mesmo correndo o risco de provocar escândalo, ou de ser perverso, caberia dizer que a principal função da comunicação é divertir, distrair, entreter.

Diferente das análises marxista e neo-marxista que colocam a diversão como forma de alienação para dominá-las, o autor recorre a Pascal, para quem o divertimento tem uma função ética, porque divertir-se significa pôr a morte de lado. A comunicação é um divertimento, pois permite constituir as comunidades, a fertilização da vida, fazendo esquecer provisoriamente a morte. Para Maffesoli, às vezes o indivíduo simularia uma adesão, ou não mostra interesse em opor-se a algo, mas, no seu íntimo, permanece refratário ou inalcançável. Dessa forma, mesmo que não goste de algo, para não provocar choques de opinião, guarda um silêncio respeitoso e polido. Nesse sentido, o que se caracteriza como realidade não se resume ou não corresponde à realidade. Existiria, assim, ação na contemplação, resistência na passividade, astúcia na reserva, ou seja, um estilo de vida na negociação.

Outra forma da atual sociedade que envolve formas de informação e comunicação é a internet cujo aspecto interativo prevalece sobre o utilitário e potencializa um dos mais sólidos arcaísmos hoje presentes na sociedade contemporânea, que é o estar em relação-agora, mediado pela tecnologia. A internet é uma nova ordem comunicativa, por meio da qual, no isolamento, as pessoas encontram uma nova maneira de estar juntas. Não somente a internet, mas as tecnologias virtuais se afirmam pela proximidade, pelo espírito de solidariedade em rede, pela correspondência e pela expressão comunicativa e de fruição subjetiva.

Conforme Gioseffi (2009), as imagens, mídias e tecnologias virtuais chamam a atenção na contemporaneidade revolucionando a comunicação com novas linguagens. Maffesoli (1999) aponta como signo desse tempo a “força imaginal”, que possibilita a produção de novas subjetividades, destacando que o pensar e o viver efetivam novas

formas de contato e expressões. Haveria hoje uma preeminência da subjetividade sobre a objetividade. A autora coloca: “*imagens, imaginários, imaginação, sonhos, aparências; em uma palavra: virtualidades. Imagens muitas vezes falam por si.*” (GIOSEFFI, 2009, p.53).

Maffesoli argumenta que as imagens, enquanto signo transfigurador, conduzem o imaginário para sentir esteticamente as realidades. Para o autor, a comunicação pós-moderna é o retorno do simbólico pré-moderno.

Outra observação de Maffesoli (1999) é no sentido de uma análise das imagens. Desde os profetas do Antigo Testamento, passando pela tradição judaico-cristã até o cartesianismo moderno, os ícones foram utilizados, podendo as sociedades serem consideradas iconoclastas. Os ícones traduzem e transportam ao presente coisas de um passado muitas vezes remoto, carregando as raízes mitológicas muito antigas, arquetípicas, que permitem entender as formas hoje assumidas por mitos. Entretanto, sempre foi observada uma condenação constante, uma estigmatização e uma marginalização das imagens.

O autor esclarece que as sociedades pós-modernas estão indo, ao contrário, para uma espécie de iconofilia: publicidade, televisão, videogames, ocorrendo um retorno das imagens, resultando no que chama de idolatria pós-moderna. Os ídolos como Zidane, Harry Potter funcionariam como totens em torno dos quais as tribos se agregam e se compõem em função dos gostos que os constituem, sejam eles sexuais, musicais, esportivos, políticos ou outros.

Maffesoli (1995) aponta o caráter mágico das imagens, colocando-as como vetor de comunhão, atuando no desenvolvimento do sentir coletivo. A modernidade teria tocado o pensamento mágico pelas ciências e pela razão, ocorrendo, agora, a vingança das imagens, vez que, na socialidade transfigurada, não há nenhum aspecto da vida social que não esteja contaminado por elas.

Para o autor, a imagem é uma estrutura labiríntica ainda não devidamente explorada e interpretada intelectualmente. Sua principal função na pós-modernidade seria a religação que esta produz, por um partilhar em comum em torno de uma imagem, mesmo que não seja muito lógico, gerando vínculos e permitindo o reconhecimento de si a partir do conhecimento do outro. A imagem reforça o lado social

e emocional, agregando em torno de si a comunidade. Maffesoli argumenta que do visível, do imanente, surge o transcendente como um reencantamento do mundo.

Observa também o autor (1999) que, como inexiste sujeito, inexiste também o tempo, que recomeça eternamente e, como um camaleão, o indivíduo-pessoa cria e recria o seu processo cíclico, nasce e renasce, determinando uma noção de história humana em um tempo eterno e inexistente. Do mesmo modo, o espaço transforma-se em imagem compartilhada, ou seja, existe para o sujeito apenas à medida que compõe seu imaginário como expressão simbólica (o que chama de objeto imajado), porém um simbólico arquetípico. Dessa maneira, inexiste o objeto para o indivíduo-pessoa.

Assim, corpo e objeto são imagéticos, tempo é imagem presentificada no espaço e espaço é corpo-objeto imaginado. O imaginário é imagem supracorpórea que se torna comum a todos os seres humanos por ser uma tradução simbólica do inconsciente coletivo. Este é o núcleo central e força motriz que determina todos os sujeitos a se comportarem de maneiras similares em épocas específicas, formando os fenômenos sociais.

Maffesoli (1999, p. 343) afirma que a imagem resulta em um produto, que pode ser a política, a religião, o ecologismo, o individualismo ou as fraldas “Pampers”, sendo um espectro que leva a diversas formas de agregação. Nesse aspecto, lembra ser necessário romper com a visão em que a televisão ou cinema são um grande caldeirão produtor de ideologia para um passivo consumidor. A realidade é muito mais complexa. A identificação com um produto emblemático é por adesão. Para Maffesoli (1999, p.344), “a estética da imagem corresponde a sua função dinâmica (aisthesis), a de fazer experimentar junto emoções e, com isso, fortalecer o corpo social que é seu portador.

O autor faz referência ao vídeo-texto, que seria totalmente aplicável hoje às redes sociais. Nesse ambiente, não há necessidade de se conhecer, para reconhecer, pois, havendo presença no seio da ausência, em tempo real, o indivíduo atém-se a trocas interativas.

Para Maffesoli (2004a), o homem, moldado pelo imaginário pós-moderno, não quer apenas informação na mídia, mas, fundamentalmente, ver-se, ouvir-se, participar, contar o próprio cotidiano para si mesmo e para aqueles com quem convive.

3.18 O sujeito e a *persona* em Maffesoli

Segundo Guareschi (2004), o sujeito em Maffesoli é visto como um produto sociocultural e histórico, sendo o histórico determinado pelos conteúdos arquetípicos. Desse modo, o sujeito é determinado pelos arquétipos do inconsciente coletivo.

Morin (1996) conceitua o sujeito, envolvendo três aspectos básicos: ter consciência de si mesmo, em conjunto com a autorreferência e a reflexividade; liberdade de escolha entre diversas alternativas e consciência da necessidade de relacionamento com o outro.

Maffesoli (1999) aponta para outra noção do sujeito, em que inexiste a ideia de um sujeito consciente e livre para realizar escolhas. O personagem indivíduo-pessoa tem restrita consciência de si, da liberdade que possui e da necessidade de relacionamento com o outro. A singularidade do sujeito, de autonomia, é substrato da ideia de identidade, conceito pertencente à modernidade, sendo que, na pós-modernidade, o que surge é um princípio de alonomia, “que se apóia no ajustamento, na acomodação, na articulação orgânica com a alteridade social e natural” (MAFFESOLI, 2000, p. 42).

Seria necessário resgatar a questão do sujeito. Do Iluminismo forjou-se a concepção da razão universal, que concedia a centralidade ao homem como portador de uma razão metafísica. Para Macedo (2008), a concepção universal da razão aponta haver um desacordo entre o sujeito e o que há de acidental, empírico, histórico, singular. A autora cita que Nietzsche teria reduzido a razão transcendental a “coisa em si”, ou seja, de um dado *a priori* para uma vontade ativada nas representações do sujeito, contestando a ideia de uma razão, estável, localizada no humano, ao relacioná-la a história em sua instabilidade, colocando em dúvida a neutralidade do sujeito por uma razão universal em função do sujeito do conhecimento, ao perguntar “quem fala”.

A concepção moderna de sujeito soberano foi também abalada por autores do pós-estruturalismo, que apontam ser ele resultante da representação e da história, sendo o sujeito da modernidade somente uma representação discursiva. Macedo (2008), recorrendo a Foucault, concorda que o sujeito seria constituído no e pelo discurso, e também a Nietzsche no que se refere à proposição de quem fala, propondo ampliar a discussão para a análise da localização daquele que fala.

A noção do sujeito é importante na obra de Maffesoli, pois a questão da razão e da consciência faz parte do arquétipo da modernidade. Ao apontar para a questão das agregações, das massas e seus movimentos, na pós-modernidade, o autor mostra que as massas se dividem em tribos, sendo estas formadas por pessoas que se juntam por uma ética da estética e vivenciam a emoção compartilhada. O que move massas, tribos e pessoas não é algo consciente e, sim os materiais do inconsciente coletivo que se tornam parcialmente conscientes. Para ele, “o que está em causa é uma verdadeira fuga para o outro. Um desejo inconsciente de constituir multidão, de colar-se aos outros” (MAFFESOLI, 2001a, p. 169). Nesse contexto, o indivíduo-pessoa apresenta restritas possibilidades de consciência dos processos sociais em que está inserido.

O sujeito é, na verdade, “um simulacro arquetípico”, ele veste uma máscara (persona) e atua, sem saber bem o que está encenando, repetindo-se em um tempo eterno cíclico. Assim, todas as efervescências, fragmentações, paixões estariam na ordem da aparência, porque, no fundo da aparência, o que existe é um inconsciente coletivo igual em todos os seres humanos, em todos os tempos.

Uma das formas de se buscar a inclusão social é no processo interativo com diversos elementos de um conjunto, no qual uns se sobressaem sobre os outros. Desse modo, também aparece o que Maffesoli (1999, p. 315) chama de “organicidade performática”. A performance é sobrevalorizada como forma de se sentir agregado e, dessa maneira, ela se apresenta na vida pessoal, no trabalho, no esporte praticado como lazer. Essa busca pela superação, algumas vezes, gera a espetacularização, tendendo os indivíduos a adotar comportamentos, a adquirir objetos simbólicos, a assumir posições ideológicas, que seriam suas estratégias para se identificar e sobressair em seus grupos sociais.

No imaginário formatado ou por imagens ideais ou sagradas-profanas, o sujeito sonha sua existência imagética. Quem o faz sonhar é o inconsciente coletivo que se projeta simbolicamente sobre todas as dimensões com seus arquétipos. Assim, quem existe é o inconsciente coletivo. Também se destaca que, em Maffesoli (2000), as tribos são formadas por pessoas, ou melhor, personas, que possuem um linguajar comum, marcas corporais expressas no e a partir do corpo-persona e a persona se diferencia do sujeito. Persona enquanto arquétipo vive e repete os instintos criadores coletivos. O autor se refere etimologicamente à “persona”. Na lógica da emocionalidade, surge a

pessoa, com máscara social, que são os diversos papéis que a pessoa assume nas várias dimensões da vida e nos grupos de pertencimento.

O sujeito somente pode ser analisado e identificado quando situado, mesmo esforçando-se para esquecer o sujeito empírico, individualizado. Esse situacionismo e o envolvimento permitem avaliar as práticas corporais como o “body-building”, a teatralidade, os cuidados com o corpo, compreendendo os jogos de aparência que se inscrevem em um sistema simbólico. Desse modo, o autor refere-se frequentemente à pessoa.

De acordo com o que foi apresentado neste capítulo, conclui-se que o autor coloca a atualidade como uma época de transição, estando a modernidade em crise, pela saturação do indivíduo, do Estado-nação, pela questão epistemológica com o retorno do sensível, do corpo e do vivido. Estaríamos também no fim das grandes certezas ideológicas, das metanarrativas, dos valores que moldaram a modernidade, dos mitos modernos do trabalho, da representação política e do saber científico, o que vem a provocar o surgimento de outra época em que o corpo individual desliza para um corpo coletivo, tempo em que o estar juntos seria a principal marca.

Maffesoli faz uma aproximação entre o que de fato é a vida com o que é pensado. Sem recusar a razão, remete a uma razão sensível em que também o frívolo, a emoção, a aparência, o prazer dos sentidos, o jogo das formas, ou seja, tudo que remete à estética passa a ser reconhecido. Em vez de uma dualidade entre razão e emoção, faz a aproximação entre ambas e pontua que o sensível seria a condição de possibilidade da vida e do conhecimento, permitindo considerar a vida uma obra de arte.

Como a análise de Maffesoli se diferencia de outros autores, ele cunhou diversas noções para lhe permitir explicitar sua compreensão de mundo voltada à pós-modernidade.

Para o autor, nessa transição, Dionísio emerge constituindo a socialidade, que floresce dos sentimentos comuns, dos pequenos nada que fazem o todo, nas agregações, na pluralidade do viver social e o que é experimentado com os outros é primordial, gerando a ética da estética.

É na ética da estética que suas pesquisas sobre a atualidade estão situadas. A atual configuração social, para o autor, constitui-se impregnada de agregações, surgindo as tribos pós-modernas, sejam das igrejas, dos partidos, do sertanejo, do rock,

engendradas por formas de solidariedade. Tais tribos não se solidificam por identidades, mas por identificações válidas para o momento, sustentadas no gosto ou no interesse específico de um determinado grupo que se encontra para aquele fim, fazendo com que se tenha, na contemporaneidade, o retorno do nomadismo.

O autor aponta que, diferentemente da modernidade, tem-se, na atualidade, horror ao vácuo, o que nos leva à agregação, fazendo com que as pessoas se reúnam e, sem o menor sentido, liguem-se ao outro ou ao se perderem no outro.

Estaríamos entrando, assim, em um tempo do paradigma estético no qual a pessoa somente existe na relação com o outro, o que daria sentido ao ato de vivenciar e sentir em comum. A estética está na perspectiva do que é vivido em comum, das ações e sentimentos vividos em comum que geram sentidos e significados, ou de tudo o que liga ao presenteísmo, à força agregativa. É uma estética ampliada em que a erótica dos corpos funciona como fator de união, de criação de comunidades, mesmo que virtuais.

Também o político ganha nova dimensão na atualidade, quando se transfigura em novas maneiras de exercer a atividade da *polis* e não o seu fim. Tem-se presente uma tendência para a vida em comunidade, não há preocupação com o futuro, com projetos políticos, querendo-se viver a vida presente sem adiar o gozo, compartilhando os sentimentos e os pequenos prazeres da vida na companhia dos outros.

Para isso, o corpo tem de estar em evidência, já que são pelas relações estabelecidas por ele que se fundam vínculos sociais que permitem a criação e recriação da socialidade, o que possibilita que o indivíduo seja aceito em tribos.

Também é um tempo de comunicação e informação, o que confirma a tendência de nos ligarmos ao outro. Para que o coletivo exista, é necessário estarmos ligados ao outro, cabendo à comunicação o papel dessa mediação. Nesse contexto, a internet é uma nova ordem comunicativa em que, no isolamento, foi possibilitada uma nova maneira de estar juntos., confirmando mais uma vez nossa tendência de nos agregarmos sem o menor sentido.

Dando sequência ao trabalho, descreveremos, no próximo capítulo, o referencial teórico que fundamenta o aparato metodológico utilizado para esta pesquisa.

FUNDAMENTOS DO REFERENCIAL METODOLÓGICO ADOTADO

4. A sociologia compreensiva

Buscaremos, neste bloco, apontar o referencial teórico que fundamenta a base metodológica da pesquisa, distinto da revisão teórica do tema propriamente dita. Ou seja, serão abordados os fundamentos destacados pelos autores utilizados na concepção metodológica, principalmente no que se refere à sustentação metodológica de Maffesoli, no caso a sociologia compreensiva, a fenomenologia, a hermenêutica e a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, por sua estreita relação com o tema.

Max Weber pode ser considerado o fundador dessa corrente da sociologia. Como referência para consolidação de sua tese, Weber aponta que a sociedade não é algo superior e exterior aos indivíduos, como sugere Durkheim. O autor se opõe ao positivismo, discordando que a ordem social submete os indivíduos a elas, afirmando não existir oposição entre o indivíduo e sociedade. As normas sociais somente se tornam concretas, quando se manifestam em cada indivíduo sob a forma de motivação. Desse modo, cria uma teoria da ação social que se tornaria o objeto da sociologia. A ação social é definida, para Weber, como a conduta humana dotada de sentido, o qual motivaria a ação individual.

Weber define quatro categorias de ação social, quais sejam: (a) tradicionais-determinadas por um costume ou hábito arraigado; (b) racionais com relação a um valor individual - fiéis à sua ideia, à sua honra, inobservam tradições; (c) afetivas - orientadas pelas emoções e sentimentos; (d) racionais com relação a um fim - determinadas por um cálculo racional que coloca fins e organizadas pelos meios necessários.

Assim, a sociologia, como campo que faz estudos sobre o comportamento social, distinguiu-se inicialmente com três correntes que questionam se nosso comportamento seria individual, espontâneo e descolado do passado.

A resposta para o positivismo é negativa, pois sofremos coerção, que é o que determina nosso comportamento. Para o marxismo também não é diferente, já que,

segundo tal teoria, nosso comportamento seria determinado pela estrutura econômica. Para a sociologia compreensiva também há a mesma resposta, vez que sofremos influência dos outros membros do grupo ao qual pertencemos, da história e das diferentes formas de dominação¹⁴

Fleury (2003, p. 26) destaca que a compreensão em Weber corresponde simultaneamente a uma ética da probidade intelectual e a especificidade das ciências humanas e sociais: “a compreensão revela o sentido visado pelos indivíduos agindo no seio de uma ação ou de uma relação”. Para compreender a própria ação, é necessário captar os significados sociais construídos e partilhados pelos agentes. Weber rejeita os pré-conceitos de julgamentos definitivos de valor e *a priori*, mas também não os exclui totalmente, pois considera que constituem um conjunto de fontes de interpretação indispensáveis que dão sentido ao fenômeno.

A compreensão em Weber se assemelharia a uma arte em que se mobilizam diversas fontes de saber e cultura pessoal. O autor afirma que, para compreendermos como um agente controla um mundo, é necessário transpor-se para o mundo dele, sendo necessário captar o sentido subjetivo posto pelo agente sem substituir por um sentido objetivo reconstruído pelo observador.

Weber questiona a especificidade do racionalismo ocidental que se estende por diversas áreas como a religiosa, jurídica, econômica, urbana, política e artística. Evita as armadilhas do etnocentrismo considerando o elo entre o comportamento dos indivíduos às formas econômicas, às estruturas sociais e às instituições políticas. Também tem uma posição antievolucionista, recusando a ideia de progresso e de leis dialéticas de uma história universal, linear e necessária. A vida social estaria constituída por “encadeamentos de circunstâncias, nos cruzamentos de fatores e na simultaneidade das contingências temporais”(FLEURY, 2003, p.33).

Ainda se destaca, nas ideias de Weber, a tensão entre racionalidade e irracionalidade, considerando a presença simultânea de ambas na sociedade e no comportamento individual. Como o que pode ser considerado racional, a partir de um

¹⁴ As formas de dominação podem ser classificadas como: tradicional – sempre foi assim, características patriarcais e patrimonialistas como a família com o clã do pai, do rei; carismática - devoção a um líder, profeta, guerreiros, intelectual ou político; legal – tem por base a lei, os estatutos, predominam normas impessoais e racionalidade na escolha de meios e fins, comuns nas empresas, no exército.

ponto de vista, também pode ser julgado como irracional por outro, os conceitos não se separam.

Para a sociologia compreensiva, a história é essencial para a compreensão das sociedades, permitindo o entendimento das diferenças sociais. Assim, os fatores históricos seriam indícios no método compreensivo. O método compreensivo se basearia na interpretação do passado e sua repercussão nas características peculiares das sociedades contemporâneas.

4.1 Maffesoli e a sociologia compreensiva

Dentro dessa abordagem weberiana, Maffesoli “cria” sua noção do método compreensivo. Destacamos que enfatiza que as questões econômicas da sociedade não podem ser tratadas como se fossem determinantes e únicas. Maffesoli parte de uma espécie de cesura entre a sociologia positivista, para a qual cada coisa é apenas um sintoma de outra coisa e a sociologia compreensiva “que descreve o vivido naquilo que é, contentando-se, assim, em discernir as visadas dos diferentes atores envolvidos” (MAFFESOLI, 2007, p.23).

O que o autor propõe é que a sociologia compreensiva seja o que ele costuma chamar de a “sociologia do lado de dentro”. “O pensador”, afirma Maffesoli, “não se deve abstrair sendo ele que faz parte daquilo que descreve e, situado no plano interno, é capaz de manifestar certa visão de dentro, uma intuição” (MAFFESOLI, 1986, p.26). Na sociologia compreensiva, o autor utiliza a noção de formismo como metodologia, ou seja, a prática também utilizada por G. Simmel que estuda as formas da vida social. Maffesoli defende esse recurso metodológico, especialmente quando se pretende dar conta da força de estruturação de uma socialidade.

Em 1986, em seu livro “O conhecimento comum: compêndio da sociologia compreensiva”, em vez de se reduzir um determinado problema ao menor denominador comum, propõe compreender os entrecruzamentos de paixões e razões, de sentimentos e cálculos, de devaneios e ações que se chama sociedade.

Cada forma tem a sua especificidade. A sociologia compreensiva está mais interessada em compreender do que explicar, já que cada forma tem sua especificidade.

Assim, compreender o social é mostrá-lo como ele se apresenta e não como gostaríamos que fosse. Desse modo, a sociologia compreensiva, a partir do conhecimento comum, evita desviar, não estabelecendo um *dever-ser* ao objeto social para não mudar seu curso, em uma analogia ao leito de um rio feita pelo autor.

A utilização da fenomenologia com a abordagem de Maffesoli se deve ao fato de considerarmos que a compreensão do corpo é considerá-lo como algo capaz de produzir sentidos, de produzir representações sobre o mundo.

Talamoni (2008) aponta que o adolescente tem necessidade de reajustar sua autoimagem e que essa pode representar marcas que o incluem ou excluem de determinados grupos. Assim, o estabelecimento de relações no âmbito de um grupo passa pelas formas de apresentação do corpo. Maffesoli (1999) argumenta que o corpo imprime marcas que legitimam sua pertença a determinadas tribos ou agrupamentos que nos remetem à existência de representações corporais compartilhadas por grupos específicos. Assim, o estudo sobre a constituição dos grupos a partir do referencial das representações e ou apresentações do corpo no âmbito da escola se faz necessário para compreensão do jovem no âmbito escolar que se converterá em assertivas na formação do professor que irá lidar nesse ambiente.

Para Maffesoli, uma nova cultura estaria nascendo, na qual a lógica da identidade que prevaleceu durante toda a modernidade vem sendo substituída por uma lógica da identificação. A ética da estética se resume no experimentar juntos, por qualquer que seja o motivo. Seus estudos voltam-se para a compreensão dos laços sociais estabelecidos na modernidade e sua transfiguração na pós-modernidade em que experimentar com os outros é primordial. Isso significa compreender a redução entre razão e sensibilidade enfatizada na modernidade. Na atualidade haveria um retorno do corpo, do sensível e da intensidade, em uma criatividade da existência. “A vida como obra de arte”, a estetização do social, compreendendo a estética como compartilhamento das emoções. As novas tecnologias e o arcaico convivendo no cotidiano.

Para Maffesoli, as análises político-econômicas não dão conta de todas as explicações que justifiquem a compreensão social, como se pretendeu na lógica da modernidade, que prometeu que chegaríamos a uma sociedade perfeita. Houve, nessa lógica, a invenção de que seríamos sujeitos individuais se associando aos demais contratualmente, noção esta que se saturou, ocorrendo um deslize para outras noções.

Assim, no presenteísmo, a conversa fiada, as questões afetivas, o trabalho, a família, a sorte no horóscopo, a banalidade do cotidiano, tudo isso são fatores de reunião e acabam em um retorno ao tribalismo, ocorrendo a desindividualização em oposição ao individualismo gerado na modernidade. Existiria no neo-tribalismo uma contraposição aos grupos sociais, contratuais, da modernidade. No paradigma estético vale o sentido de vivenciar ou sentir em comum. Isso superaria a dicotomia sujeito/objeto ao enfatizar muito mais o que une do que o que separa. A tônica é a estética, na qual se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos (MAFFESOLI, 1997, p. 101-102).

O método compreensivo, para Maffesoli (2007, p. 19), possibilita uma abordagem indutiva, feita de discernimento e rica em matizes. O conhecimento ordinário faz emergir o abalo e a surpresa que constituem os fundamentos das obras de pensamento. Essa abordagem indutiva aponta elementos da “vida em seu eterno recomeço, a vida em sua dimensão eterna”.

Segundo o autor, pelo método compreensivo, faz-se uma reversibilidade entre afeto e razão que se conjugam, mesclam-se e se confundem, sendo uma “razão que emerge da vida vivida, a qual, por seu turno, não pode subsistir sem a razão” (MAFFESOLI, 2007, p.19). Isso é o que estaria em jogo na conjugação entre saber e ação no conhecimento e na socialidade.

Maffesoli (2007), ao discutir a sociologia compreensiva e seu método, aponta que há representações intelectuais que repousam na abstração e outras que remetem à empatia. Uma dá ênfase na crítica, no mecanismo e na razão, enquanto a outra enfatiza a natureza, o sentimento, o orgânico e a imaginação. Pela dicotomia apresentada entre ambas, o autor chama de construção paranoica em substituição ao metanoico.

Também Maffesoli lembra que, nas ideologias, algumas são transcendentais, com perspectivas críticas, utópicas e outras congruentes, que legitimam a ordem estabelecida. Com estes e outros pressupostos discutidos como os paradigmas interacionista e determinista, entre cesura da intencionalidade nomotética e a ideográfica, o autor parte para a cesura entre a “sociologia positivista, onde cada coisa é apenas um sintoma de uma outra coisa, e uma sociologia compreensiva, que descreve o vivido naquilo que é/está, contentando-se, assim, em discernir visadas de distintos atores envolvidos (MAFFESOLI, 2007, p.30). Para ele, o pensador é “aquele que diz o

mundo”, não devendo ser motivo de abstração, fazendo daquilo que é descrito, situado no plano interno, ter a capacidade de manifestar certa visão de dentro, uma autêntica “intuição”, ou seja, é essa sociologia do lado de dentro que se propõe com a sociologia compreensiva.

Nessa perspectiva, é necessário contar com o pressuposto da forma ou do que se chamou de formismo (já descrito anteriormente nesta pesquisa). O segundo pressuposto é de uma sensibilidade relativista, que estabelece as tipicalidades ou comparatismo em que se destacam dois aspectos: um em relação às formas, não havendo novidades na história humana, já que há um modo cíclico de retorno dos valores, apresentando alterações tecnicistas; outro de que há diversidade nas abordagens em que o valor dominante do momento se acentua, ocorrendo a oscilação pendular entre Dionísio e Prometeu. Não há realidade única, mas maneiras diferentes de concebê-la e o contraditorial se apresenta de modo operante no dado social.

Esses agrupamentos remetem à existência de representações corporais compartilhadas por grupos específicos, sendo necessário compreender como o estético remete a uma ética das situações no atual vitalismo social.

4.2 A fenomenologia

A palavra fenomenologia é estabelecida a partir de dois termos gregos, o *phainomenos*, aquilo que se mostra por si mesmo, e *logos*, que é um discurso esclarecedor.

O termo ganhou tradição na filosofia em 1807, a partir de Hegel, com a “Fenomenologia do Espírito”, que a distingue da fenomenologia kantiana na relação entre o fenômeno e o ser ou absoluto. Hegel mostra como o absoluto, cognoscível e qualificado como Si ou Espírito, está presente em cada momento da experiência, seja ela religiosa, estética, jurídica, prática, política.

Esse termo já existia na filosofia bem antes de Husserl, mas é com ele que ela passa a ser compreendida como a reflexão sobre aquilo que se mostra, ou descrição dos fenômenos para o retorno às coisas tais quais elas são em si mesmas. Com Husserl, ela aparece como fundamento para toda forma de conhecimento, sendo a reflexão sobre

aquilo que se mostra, ou a descrição dos fenômenos para retorno às coisas tais quais elas são em si mesmas. Husserl se diferencia dos modelos anteriores da tradição filosófica que supunha a relação sujeito-objeto e sugere a noção de intencionalidade. O conhecimento, para o autor, é sustentado pela consciência intencional, que não é uma consciência em si, mas consciência de alguma coisa. A intencionalidade significa a característica geral da consciência de ser consciência de alguma coisa, de implicar, na sua qualidade de cogito, o seu *cogitatum* em si mesmo.

Outros autores também definem a fenomenologia. Para Lyotard (2008, p. 19), o termo significa estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência que é dado e pode ser explorado, sendo “a própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o eu para quem é fenômeno”.

Dartigues (2005) define a fenomenologia como o estudo ou a ciência do fenômeno, constituindo-se, desse modo, com um domínio ilimitado, pois tudo que aparece é fenômeno. Segundo o autor, no século XX, Husserl a coloca como movimento de pensamento. Kant coloca o ser como “o que limita a pretensão do fenômeno ao mesmo tempo que ele permanece fora de alcance”. Hegel afirma que o fenômeno é “reabsorvido num conhecimento sistemático do ser” e Husserl como ontologia, já que, para ele, o “sentido do ser e do fenômeno não podem ser dissociados” (DARTIGUES, 2005, p.11).

Para Lyotard (2008, p. 09), ela significa o “estudo dos fenômenos, daquilo que aparece a consciência, daquilo que é dado”. De acordo com o autor, a fenomenologia, pretende explorar a própria coisa que se percebe, sobre que se pensa, de que se fala, devendo evitar hipóteses. De Husserl a Heidegger, a fenomenologia criou heranças, mas também mutações. O autor justifica o uso da fenomenologia, em que o dado imediatamente inferior ao tema científico, “revela o estilo fundamental, ou a essência, da consciência deste dado, que é a intencionalidade” (LYOTARD, 2008, p.10). A fenomenologia substitui a tradicional consciência que insere o mundo exterior, mostra uma consciência que é a relação com o mundo. Seria necessário desvendar os modos através dos quais a consciência se tece com o mundo, sem substituir as ciências do homem. Existem hoje vários fenomenólogos. Para Lyotard, embora o sentido do que seja fenomenologia esteja ainda em curso, considerando que ela vai de Heidegger a

Fink, de Merleau-Ponty a Ricoeur, de Thévenaz a Lévinas, existe um estilo fenomenológico comum do qual Husserl é precursor.

Husserl buscou resolver uma crise da filosofia, das ciências do homem e das ciências puras. Os sistemas filosóficos tradicionais encontravam-se em crise, pois a ciência, pelo positivismo, tomara o espaço da metafísica, não aceitando qualquer conhecimento que venha da “experiência”. Mesmo a psicologia procura se estabelecer como ciência exata, eliminando aspectos subjetivos. Contudo, os sentidos da objetividade, a validade universal, o sujeito puro kantiano, que tem sua segurança no objetivismo, começam a ser questionados, e o sujeito concreto, em seu psiquismo e história, já não podem mais ser explicados pelo objetivismo. Desse modo, segundo Dartigues (2005, p. 15), Dilthey, James e Bergson, citam que é preciso voltar ao “sentimento de vida” e analisam a “corrente de consciência ou dados imediatos da consciência”. Brentano distingue os fenômenos físicos dos fenômenos psíquicos, afirmando que os fenômenos podem ser “percebidos” e a percepção original constitui o conhecimento fundamental.

Assim, a questão da consciência e da relação com o objeto se torna em seguida o campo de análise da fenomenologia de Husserl, que também faz críticas às ciências experimentais que não saberiam determinar exatamente seu objeto e o que fazer com seus resultados, especialmente a psicologia experimental. Husserl rejeita o naturalismo como eram tratadas essas ciências, que apontavam que os princípios diretores do conhecimento seriam resultantes de leis biológicas, psicológicas ou sociológicas, ou que chamou de *psicologismo*.

Dartigues (2005, p. 09) observa que Husserl aponta duas condições para sustentar a fenomenologia: “como pensar segundo a sua natureza e em cada uma de suas nuances – e portanto, sem jamais ultrapassá-los – os dados da experiência em sua totalidade?” e a segunda, “o fenômeno está penetrado no pensamento, de logos e que por sua vez o logos se expõe e só se expõe no fenômeno”.

Husserl trabalha com a intuição, justificando que os fenômenos se nos dão por intermédio dos sentidos, que são dotados de sentido ou essência, o que constitui a intuição como intuição da essência ou do sentido. Essa essência responderia à questão “o que é o que é?”

Um dos pontos importantes na fenomenologia de Husserl é a noção de que todo fenômeno tem uma essência, o que possibilita nomeá-lo, designá-lo, não podendo ser reduzido somente a uma única dimensão de fato, já que o fato é sempre visado de um sentido. A pura possibilidade de algo existir (como uma sinfonia), já distingue “algo”, criando a possibilidade de identificá-lo. Assim, se a essência permite identificar um fenômeno, é porque ela é sempre idêntica a si própria. A essência não tem, desse modo, a possibilidade de ser outra coisa e se opõe à “facticidade”, que Husserl define ao caráter de fato, aleatório, de sua manifestação. Essa essência é o ser da coisa ou da qualidade, não sendo a coisa ou a qualidade. Poderá haver tantas essências quantas significações nosso espírito seja capaz de produzir.

Dessa forma, Dartigues (2005, p.14) observa que, para Husserl, a primeira finalidade da fenomenologia é de elucidar o “puro reino das essências”, debruçando-se, assim, em buscar “a essência das formas puras do pensamento, as categorias lógicas e gramaticais que nos permitem pensar um objeto”.

Outra noção utilizada por Husserl é de que as coisas residem na consciência que é sempre consciência de alguma coisa. Dessa maneira, o objeto somente é definido em sua relação com a consciência. Assim, a existência de algo depende, então, do modo como a consciência os percebe. Aparece, desse modo, a noção de coisa mesma, ou da maneira como a coisa é percebida que cria a representação. No processo de elucidação da essência, há uma correlação consciência objeto: a consciência é objeto para a consciência sendo o que garante a existência da consciência e do objeto. Assim, no sujeito há mais do que o sujeito, já que “é constituído por sua referência ao fluxo subjetivo da vivência” (DARTIGUES, 2005, p.23).

Husserl contribui com a noção que muda a relação sujeito – objeto da tradição oriunda do positivismo, em que essa correlação somente se dá pela intuição originária da vivência de consciência. Mostra, ainda, que o estudo dessa correlação resulta na análise descritiva do campo da consciência. O autor define a fenomenologia como “a ciência descritiva das essências da consciência e seus atos”. A consciência suspende sua crença na realidade do mundo exterior “colocando-se como consciência transcendental, o que torna possível a aparição desse mundo e doadora de sentido, o que Husserl chama de atitude fenomenológica” (DARTIGUES, 2005, p.25). Na atitude fenomenológica, o mundo não é uma existência, mas um simples fenômeno, não passando do que ele é

para a consciência. Husserl ultrapassa o pensamento cartesiano, no qual o eu do cogito foi concebido como alma-substância e coloca o *eu penso* em correlação e seu *objeto de pensamento*. Os valores, entre ele e os sentidos de existência, são entendidos como fenomenolizados.

A tarefa da fenomenologia, segundo Dartigues (2005, p. 26), seria “analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo”. Não se trata do realismo ingênuo como no caso do idealismo, que concebia o mundo contido na consciência, mas na distensão do tecido da consciência e do mundo com seus fios aparecendo.

Husserl, com o princípio da intencionalidade que comporta as vivências, propõe elementos reais para a sua fenomenologia: a abertura do objeto à consciência e à matéria (percepção de cores, tecituras, formas). Assim, uma árvore percebida somente existiria enquanto percebida por momentos sensíveis, que dependem das estruturas da consciência intencional. Isso leva a Husserl a afirmar que o fato, o objeto e o mundo são *constituídos*. Assim a fenomenologia torna-se o estudo da constituição do mundo na consciência, ou fenomenologia constitutiva.

Husserl entende o eu como sujeito ou eu transcendental, aproximando dos neokantianos do sujeito transcendental. A distinção do eu concreto ao eu do ego nos atos de consciência são fundamentos da possibilidade da compreensão de si, que são discutidas por Sartre e Heidegger.

Com isso, surge a possibilidade de novas filosofias da existência, não se voltando para o sujeito, mas para o mundo, como a consciência o vive. Segundo a perspectiva de Merleau-Ponty (2004, p. 11), em seu livro “Fenomenologia da percepção”:

voltar às coisas mesmas é voltar a esse mundo antes do conhecimento, do qual o conhecimento fala sempre e com relação ao qual toda a determinação científica é abstrata, significativa e dependente como a geografia com relação à paisagem onde aprendemos pela primeira vez o que é uma floresta, uma campina ou um rio.

Husserl avançou no pensamento de Kant afirmando que tudo que existe somente pode ser para nós um fenômeno da existência e não uma realidade em si mesma. As

coisas fora de nós são fruto do nosso entendimento e não o que elas são em si mesmas. A intencionalidade é criadora, fazendo o mundo aparecer.

Assim, Delruelle (2004) afirma que o fim da fenomenologia seria enraizar as ciências no mundo da vida, devolvendo o sentido subjetivo que deve ser devolvido à nossa cultura. As essências não podem ser concluídas a partir dos fatos, já que são objetos de uma intuição. Não se deve comparar e concluir, mas deve-se reduzir, purificar o fenômeno de tudo o que não é essencial, fazendo aparecer o essencial.

A ideia de intenção é central na fenomenologia e está no fundamento de compreender, uma vez que o humano deve ser compreendido. Buscar o artefato é necessário, pois nele reside uma intenção que se revela e que nos é acessível. Compreender um pensamento é percebê-lo no interior e na intenção que o anima.

Lyotard (2008, p. 96) esclarece que, em toda a ciência humana, a compreensibilidade do homem pelo homem está implícita e que somente será identificada na “relação do observador ao observado, do homem ao homem, de mim a ti” . Desse modo, a antropologia e a sociologia contêm uma socialidade originária. Segundo o autor, não se deve colocar a sociedade como um objeto no meio de outros objetos, nem nos introduzir como objetos de pensamento. Para o fenomenólogo, o social nunca é um objeto, ele “é apreendido como vivido e trata-se então, como referido na psicologia, de descrever adequadamente tal vivido, para lhe reconstituir o sentido” (idem, p.103). Mas a descrição somente pode ser realizada com bases nos dados sociológicos, que podem ser resultados de uma objetivação prévia do social.

A aproximação entre a fenomenologia e psicanálise fez parecer que compreender é um encontro entre duas intencionalidades, a do sujeito que procura conhecer e a do sujeito que deve se tornar objeto de conhecimento. A consciência cognoscente produz uma elaboração científica que permite reduzir a distância da consciência a conhecer. Para isso, é imprescindível utilizar a fase explicativa, pois leva a uma compreensão de ordem superior ou a uma intuição de sentido humano do fenômeno estudado.

Entretanto, dentre as fundamentações elaboradas por Husserl, aparecem posteriormente as análises de Merleau-Ponty, para quem as ciências humanas se tornam compreensivas, ao se fundarem no *a priori* que é o mundo vivido, sobre o conhecimento antes do conhecimento, na relação com o mundo e com o outrem.

4.3 Merleau-Ponty

Como fora mencionado, esta pesquisa propõe estudar o corpo no processo de formação do jovem junto ao espaço vivencial da escola. Para tal, iremos considerar a visão de Merleau-Ponty sobre fenomenologia, especialmente no que se refere ao corpo, o que não o distancia de Maffesoli, mas, ao contrário, faz a aproximação. Para Merleau-Ponty, o corpo é compreendido enquanto fenômeno.

Na apresentação do livro de Merleau-Ponty intitulado “Palestras” (2002, p. 10), Arthur Morão cita que o atrativo nuclear do trabalho do autor é a percepção e os demais temas vão se nucleando em sua volta, como

o significado do corpo, a sua relação com o mundo e com os outros, a comunicação das consciências no mundo, a intersubjetividade como corporeidade, o nexos de desejo e palavra, a razão entre razão e linguagem, a efabilidade do sensível, o enlace entre sujeito e objeto mediante o corpo vivido, a secreta afinidade e complementaridade – em plena diferença – entre ciência e arte na revelação.

A questão da percepção vem sendo posta há muito tempo pela filosofia. Saes (2010) faz esse resgate desde Aristóteles, para quem percebemos os sensíveis pelos sentidos e a percepção sensível ou sensação (*aísthesis*) é o modo de contato e conhecimento da realidade que se estabelece pelos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato, sendo uma característica dos animais. Para Aristóteles, a percepção sensível é uma capacidade complexa ligada aos órgãos do corpo. Essas capacidades entram em ação ou se atualizam, quando postas em contato com os objetos sensíveis (como exemplo, a cor seria um sensível próprio da visão). Há o pressuposto em Aristóteles de que recebemos as formas sensíveis sem a matéria, e o indivíduo que percebe, assim é afetado por esta.

Descartes, segundo Saes (2010, p. 16), procede a uma mudança no conceito aristotélico de percepção, afirmando que o que percebemos não são diretamente as coisas, mas as representações que temos delas em nossas mentes, ou de outro modo, “pode ser um conteúdo mental através do qual alguma coisa se apresenta à nossa consciência”. Aristóteles teria utilizado o verbo perceber, que não se refere diretamente aos sentidos, enquanto que Descartes utilizara o verbo sentir, que se refere diretamente

às sensações. Para Descartes, como a percepção é intelectual, por ela o eu pensante tem acesso aos pensamentos, dando lugar às representações. Ele ainda afirma que sentir é pensar e a sensação é uma atividade pressuposta na produção de qualquer ideia ou representação sensível. Sentir implica consciência do sentir. Entretanto, Descartes salienta que, para termos conhecimento dotado de certeza, temos de afastar a mente dos sentidos, já que estes podem nos enganar.

Já em Hume, o conceito de percepção se amplia, vez que, para esse filósofo, todos os conteúdos da mente humana são percepções, que se distinguem por graus de força e vivacidade. Haveria duas classes de percepção classificadas por Hume, “as impressões que são percepções mais fortes e vívidas; os pensamentos ou ideias que são percepções mais tênues, menos fortes e vivazes” (SAES, 2010, p.19).

Kant daria mais um passo na conceituação, colocando que, para se compreender a concepção de percepção, é necessário citar a distinção que ele faz entre fenômeno e coisa em si. A coisa em si jamais é percebida, sendo suprassensível, estando além de nossa capacidade sensível de apreensão. O fenômeno “encerra o aspecto da coisa tal como ela aparece para nós; por isto, podemos percebê-lo” (SAES, 2010, p.23). Para Kant, as coisas existentes na realidade, que podem ser objetos de nossa experiência, somente aparecem para nós como fenômeno e nunca como coisa em si. Para se perceber um fenômeno, é necessário que haja sensações, que são efeitos causados pelos objetos que afetam nossos sentidos. Além disso, também é necessária a consciência atuando juntamente com as sensações, para que, desse modo, a percepção seja um estado da consciência. A sensação seria meramente a matéria da percepção, sendo necessárias formas de recepção dessa matéria que estariam na consciência. Essas formas são o espaço tempo estruturado e organizado em dados brutos dispersos em sensações. Pela percepção, Kant elabora outro conceito importante, o de “*intuição empírica*”. A percepção é intuição empírica, na qual se tem consciência de um objeto, representado como real em um espaço tempo. O sentido de intuição é de um conhecimento direto, sem necessidade de raciocínios. Nisso resulta o modo como Kant trata da questão do conhecimento. Para haver conhecimento de objetos, é preciso intuição empírica e conceitos, o que formará os juízos. Para o filósofo, somente esses podem conter e veicular conhecimentos. Saes (2010, p. 23) ainda lembra que “a experiência requer intuições e conceitos, e o conhecimento só é possível quando as intuições são

determinadas por conceitos nos atos de juízo”. É importante ainda lembrar que, em Kant, a faculdade das intuições é a sensibilidade dos conceitos e o entendimento. Para ele, ambas precisam se integrar e colaborar, para que efetivamente haja experiência e conhecimento.

Na contemporaneidade, é Merleau-Ponty que discute e foca em seu trabalho a questão da percepção, fazendo críticas ao empirismo e ao intelectualismo moderno, com críticas a oposições dualistas, recusando a explicação causal da percepção, negando regras estáveis entre elementos perceptivos e a recusa de que a percepção só ocorria mediante operações intelectuais que promoveriam ordenações de um mundo caótico. Merleau-Ponty (2004, p. 28) concebe a percepção “como um acesso originário ao mundo, um conhecimento de existências pressupostos por todos os atos da consciência humana”.

Para Merleau-Ponty, a ênfase que a filosofia vinha dando ao objeto acarretou no empobrecimento da noção de percepção que ficara restrita às operações de conhecimento. Para isso, faz um resgate do campo perceptivo em que o todo percebido é aderido ao seu contexto, a situação em que aparece, a atmosfera que faz sua vivência e a percepção das qualidades em que afetos e valores se misturam ao percebido. A experiência sensível é parte integrante do processo vital e o que foi percebido está sempre no campo ou no contexto de outras coisas, em um processo de coexistência que pode se agrupar com diferentes sentidos. O que sentimos e percebemos são totalidades dotadas de sentido.

Ao abordarmos Merleau-Ponty, conseqüentemente estamos nos direcionando à questão corpo-mente. Para Ramos (2010), o autor partiu de dois questionamentos: o primeiro de que Descartes teria omitido alguns problemas, como a recusa à sensibilidade, que seria uma fonte de incerteza e de dúvida, e, dando primazia à razão, separando corpo e mente.

Descartes teria utilizado, em seu pensamento, alguns questionamentos que o levaram à sua abordagem. Ele levanta o fato de que não podemos definir algo que ainda desconhecemos, alertando que os sentidos nos enganam e pergunta se podemos confiar em alguém que já nos enganou alguma vez. Desse modo, fica a interrogação se podemos confiar nas informações trazidas pelos sentidos. Ramos (2010) discute a questão, considerando as posições de Descartes, apontando se, nos sonhos, temos

certeza de estar em outro lugar, o que leva a nos questionar: será verdadeiro aquilo que se sonhou? Se não temos certeza se é verdadeiro, será que somos um corpo localizado em um tempo e espaço determinado?

Assim, a experiência sensível nos deixa em dúvida sobre nosso corpo e mesmo sobre a existência. Descartes supera essa questão com o seu cogito. Para ele, a certeza da existência estaria no pensar, na possibilidade de duvidar. Assim, afirma “eu sou pensamento” e seu famoso cogito “Penso, logo existo”. Entretanto, Descartes percebe que a sensação de fome ou de sede age sobre a mente e compreende que sua existência é de um corpo material unido a uma mente pensante, sendo uma existência encarnada, uma experiência da mistura da mente com o corpo.

Ramos (2010, p. 35) cita que o desafio de Merleau-Ponty foi de fazer a crítica ao cartesianismo e “explicar o ser humano por meio da experiência viva que o liga ao mundo sensível”. Para Merleau-Ponty, a vida concreta é sempre encarnada, não havendo pensamento sem a experiência sensível e, antes de pensar, é preciso perceber, mergulhar através do corpo em um mundo que o envolve. Assim, para o autor, não seria o sujeito pensante que faz a reflexão, mas o sujeito encarnado que responde aos questionamentos do mundo. A percepção, para Merleau-Ponty, diferentemente de Descartes, não o enganaria, mas o colocaria em contato com a inesgotável riqueza do mundo, em um movimento exploratório infinito que o mundo sensível proporciona.

De acordo com Merleau-Ponty, o corpo não seria um conjunto estruturado de órgãos que o ligam ao ambiente, pois ele tem intencionalidade. As percepções não são desligadas dos elementos do mundo exterior, não havendo percepção abstrata, “porque perceber é sempre perceber alguma coisa” (RAMOS, 2010, p. 40). O corpo reage às insinuações do mundo sensível, de modo que uma cor pode se associar a uma música e o corpo reagir a estas.

Merleau-Ponty (2004, p. 230-231) propõe uma noção ampliada da intencionalidade, que é a base para sua compreensão do fenômeno da percepção, redimensionando a relação sujeito-objeto, argumentando que

fomos habituados pela tradição cartesiana a nos desprendermos do objeto: a atitude reflexiva purifica simultaneamente a noção comum do corpo e da alma definindo o corpo como uma soma das partes sem interior e, a alma, como um ser totalmente presente a si mesmo, sem distância. Essas definições correlatas estabelecem a clareza em nós e fora de nós: transparência de um sujeito que é exclusivamente aquilo que pensa ser. O objeto é objeto de ponta a ponta e a consciência,

consciência de ponta a ponta. Há dois e somente dois sentidos da palavra existir: existe-se como coisa ou existe-se como consciência. A experiência do próprio corpo, ao contrário, revela-nos um modo de existência ambíguo.

O autor desloca, do ponto de vista filosófico, com a noção de intencionalidade operante, as reflexões sobre a consciência, para uma noção de corpo vivido, não recusando as ambiguidades das experiências vividas. Para isso, o plano do sensível traz o imbricamento corpo-mundo, em que emergem os sentidos fundamentais de toda experiência, através de uma intencionalidade operante. No ambíguo campo do sensível, a pluralidade de sentidos se instala.

Atrai-nos especialmente em Merleau-Ponty o fato de ele apontar que é no nível da percepção que ocorre o registro ou junção da relação corpo e alma, através da qual podemos compreender as condições do sujeito pensante com as condições orgânicas de sua vida, o que nos possibilita desenvolver a pesquisa sob esse olhar. Conceber o homem na sua existência, sendo corpo e não através do corpo, para reconhecer o corpo vivido como modalidade de ser no mundo.

O mundo, em Merleau-Ponty, é apresentado como horizonte intencional das experiências vividas. O sujeito não pensa em estar no mundo, pois essa consciência está no pré-reflexivo. Como o corpo vive essa experiência do conhecimento no mundo, essa vivência lhe possibilita a experiência da percepção. Assim, o corpo não é reduzido a um organismo que acumula informações mecanicamente, mas considerado uma modalidade existencial fundamental, revestido de intenções próprias e vividas. Também nos interessa, em se tratando de escola, que Merleau-Ponty resgata o conhecimento sensível e originário da percepção.

O corpo merleau-pontiano é consciência encarnada no mundo, sendo o núcleo significativo da existência. É pelo corpo que entrelaçamos a essência com a existência, entre pensamento e corpo, somente possibilitado pela experiência perceptiva vivida do corpo, enquanto consciência encarnada.

Ao apontarmos a utilização do método fenomenológico, concordamos com Talamoni (2010) para quem esse método, ao reconhecer o corpo como fonte de conhecimento, propicia o questionamento de concepções, olhares e caminhos adotados pela prática científica tradicional, no que concerne à própria natureza do conhecimento.

Também ao utilizarmos as ideias de Merleau-Ponty (2006), valorizamos a percepção dos próprios corpos como forma de conhecimento do mundo e de si mesmo, e a importância da percepção que os indivíduos nutrem acerca do conhecimento de si mesmos e do mundo. Para o autor, a fenomenologia pode ser entendida como o estudo das essências, como a essência da percepção, procurando restituí-la à existência.

Merleau-Ponty faz críticas ao empirismo e ao intelectualismo moderno, às oposições dualistas como corpo-mente, sujeito-objeto, recusando a explicação causal da percepção. O autor concebe a percepção como acesso originário ao mundo, um conhecimento de existência pressuposto por todos os atos de consciência. O que sentimos e percebemos são totalidades dotadas de sentido. Também é proposto que não haja melhor maneira de compreender o homem e o mundo “senão a partir de sua facticidade” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.1).

Para a fenomenologia da percepção, o mundo existe antes da reflexão como uma “presença inalienável”, e é justamente essa busca das essências na existência, nesse mundo onde a experiência se concretiza, que permite a realização de uma “descrição direta de nossa experiência tal como ela é”, antes mesmo de ser capturada pela consciência que a interpreta.

Merleau-Ponty utilizou as últimas obras de Husserl como inspiração, apontando que a intenção compreensiva foi produzida pelas ciências, enfatizando que, da mesma forma, das ciências não nasceram os fenômenos a serem explicados. Os fenômenos humanos e os físicos das ciências não escapam à reflexão fenomenológica, o que nos leva a afirmar que as reflexões do autor alcançam a proposta da pesquisa.

A teoria fenomenológica da corporeidade de Merleau-Ponty faz contraposição à visão de causalidade física da interação corpo-alma no método mecanicista do corpo proposto por Descartes. Entretanto, a herança cartesiana até hoje influencia a representação de corpo. Para Merleau-Ponty, o corpo é sujeito da experiência originária da percepção. A distinção cartesiana de corpo e alma transformou o corpo em objeto, resumindo-o a um mecanismo fisiológico e a alma a uma substância pensante. A tradição cartesiana aponta que os sentidos nos levam a cometer erros. Não nos levando à verdade e à razão, teria a função de não nos deixar confiar nas percepções sensíveis. A alma estaria, para Descartes, ligada ao corpo por uma interação mecânica. A substância da alma cartesiana seria uma substância pensante. Nesse interacionismo, a alma seria a

parte racional do homem e o corpo, um mecanismo fisiológico movido por impulso. Nesse sentido, o corpo seria autônomo em relação à alma. Pelas regras do método, o corpo se submete ao espírito, o pensamento racional efetiva a distinção do corpo (*res extensa*) e o espírito (*res cogitans*), o que reafirma a concepção dualista do homem.

A realidade cartesiana faz a junção dessas duas realidades distintas e independentes em que o sujeito, representado pelo espírito, é o responsável pelo conhecimento verdadeiro acerca do universo. O corpo, nesse contexto, é qualificado como uma máquina semovente, cujo conhecimento é concebido como fonte de erro e ilusão, devendo ser considerado apenas um instrumento do conhecimento a serviço do eu pensante. A dimensão corpórea não participaria do ato de conhecer, sendo o conhecimento fruto exclusivo da razão.

Por meio da fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, o homem passa a ser concebido através do que ele é na sua existência, ou seja, sendo seu corpo, reconhecendo, desse modo, o corpo vivido como modalidade do ser-no-mundo. O mundo é apresentado como horizonte intencional das experiências vividas. O sujeito não pensaria estar no mundo. A consciência de estar no mundo aconteceria no pré-reflexivo. Como é o corpo que vive essa experiência do conhecimento do mundo, possibilitaria a experiência da percepção.

Merleau-Ponty resgata o conhecimento sensível e originário da percepção, cuja função de sujeito é vivida pelo corpo. O corpo próprio ou corpo vivido, como é chamado por Merleau-Ponty, não é reduzido apenas à classificação objetiva da ciência. O corpo não é simplesmente o exterior do homem, mas a instância em que a existência adquire sentido e realidade.

O filósofo faz crítica ao empirismo e ao intelectualismo. O empirismo que tem a doutrina de tratar o mundo como objeto, ou o mundo como em si e no intelectualismo, o mundo é constituído pela consciência. Desse modo, Merleau-Ponty aponta que tanto o empirismo quanto o intelectualismo foram insuficientes para dar conta do fenômeno da percepção. Assim, Merleau-Ponty explicita a necessidade da redução fenomenológica, através da qual veríamos em estado nascente o mundo, onde estaria inserido o corpo.

Segundo o autor, o corpo é considerado como sujeito da experiência perceptiva originária. A percepção aconteceria no irrefletido e a experiência perceptiva é sentida pelo corpo. Seria no corpo, no sensível, que o homem expressa sua unidade, adquire

sentido e significado. As experiências do sujeito com o mundo são revestidas de significados e são sentidas pelo corpo, que ganha intenções próprias e vividas. Para o filósofo, a consciência de estar no mundo é anterior a qualquer reflexão e surge com o reconhecimento do corpo como presença carnal da consciência na existência. Na experiência de perceber, o corpo não é tomado como objeto de conhecimento, mas, sim, como instância intencional de “ser-no-mundo”.

Na redução fenomenológica pôs em evidência a intencionalidade da consciência, em que todo objeto real ou ideal remetia a camada primitiva da existência. Assim, as essências seriam a explicitação do campo da idealidade do fato de “ser no mundo”. Para ele, o acesso à existência se dá pela redução fenomenológica, sendo esta a fórmula de uma filosofia existencial. Em suas últimas obras, Husserl referencia a vivência, e Merleau-Ponty aponta que a reflexão sobre a existência é inerente à vivência, justificando que viver é existir. Com a redução fenomenológica, na existência, o sujeito não é jamais puro sujeito nem o mundo puro objeto: “sou um campo, sou uma experiência” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 465).

Husserl apontou o sujeito transcendental, foco pessoal unificador e fundador de toda consciência, ao que Kant já se referia para explicar a questão da experiência. Entretanto, ele carrega resquícios de idealismo que não se justifica no cuidado fenomenológico concreto.

Nesse sentido, a fenomenologia de Merleau-Ponty se destaca da de Husserl, o que é apontado por Dartigues (2008, p. 84), ao afirmar que “a existência escapa ao domínio da consciência porque é ao mesmo tempo aquilo que nos persegue e que nos escapa”.

Husserl e Sartre tentam explicar a unidade da consciência. Husserl tinha o sujeito empírico ou psicológico e remontava ao sujeito transcendental que considerava o polo unitário das visadas de consciência. Sartre não elimina esse pensamento, mas o amplia, ao propor suprimir o sujeito transcendental, de modo a mostrar que permanecem a unidade de consciência pela intencionalidade que transcende a si própria, não necessitando de nenhum eu ou princípio superior de síntese, ou seja, “a consciência não remete a um sujeito como princípio de unidade, pois ela é princípio de unidade para si mesma” (DARTIGUES, 2008, p. 85). Para Dartigues, “não é o sujeito que explica a unidade e a individualidade da consciência. É a consciência, ao contrário, que torna

impossível a unidade e a individualidade do sujeito” (DARTIGUES, 2008, p. 86). Assim, não encontramos na consciência nenhum sujeito. O sujeito transcendental é uma ficção.

Destacamos que, nessa perspectiva, a consciência não pode ser definida por nenhuma realidade, nem pelo sujeito, ou por alguma essência ou substância. Ela é existência pura, na concepção sartreana ou na fenomenologia existencial.

Adotar a fenomenologia de Merleau-Ponty neste estudo implica ainda e concordar com sua afirmação de que o próprio corpo responde por inteiro às insinuações do mundo sensível ao convocar todos os sentidos, de modo que o corpo inteiro responda ao que se apresenta à percepção.

Ramos (2010, p. 56) afirma que “a percepção é um movimento exploratório infinito porque o mundo sensível é um pólo inesgotável de experiência e toda experiência é iniciada pelo corpo. Merleau-Ponty (apud RAMOS, 2010) ainda ressalta que o ser humano é um sujeito encarnado. O corpo se torna verdadeiramente um “corpo humano” .

Merleau-Ponty considera que, para analisar a percepção, é necessário abordá-la do exterior do homem que percebe, situando-se no nível do objeto percebido, pois isso possibilita a análise das estruturas do comportamento. Entretanto, como considera também importante ampliar essa análise, o autor aponta para a necessidade de se colocar no interior do sujeito, o que gera um círculo formado pelo corpo, pelo mundo e por outras pessoas.

Dessa maneira, Cardim (2009, p. 91) explica que o filósofo se preocupa em “pensar a experiência que o sujeito da percepção faz do interior do mundo vivido”, de modo que não podemos separar o objeto percebido do sujeito da percepção.

Além disso, o autor chama a atenção para o fato de que Merleau-Ponty ressalta a existência de três ordens da realidade ou tipos de ser que são a matéria, a vida e o espírito. Considerando o corpo no âmbito desses tipos, em relação à matéria, ou plano físico, o corpo é considerado uma massa de compostos químicos em interação. Em relação ao plano da vida ou à biologia, o autor esclarece que o corpo é a dialética do vivente e de seu meio e finaliza dizendo que, em relação à psicologia ou plano do espírito, o corpo é a dialética do sujeito social e de seu grupo.

De acordo com Merleau-Ponty (2004, p. 269), não há outro meio de se “conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele”.

O corpo, para o autor, é tratado como coisa, também como corpo próprio. O corpo coisa é o que se considera o “meu” corpo como objeto deste mundo, um corpo em ideia pura ou representação, sendo resultado e consequência natural da experiência perceptiva, que faz esquecer o perspectivismo da experiência. O corpo próprio é o corpo como sujeito da percepção, o corpo sujeito é “meu” corpo pessoal.

Ressaltamos que, para Merleau-Ponty (2002, p. 63), os modernos, com seu universo racional, possuem um saber cheio de reservas, uma representação do mundo que não exclui lacunas, com ações que duvidam de si mesmas, mas com o assentimento de todos os homens. Para o autor, “os modernos não têm o dogmatismo nem a certeza dos clássicos, quer se trate de arte, de conhecimento ou de ação”. O pensamento moderno tem um caráter de ambiguidade e de inacabamento, o que permite falar-se de decadência. Os modernos têm o mundo como inacabado, desde que não se considere a natureza, mas o homem.

Merleau-Ponty (2002) é direto em sua crítica à razão. Expõe que as ideologias, muitas vezes, configuram-se como álibis dos regimes liberais que pregam igualdade e fraternidade, uma vez que não basta delegar ao estado a propriedade da produção para se obter a igualdade. Para o autor, é necessário ultrapassar o socialismo e o liberalismo. A opção por qualquer um dos sistemas pela justificativa da razão revela que se privilegia uma razão operante, pouco se preocupando com o fantasma da razão que esconde suas confusões. Querer o eterno, enquanto a realidade do tempo é outra, querer o mais claro, quando a questão é ambígua, é uma forma extremamente romântica de se utilizar a palavra razão no seu exercício.

O fenomenólogo, em sua época, já apontava uma fragilidade dos tempos modernos, buscando no classicismo algo de inspiração mais sólida. Daí, talvez a própria inspiração para o desenvolvimento da questão da fenomenologia da percepção.

Há uma aproximação entre a fenomenologia de Merleau-Ponty e as noções postas por Maffesoli, que também se utiliza da fenomenologia como aparato metodológico em sua obra. Tem-se comum entre os autores a confirmação sobre a lição

da ambiguidade, que seria uma das características do espírito do tempo na atualidade, em Maffesoli, e também para Merleau-Ponty (2004, p. 15), para quem

o que nos marca é a ambiguidade e o inacabamento de tudo o que fazemos, o esforço infinito do processo de uma objetivação que só pode ser aproximativa. Na descoberta desta verdade da nossa condição de sempre, caracterizada pela incerteza e pela insegurança, fomos ajudados pela ciência, mas sobretudo pela arte e pela reflexão filosófica.

4.4 Fenomenologia hermenêutica

A hermenêutica, para Hermann (2002), ressurgiu contra a pretensão de haver um único caminho de acesso à verdade. Em oposição ao ambiente cientificista da modernidade, a hermenêutica traz a perspectiva do interpretar, produzir sentido e a impossibilidade de separar o sujeito do mundo objetivado. Também para a autora, a hermenêutica tem como princípio considerar a compreensão como instância fundadora de nossa existência. No âmbito da educação, ela pode trazer uma aproximação reflexiva da educação a partir de sua possibilidade compreensiva. Nessa perspectiva, a verdade encontra-se imersa na dinâmica do tempo e sua preocupação central é o pensar e o conhecer para a vida prática, o que vai ao encontro das questões educacionais. Nesse sentido, a hermenêutica também se relaciona a outras perspectivas metodológicas e pode se associar a outras correntes como a fenomenologia.

Heidegger recusa o sujeito transcendental de Husserl e a consciência de um pensamento absoluto de Sartre. Em suas ideias, o autor designa o *Dasein* (*Da-aí, Sein-Ser*), que significa existência; designa o homem como ente singular que é, para ele mesmo, uma questão: “o ente para o qual se trata, em seu ser, de seu ser”. (HEIDEGGER, 2006, p.63); designa o que deve ser experimentado como lugar ou campo da verdade do ser e pensado conforme nossa experiência. Para Heidegger, “a essência do *Dasein* reside em sua existência” (HEIDEGGER, 2006, p.23), sendo a existência compreendida como emergência do ser que são as interrogações que o homem faz de si próprio, antes do pensamento, da linguagem. Por isso, Heidegger não se detinha na consciência e suas essências, pois não tinha aí seu último fundamento, já

que o ente que nós somos tem a possibilidade de colocar questões, designando-se como o ser-aí (*Dasein*).

Dartigues (2008, p. 114) aponta que isso inverte o *cogito* cartesiano, uma vez que “o ser não se funda sobre o pensamento ao qual se identificaria, é o pensamento que se funda sobre o ser”, ou seja, a presença do ser não se dá unicamente pelo pensamento, visto que é a existência que antecede e orienta todo pensamento, sendo o pensamento envolvido pela dimensão existencial do sujeito pensante. Ricoeur (apud DARTIGUES, 2008) aponta que é necessário interrogar sobre o ser e, ao mesmo tempo, sobre as estruturas de existência, sendo implicado na investigação “como eu sou” e não “como eu penso”. Desse modo, o investigado e o investigador são o mesmo, o ego não pode interrogar sobre o ser sem se implicar a si mesmo. A certeza adquirida desaparece, dando lugar ao ser-em-questão. O ser se interroga sobre sua própria interrogação ou sobre sua essência de ser interrogativo.

Assim, a fenomenologia se desloca da descrição para a compreensão, ao buscar recursos para compreender a existência em si mesma, não se contentando somente com o ver, mas como um texto a compreender e a interpretar, ou seja, a *hermenêutica* ou fenomenologia hermenêutica, que deverá compreender o sentido do texto da existência que se dissimula na manifestação do dado.

Dartigues (2008, p. 115) observa que “a existência traz em si os recursos de sua compreensão e é desses recursos que a hermenêutica deve lançar mão”. O *Dasein* decompõe a estrutura do que é *ser-no-mundo*, não sendo objeto no mundo nem um sujeito sem mundo, mas é seu mundo que funda a relação posterior de sujeito a objeto e conhecimento. O *Dasein* articula o *sentimento de situação*, sentimento de um *já-aí* com a dimensão da compreensão. Com a compreensão, o *Dasein* está lançado no mundo e no modo de ser do projeto que o faz ultrapassar seus limites de ser subsistente, em um movimento de vaivém que faz emergir as questões das quais surgirão os sentidos.

Heidegger questiona se não seria preferível voltar-se para si e para a liberdade em que tudo se inventa e se cria e o homem, em sua existência a irromper, produz sua própria definição em seus engajamentos concretos. Para isso, contrapõe-se a Sartre no existencialismo, que seria mais um humanismo. Sendo um humanismo, coloca o homem na posição central fundado por uma metafísica que não considera o ser, mas somente o homem. O autor redefine o entendimento do que é fenomenologia e

questiona a noção de fenômeno e *logos*. O fenômeno se caracteriza como “o que de si mesmo se manifesta” e o *logos* se refere a Aristóteles, que seria o que faz ver alguma coisa e o faz ver, não designando apenas o discurso, ou seja, a “partir disso mesmo de onde ele discorreu” (DARTIGUES, 2008, p.111). Assim, o que é dito é tirado daquilo que se fala valendo como revelação ou mostra daquilo que diz respeito ao discurso, ou seja, o *logos* como discurso. Na fenomenologia, o *logos* que tem o fenômeno por objeto consiste em “fazer ver de si mesmo o que se manifesta, tal de si mesmo ele se manifesta” (p.111).

Segundo o autor, na fenomenologia, o que se denomina fenômeno não se manifesta de imediato, mas se dissimula no que se manifesta e precisa ser mostrado. Daí a sua tarefa de fazer ver se coloca. O autor aponta que, em Heidegger, o que se manifesta primeiramente é “tal ou qual ente”, que são seres ou objetos presentes na vida cotidiana e o que se oculta é o “ser do ente”. Desse modo, o ser não se encontra em outra realidade ou em um além-mundo, e a forma com que percebemos e nos relacionamos com as coisas e com o mundo de imediato “funda-se sobre uma relação mais original como o próprio Ser dissimulado em nossa maneira de ser-no-mundo”. (DARTIGUES, 2008, p.112). Assim, a fenomenologia tem a tarefa da relação original com o ser, sendo, então, a “essência do ser do ente, ou seja, a ontologia.

Estabelece-se a relação entre ontologia e fenomenologia, uma vez que a redução *eidética*, que isola o *eidos* ou essência de um fenômeno, já se assemelha à ontologia, que busca a essência ou ser do ente. A redução fenomenológica investiga mais profundamente ainda, uma vez que liga esses conteúdos essenciais à atividade da consciência que os produz e a faz depender da vida do Eu transcendental. Assim, ao pensamento passa a interrogar-se sobre o que lhe permite ver.

Destacamos ainda que a captação do sentido não se efetua em um ato de pensamento, mas em uma experiência vivida, a da angústia, que é o recurso com o qual a existência pode se compreender a si própria, ser o revelador de seu sentido e do sentido do ser (DARTIGUES, 2008).

A angústia permite uma forma de redução fenomenológica reduzindo o que é banal e utilitário no mundo. Ela não pode se assegurar de *nada* e o que angustia a angústia é o *ser-no-mundo*. Diante do nada, surge a questão de que se há o ente, e não, antes, o nada? O que torna possível a manifestação de um existente é o fato de a

angústia do nada mostrar ao homem a sua verdadeira condição, apontando que há existentes e não o nada.

Também o cuidado tem papel importante no entendimento da compreensão, pois exprime a condição temporal do homem. A compreensão é o projeto, que tem três momentos do tempo: “ser-adiante-de- si, futuro-sentimento de situação, passado, presente, o que torna o tempo a própria essência do *Dasein*, pois o homem não está no tempo, ele é o tempo.

O ser foi pensado sob a forma de dado e do representável, como presença constante no sentido ontológico-temporal “presença” ou presente. O tempo foi assim concebido como uma sequência infinita de instantes presentes ou entes, o que torna impossível a percepção do ser precisamente onde ele se anunciava ou na existência do *Dasein*.

A linguagem do ser não pode ser da técnica de aplicações científicas ou filosóficas, mas no verso poético que, brotando antes de toda linguagem utilitária e comum, “revela essa relação como o acontecimento ao mesmo tempo o mais próximo e o mais incompreensível” (DARTIGUES, 2008, p. 121).

Nesse aspecto, voltamos a Maffesoli, que nos remete a essa poética, com o uso da fenomenologia como acesso ao mundo dos valores e das pessoas.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

5. Objetivos

Esta pesquisa pretende compreender como a noção de corpo é compartilhada entre alunos de 15 a 18 anos de diferentes grupos ou tribos de uma escola pública da cidade de Juiz de Fora, buscando perceber quais as representações do que corpo estão presentes entre esses eles, tendo como referência as ideias de Michel Maffesoli.

Também faz parte dos objetivos verificar se as representações dos jovens indicam um deslocamento das características do mundo moderno para um mundo em transição, apontando a passagem do individualismo moderno para o coletivismo contemporâneo, o que leva à passagem da identidade para a identificação, a de um corpo individual para um corpo coletivo, ou, em outras palavras, como é constituída a

ética da estética, isto é, qual o *ethos* constituído a partir de emoções partilhadas e vividas em comum que permite o estar juntos.

Para isso, torna-se necessário responder questões relativas ao grupo pesquisado como: Qual o papel, na opinião dos alunos, exercido pela escola na constituição de representações sobre o corpo? Que características encontradas entre jovens são relativas ao mundo moderno e ao mundo contemporâneo, tendo por referência o corpo? Que atrações levam os jovens a se identificarem com determinados grupos, ou o que produz repulsão aos grupos? Como são estabelecidas as relações de pertencimento nos grupos por atrações e ou repulsões levando os jovens a se identificar com determinados grupos e como são representadas no âmbito escolar?

5.1 Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa fundamentada pela sociologia compreensiva na perspectiva de Maffesoli. Também serão utilizados alguns dados quantitativos que servirão de suporte às análises qualitativas.

Minayo (2000, p. 102) lembra que a pesquisa qualitativa se preocupa “menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão seja de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação”.

Atualmente, a pesquisa qualitativa tem diversas definições. Barbour (2009, p. 12) aponta que as pesquisas qualitativas não são somente as que não são quantitativas

mas que em comum, são aquelas que abordam a vida social (*mundo “lá fora”*), pretendendo entender, descrever, explicar fenômenos de diversas maneiras.

Nesta pesquisa utilizamos a fenomenologia, a hermenêutica e a sociologia compreensiva como referencial metodológico. Silva (2003, p. 73), citando Weber, considerado fundador da sociologia compreensiva, diz que temos de “estar à altura do cotidiano”. Para o autor, um pesquisador deve “mostrar, dar a ver, fazer vir, desentranhar, fazer emergir, revelar, descobrir, desvendar, expor a luz”, captar e narrar a fluência, o extraordinário e a complexidade do vivido.

Weber, com a sociologia compreensiva, propôs compreender o par sujeito/objeto no lugar de demonstrar, mostrar. Castoriadis substitui definir, proceder, por aproximações sucessivas ou compreender/explicar como também é feito por Morin. Na sociologia compreensiva, não devemos levar em consideração somente dados racionalmente explicáveis ou reduzir todos os fenômenos ao mesmo patamar compreensivo ou explicativo e a diversidade do meio exige uma multiplicidade de caminhos.

Silva (2003, p. 76) ressalta que “a sociologia compreensiva não se restringe a perceber o mesmo em muitos, mas também deve procurar o diferente em poucos. O singular é tão sociológico quanto o geral. O único exige tanta explicação quanto ao múltiplo”. O pesquisador, nessa perspectiva, atua como mediador que faz falar o social, não se limitando a explicá-lo ou curá-lo. Fenomenologia e sociologia compreensiva andariam juntas e pretendem narrar o vivido ou construir narrativas da existência.

Desse modo, optamos como referencial fundador da questão metodológica as ideias de Maffesoli, que se utiliza da sociologia compreensiva, da fenomenologia e da hermenêutica. Compreendemos o diálogo que existe entre Maffesoli e os autores que sustentam suas noções, o que torna coerente as fundamentações utilizadas como metodologia neste trabalho. Podemos citar Schultz (2004), para quem o referencial teórico de Maffesoli é sustentado por Husserl (1859-1938), pelas obras de Georg Simmel (1858-1918), Alfred Schütz (1899-1959) e Max Weber (1864-1920), com a filosofia de Martin Heidegger (1889-1976) sobre o homem como ser no mundo, no pensamento antropológico de Gilbert Durand sobre as estruturas do imaginário, podendo, ainda, discutirmos, na atualidade, com Habermas e outros autores que

apontam o limite da modernidade e/ou as características da atualidade que indicam um tempo de mudanças ou transição.

Como o foco se concentra nas questões do corpo, buscamos também as contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty (2006) que nos possibilitaram trabalhar na perspectiva de que compreendemos a percepção dos próprios corpos enquanto forma de conhecimento do mundo e de si mesmo. Tal abordagem enfatiza a importância da percepção que os indivíduos têm acerca do conhecimento de si mesmos e do mundo, aproximando-se da perspectiva de Maffesoli (2005), que coloca o corpo no centro de seus estudos. O autor se desloca do individualismo da modernidade em direção ao corpo coletivo da pós-modernidade, apontando as paisagens do corpo, da alma, do social, dos ajuntamentos, da *massa global sinérgica*.

Para coleta de dados, necessitávamos captar os discursos produzidos por alunos de Ensino Médio de uma escola. Para tal, optamos pela técnica de grupo focal, já que seria fundamental analisarmos essa produção por meio das experiências compartilhadas, das interações e comunicações estabelecidas no grupo de alunos sobre suas percepções corporais. Além disso, buscando abranger, de modo mais efetivo, algumas ideias representativas do conjunto de alunos do colégio, no tocante aos objetivos da pesquisa, foi aplicado um questionário. Todos os dados foram submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

5.2 Levantamento quantitativo: o questionário.

Foram aplicados 87 questionários a alunos dos três anos de Ensino Médio do Colégio de Aplicação João XXIII. Colaboraram com sua aplicação 02 alunos do Programa de Iniciação Científica Jr. da Universidade Federal de Juiz de Fora. O questionário foi composto de 05 questões abertas e 15 fechadas. Os dados computados consideram três aglutinações: masculino, feminino e o total de respostas reunindo ambos os sexos, com a finalidade de observar se há indicações de diferenças nas respostas apontadas entre os diferentes sexos.

O questionário teve como objetivo identificar marcas do papel da socialidade e do lúdico em jovens que convivem no ambiente escolar, identificando pistas sobre questões do corpo presentes na atualidade, sustentadas pelas ideias de Maffesoli. Apontamos a necessidade da aplicação desse instrumento, ao identificarmos e observarmos que os jovens, distantes das diferentes tribos com que se reúnem espontaneamente em espaços informais, convivem, enquanto estudantes, no espaço formal, obrigatório, que é a escola. Assim, a instituição aglomera membros de diferentes tribos, mas também se coloca como um espaço de socialidade na atualidade, por ser um espaço de convivência obrigatório entre os jovens desde sua infância.

Como o questionário, pretendemos verificar se entre esses jovens haveria indícios de que estaríamos de fato nos deslocando do individualismo da modernidade para a pulsão coletiva que vem constituindo a atualidade. Os jovens confirmam essas tendências? O que os leva a aderir aos diversos grupos? Como é conviver nesses espaços de liberdade e no espaço formal da escola em que convivem diferentes grupos? Como é encarado o espaço escolar pelos jovens, atualmente, frente a toda essa aparência? Que convergências ou divergências se constituem a partir desses espaços, no que se refere à socialidade? Que lugar ocupa a escola para os jovens na atualidade? As diversidades entre conceitos modernos e pós-modernos no âmbito da escola se fazem presentes? Que pulsão levaria os jovens a se identificarem com determinados grupos? Como conviver com diferentes formas de valores na era da estética? O que nos faz estar juntos? Qual a ética da estética, ou seja, qual o *ethos* constituído a partir de emoções compartilhadas e vividas em comum, o que permite e faz o estar juntos, as atrações e repulsões? Como a escola se insere nesse espaço na opinião dos alunos?

5.3 O grupo focal

O foco do trabalho está na produção discursiva dos grupos, interessando-nos estudar as manifestações dos sujeitos frente ao grupo, como este se coloca, seus pontos de vista, suas opiniões contrárias, radicais, compartilhadas, de modo mesmo a reconstruir suas opiniões individuais.

A metodologia utilizada deveria ser a que abordasse principalmente o grupo no qual a pessoa se manifesta. Assim, optamos pela utilização de entrevistas em grupo,

concordando com Flick (2009, p. 182), para quem as entrevistas em grupos correspondem ao modo como “as opiniões são produzidas, manifestadas e traçadas na vida cotidiana”.

Dessa forma, como uma das técnicas para a coleta de dados da pesquisa foi utilizado o grupo focal. Para Gatti (2005), essa técnica é derivada das diferentes formas de trabalhos com grupos. Inicialmente, foi utilizada nos anos 1950 por publicitários que buscavam estudar a reação de pessoas às propagandas de guerra. Posteriormente, passou a ser adotada com grande frequência na psicologia social.

Barbour (2009) aponta que, como algumas confusões surgem na definição do que constitui um grupo focal, termos como entrevista em grupo, entrevista de grupo focal, discussões de grupo focal são utilizados de forma intercambiável. Dentre diversas controvérsias sobre a técnica, a autora define que “qualquer discussão de grupo poder ser chamada de grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando às interações do grupo” (BARBOUR, 2009, p.21). Assim, a interação do grupo deve ser o foco na condução do grupo, cabendo ao moderador garantir que os participantes conversem entre si e não somente com ele. A autora destaca, ainda, que o moderador deve ser livre adaptar, tomar emprestado e combinar quaisquer abordagens que deseje, podendo utilizar modelos híbridos associados ao grupo focal, desde que isso seja justificado no contexto do estudo.

Essa definição não se distancia de Gatti (2005, p. 07), que cita a definição de Powell e Single que definem o grupo focal como “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é o objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal” .

Gatti (2005, p. 09) destaca que a ênfase deve ser a interação entre o grupo, de modo a buscar não somente “o que pensam e expressam, mas também como pensam e porque pensam o que pensam”. Também se deve buscar captar conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências, reações e outros dados que outras técnicas poderiam não ter condições de fazê-lo. Na realização do grupo focal, o moderador não deve ingerir na discussão apresentando afirmações ou negações, emissão de opiniões, conclusões ou outras formas de intervenção direta. Seu papel é garantir as trocas, fazer fluir a discussão, criando condições para os participantes se situarem, exporem pontos de vista, analisarem, fazerem críticas, sem transformar a discussão em uma entrevista.

No grupo focal, por sua característica interativa, os processos emocionais vêm à tona, o que permite emergirem significados que, muitas vezes, não se apresentariam com outras técnicas.

Gatti (2005) também destaca que o grupo focal, além de poder trazer respostas mais completas, dá condições de se verificar a lógica ou as representações que condizem com a resposta. Também para a autora, o grupo focal ainda contribui para uma melhor compreensão dos processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, das práticas cotidianas, das ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, captação de representações, percepções, crenças, hábitos, valores, preconceitos, simbologias por pessoas que partilham traços em comum.

Para esta pesquisa, a escolha do grupo focal, dentre as características já apontadas anteriormente, deu-se também porque o grupo focal permite “a compreensão de ideias compartilhadas e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros” (GATTI, 2005, p. 11), o que vem ao encontro dos objetivos da pesquisa.

Essa técnica também cria a possibilidade de se levantarem aspectos da questão social ou individual, fazendo surgir, muitas vezes, abordagens inéditas sobre o tema.

5.4 A composição e as características do grupo focal

Como critério para definir o grupo, Gatti (2005) sugere que os participantes devem ter características em comum que os qualifiquem para a discussão do tema, assim como ter vivência do tema a ser discutido.

Optamos pela formação de um grupo para esta pesquisa, a fim de verificar suas opiniões sobre questões do corpo. Foram convidados alunos que cursam o Ensino Médio no Colégio de Aplicação João XXIII, com idades entre 15 e 18 anos de idade. O grupo foi composto por 11 alunos que cursam o Ensino Médio, sendo 06 do primeiro ano (02 do sexo masculino e 04 do feminino) e 05 do segundo ano (02 do sexo masculino e 03 do sexo feminino). Nesse grupo, 06 participantes declaram ter renda familiar entre 03 e 05 salários mínimos, 03 acima de 05 salários, 01 com renda de 01 salário mínimo e 01 com renda de 02 salários mínimos. Todos possuem celular e

somente 01 não possui computador. Também no grupo, 04 participantes moram com mãe e irmãos, sem a presença dos pais, enquanto os demais dividem a moradia com os pais e as mães.

Para a realização do grupo focal, foram construídos quatro blocos com questões voltadas ao interesse da pesquisa. Como elemento provocador, também foram selecionadas algumas imagens ligadas ao tema que foram apresentadas ao grupo.

No primeiro bloco, as questões se concentraram em expor como ocorre a “conjunção”, baseado em Maffesoli que, propondo-se a desvendar os mistérios que levam ao estar juntos, cita a existência de um impulso vital de agregação que leva ao desejo de comunhão. Pretende-se, nesse bloco, compreender as representações corporais compartilhadas, como se fundam os vínculos e a vida social, os afetos, as banalidades, enfim, como se dá o vitalismo social no olhar do grupo.

No segundo bloco buscamos compreender as perspectivas de vida, o olhar sobre o mundo atual, como os jovens compreendem o tempo presente, buscando os valores e aspectos que os ligam e religam ao mundo, as perspectivas de vida, as angústias do devir estabelecidos ou não, as paixões, as ficções, o lúdico no qual o trágico se instala, os olhares sobre passado, futuro e presente. Busca-se compreender como se manifestam os mitos que fundaram a modernidade, como o saber científico, o trabalho, a representação política.

O terceiro bloco situa as percepções sobre a escola, o saber, o conhecimento, a comunicação e a informação e seus conteúdos. Também busca abordar como ocorrem as relações sociais no âmbito escolar.

O quarto bloco se volta para as percepções sobre o corpo buscando apresentações sociais, filosóficas, dos cuidados de si, da estética corporal da atualidade, do culto ao corpo, da saúde, do entendimento do belo.

Os participantes preencheram um termo de livre consentimento para a participação, que foi assinado pelos responsáveis, já que se trata de menores. Também foi preenchido um pequeno questionário, com dados pessoais dos participantes.

Para a realização do grupo, houve a gravação com dois gravadores de voz, além da gravação das imagens, constando as transcrições.

Inicialmente foram expostos aos participantes os objetivos da pesquisa, tendo sido exposto e contextualizado o problema que iria gerar as interações no grupo.

Cada bloco foi realizado em um dia, tendo a duração de, aproximadamente, uma hora e meia de duração, gerando cerca de 06 horas de gravações.

O número de participantes, embora se encontrasse dentro das recomendações técnicas do número de participantes, foi determinado não apenas para garantir os objetivos propostos para a realização da técnica, mas também prevendo uma possível ausência de algum participante, em algum bloco, já que a realização se deu em diferentes dias.

O moderador do grupo foi o próprio pesquisador que contou também com a presença de dois colaboradores em cada sessão, que apoiaram por meio de anotações e levantando, esporadicamente, alguma questão por eles percebida que poderiam contribuir com a pesquisa.

5.5 Os Colégios de Aplicação

Os Colégios de Aplicação tiveram sua origem no Decreto-Lei nº 9.053, de 12 de março de 1946. Inicialmente foram denominados Ginásios de Aplicação, eram vinculados às Faculdades de Filosofia, onde ocorria a formação de professores. Essas faculdades, para garantir a prática docente dos alunos de Didática, eram obrigadas a manter um Ginásio de Aplicação.

Foram as ideias de John Dewell sobre a Escola Nova que embasaram o surgimento desses ginásios no Brasil. Como característica comum, esses colégios tinham a função de ser “campo de estágio” para os licenciandos, sob a orientação pedagógica do professor da cadeira de Didática. Nesses colégios, o corpo docente era constituído pelos alunos do curso de Didática, não havendo, desse modo, um quadro de professores.

Por atuarem no curso ginásial, eram chamados inicialmente de “Ginásio de Aplicação”, termo que, ao longo do tempo, foi sendo substituído por "Escola de Aplicação", uma vez que, ao lado do Curso Ginásial, muitos deles passaram a oferecer o Curso Colegial e/ou Curso Normal e, por último, as séries iniciais do 1º Grau¹⁵”. Em

¹⁵ Repensando as Escolas de Aplicação, Série Institucional, vol V, MEC.

1962, o conselheiro Valmir Chagas mudou as funções das Escolas de Aplicação, pelo Parecer do CFE 292/62, definindo-as como "centros de experimentação e demonstração". Também nesse parecer, as Escolas de Aplicação perderam sua obrigatoriedade de existência no âmbito das universidades. Criam-se os estágios supervisionados que, segundo recomendações do, então, conselheiro, poderiam ser realizados em outras escolas, não havendo mais a obrigatoriedade de se realizarem no âmbito das Escolas de Aplicação.

Ainda nessa época, já foi apontada a possível inserção dessas escolas como produtoras de pesquisa educacional, nos moldes dos *Teachers College* americanos ou do "Instituto J. J. Rousseau", de Genebra. Em 1971, o termo "experimental" é regulamentado pela Lei nº 5692/71 em seu Art. 64, reiterando o Art. 104 da Lei nº 4024/61. Os estabelecimentos que tivessem seus planos e regimentos aprovados pelos Conselhos Estaduais de Educação seriam autorizados a realizarem experiências pedagógicas.

No Plano Decenal de Educação Para Todos (1993-2003), foi proposta uma articulação entre as Escolas e a Universidade, enquanto locais privilegiados para a "reflexão sobre a prática escolar e a formulação de alternativas que viabilizem melhor preparação de recursos humanos para a Escola Básica, bem como o desenvolvimento de práticas pedagógicas compatíveis com as necessidades da criança e do adolescente".

As atuais políticas públicas para a Educação Básica, como o FUNDEB, o Ensino Fundamental de 9 anos e sua universalização, as ações para a formação de professores como o Portal do Professor, a Plataforma Freire, EAD, PIBID, GESTAR, recolocam, no centro das discussões, a formação de professores e a melhoria da qualidade da educação. Essa realidade traz à tona a discussão sobre a função acadêmica e universitária dos Colégios de Aplicação (CAPs), voltados, atualmente, para uma atuação na formação inicial e continuada de professores, nos âmbitos do ensino da pesquisa e da extensão. Além disso, chama a atenção para a sua vocação como campo privilegiado de estágios e, a necessidade de comporem, junto às licenciaturas, fóruns de discussão concernentes à formação de professores, projetos pedagógicos, aspectos tecnológicos e outros temas voltados para a Educação Básica.

Existem diferenças entre CAPs, que variam seu atendimento, mas atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos,

atendendo estudantes na faixa etária de 2 aos 18 anos. Na atualidade, foram traçados pelo Conselho de Diretores dos Colégios de Aplicação (2001) alguns princípios filosóficos e pedagógicos comuns a essas instituições, conforme segue abaixo:

- Autonomia Universitária: compete às IFES proporcionar que os CAPs sejam unidade de referência para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão com foco nas inovações pedagógicas, em consonância com as Diretrizes Nacionais de Educação.

- Democracia participativa: oportunidade de participação de toda a comunidade escolar (professores, técnico-administrativos, pais e responsáveis, alunos) e representantes institucionais e sindicais no processo de construção da proposta político-pedagógica das escolas.

- Valorização profissional: garantia das condições de trabalho, que propiciem a realização do tripé ensino, pesquisa e extensão, com garantia orçamentária e previsão em matriz específica para os CAPs, que atendam a suas necessidades de funcionamento, preservando sua qualidade.

- Qualidade Acadêmica: compromisso com a função social dos CAPs no contexto da universidade pública, com a garantia de uma educação que considera aspectos sócio-econômico-culturais, que se desdobram em um projeto político-pedagógico-educacional, para além dos indicadores estatísticos, oferecendo igualdade de condições para o acesso e permanência dos estudantes na faixa etária atendida com gratuidade.

Nos últimos anos, no Brasil, a educação começa a ser alvo dos discursos das políticas nacionais. Assim, modificações marcantes puderam ser observadas no campo educacional, tanto quantitativa quanto qualitativamente, nos diferentes graus, níveis e modalidades de ensino. Nesse contexto, a universidade vem tendo relevante influência, especialmente no que diz respeito à formação de professores.

A partir dessa perspectiva, também a ideia da prática docente vem se modificando, com a produção de pesquisas voltadas exclusivamente para a formação de professores. Desse modo, os Colégios de Aplicação se desvinculam daquela imagem de uma escola que demonstra servir de exemplo ou padrão. Igualmente, não se admite que se possa formar o professor treinando-o ou moldando-o, de acordo com

modelos pré-estabelecidos. Considera-se que a atividade de ensino tem exigências que se fundam na relação da teoria e da vivência prática. Exige-se análise reflexiva, investigação sistemática, crítica, participação, envolvimento, proposta no estudo e discussão conjunta com todos os envolvidos na tarefa educativa.

Assim, o Plano Decenal de Educação (1993) entende o estágio como atividade que tem em vista a aprendizagem, pela interação do indivíduo com a realidade e a construção e reconstrução do conhecimento na prática, pela análise e reflexão sobre essa mesma prática. O estágio, concebido nessa perspectiva, aponta para a possibilidade de que a indagação sistemática, a investigação e a pesquisa sejam o cerne da atividade.

Os Colégios de Aplicação acreditam ter importante contribuição a oferecer para que seus alunos e estagiários se dotem de mais possibilidades de se movimentarem com autonomia intelectual, podendo compreender e comunicar-se com seu ambiente, lidar com a multiplicidade de informações do tempo atual e com os vários grupos humanos, assim como examinar novos problemas e alternativas de solução.

É nesse processo de transformação que os Colégios de Aplicação buscam redimensionar e redirecionar seu papel e suas ações.

5.6 O Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF

A opção pela realização da pesquisa no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF deveu-se a alguns fatores. Como primeiro aspecto, aponto o fato de ser uma escola pública que oferece todo o ensino fundamental e médio a seus alunos. Como segundo ponto, destaca-se que o ingresso de alunos nessa instituição é realizado exclusivamente por sorteio público de vagas, o que faz com que o perfil social dos alunos seja heterogêneo, havendo proporcionalidade equivalente à da cidade na representação dos grupos sócio-econômicos. Em terceiro, pelos resultados obtidos em exames nacionais, é uma escola que atende às funções institucionais esperadas pela sociedade, sendo reconhecida pela qualidade de ensino público na cidade e no Estado.

O Colégio de Aplicação João XXIII é uma escola pública federal, vinculada à Universidade Federal de Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira. O Ginásio de Aplicação João XXIII foi fundado em 1965, pelo ex- Ministro da Educação, Murilo de Avellar Hingel, então diretor da Faculdade de Filosofia e Letras (FAFILE), como uma escola de experimentação, demonstração e aplicação”, para atender os licenciandos em seus estágios supervisionados.

Em 1966, a FAFILE foi incorporada à UFJF, o que federalizou o Ginásio. Com a Lei nº 5.692/71, que instituiu a organização do ensino em 1º e 2º graus, o Ginásio de Aplicação João XXIII passou a ter a denominação de Colégio de Aplicação João XXIII. Em 1968, com a Reforma Universitária, a Faculdade de Filosofia se extinguiu e foram criados alguns Institutos e a Faculdade de Educação, da qual o Ginásio de Aplicação João XXIII tornou-se um órgão anexo, tendo como Diretor o Professor Murilo Hingel.

A portaria nº 584, de 28 de novembro de 1989, desvinculou o colégio da Faculdade de Educação e o vinculou administrativamente à Pró-Reitoria de Ensino (atualmente Pró-Reitoria de Graduação), passando, então, a ter corpo administrativo próprio.

A partir da aprovação do Regime Geral da UFJF, em 1998, o colégio passou a ter o status de unidade acadêmica, sendo colocado no mesmo patamar das demais unidades da universidade, ganhando, desse modo, seu representante no conselho superior e concretizando a vocação para atuação no ensino, pesquisa e extensão.

Os cursos oferecidos pelo colégio foram ampliados progressivamente desde sua fundação. Até 1980, somente oferecia o curso ginásial, ou a 5ª. a 8ª. série do então 1º grau, ainda pela própria história de sua criação e amparo legal que entendia esses colégios como ginásiais. A partir de 1980, houve a implantação do ensino de 1ª. a 4ª. série e, em 1992, a implantação do 2º grau, hoje denominado Ensino Médio, com uma turma de curso regular de 2º grau e de uma turma de Magistério.

Em 1996, o Ensino Médio foi ampliado, abrindo-se mais uma turma de Científico e, em 2000, implanta-se a terceira turma por série no 2º grau, possibilitando, a partir de então, que todos os alunos oriundos da 8ª. série permanecessem no colégio para cursarem o 2º grau. A ampliação do 2º grau no ano de 2000 somente se viabilizou com a extinção do curso de Magistério, em virtude da LDB de 1996, quando houve o

entendimento de que esta passava a prever a formação de professores somente no âmbito do ensino superior.

Essa ampliação teve prosseguimento em 2006, quando foram implantadas turmas de educação infantil, para cursarem o 3º período. Em 2009, com a ampliação do ensino fundamental para 9 anos, essas turmas passaram a constituir o 1º ano do Ensino Fundamental.

Também desde 1999, o Colégio vem oferecendo a Educação de Jovens e Adultos no turno noturno, que, inicialmente, fora criada para atendimento do próprio quadro da UFJF, sendo aberto o ingresso, em 2006, à comunidade. O colégio computou em 2012 cerca de 1296 alunos, distribuídos em 03 turmas por ano no ensino regular e 10 turmas da EJA, com média de 30 alunos por turma. Como filosofia, o colégio se pauta pelo seu compromisso com a educação voltada para a formação da cidadania, objetivando assegurar uma “formação indispensável ao exercício efetivo da liberdade compromissada com a construção de uma sociedade justa e democrática” (Art. 2 do Regimento Interno).

Essa opção política adotada pelo colégio se desdobra em alguns fins como: a ênfase na construção coletiva do conhecimento como tarefa primordial da escola; a valorização dos conteúdos enquanto patrimônio coletivo, que devem ser selecionados por sua significação humana e social; a subordinação dos métodos ao conteúdo; a valorização do trabalho interdisciplinar; o resgate do papel do professor; o desafio de levar todos os alunos a patamares mínimos de desempenho, independente de suas diferenças individuais e sociais; a promoção dos estágios curriculares de alunos da graduação; o estímulo à pesquisa e extensão.

Desde 1974, o colégio está situado em um bairro da cidade, próximo ao centro. Inicialmente, quando oferecia somente o ginásio, o sistema de ingresso para alunos era através de seleção pública ou de uma cota reservada a funcionários da própria universidade. Isso permaneceu até 1983, quando se optou pelo sistema de sorteio público, sem cotas para funcionários, o que viria a democratizar o acesso à instituição.

A gestão escolar é estruturada por Órgãos Colegiados, Direção, Órgãos Pedagógicos, Secretaria, Órgãos suplementares. Em sua organização, os cargos são de caráter eletivo, compostos por um Diretor Geral e um Diretor de Ensino, conduzidos ao cargo através de eleição organizada por uma comissão eleitoral, que faz uma lista

tríplice, geralmente acatada pelo reitor, que conta com os votos de professores, funcionários e alunos de Ensino Médio e EJA da escola, tendo o cargo a duração de quatro anos; quatro Coordenações de Ensino e seus respectivos vices para atuar no Ensino Fundamental 1º segmento, no Ensino Fundamental 2º segmento, no Ensino Médio e no Educação de Jovens e Adultos, conduzidos ao cargo através de eleição direta da qual participam votando somente os professores, tendo o cargo duração de 2 anos.

O colégio conta com 24 funcionários de carreira, sendo três de nível superior, uma assistente social, duas pedagogas e outros 05 com ensino superior. Além desse quantitativo, os serviços de limpeza, portaria e vigilância são terceirizados pela UFJF.

A estrutura física encontra-se bem conservada, sendo que o colégio vem passando por diversas reformas e obras nos últimos anos. O prédio do Ensino Médio é composto por 10 salas de aula, um anfiteatro com 100 lugares, sala de coordenação, sala de professores, banheiros. O prédio do Ensino Fundamental conta com 16 salas de aula, duas salas para atividades especiais, 03 salas de artes, sala dos professores, coordenação, anfiteatro com um pequeno palco, sala de computadores para uso livre, galeria de artes, brinquedoteca, banheiros. Além dessas instalações, encontram-se também nesse prédio a biblioteca, sala de computadores para aulas, laboratório de Física, Química e Biologia, sala de danças, sala de lutas, sala de ginástica artística e artes circenses, anfiteatro, cantina, escovódromo e toda a parte administrativa, com a secretaria, reprografia, almoxarifado; bem como os Departamentos de Letras e Artes, Ciências Naturais, Ciências Humanas, Educação Física, Matemática e sala de professores de Língua Estrangeira e 1º segmento do ensino fundamental, rádio-escola, sala do Grêmio Estudantil, sala da Revista Instrumento, sala de assistência social, enfermaria, sala de projetos de formação de professores, pequena copa e sala da direção. Na área externa ainda se encontram duas quadras cobertas, parquinho, estacionamento, área coberta para embarque e desembarque dos alunos. Como recursos, o colégio dispõe de 08 data-show, filmadoras, máquinas fotográficas, DVDs, Wire Less no prédio do Ensino Médio, TVs e diversos outros recursos. Anexo ao colégio, dentro de sua área, encontra-se ainda o Centro de Ciências da UFJF, voltado para divulgação científica e formação de professores de educação básica.

O colégio é organizado por órgãos colegiados, sendo a Congregação o órgão máximo com poder deliberativo acima de todas as instâncias, seguido pelo Conselho de Unidade e os Departamentos.

É importante destacar que a Congregação e o Conselho de Unidade têm a participação representativa da Associação de Pais, Alunos e Funcionários. O Regimento Interno foi aprovado internamente pela Congregação e pelo Conselho Superior da Universidade em 2006.

No colégio não há evasão escolar e o índice de reprovação gira em média de 3%. Na última avaliação governamental, o colégio se destacou com o maior índice do Estado de Minas Gerais, ficando em 22º lugar no Brasil entre cerca de 40.000 escolas avaliadas.

Atualmente, o colégio desenvolve cerca de 90 projetos vinculados ao ensino, à pesquisa e à extensão, dos quais destacamos os projetos voltados diretamente para os alunos, como a Iniciação Científica-Jr, a Monitoria-Jr e o Aluno Assistente na Escola.

Nessa perspectiva de atuação, o colégio ainda atende, aproximadamente, a 550 alunos de graduação como estagiários ou bolsistas de projetos vinculados à pesquisa, ensino e extensão.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

6. UM OLHAR SOBRE OS DADOS

Como fora anteriormente mencionado, foi realizado um grupo focal, composto por 11 participantes, sendo 04 do sexo masculino e 07 do sexo feminino que se encontrou em 04 sessões. Percebeu-se, inicialmente, que os participantes mostravam-se curiosos com o que aconteceria, parecendo um pouco inibidos. Entretanto, no decorrer das discussões, a inibição foi sendo superada. Assim, aos poucos, os participantes foram se expressando com mais liberdade e confiança, passando a se posicionar com mais frequência, registrando-se um crescimento das manifestações orais com mais espontaneidade. O fato é que, ao longo do processo, como diz Sennet (1994), houve o deslocamento do corpo passivo, para um modo em que cada um foi mostrando o calor de seus corpos, no calor de suas palavras.

É importante destacar que os participantes, embora se conheçam no colégio, não se consolidam como um grupo que tenha laços de amizade e convivência entre si. Utilizando-se de suas expressões, são “conhecidos” e, entre eles, alguns sequer se conheciam pelos nomes, apesar de algumas duplas manterem um relacionamento um pouco mais próximo.

Observou-se que as imagens dos corpos ali presentes expressavam suas características pessoais em um corpo que fala, o que foi percebido nos silêncios de alguns, na expansividade de outros, nas posturas corporais com cabeças baixas ou altas, nos ombros recolhidos ou no peito expandido, no tronco curvado ou ereto, nos sorrisos ou seriedade nas faces, nos tons de voz, que refletiam, no corpo, o modo de ser idiossincrático.

Na sequência dos encontros, o grupo foi se conhecendo, ampliando a possibilidade de reconhecer e aceitar as diferenças em si, constituindo relações de alteridade, nas quais se respeitava o modo de ser de cada um, reconhecendo a presença do outro. Nas ideias de Sennet (1994), pode-se afirmar que se tratava de corpos falantes, com diferentes marcas, que interagem, que se solidarizam coletivamente em função do momento, no qual se ofereceram para contribuir com suas opiniões e ouvir de outros, nos poderes da voz e do olhar.

Como observação geral, o grupo focal sinalizou para um corpo que foi apresentado pelos participantes de modo coletivo durante os diálogos, através dos quais, espontaneamente, buscaram apontar como normalmente os grupos pensam determinados temas. Todavia, não omitem opiniões individuais, mas revelam que, de forma geral, os jovens procuram opiniões que sejam compartilhadas pelo coletivo, sabem qual seria a opinião da maioria e distinguem quando divergem desta, cientes de sua discordância.

6.1 Meio ambiente: a construção de um corpo coletivo

Para iniciar os trabalhos, foi feita uma apresentação geral sobre a pesquisa e seus objetivos aos participantes. Em seguida, foi apresentada a “figura A”, que é composta por três figuras (anexo): a figura central mostra o mundo sendo segurado por um par de mãos e as outras duas figuras laterais, que também são imagens do globo terrestre. A apresentação dessa figura foi uma estratégia utilizada como forma de quebrar a desconfiança ou desconforto dos participantes, uma vez que prevemos que poderia haver uma passividade dos corpos, expressa em um possível estranhamento entre os membros do grupo focal. Em seguida, foi pedido que comentassem livremente sobre a figura que estavam observando.

Observa-se, nos entrevistados, diante da visão do globo terrestre sustentado pelas mãos humanas, a necessidade emergente da construção do corpo coletivo.

O quadro A, cujo foco central é o globo terrestre amparado por mãos humanas, provocou nos participantes o discurso sobre a preservação da vida e do cuidado com o meio ambiente, como podemos ver nas afirmações abaixo:

“O cuidado com o planeta”.

“O mundo nas mãos das pessoas”

“Não cuidamos e destruímos”.

“Tem que amar o planeta”.

“As condições de vida vão piorar”.

Chama a atenção, no grupo, conforme a citação de que *“o futuro está em nossas mãos”*, a percepção de que cuidar do planeta é cuidar de si mesmo, cuidar da possibilidade de o corpo permanecer e não se extinguir no planeta. Se, em outras

épocas, houve extinção de diversas espécies pela ocorrência de fenômenos naturais, hoje, essa extinção vem ocorrendo provocada pelo próprio homem que o coloca em risco, conforme revela a expressão:

“Não cuidamos e destruimos”.

Em nome do progresso, com o uso da tecnologia, o homem ocidental colocou em risco sua própria sobrevivência no planeta, e, aos poucos, está percebendo que seu corpo, condição de sua existência, pode, por sua própria ação, não ter mais condição de vida.

Há uma percepção sobre a responsabilidade do homem em relação à preservação da vida no planeta. Merleau-Ponty destaca que o corpo é a condição de existência. Entretanto, para possibilitar a sobrevivência biológica desse corpo, essa existência corporal somente é possível permanecendo-se as condições favoráveis do meio ambiente em que esse corpo vive.

O discurso apresentado pelos jovens em relação ao meio ambiente apresenta a preocupação com a vida do corpo nesse mundo e as responsabilidades individuais e coletivas para sua sobrevivência. As representações apontam para a necessidade de ações coletivas em espaços de acesso a todos, como meios de comunicação e escola.

A questão sobre o meio ambiente foi gerada sem a provocação de uma pergunta. Compreende-se, desse modo, que a temática ambiental está presente no cotidiano social, seja pela difusão das mídias, ou mesmo sistematizada nos currículos escolares ou nos documentos orientadores de políticas curriculares oficiais como as diretrizes e os parâmetros curriculares ao longo de toda a educação básica. O tema está inserido no currículo escolar, principalmente nos programas de Ciências, mas também se encontra presente em outras disciplinas, sendo, às vezes, tratado de forma multidisciplinar ou interdisciplinar.

Existe um foco nos programas escolares relativos à discussão sobre a degradação que o planeta sofreu pelo homem ao longo da modernidade, o que permite que possamos analisar as consequências que o planeta sofreu nesse período e que hoje se fazem presentes na vida social.

Percebe-se, nas falas, haver uma interação entre o discurso proveniente do conhecimento científico e um discurso prático, em que se aponta a necessidade de ação. Freitag (1990) salienta que, segundo Habermas, existiriam duas formas de discurso, um teórico/científico e outro ético/prático, que não se diferem entre si, mas sim nos critérios

de validade. Se as argumentações forem no sentido de ter comprovações dos fatos, estes seriam discursos teóricos/científicos. Se os discursos são colocados para verificar se as normas sociais são justas ou não, estes seriam um discurso ético/prático. Na proposta de Habermas, essas formas de discurso viriam buscar uma superação da separação entre o ser e o dever ser, ou entre o mundo dos costumes e o mundo da natureza proposta por Kant. Pela proposta de Habermas, a intersubjetividade discursiva superaria o sujeito epistêmico e moral kantiano.

Essa argumentação de Habermas se aplica ao que foi apresentado pela questão do meio ambiente, que é um pano de fundo para uma forma do pensamento dos atuais jovens. Constata-se que esses dois mundos estão presentes na contemporaneidade.

As ciências, na forma como são concebidas atualmente, originaram-se no pensamento moderno, ou seja, podemos dizer tratar-se de uma invenção moderna, que reflete nos modos de agir na atualidade. Até a Idade Média seria inconcebível um pensamento nessa lógica. Como o pensamento científico na atual configuração paradigmática não existia, tudo seria explicado como por desejo de Deus.

O que parece que vem ocorrendo é abordado por Santos (2001), para quem estaríamos em um tempo de mudança, fazendo emergir um novo paradigma. De acordo com sua primeira tese, todo conhecimento científico-natural é científico-social. Na quarta tese, afirma que todo conhecimento visa constituir-se em senso comum. O autor recorre a uma ruptura epistemológica que reaproxime a sensocomunização da ciência, ou seja, o conhecimento científico do senso comum que desemboque em uma ciência como prática social de conhecimento.

A escola teria importante papel na consolidação desse paradigma. Desde que a educação se voltou a atender a todos cidadãos como direito, caminha-se nessa direção. Seria inegável esse papel desempenhado pela escola no último século. A educação de massa certamente vem possibilitando o acesso ao conhecimento.

Ao encontro dessa ideia, em que o conhecimento científico se torna de senso comum, Maffesoli (2007, p. 80) na obra “O conhecimento comum”, assinala sobre “a impossibilidade de se viver em funções de preocupações ou representações científicas”. Para o autor, se, antes, a fonte de saber estava somente na sala de aula, hoje se encontra em todos os lugares.

Concordando com Maffesoli e Boaventura, especialmente na perspectiva de Santos, o conhecimento de Ciências tratado na escola poderia se voltar para uma perspectiva de emancipação e criatividade. Oliveira (2006) lembra Boaventura, segundo o qual, na educação, não seria qualquer conhecimento que contribuiria para a emancipação, sendo necessária uma indissolubilidade entre a racionalidade cognitiva do campo científico e o campo prático da ética e da política.

Essa visão do mundo contemporâneo é de relevância para a escola, que vem tratando o conhecimento sob a perspectiva da racionalidade técnica, deixando de lado o pluralismo, a sensibilidade, a pluralidade das razões. Uma concepção que se afaste da perspectiva da intersubjetividade apresentada pelos discursos dos mundos da ciência e do mundo ético cria um distanciamento entre o jovem a escola. Maffesoli (2007, p. 257) argumenta que somente os livros escolares colocam a vida social em uma perspectiva unidimensional, sendo reduzido a uma visão sistêmica. É necessária uma “racionalidade aberta”, que reúna e integre os diversos elementos da vida social.

Verifica-se que os jovens percebem e vivem sob esse ambiente ou nesse espírito do tempo. Os conhecimentos sobre o meio ambiente colocam o corpo na centralidade das discussões. Se, por um lado, durante a modernidade, os avanços tecnológicos das sociedades industriais trouxeram a melhoria de vários aspectos nas condições de vida, por outro, esse desenvolvimento colocou em risco a existência da vida sobre o planeta ou a existência desse corpo no sistema planetário.

Ao discutirem sobre o meio ambiente, os participantes do grupo apontam que se veem em um mundo onde a informação, sendo essencial, é reivindicada por eles nas diferentes fontes nas quais hoje o conhecimento está disponível:

“Precisamos receber informações, na escola, TV, fora da escola”.

A escola não é vista como a fonte exclusiva do conhecimento. Como o estatuto do conhecimento como verdade se dilui socialmente pelos veículos de informação, o que é colocado nas informações dadas pelas mídias é tomado como verdadeiro. Não estamos mais em um mundo de trevas. O mundo de fato se transformou pela Renascença, pelo Iluminismo e pela Modernidade. É o homem que é acusado pela degradação do planeta e não se joga mais para Deus a sua salvação. Os participantes percebem, hoje, que nosso corpo está em nossas mãos.

O conhecimento científico de fato tomou o imaginário ocidental. A comunicação e a informação parecem trazer novas formas de se viver socialmente e de

constituir um novo imaginário. Pela informação, seja na escola ou em qualquer outra fonte, o jovem sabe sobre a possibilidade de uma iminente saturação do planeta e reconhece, com isso, a necessidade de mudança do comportamento do homem para salvar a si mesmo. Também não vivemos cotidianamente com o foco voltado somente para nossos problemas ambientais. Como vivemos sob uma pluralidade cultural, o que constitui a cultura primeira, aquela em que estamos imersos, sem com isso nos preocuparmos, são as opiniões que formam o “cimento social emocional da socialidade” (MAFFESOLI, 2007b, p.259). Somente depois viriam os saberes eruditos.

Com a popularização de informações científicas que se tornam de senso comum, os conhecimentos prévios para o ensino se alargam. Nesse contexto, a escola, no tratamento do conhecimento sistematizado, precisa transitar entre os saberes adquiridos socialmente e os conhecimentos oriundos das ciências. Como existiria uma dificuldade de comunicação entre a escola e as juventudes, considera-se que a integração dessas duas formas de conhecimento poderia motivar os jovens a permanecerem na escola, já que estes têm se desinteressado por ela, como se constata no Ensino Médio no qual o afastamento chega a mais de 50%, considerando-se a soma entre a evasão escolar e o número dos estudantes que ainda estariam frequentando o ensino fundamental na faixa de 15 a 17 anos.

A escola, na perspectiva política, coloca-se no papel de que pode buscar, pela educação, a formação de novas representações para promover uma transformação do social. Essa compreensão se faz presente nos discursos dos estudantes, ao apontarem, por exemplo, que as ações relativas à questão ambiental estão relacionadas à função política exercida pela escola ao tratar o conhecimento. Assim, salvar o planeta seria uma representação que pode ser desenvolvida pelo papel do conhecimento tratado na escola. Desse modo, verifica-se que está presente, no imaginário institucional, que a escola é o *locus* do conhecimento, ou seja, mesmo havendo na atualidade outras fontes de informação, o papel social da escola é reconhecido.

Também a escola consolidou-se na modernidade como meio de garantir progresso ao estado com a educação de massa, de modo a propiciar o funcionamento do mundo do trabalho. Sustentado por essa perspectiva, o corpo é o alvo dessa educação, ganhando aspectos políticos que passam pela docilização dos corpos, pela implantação

das ideias da produção levadas ao âmbito da escola ou outras diversas perspectivas que se apresentaram ao longo da modernidade até a atualidade.

O fato é que a educação teve papel em diversas utopias políticas (ARENDRT, 2011), o que trouxe diversas propostas implantadas no âmbito escolar. Como instituição moderna, a escola parece ter consolidado, no imaginário da população, o papel institucional de garantir alguma ascensão àqueles que ali se destacavam, conseguindo melhores postos de trabalho.

No âmbito político, a autora acima destaca a educação como utopia. Marcado por uma atuação de forma doutrinária, esse processo educacional se deve iniciar, muito cedo, na infância, atuando sobre os corpos, de modo a garantir a construção do novo, ou, paradoxalmente, a permanência do velho, do já existente. Tal perspectiva foi adotada tanto em processos tirânicos como nos ditos democráticos. Para Arendt (2011), seria um processo de coerção sem uso da força, o que coincide com a perspectiva grega de educação, como se discorrerá um pouco adiante.

As perspectivas progressistas para a educação trouxeram uma revolução dos sistemas educacionais na Europa Central, na América, vindo a impactar o Brasil a partir da década de 1970, especialmente em relação aos fins políticos a que a educação deveria se destinar. Segundo Arendt, questões como métodos de ensino e de aprendizagem parecem ter sido derrubadas de um dia para o outro, rompendo com todas as tradições.

A educação, hoje, no Brasil, passa por uma crise, pelo fato de que as propostas para a educação trazidas pelo sistema político não trouxeram respostas, e, conforme Arendt, sempre que isso ocorre, a crise se instala. Nesse contexto, o discurso do progresso se instala, evidenciando o importante papel exercido pela educação para que possa o país se desenvolver e avançar.

Nessa perspectiva, a escola, atualmente, é representada como local de conhecimento, de troca de informações, que se constituem como forma de poder. A fala de um dos participantes mostra essa questão do saber-poder. Uma vez que se tem conhecimento e se é um cidadão esclarecido, ele compreende ter algum compromisso com alguma forma de mudança, conforme sugere sua frase:

“Estar se formando agora, de tentar, mudando de alguma forma”.

Percebe-se, na fala, que formar-se é compreendido como ter a apreensão do conhecimento, que “pode” ser um meio de contribuir para a transformação do mundo,

talvez em uma perspectiva ecológica, o que amplia as perspectivas tratadas no terço final do século passado pelas pedagogias críticas. Novais (2003, p. 08) lembra Foucault, para quem o homem, por sua vontade de saber, descobre que a condição de existência, saúde, probabilidade de vida são “forças que podem ser modificadas”, tornando os dispositivos saber-poder evidentes desde o século XVII.

Essa percepção é observada no grupo entrevistado, o qual aponta que o homem, por formas de saber-poder apresentadas na fala “*precisamos receber informação*”, poderá ou não garantir sua permanência no planeta.

É apontado pelos participantes que ações individuais, como não jogar lixo, não acender uma fogueira (o grupo focal foi realizado em época de festas juninas), colaborariam com o ambiente

Também se reconhece que as fontes de informação na atualidade estão bastante ampliadas, diferenciando-se profundamente de outras épocas. O jovem de hoje é inserido em um mundo onde a comunicação é onipresente. As mídias difundem todo tipo de informação, do senso comum ao saber científico. Hoje, se fizermos uma pergunta a uma criança de 10 anos e ela não souber a resposta, ela é capaz de imediatamente pegar seu celular e acessar o Google para que possa responder.

Essa facilidade no acesso à informação nos faz pensar sobre o conhecimento hoje tratado na escola, em um mundo onde o real e virtual parecem estar se imbricando, cabendo discutir onde fica o seu papel, uma vez que a escola, com a presença corporal, deixa de ter exclusividade como *locus* do conhecimento.

Historicamente a escola foi tratada como local de aprendizagem, de informação, sendo o professor o detentor desse conhecimento e responsável por sua socialização. Esta ideia vem desde a Grécia Antiga, onde surgiu a política, sendo a educação vista como um meio de conduzir o homem e suas ações sem o uso de violência. Para Arendt (2011), isso seria uma forma de coerção pela razão, ou seja, a verdade teria efeito coercitivo sobre o homem. Entretanto, a autora destaca que Platão passou a questionar o fato, ao observar que a verdade não atingia a todos, já que, na política, nem todos tinham a mesma verdade, ou seja, Platão observou que, mesmo tendo as mesmas informações, as pessoas pensam e agem diferentemente uma das outras.

A solução dada por Platão a esse problema que se estende até a atualidade é a do mito¹⁶ das recompensas e punições da vida futura, o que confirma a coerção posta por Arendt, para quem o homem temeria o futuro e agiria diferentemente do que deseja para obter recompensas. Desse modo, a razão não é absoluta e se submete a coerções. Para Platão, destaca Arendt, haveria princípios legítimos encontrados para a coerção, apontando, ainda, que a autoridade do conhecimento se faz presente e é delegada, por exemplo, ao pastor pelas ovelhas ou ao timoneiro pelos passageiros. Essa autoridade estaria presente na atualidade, sendo reconhecida, como é o caso do médico pelos pacientes, de um governante, assim como também se espera do professor. Tal fato faz pensar sobre o papel da escola na atualidade, já que o seu papel coercitivo permanece, uma vez que a educação não é natural, mas inventada pelo homem e o papel do professor, enquanto autoridade que lida com a apreensão do conhecimento, deve ser politicamente definido.

Entretanto, o professor, ainda que reconhecido por alguns, vem perdendo seu espaço tradicional de detentor do conhecimento, já que os meios de comunicação, as mídias digitais, redes de computadores vêm retirando essa exclusividade de suas mãos, o que traz a ideia de que a educação parece viver mais uma crise, ou melhor, acrescenta mais um ingrediente à crise já instalada. Assim, a “informação” na atualidade não se restringe mais ao âmbito escolar, como se verifica nas falas dos participantes que reconhecem a necessidade da apreensão do saber, como se pode depreender pela frase de um dos participantes do grupo focal:

“precisamos receber mais informações, na escola, na TV, fora da escola”.

Verifica-se que, enquanto na modernidade a instituição escolar se consolidou como o *locus* do conhecimento, no presente, ela não perde essa função, embora exista o reconhecimento de que há outras possibilidades que produzem informação, como as mídias ou outros espaços “fora da escola”. A escola com saberes específicos, sistematizados, sustentados pelas ciências, ainda é o espaço institucional educacional, não perdendo esse *status*, já que o processo de ensino e aprendizagem necessita ainda da interação e mediação humana.

¹⁶ A palavra grega *mythos* (narrativa) significa um modo que os povos utilizavam para interpretar suas realidades (BEVARIRI, 2012).

Quando os sujeitos pesquisados afirmam que: *“o futuro está em nossas mãos”*, utilizam, nessa expressão, o recurso ao mito da recompensa futura, visto que o amanhã dependerá do que fizermos hoje. Por outro lado, o mito, ao propor uma recompensa, gera coerção expressa em uma forma punitiva, uma vez que, caso o homem não venha a cuidar do planeta, poderá ser extinto ou sofrer outras consequências.

Há uma mudança no imaginário moderno. Agora não se trata mais de que o conhecimento garantirá o progresso, mas de que o conhecimento, conforme o uso dado pelo homem, poderá ou não salvar o planeta.

Entre os participantes do grupo focal é colocado que o conhecimento é visto como meio de transformar o mundo, sendo tal responsabilidade pelas mudanças atribuída àqueles que têm sua apreensão. Ao serem questionados sobre se teriam alguma responsabilidade sobre a questão ambiental, dizem:

“Estar se formando agora, de tentar, mudando de alguma forma”

“Pela consciência”.

Ao apontar a palavra “agora”, pode-se interpretar que percebem que os saberes escolares na contemporaneidade se diferenciam de outras épocas. Assim, esses saberes envolvem uma relação ética que leva a um posicionamento individual e coletivo frente aos problemas ambientais que poderão determinar o modo de vida que terão no futuro.

O conhecimento foi compreendido como o pensamento que levaria a criar outra maneira de viver. Bittencourt (2011) reafirma ser necessário que a tecnologia aprimore as condições de existência de todos e do meio ambiente, de modo que favoreça a formação de uma consciência de integração planetária pela cooperação internacional, estabelecendo uma civilização sustentável, a fim de se conciliar os benefícios do progresso técnico com o uso consciente dos recursos materiais a favor da qualidade de vida humana. Para tanto, é necessário o estabelecimento de uma experiência ética que se associe à preservação da natureza.

O homem em toda sua existência vem produzindo conhecimento, seja para sobreviver, para compreender ou explicar o mundo, ou para dominar a natureza e progredir. Na atualidade, essa busca pelo conhecimento se manifesta com intensidade, motivada pela organização do trabalho que exige uma constante “atualização” do trabalhador.

Percebe-se entre os sujeitos pesquisados que essa busca do conhecimento permeia seu imaginário, compelindo-os, de alguma forma, a buscar cada vez mais

informações. Se, na modernidade, o saber se individualizou e se voltou para o trabalho, para o progresso, para o ganho do capital, hoje, com os problemas sócio-ambientais, ele pode estar se deslocando para a busca de uma coletividade, por um modo em que haja comprometimento coletivo para solucionar as questões que apareçam. Associado à percepção da necessidade de agir coletivamente, ocorre também a implementação de diversos recursos tecnológicos que levam à intensificação da comunicação. Isso tem reforçado a pulsão por uma coletividade, que possibilita consolidar o estar juntos, seja para uma busca do prazer ou para um agir com o outro na preservação da vida.

No conflito entre juventude e escola que tem resultado no desinteresse pela educação nessa faixa etária, a escola é considerada necessária pelos jovens. Entretanto, o dinamismo da informação com as tecnologias se transformou, devendo a escola se adequar a essas formas de comunicação que são amplamente utilizadas pela juventude.

Não há precedentes históricos que se igualem à atualidade no que se refere às possibilidades de comunicação. A informática trouxe uma dinamização do saber, da comunicação e da informação, oferecendo facilidades de acesso a todos e afetando a circulação de conhecimentos.

Lévy (2012) aponta o surgimento da cibercultura¹⁷. Nesses tempos, com a ampliação e popularização das redes sociais, há a aproximação das pessoas em todo o mundo, seja para assuntos banais, científicos, políticos, econômicos, possibilitando aos usuários uma troca constante de conteúdos indefinidos. Segundo o autor, o virtual multiplica a possibilidade para atualizar o real. O mundo humano seria virtual desde sua origem, pois sempre houve pensamentos ou percepções inexplorados e com projeções para o futuro o qual buscamos atualizar. Nessa perspectiva, ele fundamenta que as tecnologias da informática se consolidam na pós-modernidade, pois se contrapõem aos discursos totalizantes e às narrativas teleológicas da modernidade. Para Lévy, a cibercultura indica um caminho para uma física da comunicação em que a humanidade terá um contínuo movimento de troca de conhecimento. As principais categorias que associariam a cibercultura ao conhecimento seriam a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência comum, tendo como imperativo a comunicação universal.

¹⁷ Cibercultura é o termo utilizado para se definir os agenciamentos sociais das comunidades no espaço eletrônico virtual (LÉVY, 2012).

Tucherman (1999) amplia de certo modo essa questão colocada por Lévy como comunicação universal, ao citar o surgimento de uma nova cultura do universal, à qual todos teriam direito ao acesso. Seria um acesso ao espaço que liga as pessoas, as comunidades de qualquer ponto do planeta, suprimindo os monopólios e todos se tornam-se emissores. Nesse universal, há a experiência da imersão por participação com a produção de múltiplos, abertos e sentidos temporários, sem necessariamente uma identidade. A autora ainda salienta que “a cibercultura seria, ao contrário, a possibilidade de experimentar o universal – a presença virtual em si de toda a humanidade – sem recurso à identidade do sentido” (TUCHERMAN, 1999, p. 173).

Maffesoli (2012, p. 98) afirma que a virtualização do mundo possibilitou a saída do indivíduo do isolamento, invertendo a lógica da solidão, contribuindo para estar sempre em contato, em união, em comunhão, sendo o ciberespaço “um laço de contornos indefinidos, infinitos, onde, de uma forma matricial, se elabora o encontro com o outro, onde se fortalece o corpo social”.

O que mais nos chama a atenção para esta pesquisa é o fato de que a internet possibilitou o desenvolvimento de um sistema colaborativo entre os indivíduos, valorizando as diferenças e a inclusão de grupos relegados. Para Lévy (2012), sujeitos e objetos, autores e destinatários perdem suas distintas identidades nas redes, já que os corpos permanecem separados entre si.

Nesse contexto, a construção do saber se transforma. Maffesoli (2012) lembra que este não vem mais do alto, da lei, do pai, mas sim de baixo, de modo transversal, tornando-se coletivo e não mais unilateral, sendo que todos os conectados são difusores de saberes, constituindo uma experiência holística chamada por Lévy de inteligência coletiva, pois os conteúdos são produzidos em rede de modo interativo. Talvez a escola deva, de algum modo, fazer parte dessa rede.

O risco no qual o planeta se encontra poderia estar nos levando à conjunção, já que percebemos que individualmente não será possível ao homem preservar a vida no planeta. Isso nos leva a abriremos mão, de forma relativa, de algumas formas de individualização ou mesmo do individualismo, para que conjuntamente possamos agir.

Em se tratando do meio ambiente, somente perceber a degradação não basta. A sensibilidade de se perceber a necessidade de uma ação coletiva em relação ao meio ambiente é apontada pelos participantes como uma possível solução à questão. Seria

uma ação em rede para salvar o planeta. Assim, ou sucumbimos, ou todos se unem e salvam o planeta e se salvam. Somente com a ação de todos isso será possível.

Talvez, pela primeira vez na história, o homem esteja rompendo fronteiras locais para se colocar como espécie, tendo o recurso das redes sociais, que vem gerando outra forma de cultura, em que, posta a questão ambiental, passamos a nos perceber no coletivo.

Podemos aqui destacar Santos (1988), quando argumenta que a modernidade teria nos confinado em uma ética individualista que nos impede de pedir ou pensar em questões amplas como a ecologia ou catástrofes nucleares. Para o autor, esse fato colocou a questão em um cômodo patamar, no qual o individualismo teria permitido a isenção de responsabilidades individuais, jogando as responsabilidades para “todos”. Podemos confirmar isso ao recorrermos à questão pela realização da Rio + 20, em que, passados 24 anos da publicação da obra de Santos, a questão está em pauta e, claramente, não há a quem se responsabilizar pelas ações concretas reivindicadas durante todo esse tempo.

Ao se apontar a responsabilidade como sendo de “todos”, ficamos sem soluções para o problema, de modo que ninguém é responsabilizado e também não comprometido com a questão. O comprometimento se volta ao sujeito, que se sente na obrigação de tomar atitudes como nas falas:

“Não usar carros”.
“Cuidado com o carbono”.
“Não jogar papel no chão”.

O que se percebe na atualidade é que, diferentemente do darwinismo social¹⁸, a necessidade de sobrevivência passa a ser de responsabilidade coletiva sustentada por

¹⁸ O Darwinismo social tem origem na teoria da seleção natural de Charles Darwin, que explica a diversidade das espécies através do processo da evolução. Essa teoria motivou correntes nas ciências sociais que propunham a tese da sobrevivência do mais adaptado, da importância de um controle sobre a demografia humana e afirmava que existiriam características biológicas e sociais que determinariam que uma pessoa é superior à outra e que as pessoas que se enquadrassem nesses critérios seriam as mais aptas. Alguns autores atribuem a fonte do darwinismo social ao próprio Darwin que, na obra *A Origem do Homem*, havia aplicado a sua teoria ao mundo social. Entretanto, foi Herbert Spencer que apontou a ideia de que grupos e sociedade evoluem através do conflito e da competição. A teoria de Darwin diz também que no mundo sobrevive o mais adaptado, por isso há a evolução; que os seres vivos evoluem para continuarem vivos, do qual o homem seria exemplo. Entretanto, outros autores também influenciados pelas ideias de Darwin se opuseram ao darwinismo social, dentre os quais Piotr Kropotkin que defende que a solidariedade entre indivíduos de um mesmo grupo ou espécie é tão importante para a sobrevivência quanto a competição entre grupos e espécies.

sentimento de solidariedade, diferenciando da competitividade estabelecida pelo individualismo na modernidade. Precisariamos de um sistema de colaboração mútuo, em que cada um deva fazer sua parte, mas garantindo ações de todos. Sobreviver pode não depender mais somente do capital.

Encontra-se, com isso, o deslocamento da ideia do individualismo, em que a competitividade estimulada por este, expressa pelo acúmulo de capital, contribuiu para chegarmos ao que se é hoje. Tal fato se mostra na afirmação:

“mas tem de ser de todos” (referindo-se sobre de quem é a responsabilidade).

No individualismo moderno, que se exacerbou com o capitalismo, quando sobreviver era responsabilidade de cada um, todos teriam igualdade de condições de competir. Percebe-se que isso não é mais possível. Existe a necessidade de um corpo orgânico ou da agregação, para que se possa formar o corpo coletivo.

O sentimento de solidariedade emerge ao se deslocar do corpo individual para o corpo coletivo por um sentimento de comunidade, o que é a base do que Maffesoli (1999) chama de socialidade ou solidariedade de base que se definiria como sentimentos que vão nascer, crescer e fortalecer as inter-relações por atrações e repulsões, agregando os indivíduos e, no caso do meio ambiente, o caráter ético dessa solidariedade de base estaria sustentada pela própria sobrevivência, o que também legitima as relações de um com outrem. Este outrem une o homem à natureza, as ciências não são negadas, devendo, antes, serem utilizadas a favor dessa união. Segundo a fala de um dos sujeitos:

“Tem de amar o planeta”.

Podemos afirmar que, em relação ao meio ambiente, as falas apontam ao homem um retorno à natureza por uma ética do cuidado. Como esta é uma questão vital, necessita o homem de se comprometer com a própria vida, como diz Deleuze (2011), *amor fati*. O autor também aponta que, no ideal de educação nietzscheniano, o modo como vivemos inspira nossos pensamentos que, por sua vez, criam maneiras de viver. Isso nos leva a afirmar que, em relação ao meio ambiente e à educação, é necessário questionar o “como agimos”, por força interior de nosso próprio pensamento.

Os problemas produzidos por danos ao meio ambiente levam a questionar se todo o avanço tecnológico teria valido a pena. Bittencourt (2011) afirma que a vida como critério torna qualquer postulado ético vazio. As explorações inconsequentes do homem têm levado a criações que colocam o homem em uma miséria existencial. Em troca de um conforto tecnológico, extrapolamos uma ética socioambiental. O homem passou, na modernidade, a ter confiança integral no progresso da técnica e, de fato, acreditou que dominaria a natureza. Hoje, percebe-se que a natureza é esgotável e que vários movimentos realizados pelo homem foram inconsequentes. A vida humana é o critério ético fundamental.

O capitalismo e o mito do progresso, sem dúvida, contribuíram para o descaso em que o meio ambiente veio sendo tratado social e politicamente. Passamos ou ainda estamos em um tempo de crença no progresso, que somente parece estar sendo questionado pela degradação ao meio ambiente que nos coloca em risco. Nietzsche (2004) faz críticas ao que poderia representar o progresso e as consequências do capitalismo, argumentando que a nossa evolução não representa algo mais forte ou elevado. Nesse sentido, o progresso, uma ideia moderna, seria uma farsa. Na modernidade, a fé no progresso, nas tecnologias, substituíram Deus e a igreja pela ciência e economia.

A crença em uma consciência e razão não consolidaram o projeto moderno. A própria degradação ao meio ambiente reforça a observação. Esses mitos da modernidade também se fizeram presentes em relação à educação, especialmente ao nos referirmos à questão do conhecimento, que levaria a uma emancipação e/ou autonomia do homem pela consciência e pela razão.

Devemos a Kant a discussão que se estendeu ao longo dos anos sobre a questão da razão que, em Kant, é a faculdade que propicia o conhecimento. Ao fazer a crítica da razão, o autor mostra as limitações do aparato do conhecimento. Na razão prática, seríamos cidadãos de dois mundos, nos quais temos a faculdade de conhecer e de agir, formulando as leis sociais que nos regem. A razão teórica desvendaria e descreveria suas leis. No mundo da natureza, valem os julgamentos científicos e, no mundo social, que é definido pela vontade humana, valeriam os julgamentos morais.

A razão pura, para Delruelle (2004, p. 234), ambicionou ser o tribunal de todas as controvérsias metafísicas, julgando dos direitos da razão “a partir das leis que a

própria razão é capaz de instituir”. A razão pura não se encontra sujeita a instâncias superiores como Deus, alma ou a natureza, tampouco a instâncias inferiores como impressões, sensações. É sair da metafísica do estado da natureza, para um estado legal no qual nossas dúvidas são sanadas. Assim, a razão pode apoiar-se em si mesma pelos conhecimentos a priori, independente dos conhecimento a posteriori que provêm da experiência. Desse modo, segundo Kant, podemos manter a universalidade e inteligibilidade da filosofia extrapolando a estrutura do conhecimento humano.

Para Kant, também poderíamos ultrapassar o que nos é dado pela experiência. Isso ocorreria por princípios subjetivos que encontramos em nós mesmos, daí surge o conceito do transcendental, que não deve ser confundido com o que transcende, no sentido de ir “mais além”. Dessa forma, a questão do conhecimento foi tratada, até o presente, no sentido do empírico e do transcendental, sendo o primeiro dado pela experiência (a cor da maçã, a revolução francesa) que são conhecidos a posteriori e no segundo, o transcendental, é o que no próprio sujeito precede o que é dado, condiciona toda experiência e a torna possível.

Outra questão apontada por Kant é a que diz respeito à autonomia, que também virou referência nos programas escolares, principalmente os de fundamentação crítica. Teria o sujeito a autonomia de legislar sobre suas vontades no mundo social? Essa autonomia parece indicar um caminho ao individualismo que predominou na modernidade. Ao apontar a necessidade do corpo coletivo, os compromissos passam a ser orgânicos e a autonomia tem de ser solidária a desejos comuns. Entretanto, em Kant, como a razão se prende à moral, uma situação seria racional desde que atendesse a critérios de um imperativo categórico, que se põe como verdade.

As ideias de Kant (1992, p. 16-17) para a educação se fundamentavam na busca das convicções racionais que permitiriam pensar "que a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aprimorada pela educação, e que é possível chegar àquela forma que em verdade convém à humanidade." Também Kant (1992, p. 174) aponta que os professores, principalmente os de Filosofia, deveriam desenvolver o elemento fundamental: o exercício da razão e do pensamento, destacando que eles não devem "ensinar pensamentos, mas a pensar".

Como a escola foi fundada nos valores da modernidade, o pensamento kantiano tem bastante influência em sua compreensão. Kant (1996, p. 26-27) aponta que seria necessário estimular a educação pública em detrimento da educação doméstica. Assim, afirma que um professor deve formar, primeiro, o homem sensato, depois, o homem racional e, por fim, o douto. O homem, por meio da educação, deve ser disciplinado. A disciplina consistiria em domar a selvageria do homem que deve tornar-se culto, prudente, exercendo seu lugar na sociedade, sendo querido e influente. Por fim, Kant assinala que a educação deve cuidar da moralização.

Já na contemporaneidade, Maffesoli (1999) sinaliza que a moral é universal e a ética é particular, valendo, às vezes, para um determinado tempo, como é o caso da questão ambiental na atualidade. Dessa forma, surgiriam, para o autor, "imoralismos éticos" quando uma cultura ou valores se diferenciam. Com isso, o autor também remete a uma deontologia, que aponta para uma consideração das situações em um esforço intelectual para se pensar o mundo a partir de uma ética das situações em substituição à moral do dever-ser.

Maffesoli, considerando a razão em outras dimensões como a do prazer dos sentidos, do jogo das formas, do retorno com força da natureza, da intrusão do fútil,

ressalta um conhecimento mais aberto denominado de “razão sensível”. Essa razão procura compatibilizar pares dicotômicos como o objetivo-subjetivo, o intelecto-intuição, razão-emoção etc.

A questão ambiental nos remeteria a considerar a razão em sua dimensão sensível. Trata-se de um tema complexo, que se encontra fluido, imprevisível, incerto, mas que também se encontra em uma linha de efervescência do social. É necessário que haja uma ética da situação. Retomando uma das falas de um sujeito pesquisado, “*estar se formando* (adquirindo conhecimento) *agora*”, ou seja, no momento em que a questão ambiental está posta ao homem, significa compreender que o conhecimento traz responsabilidades para quem experienciou o processo educacional.

Nessa perspectiva, agir sustentado pelo conhecimento, tentar mudar de alguma forma, transvalorizar o que foi (im)posto na vida moderna constituem atitudes necessárias para que o corpo e a existência possam permanecer no planeta.

Desse modo, “salvar o planeta”, significa salvar a vida nele existente, sobretudo a da própria espécie humana. Existe a percepção de que não basta somente o cuidado de si que não envolva o outro e as coisas. Diferentemente do que ocorrera na modernidade, em que a sobrevivência foi lançada para o indivíduo, agora a responsabilidade pelo meio ambiente passa a ser de todos.

O homem, na modernidade, assumiu para si que, pelo conhecimento, pela evolução e conhecimento científico, poderia dominar a natureza. Entretanto, o fato veio a se constituir em mais uma perda para a razão, já que o homem percebeu que todo esse progresso, todo o desenvolvimento científico, embora tenha trazido alguns avanços, ao que parece, a vida no planeta nunca esteve em tanto risco de se extinguir, fato produzido por ele próprio.

Seria bastante racional pensarmos nas evidências de que as ciências nos mostram, pela degradação do meio ambiente, pelo aquecimento global, que estamos em risco. Percebe-se que a ciência pode nos mostrar caminhos, mas que a solução agora depende do homem, de sua ação, de como irá dar continuidade à forma de aplicar o conhecimento. Assim, somente essa racionalidade do progresso não é suficiente. É necessária a ação coletiva. Essa percepção nos aponta para um imaginário do coletivo, em que é necessário o envolvimento de todos por causas comuns. Compreende-se, com isso, uma forma emocional, em que o coletivo tem de predominar, mesmo nas pequenas

coisas que regem o cotidiano. Concordamos, assim, com o deslocamento de uma época de racionalidade para uma época de emocionalidade que se instaura sustentada por três fenômenos complementares: as marcas corporais, o estar juntos e a persona ou expressão da máscara social.

Mas podemos destacar que essa época não despreza a racionalidade, pelo contrário, deve ser uma época em que a racionalidade pode ser utilizada para outros fins em que há a efervescência do coletivo.

6.2 Corpo: individualismo e individualidade

Afirmarmos que poderíamos, de fato, estar rompendo com o individualismo é uma questão a ser ainda acompanhada no tempo histórico, mas há indicativos de que uma mudança vem ocorrendo, como relatada por diversos autores. O surgimento do individualismo é atribuído à modernidade, na crença de que o homem poderia dominar a natureza com a produção de conhecimento, com sua ação individual e no estabelecimento da competição.

A emergência do individualismo é apresentada no Racionalismo e Iluminismo, ao se estabelecer a diferença do indivíduo pré-moderno, que era orientado pela ordem transcendente, religiosa, para o indivíduo moderno, que passou a ser orientado pela razão e pela vontade. Ao se deslocar de Deus e colocar o homem no centro do universo, o que ocorreu na passagem da era medieval para a moderna, o indivíduo passa a ser o princípio e o valor, rejeitando o poder transposto pelas heranças, pela vontade divina. Ascender às democracias modernas e também pela introdução de um tempo contratual, estabelecido no contrato social, faz emergir o indivíduo como ser uno, livre, responsável por seus atos, contratualmente considerado cidadão com direitos e deveres.

Entretanto, o individualismo parece não ser compreendido entre os participantes do grupo, que parecem confundir individualismo com individualidade. De acordo com Vernant (1987), o modelo do homem moderno é o indivíduo, aquele que vive à sua individualidade como um valor no interior do mundo. Nesse sentido, seríamos, assim, um indivíduo mundano.

Para Dumont (1987), o individualismo na história do ocidente emerge sempre em oposição à “sociedade”, à vida mundana, separando-se do mundo, o que se torna o

indivíduo moderno. Pode-se associar a essas ideias o pensamento de Touraine (2009, p. 16), de se ter direito a ter direito, de forma que, tendo direito à individualidade, não sejamos, por isso, individualistas. O autor chama esse modo de individualismo de “subjetivação”.

Adotando a ideia de Maffesoli de que estamos vivendo o final de um tempo, a modernidade, o individualismo, aqui compreendido na vertente política que levou a um modo de vida, estaria sucumbindo para uma passagem à “sociedade”, compreendida em Maffesoli como um tempo de coletividade, do estar juntos, da estética. Não se vê conflito de preservação da individualidade, uma vez que o coletivo ou o outro é preservado ou mesmo priorizado, já que se abre mão de aspectos pessoais para se garantir um estar juntos, tempo no qual o individualismo sucumbe, o que não implica abrir mão da individualidade. Movimentos como o feminismo demonstram isso, vez que são movimentos coletivos, que agregam causas comuns às quais qualquer um pode aderir. Esses movimentos comportam valores para determinada causa, não havendo exigência, como em outras situações, que a pessoa pense diferente, ou seja, na contemporaneidade, as ideologias, assim como outras metanarrativas, perdem seu espaço.

Touraine (2009, p.14) coloca que o termo individualismo pode envolver um mal entendido. O autor esclarece que o individualismo não trata apenas de dizer que cada um age de acordo com seus interesses e desejos, mas em “reconhecer que cada indivíduo tende a recorrer ao seu direito de ter direitos”. Exemplifica com o feminismo, que, se, antes, colocava-se com o discurso da igualdade com os homens, hoje se apresenta com o discurso da diferença, já que, para as mulheres, o importante seria “construir-se como mulher e, acima de tudo, fazê-lo através da própria sexualidade”. É uma transformação pela consciência de si que se apresenta mais forte que a consciência das regras, das normas, dos sistemas, que, para o autor, resgatam a rejeitada ideia do sujeito ou do indivíduo “reconhecido como criador dele mesmo”.

O individualismo teria mostrado a necessidade da conjunção ao homem como forma de negação da morte, uma vez que, pela sua exacerbação, trouxe a percepção da morte pelo fim da espécie. Com isso também passaríamos a valorizar o não sério, o banal, o efêmero, preferencialmente de modo coletivo como forma de resistência.

Essa resistência é apontada por Maffesoli, em sua perspectiva do paradigma estético, ao conceituar a noção “presenteísmo” que tem a função de nos ligar uns aos outros, fazendo com que tenhamos confiança no mundo que partilhamos. No presenteísmo, tudo no cotidiano é motivo de reunião, como a conversa fiada, as questões afetivas, o trabalho, a família, a sorte no horóscopo e todas as banalidades do cotidiano. Assim, estaríamos sendo capturados pelo coletivo e, em função da necessidade de ações conjuntas, caímos nas banalidades do cotidiano.

Entre os participantes, a ideia apresentada por Touraine de que o individualismo se caracteriza como uma ação em favor de seus interesses e desejos parece vigorar como conceito aceito. Esse individualismo, para os participantes, é associado ao não reconhecimento do outro, de seus sentimentos, valendo interesses próprios.

“Nós mesmos, às vezes, somos bastante individualistas.”

“Hoje em dia, muitas pessoas passam por cima dos sentimentos de outra, as pessoas nem ligam tanto.”

“Às vezes eu acho que meus problemas são maiores do que das outras pessoas, aí eu só vejo ah, os problemas, os problemas, os problemas, tem gente que problemas piores eu acho.”

Essa questão remete a Foucault que, na obra “A história da sexualidade”, aponta que os discursos sobre o individualismo sempre passam pelo outro, mesmo que seja para negá-lo. Assim, não se pode discutir o conceito de individualismo sem considerar a relação com o outro.

Se a existência faz sentido com o outro, o individualismo confirma a afirmação, uma vez que ele somente existe frente a presença do outro, exprime a liberdade do indivíduo frente ao grupo, à sociedade ou ao Estado, podendo ser definido por um conceito político, moral e social. Opondo-se às formas de autoridade e ao coletivismo, promove tensão no meio social por se confrontar com valores cooperativos ou coletivos¹⁹.

Observa-se também que os discursos dos jovens sobre suas tribos estão inscritos sob uma ética na qual há códigos que não podem ser quebrados. Este poderia ser o limiar em que se abandona o coletivo e se retorna ao individual, ao pessoal ou ao próprio eu. Nesse sentido, pode não fazer tanto sentido aos participantes compreender o

¹⁹ Origem: Wikipédia. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Individualismo>

que se denomina por individualismo, já que demonstram a necessidade do estar juntos como forma de viver o presente.

Mesmo assim, percebe-se que os sujeitos sinalizam que as atitudes que desconsideram o outro em benefício próprio, atitudes em que se satisfazem por dominar um espaço e fazer o que querem sem interferência de ninguém são associadas ao fato de ser individualista.

“Às vezes eu chego em casa de tarde e estou cansada, e aí a minha mãe chega do trabalho cansada também. Aí tem um monte de coisa pra fazer, aí eu não penso em ajudar ela, porque eu acho que estou muito cansada. Às vezes eu acho, eu não penso que às vezes ela está mais cansada do que eu.”

“Eu não estou entendendo muito bem como se sentir individualista. Mas eu acho que eu sou individualista quando todo mundo sai lá de casa. Porque em casa pode está uma bagunça do caralho, e quando todo mundo sai e eu fico sozinho. Eu acho que é o melhor presente que minha família podia me dar entendeu? Me deixa sozinha numa tarde assim, para fazer o que eu quiser e não preocupar com ninguém, sabe, eu acho que é muito bom quando eu fico sozinho”.

Perceber a si mesmo em relação ao outro e fazer considerações que dimensionem sua própria vida é um fator que faz com que se possa buscar equilíbrio nas relações de modo a viabilizá-la.

“Às vezes eu acho que eu sou individualista em pensar que eu tenho problemas muito grandes, enquanto eles são muitos pequenos. Coisas bobas, eu ficar sofrendo sem pensar que tem pessoas com problemas tão grandes e às vezes não sofrem tanto quanto eu estou sofrendo por bobeira.”

Vernant (1987) esclarece, pelo que chama de uma perspectiva antropológica, o que viria a ser o indivíduo, o sujeito e o eu. O indivíduo é o que tem seu lugar, papel e forma, que é reconhecido nos grupos, dispondo de margem para manobra para exercer uma autonomia no grupo que é relativa. O sujeito se apresenta quando o indivíduo exprime-se na primeira pessoa, fala em seu nome e enuncia traços que fazem dele um ser singular. O eu está em um conjunto de práticas e atitudes psicológicas que dão ao sujeito uma dimensão de interioridade e unicidade, constituindo-o interiormente com uma intimidade à qual somente ele tem acesso, definindo-o como consciência de si.

Desse modo, essa individualidade remete ao público e ao privado, ao que é posto entre interioridade e exterioridade, entre o eu, o sujeito e o indivíduo. Nesse jogo entre interior e exterior, na atualidade, quando o estar juntos vem ganhando espaço como modo de vida contemporâneo, Maffesoli propõe a noção de persona, o que promove um

deslocamento da identidade para a identificação, do individualismo para o coletivo, que pode ser traduzido pelo deslocamento do corpo individual para a constituição de um corpo coletivo. Ainda que o individualista não tenha espaço no coletivo, este não exclui as individualidades, o eu não desaparece e, com o surgimento da persona, a autonomia, que é relativa, leva a haver um sair de si para se abrigar em uma embriaguez coletiva promovida pelo desejo de estar juntos.

Com a saturação do individualismo e a ascensão do estar juntos, o conhecer a si mesmo se volta a um conhecer o outro como forma de experiência de si mesmo, de modo que o eu somente teria sentido com o outro.

Velho (2002, p. 21) argumenta que, seja na interação, na sociedade ou na cultura, “a subjetividade – o interno – “é produzida, condicionada, fabricada pelo externo”. O indivíduo que, dependendo da teoria, pode estar na ideologia individualista, é essencialmente social e, como representação ou como conteúdo, o interno só pode ser explicado pelo externo. Há uma perda da unidade na contemporaneidade em que o próprio sujeito passa a se incomodar quando não está integrado ao grupo. Como as marcas sociais se voltam ao corpo coletivo, o individualismo vem sucumbindo, como fora anteriormente mencionado.

Como marca da atualidade, não se pode desprezar a questão da comunicação. Como ser individualista ou desconsiderar o coletivo com toda a ascensão das redes sociais? Elas são a consolidação do estar juntos, da construção do corpo coletivo, da proximidade ao outro, mesmo que virtualmente. Todas essas novas tecnologias reforçam essas formas de comunicação, de informação em que o outro se faz presente.

Ao longo das análises serão consideradas outras citações no que se refere ao individualismo, que não estão relatadas neste tópico, por se relacionarem a categorias diversas, ficando melhor situadas em outros espaços.

6.3 Juventude e socialidade: a ética da estética

No cotidiano, sustentado pelo saber do senso comum, ouve-se bastante que as manifestações corporais presentes em nossa sociedade estariam próximas a um modo

hedonista de vida, no qual o jovem buscaria uma vida baseada no gosto, no prazer, buscando grupos que agreguem essas características.

Ao se falar em gosto, a questão da estética se apresenta, o que nos remete ao belo, ao gosto, ao corpo escultural, às artes. No Brasil, tudo que se relaciona ao culto ao corpo e à beleza corporal é valorizado, como as ginásticas, os cosméticos, os cuidados corporais retratados pelos tratamentos de beleza, as cirurgias plásticas e tudo que tornaria o corpo mais belo, ou mais próximo a padrões socialmente desejados.

O uso do termo estética, utilizado por Maffesoli, distingue-se desse olhar. A estética teria um sentido amplo, um sentido de agregação que constitui as relações sociais, em que o experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar os mesmos valores estão presentes no viver. Interessante que esse viver social compartilhado, a agregação se associam à questão do gosto, o que dá sentido ao uso da expressão estética em que o belo, o lúdico se fazem presentes.

Nesse contexto, Maffesoli apresenta a noção do que chama de “ética da estética” que nos ajuda a compreender o estar juntos. Essa ética da estética nasce no cotidiano com seus significados vivenciados em comum, nos quais a ética é um compromisso sem obrigação nem sanção, sem nenhuma outra obrigação que não seja aquela de se agregar, de ser membro do corpo coletivo. É um tempo em que a emoção tem a primazia, sem desconsiderar a razão, mas integrando-se outras razões ao que compreendemos como razão, como a razão sensível. Um tempo em que o laço social se tornaria emocional, elaborado “um modo de ser (*ethos*), onde o que é experimentado com outros será primordial” (MAFFESOLI, 1999, p.12).

Tais considerações nos levam a perguntar qual o *ethos* constituído a partir de emoções partilhadas e vividas em comum, o que permite e faz o estar juntos, o que permite as atrações e repulsões de modo a constituírem os grupos. Também se considera para análise a noção de socialidade maffesoliana, para quem, na contemporaneidade, há um sentimento de comunidade, tendo o corpo coletivo predominância sobre o corpo individual.

No paradigma estético, há a predominância da busca da conjunção, que, na perspectiva maffesoliana, dar-se-ia por afinidades, por gostos, por interesses por alguma coisa ou temas que aparecem, por todos os mistérios que nos levam a estar junto ao outro, a nos constituirmos nas tribos contemporâneas.

Compreender essa socialidade é compreender que o estar junto, diferentemente da modernidade, ocorre desordenadamente, de forma versátil, regido por uma estética descompartmentada. Buscando verificar como o jovem atua em seu cotidiano, apontamos que uma das categorias presentes nos dados é compreender como, nessa socialidade, ocorre a conjunção.

É nesse ambiente estético que vivemos. Os jovens vivem ou convivem em diferentes tribos, reunindo-se em espaços formais, de obrigatoriedade, como é o caso da escola, ou em outros espaços a que se sujeitam, por necessidade ou por obrigação, que fazem parte da vida social ou espaços informais, por iniciativa própria, onde os rituais urbanos se inserem em espaços de excitação, de intensidade e de repetição banal, constituindo o lúdico. Assim investigamos aqui, como é encarado o espaço escolar pelos jovens, atualmente, frente a toda essa aparência.

Compreender os jovens de nosso tempo ou o espírito de nosso tempo no qual eles estão inseridos se faz necessário para a escola, a fim de melhor estabelecer a comunicação no ambiente escolar. Esse ambiente, institucionalmente, é o de sistematização de conhecimentos, de saberes, de convivência, no qual a comunicação, a informação é fundamental para que se estabeleçam os laços necessários à prática pedagógica.

Ao desvendar esse paradigma estético, também nos voltamos à formação de professores que tem de se sustentar por referenciais que levem os profissionais a compreenderem, para que possam exercer a contento sua profissão, como as relações são estabelecidas na atualidade, especialmente aquelas que se fazem entre os jovens.

Como fora anteriormente mencionado, compreendemos que a conjunção e o estar juntos compõem esse viver social contemporâneo em que o gosto aflora no coletivo. Maffesoli²⁰ aponta que as tribos se constituem no compartilhar de um gosto. Assim, no grupo focal, fez-se uma pergunta acerca dos gostos dos jovens, para buscar compreender se os grupos se agregariam atraídos pelo valor atribuído por eles aos modos de viver, aos gostos comuns, às formas que imprimem prazer; se identificam o

Em uma conferência realizada no dia 14 de maio em Juiz de Fora, Maffesoli, ao ser questionado sobre o tribalismo e nomadismo, afirmou que, hoje, o que ele chamou de neo-tribalismo pós-moderno, agora chama do compartilhar de um gosto. A tribo seria uma metáfora, uma provocação e não um conceito etimológico. A noção de tribo pós-moderna não se referiria à tribo tradicional, pois, na pós-modernidade, há nômades entre as tribos.

gosto como característica comum nos grupos ou se também existiria uma rejeição nos grupos por aqueles que apresentam um gosto diferenciado da tribo.

Ao serem questionados sobre o que gostam, a resposta de maior incidência por parte dos participantes foi que é de

“ficar em algum lugar com os amigos ou sair com os amigos”

Isso reforça as ideias de Maffesoli (1999, p. 163) sobre o paradigma estético, segundo o qual haveria hoje um sentido de vivenciar ou sentir em comum, um tempo em que podemos nos perder em uma teatralidade que permite que tudo o que faz a superfície das coisas e das pessoas tenha sentido. Nesses tempos, as banalidades da vida ganham sentido. O caráter moralista presente na modernidade, em que tudo relativo ao corpo foi negado ou renegado vem se perdendo, permite que o desejo, o prazer ganhem espaço.

O lúdico e o prazer não excluam o que é considerado sério. Em suas respostas quando perguntados sobre o que gostam de fazer, os jovens dizem *“namorar, ir a baladas, festas, ir ao cinema, escutar música, viajar, dormir, estudar, estudar quando está com vontade, ficar no computador, internet, jogar um futebol, malhar e dançar”*.

Percebe-se, ao longo da realização do grupo focal, uma indicação de que há predominância em apontar o gosto como característica comum ao grupo, o que leva à agregação, como vemos nas respostas que apresentam essas características.

“O assunto, a saída para onde, festa, futebol”.

“É o gosto”.

“Cada um gosta de uma coisa, uma música, uma banda”.

“O que vale (para o grupo) é o que a gente gosta de fazer”.

A festa, o futebol, a saída, a música, a banda representam a idolatria com seus totens, fazendo as tribos se agregarem a partir dos gostos, por um estar juntos motivado pelo desfrutar daqueles momentos pelo gosto. Cada tribo se constituiria em torno de um gosto, seja sexual, político, esportivo, religioso, ou qualquer outra forma de afinidade. Há presente uma busca do prazer que se encontra no estar juntos motivados pelo gosto comum. Isso exige o desenvolvimento da percepção estética, do julgamento que coloca as oposições como o belo, o feio, o bem e o mal, o amor e o ódio em xeque.

Os dados quantitativos apontam que o gosto comum é fator que leva à conjunção. Estar juntos em função do gosto comum se apresenta como algo que leva ao

prazer coletivo, de modo que 56% dos entrevistados responderam que os interesses comuns são o principal fator de busca pelo outro. É a lógica da identificação que se apresenta pelo gosto, não sendo necessária uma identidade para se agregar, mas simplesmente um gosto, que se apresenta na lógica da identificação. Também 19% declaram que se agregam pelo simples fato de quererem uma companhia.

No quadro 09 (anexo), 47% respondem que se identificam com seus amigos pela afinidade. Outros 43% declaram que se identificam com seus amigos por gostos e opiniões em comum, o que faz chegar a 90% o fator de agregação por afinidade e gostos em comum.

Estética e conhecimento se integram. Kant aponta para a distinção entre os objetos sensíveis (*aisthèta*) e objetos inteligíveis (*noèta*), estabelecendo uma distinção entre sensibilidade e entendimento. A sensibilidade em grego se denomina *asithèsis*, que origina a estética, sendo a faculdade da intuição. O entendimento vem do grego *logos*, que origina a lógica, que é a faculdade dos conceitos.

Entretanto, Kant ressalta que sem intuição não é possível o conhecimento, o que fez com que as noções se integrassem. Dessa forma, julgar envolve sensibilidade, conhecimento, entendimento, conceitos, intuição, ou seja, encontra-se todo esse movimento que traz o vitalismo social e faz da vida uma obra de arte. Isso nos faz compreender o uso da estética na atualidade. O autor já relacionava o gosto estético como forma de desenvolver o juízo ou o ato de julgar. Tal gosto poderia ser desenvolvido com a arte, cujas manifestações críticas levariam ao seu desenvolvimento.

Em uma época na qual o espírito do tempo se volta para a estética, a vida se relaciona a uma obra de arte. Há em cada grupo uma estética, em que forma e conteúdo se vinculam. O estético etimologicamente é a faculdade de sentir, de experimentar. Para Maffesoli, a estética é vista em um sentido de agregação que constitui as relações sociais à maneira de uma pulsão, em que se apresenta o experimentar, a sensibilidade, o sentir sempre no ambiente social de cujo jogo o outro faz parte. É a ética da estética, como chama o autor, em que o estético remete a uma ética das situações capaz de compreender o vitalismo social como o reconhecimento e respeito ao outro.

Maffesoli (1999, p. 105) compreende o termo estético de maneira etimológica, “como a faculdade comum de sentir, de experimentar”. Também Maffesoli (1999, p. 163) define a estética como “o de experimentar junto emoções, participar do mesmo

ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se, enfim, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos que fazem a superfície das coisas e das pessoas, fazer sentido”.

Nessa perspectiva, a faculdade de julgar é endereçada ao outro, se é interessante ou não, se seus valores são válidos também para mim ou meu grupo e outras tantas características que podem ser apresentadas pelo outro.

“Porque se a gente for ver, a gente olha para os outros grupos, a gente não sabe o que acontece ali, mas pelo nosso ponto de vista, a gente julga uma coisa que não vai muito com a nossa opinião, vai muito com a opinião dos outros”.

Assim, no ato de julgar, acionamos nossos sentidos, nossa percepção, o que somente se faz corporalmente. Cardim (2007, p. 19), fundamentado em Merleau-Ponty, salienta que “o sujeito da percepção é o corpo. É o corpo que percebe e não a alma, o ego ou o cogito”. Isso se diferencia da filosófica cartesiana para a qual “o sentir é apenas um modo da substância pensante e quem percebia era a alma e não o corpo”.

Na abordagem fenomenológica da percepção, a apreensão dos sentidos se faz pelo corpo, partindo de diferentes olhares sobre o mundo. O corpo e o conhecimento sensível são compreendidos como obra de arte, aberta e inacabada. A obra de arte é apreciada pelo espectador, que a julga, que lhe atribui sentido e, portanto, gera uma experiência vivida, uma experiência estética ou, de outro modo, uma experiência do corpo.

Cardim (2007) ainda observa que a experiência do corpo é um conhecimento sensível sobre o mundo, que envolve os gestos, as relações amorosas, os afetos, as palavras, entre outras possibilidades da experiência existencial.

Já que a experiência sensível envolve o outro, os sentidos se apresentam nas percepções corporais, nas formas como se vê o outro. Pode-se afirmar, desse modo, que sentir é um ato de conhecer, o que torna o conhecimento uma experiência corpórea. O conhecimento como experiência corpórea tornaria um conhecimento de si. Em Nietzsche, o sujeito do conhecimento passa a ser um agente interpretador, sendo a consciência de si um instrumento do corpo.

Os participantes apontam que, para ser justo ao se julgar, é necessário conhecer (o outro), o que somente ocorre na experiência corpórea presencial:

“Quando a gente não conhece a pessoa, a gente automaticamente pensa que ela é diferente. Mas tem de conhecer para poder julgar”.

Encontramos nas falas a exigência do respeito à diferença, socialmente manifestado no reconhecimento do outro. A afirmação de que “*gosto de ser bem tratada*” é uma reivindicação à compreensão por parte do outro em relação à diferença. As duas participantes autoras dessa frase têm comportamentos diferentes do grupo em relação aos gostos, às coisas que fazem no cotidiano. Entretanto, a necessidade de agregação, do estar juntos, do uso das redes sociais são fatores que se apresentam como comuns nos diferentes grupos.

As duas participantes que se distinguem dos demais participantes do grupo, poderiam, em função de suas formas de pensar e agir, ser pessoas “estigmatizadas” na escola. Contudo, indicam serem respeitadas, mesmo se reconhecendo como diferentes. Durante a realização das quatro sessões do grupo focal, foram conquistando espaço e sendo reconhecidas pelos demais participantes que já desejavam conhecer suas opiniões e gostos, conforme sinaliza a fala:

“Gosto de ser bem tratada, de que as pessoas deixem que eu seja eu mesma. Gosto de lutar, desenhar, ler”.

A reivindicação da participante é de que ela integre um grupo no qual possa ser ela mesma, o que não ocorre em qualquer grupo. Dessa maneira, para ser aceita, a persona se embute de máscaras, que são trocadas conforme os gostos. Em determinado momento, por sua vontade, a pessoa sai de si para se integrar aos valores e gostos por ela buscados, que se estabelecem em uma determinada tribo.

Fica explícito na fala que o “eu” se diferencia do “eu mesma”, o que reforça a noção de Maffesoli de “persona”. Verificamos que o “eu” é a pessoa ou persona com sua máscara, que é buscado na exterioridade. Já o “eu mesmo” encontra-se no indivíduo, na interioridade, podendo ser impedido de se apresentar. A persona se apresenta como arquétipo que vive e repete os instintos criadores coletivos, sendo que, desse modo, justifica-se e confirma-se a apresentação do eu mesmo como interioridade e do eu como exterioridade, que se manifesta no coletivo ou no que possibilita sua criação. A persona estaria situada em tribos, com linguajar comum, com marcas corporais, expressas a partir do corpo-persona. Com isso, as individualidades e diferenças são reconhecidas nos grupos.

“Cada um se respeita dentro do grupo e, talvez, por isso, no meu grupo de amigos etc. pensam que é diferente”.

“Eu acho que as pessoas do mesmo grupo são diferentes e cada grupo é diferente. E cada grupo, e cada pessoa, cada indivíduo tem a sua particularidade. Então, por exemplo, eu sou uma pessoa que, que,, deixa eu ver, eu não gosto de sair, não gosto de beber, não gosto de gastar dinheiro com roupa, é, não gosto muito de festa. Então, eu sou meio estranha, meio anormal do ponto de vista da maioria das pessoas. Só pra me ajudar um pouco, a socializar com as pessoas, sou muito tímida, assim, isso não ajuda a mim em nada. Mas, mesmo assim, no meu grupo de amigas existem aquelas pessoas que bebem, aquelas pessoas que não. Mas não deixo de gostar delas do mesmo jeito. Não deixo de gostar delas porque bebem. Ah! Não gosto de bebida. Ah! Porque eu moro praticamente do lado do Pronto Pizza e eu ouço aquela barulheira toda. Não, existem pessoas no meu grupo de amigos que fazem coisas que eu não gosto, mas que são meus amigos. Eu não vou deixar de falar com eles porque eles têm uma opinião contra a minha”.

O jovem quer, na atualidade, definir por si mesmo quais são seus gostos e interesses e não simplesmente se agregar a um grupo identitário fixo. Dessa forma, o nomadismo se faz presente, por haver a possibilidade na pluralidade dos gostos, não tendo o jovem que fixar-se a tribos na perspectiva moderna dos punk, rap, techno, metal ou outros. Em termos maffesolianos, é um jogo de máscaras no qual ocorre um vaivém entre grupos, em que as tribos não se cristalizam e nem são estáveis, em que as personas substituem os indivíduos dos grupos contratuais e constituem tribos afetivas em cenários míticos.

Na análise da fala acima, verifica-se que as questões do eu se apresentam, não se perdendo, entretanto. Para que haja espaço no coletivo, para que se dê visibilidade ao coletivo, é necessário que a pessoa tenha adesão entre outros ou que esteja situada em uma tribo na qual as características, que são marcas comuns, manifestem-se.

Na ideia das personas, das máscaras sociais, verifica-se o deslocamento da lógica da identidade para a lógica da identificação. No retorno a essa lógica, dá-se o fato de que as pessoas assumem parcial ou totalmente as características presentes em um determinado grupo ou tribo como suas, o que permite o sentimento de pertencimento ao grupo.

Na contemporaneidade, não há mais a exigência moderna da identidade fixa. A modernidade ocidental preconizou o indivíduo, o uno, o indivisível e, do mesmo modo, reduziu tudo ao uno, seja o indivíduo, a instituição, o monoteísmo, constituindo a redução a 1 (um) como uma de suas características.

Não há mais a grande religião (institucionalizada) de todos, mas um mosaico religioso, ou a não religião, a grande ideologia, que se dissolve em pequenas ideologias

tribais, o fechamento da vida conjugal ou sexual, ou seja, deixamos de nos fecharmos em nós mesmos. Desse modo, há uma metamorfose social, em um país onde já houve religião oficial com 92% da população católica na década de 1960, passando-se para uma heterogeneidade de formas religiosas. Os dados quantitativos constataam essa metamorfose: 36,5% dos alunos responderam que cada um de seus amigos tem sua religião e 50,5% declaram que não possuem, mas respeitam as religiões.

As religiões têm buscado adequar sua linguagem ao encontro do jovem de modo a atraí-lo, o que parece ter funcionado bastante. A atuação das igrejas no Brasil, juntamente com diversas campanhas sociais governamentais, tem o jovem como alvo, abordando temas como a sexualidade, buscando uma tomada de posição da juventude em relação ao cuidado com o corpo nas práticas sexuais. De um lado, a igreja se posiciona conservadora com a defesa de valores tradicionais, com apelos morais. Por outro, nas campanhas governamentais, apresentam questões de saúde que afetam o corpo, o que remete a uma ética de si, sustentada por conhecimentos científicos sem cunho moralizante.

De toda forma, Novaes e Mello (2002) mostram que a religião não é fator determinante na conduta sexual dos jovens. No cuidado de si, a pesquisa *Jovens do Rio: circuito, crenças e acessos* mostra que o uso de preservativos é muito maior entre os jovens que declaram não ter religião do que nos religiosos. Na mesma pesquisa aponta-se que as religiões, embora tenham influência nos valores morais dos jovens, não são determinantes, já que fatores como escolaridade e renda também teriam essa mesma influência. A pesquisa mostra, ainda, o fato de que 57% dos jovens afirmam já ter trocado de religião, o que seria injustificável há tempos, quando também a religião deveria ser fixa. O nomadismo contemporâneo também se insere nas religiosidades, já que diversos jovens frequentam mais de uma religião.

O que ocorre com as juventudes na atualidade é que, ao longo do tempo, o nível de instrução se elevou. Com isso, o sacrifício, as contradições morais e dogmáticas foram colocadas em xeque pela juventude que, por sua natureza rebelde, passou a questionar os dogmas postos por suas igrejas, contestando aqueles valores que buscavam o controle do corpo. Também na pesquisa citada acima, ainda é apresentado que a família e os amigos influenciam na escolha da religião.

As igrejas constituem locais que possibilitam um estar juntos, um local de encontro, apresentando uma expectativa de solidariedade junto ao outro, um sentimento de construção coletiva. Na perspectiva de Maffesoli, as igrejas são integrantes da dimensão das tribos pós-modernas.

As tribos contemporâneas consolidam essa lógica do deslocamento da identidade para a identificação. A identidade fixa se perde, sendo aceito e permitido que o sujeito se agregue a diferentes tribos. A persona, com máscaras e marcas exteriores, integra-se às tribos. O “eu mesmo”, indivisível, individualista, perde espaço para um “eu” exterior, da persona, que se revela no coletivo. Há uma “sede de infinito”, uma busca de outra coisa, o que nos faz nômades, ou traz o retorno ao nomadismo. Essa busca incessante, a busca de outra coisa, segundo Maffesoli (1999), remete-nos ao mito do Graal, à busca do desconhecido, que não tem contorno ou conteúdos precisos.

A racionalidade presente e dominante na modernidade exigiu do sujeito que ele consolidasse uma identidade. Tal racionalidade parece ter se saturado, abrindo espaço a uma época de emocionalidade em que o estar junto é o que importa, fazendo-nos presenciar, desse modo, o ressurgimento do corpo.

Essa emergência do corpo se sustenta basicamente pelos fenômenos complementares das marcas corporais, do estar junto e da expressão da máscara social, a persona. Na contemporaneidade, com o retorno da emocionalidade, essa persona, com máscara social, assume uma teatralidade com diversos papéis representados nas várias dimensões da vida, integrando-se, dessa maneira, às tribos de pertencimento, conforme sugerem as falas abaixo:

“Quando estamos com um grupo de amigos que já tem intimidade entre eles, você fica sem liberdade de mudar sua expressão”.

“Observamos o jeito em que as pessoas do grupo são, para tentar enturmar”.

O gostar, é, de fato, é fator de agregação. Mesmo ao apontarem o que não gostam, a primazia do estar juntos se apresenta, conforme sinalizado na fala:

“Odeio ficar presa, ser obrigada a estudar, ficar sem dinheiro”.

“Odeio ficar só dentro de casa, sem sair, ficar sem computador”.

Verifica-se que ficar sem conexão é uma tragédia, seja por imposição dos pais ou por cumprimento de uma obrigação com os estudos. O trágico se manifesta por não estarem compartilhando com outros os momentos vividos corporalmente pelo grupo. De

uma forma mais generalizada, podemos afirmar que quase sempre é o fato de “não” estarem juntos que mais desagrada aos jovens participantes, sendo preferível estar conectado do que estar isolado. Destaca-se a citação de Lévy (2009), para quem, na cibercultura, a conexão sempre seria preferível ao isolamento.

“Detesto estar no computador com poucos e verificar que todos os outros saíram”.

O gosto também se apresenta na relação com o trabalho, que pode ser visto pelos participantes como algo prazeroso e não somente como obrigação, desde que possam trabalhar em algo de que “gostem”. O compromisso também deve fazer parte da vida, pode trazer sentidos para uma vida boa, sendo escola e trabalho caminhos para esses compromissos, que acabam fazendo com aquilo que se faz no tempo livre ganhe sentido e valor.

“...por isso que a gente trabalha naquilo que a gente gosta. Mas às vezes nem sempre vai gostar de tudo.”

“Eu acho que é importante ter uma coisa que você não goste tanto de fazer, para você poder fugir e fazer as coisas que você gosta mais. Eu acho que é importante ter uma parte mais chata tipo o colégio, um trabalho, eu acho que é muito importante porque a gente precisa conviver também, se a gente não tivesse, a gente sentiria falta de ser alguma coisa assim, um compromisso para gente. Eu acho que é importante para você viver bem.”

O gosto também aparece quando discutido na temática da escola, que é um local de sociabilidade e socialidade. Alguns apontaram que estudar pouco ou de vez em quando é algo prazeroso. Todavia, quando obrigados a estudar muito, o prazer já deixa de estar presente e estudar passa a ser apontado como algo de que não gostam. Destaca-se que há o reconhecimento dos estudos, vinculado mesmo ao prazer do saber, da informação, não havendo manifestação contrária que aponte os estudos como algo “chato”. Para eles, estudar teria de ser algo sem (muita) exigência, sem (com pouca) obrigatoriedade para estar em um patamar em que possa ser associado ao prazer. Estudar somente se direciona a um “não gosto” quando passa a ser necessário “estudar muito”.

Também os afazeres do cotidiano, as tarefas caseiras e familiares se relacionam ao gosto, apontando que não gostam de “lavar vasilhas, dar banho no cachorro”. As banalidades cotidianas que agregam, por se associarem ao gosto, são as descompromissadas. O que se faz como “obrigação” não tem ludicidade, por não

produzir o estar juntos. Um modo de vida hedonista não é possível, pois há exigências da vida que são necessidades que aparecem nos afazeres domésticos, escolares, no trabalho das quais não há como escapar. Desse modo, esses afazeres não representam os “entusiasmos coletivos ou as solidariedades”, não se constituindo como elemento agregador.

Do mesmo modo, ao serem perguntados sobre o que consideram sério, percebe-se que esse aspecto existe. Os jovens reconhecem os problemas e os lançam a uma razão, a uma moral que não se perdeu nesse tempo. Assim, as questões sérias são aquelas que são compartilhadas em ambientes mais privados, ficando o frívolo, o efêmero para o compartilhamento coletivo. Também onde sabem encontrar resistência e apontamentos morais de um dever, como com os pais, o sério sai de pauta.

“Drogas”.

“Segredos que não posso contar para os pais”.

“Coisas que só conto para uma pessoa de confiança, uma coisa fora do comum, que seu pai vai achar um absurdo”.

“Algumas burradas que você faz”.

6.4 A necessidade do outro

Se, na atualidade, aparece a descrença na política, nos políticos, nas instituições, pregando-se o fim da história, fazendo com que quase que desapareça, no jovem, a perspectiva de construção do futuro, por outro lado, percebe-se existir entre os jovens, como uma característica da contemporaneidade, o horror ao vácuo, o horror a estar só, levando-o a buscar a conjunção, o estar juntos, de modo que, mesmo sem o menor sentido, as pessoas se reúnam. A esse fenômeno Maffesoli (1999, p. 35) chama de *tactilidade contemporânea*. Temos uma necessidade do tato, do contato, de estar de corpo presente, acentuando a dimensão afetiva da emocionalidade que é característica da socialidade, nessa época de época de transição, em que nos deslocamos de um período de racionalidade em que o corpo foi negado, para uma época de emocionalidade, proporcionada pelo seu ressurgimento.

O homem sempre viveu em grupos. O imaginário coletivo sinaliza que, no tempo cíclico, estamos na mudança com o retorno do paradigma estético. No fundo dessa aparência, Maffesoli afirma existir um inconsciente coletivo igual nos seres

humanos em todos os tempos, que nos leva à agregação. Assim, buscamos, aqui, compreender como esses jovens têm se agregado nesse tempo de emocionalidade, como se fundam os vínculos e a vida social, como se dão os afetos, as banalidades do cotidiano, os odores, gostos, sentimentos, sensações, maneiras de ser, de pensar, de se relacionar com o outro, ou, em outras palavras, como ocorre a “conjunção”, termo utilizado por Maffesoli na obra “Os mistérios da conjunção”.

Considerando que poderíamos estar em um tempo de transição, foi perguntado ao grupo o que mudariam no mundo. As respostas foram apresentadas sempre com a perspectiva política, aqui considerada em termos de vínculos de poder estabelecidos com o outro, seja na vida pessoal ou na vida coletiva, em que o outro pode ser uma pessoa, um grupo ou a sociedade.

As colocações se voltam principalmente para a política social. Apontou-se que o mundo precisaria mudar suas relações com o outro, a fim de possibilitar uma vida coletiva justa, superando problemas sociais como violência, desigualdades sociais, preconceitos e, principalmente, “respeito” ao outro em qualquer situação.

“No mundo, menos violência.”

“No geral, mudar no nosso país assim, violência, falta de condição social de muita gente, muita desigualdade.”

“Preconceito.”

“Menos violência, menos desigualdade, mais respeito em relação ao outro, você respeitar mais o outro.”

No que se refere ao respeito, à igualdade de direitos é apresentada pelos participantes. Foi citado que viveríamos em uma cultura na qual, pelo desconhecimento do outro, face a face, permitimo-nos desconsiderá-lo, como ocorre na política em relação ao cidadão ou nas relações sociais pessoais. O respeito ao outro, para muitos, somente vem com a proxisemia, com o contato corporal entre as pessoas, o que faz conhecer, emitir julgamentos justos e respeitar o outro, mesmo percebendo as diferenças ou discordâncias de valores.

“Ah! Às vezes sim, às vezes não. No colégio sim, mas às vezes na rua não. Por que você não conhece quem vive na rua, assim, você não conhece todo mundo que está em sua volta. Aqui no colégio você já tem mais contato, você já conhece bastante gente, a maioria do pessoal do colégio você conhece, aí até que rola o respeito, mas na rua não.”

“Tem uns que eu conheço por alto, aí julgam as pessoas sem saber.”

“O respeito é muito importante. O respeito passa, para mim, passa por cima até mesmo do orgulho, é você, independente se você gosta ou não da pessoa, você respeita porque ela é ser humano e merece respeito. Na verdade você tem dever de respeitá-la. Por que, ah... Sei lá.”

“Todos os direitos são iguais.”

“ E acho que você deve respeitar qualquer um, independente, se você gosta dele ou não, independente de qualquer frescura que você tiver, então até mesmo o orgulho você tem que perder para respeitar o seu próximo.”

“As pessoas têm o costume de não respeitar as outras, que talvez ela não conhece, elas acham que não conhecem o jeito, olha para pessoa já acha que pode julgar antes de saber.”

“Julga antes de saber. É um preconceito né?”

“ Pode rir da pessoa, do que ela fala, julga o que ela quiser. Só que isso não tá certo. Quando a gente fala assim, é muito fácil dizer que não está certo você lidar com uma pessoa. Mas, na prática, muitas vezes a gente acaba fazendo isso e não percebe. Por que a gente acaba se espelhando em outra pessoa e deixando a outra triste, e a pessoa se sente humilhada, e ela queria ser igual a todo mundo.

Compreende-se, assim, que o respeito ao outro é um dos fatores que possibilitam a conjunção. As aproximações ou repulsões são acompanhadas dos preconceitos estabelecidos sem conhecimento do outro. Somente o contato corporal levaria a um julgamento válido, sendo primordial que se passe a respeitar o outro pelo direito que este possui. Seria uma conduta ética, o que parece faltar na sociedade.

“Mesmo que você conheça e não goste, você tem que respeitar do mesmo jeito, a opinião dela ou não. Ela não tem que seguir a sua, seu modo de viver, ela tem o dela. A gente tem que respeitar, mesmo não gostando.”

Ter um passado de relações pessoais com outra forma de se relacionar seria um desejo citado por um dos participantes, se fosse possível retornar para fazer diferente.

“Muita coisa no meu passado.” (A afirmação é relativa à questão sobre o que gostaria que fosse diferente).

Um dos fatores em que aparece a repulsão é quando a própria pessoa se sente desrespeitada pelo outro. Entre a juventude, esse fato aparece em simples falas nas quais há o “deboche”, rompendo-se relações, que parecem ser dissolvidas com facilidade. Entretanto, os amigos “de verdade” superam essas questões e estabelecem relações duradouras. Percebe-se, com isso, que os modos de comportamento transformaram-se, uma vez que as relações ganharam mais informalidades, as repreensões diminuíram, os espaços de convivência se ampliaram, o que é dito perdeu a censura, passou-se a conversar abertamente sobre tudo, enfim, todos esses limites antes impostos foram transpostos, o que faz com o sentido de amizade também ganhe outro significado. O amigo da igreja, do trabalho, dos espaços formais existe, mas também aparecem os

amigos das redes sociais, das baladas, dos espaços não sérios, os amigos dos amigos que expandem os modos de convivência. No entanto, o arcaísmo expresso no sentido de “respeito e de caráter” permanece.

“As pessoas acabam desrespeitando a gente quando a gente não se dá o respeito e não respeita os outros. Igual, eu acabo tomando muita intimidade com as pessoas rápido. Eu acabo me dando o direito de brincar com ela, posso fazer um outro tipo de brincadeira de tratamento e as pessoas acabam me tratando mal, me julgando mal, porque eu acabo virando amigo da pessoas rápido. E, acho que isso é um problema meu mesmo, de eu acabar criando aquela intimidade, sendo legal do jeito que eu acho que eu estou sendo, e as pessoas acabam me tratando mal, achando que eu estou ultrapassando os limites.”

“Às vezes você vira amigo da pessoa e faz um tipo de brincadeira, de uma hora pra outra e a pessoa, você acha que a pessoa vai levar na brincadeira e a pessoa não gosta, e acaba perdendo a amizade da pessoa.”

“Um ótimo jeito de julgar quem é seu amigo é quando você faz uma coisa e você deixa passar, que você pode contar mesmo com ela. Se a pessoa te respeita mesmo, ela não liga pra coisa boba.”

Também no que se refere ao respeito, as falas passam a se remeter ao político. Citam os políticos como corruptos, que não há respeito entre eles mesmos, colocando a política como o ambiente de promessas não cumpridas. Fala-se no cotidiano sobre o desinteresse do jovem pela política, entretanto, nas falas, pelo que parece, é que a política é que pode ter abandonado a juventude. Haveria muitas promessas, mas ações efetivas que atinjam a juventude não são percebidas.

Entre os sujeitos, há divergência de opinião se, efetivamente, tem sido feito algo pela juventude. Alguns citam o colégio pesquisado como uma ação efetiva em relação à juventude. Entretanto, sabe-se que poucas escolas públicas podem ser apontadas como referência de qualidade.

“Corruptos.”

“Acho que não, eles nem se respeitam.”

“Não. (Sobre se respeitam eles). Eles dão mais importância aos outros (não jovens).”

“Mas aí eles, às vezes os políticos falam uma coisa na televisão para adolescentes... Tipo assim, político não dá muita importância, sempre falam que sempre buscam melhorar a situação das pessoas mais velhas, para gente é muito raro ouvir eles chegarem na televisão e falarem coisas que sejam para nós, entendeu? Que vai melhorar o futuro dos jovens”.

“Ah! Eu não acho não. Eles pensam bastante sim. Jovens e crianças eu acho.”

“Falar eles falam pra caramba sim.”

“Fala: vamos fazer projetos e tal. Mas tem muita corrupção, daí a gente sempre sai perdendo. Tanto a gente quanto os adultos, todo mundo. Eu acho que eles pensam sim. Quem é correto e tal, pensa sim no jovem, tem vários projetos para gente. Igual o colégio aqui, é, governo e tal, pensa sim”.

Reconhecem que as ações na sociedade estão a cargo da política, o que delega poder aos políticos.

“Eles que são o carro -chefe, eles que têm o poder de fazer isso.”

“Eles que têm o poder do negócio lá, igual essa legalização aí agora do casamento dos gays, eu acho que é uma coisa muito legal a ser feita. Uma coisa muito legal.”

O espírito de nosso tempo, considerando-se o mundo por uma concepção cíclica, pode ser compreendido como o tempo da volta da ambiguidade e da complexidade como fundadores da natureza humana (MAFFESOLI, 2012). Nesse tempo, a proxisemia é valorizada e a vida cotidiana, o culto ao corpo, o sentimento de pertencimento tribal, a volta do emocional seriam marcas de um novo paradigma que estaria em curso. Estaríamos em um tempo de *ingresso* de ideal comunitário (tribal), de manifestações múltiplas, “cada um, pessoa plural em sua tribo de escolha, vai ser o que é a partir das ligações que o consistem!” (idem, 2012, p. 12).

Para o autor, o corpo coletivo se constitui pela existência de um impulso vital de agregação que leva ao desejo de comunhão, formando um vitalismo social que promove o estar juntos. Podemos afirmar que, ao inventarmos o cotidiano (CERTEAU), “*as artes de fazer*”, as artes de viver (MAFFESOLI, 2012, p. 17) são cimento de toda a vida social a qual se dá em um mundo vivido na relação com os outros. Assim, buscamos compreender as maneiras de o jovem dizer e organizar sua época neste tempo contemporâneo.

Perguntados sobre o que é interessante (*inter-esse*) nas pessoas, algumas características do próprio grupo, os gostos, que são válidos para aquele momento se destacaram. É necessário um atrativo, um gosto para despertar o interesse.

“Papo, bom, ser engraçado”.

“Me dou bem com todos. Sou muito extrovertida”.

Entre os jovens participantes, percebe-se que o banal (engraçado) é fator de agregação e aceitação no grupo. Pessoas reconhecidas como engraçadas são apontadas como pessoas que atraem o outro de modo a permitir um estar juntos tribal.

“Gosto das pessoas que falam que eu sou meio engraçado”.

“Falo coisas engraçadas”.

Como fora anteriormente citado, Maffesoli utiliza, ao invés de sujeito, a noção de *persona*. O tipo engraçado é um arquétipo que veste uma máscara e encena uma teatralidade na tribo na qual percebe não apenas ser aceito, mas reconhecido em um

corpo-persona agregador. O engraçado é uma marca corporal. O engraçado deixa de ser particular e torna-se típico do mesmo modo que existe o musical, o político. O engraçado é um indivíduo que saiu de si para encarnar uma persona.

A “graça” é algo que se perde no conjunto, pelo descompromisso, pela descontração, pelo bom papo, pelo vivido em comum, tornando-se algo de participação coletiva, estabelecendo vínculos e agregando o grupo. O sério, racional, abre-se ao emocional, pela banalidade, pela alegria, não negando a razão, mas coexistindo com ela. Nessa persona engraçada existe um desejo do nada, que tem como efeito formar o coletivo, ou, em outras palavras, pequenos nada que fazem o todo, que Maffesoli chama de socialidade.

Os participantes do grupo focal compreendem que, mesmo estando em outro grupo, as pessoas podem ter características ou valores comuns válidos somente para determinados gostos, seja ele musical, político, religioso etc. Ao buscar um grupo, um ambiente comunitário que permita o estar juntos, percebe-se haver uma relação entre a emoção estética e a socialidade, ou seja, a emoção estética é constituidora de socialidade, o que possibilita um modo de viver ético-estético-afetivo. É a lógica da identificação que prevalece, proporcionada por princípios de simpatia social. Podemos ver nas falas:

“Se eu gosto de sertanejo, não daria certo sair com roqueiros. Esses grupos nunca se misturam assim.

“Eu acho que dá para ter uma amiga roqueira sim...você só não vai com ela a um show de samba....em outros momentos, você pode ter como amiga”.

Observa-se que, no estilo ético-estético-afetivo, apresenta-se o sentimento de religação com o outro, o que permite pensar a ética da estética, que emerge no cotidiano, do vivido em comum, em que a ética é um compromisso sem obrigação nem sanção, não apresentando características de um devir (vir a ser), ou de objetivos a serem atingidos. O único compromisso parece ser buscar o estar juntos, encontrar o outro e partilhar emoções e sentimentos comuns, ser membro do corpo coletivo e usufruir dos bens deste mundo, “comungar os mesmos valores, perder-se, enfim, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos que fazem a superfície das coisas e das pessoas, fazer sentido”(MAFFESOLI, 1999, p.161).

Esse “sair de si” é uma saída do individualismo para privilegiar o coletivo, uma busca de se integrar a alguma tribo. Isso ocorre esporadicamente, pois os grupos

normalmente têm alguma referência para se agregar, seja um amigo, ou amigo do amigo, um parente. O “sair de si” envolve o fato de que se abre mão temporariamente do que se é.

“Às vezes você modifica o jeito de ser. Você não vai ser da mesma forma que é com os seus amigos mesmo, que convive, que sai diariamente”.

“Observamos o jeito em que as pessoas do grupo são, para tentar enturmar”.

“Quando estamos com um grupo de amigos que já tem intimidade entre eles, ficamos sem liberdade de mudar a expressão”.

“Ao te apresentar uma outra amiga minha. Aí apresenta, acaba que eu vou ser do mesmo jeito que eu sou com ela (a amiga), vou começar a ser com a outra também, entendeu?”

As máscaras são usadas para permitirem uma integração dos indivíduos aos grupos, já que têm a função de possibilitar que estes possam sair de si, encenar outros personagens que nem sempre são um “eu mesmo”. Elas são utilizadas para se buscar o estar juntos, para se estabelecer uma rede de relacionamento, o que caracteriza uma forma de poder, pois o fato de se ser uma persona de grande aceitação coletiva contribui para a manutenção do grupo ou mesmo para a sua expansão.

Ao serem perguntados com quem saem, dentre outras respostas, respondem que com

“pessoas que têm um círculo de amizades grandes, extenso”.

Parece haver, no imaginário, um desejo de estar juntos e, para isso, é necessário ser acolhido nas tribos, o que leva o indivíduo a se apresentar com as diversas máscaras representadas na teatralidade do vivido. Há uma busca de se integrar e um desejo de estar junto que levam o indivíduo a sair de si, incorporando personagens que lhe garantam o pertencimento ao grupo. Nesse sentido, percebem também o que gera a repulsão. Não aderir aos gostos em comuns do grupo é compreendido como uma qualidade que gera a repulsão. Assim sendo, buscam para si mesmos não carregar essa identificação.

“Devo ser legal, pois os amigos estão sempre me chamando para sair”.

Por outro lado, a repulsão é gerada pelo sentimento de desconforto no grupo. Percebe-se haver um afastamento por iniciativa da própria pessoa, o que não seria, necessariamente, uma rejeição ou exclusão, vez que o outro não nega sua permanência no grupo, segundo as falas.

A percepção dos gostos em comum produziria o afastamento espontâneo, por iniciativa própria, daqueles que não estariam voltados aos mesmos gostos. Daí muitas vezes saírem de si e surgirem as personas, para garantir um estar juntos.

“Se um dia vou para outro grupo e resolver entrar, eles vão me aceitar igual ao meu grupo também me aceitou. Pelo modo em que vão me tratar, eu não me sentiria bem”.

“Por conta de você não envolver você acaba mudando sua amizade”

Verifica-se, também, que nesse viver social, a imagem da negatividade instaura um processo de repulsão que difere de uma exclusão. A não adesão a nenhum dos gostos leva ao distanciamento do outro.

“Acho que eu não consigo conviver muito com uma pessoa que tudo é não, não acho que é assim. Ah! Eu gosto de beber. Eu não gosto de beber. Ah! Eu gosto de ver filme. Eu não gosto de ver filme. Eu não consigo conviver com uma pessoa que tudo que eu gosto, não gosta também. Entendeu? Não concordar com nada, falar assim. Você pode gostar, mas eu não gosto dessas coisas. Vou continuar conversando com você. Tá, continuo conversando com essa pessoa, mas também não saio muito com essa pessoa. Por que, como eu vou sair com uma pessoa que não goste de nada que eu faça? Incomoda às vezes. A gente fala, não sei o quê. Ah! Não gosto. Aí fica sem graça”.

Os participantes da pesquisa demonstram não desejar a companhia de pessoas negativas. Os gostos em comuns são o que determinam o estar juntos. Desse modo, compreende-se que a repulsão, pelo que foi apontado nos depoimentos, inicia-se pela percepção corporal e pelo negativismo do outro com quem se está interagindo.

“Se eu fosse chata, não me chamariam para sair”.

“Uma pessoa chata, você não vai querer”.

“Não gosto de pessoas “negativas. Tudo que eu gosto ela não gosta (filme, beber, discorda de tudo)”.

Nos dados quantitativos, podemos ver que algumas características apontadas no grupo focal parecem ser amplas, podendo se generalizar para o conjunto de alunos do colégio. O gráfico 10 (anexo) permite constatar que, do total de alunos pesquisados, 48% respondem que excluem pessoas sem maturidade, 21% declaram que excluem gente séria demais. Compreende-se, com esses dados, que o tipo “bom papo”, como o engraçado, é agregador. Os dados sinalizam também que os participantes do grupo, a despeito de desejarem conviver com pessoas que tenham maturidade, excluem os sérios demais. Há uma distinção entre maturidade e seriedade. O sério demais pode ser aquele que não se permite viver o banal, a frivolidade, o descompromisso, o dionísíaco. Estaria mais no universo apolíneo. Ao mesmo tempo, negam os “sem maturidade”, que podem

ser aqueles que não percebem a “seriedade” do banal, das festas, do estar juntos sem nenhuma obrigação que não seja estar com o outro.

Lançada a pergunta sobre quem seriam as pessoas com quem saem, com quem convivem no cotidiano, verifica-se que o gosto comum se apresenta como primeiro meio de atração para formar um grupo. É também o gosto comum que faz com que, em determinados momentos, busquem a experiência em um novo grupo. O gosto, característica do estético, é o elemento agregador.

“Saio com diferentes grupos. Com determinados grupos fico mais à vontade”.
“Buscamos as pessoas que são parecidas com a gente, que gostam da mesma coisa”.

Assim, a percepção estética se faz presente. Nietzsche (2004, p.103) no aforismo 107 da Gaia Ciência, observa que “como fenômeno estético a existência ainda nos é suportável, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos um fenômeno”.

Sustentado por esse referencial, Foucault propõe uma estética da existência. Em uma entrevista a Rabinow, corrobora o pensamento de Nietzsche na interpretação de que a vida é uma obra de arte e se diz surpreso, pelo fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida.

Também Maffesoli se coloca como nietzscheniano, apontando a pós-modernidade como a época do retorno a Dionísio, como Nietzsche esperava que fosse a vida. Nietzsche (2005b, p.141), no aforismo 174 de “Humano, demasiado humano” declara que:

A arte deve antes de tudo e primeiramente embelezar a vida, portanto, fazer com que nós próprios nos tornemos suportáveis e, se possível, agradáveis uns aos outros: com essa tarefa em vista, ela nos modera e nos refreia, cria formas de trato, impõe aos indivíduos leis do decoro, do asseio, de cortesia, de falar e calar no momento oportuno. A arte deve, além disso, ocultar ou reinterpretar tudo o que é feio, aquele lado penoso, apavorante, repugnante que, a despeito de todo esforço, irrompe sempre de novo, de acordo com o que é próprio à natureza humana: deve proceder desse modo especialmente em vista das paixões e das dores e angústias da alma e, no inevitável e irremediavelmente feio, fazer transparecer o significativo.

No retorno ao dionisíaco, a arte de viver é entendida como o cuidado de si, na elaboração de uma própria vida como uma obra de arte, o governo da

própria vida. No entanto, o cuidado e o governo de si não se instauraram no individualismo da modernidade, que esteve no imaginário apolíneo. Talvez, pelo fato de que o comportamento coletivo seja uma negação ao individualismo que se saturou com a modernidade. Uma obra de arte, para assim poder ser dita, somente se faz sob o olhar do outro. Na arte se experimenta, experiencia-se, buscam-se os gostos.

Os participantes do grupo focal abordaram, também, a questão da diferença e igualdade como fatores de agregação. Percebe-se, nas suas afirmações, que, em seu cotidiano, não pensam na lógica da igualdade, mas em uma lógica em que as diferenças são compreendidas e reconhecidas, sejam por marcas corporais, por gostos ou por valores.

“As pessoas do mesmo grupo são diferentes e cada grupo, pessoa, indivíduo é diferente e tem sua particularidade”.

“Quando a gente não conhece a pessoa, a gente automaticamente pensa que ela é diferente”.

“Cada um se respeita dentro do grupo e pensa que é diferente”.

Não se trata somente de tolerar o diferente, mas, de fato, compreender que o mundo preza pela diferença, e que, contrariamente a outros tempos, não se busca a igualdade de pensamento na qual todos devam ter as mesmas condutas e os mesmos interesses. Talvez seja um indicativo da mudança dos tempos, uma vez que o espírito humano prefere a unidade por ser mais fácil que a diversidade. No atual espírito do tempo, a diferença pode estar se tornando a normalidade, o que traria outra interpretação entre o que se considera o “normal e o anormal” no presente.

“Eu não gosto de beber, de sair, de gastar dinheiro com roupa, não gosto muito de festa. Então sou meio estranha, meio anormal do ponto de vista da maioria das pessoas. No meu grupo de amigas tem aquelas que bebem e outras que também não. Mas não deixo de gostar delas porque bebem”.

No estar juntos, os jovens simplesmente buscam sua tribo. Dessa forma, o modo de ver e se relacionar com o outro é essencial, pois, embora a organicidade comporte elementos diferentes, a alteridade se apresenta como essencial. Assim, mesmo quando as pessoas têm opiniões que diferem, mas consideram e agem de modo que o outro seja essencial, este é considerado como uma “boa companhia”.

“Às vezes não tem mesma opinião, mas respeita a sua”.

“São pessoas que respeitam o modo de ser”.

“Tem os mesmos pensamentos que o seu, mesmas vontades”.

“Que você gosta de conversar, que se dê bem”.

Outro elemento que leva à conjunção é o amigo, que tem um destaque nessa socialidade, conquanto uma tribo não se constitua essencialmente por amigos, mas por gostos em comum. O imaginário tribalista contém a organicidade que, por sua vez, comporta a fragmentação, a efemeridade e o hedonismo contemporâneo. Assim, a tribo não se constitui, necessariamente, por amigos que podem ou não pertencer a determinada tribo.

O que é chamado de amigo parece estar distante da persona que integra o grupo. Embora ela possa encarnar seus personagens, existe uma diferenciação no que se estabelece para ser um amigo. Aquele que é caracterizado como amigo é uma pessoa por quem se tem uma consideração mais próxima, que compreende o que o outro gosta, que aceita diferenças e gostos sem deixar de estar próximo.

“Existem pessoas no meu grupo de amigos que fazem coisas que eu não gosto, mas que são meus amigos”.

“Se você está num grupo de amigos, você sente à vontade pra expressar, pra mostrar o que gosta ou o que você não gosta, você tem total, vamos dizer assim, a total liberdade de recusar essa ideia sem ofender ninguém, porque amigo entende que você não gosta disso, que você simplesmente não vai, você não tá ofendendo, é seu amigo, entende que você tem outro gosto.....eu acho que o respeito, a individualidade e os gostos de cada indivíduos são muito importantes”.

Outras duas características responsáveis pela agregação, conforme as falas dos participantes, são a empatia e liberdade para se colocar opiniões. A noção de empatia, na perspectiva maffesoliana, é um sentimento compartilhado através da generosidade de espírito, da proximidade e da correspondência mútua entre as pessoas. Tal correspondência deve-se ao simples fato de haver compreensão em relação às diferenças, sem que, necessariamente, tenha que se pensar do mesmo modo.

“Cada um se respeita dentro do grupo e pensa que é diferente”.

Os participantes do grupo focal compreendem que, mesmo estando em outro grupo, as pessoas podem ter características ou valores comuns que podem ser válidos somente para determinados gostos, sejam eles musicais, políticos, religiosos, etc. Este é o processo de empatia.

Na busca por um grupo ou um ambiente comunitário que permita o estar juntos, percebe-se que há, por parte de quem o busca, uma relação entre a emoção estética e a socialidade, ou seja, a emoção estética é constituidora de socialidade, o que possibilita

um modo de viver ético-estético-afetivo. É a lógica da identificação que prevalece, proporcionada por princípios de empatia. Podemos ver nas falas:

“Se eu gosto de sertanejo, não daria certo sair com roqueiros. Esses grupos nunca se misturam assim.

“Eu acho que dá para ter uma amiga roqueira sim...você só não vai com ela a um show de samba....em outros momentos, você pode ter como amiga”.

Também os grupos se formam onde encontram liberdade de se expressar, onde o efêmero e as ambiguidades possam se manifestar, onde se compreendam e se reconheçam os valores e gostos individuais e coletivos. Porém, a empatia é fator agregador e se apresenta na compreensão das diferenças apresentadas por membros de uma tribo. Somente há empatia onde há liberdade de expressão sem que haja a repulsão por aquilo que é expresso. Dessa maneira, empatia e gosto se integram e, quando não se apresentam conjuntamente, o agregar-se se configura, mas sem estabelecimento de laços mais duradouros.

“Se eu estou com minhas amigas, aí tem uma menina que discorda de tudo, vou agir normal com ela. Só não vou continuar, continuar uma amizade muito assim, ligada com ela. Porque, imagina, se ela vai sempre pra minha casa e a menina não tem nada a ver comigo, não gosta das mesmas coisas que eu. Acho que ela vai ficar sem graça”.

Um dos participantes afirmou que, com os amigos, haveria “liberdade total”, o que se traduz na possibilidade de expressar gostos, sentimentos, sensibilidades, ou mesmo posicionamentos que se diferenciam entre si. Desloca-se da identidade fixa e fechada, daquilo que se busca como idêntico, para uma lógica de identificação.

Assim, pode-se ou não gostar de samba, de rock ou de qualquer outra manifestação social e estar juntos em função de cada gosto, para cada momento. A isso podemos chamar de identificação.

“Eu acho que dá pra você ter uma amiga roqueira sim, Eu, por exemplo, que gosto de samba, vou ter uma amiga roqueira, eu acho que dá sim, você só não vai num show de samba com ela, e nem num show de rock”.

“Quando uma pessoa está num grupo, o outro grupo vai enxergar ela de maneira diferente e vice-versa”.

6.5 Corpo e Festa

Dentre as manifestações do estar juntos na contemporaneidade, as festas ocupam um lugar de destaque entre os jovens. Esses dados também se confirmam pelo gráfico 04 (anexo) dos dados quantitativos, por meio do qual 39.5% apontam um show e uma balada como forma de diversão. Enfatiza-se também que 33,5% consideram um encontro em casa, para jogar “conversa fiada”, para o não sério, como forma de diversão. O único compromisso é o estar juntos descompromissado, associado ao “divertir-se”.

Ao perguntarmos sobre o que atrairia a atenção dos amigos, as questões consideradas “sérias” são secundarizadas, apenas 1% optando por discutir assuntos como política e ecologia. Por outro lado, 72,5% declaram que o que realmente atrai a atenção de seus amigos são as festas e baladas, conforme se pode constatar no gráfico 07 (anexo).

Percebe-se que as festas são manifestações máximas do viver as banalidades que dão sentido à vida, onde é necessário o compartilhamento com o outro. As festas estariam em um dos extremos em que se quer viver o máximo do presente, sentir-se vivo, fazendo-se presente no imaginário das épocas emocionais, em que há o retorno do dionisíaco. As festas são também manifestações da necessidade de se sentir vivo, em que o estar com o outro confirmaria a existência.

Lima (2008, p. 238) salienta que temos, na contemporaneidade, “o desejo coletivo de intensificar a vida se expressa através das festas, atos violentos, momentos lúdicos e ações inconseqüentes”. A contemporaneidade tem um cotidiano muito mais festivo, difuso, alegre, desligado, afastando-se do trabalho que foi o foco da modernidade. Também as festas estão na categoria do gosto, já que não há nenhuma obrigação em estar nesses espaços.

“Ah, eu gosto de ir em festas...”.

Também o cotidiano dos jovens se apresenta com toda força para um movimento em direção a um paradigma estético de épocas emocionais. Na simples expressão abaixo, percebe-se, na fala, os três fenômenos apontados por Maffesoli (1999) que emergem nas épocas emocionais: as marcas corporais, o estar juntos e a persona.

“O assunto, a saída para onde, festa”.

Foi feita uma pergunta sobre o que os pesquisados fazem quando saem. Essas “saídas” estão relacionadas aos momentos descompromissados. Nas respostas aparecem

a música, as curtidas das festas, a intenção da saída como formas de um esteticismo que leva ao estar juntos. São momentos de extravasamento das obrigações semanais, de exaltação.

“É uma música, as pessoas que saem com as mesmas intenções”.
“Pô, curtir uma festa é essencial né, cara? Por que pra... Para todo jovem, você vê que estudar é uma coisa assim, bem cansativa, entendeu? Meio cansativa... Então, final de semana, uma boa festa!!!”.

Neves (2009, p. 1) nos lembra de que as festas e rituais sempre fizeram parte do mundo vivido, na busca ou retorno do prazer, das emoções perdidas, de modo que “liberte das amarras existenciais e preenche o vazio instaurado pela cotidianidade, proporcionando sentido a vida”.

As festas são celebrações que fazem com que se estreitem laços com o outro, sejam eles de origem sagrada ou profana. Na contemporaneidade, Woodstock²¹ foi um marco no sentido que atribuiu às festas, aos grandes eventos de massa que integram formas do estar juntos. Nesse festival, o corpo reivindicou liberdade, protestou contra ideologias, contra repressões, acabando por criar tradição em eventos para a juventude.

O sentido atribuído às festas pelo jovem na atualidade tem o retorno do dionisíaco. Na Antiguidade, as orgias eram festas de rituais a Dionísio, por representarem excesso, anarquia, desregramento. Maffesoli (1985) adverte que, na contemporaneidade, recusamos Prometeu, como mito da razão, da seriedade, do trabalho, do paraíso e que nos encontraríamos à sombra de Dionísio, deus grego da versatilidade, do jogo, do trágico, do desperdício de si mesmo, que representa a desordem, a festa, o desejo, os prazeres, a transgressão da norma, da mesmice, do igual com o crescente investimento no presente. Os tempos dionisíacos privilegiam o tempo

²¹ Coutinho (2004, p. 04) aponta este festival como precursor das atuais festas *reaves*, que teriam se iniciado em Goa na Índia por iniciativa do movimento hippie nos anos 1970 que se deslocaram para lá fugindo de perseguição do governo norte-americano, para que pudessem encontrar uma espiritualidade perdida no ocidente. Em Goa, surge uma mistura de ocidente com oriente, introduzem-se a música eletrônica, símbolos, imagens, signos e um estado de êxtase ou transcendência relacionados ao imaginário desse grupo. Cada participante encontraria o melhor meio de se atingir esse estado. O autor também salienta que “parece existir uma preocupação com a apresentação do “eu” para os “outros”, o que poderia significar algum tipo de controle em um ambiente aparentemente sem regras”, o que não era verdade, pois a regra era se extasiar de alguma forma.

do culto no qual o corpo passa a ser privilegiado. Também as festas, os bacanais, os orgiasmos, para se consolidarem, precisam da presença do outro.

O dionisíaco emerge na oscilação do tempo e o orgiasmo é uma das estruturas de toda socialidade. A noção de orgiasmo é cunhada por Maffesoli (1999, p. 11) para estabelecer uma expressão que venha a significar e dar sentido às múltiplas identificações, a vários amantes, aos diversos programas de TV, esportes, atividades: “a regra é ter diversos valores, ter várias máscaras para se camuflar em várias identificações, sendo o orgiasmo é essencialmente plural”.

Nas festas, cada grupo faz um uso cultural e estabelece suas normas, sejam religiosas ou não, e têm em comum a representação da celebração à vida, ao corpo de Deus, ao próprio corpo, ou mesmo a um modo de expressar a negação, ou de resistência à morte, à linearidade do tempo e à angústia do devir.

O fato é que o êxtase buscado nessa festa também se apresenta em festas como o carnaval no Brasil, que é uma celebração do culto ao corpo, ou mesmo em outras festas religiosas, de cunho sagrado, mas que têm no corpo o símbolo de sua celebração. As festas religiosas buscam a purificação da alma, que ocorreria pela exaltação ao corpo. Desde religiões antigas até as atuais, a existência de conceitos para puro e impuro cumpre a função de coerção social e, ao mesmo tempo, expressa uma visão da ordem social, de forma que todas as sociedades possuem critérios definidos para evitar as “impurezas”, incluindo as sociedades ocidentais.

Observa-se haver um elemento arcaico em qualquer que seja a origem da festa, representado pelo arquétipo de Dionísio. O dionisíaco se apresenta nos espaços de liberdade, de conjunção, onde a busca do prazer, dos desejos se apresentam e o estar juntos se faz possível. Os bacanais, os orgiasmos, para se consolidarem, requerem a presença do outro.

Azevedo (2009) reflete que as festas contemporâneas são formas do estar juntos que constituem a socialidade pela experiência da celebração contemporânea. Existe na festa um sentimento de pertencimento, compartilha-se o espaço e o próprio outro. Também o autor observa que as festas dos jovens, como as citadas no grupo focal, são festas “pagãs” e tornam-se os motivos do estar juntos. O autor aponta que a dança na festa representa o experimentar do próprio corpo. As festas de massa, para os jovens, vêm sucumbindo aos modelos moralistas da modernidade.

O que vale nas festas é o estar juntos, a sensação do pertencimento, o compartilhar, o afastamento das angústias, distanciando-se do individualismo e, ao mesmo tempo, despojando-se de relacionamentos mais duráveis. Há uma tentativa de fugir do comum, de marcar sua diferença, de criar sentidos para si mesmo.

Perguntados sobre o que conversam nas festas e nas baladas aparece o frívolo, a conversa fiada, tudo que é sem importância, o não sério. Saem de si para integrar um orgasmo pós-moderno. Não é preciso conversa. O próprio corpo se manifesta. É a busca do prazer, do momento, do instante vivido prazerosamente.

Na festa nega-se o tempo, a programação futura, reafirmando-se que se quer viver o presente pelo prazer. Segundo Maffesoli (1999), é a “vontade de nada” que se apresenta como uma forma de se proteger da falta de sentido para a existência. Seria o hedonismo coletivo da atualidade expressa no sentimento de urgência para se aproveitar intensamente todo o instante.

“Não conversamos. Dançamos”.

“Chamamos para chegar numa menina”.

O corpo coletivo, a solidariedade de grupo se fazem presentes nas festas. Ao mesmo tempo em que o corpo é exacerbado, ele se esgota no coletivo, formando um narcisismo de grupo por uma lógica de identificação.

“Se tem uma roda de meninas, não chega sozinho, se não vai ter de ficar lá. Vai todo mundo junto. Se pegar, pega todo mundo junto, se tomar toco, toma toco todo muito junto. Ou fica ou toma todo mundo”.

Na contemporaneidade, o que é experimentado com o outro é primordial e torna-se o fenômeno que Maffesoli denomina de “ética da estética”, “fazer da vida uma obra de arte” teria se tornado uma injunção de massa. Também nas festas sucumbe o moralismo moderno e admite-se o prazer. O corpo coletivo prevalece sobre o próprio corpo. O que vale é o todo, a relação do eu com os outros. O prazer de estar juntos se manifesta nas festas pela celebração ao comum. Ao considerarmos os jovens na atualidade como nômades, o desejo de estar em outro lugar gerado pelo tédio ou pela solidão se apresenta na festa, que é compreendida como um outro lugar, que os afasta das angústias cotidianas. As pessoas se satisfazem no coletivo.

Assim, o corpo tornou-se elemento central na estrutura dessa festa que deve apresentar diferentes manifestações dos sentidos humanos, oferecendo um momento diferente do cotidiano.

6.6 Corpo real e corpo virtual

Na perspectiva de uma “estética ampliada”, verifica-se que há uma “erótica dos corpos”, considerada por Maffesoli como fator de união e de criação de comunidades. Essas comunidades, tribos ou grupos podem se iniciar virtual ou presencialmente, o que leva a uma noção de um corpo virtual e corpo real. Mesmo quando se assume um “perfil” em uma rede social, este se remete a um corpo.

Lançada a questão sobre um corpo virtual e um corpo presente, percebe-se que, inicialmente, não há reflexão sobre o fato, que causa um estranhamento que é superado com algumas explicações. Para compreender a questão, foi necessário promover a discussão sobre o que ocorre quando se conhece uma pessoa virtualmente, discutindo se seria do mesmo modo que na presença real. Também foi posto o que seria observado quando se conhece alguém presencial ou virtualmente.

“ Ah, eu acho que, primeiramente assim, a beleza. Eu acho que assim se a pessoa for um pouquinho gorda, por mais que você assim, quer conhecê-la, seja uma pessoa assim simpática e tal, você acha a pessoa gordinha. Você não vai ter aquele preconceito, ah eu não vou falar com ela porque ela é gordinha. Você vai estranhar, entendeu? Você julga o padrão, entendeu? A pessoa é gorda, essa pessoa é mau de imagem assim”.

A aparência, a imagem é a primeira questão observada ao conhecer alguém, o que leva a se acreditar que uma boa aparência leva a uma aceitação mais rápida, facilitando a integração ao grupo. Contudo, a aparência não é decisiva para isso, uma vez que, segundo os sujeitos, não são vistas formas de exclusão promovidas pelo fato de alguém não ser visto como belo. A conversa viria em segundo plano.

“É, porque você sempre vai ver primeiro a pessoa sem ter conversado com ela para saber quem ela é. Então a aparência chama atenção primeiro, porque muitas vezes a gente quer ter uma boa aparência para dar uma boa impressão pra ela também. A pessoa que é feia às vezes, que é considerado feia pela sociedade, as pessoas podem achar que ela é chata também, podem não gostar dela de cara por que ela não tem uma boa aparência.”

“Depois é a conversa, você começa a conversar o mesmo assunto com você e tal”.

“ Eu não consigo, pelo menos eu não vejo assim, se a pessoa é feia ela, a gente não conversa com ela e tal, eu acho que no meu círculo de convivência não tem isso. Eu acho que esse parâmetro de beleza influencia muito mais é na sua vida amorosa.”

“É verdade.”

“Eu acho que influencia mais nisso.”

“ Eu acho assim depois que passa a primeira impressão, eu acho que as pessoas se aproximam primeiro das pessoas consideradas bonitas. Muitas vezes as pessoas não são consideradas assim, eu acho que às vezes elas ficam isoladas, só depois assim de certo tempo, que elas acabam se incluindo também. Elas demoram mais para aceitar isso”.

Lévy (1999), em pesquisa sobre usuários de redes sociais, verificou que as relações sociais não substituem os encontros corporais. Mesmo com as tecnologias de comunicação hoje presentes, que proporcionam o contato virtual, a presença do corpo no âmbito coletivo, preferencialmente, é apontada como essencial. É importante lembrar os significados dados à expressão virtual. Nesse sentido, Levy (1999) aponta três sentidos utilizados: o técnico, que estaria vinculado à internet, o filosófico, que existiria em potência e não em ato, e o de senso comum, que é compreendido como irrealidade. Para o autor, a virtualização coloca em xeque as categorias de tempo e espaço e desloca as identidades clássicas do pensamento filosófico.

Também Lévy (2009), para compreender as relações entre real e virtual, recorre à distinção entre o conceito do possível e do virtual apontada por Deleuze. O possível é uma dimensão da realidade que espera por uma atualização (agentes ou circunstâncias) que o torne real. Para Deleuze, o possível já está todo constituído, mas permanece no limbo. O possível seria exatamente como o real, somente lhe faltando existência. A diferença entre ambos seria puramente lógica. Para o autor, o virtual já é constituído, sendo um complexo problemático, exigindo um processo de resolução, de atualização, não se opondo ao real nesse aspecto. Lévy (2009, p. 43) conclui que o virtual não se opõe ao real, vez que são dimensões de uma mesma realidade. O autor ainda define que “é virtual toda entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo estar ela mesma presa a um lugar ou a um tempo particulares”.

Nessa perspectiva colocada por Lévy, pode-se afirmar que o corpo virtual estaria no possível, somente lhe faltando existência. Assim, ele deveria ser constantemente atualizado para permanecer em uma dimensão de realidade, o que não o coloca em

oposição ao real. Esse corpo virtual também é desterritorializado em termos de tempo e espaço.

Sêga (2011) é outro autor que busca compreender essa relação entre real e virtual e, para isso, considera bem esclarecedora a definição de Peirce para quem o conceito de virtual está ligado a uma probabilidade, a um vir a ser, que, acreditamos, consiga sintetizar tudo o que atrai nas tecnologias digitais atuais e a atração que especialmente os jovens têm por elas. Destaca-se que hoje eles já nascem inseridos nessa cultura digital.

Estar conectado é estar em algum espaço ou em vários lugares simultaneamente, mas que estabelece diferenças com o real, pois se compreende que a experiência vivida carnalmente não pode ser substituída pela virtual. Nesse contexto, as redes sociais se estabelecem como espaços de convivência, talvez para preencher um vácuo no tempo em que a presença não seja possível e também para ampliar as redes de relações, de modo que facilitem, em outro momento, estar com “amigos”, ou com os “amigos dos amigos”.

Observa-se que, na noção maffesoliana de taticidade contemporânea, há a presença de um corpo virtual, um estar juntos virtual que se distingue do estar juntos de corpo presente. A aprendizagem social oriunda das relações presenciais são as que de fato se constituem em relações mais duradouras, enquanto que as virtuais seriam uma possibilidade, um vir a ser. Entretanto, as redes sociais vêm se constituindo como uma nova maneira de estar juntos.

“Acho que não. Você não está de frente com a pessoa. Como muitas vezes na rede social você não sabe quem é a pessoas de verdade, igual, tem milhares de pessoas diferentes. E pode ser qualquer pessoa. Claro que a pessoa pode pegar um perfil e mentir para você, como é que você vai saber quem está ali do outro lado?”

O corpo virtual é um corpo teatral, o que o coloca na perspectiva de uma identificação distanciando-se de uma identidade, de modo que qualquer personagem pode ser criado. Mas o seu “eu mesmo” pode ser preservado, o que não é garantia para o outro de que seja reconhecido, pois isso somente irá ocorrerá verdadeiramente no contato corporal. Para os participantes, nessa teatralidade, as emoções podem ser ocultadas, planejadas, escamoteadas, fazendo com que a pessoa deixe de ser ela mesma, não correspondendo ao que ela é. Aponta-se que não seria ali uma pessoa, mas um

“perfil” que se apresenta na rede. Esse outro inventado é uma possibilidade nas redes sociais, mas não necessariamente uma regra seguida por todos.

“Depende da pessoa também. Tem gente que do mesmo jeito que fala no computador fala na sua frente também, tem gente que é desinibido e não precisa disso para comunicar com as pessoas. Eu acho que sou a mesma pessoa sempre, mas tem pessoa que não. São completamente diferentes, falam coisas na internet que não tem nada a ver com ela de verdade”.

“Ah! Assim, quando você está na rede social conversando com uma pessoa, você não tem visão de como ela vai reagir. É, se ela vai ficar surpresa, o que você vai falar, se ela vai... Porque na internet, igual às meninas falaram, você cria coragem, você fala um monte de coisa, mas você não sabe como a pessoa é na sua frente, entendeu? Às vezes você fala com ela na rede social ou algo assim. Ela pode reagir de um jeito na internet e de outro na sua frente. Pode ser outra pessoa, entendeu? Na internet ela pode conversar de um jeito normal e na sua frente ela pode brigar contigo ou nada. Eu acho que a pessoa quando é ela mesmo, eu acho que ela muda na sua frente mesmo, porque na rede social é só um perfil.”

“Eu acho que é dividido. Tem mesma quantidade de pessoa que são iguais pessoalmente, como o contrário também.”

“Eu acho que é mais pra filme, assim, quer dizer, é meio estranho. Às vezes você conhece a pessoa, a pessoa parece até ser mais madura, aí você vai pessoalmente e a pessoa é mais criança. Às vezes é o contrário, a pessoa é mais descontraída digitando, quando você conhece ela, é mais séria.”

Somente com os corpos em contato, corpos presentes é que se atribui, de fato, confirmando ou não, se o que foi apresentado virtualmente é verdadeiro no que se refere ao “caráter” da pessoa. A internet é um meio de fazer e desfazer relacionamentos dispensando, para isso, o face a face, bastando clicar um botão.

“Na internet não mostra o caráter da pessoa, tem de conhecer pessoalmente”.

“Tem uma grande diferença entre uma amiga minha e outra que conheci na internet ou é amiga da amiga”.

“A gente puxa papo pela internet, né, a pessoa. Teve um dia que eu tava conversando com uma menina assim, papo vem papo vai, vamos combinar de sair, vamos. cheguei lá até que a menina era bonitinha, fui até fiquei com ela uma vez, aí depois entendeu, não se viu mais. Daí depois procura no MSN ou não”.

“Confirma. Quando não quer mais exclui.”

“Isso daí é só pessoalmente. Quer dizer, assim, dá pra você conhecer ela na rede social. Na rede social eu posso falar que eu tenho 25 anos, formei em Medicina agora, moro numa casa de praia.”

A internet revoluciona as relações sociais. É um instrumento de comunicação que tem no “estar juntos” virtualmente, o estar “em comunicação com o outro” a motivação principal para o acesso. É a predominância do coletivo sobre o individual.

A internet oferece outra dimensão às formas de comunicação e ao corpo. Na internet um corpo impedido de locomoção tem hoje uma ampla possibilidade de se comunicar. Nas redes sociais, a identidade mais uma vez perde sua consistência, sua fixidez, já que, nesse lugar, a pessoa pode ser (re) criada, ser efêmera em um movimento sem fim, somente ganhando certa estabilidade no contato carnal. O fato é que, no tempo atual, como o conceito de identidade vem se transformando, sua estabilidade já não é mais aceita, sendo mais viável a tese da identificação posta por Maffesoli.

No espaço cibernético, como cita Le Breton (2008, p. 145), o indivíduo livra-se das coerções da identidade, metamorfoseando no que quer sem temer ser desmentido e desaparece corporalmente para se transformar e tornar-se pura informação com o controle dos destinatários. O autor salienta que “privado de rosto, não tem mais de temer não conseguir olhar para si mesmo”. As características corporais no virtual tornam-se apenas um texto, sendo autorizada qualquer invenção. O autor destaca que se encarna o cogito puro onde se é o que se pensa, que ocorre quando se está conectado. Estar ao mesmo tempo aqui e ali, onde se pode jogar sem temer o real.

Maffesoli (2012, p. 86) assevera que, nas redes, mesmo nos fóruns de discussão, pouco de sério se fala, sendo que o importante é estabelecer um laço, “o conteúdo pouco importa. O que está em jogo é a ‘ligação’, estar ligado (*religare* no latim), estar confiante (*reliant* em inglês)”. Desse modo, a tecnologia pós-moderna faria parte do “reencantamento do mundo”. As redes estabelecem sede de infinito, uma busca de um Graal, do desconhecido, como fora anteriormente mencionado.

“Você não se expressa como você expressaria pessoalmente com a pessoa. Você fala coisas pela internet que você não falaria pessoalmente. Sei lá, você fica mais corajoso para falar as coisas. Você não está cara a cara com a pessoa. Você não conhece ela de verdade.”

“Porque você está de frente com a pessoa e na rede social você não vê ela. Você não sabe o que vai ser, como ela vai agir quando você falar isso na frente dela. Porque na internet você está lá digitando, entendeu? Se você tiver que xingar, você xinga. Mas quando você está de frente com ela, você fala para ela, você não sabe o jeito como ela vai agir contigo. Na internet ela não pode expressar como está lá. Expressar alguma coisa.”

O gráfico 11 (anexo) mostra que somente 25% acreditam que a internet e a televisão têm influência na escolha de seus amigos, 7,5% responderam que acreditam

que somente a internet exerce influência sobre as escolhas dos amigos. O que nos surpreende, considerando-se o senso comum, é que 67,5% declaram que nem a TV nem a internet teriam essa influência.

Buscando compreender a resposta, verificamos haver uma diferenciação entre o real e o virtual. O virtual ganha, na atualidade, uma eficácia real, permite um gozo real, elabora um laço, estabelecendo outra forma de relação que se integra ao social. Entretanto, é o conhecimento corporal, no face a face que vale em relação ao estabelecimento das amizades e não as máscaras colocadas nas redes. Por isso, segundo os participantes, a mídia não influenciaria. As redes não apresentam coerção e o conhecimento sobre o outro não se constitui por alienação, por manipulações, mas por um saber próprio que se estabelece na linguagem das redes em que se reconhece um outro corporalmente virtual que difere do outro corporalmente real. Lembrando Weber, há um reencantamento do mundo por se sentir vivo ao estar com o outro virtual ou presencialmente.

Dessa forma, na contemporaneidade, estamos presenciando uma transformação nas formas de comunicação. A atual geração de jovens já nasce inserida em um contexto social onde a comunicação é fundamental na produção de cultura. A comunicação constitui-se, assim, mais uma forma de se afastar do individualismo para um ambiente coletivo, é um modo de compartilhar ideias, experiências, sentimentos e ter papel na significação do mundo, sempre na presença do outro, ou simplesmente ela não existiria.

Nesse sentido, compreendemos o corpo como central no processo de comunicação, ao expressar códigos de linguagem que apresentam os diferentes modos de ser de um povo, que se comunica pelas vestimentas, pelo estilo dos cabelos, pelos comportamentos nos espaços sociais etc.

As tecnologias reforçam essas formas de comunicação, de informação, em que o outro se faz presente. As redes sociais privilegiam o modo de estar coletivo, com linguagem ética estabelecida por cada grupo. O contato virtual são as formas pelas quais o corpo virtual se apresenta para formas de relacionamentos que somente puderam ser criadas nesse tempo tecnológico.

Desde a invenção do telefone há pouco mais de 100 anos, as relações se estreitaram, tornando-se mais próximas e possibilitando uma intensificação da

comunicação entre as pessoas. No entanto, essa tecnologia não tinha a finalidade de criar novos relacionamentos, sendo de uso individualizado, para falar exclusivamente com uma pessoa determinada.

A internet se diferencia muito disso. Hoje se encontra presente nos “telefones móveis” a divulgação de notícias, de imagens, de informações que estão fortemente associadas à comunicação, seja no âmbito coletivo ou individualizado. As redes sociais são o campo em que o número de usuários mais cresce. Diferentemente do uso do telefone, que não possibilitava uma comunicação de várias pessoas simultaneamente, o jovem passa a criar suas redes de relacionamentos pelos instrumentos criados pela internet na qual o “coletivo” foi possibilitado. Observa-se que, nesse coletivo, nessa forma de agregação, o que mais vale é o banal, o frívolo, as coisas cotidianas, o marcar encontros, festas, permitindo um estar juntos virtual, com uma teatralidade em que cada um pode inserir seus personagens.

As redes abrem as possibilidades de aproximação entre as pessoas, em que um personagem pode, por exemplo, vencer uma timidez de um contato inicial. Entretanto, esse contato virtual somente se consolida como forma de “amizade” após o contato real que se dá corporalmente.

“Internet é um meio de fazer amigos”.

“O negócio é fazer amizade logo, ter muitos amigos”.

“É, eu acho que sem as redes sociais, eu não seria o que sou hoje, porque eu sou muito mais social por causa delas. Porque se eu não pudesse falar uma coisa que acho que eu não conseguiria fazer de cara com a pessoa...”

“Você começa a conhecer a pessoa depois que você conhece ela pessoalmente. Às vezes você conversa muito pelas redes sociais e tal, e quando você vai conversar pessoalmente, geralmente você não gosta mais tanto daquela pessoa. Pode acontecer isso também. Você não conhece ela tão bem.”

“Para os mais tímidos é o que há. Você está lá digitando com a pessoa, se te ver pessoalmente, fica mais fácil, com certeza. Aí cria assim a possibilidade para perder mais essa timidez de falar pessoalmente.”

As redes sociais, para Maffesoli (2012), romperam o muro social da vida privada estabelecido pelo contrato social. Na fala anterior, o termo “negócio” está relacionado ao comércio, no sentido já citado de troca. Dessa maneira, as amizades são um comércio em que a troca é a disponibilidade de si mesmo para estabelecer relações que irão gerar formas de estar com o outro, sendo este outro somente um ou um grupo. Nessa oferta, o que se oferece como troca é a possibilidade de interagir com o outro, apostando-se em si mesmo como oferta para se estabelecer a interação.

Ainda nessa perspectiva, os laços afetivos não têm como obrigação serem duradouros, ou terem valores fixos, o que também não gera sanções. É uma ética dessa estética contemporânea, em que o estar junto com o outro oferece a sensação de pertencimento.

Bauman (2001) se refere a essas relações como frágeis por não amadurecerem e por não serem duradouras. Sua afirmação parte do princípio de que a origem dessa fragilidade estaria no consumo exacerbado que gera a necessidade da busca do novo, de um movimento constante, da efemeridade, que viria impactar os relacionamentos, interferindo nas relações que se transformam em amores líquidos. Desse modo, para o autor, existiria uma baixa relação de alteridade na contemporaneidade e o irreconhecimento do outro nas relações, o que vem a bloquear as questões éticas como a tolerância, o respeito, a solidariedade e o investimento no amor e no outro que são substituídos pelas práticas nas redes de relações.

A visão de Bauman é uma visão universalista, que implica valores que também pretendem ser universais. O que Maffesoli aponta é exatamente essa mudança que vem ocorrendo na “pós-modernidade”. Ao caracterizarmos nosso tempo como tempo das tribos, que se constituem por identificações, as “metanarrativas” não mais se sustentam.

As relações duradouras, os laços próximos continuam a existir com “os grandes amigos” e não há a ilusão de que todos assim o serão. Entretanto, isso não restringe o estar juntos que agrega valores para determinados gostos em comum. Os relacionamentos não se limitam ou pretendem se limitar às redes. Eles se iniciam ou se mantêm nas redes, mas o estar juntos corporalmente é o que os consolida.

“Fico irritado quando abro o computador e vejo que todos saíram”.

Pode-se afirmar que, na contemporaneidade, os “amores sólidos” (fazendo uma analogia com o termo utilizado por Bauman) persistem, não perdendo a essência de alguns valores arcaicos como a tolerância, que acreditamos ser muito mais presente hoje do que em outros tempos, a solidariedade e o próprio investimento no amor. O fato é que a internet comporta relacionamentos mais profundos ou não e, sendo uma forma interativa coletiva e de conexão permitida a todos, ela se constitui como “rede” na qual as relações vão sendo tecidas e ampliadas em uma lógica de infinito, sem pré-requisito para se entrar ou sair e, quanto maior a rede, melhor. Entretanto, é estabelecida uma hierarquia das relações nas redes, que comportam os grandes amigos, os amigos do colégio, os amigos, o menos amigo, um parente.

“Todos, amigos do colégio, amigo dos amigos, grandes amigos, primo”.
“Importante é estar com alguém, mesmo com o amigo do amigo, ou com o menos amigo”.
“Amigos do colégio são grandes amigos”.

É de conhecimento dos jovens a existência dos personagens virtuais que não correspondem ao que a pessoa é. As personas, constituídas no sair de si, também encenam seus personagens para se integrarem ao grupo. Por isso, apresenta-se a hierarquia entre os amigos. Somente se conhece o outro pelo contato corporal. Para se integrarem aos personagens nas redes em um estar juntos corporalmente, é necessário (por segurança), ser amigo do amigo.

“Não saem com estranhos conhecidos pela internet”.
“Para sair com alguém que conheceu na internet, tem de referência em um amigo”.
“O momento que você passa a conhecer, você pode, aí sim, definir se você gosta ou não dela”.

Nessa hierarquia, vai se estabelecendo quem de fato são os amigos, quais os relacionamentos que serão aprofundados, o que desmonta a ideia de se universalizar uma interpretação de que não há aprofundamento nas relações. O que de fato talvez haja de mudança na pós-modernidade seja a transvaloração dos valores, conforme preconizou a abordagem nietzcheniana, cujas categorias são expostas sem cinismos. Assim, os jovens aceitam e ou reconhecem que existem laços mais profundos e duradouros que outros. No que se refere aos discursos educacionais, o discurso crítico produziu um discurso de linearidade histórica, de valores universalizantes, em que estava presente um romantismo em que todos seriam iguais, solidários, para um mundo de felicidade.

Esse discurso foi uma importante reflexão sobre nossa sociabilidade, em um mundo onde o individualismo vinha prevalecendo na competitividade estabelecida com a era capitalista. Maffesoli (2012, p. 06) afirma que “o tempo retorna”, que saímos da era do contrato social, saturando os pilares que sustentaram a modernidade (individualismo, razão, progresso, economia) para uma “volta da ambiguidade e da complexidade como elementos fundadores da natureza humana”. Diferentemente da sociabilidade, a estética da socialidade tem a propriedade de ser estruturalmente ambígua.

As redes sociais não pretendem se limitar ao virtual, mas elas se ramificam, estendem ou ingressam no real, consolidando-se com o contato corporal, que

determinará ou não a confiança no e com o outro para se estabelecer a relação, ou seja, o outro somente é reconhecido quando se expõe corporalmente.

“Você só vai avaliar ela, assim que você conhecer ela. Se ele falar não, ele não pode ter. Quando você vai, se eu estivesse conversando contigo e te conhecesse de algum lugar, ela podia falar: Nossa! Hoje eu posso não conhecer ela e até amanhã conhecer ela, então, tudo que ela falar pra mim vai valer, entendeu?”

“Na internet você tem tempo pra pensar no que você vai falar.”

“Se a pessoa morar longe, você não vai ter oportunidade de conhecer ela. Assim, você pode ter um dia, mas se ela chegar pra você e falar, você vai acreditar.”

“Ai você não tem como provar.”

“A não ser que seja algum colega seu, que já tem muito tempo que você não vê, você conversa pra lá, você já sabe como vai ser algumas coisas. Já é familiar. Como é a pessoa que você conhece assim, você só conhece de verdade quando está de frente com ela.”

Ser amigo do amigo credencia e permite a aproximação ou pertencimento a um determinado grupo. Tal fato aponta a existência de um processo de atração e repulsão que faz e permite o estar junto tribalmente.

Destaca-se que o estar junto necessita da relação de face a face, entre o eu e o outro, estabelecendo-se a proximidade pela responsabilidade do eu com o outro sem exigência de reciprocidade, pois, se houvesse tal exigência, não se trataria mais de uma relação “des-inter-essada”. Nessa responsabilidade constitui-se a subjetividade do sujeito. Despojados do contato face a face, do constrangimento de uma rejeição do outro por um contato corporal (pessoal), a virtualidade das redes sociais possibilitam uma aceleração do processo de atração e repulsão. Com um simples clique pode-se confirmar ou não uma “amizade”. O próprio sistema indica os amigos dos amigos, o que faz a rede se expandir e garantir sua utilização. Ela garante um estar juntos virtual. Mas ela não é determinante no que se refere aos laços duradouros, que se encontram nos grandes amigos. Esses laços se estabelecem com o reconhecimento do caráter de cada um, o que somente ocorre sem a teatralidade virtual, ou seja, na presença corporal.

O processo se naturaliza. Quanto maior a rede, mais poder, que, no caso, é reconhecido pelo fato de se ter muitos amigos. O próprio sistema da rede estimula o fato, uma vez que indica o número de amigos que cada integrante possui. Desse modo, como demonstração de poder é possível “adicionar” amigos. Antes se “faziam” amigos.

Nesse aspecto a rede omite as rejeições, que, na presença corporal, pelas falas, pelos gestos, não é possível ser omitida. Talvez uma diferença entre uma rejeição e uma repulsão. Uma repulsão não significa uma exclusão, já que pode haver repulsão sem ser excluído do grupo, ser bem aceito por alguns, mas não necessariamente por todos, já que há hierarquias nas relações que indicam os níveis de amizade.

Também as redes seriam um facilitador para se encontrar uma tribo em que se tenha gostos comuns, ou mesmo para constituir sua própria tribo. Isso também se aplica aos relacionamentos amorosos, em que:

“Ao conhecer e ficar com uma menina, pode ser somente naquele dia. Depois se confirma ou não nas redes sociais”.

O fato é que as redes sociais permitem estabelecer relações, mas não suprem todas as experiências dos sentidos. Le Breton (2009) lembra que é necessário ver o outro. O olhar gera interação e a condição corporal faz com que nossos sentidos sempre estejam vendo, escutando, tocando, acariciando, sentindo o mundo. O olhar, para o autor, é uma experiência afetiva em que o coração pode acelerar, a pressão se alterar, ou o próprio olhar toca o rosto do outro. Nesse sentido, um rompimento (não confirmação) pela rede traz uma mudança cultural nas relações, outra forma de “ver” o outro.

A troca face a face com o olhar muitas vezes pode ser incômoda nessa relação de comércio (troca com o outro). Assim, não dar prosseguimento a uma relação por via de uma rede social ameniza a possibilidade de ser um ato violento, tornando-se uma prática social que significa que essa ação já é esperada por ambas as partes. Como não é uma ação de resistência, não se constitui como violenta.

Em que pese o fato de as relações não se proporem, inicialmente, ser duradouras, isso pode ocorrer. Também as redes mudaram o comportamento na forma de aproximar as pessoas, trazendo outros modos de afeto. Com as redes, transformaram-se as formas de conhecer o outro, possibilitando também que ambas as partes possam se definir por um “aprofundamento” nas relações ou não.

Está implícito em todos os encontros de realização do grupo focal que há entre os participantes o desejo contínuo do estar juntos, o que revela que é da condição humana o ato de se socializar. Estamos em uma época em que há esse retorno cíclico das emoções que hoje pretendem ser compartilhadas.

Ao buscarmos compreender essa conjunção, estamos buscando compreender esse mundo do jeito que ele é. Na atualidade, há uma saturação do individualismo. Maffesoli (2007b, p. 107) afirma estar ocorrendo uma “osmose com a alteridade²²”. A ideia de alteridade, sendo contrária à identidade, vai ao encontro da noção de identificação, abordada por Maffesoli e situada no sentimento de estar junto ao outro.

Lévinas (1988) centra sua reflexão sobre a alteridade, dirigindo-se a uma subjetividade baseada na ideia de infinito, entendida como a abertura ao reconhecimento do outro. Para o autor, o homem é mais propriamente alguém cujo sentido só pode ser encontrado na sua relação com o outro. Esse outro aparece como um que deve ser respeitado, já que, sem ele, tampouco o eu pode ser si mesmo e sem sua presença não existiria sentido algum.

O conceito de alteridade carrega a ideia de que devemos colocar o outro no lugar do ser. Para isso, o autor inverte a ética kantiana do imperativo categórico de que devemos agir frente ao outro como gostaríamos de ser tratados, em uma lógica em que o outro é que nos impõe a conduta adequada. O outro deixa de ser um objeto para o sujeito.

Nos termos propostos por Lévinas (2004), sempre nos remeteríamos à relação com o outro sob uma lógica de que não seria um “eu” frente ao outro, mas o “outro” frente a mim. A relação do um ao outro, para Lévinas, é a descoberta do sujeito ético, o entre-nós, revelado na transcendência do um para-o-outro. Estaríamos, desse modo, em uma perspectiva coletiva, em que nos deslocamos do individualismo.

É o que aponta Descamps (1991, p. 81), segundo o qual a autonomia e o individualismo se rompem nessa lógica, pois a atualidade remete a uma visão de rede social, deixando a máxima de que “a minha liberdade termina quando começa a dos outros” para substituí-la por “minha liberdade é garantida pela liberdade dos outros”.

Ser para o outro significa ter responsabilidade ética por ele. Haveria, para Lévinas, a subjetividade ética que reside na responsabilidade, ou no um para o-outro. A abordagem proposta por Lévinas retira a categoria da identidade, o que abre espaço para a identificação, embora o autor não se refira ao fato. Santos (2009, p. 23) coloca que,

²² O termo alteridade tem seu significado derivado do latim "alter" que significa outro, tendo uma característica que a diferencia da identidade. Na filosofia contemporânea alguns autores desenvolveram o conceito de alteridade como Husserl, Sartre, Merleau-Ponty e Levinas, que sustentaram o conceito como a presença necessária do outro, não apenas para a existência e constituição do próprio eu, mas principalmente para a constituição da intersubjetividade.

para Lévinas, “a categoria da identidade não recobre o estatuto ético da subjetividade. Esta não é ‘idêntica’, pois não começa em si nem coincide consigo mesma, mas única, porquanto investida por outrem de modo insubstituível para responder por sua alteridade”.

Há em Lévinas a ideia da necessidade de ser afetado por outrem e recebê-lo em si mesmo. Percebe-se, nos jovens, no que se refere à identificação, essa busca em direção ao outro, um desejo de ser afetado por ele. Dir-se-ia uma fuga do individualismo e do idêntico. As subjetividades em Lévinas se tornam um “estatuto ético”, ou seja, elas comportam o outro, não estando apenas voltadas a si mesmas.

Talvez a escola esteja se reduzindo à tematização do outro como objeto de conhecimento, simplificando seu estatuto à informação e não se reconhecendo como espaço de constituição da alteridade. Pode ser este um dos fatores do desinteresse do jovem em relação à escola. Sem relação, há rompimento da comunicação, o que, na escola, acarreta em solidão. É um “não interrelacionamento com esse” (outro). Isso ocorreria na relação professor aluno, mas não entre os alunos, sendo a escola, nesse sentido, um ambiente de inter-esse dos alunos, no que se refere a ser um espaço de se fazer amigos ou grandes amigos.

“A escola é um local onde se faz muitos amigos”.

“Não sei, eu sempre usei mesmo, aí eu comecei a, por exemplo, conhecer amigos daqui do colégio, que eu nunca conversei no colégio, aí eu adicionei lá, e comecei a conversar. Aí agora a gente é amigo aqui também e nas redes sociais. Acho que é o início de uma conversa. Eu acho que é bom.”

“É uma oportunidade de falar com a pessoa com mais facilidade. Você não vai chegar do nada e vai começar a conversar com ela assim, no colégio. É mais difícil, agora na rede social, todo mundo faz isso.”

Santos (2009) propõe resgatar a sensibilidade como chave para uma abordagem ética da subjetividade, indicando uma dimensão encarnada-corporal e afetiva do humano com implicações éticas. Poderia a escola também resgatar essa dimensão sensível, o que, resguardando-se as diferenças, aproximaria Lévinas de Maffesoli.

Também para Lévinas, o desejo e a necessidade precedem a intencionalidade. Assim, o real contato com a alteridade (outro) somente é possível a partir do desejo e da necessidade que precedem a intencionalidade. Em um primeiro momento, o que levaria a um estar juntos, antes de uma intencionalidade, estaria movido pelo desejo e pela necessidade.

6.7 Corpo e Família

No decorrer da realização do grupo focal, destacou-se, em determinado momento, o tema da família. Pode-se afirmar que, ao reduzir o que foi percebido a uma palavra, esta seria a expressão “cuidado”, que representaria os aspectos relacionados à família. Observa-se, ainda, no que se refere ao cuidado, que o corpo é o centro de qualquer manifestação relacionada às ações que o signifiquem ou o representem.

Como uma das marcas contemporâneas, por vezes, é apontado o declínio das instituições, dentre elas a família, que estaria perdendo seu papel fundacional. Isso está associado, no caso do Brasil, aos valores judaico-cristãos instituídos na modernidade que conceituaram um dever ser da família. Diferentemente dessa concepção tradicional que vigorou na modernidade, essa concepção se metamorfoseou, transformou-se. Assim, esses jovens atribuem o significado de família àqueles que, independente de laços biológicos, dão sentido à vida no cuidado dedicado ao outro. No imaginário, as funções maternas, paternas, de irmãos se sustentam desde que estabelecida a condição do cuidado com o outro. Essas funções podem ser atribuídas a outro que não tenha grau de parentesco, mas que exerça a função de cuidar.

Nessa perspectiva, a família tradicional, com casamento para a vida inteira, com uma identidade fixa do papel do pai, da mãe, dos filhos, como uma instituição que deveria ter sua continuidade e permanência, moldada na modernidade, parece que se dissolveu, abrindo, para outro sentido. Todavia, o princípio estruturador da palavra família não se perde, existindo uma diferença temporal e espacial, um adiamento, como diria Derrida,²³ que é diferença. Assim, seus sentidos originais não são dissolvidos. Dessa forma, o imaginário do arcaísmo emerge reconfigurado. O que os jovens chamam de família se transforma, de um modelo tradicional, para ganhar significado em uma perspectiva que se diferencia, em que a família passa a ser compreendida como o grupo daqueles que estão envolvidos com cuidado fraterno uns pelos outros, seja se

²³ Segundo Johnson (2001, p. 44), “o traço ou o *grammé*, como o chama Derrida (do grego *gramma*, letra, escritura, um pequeno peso, daí “gramatologia”), não é uma substância presente aqui e agora (não se pode ver, sentir ou ouvir diferença): ele é diferença, isto é, diferença espacial e diferença temporal (adiamento). Essa estrutura, ou melhor, esse princípio estruturador, é comum a todos os sistemas complexos.

constituindo por pais separados, somente da mãe ou do pai, dos avós ou daqueles que vivem juntos e preservam o cuidar do(s) outro(s).

Aqueles que cuidam são aqueles que cultivam, como valor, a preocupação, a educação, a formação, a orientação sobre o que o outro está fazendo com seu próprio corpo etc. Esse cuidado se apresenta na busca de que o outro tenha o corpo saudável, o corpo educado, o corpo religioso, o corpo sarado e assim por diante.

Em algumas famílias, os temas relacionados ao corpo ainda são tabus. Entretanto, nas famílias contemporâneas, prevalece maior liberdade nas conversas que levam a uma maior intimidade em um ambiente de confiança no qual há a predominância do papel materno. Esse ambiente faz com se superem barreiras preconceituosas e haja manifestações que expõem os pensamentos sobre as questões corporais.

“Eu acho que me apoiam nas decisões que eu tomo. Também minha mãe, todo mundo tem esse padrão de beleza assim, considera esse padrão de beleza também. Eu acho que só não é cobrado como na rua. Mas acaba sendo também. Quando você briga, a pessoa acaba falando essas coisas, meu irmão, por exemplo.”

“Que isso! Na minha casa eu acho que é bem tranquilo, eu acho que a gente tem intimidade, até brinca com isso. Eu brinco com o meu irmão que ele é baixinho, parece um macaquinho, e ele fala que eu sou orelhudo. E minha mãe também. É uma coisa que em casa a gente comenta, sabe? A pessoa pode até brincar com você, que você bem fica nervoso, porque é sua família, né?”

“É intimidade que você tem.”

“Ah! Pra mim é sempre bom falar com minha mãe, converso com minha mãe sobre esse assunto sim.”

“Minha mãe também.”

Os participantes apontam que, embora essas “imposições” sociais ao corpo estejam presentes também entre os próprios pais, não há uma relação de verdade absoluta atribuída à autoridade hierárquica dos pais que se colocavam como donos da razão, como ocorria nas famílias na modernidade.

Contudo, as relações na família parecem ser decisivas em algumas tomadas de decisões sobre o uso de marcas corporais. Mesmo quando se referem à liberdade que têm na família, já fica explícito que se tem o consentimento por parte dos pais para que se faça algo com o corpo. Embora o uso de marcas corporais seja uma realidade na atualidade, observa-se haver posições conservadoras sobre a sua utilização nos corpos dos filhos. Todavia, na maioria, percebe-se que há um acordo no âmbito familiar no

qual, necessariamente, não há conceitos sustentados por valores fechados previamente sobre o tema, mas, sim, um espaço em que se possa manifestar desejos e opiniões, mesmo que haja discordâncias, podendo a decisão sobre o que fazer com o próprio corpo ficar a cargo dos filhos. Preconceitos com marcas corporais que identificavam e ou estereotipavam, gênero, tribos, por roupas, “piercing” vão sendo superados, não sendo mais posições consensuais.

“Se eu fizesse tatuagem ou “piercing”, minha mãe ia me matar.”

“Lá e, casa é bem aceito até.”

“Na minha casa é bem aceito também, é liberal, mas particularmente, eu não gosto muito, pra mim não. Só tenho vontade de fazer tatuagem.”

“Foi tranquilo sim. Meus pais são muito liberais quanto a isso”. (Sobre o uso de um “piercing”).

“Pra mim, foi minha mãe que mandou eu pôr brinco.”

“Sério?...É. Eu uso brinco.”

“Minha mãe acha bonito.”

“Eu furei minha orelha aqui em cima, minha mãe foi lá e também furou, que ela gostou. Eu acho que lá em casa, a gente tem as mesmas opiniões.”

“Sei lá, eu até acho legal uma tatuagem assim. Nossa! Sei lá, eu gosto mesmo, mas eu não me vejo, vamos dizer assim, furar meu próprio corpo para fazer isso. Eu acho legal, mas pra mim não dá.”

“Eu tenho vontade, eu quis fazer e minha mãe não deixou. Muito nova.”

“Eu tenho (“piercing”) um aqui em cima.”

Quando foi lançada a questão no grupo sobre o que seria mais importante na vida, por unanimidade, a família é citada como aquela que seria a base do crescimento pessoal, moral, que representa o apoio na vida.

“Eu acho que, quando você tem uma família, é o mais importante. Assim, uma pessoa que tem, ela pode ter tudo, mas se ela não tiver família, ela não se sente bem. Acho que a principal base da vida é a família”.

“E acaba que a gente prefere sair com os amigos e tal, mas a família está sempre lá pra qualquer coisa, qualquer situação sempre. E assim, amigos, pode ser que numa hora você precise muito, mas ele não pode te ajudar. Mesmo que você erre, eu acho que família é o mais importante”.

“A família é a pessoa que te dá a primeira base da vida. Porque as primeiras pessoas que você tem que conviver, a partir do seu nascimento, é a sua família. Então é o primeiro lugar onde a gente recebe lição moral, a gente tem noção de respeito. As primeiras noções que a gente tem sobre o mundo, é a família mesmo.”

“Amigo vai e vem. Família está sempre lá”.

“Família tem uma coisa. Ah! Eu acho que em primeiro lugar”.

Todos os espaços sociais são locais de conflito, inclusive a família, o que em outros tempos já foi negado. Os espaços sem vínculos familiares são locais em que as relações podem ser rompidas a qualquer momento, já que não há obrigação do cuidado com o outro, o que não ocorre no âmbito familiar. A concretude da família se dá no corpo presente, ao longo da vida, o que faz que se tenha um conhecimento do outro no que se refere ao “interior e ao exterior”. A teatralidade nesse espaço se dissolve, as máscaras são retiradas, não sendo preciso identificações. Como os conselhos de amigos não atendem sempre aos contextos de vida, além de não terem os lastros e marcas dos valores cultivados no âmbito familiar, não seriam válidos como os oriundos dos pais.

“Ah! Sobre a questão de família. É que família, muitas vezes, a gente às vezes prefere ficar na companhia de amigos, porque na família tem muitas brigas.... Aí tipo, aquele grupo familiar é lugar que você acha que arranja mais brigas. Mas é um lugar onde você é mais você mesmo. Porque desde criança as pessoas daquele grupo te conhecem. Então qualquer coisa que você fizer que foge seu jeito de ser, vai ter alguém que vai perceber. E quando você..., sei lá! A família é o único ambiente em que as pessoas que te conhecem, por fora e por dentro.”

“Eu acho que a pessoa que não tem família, se ela não tem uma estrutura boa, ela não consegue ser alguém, assim, se dar bem realmente.”

“Ela não consegue ser ela. Eu acho que se eu não tivesse família, se eu morasse sozinho, vivesse sozinho, se não tivesse ninguém para estar comigo, não sei o que eu ia fazer.”

“Eu acho que eu preferia viver trancado o dia inteiro dentro de casa do que ir pra rua procurar um amigo, e pode ser que um dia eu perca ele e vou ter que procurar outro, do que não ter família para estar do seu lado. Você não tem uma pessoas para estar do seu lado, dia e noite com você, te respeitando mesmo, te ajudando em tudo que acontecer, te dando uns conselhos. Porque as vezes amigo te dá um conselho mas não é um conselho que mãe e pai dá para você.”

“Os melhores conselhos, o melhor conselho que você recebera dos seus pais dentro de casa.”

Em que pese o fato de que, entre os participantes, não haja dúvidas de que a família é a instituição que vem em primeiro plano na vida, há divergências ou dúvidas no que viria em segundo plano, se os amigos ou a escola. Os amigos estão relacionados à necessidade de não deixar a vida em um vazio, percebendo que estar juntos preenche essa lacuna. A escola está relacionada à preparação para o trabalho e à construção do futuro.

É bastante instigante a discussão entre amigos e escola. Família e escola há muito são consideradas instituições, por serem fundadas ou constituídas com suas respectivas funções sociais que sofreram algumas transformações de sentido na atualidade, mas não perderam o elo fundacional. Por outro lado, as amizades não têm nenhuma característica que as vinculasse a um estreitamento institucional. Ter um amigo não afetaria o funcionamento social, uma vez que uma amizade se faz e desfaz sem nenhuma consequência à sociedade.

Seriam dois polos para se compreender essa dúvida entre a escola e os amigos. Ao considerarmos a socialidade, o presenteísmo, que sustenta os tempos de emocionalidade como seria a atualidade, o estar juntos predominaria nos modos de vida, fazendo sentido pensar no presente, no viver as banalidades, o frívolo, o efêmero, o que está mais próximo das amizades. Já o segundo seria a preparação para o futuro, função que seria de responsabilidade da instituição escolar. Em tempos de emocionalidade, a ênfase no estar juntos se faz presente, enquanto que, em tempos de racionalidade, seria apontado um direcionamento para a segurança de um futuro que pode ser buscada na escola.

Como parece não haver acordo em relação à questão, isso pode indicar que ambas se fazem presentes, sendo, talvez, necessário que se estabeleça o equilíbrio entre elas, não hierarquizando qual seria de fato a mais importante. É importante destacar, entretanto, que o arcaísmo representado pela família permanece.

“Os amigos. Porque senão a gente se sente sozinho, mesmo tendo a família.”

“Os estudos também. Os amigos te deixam de lado e você vai ter que correr para os estudos e batalhar pelo futuro de sua vida”.

“Em segundo lugar, eu acho que seriam os estudos, porque os amigos, eles um dia vão crescer e vão ter a família deles e vão embora, entendeu? Agora não, seus estudos não. Seus estudos são uma coisa que você vai ter agora, entendeu? E vai ter para o resto da vida, isso não vai ter ninguém que possa tirar isso de você.”

“Eu acho que é muito importante, assim, você ter alguma coisa, tipo, você estudar, você saber fazer alguma coisa, pra você ter um meio social e poder ter os amigos no futuro também. Se você só pensar em amizade agora, e não quiser formar alguma coisa que você vai ter no futuro, eu acho que você, agora você pode ter amigos. No futuro não, porque eles vão estudar, vão seguir a vida.”

“Tem amigo que você pode um dia se decepcionar, né? Você sempre achou que ele era amigo e no dia que você mais precisa, que acha que ele está ali, e por uma bobeira, e família está sempre ali contigo com qualquer coisa, com a morte, com alguma coisa parecida. Família muito próxima sua, você tem sempre eles ali pra viver junto com você o que você tava passando naquele momento, então. E amigo você pode, um amigo até hoje, até hoje posso ter um amigo, e amanhã eu posso me decepcionar com ele. Família não, vai estar sempre ali contigo no que precisar.”

Pode, pode evitar as coisas ruins para você, mas também vai te mostrar as coisas boas. Mas amigos de vez em quando te levam para outros caminhos e você pode acabar se ferrando aí na vida.”

Os participantes apontam que, na família, a forma de repreensão a atitudes indesejadas, sejam de ordem moral ou ética, quase sempre passa pelo corte ao acesso a algo associado ao gosto, quase sempre voltado ao estar com o outro, como proibir de sair. Contudo, não veem como arbitrariedade as atitudes de repreensão, reconhecendo seus erros.

“Quando a gente faz coisa errada tem castigo e não pode fazer o que gosta”

Maffesoli observa que a pós-modernidade vem se constituindo com a conjunção dos arcaísmos e tecnologias. Maffesoli (2012, p. 83) argumenta que nossa relação com a natureza não seria de progresso, mas sim de progressividade²⁴, não de regressão, mas sim de “ingresso”, vez que “entra-se neste mundo”. O arcaico é o que é antigo, primeiro, fundamental, estando no fundamento do viver juntos. Existiria um afloramento dos modos de pensar, das maneiras de ser, das práticas corporais.

O arcaísmo pode ser identificado nesse afloramento ou nessa metamorfose da noção de família, cujas origens não se perdem, mas novos modos de afetos se consolidam. Assim, o arcaico, a origem se faz presente de formas atualizadas, não se perdendo o sentido de que família envolve aqueles que cuidam. O imaginário da família não se dissolve, mas se atualiza em termos contemporâneos. No grupo há diversas situações de vida que formam o que compreendem como família, havendo entre os participantes os que vivem somente com a mãe, ou os irmãos, com a avó, com o padrasto ou madrasta, ou no modelo que podemos chamar de tradicional. Entende-se, nesse caso, que o conceito de família está ligado a quem desempenha o papel do cuidado, daquele que prepara para a vida, que oferece valores, que tem autoridade nessa instituição que não se perdeu.

Compreende-se ainda que o cuidar está relacionado diretamente com o corpo. As proximidades dos corpos, o relacionamento entre estes, que se direcionam para um

²⁴ Maffesoli (2012, p. 83-84) destaca que a progressividade aparece ao se admitir que quando algo se apaga, alguma outra coisa aparece. A progressividade não se contentaria em “explicar o que somos e o mundo no qual vivemos”; a progressividade implica “os estratos que constituem cada um e todas as sedimentações que fazem a cultura popular”.

cuidado mútuo entre pessoas que habitam uma mesma casa, independente do grau de parentesco, é o que faz constituir o sentido de família.

Percebe-se, nas falas, que a família é aquela que busca cuidar cotidianamente de verificar com que corpos estão saindo, com quais irão se encontrar, o que vão fazer com o corpo ao saírem ou estarem em determinado grupo; como a sexualidade vai se manifestar ao estarem juntos, o que cada corpo pode ver e ouvir, quais as liberdades que esses corpos podem ou devem ter, quais as morais desses corpos nas tribos, quais as morais dos corpos nas famílias, que identificações esses corpos buscam, dentre outras.

Também a família é compreendida como local de formação de valores e do caráter.

“É a família é o maior responsável por formar nosso caráter, eu acho. Pelo menos com exemplos.”

“É, eu acho que às vezes você não tem família, acaba entrando num caminho errado. Por que você não vai ter ninguém, pra te ajudar.”

“Também às vezes muitos criminosos estão por aí, também não tiveram uma família e tal, viveram sozinhos, sem ninguém, já estava nesse mundo e perderam os pais, e aí não conseguiram formar sua cabeça e seguiram num caminho errado.”

“Você não consegue fazes as coisas direito.”

Não obstante, as transgressões ocorrem entre os jovens e eles sabem o que podem fazer frente aos pais, em um jogo para que não se exponham em atitudes que, previamente, sabem que podem gerar atritos. O cuidar exige definição de alguns valores, de comportamentos que não devem ser infringidos. Com os pais, as atitudes serão julgadas frente às atitudes éticas e morais adotadas, podendo resultar em sanções, o que não ocorre entre amigos.

Parece haver uma seleção em que cada um elege o que pode ser dito na família ou com os amigos. Estar com a família ou com os amigos exige certas máscaras que geram uma teatralidade em que nem tudo pode ser dito:

“Não bebo perto dos pais, não namoro”.

“Tem coisa que você da melhor contanto para seus amigos do que para os seus pais.”

“Tem coisas que você conta melhor para os seus pais do que para seus amigos.”

“Mas eu acho que é importante ter as duas coisas, família e amigos, porque tem coisas que você não pode contar para seus pais e tem coisas que você não pode contar para seus amigos. Acho que é bem dividido.”

Questionados sobre as relações entre amigos e família, posicionam-se dizendo que, entre os amigos, como não há julgamentos morais que levem a certas consequências, os limites do que se fala são alargados, de modo a não ter constrangimentos. Mas se é algo que afeta o amigo ou a amizade, nem sempre isso ocorre.

“Fica mais à vontade com os amigos”

“Nem tudo o que se fala com os amigos se fala com os pais”.

“Não tem restrições ou constrangimento com os amigos”

“Por exemplo, se você chegar perto do seu amigo, acaba assim, mesmo você estando ruim e ele sabendo disso e você discuti com ele, ele às vezes pode deixar de ser seu amigo, agora, a sua família, não. Ela se... Você discutir com ela, ela pelo menos assim na hora vai ficar com raiva, mas depois ela vai voltar a conversar com você normalmente, não vai deixar de ser de sua família.”

Entretanto, o “eu mesmo”, nos momentos de reais dificuldades, apresenta-se no espaço da família.

“Eu não sei. Se, por exemplo, você tá um dia que, você tá com muita raiva, por causa de aula, aí você fala com as pessoas conhecidas, não fala com seus amigos. Aí você espera até chegar em casa. Aí chega em casa, você explode, você estoura, você sem nenhum remorso, por que sabe que ninguém vai se atingar realmente. Por que já te conhecem e vai saber que você não tá bem no dia. Normalmente, quando a gente tá com muita raiva, não gosta de demonstrar a essas pessoas, a gente espera até em casa para gente explodir, entendeu? Para gente chorar, pra gente fazer o que quiser. Então é um ambiente que a gente se sente à vontade para fazer isso. É um lugar, se a gente tem vontade de rir, a gente ri, se tem vontade de chorar, a gente chora, se a gente tiver com raiva, a gente fica com raiva. A gente fica “fula da vida” que, sei lá, você se sente à vontade de fazer essas coisas.”

“Às vezes um amigo você ia ir e contar alguma coisa para ele, vai ser totalmente diferente do que você chegar em casa e conversar com sua mãe e com seu pai, sabe? Por que amigo você chega, aconteceu alguma coisa hoje, eu chego na minha amiga pra contar, não é aquela coisa de você chegar e contar. Não tá isso de errado, por exemplo, acontece alguma coisa no meu colégio que eu não posso chegar na dela e contar. Você chegar nos seus pais é totalmente diferente, você vai ter outros conselhos entendeu?”

Permanecem valores, outras éticas são constituídas, mas a contemporaneidade é um tempo da diversidade, da diferença, do efêmero, das contradições, da ambiguidade, do fim da secularização, enfim, do esgotamento das metanarrativas e da razão.

Podemos apontar que valores “arcaicos” se mantêm na cultura familiar, outros se atualizam, mas a instituição “família” permanece. Nesse sentido, valores morais estão na ordem de um arcaísmo que não se perde na instituição familiar. Na contemporaneidade, a questão poderia ser associada ao que Maffesoli (1999, p. 112)

chamou de errância, por permitir "lançar uma ponte entre o mundo contemporâneo e os valores tradicionais".

Ao abordar a questão, verifica-se que há uma pluralidade de valores e papéis que são percebidos pelos participantes que optam por desempenhar diversos papéis deixando manifestar as facetas do eu, desobrigando-se, desse modo, de se ter uma única identidade. Isso gera um politeísmo de valores, que seria causa e efeito de uma vida errante. Para Maffesoli, a errância é um remédio para as vidas pessoal e coletiva.

Os participantes percebem que, para os pais, algumas formas de viver não seriam condizentes com seus valores, o que não significa que não deva ser vivido, podendo ser omitido. Assim, sentem que, como diz Maffesoli, podem não morrer de tédio ou desespero, já que também não morrem de fome.

“Beber.”

“Errado, é uma coisa que meus pais jamais aceitariam que eu fizesse.”

“Dos finais de semana, né?”

“Às vezes a gente acha certo mas o pai acha errado, a gente não conta porque

“Ah! Beber, alguma coisa assim.”

“A não (beber), não é que é certo, sabe, mas...”

“Mas é uma coisa que hoje em dia a maioria está fazendo. Hoje em dia não existe mais, existe assim por parte da família, mas igual meu pai e minha mãe não acham certo, mas o grupo social mesmo por fora você sair com seus amigos, hoje em dia, é normal. Se um deles não beber, eu vou falar, jamais vai chegar na minha e falar, você é de menor, me da essa garrafa aí que você não vai beber, hoje em dia não tem essa coisa. Dentro de casa é diferente, mas tem pais que acabam brigando com você.”

“No meu caso eu conto às vezes mais pra minha mãe do que para meus amigos. Conto quase a mesma coisa. Mas geralmente o pessoal conta as coisas erradas só para os amigos.”

Retornando à questão e considerando que a família é uma instituição, em recente pesquisa realizada para o MEC por Corti *et alii* (2011), perguntados sobre a confiança em instituições, 98% dos entrevistados responderam que confiam na família, 90% nos professores e 75% na igreja (católica). Com todas as transformações ocorridas na contemporaneidade, a tradição dessas instituições permanece.

Percebe-se que as questões sociais que levaram a transformações sociais refletem no âmago da família. Dessa maneira, a premissa dos anos 1970, em que era proibido proibir, faz-se presente no comportamento social. Contudo, exige-se responsabilidade, pedem-se limites, propõem-se acordos para “não vacilar”, o que necessariamente não significa seu cumprimento.

Segundo os participantes, a repressão é compreendida como uma atitude “pior”. Para eles, o proibir seria inadequado, sugerindo que conversar pode ser melhor para resolver qualquer questão. Pela conversa poderiam surgir argumentos que levassem a agir diferentemente, vez que o simples fato de proibir não impede a transgressão, levando, antes, a realizá-la do mesmo modo.

“Minha mãe é liberal, deixa eu sair, mas a partir do momento que eu dei liberdade e você vacilar, vai ser a última vez”.

“Quando mãe proibe tudo, você não vai deixar de fazer as coisas quando proibe. mas aí é pior, vai fazer escondido. É pior proibir”.

Surgiu, durante o transcurso da realização do grupo focal, a questão de gênero no âmbito familiar, onde a figura do feminino se apresenta como a de maior afetividade, de maior liberdade que a figura masculina do pai. Várias afirmações apontam os pais com atitudes que restringem os relacionamentos, seja em um namoro ou em amizades:

“Minha mãe permite. Mas meu pai...”

“Minha mãe deixa eu levar os meninos lá em casa para conhecer”.

Nesse contexto, o corpo se apresenta por meio da sexualidade e questões de diferenças se exprimem pela ambiguidade e valores, visto que, para uns, há expressões de uma liberdade maior e, para outros, vigora o controle.

“Na questão de namoro, as mães são bem rígidas”.

No que se refere aos posicionamentos em relação à opção sexual, há diferenças entre pais e filhos. Os pais apresentam-se conservadores dos valores morais judaico-cristãos presentes na modernidade, segundo os quais os papéis do masculino e do feminino devem prevalecer. Assim, embora os pais expressem tolerância em relação aos grupos de opções sexuais diferentes, não apresentam a compreensão do fenômeno como algo a ser socialmente aceito e normalizado. Assim, uma das participantes relata que os pais lhe solicitam que evite a proximidade com quem tem opção sexual diferente da tradicionalmente aceita pela sociedade.

Provavelmente, devido ao fato de hoje existirem campanhas publicitárias de conscientização, de amparo legal às diferentes orientações sexuais, os discursos têm se amenizado e se tornado mais sutis em relação à discriminação, o que leva a participante a não interpretar as palavras dos pais como preconceituosas, embora o sejam.

“Meu pai acha que se eu me aproximar de um gay ou lésbica, eu vou virar outra pessoa. Meu pai é assim, não que ele tenha preconceito, ele só fala para mim afastar de algumas pessoas que é demais”.

Diferentemente dos pais, entre os jovens, os preconceitos de gênero são superados e caminham para uma cultura em que coexistem pessoas de todos os tipos de opções sexuais. Existe, na atualidade, a possibilidade de exposição das opções sexuais, o que antes era vetado. Também a convivência entre pessoas de diversas opções sexuais é hoje admitida, tolerada ou compreendida. São nuances da liberdade que não têm normas fixas na atualidade, variando as posições entre a cultura familiar de que provém o jovem.

A ideia do pêndulo se apresenta entre a modernidade e pós-modernidade. Antes, pretendia-se ter valores fixados deliberados pela cultura cristã, o que não se sustenta mais, já que hoje se manifestam múltiplas identidades, com identificações que não descaracterizam o homem, mas que confirmam um mundo efêmero e diverso.

Outra questão posta em relação à família é a “confiança”, que, na maior parte das vezes, está relacionada ao que se faz com o próprio corpo. Tal confiança se expressa no cuidado consigo.

“Se minha amiga chegar lá em casa e escrachar, minha mãe não vai gostar. Depois ela vai falar assim, não quero porque fiquei sabendo de alguma coisa”.
“Vacilar é fazer alguma coisa errada, como drogas, chegar bêbado. Se eu chegar em casa bêbado, minha mãe vai dizer: amanhã a gente conversa”.

A confiança se apresenta também na forma da liberdade, ou seja, se há confiança, é permitida a liberdade de se estar com outros sem restrições. O jovem fala em ter liberdade associando-a às possibilidades de estarem com o outro a qualquer momento, de se agregarem ao grupo de seus interesses. Os pais, por sua vez, preocupam-se com que os filhos optem ou se identifiquem com os valores do grupo em que estão, delegando-lhes as atitudes ético-morais que equivalem aos pensamentos da família, de modo que carreguem a responsabilidade de suas ações, discernindo sobre seu modo de agir, de estar com o outro. Quando há reciprocidade entre a fala e a ação, de forma a confirmar um acordo realizado pela conversa, isso se converte ou não em “confiança”.

A liberdade se consolida no estar juntos, ou seja, para se sentir com liberdade, é necessário estar de corpo presente nas tribos. O não estar presente significa uma restrição da liberdade.

“Eu acho que o que mais me irrita é, sábado assim, de noite, eu estar no computador assim, como a gente joga um drive, fica no MSN, ver aquelas

poucas pessoas estarem online por que todo mundo tá saindo e você tá em casa, e isso nossa. Isso me deixa num stress, uma dor total....”.

Pode-se considerar que o sentido de liberdade que conspirou para o individualismo durante a modernidade vem perdendo seu significado. Nos tempos atuais, ela se desloca de uma posição em que fora restrita ao sujeito, para se manifestar no coletivo. Assim, as pessoas entendem que são livres, quando podem compartilhar os gostos, os valores coletivamente, o que levaria à agregação. Poderíamos afirmar que, na atualidade, ninguém é livre sozinho, é preciso estar com o outro.

O jovem, no presente, tem, pela liberdade, a opção de aderir a comportamentos, a um grupo, o que o coloca na relação com o outro. Daí a afirmação de que a liberdade total é tirânica, pois desconsidera o outro. As tribos são territórios de liberdade, onde as informações circulam sem controle, sem censura, sem moralismo, o que vem a transvalorar os valores modernos. Longe de um niilismo, essas tribos, pela liberdade presente em seus territórios, consolidam o compartilhar de gostos, de ideias, que ampliam a comunicação e contribuem para a sua agregação. Pode-se, pelas tribos, optar livremente por gostos de qualquer natureza.

Outro aspecto importante sobre a confiança é que esta se relacionaria à liberdade e à comunicação, estando associada à possibilidade de diálogo com o outro. Nesse sentido, alguns dos pais dos participantes apostam no diálogo como forma de estabelecer confiança, considerando-o fundamental para se pensar em liberdade, criando, desse modo, um espaço onde os filhos possam expressar o que pensam, buscando o que compreendem como correto.

“Se eu fizesse alguma coisa de errado, eu não ia chegar nela e falar”.

“Eu acho que a liberdade que você tem de falar com os pais é essencial, até para você formar sua cabeça”.

“É, mas o bom mesmo é quando você tem liberdade com sua mãe, quando você conversa com ela”.

“O papel dos pais tá em ensinar e de mostrar qual é o melhor caminho, e não em proibir, dizer que não. Você não vai entender e querer fazer pra ver como é que é”.

“Ela pode passar a vida toda conversando com a pessoa, mas a decisão é da pessoa”.

“Mas aí a influência que sua mãe vai exercer sobre você pode ajudar”.

“É conversar para mostrar o que é melhor”.

Ainda se percebe que a aparente liberdade do jovem, hoje, está determinada por uma liberdade condicionada ou, de outro modo, a uma autonomia relativa. Dessa

maneira, quebrar a confiança significa o não cumprimento de acordos em torno das exigências a normas valorativas estabelecidas entre ambas as partes.

“Minha mãe é liberal, deixa eu sair, mas a partir do momento que eu dei liberdade e você vacilar, vai ser a última vez”.

Mas, diferentemente de valores de outros tempos, quando o diálogo não existia, existe hoje uma aposta no diálogo e na busca de uma mudança de atitude, o que faz com que o jovem, informado, seja o condutor de uma possível mudança. Talvez os pais saibam que o fato de “proibir”, por si só, não tenha efeitos. Os valores morais da modernidade carregavam um certo cinismo, já que os pais, moralmente, tinham de tomar a posição de proibir (a razão indicava essa atitude como valor fixo), mesmo sabendo que a ordem iria ser burlada na maioria das vezes.

No uso dessa razão, era necessário proibir, o que se relacionava com um conceito de autoridade. Entretanto, eram imposições que não eram cumpridas, pois havia estratégias para transgredir as proibições. Na atualidade, reconhece-se que não adianta proibir, ou, como diz Maffesoli, existe o alargamento da razão, pois, não se abrindo mão do cuidado, aponta-se que são necessários outros meios nos quais o próprio sujeito se coloque.

Nesse cuidado, que passa a ser uma perspectiva do cuidado de si, o papel da família, enquanto educadora e condutora, não se perde. As relações familiares, para tanto, parecem caminhar para o caminho do diálogo, propondo conversas, mesmo quando se verificam atitudes indesejáveis. Essas conversas são informações, conhecimentos com vistas a uma tomada de atitude ou mudança de atitude em relação a determinadas questões ou comportamentos. Entretanto, há o reconhecimento da autonomia, do sujeito com livre arbítrio, sabendo-se que cada um terá o domínio sobre suas próprias ações.

Tal autonomia se consolida no individualismo ou na coletividade. No individualismo, ela se volta a ações em que o outro é desconsiderado, o sujeito age para atender suas questões internas, seus desejos, prazeres e o si mesmo é egocêntrico. Na coletividade, podemos afirmar que a autonomia é relativa, pois está sempre considerando o outro, sujeitando-se a determinadas questões em favor de priorizar o conviver social.

Também as falas apontam que as características do coletivo são construídas com diálogos em que aspectos morais são transpostos, existindo o reconhecimento da necessidade da intervenção no âmbito familiar, depositado, no caso, no papel da mãe, estabelecendo-se a comunicação seja pela informação, pela afetividade, pelo conhecimento científico.

“Aquela menina engravidou. A mãe dela pode não ter conversado com ela. A mãe pode ter conversado com ela e ter quebrado o tabu, mesmo assim. Se ela tivesse auxiliado antes, talvez isto não tivesse acontecido”.

“Minha mãe pode ter conversado um monte de coisa comigo. Eu posso chegar amanhã e fazer o que eu quero”.

A moral com os pais não é a mesma com os amigos. O papel da família continua essencial e formador, mas não moralizador. Uma gravidez na adolescência não se consolida como a violação moral de costumes, mas como um problema que afeta o próprio corpo. Dessa maneira, os padrões morais modernos, sustentados pela moral do cristianismo, foram quebrados. Entretanto, no caso da gravidez fora de planejamento, a sustentação necessária à constituição de laços mais seguros para formar uma família não desaparece. A preocupação, nesse caso, não é com o que a sociedade vai julgar, mas, principalmente, com o fato de que se reconhecem as consequências que uma gravidez traz nessa fase da vida. Os valores são desconstruídos, como diria Derrida, ou tem ocorrido uma transvaloração dos valores, como já apontava Nietzsche.

Na constituição familiar moderna, com seus valores culturais influenciados pelo cristianismo, a autoridade familiar não poderia ser questionada nem infringida. Assim, no exercício de autoridade, os pais agiam proibindo o que moralmente não seria correto. O corpo era alvo desse controle, dessa imposição. O controle do corpo garantia o reconhecimento da autoridade.

Com as mudanças de costumes, principalmente no cotidiano familiar, em que a mulher deixou seu lar para ir ao trabalho, tendo que responder por afazeres cada vez maiores exigidos pela profissão, pelo deslocamento nas cidades, pelas diversas atividades desempenhadas pelos filhos (esportes, artes, cursos), o tempo de convivência familiar se reduziu, sendo inviável o mesmo controle.

Também a informação, os costumes veiculados nas mídias transcenderam. Dessa forma, seria um cinismo pensar que os mesmos padrões comportamentais estão presentes na atualidade. Reconhece-se, hoje, que proibir não é possível, controlar o corpo do outro também não é possível. Existe o acesso aos grupos, estando a potência

da família em fazer com que, pela informação, pelo diálogo familiar, pela educação (conhecimento), construam-se atitudes valorizadas em seu meio familiar, sendo algumas mais universais, outras menos. Para isso, a confiança é atribuída, no sentido de responsabilidade.

A família é local de segurança, de proteção. Os participantes percebem que, à medida que vão tendo independência, aumenta-se a autonomia, seja nas relações, na convivência social. Essa proteção vai se dissolvendo, de modo que cada um deverá assumir para si mesmo as (i)responsabilidades, os (des)compromissos, o trabalho, a sobrevivência.

“ Debaixo dos nossos pais, à medida que a gente vai ficando independente, que a gente vai perdendo essa proteção, a gente acaba descobrindo, como é o mundo lá fora. A gente consegue descobrir quais coisas boas que tem no mundo e quais coisas ruins.”

“ Não perdeu a proteção, né? Porque proteção é uma coisa assim, mas...”

“ Não, mas assim você já tem condição, você já pode sair sozinha, você já pode ter suas próprias experiências, contar com você mesmo.”

“ É, porque um dia a gente vai ter que trabalhar para sustentar a si mesmo. A gente não vai ter mais o dinheiro de nossos pais sustentando a gente. Fazendo tudo para gente igual tem hoje, entendeu?”

A experiência vivida corporalmente traz percepções que geram valores, julgamentos, transformações.

“ Acho que a gente forma as opiniões por aquilo que a gente sabe, por aquilo que a gente conhece. A partir do momento que conhecemos coisas novas, vamos mudando as opiniões. Conversar com os amigos, dando opiniões diferentes, a gente vai tomando a nossa, cada vez mais a gente vai mudando. Eu acho que sempre vai mudando muita coisa, não para de aprender, de mudar opinião mesmo, acho que sempre.”

Essas percepções são compreendidas como conhecimento, como aprendizagem, de modo que somente pela experiência corporal se chega a essa forma de conhecer.

6.8 Corpo e religião

Os participantes demonstram em suas falas haver o ecletismo religioso entre eles que se declaram católicos, evangélicos, espíritas, além dos laicos. Também suas próprias famílias são constituídas por diferentes crenças religiosas, não havendo mais

uma constituição familiar de crença única. A ambiguidade ocorre na contemporaneidade também em relação às religiões. Entre os participantes existem famílias que tentam obrigar os filhos a participarem de cultos e outras nas quais não há essas exigências, tampouco se obriga os filhos a aderirem a uma religião seguida pelos pais.

A obrigatoriedade de se ter religião se dissolveu na atualidade, abrindo espaço ao ecletismo religioso, de modo que se passa a ser aceito que as pessoas participem de mais de uma religião sem que haja preconceitos. Os jovens pesquisados compreendem que, ao se tentar obrigar a participar de um ambiente, no caso de uma igreja, consegue-se, na verdade, o efeito contrário, que é o desejo de afastamento e desinteresse em compartilhar a crença religiosa. Para eles, ter uma religião e participar de cultos deve ser fruto de uma opção pessoal.

“É, eu acho que esse negócio de católico, protestante, essas coisas eu acho que hoje em dia não tem aquela coisa igual tipo: ah! Não, ele é evangélico, essas coisas. Igual lá em casa muitas vezes minha mãe já falou que ela não dá muita importância, para eu escolher se eu quero ser católica, cristão, alguma coisa assim, sabe? Ela deixa eu escolher o que eu quero ser. Igual eu, eu já frequentei igreja evangélica muitas vezes, mas ela dá liberdade pra mim escolher, mas tem pais que não, tem pai que é católico e não gosta que a filha vai em igreja evangélica. Mas aí depende muito e eu acho que isso daí atrapalha, você acaba afastando as pessoas da igreja mesmo, entendeu? Meu pai pode ser católico e eu não gostar de ser católico e querer ser evangélica. Aí eu acabo me afastando. Meu pai quer que eu seja uma coisa que eu não quero ser, aí eu acho que isso que está afastando muito as pessoas da igreja.

“Eu participava de um centro espírita. Mas minha família nem obrigou muito não. A gente é, eu minha mãe, espírita mesmo, só que de vez em quando a gente ia na igreja no domingo de manhã...”

O domínio do corpo, antes exercido pelas religiões, vem se perdendo. Há poucas décadas, moralmente, era necessário ter religião. Isso vem se transformando, cabendo cada vez mais à própria pessoa a decisão de ter ou não sua religião, assim como definir como serão exercidas as doutrinas impostas por cada uma delas.

Costa (2009) argumenta que, na atualidade, as religiões consideradas boas seriam exatamente as que não reprimem o corpo, o que é corroborado pelos participantes. Entretanto, destaca o autor, os problemas começam a aparecer no momento em que o corpo começou a ganhar uma autonomia antes não permitida.

“Os meus pais são bem ligados à religião. Eles são espíritas também. Mas eles nunca me obrigaram a nada, assim. Eles me deixaram assim, pra me escolher. Eu nunca fui de ir em igreja, nunca fui de ler sobre religião nem nada, mas eu acredito em Deus. Mas isso é uma coisa que eles deixaram pra mim escolher e a minha ligação com a religião é uma coisa que eu criei. Agora eu vejo umas mães que obrigam o filho ir em igreja, obriga a participar de culto, e a pessoa

acaba assim, nem tendo nenhuma ligação com a religião. E acaba tendo um pouco de afastamento, porque a pessoa não gosta de fazer isso. Eu acho que essa coisa de exigir religião também é muito da pessoa. Eu acho que eu não obrigaria a fazer nada. Isso depende da pessoa gosta ou não”.

O corpo religioso entre esses jovens não é mais um corpo docilizado que atende às exigências morais que restringiam a sexualidade e os prazeres na modernidade. Na história ocidental, no último milênio, a religião já foi mais forte que o próprio Estado, vindo a obediência a Deus em primeiro plano. A separação entre igreja e Estado, que ocorreu na modernidade, não absteve dos costumes morais vigentes. No Brasil, somente com a Constituição de 1988, é que o país deixou de se declarar católico, o que fez com que outras religiões encontrassem maior espaço para crescimento de seus adeptos. Com isso, o próprio conceito da religiosidade vem se transformando. Assim, o próprio indivíduo passa a ter sua opção, não se sentindo coagido por uma indicação constitucional do Estado.

Nesse contexto, outras crenças ganham espaço de divulgação, novos cultos são apresentados e a própria constituição traz uma mudança nesse imaginário, mostrando a possibilidade de se declarar laico. Política e religião, desse modo, vão se distanciando e perdendo sua relação de poder que antes era direta. Tudo isso afeta o modo de vida e a sociabilidade e tem influência direta na pessoa e na família.

Na pós-modernidade, as religiões, que se apresentam na mesma lógica das tribos, também registram o nomadismo, já que há deslocamentos das pessoas por mais de uma religião ou culto. Participa-se de cultos no catolicismo ao mesmo tempo em que se frequenta o candomblé ou o espiritismo. Tudo isso assumido publicamente, embora possa haver discordâncias dos dirigentes religiosos.

O fato é que as pessoas e as famílias vivem hoje de outro modo, Ainda que se apresente uma tendência à religiosidade, na crença em Deus, necessariamente isso não significa ter uma religião. Tampouco se pode afirmar que há um abandono da religião.

“Porque eu acho que o melhor é a gente pensar em Deus mesmo, a religião não é muito importante. É só uma complementação.”

“Eu acho que é importante mesmo a gente acreditar que existe uma coisa maior do que a gente pra dar força, pra gente poder fazer as coisas. Pra gente conseguir, pra lutar.”

Os participantes declaram perceber que as religiões têm forte ascensão sobre os sujeitos, de modo de que todo seu aparato moral se sustenta pelos valores religiosos. A

família hoje se constitui com diferentes crenças ou mesmo entre valores laicos ou religiosos. Assim, com a própria diversidade religiosa presente na sociedade, as diferentes religiões acabam se tornando parte das tribos contemporâneas, com seus valores ou com sua forma de agregar. Não nos constituímos mais como um país monoteísta.

“Ter vontade eu tenho, mas meus pais não deixam. Meu pai não aceita porque ele é evangélico, ele acha errado um monte de coisa, ele me prende de um monte de coisa. Mas minha mãe não liga tanto não, só meu pai que é evangélico lá em casa. Ele me prende pra fazer muita coisa.”

“Igreja influencia demais na sociedade. No seu modo de vestir, nos acessórios, em tudo.”

“Ah! A religião vai influenciar até o seu ponto de vista sobre esse assunto assim, mas vai da decisão da própria pessoa.”

Destaca-se que cada religião tem sua visão de corpo com sua própria genealogia. Como o corpo é posto sob um controle e disciplinarização religiosa, o modo de agir emerge de uma regra externa ao sujeito.

“Meu pai é muito controlado pela igreja, então é, ele me proíbe muito de fazer esses negócios.”

“A religião consegue influenciar a cabeça da pessoa...”

“Uma pessoa fica obcecada pela igreja.”

Perguntados se veem algum outro órgão ou instituição que busque um controle do corpo, os sujeitos citam a “mídia”. Embora essas “instituições” possam estar associadas ao controle do corpo na sociedade, elas agem diferentemente no imaginário. A mídia age pelo desejo do próprio sujeito que quer ser reconhecido socialmente por aderir aos apelos por ela veiculados, enquanto que a religião promove o temor a Deus pela não obediência às normas que por Ele seriam estabelecidas e que devem ser seguidas.

“Ah! Acho que só a mídia mesmo.”

“Só a mídia mesmo.”

Busca-se fazer da religiosidade o que o corpo pede, de forma que não se seja conduzido por imposições externas, mas por uma vontade de potência inerente à própria pessoa que ganha sua liberdade.

Os cultos têm sua estética. Os participantes compreendem que é necessário estar de corpo presente, predisposto a participar, atento ou concordando com o que ocorre durante sua realização e não somente se fazer encarnado no local.

“Mas se você não tem interesse, entra por um ouvido e sai pelo outro. Você não aprende nada daquilo. É melhor você ficar em casa.”

“Você vai pra lá. E vai fica lá voando. Vai ir, só pra falar que foi pra, ah!”

“Meu pai e minha mãe são bem rígidos com essa negócio, (inaudível). A pessoa chegar e obrigar você ir, é melhor vão nem ir. Você vai tá lá dentro com a cabeça em outro lugar, então é melhor você nem ir na igreja. Igual, eu vou, tem dia de domingo que minha mãe chama pra eu ir, eu vou com ela. Mas às vezes quando você não tá a fim, ela vai e insiste pra mim ir, aí eu falo, não vou não, o que adianta eu ir, se eu não estou com vontade.”

É apresentada uma distinção do que seria a religiosidade e a religião. A religião, seus templos, seus cultos são vistos como invenção humana, que apoiam o homem em suas dificuldades, que faz dar algum outro sentido à vida, mas isso teria de vir por escolha. A religiosidade implica fé em alguma coisa, mas não está vinculada às doutrinas pregadas pelas religiões. O fato de não ter uma religião não afasta o homem de sua religiosidade.

“Não é porque você não vai na Igreja que você não acredita em Deus, né?”

“Se você acredita também, não precisa de ir na Igreja.”

“Ela pode não gostar e ser obrigada a ir muitas vezes. Eu acho que não é legal obrigar, cada um tem escolher o seu. Quando a pessoa ficar mais velha e tal, aí ela escolhe o que quer seguir. Eu acho que a religião também é uma coisa criada pelo homem e tal. Aí eu acho que não tem tanto a ver, não é obrigado a ter uma religião. Acho que se você se dá bem com uma sendo você sem precisar em acreditar em nada dessas coisas, tudo bem. Eu acho que é importante às vezes para algumas pessoas, que pode fortalecer, ela conseguir vencer as dificuldades da vida.”

“Cada um tem que decidir se quer ir mesmo. Você escolheu ir ou não acha que tem necessidade de ir na igreja ou alguma coisa assim. A pessoa tem que identificar com alguma coisa ou ela deixar de lado e continuar vivendo a sua vida normalmente.”

Com as mudanças no conceito religioso na contemporaneidade, o foco dado pela religião sobre o corpo se transforma. Há entre os participantes a distinção entre o que é posto pelo homem pelo poder de igreja, que se apodera do corpo, e o que a crença em Deus representa na vida.

“Acho que é a igreja que impõe, não é a religião não, entendeu?”

Uma vez em que não há mais exigência de se ter a religião, a própria força política com a qual ela se constituiu nos últimos séculos se dissolve e ela se volta para

um corpo que se aproxima da religiosidade. As coisas não seriam o que são por desejo de Deus, mas por vontade do homem, o que não o afasta de suas crenças. Mesmo com o avanço das ciências que levou o homem a crer que dominaria a natureza, com a implantação de regimes políticos, que afastaram a igreja do Estado, com o ateísmo de Marx, que se expandiu por alguns regimes, o imaginário religioso se faz presente entre os jovens. Dessa maneira, conceitos de bem e mal, do romantismo de que o homem não tem a maldade em sua natureza são compreendidos de outra forma.

“Eu acho que bem e mal não existe, eu acho que o que existe, são pessoas más e pessoas boas.”

“Todo mundo tem um pouco de maldade...”

“Tudo bem que os bons estão escondidos ultimamente, né? Nos nossos dias assim. A gente tá vendo mais o mal, assim, sabe?”

“Todas as pessoas têm o lado bom e o lado ruim. Só que tem umas que estão mais com o lado ruim do que com o lado bom.”

A modernidade foi marcada pela presença da religião, talvez em escalas diferentes da Idade Média. Nessas duas épocas, o corpo passou por transformações, sendo que os rituais de sacrifício e castigos corporais medievais foram abolidos. Foucault lembra que, na modernidade, surge o corpo social cuja preservação se mostra necessária à manutenção política do Estado, o que faz com que o corpo seja pensado em sua docilização por diversas tecnologias. Também a igreja se faz manifestar pela intensidade de repressão à sexualidade.

Na atualidade, vemos que o arcaísmo da religião se faz presente, não perdendo sua característica de ser um espaço para se cultivar o bem, mas outros sentidos também surgem em sua atuação social. A religião hoje se insere no tribalismo, no nomadismo, na ambiguidade, no território das incertezas, do não fixo, embora não perca sua essência da crença no divino, no cosmológico.

“Eu acho que a religião, todas elas, é um trabalho sério, e se você pegar isso ou aquilo, aquela essência boa da religião, isso vai influenciar. Mas não há regra, religião influencia sim. Não só porque a pessoa tem uma certa religião, tem uma religião e acredita em Deus, que ela vai ser uma pessoa que tem predominância de atos bons. E nem só porque uma pessoa não tem religião, ela vai ser de todo mal. Muitas vezes ocorre o contrário, assim, não é uma regra. Influencia, mas depende mesmo de cada pessoa.”

As ambiguidades, as contradições são características da atualidade, o que consolida o tribalismo. Há diversas tribos religiosas, a dos radicais e fundamentalistas,

dos laicos, dos que frequentam sem compromissos, dentre outras. Também foi apontado que pessoas saem de si assumindo uma identificação para serem aceitas em um grupo.

“Hoje em dia tem dois extremos. Tem pessoa que vai na igreja, fica radical, usa somente saia e tal. E tem a outra que vai na igreja e continua fazendo bobagem e nem liga. Tem gente que não está ligando pra Deus. Porque ainda tem o aspecto que é... hoje em dia a gente tem preconceito com tudo, e até quem é de igreja, a gente chega assim e: Ah! Aquela pessoa é crente, aquela pessoa não faz nada. E aí a pessoa, até para ela se poupar disso e não ter que escutar as coisas à toa, acaba encenando que gosta de sair, gosta de fazer as coisas, mesmo que ela não goste, para as pessoas não encherem o saco dela.”

Desse modo, os participantes citam que o bom e o mau não são oriundos de quem tem ou não religião.

“Tem muita gente que pode ir na Igreja e fazer um monte de coisa ruim, e tem gente que pode não ir e fazer um monte de coisa boa.”

Os participantes compreendem que caráter, atitudes podem ser influenciados pela religião ou por qualquer outra instância de convívio social, não se reconhecendo a religião como espaço fundador e determinante para que a pessoa adquira comportamentos éticos e de alteridade. A imagem e sentido de quem tem religião acaba representando que essa pessoa teria a prerrogativa de ser bom, entretanto, os participantes contestam o fato. A igreja também vem perdendo espaço entre os jovens, não sendo mais um espaço social obrigatório como em outras épocas. Por isso, também tem buscado outras linguagens para atrair os jovens.

“Eu acho que não. Tem muita gente que está deixando a religião de lado, está mostrando quem ela é, entendeu? Hoje em dia eu acho que a religião está ficando um pouco de lado.”

“Ah., porque hoje em dia... Antigamente eu acho que todo mundo falava: Ah, a igreja, a igreja, a igreja, a igreja. Hoje em dia nem... acho que muita gente não está interessado com esse negócio de igreja.”

“Eu acho que a igreja evangélica marca mais encontros assim, dos jovens, por exemplo, tem muito jovem que fazia um monte de coisa que não é legal e tal, que não é boa pra ele, e entra para a igreja, para com tudo e fica só pensando na igreja. Tem muito jovem que está achando bacana isso. Acha que é mais porque, assim, acha que tem que mudar, assim, de alguma forma a vida, e tem que tomar uma decisão dessa, de mudar radicalmente.”

“Influencia mais em algumas atitudes da pessoa, mas não influencia no caráter dela.”

Na modernidade, a igreja exerceu uma força externa que determinava o que a pessoa deveria ser, suas atitudes, seu caráter, ou tudo o que se traduz na atuação imposta ao corpo. Na contemporaneidade, esse fato perde seu lugar como regra geral, havendo o

reconhecimento entre os participantes que algumas pessoas são afetadas com todo esse domínio sobre ela, enquanto outras têm ciência de que não desejam essa forma de influência, devendo seu “eu” ser preservado.

“ Se ela gosta também, ela vai seguir os modos que a religião dela é, entendeu? Nem por isso ela vai deixar de ser o que ela é por causa da religião não.”
“ É, e tem gente que vai na igreja e não muda o jeito de ser, naturalmente não é todos os dias.”

Os participantes compreendem que algumas igrejas querem ter um controle do corpo restringindo os lugares que seus seguidores frequentam, suas formas de lazer, exigindo uso de marcas corporais como o controle das roupas que podem ser usadas, os cabelos, além de diversas restrições morais postas por suas doutrinas.

Todavia, os participantes comentam que essas exigências frequentemente são ignoradas, já que muitos participam de atividades de convívio social, mesmo que estas estejam em desacordo com as orientações religiosas. Essas exigências, que seriam “exageradas” para o grupo pesquisado, acabam por provocar o afastamento do jovem dessas igrejas que radicalizam as cobranças. Estas costumam ser consideradas locais marcados pelo fanatismo onde a pessoa, sem espaço para si mesma, vive do que o exterior exige dela, ou seja, ela somente age em função do que é permitido pelo outro que, no caso, seria a religião.

“Igual, eu vou, mas eu não deixo de sair, de ir para outros lugares.”
“ Eu também, eu não deixo de ter meu lazer por causa de religião não. Acho que vai muito pela cabeça da pessoa.”
“ Mas aí também tem uma coisa da religião também, porque tem igreja que não permite, roupa, cortar cabelo, aí eu acho que é exagero, sabe?”
“ ... mas aí eu acho exagero. O que vai ter o tamanho da cabelo pra algumas pessoas que são evangélicas? Acho que não muda isso, e por isso que às vezes eu deixo de frequentar algumas igrejas por conta disso, você tem que usar tal roupa que... que é tipo como se fosse uma marca, você não poder cortar cabelo, acho que isso é muito exagerado e essas coisas que as igrejas cobram.”
“Eu acho que tem gente, né? Tem gente que, é, sabe viver uma religião, mas tem gente que, é também, é fanática também, né? Não sabe o que é religião e acaba vivendo uma coisa que ela não sabe o que é, entendeu?”
“Ela leva pra tudo.”
“É. Ela vive na religião dela, na igreja dela.”
“Muda todas as suas opiniões, tudo que acreditava e fica só pensando naquilo.”
“E outra, se você falar pra ela, ela até bate em você, entendeu? Ela até briga.”
“Pra gente que olha aqui, acha isso uma loucura, mas acho que eles é normal.”

Enfim, a religião, certamente nos limites apontados, é tida como uma ferramenta a ser utilizada para apoio, fortalecimento pessoal, para uso da razão e do bom senso.

“Religião é até uma boa ferramenta, aconselhada, a razão e ao bom senso.”
“Quando você tá numa situação ruim, você corre mais também, além da família, você corre também pra religião.”
“Assim, então eu acho que às vezes... e o bom senso influencia muito, você,... a sua religião manda fazer algo que você acha errado. Só porque é sua religião, não quer dizer que você tenha que fazer. Porque sua razão, você na sua razão, você vê que isso daí não faz o menor sentido. Seu bom senso, ah! Porque eu vou prejudicar alguém com isso.”

6.9 Corpo e drogas

A questão surgiu por provocações feitas a partir da apresentação da figura 05 e por questionamentos previstos pelo questionário elaborado para a pesquisa. Assim, os participantes se manifestaram sobre o uso e consumo de drogas nos grupos, confirmando que as drogas são disseminadas e estão presentes em todos os ambientes de convivência, inclusive a escola.

Se há pouco tempo seu consumo era restrito a grupos que se fechavam e criavam uma identidade em torno do uso de drogas, hoje se encontra dissolvido em diversos grupos que já não se caracterizam por essa identidade, estando presente em diversas tribos que se reúnem por outras identificações que não as drogas, mas que se compõem também de jovens que fazem o uso desse tipo de substância.

A questão do uso de drogas está associada às discussões sobre corpo. Podemos encontrar análises que relacionam o tema em uma perspectiva cartesiana, na qual as drogas afetariam corpo e mente, ou mesmo uma perspectiva mais fenomenológica do sujeito, com uma visão mais holística e complexa sobre o tema. Observa-se que o consumo de drogas em determinado momento está associado ao uso dos prazeres, à dependência física que leva à degradação corporal ou da própria vida e também a formas de violência presentes em nosso cotidiano, o que nos leva a refletir sobre como o jovem de hoje convive com o tema.

A questão remete à necessidade de que haja esclarecimentos sobre o tema com conhecimentos e informações, cabendo à escola, à família e ao Estado o papel de

enfrentar esse problema. Como a química²⁵ das drogas é abordada em todos os ambientes, a discussão desse tema nos currículos escolares, de forma multidisciplinar e interdisciplinar, é mais que uma necessidade. A desinformação não seria para os participantes um motivo convincente para se justificar o ingresso no mundo das drogas.

“É. E hoje em dia você não tem como falar que você entrou por não terem te avisado. Porque o que mais tem é anúncio, hoje em dia o que mais tem e todo mundo sabe o que é, o que acontece, é isso.”

“Só os mais fracos, só os mais fracos.”

A oferta de drogas na atualidade é quase explícita, o que estimula seu consumo por gerar a curiosidade para uns, a busca de renda pelo tráfico para outros. Entretanto, compreendem que o efeito pode ser desastroso, já que, ao se tornar viciado, sair dessa posição se torna difícil.

“E tem isso, questão de dinheiro, eu acho que hoje em dia está sendo fácil entrar nas drogas, mas tá difícil você sair. Por que as vezes você pode ter uma condição boa, mas hoje também, muita pessoa que tem condição boa tá entrando nisso, por que está fácil né?”

“Ele é bandido que vai destruir a família, que vai destruir a vida de alguém, ele quer dinheiro fácil.”

“É. E está sendo muito fácil, porque é muito fácil.”

“E esse que é o problema, às vezes eles buscam isso porque o dinheiro está fácil, entendeu? Está dentro desse mundo, dessas coisas de drogas, o dinheiro lá pra ele está muito fácil. Você pode ver que hoje em dia você não vê traficante andando desarrumado hoje não, porque o dinheiro é tão fácil.”

Na opinião dos participantes, a família seria o principal suporte para não se entrar no mundo das drogas, assim com também o principal apoio para que se possa dele sair. No entanto, reconhecem que a responsabilidade, a decisão de iniciar cabe à própria pessoa.

“Ah. Eu acho que esse negócio. É, porque se você vem de uma boa família, que.... ter uma família assim pra te dar apoio, essas coisas. Se você não tiver e entrar nas drogas e não ter uma família para poder te dar apoio, você vai continuar naquilo e não vai conseguir sair mais.”

“É. Mas eu acho que essa questão de dar conselho, igual, você não pode julgar ao país por ter dado conselho a uma pessoa que hoje é um viciado. Porque

²⁵ Utilizamos a expressão “química” buscando um duplo sentido que a palavra pode carregar, sendo um associado à perspectiva epistemológica das áreas científicas da Química e seus efeitos na fisiologia no corpo humano, ou no sentido popular utilizado pela expressão que viria a significar todo um contexto social que seria afetado em função desta “química”.

minha mãe me dá conselho até hoje, mas pode ser que amanhã eu entre pro mundo das drogas, aí as pessoas vão julgar ela, vão falar que ela não me deu conselho? Porque hoje em dia cada um tem a sua decisão, mesmo sendo criança ou não.”

Para os participantes, o consumo de drogas é visto como algo que afeta diretamente a racionalidade do sujeito cuja credibilidade pode ser questionada.

“As pessoas que usam drogas não é dado muita importância ao que dizem”.

Também apontam que, no mesmo sentido acima, o desespero leva a pessoa à perda da racionalidade, levando a ações que não medem consequências. Compreende-se que o elo com a vida se perde.

“Viciado tá é doido...”

“Porque viciado não quer saber se eles vão morrer amanhã. Eles não querem saber se eles vão morrer amanhã.”

“- Igual passou hoje à tarde, no jornal agora de tarde, o cirurgião dentista que roubou um desodorante para poder comprar droga. É meio triste, um pessoa que já é formada, tem condições de, assim, de ter...”

- Fez o quê?

- Roubou o desodorante dentro da farmácia.

- Que isso!! Dentro da... Ele está desempregado?

- Não.

- Se fuder à toa...”

Não foi apresentado nas falas um olhar dualista que separa corpo e mente. As drogas afetam a pessoa integralmente, sem a distinção entre corpo e mente.

Também os jovens acreditam saber lidar consigo mesmos em relação às drogas, afirmando:

“Eu sei o que eu faço”.

Conhecimento e ação estão representados nas expressões “Eu sei” e “eu faço” respectivamente. A ação (o fazer), segundo o participante, seria uma ação intencional porque seria efeito do conhecimento (saber). Seguros da causa e seguros de si mesmos, esse “Eu” representa o conhecimento do tema e a segurança para lidar, diferenciar e decidir sobre as posturas e os relacionamentos diante da situação de usuários de drogas no grupo.

Contextualizando a fala do participante, a afirmação dos atos do saber e do fazer remetem a um sentimento de responsabilidade sobre si mesmo em relação ao tema. O cuidar de si é um cuidado corporal que implica ter saberes sobre o tema, seja pela

informação científica, pelo senso comum, pela mídia, pelo convívio familiar, ou qualquer outra fonte, mas que resulte em ações éticas consigo mesmo.

Entretanto, o saber não implica, necessariamente, uma visão que resulte em ações positivas sobre o corpo. Há diversas modalidades de uso de drogas na atualidade e o tema não se restringe somente a drogas alucinógenas. Os jovens sabem, pelo conhecimento científico, sobre os prejuízos ao corpo produzidos pela utilização de drogas nas dietas milagrosas, pelo uso de anabolizantes, por suplementos alimentares ou drogas lícitas como o álcool. Mas esse “eu sei” está carregado de subjetividades que levam a um agir por vontades e desejos.

A crítica feita à razão, na modernidade, mais uma vez se apresenta. Mesmo tendo conhecimento de riscos e ou prejuízos ao corpo, agimos de forma “irracional”, já que somos impulsionados por outros fatores contrários à racionalidade ou à moral. O corpo desestabiliza a razão. Verifica-se que agimos também pela emocionalidade e que podemos nos questionar sobre o que fazemos com o conhecimento que adquirimos, vez que nossas ações não são orientadas exclusivamente pela razão.

Na contemporaneidade, a questão das drogas não se encontra oculta, pelo contrário, está explícita na sociedade e os jovens têm conhecimento sobre o tema. Não há “segredo” sobre o consumo entre os jovens e também não há necessariamente a exclusão do grupo por conta de drogas. Dentre os participantes, nenhum se declarou usuário, tampouco houve falas moralistas sobre o tema. Isso indica que há aceitação ou tolerância ao uso de drogas, mas com o (re)conhecimento sobre seus significados e representações.

Todavia, não se está querendo dizer, com isso, que os jovens estariam caminhando para um mundo de anomia ou niilismo. Apesar de haver tolerância, aceitação ao outro que consome, no grupo entrevistado não se fez referência ou apologia ao uso de drogas. Também há evidências de que tudo o que não é benéfico ao corpo e à saúde, em sentido amplo, é considerado como algo não desejado ou que poderia ser evitado.

Outro fato observado é que não poderíamos afirmar que os jovens são indiferentes em relação ao consumo de drogas, pois apontam e separam os usuários de não usuários. O tratamento apontado pelos participantes em relação ao consumo de drogas indica que estar juntos possibilita um caminho para uma sensibilidade em que,

na relação com o outro, os valores não se perdem, mas se reconstróem outros, reiterando suas manifestações sobre as formas de viver no mundo:

“Ah, depende, tipo, tem gente ou usa droga ou bebe demais ou é meio doidinho assim. Mas, então aí, a gente não tem problema, não vejo problema, mas tipo assim, uma pessoa que faz uma coisa muito errada. Assim, tipo, rouba, eu não, eu não iria ficar muito aproximada dessa pessoa. Pelo contrário, eu ia desaproximar...”

“Se uma pessoa rouba, aí sim, me afasto dela”.

Encontra-se também na questão das drogas um paradoxo entre os jovens. Por um lado, aceitam os que fazem uso, negam-se a fazer o mesmo, não discriminam os usuários amigos, mas desconfiam dos usuários que não pertencem ao grupo e buscam aproximação, ou se afastam dos desconhecidos. Embora existam pré-conceitos, tolera-se.

“Não deixo de falar, se conhecer. Se for estranho, me afasto”.

A referência de identidade não se perde. Preocupam-se com a imagem.

“Se um usa droga, dou uma desculpa para não ficar muito tempo com ele”.

“O que os outros vão falar se ficar muito tempo com ele”.

Estaríamos em um tempo que faz com que as dicotomias tradicionais sejam superadas. Outros valores existem nos sujeitos que são reconhecidos. Também as tribos se reúnem por gostos em comum e o traço do nomadismo se faz presente. Nesse nomadismo, os indivíduos se deslocam de uma tribo para outra conforme um determinado gosto. Isso remete à lógica da identificação. Ou seja, os usuários de drogas não pertencem mais a um grupo fixo, mas se dissolvem entre as tribos que carregam diferentes gostos, inserindo-se ali pela identificação.

Se o espaço para identidades fixas, de fato, dissolveu-se, não significa que o indivíduo não tenha características e valores que partam de sua interioridade. Percebemos isso, quando, ao falar, parte-se de um consentimento do próprio sujeito, ou seja, de algo interno.

Ao estar em um novo grupo, são observadas as manifestações das pessoas que ali se agregam. Em certas ocasiões “saem de si” para se agregarem ao grupo, acatando os valores ali instituídos, abrindo mão de determinadas concepções. Isso não significa perder seus valores pessoais, mas aceitar diferentes comportamentos das pessoas ali

inseridas. É o que ocorre no caso das drogas. Mesmo sabendo que alguém é consumidor, o grupo não exclui.

A droga, portanto, apresenta-se na lógica da identificação e no atual espírito do tempo em que enfatizamos muito mais o que une do que o que separa. No caso do usuário de drogas, não há motivos para separar.

6.10 Corpo: diferença, preconceito

Um dos temas tratados no grupo focal foi a forma como o corpo e as questões de diferença e preconceitos são vistos pelos jovens na atualidade. Consideramos, nesta pesquisa, que, no tribalismo contemporâneo, as tribos se formam com características da atmosfera de nossa época ou o espírito de nosso tempo, como uma força agregadora que se instaura através da lógica da identificação, transcendendo os agrupamentos clássicos da modernidade, que se sustentaram pela identidade.

Foucault (1979) salienta que, no início das sociedades industriais, foram criados dispositivos de seleção entre normais e anormais, instaurando um aparelho punitivo. No século XIX, criaram-se aparatos disciplinares e de normalizações que deveriam penetrar nos corpos interferindo nos gestos e nos comportamentos.

O autor também nos mostra que, na monarquia, o corpo do rei é o que preservava o seu funcionamento. Já na república, quando não há mais necessidade desse corpo, é o corpo social que se torna um novo princípio. Desse modo, a proteção dada ao corpo do rei pela eliminação dos doentes, pelo controle dos contagiosos, é substituída por métodos de assepsia como a criminologia, a eugenia, a exclusão dos degenerados. A materialidade do poder passa a ser exercida sobre o corpo dos indivíduos.

A ideia do anormal permanece ao longo da modernidade e mais recentemente formaram-se as tribos emos, metaleiros, skatistas, góticos, feministas, dentre outras, que se formaram com referência em identidades fixas que, em sua maioria, eram estigmatizadas socialmente e acabavam por se agrupar como forma de resistência.

Destaca-se que Maffesoli cunha a noção de nomadismo para esse tempo de transição, já que essas identidades fixas vão se dissolvendo e a ideia de identificação

vem se consolidando. Assim, as tribos atuais se constituiriam de acordo com os interesses da pessoa para cada situação, havendo deslocamentos entre elas.

Para Foucault (1999), esse aparato não deixou de ter o corpo como seu alvo. Com a sexualidade nos últimos séculos, o corpo tornou-se alvo de vigilância e controle, principalmente promovidos pela igreja. Contudo, essa vigilância intensa acabou por constituir uma reivindicação de cada um por seu próprio corpo, levando ao fato de que, na contemporaneidade, esse controle-repressão fosse substituído por um controle-estimulação, sustentado por questões econômicas. Dentre as estimulações surgidas com a sexualidade, geradas pela descoberta do próprio corpo, o coletivo, juntamente com a mídia, aponta para que se seja magro, bonito, malhado.

Entre os participantes do grupo focal, encontramos indicativos de que estaríamos em uma época em que o anormal vem se dissolvendo e as diferenças e preconceitos começam a ser compreendidas e normalizadas no social. Isso se mostra na indignação dos participantes ao apontarem que o maior desrespeito que existe é o preconceito.

“É o preconceito, né? Porque a gente tem preconceito quando você não conhece aquilo e julga de uma forma errada.”

“Porque por mais que as pessoas sejam diferentes, todo mundo tem as suas qualidades. Como a gente não conhece a pessoa, a gente só vê o lado ruim normalmente, que a gente não tem a chance de conhecer o lado bom da pessoa.”

Também encontramos os mesmos indícios nas entrevistas quantitativas, que representam o conjunto de alunos representantes do colégio. Nas respostas, os dados confirmam que as formas de preconceitos são altamente repudiadas por 84% dos entrevistados e seus amigos, o que pode ser visto no gráfico 08 (anexo).

O valor atribuído ao tema pelos jovens talvez se deva ao fato de que, na atualidade, a questão tem sido bastante tratada na escola e em campanhas midiáticas, fazendo com que a atual geração jovem compreenda as diferenças com outro olhar, reduzindo as manifestações de preconceitos e discriminação, uma vez que os saberes sobre o tema se tornam sistematizados na escola, nos livros didáticos adotados pelo MEC, em que o tema é tratado em uma perspectiva multidisciplinar.

Do mesmo modo, marcas corporais antes marginalizadas hoje ganham total aceitação, de modo que nenhum dos participantes (0%) manifesta discriminações em relação a pessoas com corpos marcados (“piercing” ou tatuagem).

O gráfico 06 (anexo) nos permite constatar o repúdio presente entre os jovens no que se refere a questões “irracionais”²⁶. Perguntados sobre o que achariam irracional; 31,5% afirmam que seus amigos consideram irracionais atos de covardia; 37% afirmam que os amigos consideram irracionais atos de preconceito; 10% respondem que irracional, para seus amigos, são os atos de racismo, 13,5% declaram que “bullying” é irracional, e o restante, formado por 8%, deram outras respostas.

Na modernidade, agrupamentos clássicos eram marcados como “diferentes/excluídos”. Estes carregavam marcas, impressões e constituíam identidades marginais, já que não apresentavam comportamentos universais, o que acabava por reforçar o processo de exclusão. No tribalismo contemporâneo, uma vez que não há exigência de uma identidade, os grupos se formam por identificações e o nomadismo se faz presente, as diferenças são aceitas e compreendidas e os membros do grupo reconhecem que estão reunidos normalmente por algum gosto em comum.

“Cada um tem seu jeito de ser. O grupo respeita este jeito, aceita as diferenças”.

“As pessoas têm de aceitar seu jeito de ser”.

Na lógica da identificação nos apresentamos como nômades, fazendo um comércio que se fundamenta na circulação, seja de pessoas, de amores, de bens. Somos nômades e circulamos entre as tribos de modo que, em determinados momentos, podemos estar em uma tribo e, em outro momento, deslocarmo-nos para outra. Existe, na atualidade, a opção em escolher os amigos ou as tribos, sendo que as características da pessoa é a principal forma utilizada pelos participantes para se estabelecer laços que garantam o estar juntos.

“Acho que é a maneira da pessoa ser, como ela te trata, como trata seus amigos, os amigos dela”.

“Se você se sente bem com as pessoas”

“Falar mal de outra é o principal meio de afastar o outro”.

Os preconceitos estão nas marcas corporais que identificam o indivíduo como anormal. Tais marcas são signos de um desvio que autorizaria uma tipificação, normalmente estereotipada, do indivíduo. Caso ele não corresponda aos padrões, comportamentos e valores universais, ocorrem os processos de exclusão. Ou seja, o que

²⁶ Decidiu-se pela utilização do termo “irracional”, uma vez que se constatou que, na linguagem dos jovens, o termo é o que melhor trouxe sentido as respostas esperadas foi este.

o caracteriza como diferente, muitas vezes, pode ser considerado, dentro de uma lógica padronizada, como anormalidade, o que constitui outras formas de ver o corpo.

Perguntados sobre qual seria o pior preconceito, a resposta veio imediata: o racial, seguido do de classe e da opção sexual. Os dois primeiros seriam inadmissíveis, parecendo haver um acordo social quanto à sua representação, enquanto que as diferenças sexuais são apontadas como diferenças ainda a serem superadas na sociedade, mesmo que entre os participantes do grupo focal essas diferenças sejam toleradas, ou mesmo aceitas e compreendidas.

Embora a tolerância se manifeste entre os participantes, eles revelam que não desejam aproximações que remetam a qualquer demonstração de afetividade. Utilizam a palavra “respeito” para expressar o sentido do que pensam, apontando que esse respeito deve ocorrer de ambas as partes.

“Eu aceito numa boa, desde que não mexa comigo, eu me sinto incomodado”.

“Ele tem de respeitar a gente e a gente respeitar ele. Dá pra conviver numa boa”.

“Você sabe o que ele gosta e o que a gente não gosta”.

Os sites são apontados como formas de comunicação em que o preconceito se apresenta e é divulgado com bastante intensidade. Os jovens desejam que haja ações efetivas para coibir essas manifestações pelas redes sociais. Para isso, sugerem que as manifestações nas redes sociais que inibem essa liberdade sejam proibidas.

“Acho que a internet influencia muito, pelos sites como Orkut que tem várias comunidades que são a favor ou contra homossexual”.

“Eu acho que essas coisas de site, essas coisas de comunidades de Orkut, acho que é uma coisa que colocou a discriminação, a violência, essas coisas assim. Igual a comunidade “eu sou contra homossexuais”.

“Nos sites, você pode se expressar, e ficam falando mal, isso é uma coisa ridícula e tinha de ser proibido. A pessoa acaba ficando mal porque entra num site de relacionamento, você conhecia as pessoas, você se sente humilhado entrando e vendo aquele monte de coisas, falando mal....tem gente que não assume por medo de sofrer preconceito”.

A opção sexual “homo” é admitida, o que confirma as reflexões sobre questão de gênero na contemporaneidade em substituição à polaridade entre o sexo masculino e o sexo feminino que vigorou na modernidade. A diferença é bem-vinda e enaltecida.

“Por um lado tem o preconceito, por outro se todos fossem iguais, não ia ter essa coisa, ah.. melhor amiga, não ia rolar essa diferença”.

Em relação ao preconceito, a televisão e a internet foram citadas, por considerarem os participantes que “ela impõe padrões de beleza”. Segundo eles, o

padrão corporal de beleza veiculado por essas mídias produziria preconceitos que não se enquadram aos parâmetros corporais estéticos do que se considera como belo. O culto ao corpo emerge no atual paradigma estético.

Além de uma imposição social aos padrões corporais, aqueles que não se enquadram nesses parâmetros considerados próprios do belo seriam olhados com preconceito. Isso geraria uma insatisfação, que, por sua vez, geraria uma busca, um sentimento de devir, alimentando o consumo de produtos estéticos, de academias, de “personal trainer”s”, de cirurgias plásticas etc.

“... eu acho que influencia muito isso, é..., tem padrão de beleza também, sempre afeta assim essas coisas, e eu acho que a internet influencia muito e pode gerar mais preconceito”.

Os sites de relacionamentos aparecem como meios de estigmatizar o outro que não vê espaços ou tem receio para reagir, caso seja identificado. Os entrevistados reconhecem esses sites como forma de violência dirigida ao outro, descrevendo-os como forma de humilhação. Assim, quem não se enquadra nos padrões corporais “impostos” pela TV poderia se sentir excluído.

Nas questões formuladas para serem abordadas pelos participantes do grupo focal, buscou-se também compreender aspectos da convivência na escola, uma vez que ali convivem pessoas de diferentes tribos e se diferenciam dos espaços informais onde as relações se estabelecem com espontaneidade, já que não há a obrigação do convívio.

“Na escola, amigo da turma inteira não existe”.
“Por conviver todos os dias, acaba sendo amigo de alguém”.

Há, entre os participantes, o reconhecimento de que o território escolar é constituído por pessoas de diferentes tribos que convivem no mesmo ambiente. Como o colégio utilizado na pesquisa tem seu ingresso por sorteio público das vagas para alunos, registra-se uma grande procura por parte de todos os grupos sociais, incluindo moradores de dezenas de bairros da cidade, o que faz do colégio um ambiente heterogêneo, onde há possibilidade de se conviver com as diferenças. Nesse sentido, a compreensão da diferença é um exercício nas relações escolares vividas cotidianamente.

Foi levantado, na realização do grupo focal, que algumas diferenças podem ou devem ser transformadas em direitos, devendo haver legislação que ampare a consolidação dessas mudanças de valores.

“ Só a única diferença é que são homens, mas agora, é ridículo isso. Igual, foi legalizado agora, por quê? Eles não têm nada de diferente, eles são humanos também. Eles não têm culpa de um ter aceitado, é, a mudar de sexo, a gostar de um cara que pode não ser a mesma coisa que ele. Ah! É, eu acho ridículo isso, igual hoje, você pode chegar lá e fazer tudo e casar, ou casa com ele, igual hoje, chegar lá dois casais, e do meio lá, um com outro. E vão falar: vocês não podem casar. Eu acho que é uma coisa muito ridícula isso.”

“Eu acho que foi o que eu falei mesmo, eles podem não gostar, podem não concordar, ter algo contra etc., mas respeitar é acima de tudo isso. Não gosta? Tá. É opinião sua, mas o respeito é acima de tudo, de qualquer religião.”

“ Eu acho que isso pode deixar pra eles, né? Não divulgar muito as coisas que não gosta. Legaliza de uma vez, mesmo você não gostando. É só naquele momento ali, que você está juntando os dois lá e pronto. Depois vira as costas e finge e pronto. Pelo menos você tá fingindo que você fez pra eles também. Isso vai mudar o que não sua vida? Vai mudar o que na minha vida se eu virar pra vocês e falar: não. Vocês não podem se casar, porque vocês são um casal gay. O que que vai mudar na vida dele isso? Não vai mudar nada.”

“ Vai mudar na vida da pessoa que vai poder casar.”

“É as pessoa vão ser bem felizes casando com quem ela está.”

“Pelo menos vai ter menos preconceito e assumindo não gosta mesmo.”

“ A vida deles não vai mudar nada. Vou chegar e vou falar, não você não pode. Vai mudar o que na minha vida falar isso? Vai se sentir mal na boa. Eu não gosto e pronto. Mas aí já é uma coisa de preconceito, você falar que não. Então tem que legalizar agora.”

“Mas aí onde fica o direito de liberdade deles não quererem casar, do casal?”

Compreende-se que o maior foco de resistência à legalização de relações homossexuais está nas religiões, que apontam valores morais apontados por Deus que não devem ser desrespeitados.

“Tem muitas religiões que não aceitam, é um direito deles entendeu? Eu acho que ninguém tem que proibir, agora eles... Uma coisa, assim também, que eu não concordo é discriminar, discriminar acho que ninguém tem que discriminar ninguém. Eles tem o direito de não querer o casamento de gay, entendeu? Porque é uma opinião deles.”

“Isso é um direito que eu tenho para minha escolha.”

“Ah. Tem ter respeito de um ao outro.”

“ Não, mas aí o mesmo direito que eles têm de não aceitar um casal gay.”

“ Não é, não aceitar o casal, é o casamento.”

“ Não aceitar o casamento gay, porque eles também não podem, é, ser contra o casamento de um homem e uma mulher.”

“ Não. É um direito dele não querer fazer.”

“Poder pode, o negócio é eles aceitarem o casamento.”

6.11 Marcas Corporais

Também no que se refere às diferenças, foi feita uma provocação em relação à forma como os jovens se manifestam em relação às marcas corporais. Estas representam

as transformações do corpo em imagens que incluem tatuagens, tinturas diferenciadas nos cabelos, “piercings”, corpo malhado, tipos de vestimentas ou outros. Tais marcas fazem parte de fenômenos das épocas emocionais, em que a presença do gosto estético é uma marca presente. Para Maffesoli (1995, 2000), esses artefatos são símbolos que delineiam um estilo às pessoas, permitindo com que elas simplesmente permaneçam juntas por compartilhar um sentido estético, formando o fenômeno do tribalismo.

Nessa perspectiva, buscamos compreender as marcas corporais presentes nos grupos de convivência dos participantes, perguntando sobre o que teriam de comum nos grupos que frequentam. Uma das marcas corporais apresentadas foi expressa pelo modo de se vestir nos grupos. Compreende-se que vestuário e costumes estão ligados e que, dessa forma, usar uma roupa pode representar um modo de viver, pois “a forma faz o corpo social” (MAFFESOLI, 1999, p.173).

Nas falas dos participantes ficou exposto que as marcas que representavam identidades fixas se dissolvem, abrindo espaço para a valorização do estilo como marca social expressa corporalmente. Os grupos modernos, com a ideia da identidade, tinham fixos os modos de pensar o mundo associados às marcas corporais que os identificavam por roupas, cabelos, tatuagens, “piercings”, ou outras tantas, constituindo-se como marginais aos costumes considerados normais. O que se destaca na contemporaneidade é o estilo.

Nesse contexto, as marcas corporais não representam fatores de discriminação, mas carregam um significado de identificação com determinado gosto que marca a diferença caracterizada como um movimento em direção ao outro, o que aponta para um desejo de compartilhar emoções e experiências em comum. Conforme Maffesoli (1999), trata-se de uma característica do estilo estético efetivo ou do esteticismo. Segundo os participantes,

“Cada grupo tem sua característica. A gente também não deve discriminar, pelo jeito, pela roupa”.

A diferença vem imprimindo um sentido de inserção na própria cultura por meio da qual se reconhecem as manifestações de sua diversidade. Essas diferentes manifestações levam à agregação, às aproximações, ao estar juntos por afinidade e por gostos comuns. Nos grupos contemporâneos, nos quais a característica é a identificação, a heterogeneidade de gostos está presente e faz com que o reconhecimento

da diferença se estabeleça. Também nas tribos há o reconhecimento das diferenças individuais, dos estilos, mas os valores e gostos comuns têm de existir, para que se possa constituir o grupo.

Outra característica que se associa à diferença é o próprio nomadismo. Se os grupos somente se formassem pelos mesmos gostos comuns entre si, o nomadismo não faria sentido. Com a diversidade, para determinado gosto se busca um determinado grupo e, em outros momentos, migra-se para outro grupo em busca de outros fatores que levaram aquele grupo a ter se formado. É um movimento em que essa ambiguidade é o que vale.

Assim, as marcas corporais não são determinadas pelo modo de se vestir, pelas tatuagens, mas por tudo que compõe um estilo, como o modo de pensar das pessoas, as afinidades, a aceitação das diferenças, ou, em outras palavras, por uma ética-estética-afetiva.

“Não. Tipo, modo de pensar, modo de agir... Tem pessoas que são super parecidas comigo, tem pessoa que não tem nada a ver”.

“Tendo os roqueiros como exemplo, afirmam que se diferenciam nas roupas, usando muito o preto, pela influência das bandas, mas o modo de pensar não diferencia muito”.

Existe um estilo e não há obrigatoriedade do uso de determinados símbolos nem sanções aos componentes de um grupo que não venham a aderir aos artefatos simbólicos ali presentes.

“A gente tem um estilo de se vestir, você usa um brinco, cordão pingente, boné para trás, mas nem sempre”.

Embora o gosto estético esteja presente mapeado nas expressões do estilo, o modo de vestir não é determinante para a aceitação no grupo, mas as afinidades sim. Se há presença de um elemento fixo, arcaico, este se dá no estabelecimento e exigência das afinidades. O movimento nômade se estabelece pelo estilo e não por formas fixas no vestuário. Se o costume representa um modo de se viver, podemos perceber como marcas corporais as manifestações expressas na percepção estética dos estilos.

O corpo também estreita seus significados vinculados à aparência, representando o formal e o informal, o que é sério ou o que é o frívolo. A preocupação com a aparência funciona em dois sentidos, um que representa o frívolo, outro que representa o sério, o formal e que se vincula ao trabalho. Marcas corporais como tatuagens, brincos

(para o homem), “piercing” e as vestimentas são originárias de grupos cuja identidade (fixa) representaram rebeldia, descompromisso, informalidade, negação a uma ordem estabelecida, sendo signos de liberdade. Essas marcas hoje estão presentes, mas seus sentidos transcenderam essa origem e se expandiram socialmente, virando uma espécie de moda, apresentando-se com outros significados. Tornou-se um estilo que carrega, em sua essência, esses sentidos, mas que não tem a mesma representação. Entretanto, percebe-se que, como alguns dos valores atribuídos a esses grupos em seu tempo original ainda permanecem, suas marcas ainda representam esses vínculos, que podem não ser desejados para determinados trabalhos.

“É a primeira coisa que eles veem, é como se apresenta.”

“... eles acham quem usa tatuagem é mais irresponsável do que os outros. Vai ver que a pessoa que não tem isso, passa uma imagem mais séria.”

“Tem empresa que você vai trabalhar que exige unhas feitas, maquiada, às vezes você não gosta daquilo, mas você é obrigado, porque a empresa exige aquilo. Como se pudesse passar uma boa imagem, para ser mais fácil de você se socializar com as outras pessoas também.”

“E tatuagem, por exemplo, assim, se eu tiver uma tatuagem e for procurar um emprego numa empresa importante e tentar ser executivo, com certeza vai ter um certo preconceito, entendeu? Porque é um emprego muito formal, aí vão ver tatuagem, “piercing”, essas coisas. É bem controlado isso também.”

“Não. Eu tentaria muito evitar. Evitar mesmo. Até esconder tatuagem e tal. Eu ia evitar. (Se fosse procurar um emprego).”

“...aquela pessoa considera aquilo uma coisa contrário à empresa dela, muitas vezes, aí às vezes acaba não fazendo para poder trabalhar.”

Nesse jogo de aparências, o corpo representa valores que, muitas vezes, são ambíguos na sociedade. Nos posicionamentos acima, embora reconheçam a existência dessas exigências por parte da sociedade, os participantes apontam que a atribuição de valores/habilidades/caráter não devem ser associadas à aparência, vez que se trata de coisas distintas. Porém, as vestimentas sérias também representam uma outra forma de aparência, que se compreende ser séria, diferenciando do frívolo, que é uma marca das relações pós-modernas.

“É uma bobeira, o que isso vai influenciar no seu caráter, no que você pode ou não fazer, se você tem um brinco, você tem um “piercing”, acho que isso não muda em absolutamente em nada. Acho isso ridículo.”

“Você perder um emprego porque você tem um brinco e a outra pessoa não tem. Isso não torna ninguém mais sério, mais inteligente, ter mais caráter.”

“Isso é opinião da sociedade.”

“Isso não significa nada, é só uma questão de gosto, você gosta você usa.”

“Talvez uma pessoa que tem tatuagem ou um “piercing” trabalhe bem melhor, do que uma pessoa formal que usa terno.”

“Fizeram da imagem muito importante, mais do que deveria ser.”
“Outro dia mesmo sobre essa questão, não pude entrar na justiça federal porque estava de bermuda, entendeu? Eu não posso entrar lá de bermuda, só posso entrar de calça, você não pode usar bermuda. O que você vai fazer nada....por um lado, eles tentam manter a formalidade, uma questão séria, entendeu? Daquele lugar. Tentando mostrar que o lugar é a polícia federal, formal, consciente e tal.”

Apresentar-se formalmente é uma forma de docilização dos corpos que se submetem às exigências que determinam como o corpo deve se apresentar.

6.12 O corpo ridicularizado: o não reconhecimento do outro

Uma característica hoje presente entre os jovens está inscrita na expressão “zoar”²⁷. É necessário saber zoar do outro. Zoação pode ser um mecanismo de defesa para garantir seu pertencimento ao grupo, seja no ato de zoar o outro ou de autorizar que seja zoado. No coletivo, a zoação pode estar relacionada a jogos de poder no âmbito do grupo ou do ambiente e tem se tornado uma atitude naturalizada entre os jovens. Ao ser zoadada, a pessoa se sente cerceada de ser, de dizer, de agir de modo espontâneo, tornando-se uma forma sutil de coação.

O fato é que a atitude de zoar o outro se apresenta na forma de ridicularizá-lo frente ao coletivo. Zoar é uma forma de expressar um julgamento do outro, fazendo com que se sinta inferiorizado frente a determinada situação e pode se tornar “bullying”. A zoação se apresenta tomando o corpo como alvo, ficando o muito magro, o obeso, as marcas corporais, os gestos, as falas, os movimentos, nas vestimentas, expostos à zoação no grupo. Esse comportamento ocorre principalmente na escola, que se torna o maior espaço de julgamento do outro, o que faz gerar adesões, repulsões, inclusões e exclusões. O processo de exclusão nesse caso é duplo e perverso, já que a pessoa pode ser excluída pelo motivo da zoação (caso ela não se submeta), ou ser excluída por não aderir a ela. Assim, zoa-se por imitação, ou seja, se não zoar o outro, acaba sendo excluído do próprio grupo, o que faz com que a zoação se transforme em um valor, em uma atitude que deve ser tomada.

²⁷ Serão utilizadas aspas apenas na primeira forma da gíria a fim de não poluir o texto. A gíria será utilizada a fim de manter o sentido que os jovens atribuem ao ato.

“Sou muito. Eu não gosto. Porque as pessoas ficam me zoando.”
“Até hoje é, é motivo de zoação a pessoa mais gorda, a pessoa mais magra. Não mudou muito não.”
“Acho que o pior lugar é a escola, lugar que mais te julga por causa de qualquer coisa é a escola.”

A atitude de zoar vem se naturalizando e mesmo entre os amigos ocorre. A pessoa se sente compelida a aderir à zoação para que garanta seu pertencimento a um grupo.

“Dos melhores amigos acontece zoação. Nunca vi!”
“Eles não levam em conta nada.”
“Eu nunca fui zoada pelos meus amigos, por exemplo, com as meninas que eu brigava. Hoje em dia elas não fazem mais nada não. Mas quando a gente brigava assim, eu era mais nova, eram elas que me enchiam o saco mesmo. Com isso meus amigos nunca me agrediram assim.”
“Igual eu falei com a professora, se é consciente ou inconsciente, que você me perguntou. Eu acho que é uma coisa inconsciente também, porque os amigos fazem, todo mundo faz e tal, acha que a pessoa não se importa. Eu acho que as pessoas acabam fazendo as brincadeiras assim, achando que a pessoa não vai se importar porque todo mundo está fazendo. Eu acho que uma coisa inconsciente, porque se você tivesse consciência disso mesmo, conhecendo seu amigo, que iria estar triste, às vezes ele mesmo não demonstra que fica mal com aquilo, mas no fundo ele está. E é uma coisa inconsciente que você faz com ele. Ai eu acho que não é maldade, nada mais.”

Como esse modo de agir em relação ao outro vem se tornando comum entre a juventude, as pessoas não mais percebem essa zoação como forma de ridicularização, ou acabam percebendo, mas colocando como uma atitude naturalizada. Embora o outro se sinta, no mínimo, incomodado, o sentimento do outro deve ser desconsiderado, de modo que se sentir ridicularizado não deva produzir ressentimentos. É uma imposição, um modo de agir autoritário em relação ao outro.

6.13 Corpo e Consumo

Na história ocidental moderna, as palavras consumo e consumismo sem dúvida expressariam boa parte do imaginário do contexto social relativo a esse período. Não há precedentes históricos que remetam à questão posta certamente pelo capitalismo que, pela industrialização, possibilitou o consumo em massa de bens materiais. Diversos estudos discutem o tema há mais de 100 anos, tendo Marx e Engels como os maiores autores que introduziram a temática cujas discussões repercutem até os dias atuais. Ao

longo dos anos, diversos autores seguiram seus pensamentos, surgindo outras correntes referentes ao tema.

Na relação entre políticas do corpo e economia apontada nos autores, podemos destacar os corpos alienados, os corpos dóceis, que foram associados à discussão nos séculos XIX e XX, passando-se aos corpos desejantes, aos corpos sensíveis, dentre diversas outras denominações apresentadas ao longo da modernidade.

Segundo Freire (2004), não há precisão em relação às datas em que o consumismo se instalou entre os séculos XVII a XX. Para Maffesoli (1999), estamos em um tempo de transição. Nessa transição, em se tratando de um país de cultura capitalista, pode-se questionar como a questão do consumo se faz presente na forma de ver o mundo. Buscamos, então, compreender como os jovens apontam hoje para essa questão em que corpo e consumo se imbricam.

Para definir o que seria o consumismo, Arendt (2009) observa que este estaria relacionado à produtividade industrial alcançada pelo avanço tecnológico que possibilitou a produção de bens industriais em grande escala, a melhoria de vida dos operários e a formação do mercado de compradores que transformaram o trabalho artesanal para atender às necessidades para um sentido de fabricação, em que a venda substitui as coisas úteis e passa-se a buscar compradores. Para a autora, o consumismo é um efeito da transformação do trabalho em *labor*. Com isso surge outra questão, a de que, com as identidades individuais estabelecidas pelo consumo, este se converte em felicidade, privilegiando o indivíduo em vez do coletivo, o que também se torna um novo princípio moral.

Pelo que se pôde perceber nas falas dos sujeitos pesquisados, a questão do consumo foi colocada com um laço muito estreito com as vestimentas, ou com o uso do dinheiro para ornamentar o corpo. As roupas de marca ainda são um distintivo social que não se esgotou, provocando reações, seja de louvor ou de crítica. Observa-se que, às vezes, a necessidade de ser reconhecido ultrapassa o que a própria racionalidade apontaria como correto,

“Ah! Cara, pô... Quando você sai com roupa de marca, nego te olha diferente, né!”

“ Tem gente que te visa também, fala mal também. Mas nego já fala aí cara tá usando essa roupa, né?. Nossa, tá esnobando todo mundo, que não sei o quê, e tal.”

“Tem gente que passa te olhando.”

“ E tem até uma questão que, tem algumas meninas também que te olham diferente por que você tá usando tal roupa, entendeu? Pensa que você tem aquela condição, entendeu? Essas coisas e tal, aí que mora, se bobear isso, entendeu? Essa

necessidade da sociedade. Eu vou ser sincero, eu às vezes eu gosto de esnobar o dinheiro. Pô, você tem o dinheiro ali, eu gosto de comprar, eu gosto, se eu posso comprar aquela roupa ali a mais barata às vezes é mais bonita que as mais caras. Às vezes eu sou até meio babaca, meio ignorante, em pensar em comprar a roupa mais cara só para falar que é mais cara, entendeu?

Entretanto, outros significados sociais também são produzidos, fazendo com que haja o deslocando de um pensamento fixo para uma forma plural de seus significados.

“Tem gente que sai bem vestido porque gosta, compra roupa de marca assim, tem melhor situação financeira, mas usa porque gosta, agora tem gente que tem necessidade de mostrar que assim que tem condição, que só anda com coisa de marca.”

“Mas tem gente que não, que assim, prefere usar, mais pelo estilo do que pelas marcas. Às vezes compra assim uma coisa que não é de tanto marca assim e mesmo preço, mas mais pelo estilo mesmo, de gostar de sair bem.”

Observa-se, nas falas dos participantes, que o consumismo apresenta-se pela necessidade de se satisfazer um desejo ou pela lógica da moda que substitui ou imita um vestuário. Também no consumismo, o bem adquirido deve ser apresentado e ter a aceitação coletiva. Isso é o que justificaria a compra, o que permite a adesão ao consumo. Desse modo, os comportamentos coletivos comuns ao grupo fazem com que a atitude não se caracterize como individualista. Todavia, quando ganha a aspecto coletivo, apresenta-se como ornamentação corporal que deve percebida como forma de poder, ao se identificar o usuário dos produtos de marca pela posse de bens de maior valor econômico. Como diz Arendt (2009), torna-se um princípio moral ao privilegiar o indivíduo.

“Eu acho bacana você ter, você comprar o que você tá querendo, mas também assim, fica esbanjando. Por exemplo, você tem muita camisa e você compra mais por que você não quer usar aquelas que você tem, aí eu acho.”

“É e acho que depende, tem ocasião que você não vai usar uma roupa que num, num te nada a ver. Tipo você ir pra uma festa de casamento e uma festa diferente, acaba mudando o jeito da roupa. E dinheiro também, acho que depende de cada um (inaudível). Todo mundo gosta de roupa, mas aí chega tipo assim, tem aquela roupa, mas aí você ah... não gosta mais dela, tá usando ela, aí você vai, preciso de roupa. Menina tem essas coisas, toda hora à gente precisa de uma roupa, nunca tem. Bem pode ter muito, mas sempre fala que não tem (risos), quer comprar mais, né!”

No grupo pesquisado, os participantes afirmam que percebem nos ambientes que frequentam os que querem demonstrar poder frente ao grupo pelo uso de roupas e objetos mais caros. Esses objetos tornam-se símbolo de poder que é gerado por um simples uso de imagem posta por seu alto valor econômico. É o consumismo

estimulado pela geração de símbolos que representam poder frente ao outro. Os participantes apontam a existência desse jogo de poder em relação ao outro, que é expresso por palavras que refletem o sentimento cuja intenção é fazer com que o outro se sinta inferiorizado, conforme citado na fala abaixo pelas expressões “humilhar”, “deprimido”. Também a fala corrobora com a ideia de que há, na atual sociedade, um consumo que envolve os próprios seres humanos apenas como mais uma mercadoria. Ao apontar essa forma de olhar para a questão em que se repudia a atitude do uso do dinheiro como forma de distinção, há, implícita, a valorização do coletivo em detrimento ao individual que quer ser distinto no interior do grupo.

“Só pra mostrar o que você pode, acho que às vezes pode até chegar humilhar alguém por não ter, dependendo da situação, do lugar, né... Eu acho que faz parte, tudo bem. Tem gente que tem dinheiro, tem gente que não tem, e aí uma pessoa..... pode comprar e outra não. Mas... não é legal você fica querendo mostrar o que você tem e... (inaudível) ate deixa outra pessoa deprimida sacou?”

Os participantes salientam haver o reconhecimento da sociedade ao apontar uma superioridade das pessoas que detêm poder econômico. Os ornamentos corporais como as vestimentas são indicativos que levam a esse reconhecimento. Assim, alguns acabam desejando tê-lo, mesmo reconhecendo não haver coerência ética nessa avaliação.

“Às vezes mostra uma coisa de superioridade também de certa forma a pessoa com dinheiro parece ser superior do que a outra que tá sem dinheiro. As pessoas veem ela de outra forma, entendeu? Vocês têm duas pessoas ali, ela está super bem vestida e a outra está de qualquer jeito assim, relaxada, aí você vai olhar com outros olhos pra pessoa que tá bem vestida. Você vai achar... Sei lá... Vai pensar coisa melhor dela e tal. É uma coisa ruim, mas... Eu acho que é o que acontece muitas vezes.”

Para Lypovtsky (2007), a atualidade promete a satisfação de todos os desejos e, como nunca, adoce-se de frustração, em uma sociedade que chama de “sociedade da decepção”. Com isso, cada vez mais se cresce a incapacidade de lidar com a insatisfação, o que se reflete na maneira como as pessoas se apresentam e como lidam com a diferença em seus grupos.

Parece haver, entre os participantes, um sentimento de solidariedade, fruto de uma escola heterogênea, onde os alunos pertencem a grupos sócio-econômicos distintos. Os que têm melhores condições econômicas afirmam abrir mão de se distinguirem no grupo, buscando se adequar conforme a “saída”, procurando não se destacar. Esta é uma forma de deslocamento da identidade para identificação, conforme

aponta Maffesoli, quando o que importa é garantir o estar juntos. O convívio com a heterogeneidade possibilita essas atitudes e percepções. Como são amigos do colégio, a formação escolar é dada com igualdade a todos, o que os faz se perceber um ao outro com um olhar em que reconhecem a diferença, mas não a colocam como meio de inferiorizar o outro.

Contudo, a necessidade de ser aceito pela coletividade gera sentimento de medo e angústia pela possibilidade de não ser aceito. Eles reconhecem que isso gera um consumismo simplesmente para impressionar ou outro, o que, em uma análise mais profunda, traria a sensação de ter sua existência reconhecida. Nessa direção se consome a ginástica, o “personal trainer”, as próteses, as roupas etc. Lypovetsky (2007, p. 24) chama esse comportamento de hiperconsumismo, que é gerado por uma insatisfação que atinge principalmente os desejos não materiais. O que gera decepção, para o autor, “não é tanto a falta de conforto pessoal, mas a desagradável sensação de desconforto público e a constatação do conforto alheio”.

Observa-se que, para os jovens participantes do grupo focal, o dinheiro é utilizado para questões relacionadas ao prazer, este sempre relacionado ao corpo, à aparência ou à estética no sentido maffesoliano, no caso, relacionado aos modos que levam ao estar juntos.

“Tenho de gastar, com doce, compras, acessórios, shopping, presilhona, esmalte, maquiagem”.

“E também ir pra um lugar sem dinheiro também eu não gosto, aí prefiro nem sair de casa”.

Devemos nos lembrar de que o grupo é formado por estudantes que ainda não se inseriram no mercado de trabalho, o que, por enquanto, ainda lhes restringe o consumo. O trabalho pode ser visto pelos participantes como uma forma de autonomia para que cada um possa dar destino ao próprio dinheiro. Nesse sentido, há nas falas um contraponto ao consumismo, já que reconhecem não serem produtores de seu sustento. Assim, aceita-se que o dinheiro deve ser utilizado para o prazer e, do mesmo modo, repudiam o seu “esbanjamento”.

“Ah! É bom ter dinheiro. Só não acho que não tem necessidade para se esbanjando também, né, jogando dinheiro fora com certas coisas.”

“Eu acho que esbanjar dinheiro é muito ruim, que, por exemplo, eu não faço. Tenho uns cuidados com que eu vou gastar por que por enquanto o dinheiro que eu tenho não é meu é dos meus pais, porque eu não trabalho. Então eu tenho consciência como que está gastando porque não é fruto do meu trabalho aquele dinheiro.”

Goldenberg (2007) aponta o corpo como capital e destaca a cultura brasileira, na qual "o corpo" torna-se um símbolo em que ficam visíveis as extremas diferenças entre os grupos sociais no país. Comprar teria se tornado moda, tornando-se uma necessidade. A autora, citando uma pesquisa realizada pela UNESCO com jovens de 24 países dos cinco continentes, sinaliza que os brasileiros estão no topo dos mais consumistas, à frente de jovens franceses, japoneses, argentinos e americanos. A autora sinaliza que os jovens brasileiros frequentam lugares populares e que, para causar uma boa impressão, precisam comprar roupas, seguir tendências, ter celular e outros bens.

“Eu não gosto de gastar muito, deixo para comprar as coisas assim, roupa e tal...Gosto de ter meu dinheiro. Eu uso pra sair guardo quando tiver uma festa, alguma coisa assim, tenho que comprar alguma coisa.”

Para os participantes, é com o esforço próprio, com a percepção de que se conquistou por mérito seu próprio sustento é que seria o modo de se aprender a ser racional com o dinheiro.

“Eu acho que, quando a gente tem dinheiro, assim que (pausa) faz a gente ganha, a gente num tem muita noção de gastar não, agora quando a gente conquista, eu acho que a gente...”

“Héhéhé... a gente trabalha, a gente trabalha pra ter eu acho que a gente ver o quanto assim gente gasta com as coisas, a gente tem mais noção com, como gastar e com que gastar.”

O consumo ao longo da modernidade vem sendo associado à felicidade, tomando um sentido, localizado no imaginário, que garantiria a sustentação e os avanços da economia. O consumismo se caracterizaria pela forma precipitada, exagerada ou indiscriminada da aquisição ou substituição dos bens consumíveis, o que é estimulado por técnicas de comunicação/publicidade que levariam o consumidor a estar de prontidão ao novo, que é oferecido sempre através de novos lançamentos realizados pela indústria.

“Não consigo economizar, já tentei”.

“Falou comigo que é para ir pro Shopping gastar dinheiro ...ai que eu vou mesmo”.

Freire (2004) reflete que esse consumismo narcisista e hedonista, proveniente da hipertrofia da economia capitalista, dilui-se na vida social, estando em sua base o culto ao corpo e uma epidemia de atentados violentos à vida. Para o autor, não há, nos tempos atuais, uma perda de valores tradicionais, mas sim sua re-hieraquização

sustentada pela moda e pela mitologia científica. O bem-estar e os prazeres físicos seriam, hoje, para a maioria dos indivíduos “a bússola moral da vida” (FREIRE, 2004, p.132). Também o autor afirma que “os indivíduos consomem, porque aprenderam a associar consumo à felicidade” (idem, p.137), o que explicaria a relação da expansão industrial ao hedonismo utilitarista do prazer e da dor, tornando-se o consumo um hábito. Outra premissa apontada por ele é a de que o consumismo estaria relacionado à insatisfação.

Lipovetsky (2007), como já citamos, referindo-se à hipermodernidade, elabora a ideia de que somos uma sociedade de hiperconsumo, em que as mentalidades estão voltadas para o ter sempre mais, consolidando um culto ao consumo, de forma que os comportamentos dos indivíduos sejam ditados e moldados, suprimindo-se a singularidade de muitos. Para o autor, nosso modo de vida foi, desde o final do século XIX, organizado em torno da atividade de consumo, possibilitada pelo surgimento de novos meios de transporte, de comunicação, de máquinas industriais, pela maneira como o trabalho foi organizado, criando-se os mercados nacionais e a produção em larga escala. No final da década de 1970, os produtos passaram a se tornar diversificados com um tempo de vida encurtado, exigindo sua renovação rápida. Com isso, o investimento na sedução e no efêmero começou a ditar a dinâmica do mercado. O consumo de massa foi associado à felicidade, prometendo um cotidiano mais fácil, um conforto material e lazer que deveriam ser objetivos a serem alcançados.

Passamos ao hiperconsumo quando o desejo de renovação dos produtos ganhou autonomia, e os produtos e sua renovação ganharam a mesma dinâmica da moda. Também nessa fase o impulso de se tornar diferente das massas ainda persiste, porém como algo mais íntimo, levando a um gozo privado. Assim, o indivíduo se sente especial por possuir determinado bem, como é o caso dos artigos de luxo, que conferem prestígio pessoal aos seus donos. Essa lógica da moda se faz presente nas falas dos participantes. Dessa forma, para que as pessoas se sintam integradas aos grupos, sentem a necessidade de aderir ao consumo de alguns bens.

Isso envolve a tecnologia que é apresentada como justificativa pessoal a essa adesão, especialmente no que se refere às mídias de comunicação, que promovem um estar juntos contemporâneo. Estas apresentam novidades a cada dia e o imaginário de que, para ser moderno, é necessário o novo estar presente, mas metamorfoseado por um

imaginário de que é necessário estar “atualizado”. Essa atualização não tem relação com o conhecimento, com informações vinculadas ao mundo do trabalho, mas com a posse de objetos tecnológicos que passam a ser objetos de consumo que permitem “saber” sobre o outro, informar-se sobre o que está acontecendo, sobre as banalidade cotidianas, sobre o frívolo, o efêmero, cada vez mais em tempo real, imediato, como se todos estivessem juntos.

“Por exemplo, nós, por exemplo, cada vez mais algo, por exemplo, celular nós sempre queremos comprar outro celular, outro celular, como se a gente quisesse atualizar tecnologicamente. Basicamente celular foi feito para falar apenas sabe, mas tem que ter um com isso com aquilo, porque esse é melhor que o outro por causa disso. Nós estamos sei lá, deixa de ser algo mais para servir, para utilizar, essa tecnologia a nosso proveito, mas acaba a gente dependendo dessa tecnologia.

Destaca-se que essa dimensão ganha novo sentido, não se tratando somente do “consumismo” em que, muitas vezes, o objeto era descartado e tornava-se sem uso social. Esse consumo tecnológico hoje se associa ao próprio sentido da vida de algumas pessoas, pois não estar conectado traz a angústia da solidão. Na atualidade torna-se necessário ter muitos amigos” estar em contato, virtual ou carnal. Nas redes sociais, o próprio sistema indica quantos amigos a pessoa tem.

“É o consumismo. E também, por exemplo, computador, internet, tem muita gente que vive só pra isso, fica completamente alienado do mundo que vive, por que está na internet, por que está, porque a vida dela virou aquilo sabe.”

Nesse contexto em que as redes sociais se tornam parte do cotidiano, a informação e a comunicação se destacam. Ao apontar uma transição para uma época de emocionalidade, destaca-se que as redes proporcionam um comércio de informações, de afetividades, do contato, dos relacionamentos que não pertencem ao imaginário das épocas de racionalidade. Maffesoli coloca como um estilo tátil por favorecer o estar próximo, o cotidiano, em detrimento do estilo ótico que tem o olhar para o longínquo, para a historicização.

Lipovetsky (2007) observa que, na atualidade, estaríamos em uma fase de mercantilização dos modos de vida, organizando-se o consumismo em condutas que, necessariamente, não dependem dos bens materiais, mas que se encontram também nos relacionamentos, na espiritualidade, na política, na ordenação do tempo livre, quando se deseja consumir conforto psíquico, harmonia interior. Assim surgem terapias alternativas, medicalização psiquiátrica, autoajuda, o tratamentos de rejuvenescimento,

opções de lazer. Hoje seriam vendidos conceitos, visões de mundo e estilos de vida associados a mercadorias que criam laços emocionais entre indivíduos e marcas. Contudo, o autor aponta que, nessa “sociedade de hiperconsumo, as insatisfações crescem mais depressa que a oferta de felicidade” (LIPOVETSKY, 2007, p.158).

Entre os participantes, nem sempre o dinheiro é posto como o principal objetivo de vida. Ele é relacionado a questões que remetem à possibilidade de que possa proporcionar prazer ou realizar desejos. Entretanto, as formas de prazer, de desejos, de apreciar artes podem estar na categoria do consumo, já que há a dependência do dinheiro para a realização dos desejos.

*“Eu faço, é assim, se a quantia é grande, eu guardo para quando tiver algum espetáculo de noite e tal... por que na verdade eu não tenho muita coisa com o que gastar, não gosto muito de comprar roupa, sapato, sei lá, uma coisa que eu não gosto mesmo, de sair pra escolher, não, não gosto mesmo.
“É, tem coisas materiais que eu acho que, a gente não pode olhar muito para isso não, sabe?”.*

Podemos questionar se questões como a citada acima estariam relacionadas ao “hiperconsumo”, ou mais próximas a um comércio. Maffesoli se refere à ideia holística de comércio, resgatando seu sentido etimológico, que é o de permitir a circulação, as trocas, seja de bens, mercadorias, mas também a circulação de pessoas, de amores. Desse modo, poderíamos ter um retorno do comércio no sentido arcaico, das trocas, do fazer a circulação, de se voltar para as necessidades e utilidades sem que isso seja distintivo social, o que coloca o indivíduo em um mundo mais emocional, afastando da simples materialidade, em que o estar juntos prevalece.

Na sustentação de suas ideias, Maffesoli apresenta como característica do espírito de nosso tempo o nomadismo. Como ser nômade significa circular, nesse comércio entendido como espaço de trocas, é permitida a circulação de pessoas, de amores e de bens. Assim Maffesoli²⁸ fala que “o nomadismo faz circulação e comércio”.

Indagados sobre o que fazem com o dinheiro, predomina nas respostas o uso com a finalidade de estar juntos, mesmo tendo o lazer como referência para utilização do dinheiro, conforme as afirmações:

“Guardo uma parte para atividades culturais”.

²⁸ Tal citação foi registrada pessoalmente em uma palestra proferida pelo autor em maio de 2012 na Universidade Federal de Juiz de Fora/MG.

“Viajar tem de ser com dinheiro”.

Na sociedade de consumo, o dinheiro foi reconhecido como o um meio de “ter”, de possibilidade de aquisição para aqueles detentores do capital, como forma de projeção e reconhecimento social. Poderíamos fazer um caminho inverso, no sentido de não negarmos o capital, mas de considerá-lo como meio que não priorize o bem material, mas que se desloca para outra forma de utilização, aquela relacionada ao prazer. A moderação no gasto junto ao grupo pode acontecer como forma de garantir a aproximação e convivência no grupo, visto que, entre os alunos do colégio pesquisado, o grupo social é heterogêneo, o que pode ser diferente em outros grupos.

“Eu acho que assim que esbanjar pode até esbanjar, mas não daquele jeito de ofender a pessoa, tipo assim, vamos sair comigo hoje e tô podendo, hoje tô com não sei quantos na carteira. Não assim, mas tipo assim, você chegar com vão sair hoje eu ganhei um dinheirinho... não sei o que... vamos sair (risos). Ah você fala, mas não com esse jeito, assim, de ofender a outra pessoa não. Mas por brincadeira sabe de (inaudível). Ganhei mais dinheiro hoje, dá pra mim comprar aquela coisa, beber aquilo.”

A despeito do fato de o dinheiro garantir a saída, sua falta não a impede, sendo que o importante é o estar juntos, o que pode ser garantido solidariamente para que todos possam estar com o outro, de preferência para atividades banais, para viver o frívolo, o efêmero.

*“Tem sempre um amigo assim, tem sempre um amigo sem grana... não, não hoje deixa que eu tenho, empresto. “
 “Sempre, sempre estamos tentando fazer uma vaquinha (risos), tem sempre um que sai na aba dos outros.”
 “E vai assim, tem dia que você tá com mais tem dia que tá com menos, depende da medida do possível.”*

Nesse sentido, poderíamos concordar com Lipovetsky (2007) segundo o qual não dependemos necessariamente dos bens materiais, mas nos deslocamos para outras formas de consumo que garantam consumir conforto psíquico, harmonia interior.

Também Bauman (2001) destaca que hoje o consumo se dá pela tentação e pela sedução e não mais pela coerção disfarçada pelo livre-arbítrio, escondendo-se como força externa.

Embora possamos considerar essas questões relacionadas aos modos de consumo, existe uma transformação no olhar que se inicia indicando mudanças nas formas de viver, em que o capital já não se consolida com a mesma ideologia moderna,

mas deve ser considerada ainda presente, pois não vivemos em um mundo totalmente solidário.

Os participantes também apontam que, ao contrário da ideologia capitalista, há um investimento no presente e parece não se temer tanto o futuro. Nessa oscilação do tempo, há na atualidade uma saturação das metanarrativas. Dessa maneira, como característica da pós-modernidade, no simples recorte sobre consumo, percebemos que as ideologias não têm estabilidade, constituindo-se hoje em pequenas ideologias.

Os participantes do grupo têm a leitura de que o dinheiro traz desigualdades sociais que acabam por separar as pessoas ou limitar as formas de estar juntos.

“Tem muita desigualdade, eh... dessa questão de um ter muita coisa e outro não, acaba separando o grupo também... as pessoas...”

“Incomoda por quem está sendo excluído, né...”

Parece que iniciamos um outro tempo, que é do reconhecimento da diferença. A igualdade foi um dos signos da modernidade com a revolução francesa, que acabou por nortear diversos argumentos ideológicos. Entretanto, o pensamento universalizante das metanarrativas vem sucumbindo e abre espaço a um imaginário em que a diferença se faz presente.

Os participantes declaram não rejeitar aqueles que têm boas condições sócio-econômicas, mas questionam o que essas condições significam quando em convivência com o outro. Essa observação se faz presente no pensamento de Boaventura dos Santos (1988, p. 62), para quem, “temos o direito de ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”. O pensamento de Boaventura inclui tanto a igualdade quanto a diferença e é nesse sentido que a pós-modernidade vem se apresentando. Estado e indivíduo têm de estar envolvidos na redução das desigualdades.

“Não, acho que a questão de desigualdade influencia muito, mas não é questão de desigualdade é o jeito de como a pessoa trata essa desigualdade. Existe... Existem pessoas muito ricas que gostam de aparecer, que gosta de mostrar que têm direito, que podem comprar isso, ah você não pode. E as pessoas que são ricas e não sentem nem um pouco superiores por isso. Tem pessoas pobres que acham que não podem ter nada, são vítimas. Tem pessoas que correm atrás, tanto a desigualdade financeira quanto os outros tipos é o modo como você lida, pois sempre irá haver desigualdade, porque ninguém é igual nesse mundo e cada um age e pensa de forma diferente.”

“Não tem como acabar com a desigualdade, tem como amenizar, né, por que... mesmo se as pessoas ganhassem o mesmo salário, a pessoa, trabalho diferente, fosse... Socialista assim, eu acho que cada um gasta o dinheiro de um jeito, e sempre, sempre vai haver desigualdade mesmo assim.”

Em termos maffesolianos, há o deslocamento do sentido do “tempo de troca” para o “tempo do culto” como uma marca que vem se imprimindo. A estabilidade de Parmênides é substituída pelo movimento de desordem de Heráclito. Dionísio introduz a desordem onde havia ordem e é nessa pluralidade de valores que se constitui o presente, que se apresenta no uso dos prazeres.

Não podemos desconsiderar o fato de que a vida na modernidade teve como um dos pilares, talvez o principal, a questão econômica, que veio transformar a sociedade. A questão do consumo, vista pelos argumentos apresentados dos participantes do grupo focal, apresenta-se com olhares diferenciados, plurais e/ou dicotômicos, quando uma parte reforça o consumo de bens e outra nega, alertando para seu uso como forma de distinção social, ou desloca para outras formas de consumo como apontadas por Lipovetsky (2007).

O consumo na sociedade, para os participantes, faz com que as pessoas de menor poder econômico se sintam diferentes das demais pessoas, as quais não conseguem imitar, e acabam sendo excluídas por não possuírem condições para aquisição dos bens materiais que se constituem como sonho de consumo. Ao mesmo tempo, algumas pessoas que possuem condição econômica exibem essa condição por meio dessas distinções para diferenciá-las de outras pessoas ou grupos.

“Ela se sente mal por vendo todo mundo tendo as coisas e ela não.”

“Ela se sente mal, é..., não se sentindo bem, ela não se sente... ela não se sente bem sendo ééé... igual aos outros, ela sempre quer ser melhor.”

“Eh! Às vezes é ganância de mostrar que tem, tem melhores condições que a outra pessoa.”

No entanto, nessa saturação moderna, também Hall (1999, p. 10) apresenta como uma das cinco teses do descentramentos do sujeito moderno a rejeição do mito do *homo economicus*. Em sua obra, o autor aponta a saturação da lógica da identidade que vigorou na modernidade, o que vai ao encontro de Maffesoli, que põe no lugar a *lógica da identificação*, sustentada pela tese da existência de um processo, um deslize da identidade rumo à identificação, sem que aquela desapareça para ceder lugar, totalmente, a esta. Também nesse aspecto econômico, essa lógica vem se deslizando.

Entre os participantes, observa-se que as falas estariam mais voltadas para um consumo do que para o consumismo. O consumo estaria voltado para a necessidade, para um bem-estar ou qualidade de vida, para pequenas coisas que geram prazer,

embora reconheçam que o consumismo gera uma perversidade em relação ao outro, sendo utilizado como meio de reconhecimento social.

Miranda (2007) expõe que o prazer da aquisição de bens não traz o prazer desejado ao homem, pois, ao se comprar objetos, estes caem no esquecimento abrindo espaços para novos desejos. Para o autor, o homem viveria uma experiência do necessário e o afasta do contato com sua subjetividade e uma coisificação de si, reduzindo-se à condição de objeto e o afasta da consciência de si.

A contemporaneidade é um tempo de ambiguidades, apresentando diferentes formas de ver e atribuir valores ao outro.

“Eu acho que eu valorizo as pessoas pelo que ela é, e não pela roupa, pelo sapato jamais.”

“Ah! Com certeza, assim, eu digo as pessoas em geral, geralmente olham se você está bem vestida ou não.”

“Mas que existem pessoas que preferem estar com outras pessoas, que, por exemplo, da mesma classe do que ela, existe.”

O colégio pesquisado, que se caracteriza pela heterogeneidade social, demonstra que o oferecimento de iguais possibilidades sociais, no caso pelo oferecimento de uma mesma educação com a convivência social de diferentes grupos sócio-econômicos, trazem transformações nos olhares sobre as diferenças, de modo que as relações sociais são solidificadas em amizades ultrapassando divisões de classes ou grupos sociais. Para que haja convivência e garanta o estar juntos, escolhem lugares em que todos possam estar, sem excluir os gostos comuns, garantindo que a condição social não seja fator de desintegração do grupo.

“Não, a pessoa se sente melhor com quem é da mesma classe social, só que aqui no colégio, por exemplo, tem muita desigualdade, tem gente que tem amigo muito rico e amigo muito pobre.”

“A gente, no colégio faz a gente incluir. Tem vários grupos, tem muitas pessoas que são ricas, e muitas pessoas que são pobres. Você estudando junto com uma pessoa, você não importa mais, você vira amigo da pessoa e não se importa mais se ela é rica ou pobre. Acho que isso não diferencia o seu grau de amizade com ela. Só que aí a gente vê quando você sai com a pessoa, a pessoa que não é tão rica, vai com roupa mais ou menos, e a pessoa rica, vai com roupa mais rica. Só que eu acho que botar um grupo de alunos que são diferentes no colégio, faz com que a gente não se importa tanto com isso mais.”

“Eu acho que é porque você vem aqui todo dia, você tem que conviver com a pessoa. Mas uma pessoa que mora no outro lado da cidade, você não tem um local que você sempre convive com ela, você acaba afastando porque vocês não frequentam os mesmos lugares. Mas no colégio, a gente está sempre aqui, sempre frequentando o mesmo lugar, você acaba ficando amiga de pessoas que são mais ricas e mais pobres também. Aí acabam combinando de sair para lugares que todos podem ir, que não tem preconceito. Tem muita gente que é rica, só gosta de

ir em lugar caro, lugar que é bom, que só andam pessoas ricas. E tem pessoa rica que vai em lugares que a massa mais popular vai também.

Esses significados sociais sobre questões econômicas passam pelo consumismo, pelo gosto, pelo estilo pessoal, o que demonstra o deslocamento da identidade para uma identificação. Tais questões se entrelaçam frequentemente com o coletivo, com o estar juntos, uma vez que o estilo pessoal, os gostos e a própria aquisição de bens ou vestimentas se voltam para como serão vistas pelo outro ou pelo grupo. É de fato um tempo da estética, em que as coisas fazem sentido quando ganham e se apresentam ao coletivo.

Na lógica da identificação proposta por Maffesoli, os grupos se agregariam também por gostos comuns, sendo válidos para cada situação, como, por exemplo, um tipo de música, uma prática esportiva, ou qualquer outra coisa. Desse modo, parece ser mais fácil se agregar tendo em vista os gostos comuns, o que dispensa as discussões e as tentativas de unificação do gosto que é pessoal. Ao tratar o gosto, Kant já apontava que a questão exige julgamento, o que leva ao debate argumentativo. Nesse debate, sabe-se que não há vencedores, não há disputas, mas argumentos favoráveis ou contrários que levam a um certo acordo.

Também, como citou Baudrillard (2007), em função do atual consumismo, pode-se inverter uma concepção tradicional de “reprimir os prazeres do corpo para salvar a alma”, para uma perspectiva de “salvar o corpo”, promovido pelos meios de comunicação. Seria um narcisismo dirigido de fora, que elegeu o corpo como objeto de consumo, substituindo a alma na função de salvação, surgindo do corpo signos visíveis de felicidade, da saúde, da beleza. Em suas palavras:

o corpo ajuda a vender. A beleza ajuda a vender. O erotismo promove igualmente o mercado....com o corpo acontece a mesma coisa que com a força de trabalho. Importa que seja libertado, emancipado, de modo a ser racionalmente explorado para fins produtivistas (BAUDRILLARD, 2007, p.165).

O corpo na sociedade de consumo é colocado pelo autor como algo a ser redescoberto e reinvestido narcisisticamente, que é o princípio formal do prazer para que se institua no processo de rentabilidade econômica. Assim, segundo ele, não se consomem objetos, mas suas ideias. Cabe a escola situar esse corpo na atualidade.

6.14 Corpo: as vestimentas e a moda

A palavra “moda” é de origem latina, *modus*, que significa modo, maneira e também é uma palavra que se aproxima da palavra *mores*, de onde surgem as palavras “moral”, “costume”, “hábito”. A moda é uma invenção da modernidade, o que levou alguns autores a discuti-la no âmbito sociológico e/ou antropológico. Ela representa valores estéticos e padrões de gosto ou símbolo de um grupo cultural ou de padrão estilístico também de determinados grupos.

Há toda uma sociologia que antecede à própria moda, podendo-se verificar, nesse sentido, que as vestimentas representam conteúdos sociais que despertaram o interesse de alguns pesquisadores dos quais Waizbort (2008) é um representante. Simmel mostra como exemplo as representações das vestimentas no social quando, em Florença, por volta dos anos de 1390, ninguém se vestia igual. O autor observou que isso levava à falta de “integração” e que, do mesmo modo, ocorria em Veneza, quando a nobreza somente se vestia de preto, faltando a “distinção”. Em relação à representação religiosa, o catolicismo utilizou e utiliza as vestimentas como meio distintivo dos “leigos” e também como marca de hierarquias no âmbito interno.

De modo geral, as vestimentas são ornamentações corporais com diversas representações. Em diversos acontecimentos sociais as vestimentas se adequam ao que deve ser representado, seja um determinado tipo de festa, um rito cerimonial, uma escola, um uniforme militar, um médico, uma modelo, uma prostituta, uma ida à praia ou qualquer outra ornamentação.

As vestimentas se constituem como fatores de integração e distinção, o que foi descoberto pela moda ao longo da modernidade. Na modernidade, o novo tornou-se marca de distinção social pela capacidade econômica de usar determinadas marcas e de estar em um processo contínuo de renovação nas vestimentas. A moda teria se tornado um meio de diferenciação social, desempenhando um papel funcional, em que o sujeito, ao desejar fazer parte de um corpo coletivo, acaba por aderir à moda, por imitação. Embora a imitação faça desaparecer o corpo individual no corpo coletivo, essa uniformização do indivíduo é atacada em diversos discursos por gerar um consumismo

e reduzir as diferenças desagregadoras. No entanto, por outro lado, símbolos de destaques e desejos foram produzidos para gerar distinções sociais mais elevadas.

Em relação à moda, a decisão da adesão estaria com o indivíduo, que se reverteria na semelhança ao grupo, integrando o singular ao coletivo. Tal imitação não descaracteriza, necessariamente, o indivíduo, pois ela funde a singularidade ao universal, enfatizando a mudança no que permanece. Também há um fenômeno de negação da imitação, com uma inversão em sua lógica ao se buscar, no que permanece, a mudança. Isso, segundo o autor supracitado, garante uma tendência individualizante do indivíduo diante do grupo, destacando o singular do universal.

Verificou-se, nesta pesquisa, como fora mencionado, que os participantes do grupo apontam uma estreita relação entre vestimentas e consumo. O conceito de moda é um dos fatores do próprio consumismo que talvez não se consolidasse sem a moda, já esta produz um efeito no imaginário fazendo com que as pessoas atribuam às coisas um tempo muito encurtado de uso e logo a substituam por outra tendência, sempre com a adesão social para essas mudanças.

Com isso, a pessoa que não adere à moda acaba se sentindo deslocada dos grupos. A moda seria, assim, uma forma de apontar um pertencimento ao coletivo, o que poderia garantir um estar juntos, mas não deixa de atuar, como apontou Lipovetsky (2009), como uma pressão social em que as pessoas se constroem pela não adesão e se sentem no “dever” de adotar e assimilar a moda, fato este chamado pelo autor como despotismo da moda.

Com as transformações provenientes da modernidade, o corpo social emerge e a figura do indivíduo é inventada, de modo que ele mesmo passa a ser responsabilizado por seu próprio modo de vida, o que faz ou impulsiona o surgimento do individualismo. Com isso, as desigualdades foram ampliadas e a distinção social ganhou novas configurações diferentes da aristocracia. Mas o que importa, nesta análise, é que, na contemporaneidade, encontramos-nos em um tempo de transição. Nesse sentido, a moda se apresenta como distinção social, mas também é compreendida como um gosto.

Também no Brasil, em sua versão sofisticada que serve de meio de distinção social, aos poucos vai se estendendo a grupos maiores na sociedade pela melhoria do poder aquisitivo. Entretanto, enquanto os grupos de menor poder aquisitivo adquirem

poucos produtos de marca, aqueles que a usam como signo de distinção, passam a se utilizar da quantidade de roupas sofisticadas para marcar a diferença.

“Ah, mas ah é igual essas paradas de roupa, essas coisas. Às vezes a pessoa pode não ter muito dinheiro, mas tipo tem aquele tênis da moda, aí, sua mãe tem condição de comprar seu tênis, você compra. Mas você tem sempre aquela coisa, o cara tá com a roupa inteira com roupa de marca, aí você já julga pela roupa: aquele menino deve ter dinheiro pra caramba ele tá usando aquela roupa e tal, só por que é de marca. Mas hoje em dia acho que tem muita diferença sabe, só que acho acabou isso, você não tem como julgar as pessoas por causa da roupa, por que hoje em dia até uma pessoa que não tem muita condição acaba tendo dinheiro para comprar um tênis que é da moda, assim, que é de marca, entende.”

“Ah, não, é ... tem gente que parcela... quero comprar um tênis ...faz isso compra parcelado entendeu, então você acaba comprando. Hoje não dá sempre para julgar, tá com a roupa inteira de marca, tênis de marca, calça, blusa de marca, você já olha e fala: o cara tá usando só roupa de marca, deve ter dinheiro pra caramba. Mas às vezes não, às vezes tem mil anos atrás que ele comprou a blusa e depois comprou a calça. Mas ele sai com todas do mesmo jeito, agora com roupa e marca, aí a pessoa já julga: a não a pessoa tem dinheiro, sabe, vai ver ele que demorou um tempo pra comprar uma blusa depois ele comprou uma calça.”

“Totalmente diferente de uma pessoa que tem dinheiro, você pode ver, às vezes, tem pessoas que sai três vezes no mês e compra uma blusa diferente, roupa diferente, né? Agora, quem não tem condição compra uma vez no mês, entendeu? Totalmente diferente.”

Destaca-se, na fala abaixo, que as roupas de marca passam a ser aceitas não somente para se diferenciar socialmente, como também ganham uma conotação da emergência do gosto. O corpo, desse modo, exhibe em seus ornamentos signos sociais econômicos dos gostos.

“Mas tem gente que não, que assim, prefere usar, mais pelo estilo do que pelas marcas. Às vezes compra, assim, uma coisa que não é de tanto marca, assim, e no mesmo preço, mas mais pelo estilo mesmo, de gostar de sair bem.”

Outro aspecto é que a imitação da roupa liberta o sujeito das dúvidas que aparecem na escolha de uma vestimenta. Estar imitando os outros já sinaliza alguém como membro de um grupo que abre seus conteúdos sociais, livrando também o indivíduo de toda responsabilidade ética ou estética, fazendo-o encontrar-se realizado por uma ética coletiva. Essa imitação, essa moda, essa conformidade, o desejo de reconhecimento pelo outro que tem como denominador comum a “atração social”. Assim, a moda associa e separa, tendo uma dupla função.

Goldenberg e Ramos (2002, p. 110) observam que, especialmente para a brasileira, é o corpo que parece estar no centro das estratégias do vestir, de modo que

“as brasileiras expõem o corpo e frequentemente reduzem a roupa a um simples instrumento de sua valorização; em suma, uma espécie de ornamento”. Os autores concluem que, no Brasil, o corpo, além de ser muito mais importante do que a roupa, é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa seria apenas um acessório para a valorização e exposição desse corpo da moda.

No que se refere ao feminino, encontramos entre as participantes haver uma sinceridade na escolha da roupa a ser usada. Elas não ocultam suas preocupações que parecem constituir seu imaginário.

“ Sapato, gosta de discutir que roupa seria melhor pra sair, essas coisas assim, combinar de sair com a mesma roupa.

“É... nem que tenha que ligar. Pergunta, ah você vai de quê? Vai de vestido? Eu também vou.

“Vai de vestido comigo só pra eu não ir sozinha”.

“Vão as duas morrendo de frio”.

“Se sente frio não senti uma só”.

Não há um costume, uma universalização do que se deve vestir na atualidade. Há estilos diversos. Os participantes lembram que há a necessidade de que seu estilo estético seja compartilhado no grupo, mostrando que não desejam se apresentar de forma distinta do grupo. Ao compartilharem com outros os modos de se vestir, escapariam do risco de serem individualizadas, o que lhes garantiria a integração. Isso é um modo de proteção social instalado pela imitação, buscando garantir que o individual se perca no coletivo. As marcas corporais, nesse caso, garantiriam a integração, fazendo-as escapar da distinção, livrando-as do risco ou do sentimento de inferioridade ou de supervalorização no grupo.

Pode-se, mesmo, aderir à sugestão do uso de uma roupa, mas não na mudança do estilo, que representa um modo de vida, o que nos leva a afirmar que as tribos se constituem por meio de identificações estéticas e éticas, não perdendo valores arcaicos. Assim, o estilo prevalece, acompanhado de uma determinada ética do próprio grupo que Maffesoli chama de estilo-ético-afetivo.

É... às vezes, você fazer, tipo assim, tem a vontade de eu sair com uma pessoa, a pessoa gosta do meu jeito, jeito de ser e não gosta da roupa que eu uso, daí eu mudar por que ela não gosta, tipo assim, não perder amizade dela, isso é uma coisa que eu não faria, não mudaria de jeito nenhum pra agradar alguém. Eu

tô saindo com minha amiga e a minha amiga tá lá, a gente gosta de cinema, a gente sair junto pra um show junto, ela gosta da mesma coisa que eu. Mas agora, roupa, essa questão é do tipo meu jeito de ser natural não mudaria por causa de ninguém.

Goldenberg, ao tratar das questões corporais na atualidade, revela que as vestimentas e a moda obrigatoriamente se fazem presentes. Os dados quantitativos confirmam a predominância do estilo como reconhecimento da individualidade, não havendo exigência em relação à aparência. No coletivo, as diferenças são aceitas, embora toda essa aparência esteja vinculada também a uma ética.

Ao serem perguntados sobre como viam a questão da moda, 8% afirmaram não gostar de moda porque têm seu próprio estilo; 11% responderam que adotam a moda e buscam sempre seguir as tendências; 80% declararam que cada um de seus amigos tem a própria opinião a respeito da aparência.

Para Waizbort (2008, p. 10), “a moda tanto liga como separa, aproxima como afasta, torna distinto e indistinto”. Para o autor, a moda representa o movimento de mudança constante presente no momento sócio-histórico e cultural que hoje lhe é propício.

Lypvetsky (2009, p. 311) foi o primeiro a conseguir teorizar a moda para além das aparências. A moda, desde então, não remete mais ao domínio das futilidades, mas, ao contrário, designa uma lógica de um tempo social de conjunto e é capaz de definir épocas por seus princípios. Ela estabelece laços sociais pela imitação. O autor salienta que “não há sociedade senão por um fundo de ideias e de desejos em comuns; é a semelhança entre os seres que institui o elo da sociedade”.

O individualismo, para o autor, é inconcebível fora dos referenciais democráticos, por valorizar os ideais de liberdade e de igualdade que residem no indivíduo. O autor afirma também que “a era da moda não desemboca no egoísmo consumado, mas no engajamento intermitente, maleável, sem doutrina, sem exigência de sacrifício” (LYPVETSKY, 2009, p.331). Na atualidade, temos menos rigor doutrinário, mas mais preocupações humanitárias, mais respeito à vida, menos abnegações.

Conforme Lypovetsky (2009), o momento pós-moderno valoriza a retomada do passado. Assim, a ruptura deixou de ser um imperativo absoluto, sendo possível, no presente, uma mistura de estilos, com um hibridismo sem fronteiras do antigo e do

novo, das combinações e recombinações lúdicas. Não há, na atualidade, determinismos fechados de corpos em relação à moda. Houve a abertura dos regimes de imitação que se deslocaram do global para a imitação individual e parcial, em que de um copia-se isto, de outro aquilo, não tendo origem fixa. Deixamos de lado a uniformização dos comportamentos, dos usos dos gostos, e caminhamos ao lado da personalização dos indivíduos. Assim, para o autor, “a sociedade democrática libera e multiplica os fluxos de imitação” (LYPOVETSKY, 2009, p.321), significando tudo, menos uniformização das convicções e dos comportamentos, difundindo padrões universais de bem-estar, de lazer, do sexo e também da fragmentação dos estilos de vida.

Nas entrevistas verifica-se o fato de que a moda integra a distinção e a imitação simultaneamente, sempre na busca do estar juntos. Os participantes do grupo focal apontam essa característica, em que a moda não seria uma simples adesão ao gosto, mas uma adesão ao gosto que o integra e, ao mesmo tempo, pode distingui-lo no grupo.

As questões acima se concretizam nas falas que mostram que o que conta para os jovens são as afinidades, representando as vestimentas as integrações e distinções que constituem o estar juntos.

“No meu grupo, as pessoas não têm roupas marcadas. Se unem por afinidade. Têm pessoas super parecidas no modo de pensar, no modo de agir”.
“O caso, a maioria é assim. Veste tudo. Não é uma coisa obrigada, entendeu?”
“Assim, as pessoas que eu ando, normalmente é o mesmo estilo de roupa. Mas não é exatamente assim igual que andam, todas as pessoas desse grupo, usam arco na cabeça, não. É mais ou menos o mesmo estilo de roupa. Mas não tem mesmas características marcadas”.

Na opinião dos participantes, não percebemos problemas em se aderir a uma moda. Também compreendem a transitoriedade da moda que sabem ser provisória. Maffesoli (1999) nos lembra de que a tribo vive com excesso a moda até que outro objeto de seu desejo apareça, tratando-se de sucessivas sinceridades por meio das quais se liga o corporeísmo ao presenteísmo.

“Tipo assim, a pessoa gosta, coloca, entendeu?”.

Embora não apresentem imposições ao uso de alguma vestimenta, não há sanções por usar ou não usar, não obstante as aproximações presentes no modo de se vestir. Essa imitação, essa moda representam o desejo de reconhecimento pelo outro, de uma proteção social, tendo como denominador comum a “atração social”.

“As pessoas se vestem do mesmo jeito ou mais ou menos iguais em um grupo”.

As vestimentas são utilizadas como forma de se buscar a conjunção, de se produzir a sensação de pertencimento, de se gerar imantação, de chamar para si as possibilidades de estar junto a outros, suscitando o laço social, até que uma se sature e outra a substitua.

Os modos de se vestir na atualidade não se propõem a simplesmente adotar um modelo que é uma cópia da realidade, mas de se colocar algo em circulação com um significado.

“É, até porque, acho que algumas características agora virou moda”.

Também percebemos que, nas diferenças, o estilo deve permanecer.

“Mas também não é assim, todo mundo. Todo mundo junto assim, tem a mesma roupa, veste as mesmas coisas não”.

“Eu acho que cada um tem seu estilo. Tem uma pessoa mais simples, a outra, gosta de se arrumar mais. E tudo no mesmo grupo”.

Para Maffesoli (1999), a moda e sua constante mudança representam uma sujeição considerável do indivíduo que se dilui em um conjunto mais vasto e em círculos mais estreitos como os grupos, tribos, bando, máfia, que realizam reuniões proxêmicas, afetuais formando um conjunto onde todos juntos criam um corpo. Para o autor, o corpo hoje retoma o arquétipo do corpo em espetáculo, havendo a necessidade de ele representar um corpo social, como coeficiente mítico.

No que se refere às vestimentas, estas contribuem para que o individualismo sucumba, uma vez que a moda apresenta o fenômeno da aparição-desaparecimento: “a aparição do próprio corpo e desaparecimento no corpo coletivo” (MAFFESOLI, 1999, p.182). Assim, de um modo trágico, parece que tudo deve desaparecer, sendo preciso gozar de tudo imediatamente, o que também faz o movimento da moda.

Para Maffesoli (1999), cada vez que uma sociedade privilegia o corporeísmo, ocorre o ressurgimento comunitário ou tribal. Também, na prevalência do corpo, não ocorre o narcisismo, pois o travesti, o corpo nu, o disfarce, a moda o enfeite, tudo o que se mostra na multiplicidade das práticas corporais encontra-se em um arquétipo representando uma imagem ou uma força coletiva, porque esse coeficiente mítico do corpo em espetáculo simboliza o corpo social. Ao usar uma roupa, o indivíduo se curva a um modo de viver, estando o vestuário e os costumes ligados. Nesse sentido, “a forma faz o corpo social” (MAFFESOLI, 1999, p.173).

Portinari e Coutinho (2006) nos lembram de que a moda não se limita ao vestuário e seus acessórios, ou ao que é veiculado pela mídia, mas abrange o corpo, seja na anatomia, na forma corporal, nos gestos, na voz, no olhar, na postura, no andar, nos cabelos e em tudo que envolve a imagem pessoal. Os autores ainda salientam que a relação dos jovens com a moda oscila entre o mais arraigado conformismo e a experimentação que pode ou não romper com os códigos. Entretanto, não querem, como eles dizem, “pagar mico”, mesmo onde quase tudo é permitido.

Nessa forma de agir apresenta-se a ambiguidade dos tempos contemporâneos. Maffesoli (1987) salienta que a socialidade se fundamenta na ambiguidade básica da estrutura simbólica. Nessa estrutura, certamente encontramos as vestimentas, que se apresentam como estruturas simbólicas do social. Assim, por um lado, o corpo é exacerbado e, por outro, tende a esgotar-se no corpo coletivo, o que nos leva a tratar os fenômenos atuais em termos de narcisismo de grupo em função de uma lógica de identificação.

6.15 Corpo, conhecimento, tecnologia

A ideia positivista de progresso sustentada pela evolução tecnológica e econômica da humanidade está presente no imaginário. Entretanto, os participantes do grupo focal já se questionam sobre se tanto conhecimento e avanços tecnológicos podem ter sido ou não benéficos ao homem. A análise recai sobre as questões sócio-científicas. Compreende-se que os participantes, em que pese o fato de reconhecerem que as tecnologias trariam avanços à humanidade, apresentam a reflexão sobre como o homem as tem utilizado.

“Ah! Eu acho que é importante ter essas coisas também, para a evolução do ser humano. Mas às vezes as pessoas não conseguem administrar bem isso e acabam adoecendo de tantas informações. Quanto mais informação, mais tecnologia, mais problemas as pessoas têm mentalmente, assim. Elas não conseguem mais relaxar.”

“De certa forma sim. (Referindo-se ao uso da tecnologia). Eu acho que é importante, acho que é bom.

“Acho que o objetivo é trazer mais informação, mais praticidade pra gente. Mas eu acho que acabou se tornando uma coisa muito tensa assim, às vezes a gente tem isso demais, e aí acaba atrapalhando mais que ajuda.”

Especificamente no que se refere às tecnologias que envolvem mídias de informação e comunicação, reforça-se a ideia acima de que as tecnologias são bem-

vindas e devem atender às expectativas de uma boa vida. Todavia, da maneira como têm sido utilizadas, estariam capturando as pessoas que se perdem no seu uso.

“O motivo da tecnologia é nos servir, mas ultimamente nos estamos servindo essa tecnologia, estamos nos perdendo nessa tecnologia. Eu acho, sei lá, eu acho que essa que é a situação.”

Percebe-se que, na opinião dos participantes, o “mercado” venderia tudo o que o consumidor deseja e as produções tecnológicas estariam aí para satisfazer à sociedade. Os participantes, nesse caso, não se veem manipulados pela mídia e induzidos ao consumo. Entretanto, a justificativa dada para a afirmação de que o comportamento mudou com o tempo em relação, por exemplo, ao próprio cigarro, o que teria ocorrido pela atuação da mídia, que se voltou a dar outro tipo de informação. Desse modo, qual a informação dada e como ela é dada é o que seria determinante para o posicionamento da pessoa:

“A mídia, por exemplo, eu acho que tem o cigarro como prova disso, antigamente a mídia influenciava a gente gostar do cigarro, com as propagandas e tal, hoje em dia com as mídias, todas as pessoas tornaram totalmente contra o cigarro.”

Na fala abaixo, apresenta-se que quem impõe seria a sociedade que geraria a demanda para a indústria e esta recorreria à mídia para que se chegue a grandes escalas de consumidores. O consumidor é quem define o sucesso de um produto, cabendo à mídia o papel de apresentá-lo e convencer as pessoas a adquiri-lo.

“A tecnologia hoje em dia tem que se adequar a todos os padrões a tudo que a sociedade impõe. Tudo que a indústria, a tecnologia faz hoje, enfim, é pra tentar fazer o que a sociedade pede. Porque às vezes tenta, por exemplo, cirurgia plástica é uma tecnologia que a sociedade pediu assim de certa forma.”

Fica em comum que existe uma força no social que gera o que os participantes chamam de “imposição”, pois se sentem compelidos a aderir a toda uma série de “exigência” para se sentirem integrados ao coletivo, simplesmente não vendo meio de escapar dele. Embora se tenha liberdade de escolha, a própria pessoa se autocofbe, acabando por aderir ao que é posto como valor comum, como os padrões corporais, os de beleza e outros.

Essa força pode ser associada ao que Maffesoli (1998) aponta como “forma” e vem a cunhar a noção de formismo. A forma está presente na estética social e impõe uma emoção coletiva que orienta as vontades individuais. Essa “forma” apresenta o visível que se liga à liberdade e ao invisível que, por sua vez, liga-se às coibições. A forma justifica o geral e o particular ao mesmo tempo. Para tanto, Maffesoli (1988) cunha essa noção de formismo, que tem a função de delinear, não reduzindo valores plurais.

Na atualidade, como os valores são plurais, toda forma significativa para um grupo pode ser insignificante para outro, o que faz o particularismo de um grupo, permitindo constituir-se como tal e sendo autônomo em relação a outro. Como não há comportamentos universais, as identidades passam às identificações por adesão às formas contidas em determinado grupo. A forma é elaborada a partir de dados observáveis, sem que se suspeite ou o critique: “apreciar cada coisa a partir de sua lógica, sua coerência subterrânea, e não de um julgamento exterior que dita o que ela deve ser” (MAFFESOLI, 2007, p.122).

Assim, a forma teria a ver com o grupo particular, sendo o que ele chama de “formismo”, entendido como “o que permite a um determinado grupo constituir-se enquanto tal, permitindo ser totalmente autônomo em relação a outro” (idem, p.39).

Como as tecnologias inovam frequentemente, modificando o comportamento social na contemporaneidade, a forma se desloca de uma lógica moderna de fixidez, de universalização de conceitos, para uma contemporaneidade em que o movimento predomina.

6.16 Corpo, escola, juventudes

A modernidade, com o avanço das ciências (conhecimentos) e com a invenção da escola de massa, veio a ocupar um espaço diferenciado do tratamento dado ao conhecimento. As tradições orais, nas quais um indivíduo passava ao outro conhecimentos de senso comum, foram substituídas pelo conhecimento erudito e científico por meio da escola moderna. Desse modo, a cultura vem se transformando, tornando-se o processo educacional um poderoso meio político no qual a sociedade

tem se sustentado. O que é tratado ou como é tratado o conhecimento torna-se fundamental no estabelecimento sócio-político-cultural de um povo.

Os corpos na escola são contraditórios, humanos, insensíveis, descontrolados, omissos, repetitivos, preconceituosos, vibrantes, solidários, perversos, racistas, felizes, amorosos, emotivos etc. Corpos construídos como professores e professoras, alunos, alunas, funcionários e funcionárias, mães, pais.

Ao falarmos de juventude e escola, precisamos compreender que corpo é este que vai à escola e, para isso, é necessário situar qual o espaço ocupado hoje pelos jovens no mundo social. Esse corpo que estamos discutindo, dentro e fora da escola, são corpos que experienciam as festas, que convivem em diversas tribos, que têm gostos diferenciados, que vivem um estar juntos virtual ou presencial, que vão ao cinema, que estão expostos às mídias.

Como já citado, a escola tem menosprezado o corpo que não pode mais ser ocultado nas propostas pedagógicas. Vivemos hoje, no país, um imenso desinteresse da juventude pela escola, com graves problemas de evasão e/ou repetência no Ensino Médio. Lembramos que mais de 50% dos jovens de 15 a 17 anos que deveriam estar cursando esse segmento, estão afastados da instituição escolar,

Assim, pensar o corpo nesse espaço torna-se fundamental para contribuir com a compreensão da questão. Buscamos compreender como, em toda essa complexidade, com diferenças, com divergências, com a heterogeneidade social, os jovens convivem e representam nesse espaço escolar, buscando respostas com eles próprios.

A contemporaneidade como tempo de transição está se consolidando. Compreender esse tempo para lidar com a juventude tem sido uma grande dificuldade da escola atual, sendo necessário estabelecer o diálogo e superar as dificuldades de comunicação. Para o grupo pesquisado, ser jovem hoje significa estar em família, frequentar a escola, buscar formas de conjugação, preparar-se para o mundo do trabalho, buscar um corpo que atenda às atuais exigências sociais veiculadas midiaticamente.

Ao falarmos em juventudes, estamos compreendendo que há uma diferenciação social que caracteriza as faixas etárias, principalmente pela infância, adolescência/juventude e vida adulta. Nogueira Filho (2010) mostra que o conceito de juventude nem sempre teve o mesmo sentido. Em diversas tribos, a categoria da

adolescência não existe, deixando de ser criança no momento em que se compreende poder procriar. O autor aponta que no século XIV, na Itália, o jovem abastado era considerado um perigo, envolto em dissipação, licenciosidade, ausência de moderação, dedicado ao luxo, ao excesso de roupas, ao divertimento, passava a semana preocupado com a próxima festa, não tendo limites. Na Suíça, em 1532, jovens manifestavam sua indignação contra o clero, sujando fechaduras com fezes. Em outras ocasiões se posicionavam como guardiões da ordem, vigiavam o comportamento das mulheres e reivindicavam o direito patronal sobre as moças. O autor conclui que, no início da era moderna, juventude resumia-se a um período de iniciação e de transição para a vida adulta sem se caracterizar como um grupo distinto do restante da sociedade e, pelo contrário, era o jovem que apontava os modos errados da vida adulta. Já no final do século XIX e início do século XX, em Paris e Nova York, apareciam as gangues, enquanto, na Alemanha, surgiam os grupos nazistas que tinham o corpo jovem como sustentação coletiva. O autor expõe, ainda, que a era moderna caracterizou um tempo de o jovem andar em bando por um projeto de qualquer natureza, seja os “skinheads”, os apaches, os hippies.

Desse modo, o conceito vem se transformando. Vemos que a questão da adolescência e juventude é temporal e cultural, sendo recentes abordagens que vieram a caracterizá-la.

Todo tempo de transformação é conflituoso e a adolescência é um período em que se atribui uma marca especial aos conflitos. Destaca-se que a juventude estaria entre um passado (infância) e um futuro (vida adulta), ou entre um tempo em que, ao olhar para trás, percebe-se um tempo de “imaturidade” e, ao olhar para frente, vislumbra-se outro tempo de chegada da maturidade, ou seja, um tempo de duplas transformações, diferente do que ocorre na vida adulta ou na infância. Considerando as transformações que ocorrem entre a infância e vida adulta, a escola e a família participam socialmente de todo esse período de “crescimento”.

Em relação à juventude no Brasil, destaca-se que, entre as décadas de 1960 a 1990, movimentos políticos de massa tiveram grande participação dos jovens ou, talvez, não tivessem existido sem sua participação, como o Movimento de 1968, do feminismo, da liberdade sexual, da abertura, do “Diretas já”, do “impeachment” de Fernando

Collor . Como tais movimentos cessaram, leva-se a pensar no afastamento do jovem da vida política.

Além do afastamento da vida política citado acima, temos hoje uma juventude ligada ao tráfico de drogas, que ignora a escola e dela se afasta, que a cada dia coloca o professor em xeque, manifestando-se na forma de indisciplina, que se nega ao reconhecimento de autoridade. Como características opostas, é uma juventude que vem manifestando o gosto pelas tecnologias virtuais, que se interessa pela informação e comunicação, que exalta o corpo, que vive a ambiguidade, a efervescência, o efêmero, o estar juntos, enfim, uma juventude que vive o dionisíaco.

A escola é um espaço onde temos a vivência da experiência corporal e da linguagem que se traduz em representações, tornando-se ou mantendo-se como espaço privilegiado para tratar do tema. No entanto, essa instituição encontra-se perdida em relação ao modo de se comunicar com a juventude. Isso poderia ser considerado um grande paradoxo: em pleno tempo de comunicação, a escola se distancia da juventude, por dificuldades de se conectar com ela.

A juventude, nas últimas décadas, tem sido estudada por diversas pesquisas voltadas a identidades. Como fora citado anteriormente, Maffesoli vê uma mudança na contemporaneidade em que os grupos identitários fixos, agora, ganham a característica da identificação, do nomadismo, do tribalismo. Na escola, o corpo, dissolvido em um ambiente pensado pelo currículo, pelos regimentos, pelos conteúdos e competências, pelos aspectos cognitivos, didáticos, tomam o corpo como alvo, ainda que isso não esteja claro no seu discurso documental.

A escola atual, com seus “projetos políticos pedagógicos”, é regida pelo discurso das disciplinas científicas, tratando o conhecimento no campo das certezas, com um único olhar para o mundo, de forma fixa, imutável, verdadeira, racional. Suas propostas contêm, na maioria das vezes, uma visão universalizante de mundo, da forma de valorizar as relações, apresentando-se na perspectiva de causa efeito. Assim, daria a falsa ilusão ao homem de que, tendo acesso a determinados conhecimentos, ele poderia se tornar consciente e autônomo.

Entretanto, no cotidiano escolar, como há uma diversidade de pessoas que convivem, cada um com sua história de vida, as diferenças vêm à tona, expostas em uma diversidade de posições que emergem na vida social.

O corpo, no colégio pesquisado, interage com outros no espaço escolar onde, em um momento, está contido em uma carteira, em outro, movimentando-se nos intervalos, buscando o estar juntos, sendo um corpo que fala, conversa, ri, brinca, contesta, corre, toca-se, vai ao banheiro durante as aulas, um corpo marcado com o uniforme que busca uma igualdade. Aponta-se que, pela dinâmica, pelas relações de poder estabelecidas nessa instituição, não podemos classificá-la como uma escola conservadora, onde a disciplina se volta ao controle corporal.

Ao se pensar o corpo nessa escola, estamos tratando de corpos que interagem nesse ambiente por cerca de 12 anos, de uma escola que preconizou transformar esse corpo infantil para um futuro, passando da infância à adolescência. É um corpo posto como objeto de conhecimento a ser educado. Também se trata de uma escola que sofreu processos de mudanças durante esse tempo, mudando suas escalas de juízos, modificando regimentos, normas, propondo outros saberes em seu currículo. Esse corpo foi construído, produzido, sob a égide do conhecimento, do discurso das ciências, da moral, que perpassa todos esses 12 anos de escolarização na transição da infância à juventude.

“Agora quanto à escola nossa? Eu já estou há muito tempo, então, todas as coisas eu aprendi aqui, tanto a questão de conhecimento, como, sei lá, sobre o ponto de vista, o desenvolvimento moral, sei lá, ajudou muito para compor, para compor, sei lá, a maturidade que eu tenho, foi da parte da escola. Sei lá, é mais um ano que você tem de conhecimento. É um lugar que você aprende algo mais.”

A concepção epistemológica que vigorou nas ciências e permeou o ensino certamente tem influência na perspectiva adotada pela escola. Na modernidade, a verdade foi posta como possível, enquanto que, na contemporaneidade, vemos emergir outra forma de compreender a verdade, em um tempo no qual é tida como válida para aquele momento e nunca é definitiva.

Compreende-se que os participantes apontam conviver em um ambiente onde as ambiguidades estão presentes, onde cada professor tem sua própria verdade que é posta e exigida frente aos alunos. Desse modo, os alunos vivenciam essas contradições e aprendem, com isso, que cada indivíduo estabelece seus significados e tem suas próprias crenças, o que faz gerar formas de se pensar o mundo, de sentir, de expressar, de valorizar.

Os participantes esperam que o corpo do professor não seja somente um reproduzidor, mas que garanta que a devida intersubjetividade, necessária ao ambiente escolar, seja esboçada no saber de sua disciplina, nas interações coletivas, no saber que garanta uma formação ética em que o outro esteja incluído.

“É tipo assim, a gente tem três anos com a mesma professora. Aí pô, várias coisas que ela já fez que a gente não concordava, mas era só sobre isso, trabalho, prova, essas coisas. Até o momento em que ela foi e agrediu a gente, assim, como pessoa, como caráter nosso. Ela duvidou do nosso caráter. Aí já mexeu mais com a gente, já não mexeu mais com a matéria. Aí pra gente mudou.”

Se a escola aponta essa ambiguidade como possibilidade real no mundo, outra forma de pensamento vai se construindo, ocorrendo o rompimento com as ilusões de um único olhar, de uma única narrativa. Ao inserir essa própria ambiguidade na formação, implicaria o entendimento de que as coisas não são fixas, de que existem contradições, o mundo é efêmero, os valores dependem da cultura e do tempo histórico, são mutáveis, dentre tantas outras possibilidades que podem instalar-se com respeito e compreensão das diferenças.

É apontado nas entrevistas (gráfico 14) que 57% consideram que a escola é o espaço onde mais se permite fazer amizades. O bairro ou a rua, a internet vêm bem abaixo, com 11% cada. Podemos afirmar que o estar juntos entre os escolares se consolida na convivência escolar em que se formam e convivem diversas tribos. É um espaço de pulsão, heterogêneo, de diversidades, onde pensar os corpos se faz necessário.

Os participantes também sinalizam que há um utilitarismo do conhecimento em função dos processos seletivos para acesso ao ensino superior. O currículo escolar se volta para os conteúdos do que será medido e posto nos programas de acesso. Contudo, reconhecem que esse conhecimento utilitário somente será necessário momentaneamente para garantir sua ascensão ao ensino superior, o que gera uma submissão dos corpos a forças externas que impõem situações não desejáveis, muitas vezes sendo responsável pelo desinteresse dos jovens pela escola.

“Eu acho que vai do que a pessoa quer fazer.”

“Aqui a gente aprende muita coisa que a gente não vai usar, matéria assim mesmo, a gente não vai lembrar assim ano que vem mais, entendeu? Eu acho que não vai ser tão importante. Eu acho que a gente devia pegar mais base.”

“Mais é importante para você passar de ano.”

“A pessoa aprende uma coisa e fica pensando nisso até a prova, depois esquece, nunca mais.”

“Você estuda tudo até o PISM, a não ser que o seu professor saiba o que vai cair. Aí chega lá é outra questão, acontece nada.”

A escola se constituiu sustentada no que Merleau-Ponty (2002) chamaria de mundo das ciências ou pela utilização do discurso das ciências. Conhecimentos que possam tratar do mundo da percepção pouco se apresentam na escola ou, mesmo quando pensados, são secundarizados. O autor apresenta que o mundo da percepção é aquele que nos é revelado pelos nossos sentidos e pelo uso da vida, parecendo ser o mais conhecido, já que temos acessos a ele. Todavia, isso seria também uma falsa aparência, sendo necessário redescobrirmos o mundo em que vivemos. Essa redescoberta pela percepção, que poderia ser explorada pela escola, poderia minimizar o caráter mecanicista do conhecimento, além de garantir uma abordagem por diversas dimensões das questões da vida.

Cabe destacar, no entanto, que não é necessário, para isso, negar ou hostilizar a ciência, mas estabelecer sua concepção provisória, que não tome o mundo como um universo racional, com verdades definitivas, pelo contrário, voltando-se para uma “representação de mundo que não exclui fissuras nem lacunas, uma ação que duvida de si mesma e, de qualquer modo, não cansa de obter o assentimento de todos os homens” (MERLEAU-PONTY, 2002, p.63), considerando o duplo caráter de inacabamento e ambiguidade que também se estende aos contextos da vida coletiva.

A utilização da perspectiva merleauPontyana, que coloca o corpo em outra dimensão, pode ser empregada pela escola. Consequentemente, o conhecimento ganharia outra perspectiva de compreender o mundo, sendo buscado em sua essência. Nesse contexto, a percepção seria fundamental no uso da ciência, para se descobrirem os fantasmas sensíveis. Dessa maneira, a escola, podendo se constituir como espaço de exploração do mundo percebido, das coisas sensíveis, da animalidade, da arte, do olhar para o homem, tem, no autor, lugar para que isso seja discutido. Nesse sentido, Maffesoli vem ao encontro de Merleau-Ponty, quando aponta para um tempo da razão sensível.

Tudo isso citado acima pode ser percebido na fala dos participantes, que reconhecem que outras experiências do conhecer deveriam estar presentes na escola, citando como exemplo que conhecimentos de Ciências podem ser sistematizados do modo como são para a vida. Assim, podem ser tratados distantes de uma racionalidade

técnica que vigorou no ensino, principalmente na área de Ciências, ou seja, para eles, os conhecimentos devem ter sentido, serem significativos

“Sei lá. O ensino mede nosso conhecimento. A gente está se preocupando mais com o PISM do que com outras coisas. Mas, além disso, as outras coisas, tem umas matérias que não vão cair no PISM. E sei lá, às vezes, são outras experiências, algumas experiências dos professores, isso ajuda, isso não é só o que a gente vai precisar para fazer vestibular, para fazer uma faculdade. Isso são conhecimentos para a vida toda, só que nem se compara com o que a gente tem que aprender para passar no vestibular. É isso que eu tenho ouvido muito.”
“Acho que assim, o que a gente aprende, que a gente tem que aprender, a gente aprende. Agora, eu sou bem crítico quanto a isso, acho que muita coisa que a gente aprende, a gente não vai usar nunca na vida. Então, por exemplo, tem a nossa professora de Biologia, a Carminha, ela ensina muita coisa para a vida, entendeu? Tipo assim, de doença, assim, entendeu? Aí ela sempre gosta de enfatizar bastante, não é uma questão que vai ajudar pra PISM, mas sim pra vida. É muito bom.”

O conhecimento, quando contextualizado sócio e culturalmente, ganha sentido, pondo-se, desse modo, além da questão da verdade na contemporaneidade. Especialmente no que se refere ao Ensino Médio, que tem sido catastrófico, essa questão se torna relevante devido ao grande desinteresse em geral da juventude pela escola, que vem sendo expresso pela evasão do jovem. Najmanovich (2001) destaca que o conhecimento seria produto da interação humana com o mundo pelos sistemas simbólicos, meios técnicos, estilos relacionais e cognitivos, o que o torna multidimensional, incluindo as dimensões ética e estética. Assim, seríamos capazes de construir um mundo de experiências mediante nossos sistemas simbólicos. Para a autora, isso seria uma revolução epistemológica, pela crítica ao modelo representativo do conhecimento que vigorou na modernidade e que o trata por um processo mecânico e passivo, reprodutivista, com padronização de práticas cognitivas, valores homogêneos, uniformização, seriação, dividido por espaços separados, estanques, disciplinares. O conhecimento, na contemporaneidade, “é um processo dinâmico e encarnado em sujeitos e instituições sociais em interação com seu meio ambiente vital e em permanente transformação” (NAJMANOVICH, 2001, p.129).

Considerando essa questão, pode-se afirmar que o mundo moderno ou se esgotou ou está em seu esgotamento, sendo a atualidade um tempo de transição. Contudo, a escola, a despeito de tudo, ainda se encontra entrincheirada na modernidade com, por exemplo, professores, que foram formados pela concepção moderna de escola, em atuação. O mundo se transforma velozmente e a escola não conseguiu

acompanhar temporalmente essas mudanças, daí a urgência de se repensá-la. Assim, se concordamos com Maffesoli, que temos o retorno do corpo no imaginário pós-moderno, a sensibilidade tem de estar em pauta na escola.

Também Najmanovich (2001, p.130) argumenta que, uma vez que o conhecimento é produzido também pela interação humana e como vivemos, cada vez mais, em um ambiente de rede, a escola não perderia sua função, mas “se tornaria um gigantesco laboratório de novas possibilidades convivências”, onde os jovens têm acesso ao legado cultural, constituindo-se, também, como um espaço de criatividade onde se explora o mundo e se produz conhecimento.

Em termos maffesolianos, seria um espaço onde o estar juntos tem um fim em si, que seria o da produção de conhecimento. A escola, tendo em vista a juventude, reconfigurar-se-ia nessa perspectiva. O arcaico, visto como o espaço institucional fundado para tratar o conhecimento não se perderia, assim como toda a produção cultural humana não perderia esse espaço.

Em relação aos problemas da escola, Certeau (2001) realizou, para o governo francês, uma pesquisa análoga ao contexto brasileiro, na atualidade, no que se refere à juventude e ao interesse pela escola. Para o autor, nos problemas atuais permanecem as questões de fundo que estariam nas relações entre o conteúdo do ensino e a relação pedagógica. Para isso, faz três interrogações. Com a primeira questiona se refere a essa relação seria por si mesma produtora de saber ou se seria o meio pelo qual se transmite um saber estabelecido pelos professores. A segunda seria se a prática da comunicação deve intervir como determinante na criação de uma cultura escolar ou se seria uma técnica voltada ao consumo. A terceira se haveria uma ruptura entre o saber e a relação social.

Certeau (2001) coloca essa situação entre duas alternativas, sendo que uma se refere ao fato de que a escola se entrincheira tratando o saber na forma da transmissão ou entra com os alunos no jogo de forças e sedução, nos quais os discursos científicos seriam somente metáforas.

Assim, compreende-se que, ao considerarmos Certeau, pode-se afirmar que a escola necessita criar uma nova cultura que atenda às juventudes. Para tal, seria necessária a ruptura com sua postura de simples transmissora de saberes oferecidos por parte do professor sem ouvir o aluno, buscando, com as atuais formas de comunicação,

colocar em pauta a integração do saber com as questões sociais. Se verificarmos esses aspectos, pode-se perceber que, de certo modo, eles têm orientado, talvez, a maioria dos atuais estudos sobre as questões escolares.

As aulas deveriam ser mais sedutoras para os jovens. Ao afastar o sujeito na prática pedagógica, o ensino se voltou ao conhecimento racionalizado. É uma concepção cartesiana em que o corpo não está presente, somente a mente. Com isso se negou o prazer de conhecer. Entretanto, é mister reconhecer que mergulhamos em uma formação voltada a saberes que, em sua maioria, não se articulam com a vida cotidiana. Saberes ocultados pela escola, alheio às teorias, mas que ainda são fundamentais, já que não podemos simplesmente abrir mão deles, visto ser também compromisso da escola garantir a possibilidade de continuidade da vida escolar, no caso o acesso ao ensino superior, o que impõe um programa pronto às escolas.

Essas questões se relacionam à discussão posta pelos participantes, que apontam um (des) interesse do jovem pela escola, ao se manifestarem com a afirmativa de que teriam poucas coisas boas nessa instituição. Cabe lembrar que, no caso dessa escola, diferentemente do quadro brasileiro, não há evasão escolar no Ensino Médio. É necessário à escola, que está moldada pelas tradições e valores modernos, estabelecer outras linguagens de comunicação com os jovens, gerando outra cultura escolar, sem se perder na produção de conhecimentos, que é sua função fundacional.

Os jovens parecem resistir a essas imposições, demonstrando seu desinteresse a essa coação, reconhecida pelas próprias pedagogias, das quais não conseguimos nos desvencilhar. Os jovens gostam de ir à escola, mas não gostam do modo como as relações, as metodologias pedagógicas são estabelecidas.

Certeau (2001, p. 128) assevera que “quanto mais o saber se marginaliza, mais os problemas da relação invadem o campo em que ele ocupava. Sob muitos aspectos, é o indício de um novo papel da escola”. Para o autor, isso acarreta dois fatores: pela opção a uma radicalização ao objeto tradicional do ensino e outro, pela busca de se solucionar o problema somente pelo aperfeiçoamento dos programas às dificuldades que surgem em função de uma nova perspectiva da função escolar. Para ele, essa separação entre saber e relação pedagógica seria inaceitável e a escola precisa e pode ser o local de interseção para construção de uma conjunção para uma prática específica.

A escola seria um laboratório onde os problemas sociais se apresentam miniaturizados, mas visíveis e passíveis de tratamento. Seriam duas possibilidades de modelos culturais. A escola não é mais a única fonte para obtenção de conhecimentos e toda a revolução produz uma mutação na escola, diz Certeau.

Se considerarmos a perspectiva de autores que estudam a sociologia, estamos em plena revolução, em plena era de transição e isso certamente se reflete na escola, exigindo que ocorra essa mutação, que parece ser inevitável, devido às atuais formas de comunicação e informação.

Além disso, a aceitação da imposição dos programas escolares, que desagradam aos jovens, ocorre pelo reconhecimento de que entrar em uma universidade pode transformar suas vidas, o que os faz se submeterem aos exames ou ao formalismo do ensino. Do mesmo modo, para os jovens de escolas que estão à margem desse processo de ingresso em universidades, ou seja, os seus alunos não se veem prestando exames, há uma imensa evasão escolar entre alunos de 15 a 17 anos. Assim, os problemas sociais vão sendo atribuídos à escola de quem se cobra a reintegração da juventude.

Buscamos também compreender se o conhecimento tratado no âmbito escolar teria influência na escolha dos amigos (gráfico 12). Embora 55,5% afirmem que esses conhecimentos não teriam nenhuma influência na escolha de amigos, 44,5% afirmam que estes têm total ou parcial influência no momento de se estabelecerem amizades, o que seria suficiente para afirmar ser a escola um importante espaço de formação em que o conhecimento escolar ali sistematizado é tomado e transformado em valores, o que vem permitir e estabelecer os laços entre os jovens.

A escola estudada se caracteriza como uma escola que, a exemplo de outras instituições, tem diversos e complexos problemas, entretanto, busca discuti-los, expô-los, dando visibilidade a esse corpo e seus conflitos. Por outro lado, também se constitui como uma escola que reconhece a necessidade de busca de prazeres ao tratar o conhecimento.

Uma “boa escola” faz parte dos sonhos para os participantes, o que demonstra que a instituição escolar continua cumprindo suas funções sociais “inventadas” em sua fundação moderna, quando devidamente organizada para esse fim. Todavia, esse corpo na escola já não pensa em termos de sujeito-objeto ou outra forma dicotômica. Esse corpo enfatiza muito mais o que une do que o que separa. O espaço escolar permite

consolidar um estar juntos, ampliando as redes de amizades, de conhecimento entre outras pessoas, formando novas tribos. Ao afastar das dicotomias sujeito-objeto, corporeamente, colocamos a escola além da sala de aula. Antes de tudo, a educação é espaço de aprendizagem social.

“Acho que não só dentro de sala de aula, mas também na convivência com os alunos, os professores. Não somente dentro de sala de aula. Eu acho que a escola é boa por isso também. Você ter um convívio social, eu acho que é importante para você fazer suas ideias.”

“A lidar com situações difíceis.”

“A conviver com o outro. Conviver com a diferença do outro.”

“Conviver com pessoas diferentes, que gostam e que tenha opiniões diferentes dos seus. Sei lá, pessoas que apresentam características que vocês não sabem lidar muito. Saber principalmente como viver mesmo em um grupo, com pessoas, e isso.”

Najmanovich (2002, p. 99) destaca que herdamos da modernidade uma perspectiva de escola onde se “privilegiou um discurso do corpo que é o fruto da filosofia da excisão: o corpo autômato”. Concebido como único e verdadeiro corpo, objetivo, garantido por um saber científico, essa herança de corpo e saber atuam como camisa de força e vem impedindo a escola de aspirar um corpo mais diverso, afetivo, social, subjetivo, sendo necessário romper com as barreiras da excisão e as práticas sociais do individualismo moderno. Desse modo, a escola, onde a corporalidade faz parte enquanto território, e as relações sociais ali estabelecidas devem garantir a autonomia. Mas nos interessa, na autora, é que ela coloca que essa autonomia não se vincula à independência absoluta, o que nos arrastaria para o individualismo, mas para uma “autonomia na relação” (NAJMANOVICH, 2002, p.100). Isso implica a perspectiva de que, na contemporaneidade, as ações relacionais, ou em outras palavras, o estar juntos tendem a predominar, e a escola, para que tenha sentido junto à juventude, necessita ser um território dessa corporalidade. Para a autora, essa corporalidade demanda “pertencer à temporalidade, ser no devir, existir em e por uma dinâmica de intercâmbios e transformações” (idem, p.101).

Como já posto anteriormente, o ingresso nessa escola é por sorteio público de vagas, ou seja, vê-se um convívio social heterogêneo, garantindo uma diversidade de grupos que se diferenciam por condições sócio-econômicas, bairros, raças etc., que convergem para um mesmo espaço onde, por 12 anos escolares de educação básica, novos laços são estabelecidos, constituindo um projeto que perpassa essa formação.

Desse modo, citam aprendizagens e saberes que carregarão em seus corpos pelo restante da vida.

“Quebram-se as rivalidades antes existentes. Somos obrigados a conviver com outros antes ignorados”.

Quando perguntados sobre quem contribui em sua formação, as respostas se voltam inicialmente para a família, vindo a escola em seguida dentre os que contribuem na formação pessoal, de valores, sendo o ensino reconhecido como ato fundador dessa representação. Porém, destaca-se que não atribuem essa exclusividade a uma ou a outra instituição, mas a integração entre ambas.

“Mescla né?! Encontra em tudo, mas acho que a escola tem o seu papel nisso. Porque a gente passa aqui na escola assim, quase 5 horas no dia, às vezes mais, então assim, o que muito professor, diretor... tudo depende, é meio que um exemplo que a gente tem, a gente leva muito desses valores, mas também óbvio, valores da sua família e do mundo.”

Para os participantes, uma boa escola deve ter bons professores. A representação do que é um bom professor está ligada à função da instituição. Para os pesquisados, bons professores são aqueles que garantem a aprendizagem.

“Pô, eu acho que assim, ela é o lugar que mais tem influência sobre a gente depois da família. A escola, o ensino daqui é muito bom, a gente aprende bastante coisa...”

“Professor, professor assim capacitado, que assim, dê a aula, que conseguir fazer a gente prender a atenção e ao mesmo tempo estar aprendendo. Porque tem professor que assim, é muito bom, que dá matéria, matéria, matéria, só que a gente não consegue prestar atenção. Tem professor que consegue prender a nossa atenção e dar a matéria, aí sim. Assim que eu defino.”

A ideia do que é um professor se faz pelo corpo. Para Alves (2002), o corpo de professora vem acumulando conhecimentos de todo o tipo, dentre eles, valores, de tipos especiais que levam a ações tecidas cotidianamente, adquirindo posturas corporais que as levam a aprender a ser professora. Nesse sentido, ainda crianças, pelo uso de imagens apreendidas e de certa forma imitadas ou espelhadas dos corpos de seus professores, brincam de ser professores ou professoras, o que seria uma postura “conservadora” da imagem do ser professor. Nessas brincadeiras, observa-se como o corpo de professora segura um livro, como é sua postura em sala de aula, como é seu tom de voz etc.

A imagem antiga do professor também está associada à autoridade que, mesmo conquistada por castigos muitas vezes corporais, deixava a sala com um ambiente

silencioso, disciplinador, mesmo que provocado pelo medo. Foucault (1999) considera que o investimento no corpo, no início do século XX, foi no sentido de que ele deveria ser denso, rígido, meticuloso, constante, papel exercido pela escola, pelos hospitais, pelas casernas. Nesses espaços, a vigilância se faz presente e toda a arquitetura se converte para possibilitar essa vigilância, acompanhada de regimentos, hierarquias, de modo que o poder produz seus efeitos sobre esse corpo.

A pedagogia se insere nessa perspectiva de poder. Ao professor foram atribuídos poderes cujos efeitos tanto podem levar à autonomia ou à dependência. Talvez seja consenso, hoje, que não basta à escola vislumbrar a autonomia e a emancipação do sujeito. Também é necessário compreendermos o que é esta autonomia/emancipação e como o indivíduo a manifesta na sociedade.

Na perspectiva foucaultiana o poder existe, seduz, ramifica-se, relaciona-se com o saber, produzindo efeitos positivos em nível do desejo, e, longe de impedi-lo, o produz. Para Foucault, se há um saber sobre o corpo este foi possibilitado pelo conjunto de disciplinas escolares, militares e médicas.

Nesses tempos de intensa vigilância, posturas autoritárias predominaram, estando o poder em sala de aula regido pelo professor que dispunha de diversos instrumentos que lhe garantiam a necessária coerção para que esse poder tivesse efeito. Até a década de 1960, a relação familiar entre pais e filhos foi bastante autoritária, com uma ampla restrição nos comportamentos e atitudes, de modo que, para o jovem, ficavam claros os limites estabelecidos. Tomazetti e Oliveira (2010, p.56) destacam que pais autoritários “traziam consigo a demarcação de uma lei simbólica tecida com vigor e, desta forma, proporcionava aos jovens a possibilidade de, ao identificarem-na, a ela se oporem”. Essas posturas rígidas distanciaram a comunicação entre pais e filhos, gerando um formalismo nas relações, levando a dificuldades no contato com os jovens.

O fato acima citado, juntamente com as imposições do regime militar, fez com que, findada essa época, a opção das famílias passasse a ser por modelos educacionais que abandonaram as imposições e os castigos e que vieram a estabelecer relações mais horizontais. Também os jovens, como apontam as falas, valorizam esse modo de se relacionar com os professores, que devem estabelecer processos que privilegiem a comunicação, havendo espaço para seus questionamentos.

“ Só que aí é bom ter o diálogo, se ele achar errado, não gostar do que você falou sobre o que ele vai chegar em você e conversar. Igual um professor uma vez, acho que no ano passado, aconteceu um negócio que os dois conversaram, resolveram e estão bem...Então se você tiver o diálogo, é... Se ele for aberto para falar contigo da mesma forma que ele acha que é aberto para você conversar com ele naturalmente, ele vai chegar na sua e vai conversar contigo que ele não gostou da sua atitude. Aí eu acho que é bom ter o diálogo com o professor sim.

“Acho que é essencial mesmo, pra fazer uma boa escola, são os professores, o ensino de boa qualidade, poder saber lidar com os alunos bem. Você tipo, dá duro, você manda e todo mundo tem que obedecer. Acho que aqui é legal, porque dá liberdade pra todo mundo falar o que pensa, e sei lá, dar chance de dar suas opiniões. Eu acho que é legal nesse sentido também.”

“Mas eu já acho que não pode ser assim, se a escola como o João XXIII investe tanto num projeto de diálogo mesmo entre os professores e alunos, se a gente aqui tem vez, eles querem pelo menos que a gente tenha vez. Eu acho que a gente não pode escutar, assim, e baixar a cabeça e procurar a nossa melhor culpa, eu acho que a gente tem que...”

“Se for uma coisa que eles estejam certos, sim. Mas que a gente não acha.”

“Então a gente tem que questionar quando a gente acha.”

Destaca-se que agir diferente para se estabelecer outras formas nas relações de poder é uma construção ao longo dos anos. Observa-se que os alunos já percebem poder estabelecer novas formas de relação, mantendo posicionamento crítico quanto aos modos de agir, tanto da parte dos professores quanto da parte dos alunos.

“Muitas vezes, sem o aluno passar da conta, ofende, o professor fica numa situação difícil, mas acho que essa é a oportunidade que o professor tem de colocar na sua cabeça o que você tem que fazer, colocar uma certa maturidade no aluno, para ele não fazer aquilo que ele está fazendo, ofendendo e tal. Que um dia ele vai ser, vai ter um chefe, sei lá.. aí ele não vai poder fazer nada disso. Aí eu acho que é trabalho do professor falar com o aluno as coisas legais, mostrar que aquilo não está certo.

Com as mudanças nas relações de poder no ambiente de sala de aula, o aluno se perceber como parte participativa no processo é fundamental. Paulo Freire já apontava que, sem o ambiente propício para aprendizagem, esta não ocorre. Para isso, o ambiente teria de ser organizado, cada um ter seu momento de participação, respeitar o momento do outro, não sendo necessário ser um ambiente repressivo, coibitivo, opressivo. Professor e alunos devem ser comprometidos com o processo.

“Mas eu acho também que a qualidade do ensino depende do aluno. O professor programa sua aula com toda boa vontade, para fazer alguma coisa de melhor para os alunos, assim, a má vontade deles às vezes, sei lá, desanima um pouco. E também o aluno que fala muito, que é mais descomportada, ela só vai atrasando a aula e nisso o professor tem que dar a mesma matéria que tinha que dar em menos tempo, então tem que correr com a matéria e os alunos

ficam meio perdidos. Então eu acho que depende dos dois lados. Do aluno e do professor.”

A autoridade, nessa perspectiva, seria conquistada e não somente herdada ou dada como algo inquestionável. Apesar de haver o reconhecimento hierárquico do espaço, isso não é posto como condição inquestionável. As hierarquias e relações de autoridade não são negadas, pelo contrário, são postas como necessárias e cabem à instituição que as promove, sobretudo, pelo diálogo coerente. Também a autoridade, na contemporaneidade, frente à juventude implica estabelecerem-se limites.

Na escola brasileira, houve uma mudança no que se refere à autoridade docente. O bom professor, hoje, é aquele que adquire autoridade pelo bom exercício profissional junto a seus alunos, tem o saber de sua área e sabe como fazer com que este seja mediado junto aos alunos. Isso vem a constituir uma nova imagem corporal sobre o que é um professor na atualidade. Sua postura corporal certamente também se modificou. Ele lida com imagens multimídias, recorre aos livros com acompanhamento dos próprios alunos, já que cada um tem o seu, utiliza de meios inovadores e tradicionais, transita em diversos espaços e territórios e não se perde, principalmente, em sua tarefa de ensino.

Observa-se que, nesse sentido, o corpo não é alvo do poder. Algumas escolas impõem controle corporal como forma de disciplinarização, que se traduziria como uma escola exigente. Uma boa escola, nessa perspectiva, seria aquela em que os corpos são controlados. Na contemporaneidade, esse olhar se transformou. Em nossa sociedade poder participar, opinar é uma forma de aprendizagem política e as novas pedagogias buscariam essas possibilidades. Afastar do controle corporal e poder expressar-se livremente com respeito, reconhecendo hierarquias, mas tendo direito de se manifestar com todos é o que diferencia a avaliação sobre a escola. O ensino é fundador e não há boa escola sem ele, entretanto, as relações de poder estabelecidas no cotidiano diferenciam a escola.

“É, é importante os alunos darem suas opiniões pro colégio. Não são só os professores, os diretores impõem as coisas. Isso é legal você dividir tudo com os alunos, sabe? Tem colégio que fica mais rígido, tem uns que não aceitam muito, que nenhum aluno pode interferir, dar sua opinião, dizer o que pensa, o que acha.”

“...porque aqui a gente pode falar abertamente o que a gente quer, o que a gente pensa sempre, com qualquer pessoa, qualquer professor, coordenador, diretor. Agora tem certas escolas que não, são mais primárias quanto a isso...”

“ Ah! Esse negócio do aluno querer aprender, esse negócio das pessoas terem opinião, é porque tem muito aluno que fala o que pensa, mas muitas vezes acaba ofendendo, acaba colocando o professor, vamos dizer assim, numa situação desagradável. O aluno fala o que pensa com o devido respeito, aí sim.”

Na contemporaneidade poderíamos apontar que um bom professor, ainda que carregue traços arcaicos, no sentido maffesoliano, encontra-se em um diálogo e espaço de comunicação mais próximo com seus alunos no cotidiano, ou seja, o professor se coloca como mediador, promovendo a reflexão, a produção do conhecimento, possibilitando outras relações de poder na sala de aula, o que reflete nos/pelos corpos.

Todavia, quando essa relação não é estabelecida, Tomazetti e Oliveira (2010) indicam que o conflito se estabelece na escola. O não reconhecimento de uma nova postura por parte do professor tem uma íntima relação com sua formação e história de vida, já que os professores carregam características da modernidade, enquanto que os alunos já nasceram em um tempo em que o mundo encontra-se em plena transformação que pode ser a pós-modernidade.

Os professores são formados por tradições pedagógicas oriundas dos tempos modernos. Os jovens rejeitam os modelos arbitrários, suas verdades cristalizadas e buscam respostas para suas vidas em narrativas de diversas tribos. São abertos ao diálogo, à incerteza, à experimentação, aos relacionamentos temporários e são fiéis aos vínculos, leais a suas propostas de vida. Os jovens não querem somente festa, eles estão abertos aos saberes da vida. Não mais subordinados à religião, não oriundos e postos na perspectiva da racionalidade técnica, são abertos à experiência, à incerteza, ao efêmero, ao ambíguo, ao conhecimento passível de ser inventado no presente. Dessa forma, os professores vivem, juntamente com os alunos, as transformações culturais da contemporaneidade, mas acabam utilizando a escola como trincheira em que ainda se tem a ilusão de se estar em tempos culturais modernos.

O gráfico 13 expressa a compreensão dos participantes sobre a questão de como os professores veem a juventude: 9% afirmaram que os professores não entendem a juventude atual e 12%, o que supera o índice anterior, apontam e acreditam que os professores (todos) entendem a juventude. A terceira resposta consolida os dados das respostas anteriores, 77% apontam que alguns professores compreendem a juventude.

Assim, os participantes percebem haver diferenças na forma de pensar, de valorizar de cada um de seus professores.

A pergunta também foi feita no grupo focal, registrando-se similaridade nas respostas. A escola se encontra abalada com as transformações sociais que vêm ocorrendo. Acostumada e sustentada por tradições, hoje precisa compreender os sentidos do modo de vida da juventude, compreensão necessária para que os atuais professores possam trabalhar com os alunos. Para Tomazetti e Oliveira (2010), na escola, hoje, os alunos vivem em um tempo no qual a identidade do sujeito moderno, com estabilidade e segurança, vão se dissolvendo, assim como as referências de ordem familiar.

As transformações também são apontadas por Giddens (2002), segundo o qual o “eu” era ancorado por narrativas históricas e, na contemporaneidade, passou a ser constituído por informações contínuas do indivíduo sobre ele mesmo, alterando seu comportamento sexual, alimentar, os estilos de vida. Assim, sustentar-se no passado para se referenciar no presente passou a ser obsoleto para o sujeito. Como diz Maffesoli, é um tempo do presenteísmo. Dessa maneira, os participantes, ao serem perguntados se os professores compreendem a juventude, respondem que:

“Acho que sim.”
“Acho que eles tentam.”

Perguntados sobre o que haveria de ruim na escola, os participantes afirmam que ela tem tudo o que não gostam: trata-se de um espaço formal, de cobranças, de rotinas, de se submeter ao que não gostam. Lehmann (1997, p. 185) assinala que o corpo, na escola, encontra-se em uma situação complexa, já que ele faz exigência ao sujeito que é o mesmo dentro da escola ou em outro ambiente e, por outro lado, a escola espera sua formatação. Nesse sentido, “a escola aceita a dinâmica corpórea do aluno, até a rejeição e negação do corpo enquanto instrumento dinâmico e de prazer”. A escola, para a autora, vem tratando o corpo de forma reducionista, vendo-o ou na perspectiva biologizante ou na normatizante. Busca, ainda, um formalismo, pretendendo adequar o corpo para a transmissão do saber, apagando as manifestações que têm lugar no corpo, mas que não se referem ao saber.

“Obrigações”
“Você ter que fazer aquilo”

“Não lembra o tempo todo, eu acho que a gente deveria, às vezes a gente acaba deixando de fazer muita coisa assim. A escola é uma coisa que às vezes atrapalha assim, por que a gente quer aproveitar o nosso dia, para fazer o que a gente gosta. Mas a gente tem que estudar esse tipo de coisa, e aí a gente não pode aproveitar tudo que a gente quer.”

“A rotina.”

“O dever né, quando você chega da escola para descansar, mas tem o dever.”

“É, prova segunda-feira. Professor chato demais.”

“Essa cobrança que tem, Pism.”

Ainda não foi inventado algo que substitua a escola. Embora a pedagogia venha desde a Grécia antiga, a escola de massa é moderna e recente na história. As colocações sobre a escola são ambíguas. Por um lado, reconhece-se sua necessidade como espaço de aprendizagens, de tratamento do conhecimento, de formação de valores, sendo uma instituição reconhecida nesse aspecto. Por outro, quando se volta a uma análise sobre gosto, a escola é tida como algo chato, com poucos momentos de prazer, apresentando-se ao jovem somente com obrigações, compromissos, avaliações. Busca-se, com isso, uma mudança nas pedagogias de modo a torná-la mais agradável à juventude.

Perguntados sobre o que a escola apresenta como positivo, as respostas se resumem no fato de a escola ser um local onde o estar juntos é possibilitado por várias horas do dia.

“Eu acho que é mais difícil você apontar o quem tem de bom na escola, por que o que tem de ruim é bem fácil.”

O bom está associado ao gosto, ao prazer. Aristóteles, em seu Livro décimo, já falava em educar o jovem, dirigindo-o com prazer e com a dor. Para Aristóteles, prazer e dor se estendem para a vida inteira e todos preferem as coisas agradáveis e fogem das dolorosas. A ideologia moderna com suas metanarrativas vinha propondo extinguir a dor, o que Nietzsche combateu veementemente em sua obra, dizendo que a dor também faz parte da vida, sendo preciso que esteja presente.

Para Maffesoli, a fragmentação, o efêmero e o hedonismo são elementos que constituem o imaginário pós-moderno. Parece que o jovem espera da escola atual que ela seja um território para se viver esses elementos, desejando fugir das chatices cotidianas da escola. O jovem foge das angústias e busca no prazer uma fuga, não se baseando em uma vida totalmente hedonista, mas resguardada pelo cuidado. A angústia da vida levaria a preencher o vazio vivendo o presente de cuja experiência a escola faz parte.

Para Mrech (2009), os jovens hoje se desinteressam por um saber formalizado, interessando-se por fragmentos do saber. Isso requer que aprendamos a lidar com os saberes que estão em todos os lugares. Para a autora, cujo pensamento está fundamentado na perspectiva lacaniana, como a sociedade contemporânea privilegia o gozar, os alunos não querem produzir saber, mas apenas gozar.

Santos (2009, p. 80) discute Lévinas na questão do gozo, que o coloca como primazia existencial e isso o faz rever o estatuto da subjetividade que vem a ser concebido como sensibilidade e corporeidade. Essa perspectiva vem ao encontro da perspectiva contemporânea sobre as juventudes. Para o autor, “uma pura consciência não vive a vida, apenas a significa” e o que faz a fruição da vida não seria a cognição, mas, sim, a sensação e o sentimento. Observa-se que, nesse sentido, o gozo é separado do conhecimento ou que um conhecimento sensível é inferiorizado, como ocorreu no pensamento ocidental. Ao abordar a sensibilidade como modo de gozo, ela é retirada do pensamento gnoseológico.

Costa (2009) afirma que seria absurdo pensarmos que estamos em uma sociedade de prazer. A TV, a publicidade, o espetáculo nos dizem constantemente: “goze, goze, goze”, mas para, de fato, gozar, seria outra história. O autor fala que, se estamos autorizados a comer uma folha de alface, fazer “check up” constantemente, fazer palavras cruzadas para evitar o mal de Alzheimer, ter medo do colesterol, sermos expostos a diversas culinárias atrativas e termos de negá-las, ou seja, somos obrigados a abrir mão do prazer e acrescentaria, muito provavelmente, para esquecer a finitude da vida.

Para o autor acima citado, a questão do sensível foi muito bem explorada por Merleau-Ponty em uma fenomenologia do sensível, na qual o sensível nasce na percepção sensível que está na experiência corpórea. A consciência opera corporalmente, é corpo: “sou meu corpo”. Santos ainda aponta, pela fenomenologia pontyana, que o corpo nos une às coisas, torna-nos um com elas, dispensando ações complementares à experiência sensível. O corpo e as coisas estão na mesma “massa sensível” (SANTOS, 2009, p.92) e a passagem do corpo às coisas não seria uma pura transcendência, mas uma “transcendência-imanência ou comunhão”.

Não concordaríamos com a posição de que o jovem hoje não quer produzir saber, apenas gozar, no sentido expresso por Mrech. Aprende-se com o corpo e a

satisfação sobre a aprendizagem se manifesta corporalmente. Para Lehmann (1997, p. 193), “prazer e aprender se unem ao corpo, imagem de gozo. A disposição do corpo no ato de aprender gera alegria”. A escola vem menosprezando o corpo e, na perspectiva de Maffesoli, estaríamos retornando a um tempo dionisíaco no qual o corpo se evidencia.

Desse modo, o ensino tradicional se perde na comunicação e a escola tem dificuldades em lidar com os jovens, pois vem ocorrendo um novo emprego da linguagem que não se tece pelas vias do saber tradicional, com modelo hierárquico de transmissão, pois a informação está presente em toda parte. A pedagogia tradicional nega a questão do prazer e num tempo dionisíaco o lúdico emerge, sendo necessário rever os métodos do ensino para se aproximar e estabelecer comunicação com a juventude.

Talvez precisaríamos aprender, enquanto professores, a estabelecermos como levar a “gozar de corpo inteiro”, ou como diz Lehmann (1997, p. 193), “é preciso erotizar a ciência, ou seja, torná-la desejável e atraente”. Nesse sentido, a ideia psicanalítica do gozo, considerando a questão do sensível, aproxima-se das colocações de Maffesoli (1999) para quem existe um hedonismo do cotidiano que emerge em certas épocas e, quando se encontra presente, torna-se o eixo em torno do qual se organiza toda a vida social, o que estaria prestes a acontecer. Para Maffesoli, estaríamos entrando em uma nova época (pós-moderna), na qual o jogo das aparências passa a apontar novos modos de ser. Os modos de conhecimento do cotidiano, até então considerados secundários, como o frívolo, a emoção, a aparência, as banalidades, ganham importância e se resumem no termo “estética”, que vem modificar a política, a vida da empresa, a comunicação, tornando o vínculo social emocional, com elaborações de novos modos de ser, (*ethos*) em que o que é experimentado com o outro é primordial. Faz-se necessário a escola aderir a esse vínculo. A esse fenômeno ou processo Maffesoli denomina de “ética da estética”, em que “fazer da vida uma obra de arte” teria se tornado uma injunção de massa.

Para Lipovetsky (2005), há uma democratização do hedonismo, com a consagração do novo, do antimoral, sendo uma extensão da libertinagem da década de 1950, que passou a de 1960 com a revolta estudantil, a contracultura, o LSD, a liberação sexual. Depois desses fatos, o sentido de juventude ganha conotação de uma cultura

comum que se integra com a liberação, com o prazer e com o sexo, de modo que ser jovem passa por esses caminhos de compreensão.

“Eu também acho que tem que aproveitar, porque a gente não sabe o dia de amanhã. A gente tem que viver cada dia como se fosse o último.

“E também quando você morrer você fica com o sentimento assim de arrependimento. Ah não fez aquilo, deixei de fazer aquilo por causa disso. Eu não quero ter arrependimento de uma coisa que eu não fiz, eu posso até ter arrependimento de coisas que eu fiz. Mas eu não gostaria de ter arrependimento de coisas que eu não fiz.”

“Tem que aproveitar, mas não tanto para você morrer daqui a pouco entendeu? Igual tem pessoas que fazem.”

Nas falas de que *“Eu acho que é mais difícil você apontar o quem tem de bom na escola, por que o que tem de ruim é bem fácil.”*, sobressai a ideia de busca do hedonismo, o que nem sempre é encontrado na escola. Vive-se a juventude para tudo o que se liga a um presenteísmo, para um hedonismo como modo de vida que organizaria a vida social. O jovem e talvez mesmo os professores pretendem que a estética escolar se modifique, que outras éticas se estabeleçam, para que se permita um vínculo social emocional e a experiência com o outro seja primordial. A escola estaria no contexto da “ética da estética” apontada por Maffesoli.

A escola não se constituiria em um espaço de consolidação de um hedonismo, não seria o espaço da transcendência, nem seria o *locus* de perspectivas com visões morais e da lógica econômico-política. Na perspectiva do autor, deveríamos pensar uma escola aberta ao espaço do sensível, não negando a razão, mas colocando-a no espaço do sensível, substituindo a lógica do individualismo para uma lógica da coletividade que se mostra em um corpo coletivo. Também Maffesoli (1999) propõe o sensível com realidade empírica, o que é possível no ambiente escolar, que também pode tratar do gosto, da felicidade, não perdendo sua relação com os saberes oriundos da cultura.

O saber docente é amplo e se diferencia dos saber acadêmico, oriundo de um campo epistemológico. Também os participantes reconhecem que a qualidade de ensino depende de bons professores e, para que estes sejam bons, a liberdade tem de acompanhar a dinâmica cotidiana, ou seja, relações autoritárias são rejeitadas e não bastaria ao professor ser detentor do saber técnico de sua disciplina. Essa liberdade é encontrada na forma como são estabelecidas as relações de poder, que vêm se modificando em relação às pedagogias tradicionais, para tornar o espaço da escola mais

agradável, da criança à juventude, por permitir a participação entre pares antes hierarquizados. O professor é mediador nesse processo no qual o diálogo é a principal ferramenta.

“ Eu sou a favor do diálogo do professor com o aluno, só que eu observo que muitas vezes o aluno passou disso, passa até do respeito que tem do professor. Então por mais que ele não goste, tem que ter sempre o respeito.”

“Eu acho que o professor tem que conversar com o aluno até onde é o limite dele, porque se dá liberdade para você fazer tudo, se quiser falar tudo que você achar que está no seu direito de falar comigo, aí eu já acho errado, igual como eu falei que tem que deixar o aluno debater, sobre sua função, até aí tudo bom, mas já misturar com coisas diferentes disso ou se não tratar com falta de educação, achar que porque tem liberdade, pode fazer isso, aí já é diferente, entendeu?”

“Eu acho que isso é muito interessante. Aqui tem muitos professores que sabem muito, têm uma grande carga de conhecimento, mas nem sempre passam isso pra gente da forma mais eficiente. É isso. A lembrar disso.”

A escola, como todos os ambientes de convivência, é ambiente de conflitos. Saber lidar com eles é uma aprendizagem e a escola deve considerar essas relações como aprendizagens. Isso seria uma forma de conhecimento que não se encontra no currículo prescrito, mas vem a integrar o que foi chamado nas teorias do currículo de currículo oculto.

“Mas a gente tem que ter respeito por eles, isso todo mundo sabe, mas acho que eles têm que ter o mesmo respeito que a gente por eles.”

“Você não pode levar assim, o professor como um Deus, como se tudo que ele fala está certo.”

“Mas todo aluno tem que ter o seu, dar sua palavra no colégio, porque eu acho que um colégio de verdade tem também que dar uma base para os alunos né?! Se os alunos não debatessem, o colégio ia ser sem graça. Por causa daquilo e não ter a opinião de nenhum deles. Como se a gente fosse excluído.”

“Porque um dia a gente vai ser como eles, a gente vai trabalhar, vai ter nossa autoridade, eu acho importante a gente formar desde agora, para gente poder lá na frente saber o que fazer.”

“Saber resolver as coisas no começo.”

Também se pôde compreender, com a realização desse grupo, que não se tem jovens com a característica de um niilismo. Pelo contrário, o que é apontado e considerado injusto, que ofende pessoalmente ou ao grupo, tido como ofensa do caráter ou da honra leva os jovens a não considerarem mais a posição do professor como autoridade. Isso situa a autoridade do professor vinculada não somente ao saber técnico-científico, mas também a saberes da ordem do sensível em que o outro esteja presente

na relação. Hanna Arendt (2011) fala que a autoridade, na atualidade, está ligada ao local onde ela deve ser exercida. Nesse sentido, com as mudanças na ordem de poder efetivadas na escola, o autoritarismo perdeu espaço e atitudes que representam essa forma de relação são repudiadas pela juventude. No caso citado abaixo, o espaço da instituição foi preservado. Mesmo não concordando com a postura do professor, não houve manifestações de resistência por parte dos alunos que comprometessem o ambiente. O papel do professor como autoridade, como educador se perdeu, passando a ser visto meramente como um agente transmissor do conhecimento. Nos tempos da racionalidade técnica, das pedagogias ditas tradicionais, esse professor talvez estivesse exercendo sua autoridade.

Entretanto, em uma perspectiva em que se espera que o papel do professor vai além do saber técnico, sua autoridade em sala de aula se compromete. Isso remete aos estudos sobre os saberes docentes na atualidade e confirmam teses que os ampliam e os definem como as de Tardif, Pimenta, Perrenoud, Gauthier, Porlan, Pacheco, Contreras, Alarcão, dentre outros.

“É tipo assim, a gente tem três anos com a mesma professora. Aí pô, várias coisas que ela já fez, que a gente não concordava, mas era só sobre isso, trabalho, prova, essas coisas. Até o momento em que ela foi e afligiu a gente, assim, como pessoa, como caráter nosso. Ela duvidou do nosso caráter, aí já mexeu mais com a gente, já não mexeu mais com a matéria, aí pra gente mudou.”

“Sei lá. Eu não consigo muito ser, tipo, amiga do professor, porque eu sei que meu professor é algo assim, acima de mim, é algo superior, é como se fosse uma hierarquia e ele estivesse acima de mim e eu fosse o último, o nível mais baixo dessa hierarquia. Eu sempre tratei o professor com muito respeito, agora se for pessoal mesmo, que me ofende, eu falaria assim, algo que fosse... Na maioria das vezes algo só em relação a mim, (inaudível), algo em relação a mim mesma. Eu sei lá, procuro conversar com o professor em outro momento, lugares a sós mesmo. E eu sou, procuro ser às vezes tipo assim, mesmo, por mais que a pessoa seja injusta, que o professor seja injusto, alguma coisa assim comigo, eu sempre procuro ver se eu não tenho parte nisso. Porque se o professor tomar má impressão de mim, posso ter contribuído para que a má impressão tenha sido feita, sei lá, então pensando nisso, eu... E também independente de tudo, isso é um ponto importante na sua vida, nunca me incomodei com métodos diferentes dos professores, e a questão do ensino, faz algo que eu não goste, assim, eu sempre corro atrás, sei lá, no caso é que de maneira nenhuma eu tento me igualar ao professor, porque eu sou uma rés aluna e eu tenho o poder de conceber o professor.”

O que o professor como pessoa é, valerá mais do que seu saber. As sensibilidades e as percepções fazem parte do cotidiano escolar e se revertem na forma de valores e outros saberes.

“Então, está até acontecendo isso aí, já rolou lá na sala. Assim, não que eu esteja lançando muita crítica em cima do professor, não consigo mais ver o professor como, assim, uma pessoa como a gente admira, não tem mais respeito, porque o que ela fez com a gente, a gente não leva mais ela em consideração.”

Perguntados sobre o que apontariam como diferencial em seu colégio, os jovens apontam a qualidade do ensino. Também destacam o diálogo transparente entre gestores, professores e alunos em torno de problemas que são compartilhados, sendo a escola considerada um espaço de convivência social onde os problemas presentes servem de motivação para o diálogo.

“Eu acho que o mais importante é a qualidade do ensino, e o lugar também, o espaço que eles estão, estão dando assim para os alunos, sabe.”

“Porque o João XXIII oferece muita coisa pra gente, tem gente que nem dá muito valor. Tem colégios que nem professor direito tem.”

“Tem alunos aqui que ficam batalhando pra caramba, estudando e tem uns que não querem saber de nada, entendeu? E às vezes tem o outro que está lá, que não tem condições de nada, que tentou e não conseguiu que continua lá estudando.”

“Qualidade é muito interessante nisso, só que tem um problema que eu acho que assim, que é um diferencial do nosso colégio, conheço muita gente de colégio particular, e muito colégio assim, por exemplo, acontece alguma coisa no colégio que eles querem botar, jogar para debaixo do tapete, que eles não querem comentar muito, querem resolver por dentro, não colocar para os alunos, para os pais, assim, aqui não. Aqui no colégio aconteceu, então vamos falar o que está acontecendo, aconteceu isso, isso e isso, a gente tá fazendo isso, isso e isso, pra solucionar. Outros colégios não, botam debaixo do tapete, acabou e não querem que os alunos fiquem sabendo disso.”

“Principalmente de convivência.”

“Eu acho que um dos diferenciais do nosso colégio é isso, está acontecendo, então vamos jogar a realidade para os alunos, porque se eles são um dos papéis mais importantes da escola, porque eles não vão ficar sabendo? Eu acho que uma das coisas mais importantes do nosso colégio é isso. A verdade que os funcionários, os professores, as pessoas maiores têm com a gente.”

“Aqui no colégio, pelo que eu vejo, a gente está sempre escutando as coisas acontecendo. Igual, sempre passam na sala pra falar o que está acontecendo, qual o problema, o que está acontecendo de errado, pode ser que não resolve no dia entendeu? Mas pode até resolver, mas tem colégio que não faz isso. Bota pra debaixo do tapete, não vai na sala para avisar, não vai conversar com os alunos. Eu acho que precisa conversar com os alunos.”

Entre os participantes há juízos de valor relacionados a atitudes do outro. Ao identificarem atitudes consideradas erradas entre os amigos, a opção mais indicada pelos participantes foi a conversa. Quando se trata de amigos mais próximos, o repúdio a atitudes é feito com veemência para demonstrar o descontentamento. Assim,

“extrapolar” exige atitude dos amigos, que se sentem na obrigação de conversar sobre o problema. Contudo, quando os problemas são graves, demonstram dificuldade em encontrar o melhor encaminhamento para as questões.

“Eu acho que é isso, se você não tiver tanta intimidade com a pessoa, e você chegar e falar assim, você fez errado e tal, se for amigo meu, vou brigar com ele, vou tentar corrigir de uma forma mais rígida.”

“Só que ele extrapolou bem, extrapolou mesmo, só que essa foi demais. Assim é demais.”

“Só que aqui no colégio, se eu fosse amiga da pessoa, eu ia falar. Só que ele não ia falar. Imagina como ele vai ficar se o colégio souber disso. Eu acho que muitas pessoas, a maioria pelo menos vai deixar ele de lado, e vai partir para outro modo, não vai conversar entendeu? Porque o povo ficou muito revoltado com esse negócio, com o que aconteceu, você fica sem saber o que vai fazer. Porque eu acho que a pessoa que não esperaria que a outra pessoa iria chegar na dela pra conversar, pode ser... eu acho que amigo mesmo vai chegar, vai na dela conversar, é o melhor amigo dela, porque colega não vai. Eu pelo menos, fiquei revoltada quando fiquei sabendo. Eu acho que a maioria das pessoas quando descobrirem quem foi, vão ficar revoltadas também com ela.”

Existe uma solidariedade, uma espécie de pacto que impede de expor o outro. Na escola, mesmo que se discorde das atitudes do outro, evitam expô-lo, fazendo o que for possível para que as instâncias superiores tenham conhecimento do fato. Maffesoli lembra que, na pós-modernidade, sentimentos nascem, fortalecem as inter-relações, com pequenas coisas que compõem um todo chamado de socialidade. O fato acima narrado levaria ao que Maffesoli chama de “solidariedade de base”, termo que utiliza para reafirmar um *ethos* de um viver comum. Pertencer a um grupo, ter amigos, são características desse viver comum. O espaço escolar consolida-se como um lugar de aglutinamento e forma a conjunção. Ao se negar a “dedurar” o outro, estabelece-se uma ética que sustenta as relações garantindo e legitimando a relação com o outro. Essa atitude seria um exemplo das questões que possibilitam um “viver ético-estético-afetivo”. Esse comportamento, que faria parte de uma ética da estética social na atualidade, ocorre na ambiência comunitária, como a escola, e tem princípios de empatia, já que apresenta a generosidade do espírito, da proximidade e correspondência mútua entre pessoas que brotam no dia-a-dia no que é vivenciado em comum.

“Eu acho que não.” (referindo a uma possibilidade de alguém entregar o outro).

“Se é amigo de verdade não.”

“Eu acho que não, eu acho que mesmo se não for amigo, eu acho que não.”

“É, ou tentar convencer ele a se entregar. Mas eu não falo.”

“Eu não contaria se fosse minha amiga, eu acho que amizade está acima do que é certo e errado, você pode até convencer essa pessoa, seu amigo

conversar, ficar bravo com ela, eu acho que chegar e contar eu não faria. Poderia até me afastar dependendo do caso, se fosse desse tipo de coisa que a pessoa fez. Porque a pessoa já se transformou em um tipo que eu não conhecia, e aí eu me afastaria. Mas acho que eu não contaria.”
“Eu também me afastaria.”

Quando reconhecem que determinada atitude compromete o coletivo, o viver comum pode ficar ameaçado. Isso faria emergir a solidariedade de base que funciona em relação ao grupo, vez que o indivíduo não teria o direito de comprometer o coletivo. Embora seja uma atitude ética, apresenta uma dualidade, uma ambiguidade de valores, visto que pode haver posicionamentos diferentes, dependendo do fato se a atitude afeta ou não o grupo. O coletivo é privilegiado em detrimento ao individual, ou seja, o julgamento de atitudes que levam ao estabelecimento ético privilegia o coletivo, de modo a garantir o estar juntos.

“Eu sei o caso de uma pessoa que denunciou no colégio esse ano, mas fica morrendo de medo da pessoa descobrir que foi ela.”

“Eu denuncio, se você está errado, eu não aceito de jeito nenhum, sendo amigo ou não, tem que falar, eu fico bolado com pais que passam a mão na cabeça do filho que faz coisa errada.”

“Igual, se eu tiver um amigo que tem um amigo que sabe que fez uma parada dessa no colégio, ela não iria me contar. Porque se ela me contasse eu chegaria para falar. Só que acho que ela viu que se ela me contasse, eu ia chegar para contar quem que é, então ela preferiu abafar o caso, tanto que até hoje ela não comenta do assunto. Eu tentei, pelo menos eu tentei descobrir quem é a pessoa, mas ela não quis contar. Mas eu acho que depende, se é amigo, eu, se fosse um amigo meu, que tivesse feito, ele falaria, lógico, ele ficaria bolado comigo. Pô..., você é minha melhor amiga, vai lá dedar para as pessoas. Mas eu acho que assim é errado, então...”

“Ainda mais quando a gente, que não parece que a gente denunciou, mas é uma coisa que está prejudicando a escola.”

“É uma coisa que é errada, mas quando chegar em casa, vou contar pra minha mãe e ela vai fazer o que for preciso. É uma coisa que você fica assim, tipo, o dia que eu cheguei aqui e fiquei sabendo, quando fiquei sentada ali fora,... Igual uma amiga minha, que eu acho que queimaram o armário dela primeiro, até no dia ela não veio na aula, ela me contou pela internet que tinha acontecido isso, aí, igual quando eu cheguei aqui no colégio e eu vi que as pessoas estavam sentadas do lado de fora, porque eles não abriram as salas, porque eles trancaram as salas por causa disso, porque o povo estava revoltado com o que aconteceu, entendeu? Aí você fica assim, é uma coisa que dentro do colégio, que pelo menos em todos os colégios que eu estudei até hoje, nunca aconteceu, entendeu? E fica aquela dúvida, igual está rolando muito assim, tipo, porque o 1º ano chegou, eu também não tenho dúvida que é por causa disso que aconteceu. Igual, ela é do 2º ano praticamente, igual minha amiga falou: Até hoje, até hoje não aconteceu nada depois que eu vim pro Ensino Médio. Igual, eu sou do primeiro ano, ele e ela também. Depois que a gente chegou, a minha amiga falou que acha que isso está acontecendo por

causa do 1º ano, e eu também que sou do 1º ano, eu acho que isso que está acontecendo é por causa disso também.”

“O certo está acima.”

“É certo contar. Eu contaria.”

Ainda que haja uma preocupação em se preservar as amizades, diferentemente de outras épocas, a amizade não é fiel a qualquer situação. Caso o outro tenha um comportamento inadequado socialmente, aceita-se delatá-lo, mas em sigilo, para não romper com a amizade. O que o outro fez considerado errado não é impedimento à continuidade da amizade, contudo, a atitude pode ser denunciada, para que o grupo não seja prejudicado. Os comportamentos que garantem a coesão do grupo predominam em relação ao individual. O julgamento de valores entre o certo e errado se mantém.

“Se o cara fosse muito meu amigo, eu dedava. Mas eu não contaria pra ele que foi eu que dedei.”

“Eu também, eu ia lá e contava, mas não falaria que eu contei.”

“Mas se não fosse meu amigo, não ia ligar não, eu ia falar.”

“Se for merda então, o mais certo é contar.”

“Ainda mais pra prejudicar um espaço que é nosso.”

Há repulsão daqueles que são considerados “mau caráter”, de quem há um afastamento. Observa-se que os jovens parecem ser bastante exigentes com a coerência de comportamentos entre pessoas. Longe de um niilismo, há regras éticas que referenciam as relações, repudiando-se o individualismo, ou seja, aquele que age por si mesmo, sem considerar o grupo, é repudiado.

“Você vê que a pessoa é mau caráter, sai dela assim, você vê que ela faz as coisas muito erradas.”

“Pode fazer errado até com você, do jeito que ela quer levar vantagem em cima de todo mundo, prejudicando todo mundo, ela pode prejudicar até você mesmo.”

“Acho que briguinha que você tem todo dia, uma coisa boa, não faz você afastar de uma pessoa. Mas se você vê que a pessoa é ruim, e que ela não tem caráter, eu acho que é o que basta para você largar dela.”

Observa-se que a escola não deve ser espaço somente para aulas formais. Os participantes concordam que deva ser um espaço que envolva outras formas de aprendizagem com atividades fora de sala aula. A escola se complementa e diferencia com atividades extras que envolvam diferentes atividades de formação e convivência. É preciso haver atividades lúdicas no colégio, ainda que eventualmente.

“Eu acho muito legal, é uma coisa que a gente tem que agradecer pelo colégio que a gente tem.”

“Mas eu acho legal porque nem todos os colégios fazem isso.”

“Eu acho que tem que ter mesmo, para os alunos se distraírem e para que os alunos não vejam o colégio só como uma coisa séria, mas vejam como uma coisa descontraída.

“Igual o interclasse, é uma boa.”

Uma visão diferenciada da tradicional sobre os corpos se faz presente na escola, o que é apontado como um ponto forte que diferencia o colégio em questão. São corpos que se integram ao social, ao auxílio ao outro, a si mesmos em atividades na forma de projetos que envolvem os alunos como protagonistas. Esses projetos, que podem estar direcionados ao ensino, à pesquisa ou à extensão, trazem a valorização de si mesmo ou do sentimento de preservação da instituição. Assim, o aluno, que atua como monitor, auxilia os outros em horários diferenciados, volta-se à sua própria formação pela iniciação científica ou pode, ainda, inserir-se em projetos de cunho social ou de atendimento público. Tais projetos transfiguram a ideia de um corpo meramente receptor de conhecimento, tornando-se corpos produtores de si mesmos, processo este desencadeado pelo outro.

“Tem também a oportunidade de monitoria de tarde, que nem eu, por exemplo, eu passo a maior parte da minha vida aqui no colégio. Tem dia que eu fico aqui até às 18h. Tem dia que eu chego em casa às 18h e saio às 6h da manhã.”

“Tem também esse projeto que está tendo para alunos trabalharem à tarde, também acho legal.”

“Faço o BIC Jr daqui.

Estar e estudar nessa escola é um fator de orgulho para esses estudantes, segundo os quais existe, entre os amigos que estudam em outras escolas, um desejo de estudar na instituição. É importante lembrar, como fora anteriormente destacado, que não se registra evasão na escola, mesmo com a heterogeneidade sócio-econômica garantida pelo sistema de sorteio público, o que indica o cumprimento de sua função institucional. Alguns dos participantes, que estudaram anteriormente em escolas privadas, fazem comparações com essa escola pública, destacando uma igualdade em relação à qualidade. Essa presença da comparação entre o público e o privado demonstra a representação que se tem hoje, normalmente, da escola pública como espaço educacional que perdeu sua qualidade a qual é atribuída às escolas privadas.

A escola pública representa um espaço que abriga corpos excluídos e, conseqüentemente, não desejáveis. O corpo na escola privada é um corpo que poderá

ascender socialmente, garantindo um ritual de passagem para um nível superior. Como a boa escola pública é exceção, poder fazer parte de uma delas gera satisfação.

“É um início de conversa com outras pessoas que estudam em outros lugares. Igual eu tenho amigos de fora do colégio que são loucos para estudarem aqui ou conhecer como funciona.”

“Até outro dia eu estava conversando com uma amiga minha, e ela ah... Minha mãe falou que queria me colocar no João XXIII, mas é difícil porque é sorteio.”

“É igual eu tenho uma amiga, e primos que até hoje têm vontade de vir para cá, minha mãe tentou sorteio aqui duas ou três vezes... Minha mãe falou que era a última vez que ela ia tentar, aí ela conseguiu.”

“Aqui esse colégio aqui é muito bom, a gente tem todos os benefícios de um colégio particular, sem pagar assim diretamente, sabe?”

“Eu entrei na quinta série e estudei meus quatro anos lá no Santos Anjos também. Aí, assim, tentou uma vez, tentou duas vezes.”

“Tentei quatro vezes, desde o primeiro ano.”

“No meu já, nego já fala assim, naquele e tal, tem uns colégios legais, outros não. Igual eu já morei em monte de lugares, e eu tenho um monte de amigos pela cidade, mas onde eu estou agora, os meus amigos de lá estão todos no colégio do meu irmão pequeno. Minha mãe tenta sempre pro meu irmão entrar aqui, mas não consegue. Aí todos os sonhos dele é entrar aqui, porque o colégio lá é horrível, sabe, é uma porcaria. E aí, o sonho da minha mãe, e de todo mundo é assim, colocar meu filho em um colégio igual o João XXIII.”

Foi feito um questionamento sobre quais disciplinas gostariam de ampliar ou retirar do currículo. Segundo os sujeitos pesquisados, o Ensino Religioso é considerado enfadonho. Entretanto, conforme citado anteriormente nesta tese, a diversidade religiosa é aceita e integra diferentes tribos, não havendo obrigatoriedade de se seguir ou ter uma religião. Desse modo, isso faz pensar até que ponto o Ensino Religioso deva ser inserido na escola ou se caberia às instituições religiosas e ou às famílias sua propagação.

Os participantes da pesquisa declaram que gostariam de ter mais aulas de Educação Física, disciplina que tem diretamente o corpo como referencial de conhecimento, apresentando sempre a característica de ludicidade nas aulas. A disciplina, diversamente do que ocorrera na modernidade, já não mais se volta à docilização dos corpos. Na atualidade, a Educação Física vem ao encontro do culto ao corpo, do jogo com suas características de incerteza, do jogo, do estar juntos como forma que sustenta as relações no espaço escolar.

Curiosamente as duas disciplinas apontadas, o Ensino Religioso e Educação Física diretamente se relacionam ao corpo. A primeira tratando das questões morais e a segunda das relações ligadas aos prazeres. O imaginário religioso que predominou na modernidade teve como alvo o controle corporal, especialmente no que se refere à

sexualidade. Na atualidade, o dionisíaco vem emergindo e o corpo está em cena, de modo que o uso dos prazeres integra o imaginário contemporâneo. O jovem inserido nesse mundo é abarcado por essas características.

As disciplinas sem tradição no currículo, que não têm as características da tradição científica moderna que fundamentou a grade escolar, como as que tratam de assuntos sociais e filosóficos exclusivamente, não são valorizadas pelos participantes:

“Uma coisa que não me interessa nada é essa coisa de Ensino Religioso, que na maioria dos colégios bons daqui de Juiz de Fora, são religiosos, e aqui não tem essa pressão, essa chatice.

“Eu sinto falta, eu sinto mais de Educação Física.”

“Eu também, eu ia falar a mesma coisa, eu sinto falta por que quando eu passei por Ensino Médio é só uma aula só por semana, eu queria que fosse cinco.” (referindo-se à Educação Física).

“Tirar Sociologia ou de Filosofia e bota mais uma de Educação Física.

Por outro lado, outros conteúdos que atendem aos gostos são valorizados. Existe no colégio uma parte do currículo em que se pode fazer opção por módulos de ensino cuja característica é tratar de temas variados. Isso leva à compreensão de que há o desejo pelo conhecimento por parte dos jovens. Assim, o que a escola necessita é de uma busca sobre quais conhecimentos devem ser tratados no Ensino Médio, como tratá-los e por que devem fazer parte do currículo.

“Eu acho que aborda todos os conteúdos, inclusive o modulo também, dá várias oportunidades.”

“Talvez mais opções de modulo também.”

Observa-se que os participantes chamam a atenção para um certo utilitarismo, ao citarem o que deveria existir de disciplinas na escola. A escola, em sua grande maioria, constitui um currículo voltado para exames de acesso ao ensino superior, reafirmando uma submissão aos conteúdos indicados externamente que se voltam ao atual mundo do trabalho. Entretanto, este já não é mais um mundo com as características que predominaram na modernidade, mas um mundo que se pauta na incerteza, no fim do duradouro, na desconfiança do mundo externo, o que faz com que as narrativas de uma identidade estável não mais se sustentem.

Destaca-se que as exigências de conteúdos para exames ao ensino superior não têm a ver com essa flexibilização das formas de conhecimento, estando muito mais relacionadas ao saber posto como definitivo, fixo, certo, como fora tradição na modernidade. Desse modo, a escola, com seus conteúdos, está em constante conflito

com os estudantes, que postulam outra forma de compreender o mundo, o que ainda não encontra eco na escola.

Enquanto a escola concebe o ensino em uma perspectiva tradicional, os alunos se perdem em um emaranhado de discursos midiáticos, o que é corroborado por Bauman (1998), para quem há uma mensagem de indeterminação e maleabilidade do mundo, onde tudo pode acontecer ou ser feito, mas nunca de forma definitiva; onde os acontecimentos chegam sem anúncios e vão embora sem aviso. O viver aqui e agora se torna a opção de vida contemporânea que duvida dos alicerces tradicionais perdidos com a modernidade, que ainda estão sustentando a escola atual.

Frente a esse contexto, Tomazeti e Oliveira (2010) veem que a sala de aula, um projeto moderno, vê-se ameaçada em seus muros, antes sólidos. Assim, as disciplinas são vistas de modo utilitário. Todavia, tal posicionamento não é geral e fechado, existindo divergência de opiniões, o que significa que o posicionamento crítico está presente no cotidiano.

“Eu acho que está sobrando matéria tipo assim se a base do nosso estudo aqui no Ensino Médio é o PISM, porque a gente estuda matérias tipo Filosofia.

“Eu não acho necessário.

“Eu acho muito necessário.

“É só que a gente tem que pensar que o PISM, muita gente desiste do PISM etc. Tem vestibular, tem o Enem, que cai Filosofia, se não me engano, sabe. Não é só do PISM, a gente está principalmente centrado no PISM, porque eu acho que é a melhor oportunidade para nós aproveitarmos, mas tem outras coisas que nos colocam na faculdade que precisa de outras matérias, inclusive Filosofia, e as línguas estrangeiras.”

“Igual dá pra você escolher se você quer Inglês, Espanhol e até Frances.

“Ah não, mas hoje a gente pensa assim, igual de vez em quando passa matéria no quadro, o professor passa, para que eu preciso saber disso.”

O jovem busca o gosto e estaríamos em um tempo de efervescência do gosto, o que não é uma característica da escola enquanto instituição. As didáticas, as práticas pedagógicas na escola vêm buscando se aproximar do interesse da juventude, como forma de tornar a escola mais agradável. Também os participantes destacam que gostariam de ter a possibilidade na escolha de temas ou disciplinas, ou seja, ter autonomia na escolha de seu currículo. Tal fato ocorre por terem experimentado essa possibilidade parcialmente, em sua organização curricular que oferece “módulos” temáticos de ensino abordando diferentes temas. Essa possibilidade de escolha nessa parte curricular se lhes apresentou como forma de organização interessante. Citam, ainda, a experiência que ocorre em outros países.

O desinteresse na escola se manifesta corporalmente. Como o corpo se submete a práticas coercitivas, visto ser a educação uma prática obrigatória constitucional, acaba por haver um distanciamento do prazer. No utilitarismo imposto por exames de acesso a níveis superiores, a escola se sucumbe, tornando-se desinteressante e abandona a possibilidade de se consubstanciar como um espaço privilegiado de discussão das transformações do mundo contemporâneo. A sala de aula torna-se um lugar de resistência ao controle e disciplinarização e, muitas vezes, não há espaço participativo, espaço de produção de conhecimento.

“Sabe que eu acho, que seria um avanço muito grande, as escolas dos Estados Unidos buscam sua nota e vê quais matérias você é melhor. Quando você entra no Ensino Médio, você só faz as matérias que encaixam com o curso que você quer fazer, para que você se identifica, sabe? Eles veem quais matérias que você não, que você vai bem, você está entendendo o que eu tô querendo falar. Ele se encaixa em tal, tal e tal, é faculdade, curso superior, aí ele só faz matérias que cai nesse curso superior, entendeu? Tipo assim, eu acho que tem gente, igual eu quero alguma coisa como arte e publicidade, aí eu faço matéria que não cai, que não precisa.

“É, mas aí tem essa coisa, você vai fazer uma área igual de uma matéria que você vai usar mais, aí é lógico, Direito você usa mais o Português, por exemplo, cada área tem uma matéria, mas...”

“Mas é igual que o Agostinho falou uma vez comigo, que ele falou assim que o filho dele foi formar em Comunicação, e viu que as notas de Física eram baixa do pessoal que passava, aí foi, estudou para caramba, aí foi o diferencial nele, aí isso eu acho que é legal, só que eu acho que é difícil, você ver afinidade em matéria que você não gosta.

O gosto, o prazer foram colocados como algo que estimula o ambiente de aprendizagem. Os participantes também apontam questões envolvidas na didática que são propriedades do exercício de ser professor, ou em outras palavras, do saber docente, que deveriam estar envolvidas na sua formação enquanto professor, estando presentes em sala de aula. Assim, definem uma boa aula como:

“Uma boa aula é a aula que você aprende”.

“Aula que você sai com aquela sensação, pô não entendi nada vou ter que estudar tudo isso de novo.”

“Aula que todo mundo participa, colabora, que professor sabe a matéria, que rende.”

“A aula perfeita, sério, que todo mundo ficasse quietos, que o professor conseguisse passar tudo que ele quisesse, todo mundo saísse com tudo entendido, essa seria perfeita.”

Para os alunos pesquisados, as disciplinas deveriam ter sentido. Eles questionam os motivos e a forma como elas são ministradas na escola. Caberia à didática ir ao encontro desses sentidos e, quando isso não ocorre, apresentam-se as críticas.

Também se percebe que os participantes indicam que a avaliação, entre alguns professores, constitui-se como um meio para se manter poder em sala.

Em relação às disciplinas que têm o foco na formação de aspectos sócio-filosóficos, sua importância ou valorização é atribuída à sua exigência em processos seletivos, não se lhes atribuindo sua importância na formação humana. A função da escola é vinculada a seus aspectos fundacionais, ou seja, é uma instituição que tem seu reconhecimento social voltado ao ensino. Assim sendo, as disciplinas de origem epistemológica oriunda das Ciências e Língua Materna não são questionadas.

“Eu acho que serve muito para formar a pessoas.” (Sobre a Filosofia).

“Outra coisa que eu fico revoltado, eu acho que deveria ser uma matéria conceitual, tipo por que, eu acho que ela é dada, eu acho que as pessoas estão colocando, muita pressão em cima de uma matéria que nem é tão importante assim. Eu acho que eu posso até estar falando alguma coisa errada, mas o professor que está dando essa matéria, é então, ela briga muito pela matéria que assim não vale tanto a pena.”

“Tá. Essa questão da Filosofia, porque eu não gosto, particularmente eu não gosto de matéria, tipo aula. Porque se você for ver todas as teorias, todos, ver os pensadores e tal, vê as pessoas que elaboraram isso...são linhas de pensamentos, são muito inteligentes, mas eu acho que algo para ser estudado é algo mais pessoal sabe. Aula é algo que é cobrar com seu pensamento.

“Eles estão avaliando de um jeito errado, Filosofia, acho que não é nota, é como se fosse ver se você está pensando certo, fazendo certo, mas ninguém mede o que está certo. Eu acho que a avaliação da Filosofia em nota não dá certo.”

“Ah, sei lá. É porque Filosofia, por exemplo, seria para ampliar o conhecimento sobre a realidade, é algo que vai muito além de sala de aula e nota, e pensamentos corretos. O que tem em Filosofia são pensamentos que, do meu ponto de vista, são corretos ou não. Mas são pontos de vista e são debatidos, e assim a gente vai chegando mais no nosso todo. Com vários focos diferentes, a gente tem uma maior visão do mundo. Não como uma matéria que o professor passa no quadro, cobra nota, por que não é isso, eu acho que isso é o verdadeiro objetivo. Sabe?”

O Ensino Médio é questionado em sua forma, conteúdo e organização pelos participantes, que afirmam que a juventude pensa no presente. O conhecimento, não, deveria partir da realidade e das necessidades presentes no cotidiano, como também para a formação profissional ou para o mundo do trabalho.

Eu acho que devia ser um pouco mais técnica, às vezes o Ensino Médio principalmente, no Ensino Fundamental a gente tem uma base, o Ensino Médio devia ser um pouco mais técnico.”

“É, mais prático, essas coisas assim.”

“Eu continuo desejando aquele jeito onde a gente deveria escolher o que tivesse a ver com nossa vertente profissional.”

Entretanto, a escolha profissional é uma dúvida presente que acompanha a juventude. Os próprios participantes mostram-se sensíveis à questão, admitindo que ainda não amadureceram o suficiente para a escolha de uma opção profissional que os acompanhará pela vida. Percebem, na fala dos adultos próximos como a família, o desejo que sigam com profissões que têm a tradição de serem bem sucedidas economicamente. Isso gera um desconforto na escolha profissional, uma vez que se trata de uma geração que vem privilegiando e buscando o gosto, em detrimento de uma opção meramente por critérios econômicos e reconhecimento social.

“...muita gente só vai pensar no que fazer só no terceiro ano do Ensino Médio. Então não dá para direcionar nada.”

“Eu não faço nem ideia.”

“Se fosse para escolher agora com certeza, mas pra frente eu não sei se vou mudar. Posso conhecer mais coisas novas.”

“Talvez até na hora de eu escolher, eu vou estar tão definido como eu tô agora, mas...”

“Eu acho que eu tenho tantas opções, eu não sei qual que eu posso escolher, de coisas que eu vou bem assim, sabe.”

“É porque, olha só, meu pai fala assim, você tem que fazer alguma coisa, sério, meu pai fala assim, você tem que fazer computação gráfica, e nem sei que lá, é tudo que eu gosto de computador, minha mãe que é professora de Artes, ela fala, você desenha bem, você tem que fazer alguma coisa com arte, você sabe ensinar, você fala bem. O monte de outras pessoas falam pra me fazer um monte de coisa, eu não entendo, que eu tenho que fazer sabe. Aí meu vô fica em cima para eu fazer Direito, que só advogado que é gente, minha avó fala que eu tenho que fazer Medicina, olha só, é porque eles têm cabecinha fechada, sabe? Ai eu tenho o montão de coisa que eu acho que eu poderia fazer que eu ia me dar bem, só que eu não tenho.”

As falas sinalizam que os pesquisados desejam estar em uma escola que garanta a perspectiva de continuidade de estudos, que possibilita se pensar na escolha profissional, com apoio dos pais, sem imposição. Assinalam que o gosto deva ser valorizado em uma escolha profissional, devendo estar acima de uma posição social reconhecida simplesmente pela profissão exercida. Contudo, destacam a importância de uma boa remuneração a fim de que se tenha uma vida confortável. Assim, não se interessam por profissões como é o caso do magistério, devido à sua desvalorização e o fato de os professores serem impotentes frente aos problemas sociais hoje presentes.

“Igual minha mãe fez Geografia, e chamei ela de doida.”

“Minha mãe, por exemplo. Minha mãe é professora de Artes, aí ela dá aula no centro sócio-educativo, que é o Cerespe. Ela dá aula pro menores infratores. Aí lá, por incrível que pareça, eles respeitam muito ela e tal, e é muito tranquilo pra ela dar aula, porque é a única aula que eles gostam, o resto tudo é ruim, e eles gostam muita de minha mãe, minha mãe trata eles muito bem. Mas só que ela foi dar aula em dois lugares. Foi dar aula lá, e em outro colégio público, eu

nem lembro como chamava o colégio. Eu sei que ela teve que largar, antes de fazer um mês de aula, porque os alunos, brigavam, tinha que ver o que eles faziam, eles raspavam o giz, até dar pó e ficavam cheirando o pó de giz dentro da sala. Minha mãe relatou isso, aí a diretora disse, não tem nada que a gente possa fazer quanto a isso, aí minha mãe falou: então vou sair. Minha mãe foi obrigada a sair do serviço porque os alunos ficavam brigando o tempo todo, saindo na porrada dentro de sala. Escola pública, escola assim da zona norte mesmo, sabe? Minha mãe largou.

“Quero fazer marinha, aeronáutica, polícia rodoviária federal.”

“Eu acho que não deve fazer nada por que seu pai goste.”

“Ah, sei lá, a minha família é tão doida, que eu acho que eles vão brigar comigo se eu fizer a coisa errada.”

“É porque eu tenho vontade de orgulhar eles, nesse caso, o ponto de vista que eu escolho.”

“Eu não espero muito nem, eu não ligo muito nem pelo retorno e nem opinião de ninguém, assim. Eu me preocupo mais com que eu gosto e às vezes com que eu tenho mais afinidade. Então pra mim já está mais que decidido.”

“...até porque, se eu quero me dar bem, eu quero ser com que eu gosto, se for pra me dar mal com que eu gosto também. Por que se você não gosta da sua profissão que você segue, e você vai levar ela para vida toda, vai ser. Então, eu acho principalmente importante, por mais que você queira dinheiro ou status por exemplo, que eu vejo muito, vou ser médico para ganhar dinheiro, não que todo caso seja assim, tem muitas pessoas que gostam de fazer isso, e é realmente o que elas querem fazer. Mas você, você vai escolher algo que provavelmente você vai seguir na sua vida inteira. Vou viver a vida inteira com uma coisa que você não gosta deve ser um saco. Vendo pessoas que você não gosta, fazendo coisas que você não gosta, então mesmo se for pra ganhar salário baixo e viver numa condição de vida meio baixa, é melhor que seja com algo que você goste mesmo.

“Mas acho que tem que conciliar também, porque sem a gente ganhar dinheiro, ganhar dinheiro é importante hoje em dia, a gente não faz nada sem dinheiro, aí eu acho importante conciliar o que você gosta com ganhar dinheiro. Você pensa na sua profissão.

Na época da pesquisa, ocorreu na escola a troca de alunos entre algumas turmas de uma série, o que motivou a exposição do fato em algumas falas. Sustentado pelo ocorrido, observa-se que o processo entre a identidade e a identificação encontra-se presente nesse espaço formal. Pela convivência, a turma torna-se uma tribo e sua dissolução acaba por representar, para alguns, uma violência imposta, uma vez que são obrigados a se afastar do outro no âmbito do espaço e tempo das aulas.

A escola, desse modo, apresenta-se como espaço de relações e de interação onde a presença do outro se torna fundamental. Há o reconhecimento de que nem todos são amigos, outros são grandes amigos, mas todos se agregam como personagens, constituindo uma experiência em que o estar juntos torna-se um desejo.

Sugere-se, nas representações dos participantes, que a instituição escolar é um grande espaço de interação com o outro, não devendo, em sua organização, ser pensada

somente como espaço para ensino, como na perspectiva tecnicista ou da racionalidade técnica. Ao se dissolver uma turma, as marcas que identificam um grupo se perdem.

Foi levantada a questão de como os participantes veem que a questão do corpo é tratada nas disciplinas escolares. Colocou-se que o tema é levantado em algumas disciplinas, principalmente da área de Humanas, sendo abordado em relação aos aspectos sócio-filosóficos.

“Eu lembro que teve uma semana, alguma coisa assim, que passava uns vídeos sobre anorexia, vigorexia, eu lembro disso.”

“Eu não vejo muita coisa assim não.”

“Na escola, nossa escola discute muito assim, ainda mais nossas matérias do Ensino Médio hoje em dia, como Sociologia, Filosofia, relação na sociedade, a gente aprende um pouco sobre isso também. Tem umas culturas que usam muito o corpo assim, entendeu?”

Buscamos compreender se os participantes percebem existir alguma mudança em si mesmos por terem tido acesso a conhecimentos sobre o corpo. Foram apresentadas percepções de que não basta a informação para que se mude de atitude. Entretanto, sem informações, os conceitos não podem ser construídos ou desconstruídos. Assim, o papel da escola como *locus* de conhecimento é reconhecido. Os participantes apontam um distanciamento da relação teoria-prática, pois, mesmo tendo acesso a um saber sobre o corpo ou outro “objeto”, reconhecem que, necessariamente, isso não implica mudanças comportamentais.

“Eu acho que não. Até ajuda sim, porque agora a gente está conversando, está expondo como as coisas acontecem. Ninguém aqui acha legal ser chamado de gordo, ser chamado de feio, todo mundo aqui acha uma coisa ruim. Mas eu acho que é a mesma coisa nas aulas, a gente aprende muito sobre isso, mas eu acho que na prática nada disso funciona. Eu acho que entra por um ouvido e sai pelo outro.”

Na fala acima, “entrar por um ouvido e sair pelo outro” não é uma colocação negativa, pois esse fato indica a autonomia do sujeito, já que as relações sociais não são mero acaso de um processo de ação-reação em que todos reagiriam do mesmo modo esperado e desejado, tornando-se o ser humano manipulável e alienado. O que se pode interpretar é que o conhecimento ou a informação são necessários, mas, posteriormente ao recebimento externo do conhecimento, eles passam ao âmbito interno de si mesmo e há julgamento. Assim, quem determina sobre mudanças sobre si mesmo é a própria pessoa. É uma ética de si, em que se decide se esse conhecimento afetará ou não a si

mesmo, de modo a permitir que o eu mesmo se transforme em um outro. Foucault já dizia para que não lhe pedissem que fosse o mesmo.

Assim, “entrar num ouvido e sair pelo outro” expressa um modo de agir, que pode ser reduzido à questão do surgimento da moral e da ética, uma vez que cada um toma decisões sobre suas ações, sendo algumas delas consideradas gerais (moral), outras em que cabe ao próprio indivíduo (ética). O fato de assumirmos o poder da pessoa em tomar decisões abala o estatuto da razão, já que nem sempre ela toma a decisão que deveria ser considerada racional.

Também é abalada a visão da relação teoria-prática empregada como sustentação de algumas perspectivas pedagógicas que têm como modelo uma concepção de ação e reação, visto que apontam que o simples fato de se refletir sobre um conhecimento já proporcionaria uma mudança desejável. A escola atual, em sua maioria, apresenta, em seus projetos pedagógicos, uma perspectiva que propõe transformar o mundo a partir do conhecimento por ela veiculado. Todavia, os participantes colocam que, no cotidiano, mesmo contrariamente ao conhecimento abordado na escola, é o indivíduo que toma decisões. Nesse sentido, a autonomia de fato existe, mas a escola pensa em uma juventude que teria autonomia a partir do momento que passasse a pensar o mundo no modelo proposto pela escola. Sem o fundamento da moral e da ética não se avança em nenhuma direção.

Nesse jogo, as questões morais e éticas, o corpo próprio ou o corpo do outro entra em cena. Assim, o que fazemos com o nosso próprio corpo ou como tratamos o corpo do outro, a partir dos saberes e fazeres corporais de senso comum ou científico tratados na escola, tornam-se relevantes. Conhecer para julgar e agir. Para tal, os participantes indicam a necessidade de que é necessário o tema estar em discussão, para que possam ter posicionamentos críticos, reflexivos, que devem estar marcados no currículo escolar constituindo o processo educacional.

“Mas eu acho que quanto mais for discutido, melhor fica a situação. As pessoas estão pensando cada vez mais, pensam, podem estar discutindo, e aí acho que quanto mais discussões dessas tiverem, acho que é melhor. Porque a pessoa que estiver fazendo aquilo pode se sentir, pode pensar que já fizeram com ela, aí se dar conta que não é legal e aí não faz mais. Eu acho que é muito bom, as discussões são muito boas. As discussões estão dando conta. Mas discussão eu acho melhor, porque as pessoas vão formando as ideias delas na cabeça e param de fazer isso.”

Os participantes apontam que, mesmo estando no currículo da escola pesquisada, eles ainda consideram insuficiente a abordagem e o espaço oferecido pela escola para tratar do tema.

“Eu acho que a escola tinha... eu acho que a escola até tenta. A escola tentar fazer as coisas na medida do possível assim, de melhorar isso. Mas eu acho que não resolve tudo não.”

“Eu acho que devia ter mais discussões.”

Tendo o tema corpo como referência, certamente se esperaria que a disciplina Biologia fosse citada espontaneamente, entretanto, foi necessária a provocação para que isso ocorresse. Verifica-se que a forma como o corpo foi citado pelos participantes no currículo de Biologia remete a uma abordagem que faz referência ao bem-estar, à saúde, havendo a representação de que o conhecimento científico pode trazer mais bem-estar ao homem. Mas, curiosamente, esses dois aspectos são colocados descolados de uma noção de corpo mais ampla, reduzindo-o ao biológico. Tal fato se confirma ao citarem que a disciplina que mais trataria do corpo e do bem-estar seria a Filosofia. O bem-estar estaria vinculado mais ao conhecimento de si do que ao recorte biológico dado ao corpo. Mesmo sem intencionalidade por parte da escola, que não promoveu a interação disciplinar, os participantes a promovem, independente da intencionalidade da escola.

“Igual o Matheus falou aqui, comentou comigo, que a escola tenta mais na saúde do que no corpo.”

“Ela se preocupa mais com sua saúde, seu bem-estar, do que o corpo.”

“(Aborda). Sim. Mas como o Matheus falou, mais com o bem-estar.”

“Tratando mais para a área de saúde, né? A Biologia não trata o corpo para o padrão da sociedade, entendeu? Porque a sociedade trata daquele corpo... das formas, aquelas coisas e tal. Pra Biologia é aquele corpo saudável, né? Que você tenha essa nutrição boa, essas coisas.”

“(A Biologia) Não trata muito pessoalmente dessas coisas. Não dá chance da pessoa se expor e falar, de abrir discussões quanto a isso. Eu acho que é mais sobre a saúde mesmo. Só ensina como que ocorre e não as consequências da sociedade, essas coisas.”

“Tanto é que nas aulas de Biologia que nem ele acabou de falar aqui, que não é ser tão magro ou ser tão gordo, que é saudável. Na Biologia, é questão de alimentação mesmo, de você ter um certo interesse, pra você ter uma vida assim, melhor.”

“Eu acho que a única matéria que discute mais o nosso bem-estar é a filosofia, que fala sobre, a gente até estava tratando desses assuntos agora, sobre como a gente se aceita na sociedade, como que a muitas pessoas veem a gente, como é difícil encarar as coisas. Acho que trata muito de assuntos assim, que a gente possa refletir e sentir melhor. Acho que é a única matéria. As outras só ensinam mais, mostram mais como funciona seu corpo, essas coisas assim, mas não discutem quanto a sociedade.”

6.17 Corpo e sociedade: culto ao corpo e imposições sociais

Dedicamos um encontro do grupo focal para compreender as representações sobre corpo, buscando perceber como os participantes relacionam o tema à sociedade, ao cuidado de si, como veem a dualidade corpo mente.

Observamos que a expressão “culto ao corpo” foi utilizada com frequência. Assim, buscamos perceber o significado da expressão para compreendermos por que se passou a adotá-la para se referenciar às práticas sociais corporais.

Segundo Lipovetsky (2005), o corpo se tornou um verdadeiro objeto de culto, com um investimento narcísico estimulado por diversas práticas diárias, como a angústia da idade e das rugas, obsessões com a saúde, com a higiene, com a prevenção médica, com rituais de manutenção como massagens, sauna, esportes, dietas, cultos terapêuticos, cultos solares, o que leva a outras representações do corpo no imaginário.

Estaríamos, para Maffesoli, em um tempo em que poderíamos nos caracterizar como sociedades que amam o corpo. Nesse contexto, a expressão “culto ao corpo” se tornou cotidiana em nossa sociedade, fazendo parte do espírito de nosso tempo, o que também pode ser percebido nas falas dos participantes que a utilizam com frequência.

A expressão “culto” faz parte do imaginário do homem. Nas sociedades cristãs como a nossa, é, segundo o wiktionary²⁹, um ato central da identidade cristã. Encontra-se também relatado nesse dicionário que muitos teólogos definem o homem como *homo adorans*, “o homem que cultua”. Esse culto também, na maioria das religiões, está ligado ao templo, aos rituais que envolvem músicas, cantos, simbologias corporais etc. Como adjetivo, seu significado é “daquilo que se cultivou, da pessoa que tem cultura, civilizado” e, como substantivo, “adoração, veneração, que se encontra adiante”.

O culto ao corpo, em nossa sociedade, está relacionado ao cultivo ao corpo no qual o cuidado permanente se faz presente, seja nas práticas de rituais em templos que se configuram em espaços como as academias ou em ambientes naturais onde o corpo se integra à natureza, constituindo-se principalmente como espaços de adoração, de veneração ao corpo, tendo como exemplo a própria praia.

²⁹ <http://pt.wiktionary.org/wiki/culto>

Também se destaca que a expressão “culto”, comumente relacionada ao religioso, ao cuidado espiritual, na contemporaneidade, transpõe-se para a matéria ou corpo. Assim, há o deslize do sentido, permanecendo o caráter da religiosidade, mas deslocando de Deus para o corpo, que passa a ser adorado, venerado, dando sentido existencial.

Em termos nietzchenianos, o culto ao corpo atual seria uma forma de negação da morte. Pelo domínio da natureza, buscamos vencer a morte permanecendo mais jovens, mais belos, sem o sofrimento “imposto” ao corpo cultuado pela racionalidade judaico-cristã que, para Nietzsche (2002), seria sem sentido. Para o autor, o carnal se faz presente na vida e seria necessário transpor para uma ordem dionisíaca. Não precisaríamos mais nos colocar na “ética sacrificial e da culpa” (FREIRE, 2007) em que a vida estaria marcada por uma culpa de que somos imperfeitos e mortais e, por isso, deveríamos encenar rituais de sacrifícios como forma de pagamento a tributos devidos.

No entanto, como já fora anteriormente mencionado, esse tempo está em transição. Maffesoli coloca que estaríamos retornando a uma época do espírito dionisíaco, que é uma característica de épocas emocionais. Em Dionísio, a vontade tem liberdade, o que supera a ética sacrificial e da culpa. Desse modo, o culto ao corpo é uma marca social na atualidade, o que ocorre também entre os participantes, já que quase todo o grupo faz práticas corporais em academias. Le Breton (2011, p. 262) destaca que o “jogging” cotidiano, as maratonas ou as provas que levam ao limite são práticas e discursos que “se fazem sob o valor difuso de uma gama de valores ao mesmo tempo comumente e diferencialmente partilhados pelos grupos sociais: a juventude, a forma, a saúde, a sedução, a resistência, a flexibilidade...valores cardinais da publicidade”. Tudo isso é feito na busca de uma estética corporal que corresponda a supostos padrões exigidos socialmente, segundo os quais o corpo belo é considerado o padrão normal.

“Ah! Acontece isso sim, muitos jovens da nossa idade, e a gente também, procuram academia, fazer caminhada, exercício físico, né?! Para tentar chegar ao padrão que a sociedade impõe”.

“Hipertrofia. Pra ganhar massa mesmo”.

“Eu também, pra entrar no padrão mesmo, tirar barriga, aumentar perna, essas coisas”.

“E eu? Entrar no padrão normal, melhorar um pouquinho”.

“Ah! É um corpo bonito”.

“É um pernã, bundão, barriguinha lisinha”.

O culto ao corpo torna-se um dever na contemporaneidade, diferentemente da modernidade na qual questões como o trabalho e os valores agregados para sua

preparação seriam o alvo que se deveria tornar o desejável. Não que tenha se perdido o interesse pelo trabalho, mas este não se constitui mais como o centro de qualquer interesse existencial.

Dentre os participantes, embora minoria, também é observado que o comportamento social voltado ao culto ao corpo não é unânime. Ainda que se reconheça tal culto como uma prática socializada, há pessoas que não têm hábitos relacionados a essa forma de cuidados corporais, como é o caso de alguns participantes que se manifestaram nesse sentido. Contudo, pode-se perceber, em suas falas, um certo constrangimento perante o grupo por não se sentirem integrados nessas práticas que se tornam um valor coletivo.

“Ah! Sei lá .Eu até tenho assim, mas não é o que eu gostaria mais. Vamos dizer assim, tem coisas que eu gostaria mais do que fazer academia. Acho que lutas, coisas que quero fazer mesmo, não sei como explicar....É sei lá. É falta de tempo parece”.

“É, existem pessoas no mundo que nem a xxx também, que não cultivam tanto o corpo quanto as outras pessoas. Tem pessoas que não se importam com sua imagem, preocupam mais com seu conhecimento, entendeu? Com essas coisas. Nem todo mundo cultiva o corpo”.

“...academia, porque eu quero ficar assim, assim, assado, não é... não estou vivendo para isso. Eu não me concentro muito nisso, sabe?”

Na fala da participante acima citada, percebe-se haver uma distinção do sentido das práticas corporais realizadas em academias, com as práticas corporais como lutas. A primeira estaria relacionada ao cultivo do corpo, sendo necessário dispor de tempo para esse cultivo, da busca do belo, enquanto que, na segunda, apresenta-se a questão do gosto. Como no ambiente contemporâneo, não se faz a opção por um conceito unânime, diferentes valores congregam diversas tribos que constituem o social, em que todas as opções são aceitas. No fato supracitado, destaca-se que as práticas corporais vinculadas ao gosto estão no âmbito interno da pessoa, enquanto que as práticas voltadas à estética corporal se tornam práticas que se voltam para o exterior, ou seja, existe a necessidade do reconhecimento do outro em relação ao resultado dessas práticas corporais. Isso as faz se tornarem práticas que levam a um narcisismo coletivo ou de grupo.

Nessa perspectiva, faria sentido falarmos em um narcisismo coletivo, que se origina nesse contexto dionisíaco de culto ao corpo, que emerge da necessidade de se apresentar ao coletivo, impondo ao indivíduo suas normas, suas condutas, tornando-se um mecanismo sutil de coação, pois faz com que a pessoa somente se sinta integrada se

estiver corroborando com as mesmas ações e valores socialmente vividos. Desse modo, com o bombardeio das imagens na atualidade, o corpo associado ao belo, ao desejo ganha uma dimensão de massa, todos parecem desejá-lo para si mesmos e passam a persegui-lo, sobrepondo a outras questões, tornando isso prioritário na vida. A fala da participante corrobora com essa ideia:

“Ah! Eu acho que é. Elas só querem se adaptar à sociedade, eu não vejo problema na pessoa, ela querer fazer isso, ao menos que ela faça demais, porque também é doença. Da mesma forma que a pessoa pode fazer academia, ou a pessoa pode fazer uma dieta, a pessoa pode mudar o corpo e tudo com o mesmo objetivo, a pessoa se sentir melhor com ela mesmo”.

No entanto, parece estar incorporado que a aparência teria sentido na vida e o belo seria um facilitador para o bem. Isso ocorre pelo fato de o belo ter adquirido valor social, tornando essa busca pela aparência naturalizada. O corpo, nesse caso, tem a primazia do cuidado.

“Com certeza. Eu acho que o corpo vem pra um corpo belo, um rosto bonito, facilitar, um corpo belo em um rosto bonito, ser para facilitar as influências da nossa vida. Por isso que a gente procura estar bem também, não é só pela mídia. Pensando por esse lado, eu acho que faz parte, porque num emprego, por exemplo, influencia a gente ser bonito, ter um corpo bonito, uma aparência legal influencia na sua vida. Para você persuadir as pessoas melhor. Eu acho que influencia sim. Eu acho que não pode ser uma coisa vaga, que seja só a beleza do corpo, das pessoas admirarem, você tem que usar isso para fazer o bem.

Nesse culto ao corpo surge a questão do narcisismo. Para Le Breton (2011, p. 263), “o narcisismo moderno é uma ideologia do corpo”. A personalidade narcísica olha mais para si do que para seu entorno, mas não exclui a troca simbólica, pois ela exerce poder de atração sobre os outros. Para o autor, o narcisismo moderno é, antes de tudo, um discurso, ele nomeia uma ambiência social, uma tendência, é uma das veias da sociabilidade. Originalmente ocorre por uma independência do sujeito, estabilizando no limiar do individual e do coletivo e se acha preservado de um engajamento comprometido com os outros.

Le Breton também cita que, para Jean Baudrillard, o narcisismo transformou-se em utensílio de controle social, não manipulado, em que o próprio sujeito, livremente, faria sua adesão como se fosse uma liberdade, quando não faz mais do que se dobrar às injunções de um campo social com impacto ainda desconhecido. O narcisismo ainda

engendra prazer, sendo fruto de um trabalho sobre si que busca uma personalização, seja em indumentárias, atitudes ou em signos físicos. Le Breton também ressalta, como paradoxo do narcisismo atual com o tradicional, o seu “rosto mutante”, os entusiasmos provisórios que lhe dão um aspecto de teatro. O corpo de que o indivíduo acredita apropriar-se é uma restituição de um relato, é “um artefato que desencadeia nele mesmo o ambiente de um momento” (idem, p.266). O corpo é ancoragem do narcisismo moderno, em seu aspecto heterogêneo, efêmero.

Lypovetsky (2005, p. 42) também salienta que o corpo não designa uma máquina, mas uma identidade da qual não se deve sentir vergonha. Assim, ele pode ser exibido e, para tal, deve ser cuidado, devem ser combatidos os sinais de degradação. Entretanto, o autor cita Lasch que afirma que, no neonarcisismo, existe o medo de envelhecer e de morrer. Assim, tem de se tentar durar o máximo, divertir-se, aumentar a confiabilidade no corpo, apelando para o imperativo da juventude. Nesse sentido, o corpo teria o mesmo princípio da reciclagem, nunca deixando de ser jovem, mesmo envelhecendo. O atual narcisismo teria a função de tomada de consciência do corpo a respeito de si mesmo, fazendo com que ele exista por si mesmo, estimulando sua autorreflexão e reconquistando sua interioridade. Os argumentos do autor são de que, se o corpo fala, se há comunicação entre corpo, consciência e inconsciência, é necessário amá-lo, escutá-lo, oferecer espaço para que ele se expresse, comunique-se, emanando a vontade de redescobrir o corpo de dentro, sua idiossincrasia, o que seria o próprio narcisismo.

A ciência, que na modernidade evidenciou uma perspectiva de o homem dominar a natureza, mostra que esse corpo pode ser modificado pelo homem. O conhecimento científico cada vez mais informa que as dietas, as ginásticas, as cirurgias plásticas, os cosméticos podem produzir essas modificações. Assim, tornar-se belo não somente é possível, mas deve estar presente no imaginário contemporâneo.

Le Breton (2011) vê duas vias do corpo na atualidade. Em versão laicizada do corpo, uma perspectiva quase gnóstica para se livrar de seu enraizamento com a carne, em que a ciência e a técnica buscam sua remodelação, sua imaterilização. Em outra via, ao contrário da primeira, é uma forma de resistência, buscando-se sua salvação pela exaltação do sentimento, pela modelagem da aparência, pela obsessão pela forma, pelo bem-estar e a preocupação em permanecer jovem, o que torna o corpo um mercado.

Já para Maffesoli, o narcisismo contemporâneo torna-se um “narcisismo de grupo”, pois suas práticas somente fazem sentido ao se tornarem parte de uma exaltação coletiva do corpo, como nos casos do corpo que quer ser belo, cultuado, cultivado, adorado.

Foram apresentadas 21 figuras (anexo VII) sobre diversos temas aos participantes que foram questionados sobre que ideias ocorreriam ao terem contato com as imagens. Eles perceberam, com desenvoltura, as questões temporais que envolvem as culturas que levam a diferentes formas de representar o corpo, conforme expresso na fala abaixo:

“Deu para perceber que a visão do corpo assim, a maneira como se encara o corpo depende de fases e de época, e da sociedade, da cultura, sei lá, varia bastante, no ponto de vista sobre o corpo”.

Os participantes, analisando as figuras, destacaram a representação do corpo jovem, magro, sarado, compreendendo haver uma exigência social de um corpo estético, promovida por diversas mídias. Assim, as pessoas acabam se sentindo obrigadas a terem a uma imagem similar às que circulam nos veículos de comunicação.

“...hoje em dia as pessoas se preocupam em serem jovens, ou estarem muito magras ou com o corpo mais sarado. É... se preocupam muito com a imagem”.
“Eu estava falando que a internet age da mesma forma que a televisão. Também mostra esses corpos, acaba influenciando da mesma forma.”

Essas mídias veiculam modelos que fazem com que as pessoas acabem por se sentirem obrigadas a corresponderem a padrões para se sentirem aceitas ou reconhecidas socialmente. As mídias têm o mercado como alvo e, para atingir seus objetivos, despertam desejos, vinculando-os à felicidade. São oferecidos diversos produtos para consumo, de modo a fazer acreditar que a “felicidade” pode ser atingida ou comprada. Todos podem se sentir belos, desde que carreguem marcas corporais como ser magro, sarado, ter corpo de modelo, o que levaria a atingir a felicidade.

Os participantes compreendem que muitas pessoas acabam acreditando em algumas informações como verdadeiras, pelo próprio poder que as mídias adquiriram. Por outro lado, podem estar em um grupo de pessoas que passam por outro processo formativo, sendo capazes de se situarem frente a informações, questionando sua veracidade. Com a multiplicidade e pluralidade de informações hoje presentes, outra geração vem sendo constituída. É fundamental uma formação reflexiva, em que se tenha

autonomia/emancipação para se estabelecer um pensamento dialógico e por si mesma a pessoa possa elaborar seus pontos de vista sobre um tema.

“ É essa questão da alienação, tem mídias que são mais silenciosas para questões de partidos políticos. Então, mesmo que não explicitamente, tem uma certa influência, por exemplo, sobre a opinião de quem está assistindo, por exemplo. Eu acho que pessoa, ah, sei lá, eu acho que adquirem aquele ponto de vista como sendo dela mesmo.”

Pelas tendências marxistas presentes na pedagogia, seria necessária uma educação voltada à autonomia/emancipação do sujeito para se transformar esse quadro. Pelas tendências dos estudos culturais ou pela abordagens pós-críticas na educação, a cultura, os discursos, o conceito de poder passam a ser vistos de outro modo, distanciando-se da ideia ideológica da alienação e considerando outras questões que fazem a complexidade dos fatos sociais. Porém, destaca-se, para esta pesquisa, que os jovens inseridos nessa escola percebem as diferenças culturais, a possibilidade de alienação de um povo e se posicionam quanto à questão da verdade que é veiculada.

“Eu acho que, a gente acaba aceitando algumas coisas assim, a gente vê, por exemplo, a cultura do Oriente Médio, onde lá as mulheres não podem fazer nada, aqui a gente é contra isso, mas lá eles têm essa alienação, eles têm essa visão do governo deles, impõe pra eles.”

“Ah normalmente a mídia, a mídia, a mídia, depende dos programas, por exemplo, o jornalismo é bem direto, assim, mostra os fatos quem vai pensar sobre tudo que está acontecendo é você. Mas às vezes coloca algumas opiniões deles mesmo. Por exemplo, quando tem muitos jornais, por exemplo, ocorreu (inaudível), aí tem muitas pessoas, “ah porque ele foi sujo teve uma atitude leviana”. Tem uns jornais que já colocam uma opinião dele, né? que, mas tem uns que só lançam fatos, só lançam notícias, que eu acho que é o mais correto, só contam o que aconteceu, quem vai pensar em tudo aquilo é você, depende do programa. Igual programa de fofoca, é ótimo pra ter opinião, o que faz todo aquele sensacionalismo, sabe...”

A fala acima discute a questão da mídia em relação à sua neutralidade na informação e como formadora de opinião. Percebe-se o posicionamento político de cada jornal ou programa, daqueles que somente informam e deixam a emissão de julgamentos por conta do leitor/expectador, ou dos que colocam seu posicionamento e desejam que o leitor/expectador tome como verdadeiras as opiniões emitidas. Programas de banalidades são apontados como programas que acabam fazendo pensar para emitir opiniões. O próprio sensacionalismo do programas levaria à reflexão, segundo os participantes.

Outro aspecto levantado em relação à escola são as marcas corporais que diferem de padrões do que é considerado belo. Estas são utilizadas como forma de se estabelecer poderes sobre o corpo do outro, ou seja, ao estigmatizar, ao apontar marcas preconceituosas em que o alvo é o corpo. Assim, as marcas estéticas seriam o primeiro modo de se impor sobre o outro.

“Porque a indústria e tal, a mídia coloca isso, né?! Aí todo mundo fica com essa ideia que tem que ter um corpo perfeito para ser feliz, ou se você não tem, você sofre “bullying”. No colégio, por exemplo, muitas vezes é por causa disso, ou você é magro demais, ou baixo demais, ou alto demais, é sempre assim. Aí as pessoas sempre procuram entre academias, ou ficam doentes, como mostrou lá: anorexia, bulimia, vigorexia também. E você fica doente e tal, por conta da sociedade e acaba com sua cabeça, assim, você sofre muitas coisas e acaba, é, indo contra seus princípios mesmo, para poder agradar à sociedade.

Os participantes compreendem que o mecanismo utilizado pelas mídias funciona sobre o corpo, levando a pessoa a abrir mão de si para corresponder às imposições, que ocorrem, principalmente, por meio do uso das imagens em que a própria pessoa vê a si mesma com outro corpo:

“A gente acaba não se sentindo bem com algumas coisas que a gente tenha diferente daquilo que impõe, que é o certo e o ruim, a gente tenta sempre mudar por conta disso”.
“Ah! A gente vê em televisão, em revista, em todo lugar essas coisas. A gente se vê gente magra, gente com corpo bonito assim, que eles consideram como pessoas saradas, e aí todo mundo quer seguir essas pessoas. Aí meio que a sociedade impõe para todas as pessoas”.

Perguntados se a exigência seria do grupo social ou da mídia, apresenta-se que as questões estão entrelaçadas, uma vez que as exigências da mídia se colocam no próprio grupo social, provavelmente porque o grupo social sofreu influência das exigências por parte da mídia.

“Eu acho que os dois” (tem igual influência).
“Eu acho que a mídia mostra como tem que ser e as pessoas impõem pra gente.”

Quando foi feita a pergunta sobre o que seria um corpo belo, as respostas se direcionaram para um corpo que se sente bem consigo mesmo. Entretanto, para isso, é necessário que se corresponda aos padrões socialmente reconhecidos como belo, ou seja, ao se distanciarem dos padrões, já não conseguem se sentir bem.

“O que faz a gente se sentir bem. Pelo menos para mim.”

“Sentir bem com você.”

“Um corpo masculino (belo) seria um corpo que tenhas as definições. Essas curvas dos músculos mesmo.”

“Oh, pra mim, na minha opinião, aquela menina que tem a barriga sequinha, sarada, e tal, que tem muito busto, glúteo, muita coxa, essas coisas, entendeu?”

“Eu que tenho que falar. É... como que eu acho de belo? Poxa! Eu acho que o xxx falou bem, de falar de como a gente se sente bem. Mas não tem como a gente se expressar sem falar do que a sociedade faz com a gente hoje. Sei lá, o corpo bonito ia ser aquele sarado e tal, pessoa alta, não tão magra nem tão gorda e forte e saudável. Um corpo que tivesse saúde e o corpo feminino é o mesmo do xxx, a mulher bem... Com muito busto...”

“Com muito busto e barriga sequinha.”

“Eu também acho que um corpo bonito é um corpo magro e só.”

“Eu acho que é como eles falaram mesmo, a gente se sente bem, é o que a gente sempre vê, que é imposto, o que é bonito, que eu acho que é bonito também. Um jovem, corpo malhado, não tanto, quando mostra quando vira uma doença, a pessoa muito musculosa, eu acho feio, ou magra demais também. Tem que ser um meio termo, eu acho.”

Uma das participantes manifestou opinião diferenciada, o que gerou em seguida diversas manifestações de apoio dos demais participantes no sentido de que todos deveriam pensar como ela. Em sua fala, afirma que *“o corpo é mais do que imagem, é seu instrumento”*. A fala da participante aproxima-se de Mauss (1974), segundo o qual as técnicas corporais seriam maneiras pelas quais os homens se servem de seus corpos na vida social, sendo o corpo o mais natural instrumento técnico de que dispomos. Observa-se que todos acabam concordando com a superficialidade da imagem, confirmando uma vida social em que se tem o domínio do jogo da aparência (MAFFESOLI, 1999), que se torna o lugar visível. O autor destaca ser preciso saber o que está para nascer no jogo das aparências e, sem dúvida, a imagem nasceu na atualidade (o que não ocorria na década de 1930 quando Mauss realizou seus estudos antropológicos).

Observa-se que a imagem contribui para o que já foi tido como secundário na vida se torne parte presente no dia-a-dia, contribuindo para o que Maffesoli aponta como a teatralidade da vida, o que coloca o frívolo, a emoção, a aparência ou, em outros termos, a estética, como uma nova maneira de ser. Também para Maffesoli a imagem funciona como um totem que atrai espectadores, sendo que seu foco está no que faz a *“réliance”*, religar, ou no que leva ao estar juntos, de modo que o conteúdo fica secundarizado em relação à imagem. Na noção de Maffesoli sobre a pós-modernidade, existiria, nesse tempo, um estilo de vida que une o arcaico às tecnologias, de modo que

podemos associar o estar juntos como elemento arcaico e a imagem como elemento tecnológico e essa junção faz o contato ou o cimento social na atualidade. A mídia se constitui sob a forma de imagem, conforme apontado por Silva (2001), em termos maffesolianos, ela estaria somente encarnando os desejos dos indivíduos.

Isso não afasta a razão, como podemos ver na fala de que “nosso corpo é mais do que imagem”, mas torna essa razão uma “razão sensível”, integrando a emoção, a estética como modos de conhecimento. Integrar a sinergia de um corpo como instrumento técnico a um corpo imagem talvez não seja um desafio, mas algo que já venha sendo construído na vida social, que venha sendo experimentado com o outro, fazendo sentido falar-se em ética da estética.

“Um corpo saudável, as características que me satisfaz e que sirva, né? Sei lá, porque meu corpo vai servir pra mim, do jeito que é, assim, o meu corpo é mais do que imagem, é um instrumento, por meio dele que eu faço tudo que eu faço, boa parte das coisas que eu faço hoje assim.”

“Se todo mundo pensasse que nem a XXX, seria mais fácil.”

“É verdade.”

“É isso mesmo.”

Para Gilbert e Lennon (2005, p. 137), somos corpo porque experimentamos emoções, como estar extasiados, entusiasmados, curiosos, chateados, felizes, choramos, sorrimos, porque, como diz Sartre, desmaiamos de medo ou fugimos. Nesse último caso, o caráter emocional desse comportamento de fuga se dá pela mudança na maneira como o mundo é percebido. Os autores lembram Wolheim, para quem “as emoções surgem quando uma pessoa é incapaz de tolerar a experiência de ter algum desejo frustrado ou, na verdade, satisfeito”. O corpo está envolvido em percepções que as emoções comumente envolvem sensações corporais, ou seja, para o autor, “no curso de uma experiência emocional, a atenção pode passar do mundo para o corpo e vice-versa” (WOLHEIM, apud GILBERT E LENNON, 2005, p.141).

Conquanto haja uma visão de que as individualidades devem ser preservadas, a imposição coletiva que tem o alvo no corpo é difícil de ser superada.

“Porque ela se aceita como ela é. Ela não tem que mudar por causa dos outros.”

“Eu acho que é mais fácil a gente aceitar a gente como a gente é. Difícil é os outros aceitarem a gente. Eu, se ninguém falasse nada comigo, eu estava tranquilo. Mas o difícil é a pessoa que te enche o saco sobre você, sacou?”

“Tá. Tudo bem.” Mas é difícil. Sempre é o magrelo orelhudo, magrelo orelhudo... Não gosto disso.”

Perguntados sobre por que se submetem à busca desse “modelo” colocado pela mídia, eles dizem que se sentem julgados pela sociedade que parece adotar esses modelos como o que seria socialmente aceito. Assim, passam a incorporar a ideia de que somente serão plenamente aceitos pelo outro ou pela sociedade quando corresponderem aos padrões de imagem midiáticos. A utilização da expressão “imposição” surge desse modo sutil de fazer com que um comportamento passe a ser uma tendência a que todos devem aderir.

“Se sentir bem com as outras pessoas. Para que as outras pessoas achem a gente bonita”.

“Aceitação pela sociedade também. Porque quando você pega alguma coisa que é fora do padrão, imposta pela sociedade, você sofre um certo tipo, sei lá, de estranhamento. As pessoas te estranham, te zoam, coisa e tal. Por isso fazem certos sacrifícios para tentar atingir o padrão”.

“Muito julgamento é pela nossa imagem, então a gente tenta seguir sempre o que as pessoas impõem, para que as pessoas nos vejam bem pela nossa imagem, porque hoje em dia é muito importante”.

“As pessoas se sentem bem mesmo com a reprovação da sociedade. Quando aquilo, muitas pessoas, a maioria no caso, não se sentem bem, tentam mudar para atender o padrão de beleza que a sociedade impõe”.

O corpo se apresenta em evidência, sendo que o corpo belo deve ser perseguido, cobiçado, cultuado. Nesse comportamento de culto ao corpo, as falas dos participantes sinalizam haver reconhecimento da exigência social, o que os leva a uma busca de semelhança com determinadas imagens. Idolatra-se o corpo belo, cultua-se esse corpo que se torna o próprio ídolo. Maffesoli chama esse contexto de “idolatria pós-moderna”.

“Mas mostra muito daquelas pessoas com corpo escultural, aí você, todo mundo idolatram aquela pessoa, ela é bonita e tal, aí você acaba querendo ser como ela. Aí você procura as coisas que vão fazer você ficar parecido.”

Conquanto os participantes compreendam que o corpo tem sentidos em diferentes culturas, colocam a beleza como se fosse uma norma cultural e fizesse parte de todas as culturas, sendo uma exigência que resulta em um “sentir-se bem” junto ao outro. Dessa maneira, a própria pessoa se compara aos padrões e, ao perceber não está dentro desses padrões, muitas vezes gera insatisfação pessoal, já que se sabe que o coletivo acaba promovendo julgamentos, ao comparar a imagem midiática com a

peçoal. Nessa comparação, quase nunca há correspondência entre ambas, permanecendo a pessoa em uma constante insatisfação. Esta também é uma das formas que leva os participantes a apontarem as formas de imposição social.

“É uma coisa da cultura também de cada lugar. Aqui, por exemplo, tem um padrão de beleza diferente de um outro país, é... de outro continente. Às vezes aqui é... pra cá é muito feio, pra lá é o bonito para eles. Aí eu acho que a gente vai pelo padrão de beleza de onde a gente vive. Pra gente se sentir bem no lugar onde a gente está”.

Essa imposição social é, por outro lado, ambígua. Do mesmo modo que se percebem exigências sociais sobre o corpo que abrangeria toda uma sociedade ou cultura, apresentam-se também características que não se generalizam, sendo aceitos ornamentações e comportamentos corporais que estão relacionados somente a determinadas tribos ou grupos. Isso corresponde ao que Maffesoli chama de tribalização do mundo, que estaria ocorrendo na atualidade.

Percebe-se, nas falas dos participantes, que o fato acima citado pode se relacionar ao próprio conceito de cultura na atualidade. A cultura se relaciona às questões, costumes, hábitos mais abrangentes, características de um determinado povo ou região. Na contemporaneidade pode estar surgindo a cultura da diversidade, na qual ambiguidades são aceitas e fazem parte do cotidiano. Nessa perspectiva, cada tribo ou grupo poderia valorizar seus próprios comportamentos, formando uma rede complexa e de ampla diversidade, sendo todas aceitas e inseridas em um mesmo ambiente local ou regional. Assim, poderíamos estar nos deslocando para outro tempo no qual o que caracterizaria a cultura não seriam as igualdades, mas sim as diferenças, que se tornariam o elemento generalizável característico da cultura contemporânea.

“As pessoas que a gente se relaciona, por exemplo, essa imagem aqui (referindo-se à figura), mostra que.. assim... não é o padrão, totalmente fora do padrão. Então, talvez, assim, o grupo dela, da pessoa que ela vive, costuma usar um adereço desse tipo. Porque assim, eu acho que ele não está preocupado com preconceito, se vão achar estranho, se ele gosta, ele vai usar”.

Um dos participantes fez uma analogia com outra cultura, no caso o Oriente Médio onde a cultura difere muito da nossa, apontando como exemplo os modos como se trata o corpo feminino de forma diferente do masculino, em que aquele é submetido a diversas restrições e tratado sob outra ótica moral sustentada pelo regime governamental, o que seria aceito pela maioria da população. Essa “aceitação” social é apontada como “alienação” entre os participantes. Foucault chamaria de docilização dos

corpos, o que seria válido para locais onde os próprios sujeitos passam a desejar e a se sujeitar a essas situações.

Estamos em um tempo de ambiguidade. Em determinadas situações, há a busca do igual e, em outras, da aceitação e/ou busca da diferença. Ao mesmo tempo que as diferenças tendem a fazer parte de um movimento comum nas tribos, por outro, os participantes também admitem que, mesmo não concordando que a exigência faça parte dos relacionamentos sociais, acabam sendo agentes dessa cobrança, que ocorre por adesão ao que se fala no grupo ou pela mídia, sendo um modo de buscar um pertencimento a um grupo.

“Acho que como impõem pra gente, a gente acaba impondo para as outras pessoas também. A gente acaba comentando que a pessoa está fora do padrão ou não está no padrão. Aí eu acho que sim, que a gente também, eu acho até que é um erro, porque a pessoa acaba se sentindo mal, atrai muitos problemas psicológicos pra ela, pra gente. Mas como a gente é acostumado com isso, a gente acaba fazendo também”.

“Às vezes não, às vezes por todo mundo falar, você acaba falando também, ou achando aquela pessoa... falando daquela pessoa, porque todo mundo está falando. Acho que nem sempre é da nossa consciência mesmo”.

“Uma pressão da própria sociedade, tanto que fala, fala, fala, e você acaba se olhando e nunca achando que está bom, nunca achando que está bom”.

“...quando eu era mais nova assim, é, sempre ficavam me chamando assim, de amiga gorda, sabe? Hoje em dia eu não escuto muito isso, mas as pessoas ainda pensam nisso. Por isso que eu entrei na academia, eu entrei para poder emagrecer. Por conta das pessoas imporem isso pra mim, eu acabei querendo também. E aí, tem as outras coisas assim, a gente vê na mídia, por conta de ser da mídia, inconscientemente, a gente quer.

Os ídolos são produzidos pela mídia na atualidade. Eles representam desejos e são reconhecidos publicamente, constituindo a idolatria pós-moderna. Essa idolatria se manifesta como uma espécie de moda que se utiliza de símbolos que adornam o corpo, muitas vezes com a simples marca de um tipo de corte de cabelo, por exemplo. Ao se expressar pela marca, a pessoa se inclui em uma tribo que se representa em diversos territórios, sendo a mídia o elemento que induz essa forma de manifestação, gerando sensação de pertencimento ao grupo, por produzir e estimular o uso das marcas dos ídolos.

“A maioria assim, segue moda, por exemplo, o Neymar, tem um moicano, aí a pessoa vai lá e vou fazer! Acho que isso também influencia quem pode usar”.

Ao serem abordados sobre a relação entre a imagem, o culto ao corpo e o valor do conhecimento, reconhecem que a imagem é muito valorizada e, mesmo, decisiva

para um candidato a emprego, ainda que, a longo prazo, o que permanece seria o conhecimento. Segundo os participantes, as duas questões podem ser conciliadas.

“A maioria quer entrar no padrão de beleza, e aí tem muitas pessoas que cultivam tanto o conhecimento quanto ter o corpo bonito e tal. Mas acho que a maioria mesmo procura o padrão de beleza ideal, assim, eu acho que a maioria se preocupa muito com isso”.

“As pessoas às vezes acham que a imagem é mais importante do que o conhecimento, mas o que vale mesmo é o conhecimento. É isso que a gente leva pra nossa vida.”

“Pois é. É que a maioria dos empregos, tirando os empregos que você expõe sua imagem seu corpo, você não consegue emprego fora desses pelo seu corpo. Você consegue mais pelo seu conhecimento, pela sua capacidade.

“Mas muitas vezes também não. Hoje em dia as pessoas conseguem muito emprego por conta da idade. A pessoa às vezes, se ela é... ela tem o conhecimento, mas aí pelo fato da outra ser mais bonita, ela consegue o emprego, porque às vezes ela vai ter que se relacionar com outras pessoas e aí, é um emprego que ela vai ter que falar com outras pessoas. E as pessoas mais bonitas são mais bem aceitas na sociedade.”

A mídia utiliza da beleza como imagem para venda, fazendo com que seus produtos anunciados se associem ao corpo belo. Vende-se e promove-se pelo desejo. Com isso, quem não corresponde ao padrão ali mostrado, assim como obesos, deficientes, passam por processos de preterimento na sociedade, o que os leva também a buscar esses modelos, constituindo, de certo modo, uma forma de coação social em que a exigência do belo prevalece.

Entre os participantes, o estereótipo do magro representa melhor rendimento, agilidade, desempenho, a despeito de isso não ser colocado como uma regra geral.

“Por isso que ela procura entrar em academia, alguma coisa desse tipo. Porque não é opção dela, a sociedade que impõe que isso. Se você não estiver, digamos, dentro dos padrões, você acaba meio que excluído um pouco. Tem pessoas que não, que convivem bem com isso, a gente se dá bem, se sente bem também, agora tem outras que não, que tem que estar com o corpo melhor, para sentir melhor e ser bem aceito.”

“Bom, isso de emprego tem outras questões, não só a imagem que passa a selecionar as pessoas, mas, por exemplo, a evolução social, as pessoas magras passam a ser mais valorizadas por quê? Por causa daquele estereótipo, que a pessoa é mais ágil, mais rápida, mais saudável, estereotipicamente falando... então, sei lá, tem essas coisas também, outros aspectos.”

A imagem, que se relaciona ao emocional, estaria superando o pensamento racional de busca da saúde. Assim, a “geração saúde” estaria sendo preterida em relação a uma “geração da imagem (corporal)”, já que valeria tudo para se garantir uma imagem desejada, mesmo que a pessoa se coloque em risco.

“Hoje em dia assim, as pessoas, é... a gente pegou uma cultura de antigamente em que ser magro, malhado, era ser saudável. Mas eu acho que hoje em dia as pessoas estão ultrapassando isso, elas passaram de se importar em ser saudável, e querem só imagem. Então às vezes elas fazem regimes absurdos, ficam anoréxicas ou malham demais e ficam doentes, usam anabolizantes, um monte de coisa, e aí esquecem da vida saudável, só querem saber da própria imagem”.

Na atualidade, a imagem está fortemente influenciando a sociedade, havendo o reconhecimento de que não seria mais a busca da saúde que prevalece entre os jovens no cuidado com o corpo, mas, antes, uma busca pela aparência. Atribui-se à mídia a consolidação dessa exigência, tornando-se uma imposição, posto que é necessário corresponder aos modelos veiculados pela imagem.

Em uma época de racionalidade (apolínea), a razão apontaria pelo cuidado da saúde, pelo cuidado cirurgias plásticas desnecessárias. Entretanto, na contemporaneidade, estaríamos nos deslocando para um tempo de emocionalidade (dionisíaca), em que a razão sucumbe e abre espaço às emocionalidades, de modo que a estética no sentido de Maffesoli se apresenta e o sentir juntos é o que faz sentido. O corpo é o elemento que une e, na teatralidade, a aparência, visto que o que se apresenta está em evidência.

“Aí vai do psicológico dela, porque ela não está mais se aceitando, de uma forma geral isso não é muito bom para as pessoas, devia todo mundo se aceitar, devia procurar mais pela saúde. Agora, com isso imposto pela mídia e tal, ela se sente mal e tal, não consegue não viver bem se ela não está dentro do padrão. Então ela procura todas essas coisas pra tentar melhorar a aparência dela, para ela se sentir melhor, mas isso é uma coisa ruim, porque muitas vezes acaba se transformando em doença, e acaba com o mundo dela mesmo, por conta disso muitas vezes”.

Ao analisarem figuras que expressam corpos cuja imagem representa anorexia, vigorexia, compreendem que é preciso saber ter equilíbrio, já que o exagero é doentio e pode produzir manifestações e ou distúrbios fisiológicos ou psicológicos, o mesmo ocorrendo com um narcisismo intelectual. Nesse sentido, corpo e mente seriam distintos, exigindo formas de cuidado diferenciadas.

“Eu acho que tudo tem que ser sobre medida, se for uma coisa muito exagerada, passa a não valer mais a pena. A pessoa não pode ficar pensando só naquilo, entendeu? Tem que fazer aquilo também, mas tem que ter conhecimento, com certeza. Não pode ser só pensar em ter um corpo bonito, essas coisas”.

“Eu acho que isso já se transformou em uma doença, tanto que a pessoa só pensa naquilo. Quer estar daquele jeito. É uma coisa que tem que tratar o

psicológico dela e não mais do corpo. Porque ela já ficou doente de tanto pensar só nisso, ficou uma coisa muito exagerada”.

A busca de transformações corporais por cirurgias plásticas, que ocorrem na atualidade, são também atribuídas a uma busca de se sentir acolhido socialmente. Os participantes mencionam que as pessoas que se submetem a tais cirurgias compreendem que esse acolhimento estaria condicionado à sua imagem corporal. Também veem nessas pessoas uma insatisfação que, em alguns casos, seria resolvida com pequenas intervenções, o que seria aceitável. Porém,, para outros, há uma insatisfação que leva à busca de mudanças constantemente. Nessa busca produzida pela insatisfação corporal, essas intervenções cirúrgicas que transformam o corpo produzem, para Freire (2004), uma epidemia de atentados violentos à vida, sustentada pela mitologia científica. Seria o homem acreditando estar dominando a natureza para satisfazer a seus próprios desejos e, para isso, tem fé nas ciências.

Compreende-se também haver uma aceitação da busca de uma felicidade produzida pelo sentimento do “sentir-se bem consigo mesmo”, que se traduz por se sentir belo, mesmo que seja por um certo risco, desde que não haja exagero. Também se apresenta a opinião de que os meios deveriam ser naturais. Tal colocação, contudo, ainda deixa explícito que eles teriam incorporado essa busca por padrões que eles mesmos estão sendo induzidos a aceitá-los e normalizá-los.

“É, pois é, se ela se sentir bem com isso, eu acho que nada impede ela fazer cirurgia plástica. Eu acho que é válido. Se ela quer mudar uma coisa, muda e acabou, se sente bem. Mas se uma pessoa quer se mudar sempre, eu acho que é problema da pessoa mesmo, porque ela nunca está satisfeita, faz cirurgia, faz outra. Se cada vez mais você faz cirurgia, você fica, sei lá, tipo uma Ângela Bismarque da vida. Eu acho que ela não vai estar satisfeita com o próprio corpo nunca, eu acho que o problema é da própria mesmo”.

“Essa questão de cirurgia plástica assim, eu discordo, mas eu sou liberado, eu acho que isso é de cada um, cada pessoa tem sua opinião, pode fazer e tal, não tem perigo não, eu discordo porque acho que você pode conseguir um padrão de beleza por meios naturais, entendeu? Uma boa alimentação, exercício físico, você consegue ter esse padrão, entendeu? De acordo com esses meios naturais que você quer”.

Perguntados se estariam felizes com seu corpo, expressam que sempre há algo que poderia ser mudado e quem está fora desse padrão para mais ou para menos quer se aproximar do modelo. Emagrecer ou engordar nunca se vincula à questão de saúde, que fica esquecida quando se fala em aparência. Por outro lado, ao afirmar que estariam

sempre na busca das mudanças necessárias, há uma indicação da existência de insatisfação.

“A gente sempre quer mudar alguma coisa, né?!”

“Ah! Eu estou querendo emagrecer, mas a minha voz também é bom melhorar.

Eu estou querendo emagrecer, mas eu estou feliz.”

“Eu estou querendo engordar, engordar muito. Porque eu acho que sou muito magro.”

Características corporais que levam a discriminações tornam-se marcas de sofrimento. Inscritas no corpo tornam-se visíveis a qualquer momento, sendo alvo do jogo de poder nas relações em que um tenta se sobrepor ao outro e que também leva a pessoa à busca de outros padrões.

Há internalizadas nas pessoas algumas referências de normalidade nos corpos. Cirurgias que venham a corrigir algumas marcas corporais que evidenciam partes do corpo que fogem da média populacional, como um nariz grande, uma orelha de abano ou outras, são aceitas com normalidade. O Brasil é constituído etnicamente por índios, brancos, negros, amarelos, o que fez com que nosso povo se constituísse pela miscigenação racial. Cada um desses povos deixou em nossa constituição marcas corporais características de suas descendências. Essas marcas, que representam e carregam histórias, nem sempre foram bem-vindas por terem, em alguns momentos, gerado ameaças a algum grupo social, o que promoveu discriminações ou rejeições.

Também o corpo de cada sociedade tem características que o identificam. Assim, um corpo que estaria dentro da normalidade quando situado em seus países de origem, em outra cultura poderia ser vítima de preconceito. O estrangeiro é identificado principalmente pelo corpo, que nem sempre é bem-vindo.

Também estão inseridas no corpo marcas que são associadas a grupos sociais de baixo padrão sócio-econômico que se tornaram marginalizados ao longo dos anos, como é o caso dos negros no Brasil. Essas marcas são preconceituosas, no sentido estrito da palavra, pois quem as possui, previamente, está sujeito a ser destacado em situações que, no mínimo, deixam constrangimentos.

Na escola, muitas vezes, essas marcas se associam a outras características e acabam servindo para serem utilizadas em deboches, como formas de produzir o “bullying”, estigmas, o que gera incômodos pelo destaque evidenciado pela estética corporal. Uma questão necessária de ser discutida no Brasil está no fato de que uma

escola tem, em quase todos seus alunos, marcas corporais que os marginalizam incorporadas em seu imaginário. Mecanismos que rompam com esse ciclo, fazendo emergir outro imaginário, têm de ser pensados. Na escola pesquisada, esse ciclo é rompido pela heterogeneidade social promovida pelo sorteio. Entretanto, em escolas públicas de periferias, concentram-se pessoas de baixo poder aquisitivo que são direcionadas para uma mesma escola.

Retornando à questão das marcas corporais indesejadas, temos, com o atual avanço do conhecimento científico, a possibilidade de que estas sejam revertidas. Assim, as pessoas, para se integrem socialmente aos grupos de modo a não serem estigmatizadas, empenham-se em viabilizar cirurgicamente a realização do desejo de eliminarem essas marcas, buscando uma transformação corporal que não mais as coloque como alvo de preconceitos.

“Minha orelha, né?! Uma é grande de abano e a outra não.”

“Me incomodar, não incomoda não. Incomoda é os outros ficarem me enchendo o saco o tempo todo, fazendo piadinha. Isso enche o saco, pô! A pessoa ficar falando demais da minha orelha. Mas... eu acho que a única coisa que eu queria mudar e fazer cirurgia é pra não ter mais que usar óculos, é uma coisa que eu não queria mais. O óculos sou dependente mesmo. Não vejo nada sem. E a orelha é por causa dos outros. Os outros que enchem o saco. Mas só que é caro pra caramba.”

“Nem tudo. Acho que não. A pessoa tem o nariz muito grande, aí vai da estrutura óssea, vai da estrutura mesmo do corpo dela, não dá pra ela reduzir o tamanho do nariz por meios naturais. Esses casos assim. Agora, se há meios naturais como emagrecer, por exemplo, então eu acho que não é indicado fazer cirurgia, eu optaria por fazer os meios naturais”.

Constata-se a exigência do corpo belo como exigência social e a obesidade parece ser um elemento bastante marcante nesse jogo. Diferente das estruturas físicas naturais, a obesidade é um fator adquirido socialmente e, sendo assim, modificável. Diversos fatores na mudança de hábitos sociais levam à obesidade, o que faz com que, na atualidade, ela seja considerada uma epidemia. No caso do Brasil, temos dados de que cerca de 50% da população já se encontra classificada como fazendo parte desse grupo.

A questão da obesidade pode ser destacada por estar em dois grupos: o da estética, que gera toda a exigência social de estar dentro de um padrão de beleza e, por outro lado, ela também se encontra no discurso da saúde, apresentando-se como uma exigência social para um bem-estar. Assim, ser magro é desejável e fundamental, seja

pela questão estética e seus desdobramentos ou pela saúde. Com isso, discursos proliferam em diversos ambientes como no âmbito da escola, da família, dos grupos de convivência, exigindo e cobrando que todos sejam magros, o que leva à exploração pela mídia que cria mecanismos que acabam impondo comportamentos.

“Eu acho que eu era obesa sim. E eu sofri muito com isso, nossa! Aí isso acabou meio que ficando na minha cabeça, entendeu?”

“Eu acho que foi um pouco na escola, assim. Tinha umas meninas na minha sala que a gente de vez em quando brigava e aí elas mexiam bastante comigo. Sobre aquilo que eu me sentia mal, eu não me sentia bem com isso. E aí tentavam piorar. Até que um dia eu cheguei em casa, um dia chorando...eu não falei sobre isso com eles não. Quando eu fiz 11 anos, eu fiquei muito mal com isso, aí eu comecei a fazer regime, praticamente eu parei de comer, aí minha mãe começou a ficar preocupada, a conversar comigo, eu chorava toda vez que a gente conversava, eu tentava arrumar um jeito para eu me sentir melhor, entendeu? Igual se eu quisesse fazer exercício físico, alguma coisa assim, e então parar de me preocupar com os outros também. Porque aquilo estava me influenciando diretamente. Eu não estava comendo nada mesmo. Na época eu emagreci bastante. Mas não fez nada bem”.

“Isso já aconteceu comigo também. Eu era acima do peso, o médico mesmo falou que eu tinha que emagrecer. Eu sofri muita zoeção, entendeu? Por mais que meu pai falasse: “Ah! Não liga pra eles não”. Quando eu conversei com ele: “Você não está tão gordo assim não, eu acho que você não deveria ligar para os outros não, mas já que você não gosta, faz alguma coisa, a gente muda, a gente tenta aí.” Aí eu fiz atividade física, comecei a ficar melhor, aí fui emagrecendo até ficar no meu peso normal.”

O sentimento é de que se tem de atingir um determinado padrão corporal que não identifique a pessoa como obesa. Para tal, acaba-se aderindo ao que é oferecido para que se possa realizar uma mudança que reflita um outro em seu corpo. O corpo obeso não é o mesmo corpo magro em todos os seus sentidos e as representações e imagens sobre a pessoa partem da constatação do que está inscrito em seu corpo. Assim, a pessoa acaba por se sentir realizada por ter atingido padrões, atribuindo ter alcançado a felicidade, tendo a compreensão de que “melhorou” por se aproximar desses padrões. A saúde é secundarizada, mas “até” se apresenta como preocupação, já que se tem também a informação sobre os danos que a obesidade pode trazer.

“Eu me sinto melhor. Ah! Sei lá. Eu assim, eu olhando pra trás assim, eu superei, entendeu? Gostei muito do que eu fiz. Eu não esqueço. Eu tento esquecer que o pessoal zoava e tal, mas eu tenho muito orgulho do que eu fiz. Eu sempre corri atrás daquilo que eu tenho hoje.”

“Se você não tivesse alcançado... ‘Ah eu acho que eu me sentiria mal, infeliz comigo mesmo’”.

“É, mas eu acho que foi muito imposto pela sociedade. Não sou muito desse tipo. Mas sempre foi uma coisa minha mesmo, sabe? Eu sempre me incomodei

muito. Eu já fui mais gordinha quando era mais novinha também, eu era bem gordinha, aí eu fiz dieta e tal, mas mais por mim, ninguém me zoava muito e tal, eu sempre... sempre foi coisa minha mesmo, sabe? Eu me incomodava muito com isso. Eu acho que por ver essas pessoas tudo magrinha e tal. Eu sofria com isso, mas era uma coisa minha mesmo. Ninguém falava não. Aí eu fiz dieta, emagreci e agora eu malho também. Aí eu sempre quero assim, melhorar mais, entendeu? Até por saúde também. Mas ninguém... nunca foi imposto isso pra mim também.”

“Ah! Eu acho que ver todo mundo, minhas amigas, tudo magrinha e tal, e eu gordinha, não me sentia bem, né?!”

“Sentia. Eu não me sentia bem, porque todo mundo estava lá, assim bem, e eu gordinha. Eu me sentia mal com isso. Aí eu quis mudar, mas nunca foi um problema tão grande.”

A representação do corpo belo está vinculada à juventude e como se nega o envelhecimento, a saúde se secundariza, até que seja inevitável aceitar o processo. Em ambas as situações, beleza e saúde, o cuidado com o corpo está presente, em diferentes dimensões, ainda que nas duas situações se busque a conservação.

Para buscar compreender a questão da dualidade corpo mente entre os participantes, foi colocada a frase de Descartes “Penso, logo existo”. As falas se voltaram à questão do valor do conhecimento e da aparência, posta como fator temporal.

Nas falas dos participantes, na atual estética social “inteligência” e “aparência” se fazem presentes. Acreditam que, em outro tempo, o valor dado à mente prevalecia, diferentemente da atualidade em que não bastaria se ter inteligência ou conhecimentos. Haveria, agora, um primado da aparência, ou seja, a aparência distingue muito mais uma pessoa do que o conhecimento, sendo mais decisiva em questões sociais. Desse modo, a pessoa investiria em uma busca constante pela aparência, acreditando ser valorizada por isso. Tal fato seria possibilitado por ser um tempo de emocionalidade em que o corpo está em evidência, o estar juntos predomina e as banalidades cotidianas, o frívolo, a efemeridade das coisas estão presentes.

“Eu acho que eles valorizam mais o conhecimento que ele tinha. Diferente da nossa sociedade de hoje, se você pensar, se você for inteligente, isso não basta para a nossa sociedade. Você tem mais um monte de coisa que você precisa ter para você ser melhor aceito, não é só a nossa inteligência, os nossos conhecimentos.

Você precisa ter uma vida social, talvez uma pessoa inteligente não tem essa vida social, como a pessoa que não é. Aí eu acho que naquela época não era tão visto por causa da mídia, por que hoje em dia tem muita coisa com isso. Aí eu acho que hoje em dia valorizam mais o, a beleza e tal o exterior, naquela época não, não tinha esse recurso que hoje tem.

“No fundo das aparências”, as pessoas se integram nas superficialidades da vida, do outro, da convivência no grupo para estarem juntas. Diferentemente do que foi posto por Bauman, não vivem e convivem somente de relações líquidas. Há uma busca de laços duradouros. No fundo das aparências, valores morais são decisivos para se estabelecerem laços sólidos. Em uma vida boa, o sentido de existir estaria nas relações que se estabelece com o outro, em como somos identificados pelo outro, ou seja, no “ser”.

“Ah, eu acho que é as nossas relações com as outras pessoas que definem nossa existência. Eu acho que o que a gente significa para outras pessoas, eu acho que isso o que as outras pessoas pensam da gente, eu acho que isso que vai definir”.

“Eu acho o que a gente faz, as nossas atitudes são muito importantes. Você pode ser a pessoa mais bonita, depois que você conhece, se ela for uma pessoa ignorante, que trata as pessoas mal, você humilha as pessoas, as pessoas de certa forma vai te achar até feia. E uma outra pessoa que pode ser feia, tipo de primeira impressão, que você achou a pessoa feia, você conversa com ela, você vira amigo dela, é uma pessoa é boa, ela acaba ficando bonita também. Você ser uma pessoa boa”.

Ao se pensar no sentido da existência, como na fala acima, o belo ganha outra dimensão, de modo que o bom passa a ser associado ao belo e aqueles que produzem atitudes indesejadas em relação ao outro, que discriminam, humilham são associados ao “feio”. Observa-se, na fala, que as colocações sobre o que é existir está acompanhada sempre do outro. Pode-se afirmar que compreendem que simplesmente existimos e o sentido dessa existência é como estamos em relação ou com o outro.

Ao levantar o tema, alguns dos participantes remetem à finitude da vida. Para Heidegger (2006), a finitude leva o homem à angústia que coloca o homem diante do nada. O estar juntos parece ser uma forma que leva o homem a sustentar essa angústia preenchendo um vazio. Assim, o sentido da vida estaria sempre relacionado a atitudes em relação ao outro, de modo que o restante passa a parecer não ter sentido.

“Ah sei lá, eu não penso muito na morte, sei lá, eu acredito em corpo e alma e etc. mas o que eu acho mais importante e ter a nossa própria vida, e o que você faz, sei lá, você aproveitar e fazer o melhor consigo mesmo.”

“Ah, um dia todo mundo vai morrer mesmo, não tem como você fugir disso. Acho que você tem que fazer o melhor enquanto, você está aqui o melhor para você o melhor pro outros.”

“Deixa eu viver, uma vai ter que morrer, não vou ficar pensando nisso agora. O que tiver que acontecer vai ser.”

“Por isso que às vezes eu ate me desprendo um pouquinho da escola, faço as coisas o que eu quero, porque uma hora isso todo vão acabar, então eu quero

ter juntado o máximo de coisas, ter feito o máximo de coisas, que eu posso fazer, antes de eu ir embora.”

“Pô,, eu. Ah, assim antes de virar pó, eu quero, eu sonho em fazer muitas coisas, e os sonhos que eu tenho é, faz parte das coisas durante a minha vida. E quando eu ficar velho assim, olhar para trás e ver quanto coisa eu fiz, essas coisas...”

“Sabe é como você ter uma sensação de missão cumprida sabe, do que você fez.”

“Sabe aquela hora que você está em casa aí você pensa em tudo que aconteceu no seu dia, você está à toa mesmo, aí eu penso será que tudo isso que eu faço, essa correria de estudar, trabalhar, ficar pensando no nosso futuro, daqui a oitenta anos ou menos eu vou estar dentro de um caixão, eu vou... Aí eu fico pensando, eu vou ficar quieto, vou dormir, o que eu fiz foi em vão.”

“A religião nisso é importante. Tipo na minha religião, por exemplo, eu acredito que tenho uma coisa além disso, você não morre e acaba. Eu acho que tem alguma coisa que você vai fazer além, eu acho que isso que me faz sentir melhor, que faz ter vontade de fazer essas coisas, de você ser uma boa pessoa, de tratar os outros bem, porque eu acho que vai ter um retorno, se não for aqui, em outro lugar, mesmo depois que eu morrer. Eu acho que tem um outro mundo depois, num sei, eu acho que é importante você acreditar nisso, para você não, para você ter força para você não pensar, que tudo isso é em vão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar de Maffesoli nos permite abarcar a sociologia compreensiva que se integra à perspectiva fenomenológica e à do imaginário. Desse modo, as análises representacionais postas pelos participantes puderam fazer com que fôssemos mais profundos na questão, aproximando-nos de suas essências.

Ao considerarmos que temos um destino cíclico, estaríamos em um tempo de transição, entre a modernidade que vem se esgotando e um novo tempo que emerge, que preferimos nomear de contemporaneidade, no qual se apresenta, em nossa cultura, o imaginário do êxodo, mas que especialmente Michel Maffesoli vem chamando de pós-modernidade, mesmo com todas as controvérsias que o termo provoca.

Nesse processo cíclico, o indivíduo-pessoa nasce e renasce, é criado e recriado, sendo necessário (re)interpretá-lo. Assim, nesse movimento pendular, buscamos aqui, nesta pesquisa, situarmos os marcos comuns que caracterizaram a modernidade e elencarmos os motivos que têm levado ao seu esgotamento, fazendo emergir uma nova época, para compreendermos como a noção de corpo é compartilhada entre alunos de uma escola pública da cidade de Juiz de Fora.

Apona-se, nesta conclusão, que a aura, a atmosfera, as marcas, o clima, o que remete à essência, ou seja, o que rege no tempo histórico atual se mostra, confirmando o retorno de um corpo coletivo, iniciando outro paradigma que se sustenta no estético. Assim, o belo, o comprazer-se da aparência, o jogo das formas, tudo isso afirma o reconhecimento da estética, considerada aqui em seu sentido da emoção comum, onde o estar juntos predomina no imaginário da juventude.

Estamos, sem dúvida, em um tempo da emergência de produção de um novo corpo que está em evidência, que necessita ser compreendido em suas essências pela escola, para que esta acompanhe o desenrolar desse novo espírito do tempo. Dessa forma, esta pesquisa pretende contribuir para subsidiar debates especialmente no campo da educação, seja no cotidiano escolar, seja na formação inicial e continuada de professores. Se somos como andarilhos que buscam o *Graal*, a escola também tem de se pôr nessa busca.

Resgatamos que a escola de massa nasceu e viveu sob o imaginário moderno e manteve suas tradições com muito poucas mudanças durante sua existência, seja em sua arquitetura, na distribuição do espaço nas salas de aula, em suas normas e regras, em sua

grade curricular, no tempo de duração das aulas, em seus regimentos, de modo que o corpo se tornasse disciplinado.

Verifica-se que a escola, na atualidade, mantém uma organização que se originou no espírito das ciências modernas que se sustentou no pensamento moderno de Galileu e Descartes, que fundaram as bases da física moderna e o conhecimento científico pelo método, assim como o pensamento kantiano que reforçou a soberania da razão, tornando-se predominante na forma de pensamento ocidental na modernidade.

Observa-se que a sociedade passa, no presente, por diversas transformações em uma velocidade sem precedentes históricos, estimulada por uma era de tecnologias de comunicação que parecem acelerar esse processo. A escola, no Brasil, não se encontra preparada para compreender e acompanhar essas transformações. Desse modo, instaura-se uma desestabilização de seu cotidiano, especialmente junto às juventudes, que não mais se remete a uma visão de mundo com espírito cientificista, de progresso, de verdades universais, de estabilidades, esgotando-se juntamente com a razão, colocando a escola em xeque.

Trata-se de um tempo, de fato, da comunicação em que a presença do outro se faz necessária. Isso faz com que se repensem as relações escolares, de modo a se pensar como a comunicação deve ser estabelecida nesse ambiente a fim de que não se distancie a escola da juventude.

Nesse tempo pendular, a racionalidade cede espaço à emocionalidade, colocando o corpo em evidência. A escola necessita (re)estabelecer a comunicação com juventude para avançar em seus projetos. Para isso, na transição do tempo presente, é necessário integrar a emocionalidade as sensibilidades, à própria razão. Nesse sentido, é mister estabelecer um projeto que considere a razão sensível, de modo a se pensar o mundo de outra maneira. Nessa nova forma de pensar, o corpo tem centralidade, o que faz nos colocamos frente à questão da corporeidade.

Assim, aponta-se que a escola, que se utilizou do conhecimento científico como o verdadeiro conhecimento, necessita se reestruturar em uma perspectiva na qual a emocionalidade e sensibilidade estejam presentes. Maffesoli destaca que não é preciso negar a razão, mas abordá-la sob uma perspectiva de uma razão sensível. A escola não pode se prender na racionalidade técnica que se lhe foi imputada pelas ciências. Reconhecer o espaço do sensível, da emoção, do sofrimento, do cômico é necessário e

amplia as dimensões do conhecimento, possibilitando que este seja visto como Nietzsche propôs, como sendo a mais potente das paixões.

Como se pôde verificar pela pesquisa, no presente, a comunicação se torna fundamental, produzindo cultura, tornando-se, mesmo, um modo de ser da juventude que quer estar em contato, atualizada, estar agregada. Assim, a comunicação ganha um sentido existencial, vez que, para existir, dependemos do outro, em uma ligação que é estabelecida por meio da comunicação. No mundo atual, os jovens demonstram que o estar juntos predomina sobre outras características e, para que isso se efetive, é necessário que o corpo se faça presente, que retorne sob nova dimensão, privilegiando o coletivo, a agregação, o tribal, rompendo com o individualismo moderno que vem se saturando.

Os participantes da pesquisa indicam a presença de um corpo encarnado, que quer viver corporalmente o presente, que se permite amar a vida como ela é e não como deveria ser. O cogito cartesiano se substitui por um sujeito encarnado, que vive, que resiste corporalmente ao presente e aos questionamentos do mundo. A dualidade cartesiana que separou corpo-mente vem tomando outra dimensão e o corpo, concebido enquanto fenômeno, vem se tornando um modo de pensamento de senso comum. A juventude não rompeu definitivamente com a dualidade cartesiana, mas incorpora outras formas de conceber o corpo que coexistem. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se concebe um corpo que o separa dos outros, do mundo e de si mesmo, dando sentido à individualidade, concebe-se também um corpo existencial, em uma perspectiva de ser um corpo que remete para si e para os outros corpos, sendo essencialmente plural, o que é característico de ambientes sociais comunitários.

Historicamente vivemos, nos últimos quatro ou cinco séculos, transformando os modos de pensamento e de ver o mundo onde renascemos, iluminamos, buscamos o novo, abrindo espaço sobretudo ao pensamento científico, passando de Deus aos homens nosso próprio destino, consolidando a modernidade em que os modos de vida, de organização social e política se transformaram profundamente. Durante esse período, o corpo foi negado pela religião. Com o fim da aristocracia, surgiu o corpo social, ou seja, o próprio corpo foi descoberto culminando na geração do individualismo.

Dessa forma, encontramos-nos hoje em um tempo de emocionalidade no qual o corpo emerge, pondo-se em evidência, compondo um cenário estético que,

possibilitado pela comunicação, coloca-nos em um ambiente onde vários fenômenos emergem. Maffesoli aponta que as marcas corporais, o estar juntos e a persona são fenômenos dessa época. A pesquisa em questão nos mostra evidências de que esses três fenômenos somente ocorrem na presença corporal com o outro, estando o corpo, desse modo, na essência para sua compreensão. Assim pode-se afirmar que, na atualidade, paira uma atmosfera em que o corpo somente faz sentido na presença do outro, o que leva a um modo de pensar no qual o coletivo é privilegiado. Isso, porém, não retira as individualidades de cena, pois estas passam a fazer sentido quando integradas ao coletivo, o que faz sucumbir o individualismo que emergiu na modernidade.

Assim, na aura da juventude, o dionisíaco está presente. Essa juventude tem, na emocionalidade, um modo de vida predominante no qual o banal, a diversão, o frívolo, o prazer, o gozo, o carnal têm sentido, tornando-se cultura que privilegia, em primeiro plano, o valor estético, o que suspende a primazia da razão que vigorou na modernidade.

O homem parece ter descoberto que, como diz Nietzsche (2005a), temos a essência do mundo que fomos criando gradativamente. Dessa maneira, a juventude indica estar vivendo um momento de criação de um novo mundo, que é ambíguo, frívolo, que tem a diversidade presente, que constrói novos valores com outras sensibilidades diferentes das que prevaleceram na modernidade, que quer sentir em comum, experimentar em comum. Como isso é o que ocorre com a arte, faz sentido, então, falar-se na existência como obra de arte.

A atual estética nos mostra que compartilhamos emoções, que as vivemos no coletivo, o que promove um estar juntos que gera as éticas locais ou das tribos. Nessa perspectiva, a juventude percebe e vive o aparente, o que remete a um tempo de estetização, como diria Welsch (1995, p. 08), já que tudo vem sendo configurado de modo a ser compreendido como estética, seja nas edificações, na gastronomia, nos ambientes ecológicos aparentemente alternativos, no uso intenso das imagens, o que “transforma o mundo num espaço de emoções e a sociedade numa sociedade de emoções”.

Aproveitando ainda as ideias de Welch (1995) em relação à estética, observamos, na pesquisa, que os jovens indicam que a atualidade se abre a um

“aparecer”. Assim, o “ter”, evidenciado pelo capitalismo na modernidade, já não mais é prioritário, tampouco o “ser” estaria em evidência nesse tempo de conjunção. Direcionando-se ao encontro do autor acima citado, Maffesoli coloca que, para “ser”, a vida deve “parecer”. Nesse sentido, somos obrigados a considerar o corpo individual e social para se ordenar toda a vida social. Constituímos nossa interpretação a partir de nossas percepções estéticas, daquilo que se apresenta ou daquilo que parece ser. Apresentamo-nos com o arcaísmo do nomadismo que permite integrar diversas tribos de acordo com o interesse de cada momento, sem sanções, mascarados, com múltiplas identificações, a fim de que se possa garantir um estar juntos para experimentar emoções coletivas, para estar em um ambiente estético onde o corpo predomina.

Com isso, apresentam-se indícios da passagem da identidade para a identificação. O ser estaria ligado à identidade, enquanto que o aparecer se liga à identificação. Ocorrendo a primazia do aparecer, diversos personagens podem ser assumidos para se permitir a integração da pessoa a diversas tribos. Conforme apontado na pesquisa, o “eu” seria um personagem, que se metamorfoseia, que se utiliza de máscaras para se integrar às características do coletivo que é capturado pela percepção estética e não corresponderia ao “eu mesmo”.

A conjunção, o que leva ao estar juntos em determinada tribo, está muito relacionada, na juventude, ao gosto, às vivências emocionais, às frivolidades e mesmo ao entretenimento. Entretanto, esses jovens não indicam que caímos em um niilismo, em uma vida hedonista, mas, antes, apresentam uma ética constituída a partir das percepções estéticas presentes nas diferentes tribos em que os valores são locais e valem para esse grupo especificamente. Isso leva também a se constituir uma solidariedade que promove a religação social e leva ao estar juntos. Como esses valores são percebidos no aparente, a experiência, o vivido em comum, os elementos que compõem o sensível, a comunicação, o emocional, a imagem, o corpo, tudo que é vivido com o outro torna-se essencialmente ética. Isso justifica uma ética da estética.

Precisamos compreender essa mudança no tempo, mesmo reconhecendo que ainda não sabemos exatamente para onde vamos, pois lidamos, na educação, com uma juventude que foi inserida nesse mundo com uma diversidade ética originária das estéticas grupais. Sob essa perspectiva, a questão da razão, da verdade com pretensões

universalistas sucumbe, o que leva a se pensar em uma educação também com valores diferenciados dos que até então predominaram na escola.

A pesquisa mostra que os jovens gostam de ir à escola, mas não gostam do modo como as relações, as metodologias pedagógicas são estabelecidas. Simplesmente mudar os programas não resolve a questão. O dilema da escola pode estar no posicionamento político pedagógico que a escola deve assumir na relação entre os conteúdos do ensino e a relação pedagógica, assim como foi apontado no estudo de Certeau (2001). Ter uma relação produtora de saber ou transmitir um conteúdo, estabelecer uma comunicação que possibilite criar uma cultura escolar reflexiva utilizando da sedução ou ser meramente reprodutora ou transmissora de conhecimentos e, como último ponto, saber lidar com o saber e a relação social. É necessário integrar os saberes envolvendo as ciências e as questões sociais. O fato é que a escola, que é cartesiana e moderna, corpo e mente são separados, o prazer é negado, o corpo não está presente. Quando considerado, ela o quer docilizado.

Também os jovens percebem que, a despeito de a escola não ser atrativa, ela é reconhecida como uma instituição que deve prezar pelo saber, ou seja, uma boa escola ou um bom professor são aqueles que garantem a apreensão de saberes. Todavia, é necessário que essa instituição também garanta um ambiente de comunicação, conjugando, na prática pedagógica, o ensino e a relação social, em que o professor seja um mediador que possa promover um ambiente reflexivo. Para isso, o corpo não pode ser alvo de relações de poder que buscam a docilização.

Isso é um desafio à formação continuada de professores, uma vez que temos toda uma geração de professores formada por uma perspectiva tradicional da educação, que atua em escola que também tem uma visão de mundo que não mais corresponde ao atual, vez que se apresenta, ainda, presa a uma perspectiva de ensino tradicional.

Nesse sentido, saber lidar com a incerteza, com o efêmero, com o ambíguo, com verdades temporárias, dialogar, colocar as emocionalidades como referência no espaço escolar são questões postas às quais a escola atual deve estar se referenciando. A escola também pode ser um espaço onde o prazer esteja presente, seja pelos amigos, seja pelo saber, mas, para isso, é necessário estar de corpo presente. Nessa via, outras perspectivas metodológicas devem ser desenvolvidas pela escola, que precisa garantir a

comunicação, não devendo se restringir ao modelo hierárquico de transmissão de conhecimento.

A ciência, o conhecimento têm de ser desejáveis, atraentes, daí a necessidade de a escola ser sedutora. Na perspectiva de Maffesoli, deveríamos pensar uma escola aberta ao espaço do sensível, de um modo de estar juntos que gere éticas para uma coletividade, que se mostra em um corpo coletivo. O sensível com realidade empírica pode ser abordado na escola, onde o gosto, a felicidade, as relações tornam-se conteúdos, mas que também a instituição não se prescindia do seu importante papel no tratamento dos saberes científicos e de outros oriundos da cultura.

Na contemporaneidade, o modo de pensar o mundo vem se transformando. O saber ganha uma tendência relativista, um saber deontológico nos termos maffesolianos, em que nada é absoluto, não há verdade geral, estando a verdade em relação, podendo ser parciais, se diferenciando da modernidade com seu racionalismo puro, mas que também não quer um irracionalismo. Para cada situação presente tem-se uma percepção, ou seja, há uma ética das situações.

A juventude valoriza o conhecimento científico e a experiência a qual, conforme apresenta Santos (2001), não deve ser desperdiçada. Nessa integração entre experiência e ciências, entre a religião do indivíduo nos ambientes social e natural, surge um novo senso comum, ocorrendo, mesmo, que vários conhecimentos científicos venham se tornando de senso comum. Entretanto, entre a juventude, embora o conhecimento científico esteja cada vez mais presente, isso não determina ou submete o seu modo de viver. O que se faz com o próprio corpo vem carregado de significado, de conhecimentos científicos e de decisões originárias do gosto e desejo. Contudo, gosto e desejo são considerados na vida, mas não pela escola. Isso porque, ao abordar e organizar o conhecimento, não se coloca o corpo em evidência. Tal questão nos remete, mais uma vez, a apontar que a razão sensível, que abarcaria o gosto, deve estar presente na organização e planejamento escolar. A própria ciência teria sua estética, o que pode gerar formas interessantes para o ensino.

Para tal, a escola deve repensar seu currículo, considerando o que deve ser conhecimento válido a ser sistematizado nesse tempo contemporâneo, o que não retira a primazia do conhecimento científico. A escola vem buscando formas de integrar o gosto ao cotidiano como meio de combater o desinteresse de boa parte da juventude em

relação à instituição. A forma se relaciona à estética, que se torna importante nesse tempo de estetização do mundo. Nessa perspectiva, abordar o conhecimento com métodos que possam ser regidos para despertar o gosto é fundamental.

A pós-modernidade vem superar essa supremacia dos discursos meramente científicos, integrando um novo senso comum, integrando a experiência vivida. Nisso, o corpo esteve como peça central. Da mesma forma como a igreja capturou o corpo em uma época, o mesmo ocorreu com a ciência. Se, na modernidade, esse conhecimento levou à redescoberta do próprio corpo ocasionando o individualismo, na pós-modernidade, descobre-se o corpo coletivo.

Observa-se que, em sua tradição, a estética escolar utiliza em seu método recursos tradicionais como os livros, aulas diretivas, conhecimentos que muitas vezes não têm sentido na vida cotidiana. Esses fatos geram obstáculos nas relações entre professores e alunos, além de resistência à questão da aprendizagem, o que pode ser um dos fatores que causam a grande evasão escolar presente hoje entre jovens de 15 a 17 anos.

O fato é que parece haver um consenso de que as metodologias precisam ser revistas ou, como se diz na linguagem da informática, “atualizadas”. Na internet o que não está atualizado também gera desinteresse, seja um programa ultrapassado ou uma informação. Como a tecnologia trouxe ao cotidiano velocidade na informação, na comunicação, recursos de pesquisas com amplas fontes, os jovens, não raro, percebem que estão mais atualizados ou sabem mais do que o que o professor está propondo. Também a juventude contemporânea tem uma análise argumentativa despojada dos aspectos morais que o professor carrega em sua cultura, o que a leva, muitas vezes, a conclusões contrárias à verdade posta pelo professor.

No que se refere ao conhecimento científico tratado na escola, ao abordarmos outras metodologias, podemos deslocar de uma perspectiva de corpo receptor para um corpo produtor de conhecimento que se converte em conhecimento de si mesmo.

Também parece que se caminha para um equilíbrio em que o conhecimento científico e o conhecimento oriundo da experiência vivida devem ser considerados. Maffesoli, na obra “O ritmo da vida”, destaca que devemos compreender e viver o mundo do jeito que ele é, referenciando ao conhecimento comum como a religião

entre o indivíduo e seus ambientes social e natural e o estar juntos, oferecendo valor às estéticas múltiplas dos espaços urbanos.

Os discursos expressos em diversos programas e pesquisas educacionais têm se orientado pelo uso da razão invocada na modernidade, através da qual nos tornaríamos, pelas perspectivas críticas, sujeitos conscientes, prontos para transformar o mundo social em um mundo justo, igualitário, cooperativo. Entretanto, quando abordamos questões como as drogas, aborto, gravidez na adolescência ou diversos outros temas, a racionalidade desse mundo desaparece, já que o próprio corpo é posto em risco. Se colocar ou não em risco é intrínseco à pessoa, para haver mudanças, é necessário atitude e não somente dizer como deveria ser o mundo.

Algumas mudanças em relação ao próprio corpo dependem de atitudes que podem ser geradas pelo conhecimento, tendo a escola importante papel ao abordar conhecimentos sobre o corpo. Cabe à própria pessoa a atitude de mudança, deslocando-se de uma dimensão moral, de um devir, já que não basta ter conhecimentos científicos para que haja mudanças de atitudes, mas sim ao uso dado ao conhecimento pelo homem que é o que seria de importância para a humanidade.

Desse modo, é necessário que a escola promova em seu currículo, de modo reflexivo, discussões sobre temas como o uso de drogas, obesidade, meio ambiente, anabolizantes, dietas, sexualidade, dentre outros. Contudo, percebe-se que, como a temática do corpo é pouco abordada na escola, desintegrada curricularmente, o corpo se fragmenta no currículo.

Questões como problemas sócio-ambientais podem induzir a um comportamento mais solidário, com comprometimento para o coletivo, contribuindo com a possibilidade de transformar o mundo por atitudes coletivas que constituam uma solidariedade. Essas ações coletivas em que nos ligamos uns aos outros são bases para que se tenha confiança no mundo e se constitua uma solidariedade de base, conforme abordado por Maffesoli.

Assim, quais os conhecimentos e de que maneira estes serão abordados constituem o foco de um currículo que deve se apropriar do mundo da maneira como de fato ele é. Se somente o saber científico não é determinante para a ação, aquele sujeito consciente apontado pelas pedagogias críticas, que agiria sempre por uma razão universal, não se consolida. No mundo social, cabe às instituições, à escola e, sobretudo,

à família, tratar eticamente dos saberes necessários à formação do sujeito de forma a inseri-lo e ajudá-lo a intervir socialmente no mundo onde o conhecimento científico, o conhecimento sistematizado e também o de senso comum são necessários.

No entanto, esses conhecimentos, que têm sua intencionalidade na imersão do sujeito no mundo, converter-se-iam todos em um cuidado de si e no cuidado com o outro, tendo ética e alteridade como os fatores permeadores de todo conhecimento. Os conhecimentos seriam decisivos para o estabelecimento de novas formas de estar no mundo com o outro. Isso garantiria, nos currículos, a discussão de ética e de alteridade como norteadores dos programas escolares que tratariam os temas de forma transversal.

Estamos em um tempo em que tudo se move, em que o vazio é conteúdo, em que a comunicação torna-se uma forma de conjunção, em um tempo de expressão e valorização dos desejos e prazeres, em que a manipulação cede espaço à sedução, em que a imposição se torna conquista, em que não nos submetemos a um valor, mas aderimos a ele, em que o frívolo se torna óbvio e é aceito. Tal fato pode ser observado quando criticam a postura de uma professora (p.313) que fere a ética local. O valor fixo e absoluto da autoridade não é mais o mesmo de tempos atrás. Para se manter autoridade, há de se ter ética. Talvez daí o desinteresse pela política, já que os jovens não se veem contemplados por ela.

Há indícios de que a juventude nega a solidão, por isso essa pulsão pelo estar juntos, seja corporal ou virtualmente. Essa geração está em um mundo impregnado pelo uso de imagens e de tecnologias de comunicação, o que permite surgir um modo de estar juntos estabelecendo novo limiar entre realidade e virtualidade, em que ambos fazem parte da realidade. Assim, pode-se apontar hoje, a presença de um corpo virtual, que se encontra em um espaço e tempo indeterminado e não tem território. Nesse novo limiar, o virtual passa a ser vivido corporalmente, uma vez que o virtual pode produzir sensações, sensibilidades que o corpo sente, e deste modo podemos afirmar que a emocionalidade se faz presente no virtual.

Nas redes sociais, criam-se corpos ilusórios, virtuais, com máscaras ou sem máscaras. Essa virtualidade desconstrói todo o sentido clássico da identidade, existindo, nesse espaço, um perfil cuja principal função é a de garantir um estar juntos. Embora a juventude estabeleça um sentido em que estar conectado seja considerado uma forma

de estar juntos, seria no face a face, na presença corporal que se identifica um verdadeiro eu. Ainda é necessário ver o outro, olhar, gerar interação, fazer agir todos nossos sentidos e, para isso, é preciso estar juntos.

Também o virtual rompeu os limites entre a vida privada e a pública. O que já foi considerado pessoal é muitas vezes exposto publicamente, transformando sentimentos a partir da virtualidade. As relações são estabelecidas nas redes sociais pelo “adicionar”, forma pela qual se faz um amigo. Entretanto, fazer, de fato, um amigo ainda é restrito ao espaço do real, onde se hierarquiza a amizade com os amigos, com os amigos dos amigos ou com os grandes amigos, indicando haver a necessidade da interação carnal, de viver coletivamente emoções que somente ganham sentido se vividas e experienciadas de corpo presente.

O virtual nos mostra que a interação pelos sentidos é fundamental e a escola não pode se esquecer disso. Ao lidar com uma juventude cujo cotidiano é regido pelo estar juntos virtual e real, as relações com o outro, a alteridade devem ter a devida centralidade no processo educacional.

A juventude compreende o mundo de outra forma. Os atuais professores foram formados sob o imaginário moderno e carregam consigo os arquétipos desse tempo. Já a juventude está inserida em um outro tempo que vem se transformando. Pensar a comunicação se faz imprescindível pela escola e talvez seja necessário incluir aspectos sobre a comunicação na formação de professores, vez que pensar e estabelecer a comunicação com a juventude talvez seja o grande desafio da escola atual.

A escola sabe que é necessário que se garanta a apreensão dos conhecimentos considerados “clássicos”, percebe a necessidade de inserir outras temáticas relativas ao contexto da juventude e se sente encurralada na organização de seu currículo, visto que normalmente é avaliada por resultados gerados pela verificação dos conhecimentos tradicionais. Esse fato foi claramente apontado pelos participantes da pesquisa.

Na atualidade, a juventude já não vê mais a ciência como detentora de uma verdade absoluta, fixa, mas transitória, mutável, que vale para o presente e para o que se tem de conhecimento hoje. Não faria sentido tratar da temática da preservação do meio ambiente há 200 anos na forma em que deve ser tratada hoje. Essa afirmação somente é possível por nossa capacidade de percepção que nos fez gerar outras interrogações a partir do que vivemos no presente.

A escola deve se inserir nesse modo de pensamento, superando o pensamento moderno racionalista, ideológico e romântico, por um pensamento em que o mundo é compreendido a partir das percepções estéticas da realidade social, material e também epistemológica, em que a ciência ganha outro estatuto paradigmático, já que a verdade é cada vez mais uma categoria marcada esteticamente. Como consequência, o desenvolvimento da racionalidade científica, juntamente com a verdade, tornou-se mais uma categoria estética.

Observa-se nos dados que, embora se viva uma mudança de sentido nas coisas que determinam a vida social, permanece o que está em sua essência, o que funda esses comportamentos, no que há de arcaico. Como exemplos, há a família, a religião, a forma de compreender as drogas e toda uma série de questões que já não têm mais o sentido e significado atribuído ou conservado durante a modernidade.

A diversidade torna-se meio que gera forma de estar juntos, tendo o gosto comum como fator de reunião. Não há cobranças de modelos identitários. Vive-se a identificação e também o gosto comum que geram tribos que se reúnem para determinado fim. Aceita-se o nomadismo, o trânsito entre as tribos, que não são mais fixas, podendo a pessoa movimentar-se entre elas pelo simples gosto em comum. Admite-se poder ter gosto diversificado sobre um mesmo tema, podendo-se gostar de clássico e de rock ao mesmo tempo, integrando essas tribos simultaneamente.

Também é um tempo de culto no qual o próprio corpo foi descoberto e é cultuado. É um narcisismo, mas diferente de outras épocas, pois este somente ganha sentido quando compartilhado coletivamente, tornando-se um narcisismo coletivo. Veem-se, nas praias, as tatuagens que não mais identificam um grupo, mas geram uma identificação coletiva, uma marca a ser vista por todos para atuar como forma de integração nessa socialidade.

Não nos encontramos mais em uma época em que se voltou a um corpo forte, saudável, que pudesse se tornar produtivo para o trabalho. Também aquela geração saúde, que estimulou especialmente a juventude a cultuar o corpo impregnada por uma forma de consumo (consumir para tornar-se belo) parece ter perdido espaço.

Compreende-se que os participantes sentem necessidade de cultuar o corpo, seja nas academias, nas tatuagens, nas ornamentações e vestuários. Contudo, isso somente faz sentido se voltado para uma integração ao coletivo, a um narcisismo coletivo. Não

se malha para ser saudável, para ter qualidade de vida, para que se possa melhor produzir, mas simplesmente para compor uma estética na qual o estar juntos é que faz sentido. Dessa forma, o trabalho, a saúde ou outro fator externo não é determinante para levar a pessoa ao culto ao corpo, mas, sim, uma imposição social que o faz se perceber integrado ao coletivo, de modo que esse culto parta da iniciativa da própria pessoa. O homem quer vencer a natureza permanecendo jovem. Viver o presente, o frívolo, o não sério, sem apontar para o futuro é uma forma de se sentir vitorioso, já que se considera somente o presente. Isso possibilita o que Maffesoli chamou de presenteísmo, que também faz emergir um tempo dionisíaco em que o corpo está em evidência.

No que se refere a um possível narcisismo na atualidade, Maffesoli destaca que o narcisismo contemporâneo é um narcisismo de grupo, somente fazendo sentido ao se tornar parte de uma exaltação coletiva do corpo, como nos casos do corpo que quer ser belo, cultuado, cultivado, adorado, que pode ser exibido, que deve ser cuidado, no qual devem ser combatidos os sinais de degradação. Isso, para Lypovetsky (2005), ocorre por existir o medo de envelhecer e de morrer. Assim, cultua-se o corpo para tentar durar o máximo, aumentando a confiabilidade no corpo, apelando para o imperativo da juventude que ganha, na contemporaneidade, o mesmo princípio da reciclagem, nunca deixando de ser jovem, mesmo envelhecendo.

Talvez a própria juventude busque o corpo jovem e, para confirmar essa juventude, é necessário que o jovem se narcise, festeje, deseje estar juntos, sem compromissos sérios, mas que também se aperfeiçoe com conhecimentos oriundos da ciência, malhando, utilizando suplementos alimentares, fazendo cirurgias plásticas, dietas, tatuando-se.

O corpo foi tomado pelas mídias como objeto de consumo. Se antes se reprimiam os prazeres corporais na busca de salvação da alma, hoje se quer salvar o corpo. Essa salvação se exprime corporalmente na forma de signos visíveis de felicidade, da saúde, da beleza.

As mídias foram constantemente acusadas de “alienar” o povo, pois suas informações são tidas como verdadeiras. O processo educativo pode levar os jovens a perceberem como isso ocorre, levando-os a distinguir ou desconfiar do que é realmente verídico e tem credibilidade. Para tal, é necessária uma formação reflexiva que possibilite essa leitura de mundo. As tendências progressistas parecem ter falhado em

sua tentativa de oferecer essa formação, já que também têm sua verdade. Assim, parece ser ainda necessário, no contexto educacional brasileiro, indicar algo que conduza os processos pedagógicos a uma perspectiva que de fato traga a autonomia e emancipação à formação do jovem. Para isso, é mister que se considerem outras questões que fazem a complexidade dos fatos sociais.

A atual imposição social se origina no grupo social e na mídia, um interferindo no outro, atua sobre o corpo levando o jovem a abrir mão de si para corresponder às imposições. Os jovens se sentem impelidos a corresponderem a uma imagem que faz com que se vejam com outro corpo. Embora reconheçam o poder da imagem na atualidade, também há o reconhecimento da superficialidade da imagem, o que indica que eles possam compreender que a vida social tem o domínio do jogo da aparência.

Como a mídia utiliza das imagens encarnando os desejos dos indivíduos, a adesão a estas promoveria o sentimento de pertencimento social, ao se aderir ao que é veiculado. O fato de se sentirem julgados socialmente pela aparência parece despertar nos indivíduos um sentimento de culpa, contribuindo também para tal adesão. Mesmo que esteja situada em determinada tribo, essa exigência acaba sendo uma exigência coletiva. Nessa perspectiva, a *persona*, com suas máscaras, assume as características do grupo, incorporando-as. É a lógica da identificação. Mas também há o indicativo de que há resistência a se submeter à imagem, o que é afirmado na afirmativa feita pela participante (p.355) de que “o corpo é mais do que imagem, é seu “instrumento”.

Com o conhecimento científico, sabe-se que obesidade, drogas, fumo, cirurgias plásticas, anabolizantes são elementos presentes que nos colocam em risco. Se a razão fosse suprema, esse fato não ocorreria. Entretanto, estando o corpo em evidência, valores emocionais superam essa razão, abrindo espaço para o narcisismo, para o hedonismo, para fugas sentimentais. A geração saúde é substituída por uma geração da imagem, em um tempo dionisíaco no qual o corpo é o elemento que faz estabelecer sentidos a essa imagem.

Em um tempo de estética, a imagem se associa à beleza, de modo que o que é o belo torna-se algo a ser perseguido e, se não alcançado, o que normalmente ocorre, gera insatisfação. O que é considerado belo segue normalmente padrões culturais que se transformam no tempo. As imagens geradas por esses padrões são comparadas a si mesmas, gerando julgamentos pela própria pessoa e pelo coletivo. Essas comparações

da imagem de si mesmo a outras imagens estabelecem formas de se sentir bem consigo mesmo por se aproximar desses padrões e, para isso, vale colocar-se em risco. Todavia, os jovens compreendem que não se deve ter exagero nesses riscos.

Destaca-se que as marcas impressas de um corpo jovem hoje são incorporadas a um corpo belo, o que leva a querer não envelhecer. Na busca da conservação, muitas vezes a saúde é secundarizada. Entretanto, no fundo, tanto saúde quanto beleza se associam à “conservação”, que parece ser o que permeia o imaginário nesse caso.

Outra questão que se apresenta é o fato de que, entre os jovens, o corpo se encontra central na família, mais voltado ao cuidado do que à moral. Há uma mudança social no que se refere à constituição familiar. O papel formador não se perde, mas a constituição familiar se transforma, sendo que outros papéis são assumidos. A família ainda se encontra no âmbito da vida privada, enquanto que os ambientes tribais são públicos. O poder imposto sobre o corpo oriundo da autoridade familiar vem se dissolvendo.

No que se refere à questão da ética e da moral, as agregações contemporâneas são constituídas por valores próprios característicos de cada tribo, que atraem pessoas principalmente pelo gosto comum. Com isso, os aspectos morais universais são reduzidos, sendo mais eficiente tratar-se de éticas constituídas a partir das estéticas das tribos, ou seja, as éticas se constituem a partir da estética de cada tribo e os valores universais perdem sua força moral. A juventude, nômade, vê-se em um mundo onde pode experienciar a diversidade de valores, a ambigüidade, identificando-se ou não com cada grupo que tem um gosto comum, não havendo imposição que leve a assumir uma única identidade com sua característica tradicional.

Em relação ao consumo ou consumismo, os jovens apontam indícios de que o consumismo é exacerbado na sociedade, Há um gosto no consumo que se relaciona com o prazer, mas o prazer do estar juntos vem a priori. Destaca-se que, nesse tempo de estar juntos, também os bens de consumo, que representam símbolos de poder econômico, somente fazem sentido frente ao coletivo. Entretanto, há um reconhecimento de que há pessoas que se utilizam, intencionalmente, de aparatos simbólicos para que sejam reconhecidas com superioridade econômica, usando de tais artifícios para inferiorizar o outro. Nesse caso o consumo é repudiado.

Se as análises acadêmicas sobre o consumo têm apontado sua relação com a felicidade, com a decepção, com a insatisfação, que acabam gerando mais consumo, esse quadro também pode estar iniciando uma transformação de seu sentido. Assim, embora os jovens atribuam valor ao consumo, repudiam o consumismo.

Em relação a vestimentas, a moda se apresenta como forma de distinção, sendo uma negativa à uniformização dos comportamentos, fazendo prevalecer o uso dos gostos. Entretanto, a moda não é simplesmente um gosto, mas é um gosto que faz integrar e ao mesmo tempo distinguir, levando ao estar juntos. As vestimentas fazem circular um significado. Dessa forma, simultaneamente, levam ao aparecimento do próprio corpo e, ao mesmo tempo, fazem –no desaparecer no corpo coletivo.

Para os jovens, as marcas corporais estabelecidas por vestimentas representam uma forma de garantir o pertencimento a um grupo, como uma adesão a um determinado gosto, servindo, ainda, como forma de distinção social. Também as marcas corporais por vestimentas, por tatuagens, pelo estilo são imagens veiculadas corporalmente, ganham novos sentidos, marcando a presença do gosto estético e deixando de representar preconceitos. Ainda que representem signos de liberdade, somente fazem sentido no coletivo, podendo levar à integração ou à distinção.

A juventude parece ter um modo de viver que quer intensificar a vida e talvez seja este o sentido das festas que são uma constante em seu cotidiano. A repetição das festas, do estar juntos sem motivo são um meio de atualizar as paixões, os pensamentos, as criações, situações em que não há economias e que se esgotam no próprio ato. É o trágico em ação por ter início e fim (morte), reafirmando um querer viver que, na pós-modernidade, é encontrado nos momentos de efervescência e celebração da vida. Nas festas se sente vivo, vive-se o presente, vivem-se os prazeres, celebra-se a vida, e o que importa é somente um estar juntos sem nenhum compromisso ou obrigação, livrando-se das angústias dos devires, da linearidade da vida e do tempo, não importando se ela tenha sua origem no sagrado ou no profano.

O corpo religioso entre esses jovens não é mais um corpo docilizado que atende às exigências morais que restringiram a sexualidade e os prazeres na modernidade. No grupo pesquisado, as religiões consideradas boas seriam exatamente as que não reprimem o corpo em um tempo das tribos. Encontra-se também o nomadismo entre as religiões, vez que as pessoas transitam por mais de uma religião sem sanções. Também

há uma grande aceitação da religiosidade, sem necessariamente se ter ou frequentar uma religião.

A contemporaneidade rompe, ainda, com leituras que fixam sentidos. Ao se buscar a agregação por coisas banais, como em um show, uma saída para festas, para não fazer nada, em vez de alienação, compreende-se viver momentos de partilhar, de estar em um coletivo, de viver prazeres, de se solidarizar, de viver a vida buscando o que une, dando sentido a vida pelo sentir em comum, fazendo a existência ter sentido com o outro. A vida do corpo, para a atual juventude, não sucumbe em função da razão, fazendo emergir a emoção, de modo que afeto e intelecto se integram.

Há na juventude o reconhecimento e valorização da diferença. Maffesoli (2010) salienta que, na modernidade, como tudo foi reduzido à unidade, as diferenças foram tiradas de cenas e os jeitos de ser homogeneizados. Hoje a heterogeneidade está de volta, com um politeísmo de valores como a reafirmação da diferença.

A despeito de ocorrer uma tendência à aceitação das diferenças, expressas com marcas corporais inscritas no corpo, ainda não se pode considerar como uma questão superada, já que há manifestações sociais em que há rejeições que servem ao jogo de poder nas relações, trazendo inferiorização a quem é diferente. Mesmo em um tempo de coletividade tal fato se apresenta, produzindo desejo de se ter um outro corpo, com marcas aceitas socialmente.

Na contemporaneidade, pode estar surgindo a cultura de se sair da busca da igualdade para reconhecer as diferenças e a diversidade, que estão presentes no cotidiano. Não há nada fixo. Em determinadas situações, há a busca do igual e, em outras, da aceitação ou busca da diferença. Se, antes, as tribos se constituíam como movimentos de resistência, hoje se constituem por qualquer motivação, que pode ser simplesmente uma idolatria.

O debate sobre quem são os jovens, como estão se construindo, na atualidade, as culturas jovens tornam-se fundamentais. Novos símbolos se instalam com novas representações, não se buscando mais a obrigação de se ser seguido. Desse modo, ser igual ou diferente depende dos valores que a tribo comunga. Do mesmo modo, permite-se que se mude constantemente, conforme o que se sente, havendo relatividade no ponto de vista em que o valor é julgado. Assim, dependendo do olhar, determinado fato pode representar igualdade ou desigualdade.

A atual juventude já não carrega consigo as formas de preconceitos presentes na sociedade há pouco tempo. A convivência com a heterogeneidade, o estar com o outro em uma diversidade econômica e social, levam à percepção da diferença e de que é possível uma política que oportunize a todos os mesmos direitos sem qualquer tipo de preconceitos. Aprende-se a conviver na diferença, ultrapassam-se as relações divididas por classes ou grupos sociais.

Questões como a opção sexual hoje já são bastante compreendidas e a escola teve e tem exercido um papel que vem contribuindo para que isso se consolide. Se isso foi possível, deve-se ao olhar dado ao corpo no âmbito escolar, ao deslocar o conhecimento de uma forma meramente biologizante para ampliá-lo sob a perspectiva de gênero. Desse modo, marcas corporais que indicavam o indivíduo como anormal hoje são aceitas. A inclusão está na pauta como uma dimensão do conhecimento na atualidade. Não que a questão esteja vencida, mas já é superada em diversos aspectos, criando novos valores. Se, antes, a questão moral pretendia dominar o corpo, hoje ele se liberta das coações feitas em nome de uma salvação.

Nietzsche já apontava para o fato de que, em vez da igualdade, deveria haver um nivelamento entre os indivíduos. Na modernidade, para se buscar igualdade, recorreu-se à dominação do outro, à constituição de uma sociedade do rebanho, à constituição de uma moral e ordem estabelecida que deve ser seguida e cumprida. Com isso, um dos marcos que instituiu a modernidade, a Revolução Francesa, fica ameaçado, já que parece que estamos nos afastando da busca da igualdade para instituir a diferença na atmosfera do tempo atual, fazendo com que a dominação deixe de fazer sentido. Isso interfere no conceito de liberdade que se aproxima da diferença em detrimento da igualdade. Nesse contexto, também a solidariedade vem se fazendo presente.

Na modernidade, pelo uso da razão, acreditou-se na construção de uma organização social segura, uma sociedade estável, democrática e igualitária, que seria possível pela emancipação do homem proporcionada pelo conhecimento científico que levaria a dominar a natureza. Ao não se consolidar essa igualdade, vem sendo constituída uma “indiferença” da juventude aos projetos que vislumbram o futuro, dentre eles talvez se inclua o projeto que a escola propõe à juventude, que se sustenta, ainda, em sua maioria, nas promessas da modernidade.

Em relação à política, os jovens que frequentam a escola pesquisada demonstram descrédito e apatia. A política parece ter apresentado promessas que não foram cumpridas que, somadas com a crença do progresso, no surgimento de um mundo idealizado, em uma educação salvadora, na sociedade do trabalho, levou ao descrédito da representação política, no aparelho estatal. Consequentemente, há por parte da juventude uma reação de indiferença em relação à política, visto que a juventude não quer hoje mais esperar o paraíso, uma revolução, não aceita mais adiar o gozo. Com isso, são construídos outros valores que consideram a diversidade da vida em sociedade a qual não se constrói por utopias exteriores, aceitando o mundo pelo que ele é.

A juventude não se põe com a direita ou com a esquerda. Os jovens constituem éticas sobre uma estética em que o outro, o estar juntos impera, em que a alteridade pode ser a marca de uma nova forma de convivência na qual o homem começa a se perceber no coletivo. O político se satura, o que é indicado por Maffesoli como a transfiguração em uma nova socialidade.

A juventude constrói suas éticas, que devem ser racionais, com respaldo de argumentos sólidos e não por determinações externas, sejam religiosas ou políticas, mas que considerem o outro nas formas de respeito e solidariedade. Os jovens se pautam pela ética, sendo ético tudo aquilo que promove o estar juntos. É uma ética das relações, estabelecidas com diferentes culturas, com multiplicidades, diversidades. Valem para a juventude imperativos éticos plurais, conforme citou Morin, que despertam sentimentos de solidariedade e fazem com que os jovens se indignem com injustiças, que compadeçam com quem sofre ou chorem com o outro. Os jovens julgam pelo que é e não pelo que deveria ser.

As tribos pós-modernas têm um destino comunitário e não funcionam referenciadas por pré-conceitos, criando espaços julgadores e normativos, ou seja, os valores valem para aquele grupo que reconhece a existência de diversos outros que irão constituir outras tribos. Nas tribos contemporâneas não há a necessidade de progresso, prevalecendo o ingresso, não havendo necessidade de um fim, um projeto econômico, político, social a ser realizado. Importa é o pertencimento, o prazer de estar juntos.

Na era do vazio, surge uma atmosfera nômade em que a juventude parte por uma sede de infinito, de um desejo de outro lugar, havendo uma pulsão migratória que

justifica o nomadismo incitando a mudar de lugar, a mudar de parceiro, a afastar-se do lugar comum, de explorar novas aventuras, enfim, perder-se para se reencontrar.

Nesse sentido, também a escola tem de se adequar a um outro tempo sob pena de correr o risco de se isolar no mundo atual. A escola vem percebendo sua dificuldade com a comunicação com a juventude. Isso tem gerado ações por parte do MEC, como já fora anteriormente citado. No atual discurso pedagógico, são apresentadas propostas que procuram perspectivas interdisciplinares, novas formas de configuração curricular e de organização do espaço escolar. Também é preciso redimensionar o corpo em uma perspectiva que considere que a experiência corporal não é fixa, nem imutável. Sentimos de maneira clara e distinta, estamos em permanente transformação e o conhecimento não está fora e separado de nosso corpo, mas se constitui a partir de nossa experiência corporal, sendo necessário reivindicar e reinventar o lugar do corpo na escola.

Para isso, também é fundamental abriremos mão das correntes epistemológicas que apontam para uma forma predominantemente racional, na qual o corpo permanece ausente do interesse epistemológico. Tivemos um humanismo sem corpo, uma defesa do ser humano sem corpo. Então, faz-se necessário que a escola, nesse tempo de emocionalidade, coloque o corpo em evidência, assim como vem ocorrendo na sociedade.

Lyotard (1993) afirma que o saber não cumpriu seu papel emancipatório. Goergen (2005) propõe uma escola que se amplie e envolva o homem em seus aspectos racional, ético e estético, devendo se aproximar da juventude, propondo outras possibilidades para o ensino, no intuito de construir novos sentidos para a instituição.

A escola deve considerar, assim como salienta Santos (2006), a relação entre o possível e o desejável, entre a igualdade e a diferença, a revalorização da cultura, de modo que não sejamos subalternos ao cientificismo. O conhecimento-emancipação, diferente da perspectiva moderna, dar-se-ia com a solidariedade.

Para ascender a alma, o corpo foi desprezado. Esses valores vão sendo transpostos, querendo-se, cada vez mais, viver o presente, afirmar a vida aqui e agora, celebrar a vida. Aproximamo-nos mais do além-homem ou super-homem nietzscheniano, que afirma a vida sem negá-la, criando valores, evitando as teias da razão, da linguagem e metafísica. O mundo não está dado e pode ser inventado

cotidianamente, cria-se a si mesmo e, do mesmo modo, podem-se criar tribos de acordo com os sentidos. Daí o princípio dionisíaco de uma afirmação condicional à vida. A moral do rebanho vem se dissolvendo, assim como Zaratusca teria falado, pedindo que não o seguissem porque poderiam encontrar a si mesmos.

O corpo na escola é estigmatizado, discriminado, belo, negro, pobre, rico, pode ser concebido para regulação ou para emancipação, para classificar e hierarquizar, para subverter, para excluir ou incluir, sendo um corpo que fala, pensa, movimenta-se, carregando marcas e história.

Verifica-se que, na atualidade, com a perspectiva do tribalismo, do nomadismo, da virtualidade, da transvalorização dos valores, das redes que se integram, o corpo vem se tornando um corpo coletivo com múltiplos significados e a transcendência, a metáfora da alma do sexo perdem sentido. Assim, Baudrillard (2007) afirma que hoje ele não é mais metáfora de coisa alguma, sendo transexual, transestético, transcultura, transtudo.

Talvez a contemporaneidade esteja permitindo ao jovem ser jovem, a viver o presente, desvencilhando de um evolucionismo mecânico de passagem à vida adulta. Desse modo, pensar a juventude é importante para que se possa vir a propiciar mudanças na escola que modifiquem o atual quadro do jovem em relação à sua formação básica.

Articular o corpo a diversas áreas de conhecimento é, também, um desafio. Entretanto, faz-se necessário a todos que lidam com as questões do corpo no cotidiano buscar compreendê-lo em suas múltiplas dimensões, questão fundante para a educação e a escola especificamente.

As éticas tradicionais, fundamentadas na razão, estão em declínio e novas exigências éticas emergem a partir do processo de estetização do mundo, estando o corpo em evidência. Para Russ (1999), não se pode tratar de ética sem a questão “o que pode um corpo?”. O fato é que, na contemporaneidade, a juventude transmuta alguns valores que diferem da modernidade e tem como referência ver a ética como vontade de viver a vida e não de salvá-la, conforme dito por Deleuze.

Assim, como se perceberam na modernidade os limites da secularização, na contemporaneidade percebem-se os limites da razão e das ciências, retornando a um

tempo de emocionalidade. Nessa percepção, verifica-se que as ciências podem melhorar a vida, mas não transpor os limites de Deus.

Entramos em um tempo mais emocional, ocorrendo uma conjugação entre a razão e o sensível, entre o intelecto e o afeto. Nesse retorno do tempo, o pacto, proposto por Maffesoli (2012), vem tomar o lugar do contrato social, que não é somente racional. Neste tempo, onde novas formas de solidariedade emergem, as tribos são mais emocionais, o que vem a constituir o desafio da contemporaneidade.

Talvez o compromisso da escola esteja no desafio de que nesse tempo das tribos, possamos, “juntos” aprender a arte de cooperar.

A juventude tem, hoje, o modo de pensar o mundo com ênfase na vida, não tem a revolução como ideário, mas sim a “conquista do presente”. “O mundo é tudo o que acontece” (WITTENSTEIN apud MAFFESOLI, 2012) e a juventude quer existir e, para isso, o estar juntos se faz presente nessa ética da estética.

Na atualidade, nos movemos a um ponto onde não mais conseguimos compreender o mundo sem utilizarmos do pensamento científico. As ciências, especialmente nos últimos 50 anos, trouxe imensos progressos para a humanidade afetando nossa vida cotidiana e conseqüentemente nossa forma de compreender o mundo. A escola passou a ser sua difusora, especialmente por ter seu currículo sustentado pelas disciplinas de cunho científico, o que contribuiu para sua popularização e seu modo de pensar a própria cultura. Boaventura dos Santos (1987) cita que Rousseau em 1750 já havia questionado se o progresso das ciências contribuiria para purificar ou corromper nossos costumes. Vemos hoje que, de fato, nossos costumes foram afetados pelo progresso das ciências. Entretanto, neste tempo de transição, observamos que passamos a utilizar das ciências e tecnologias, mas parece estarmos perdendo a fé nesta, o que nos redireciona para considerarmos também o homem na dimensão da emocionalidade. Para se chegar a esta conclusão na pesquisa, foi necessário partirmos do referencial do corpo, passando de modo transversal em nosso pensamento entre a modernidade e contemporaneidade.

Apesar dos fatos citados no parágrafo anterior, a escola se encontra, ainda, encurralada entre tratar o conhecimento científico e como lidar com as questões sociais. Esta pesquisa mostra que o vínculo entre as duas questões passa pelas questões da razão e da emocionalidade.

Precisamos, assim, reinventar o modo de lidar com o conhecimento científico no âmbito escolar, situando-o com as questões sociais. Isto interfere na forma em que este conhecimento deve ser abordado e no próprio modo de pensarmos e compreendermos o mundo. Santos (1987) cita que uma nova condição sociológica emerge, o que faz com que seja necessário outra ordem científica para se abordar o conhecimento. A escola tornou o conhecimento científico acessível. Neste tempo de transição é necessário que ela estabeleça o elo comunicacional entre ciências e juventude e, para isso, é preciso, de corpo inteiro, repensarmos a formação de professores, seja ela inicial ou continuada, imersa num processo de ensino que envolva a razão sensível. Faz-se necessário, portanto, concebermos um ensino de ciências que considere seu elo com as emocionalidades.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ALVARENGA, Maria Zélia de. A quem serve o Graal? *Revista Filosofia*, São Paulo: Escala, n. 28, p.39-44. 2011.

ALVES, Nilda. Como o nosso corpo passa a ser o de professora? In: GARCIA: Regina Leite. (Org.) *Sujeito encarnado: questões no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A. 2002. p. 119-131.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori & Paulo Eduardo. O discurso filosófico da modernidade: doze lições. Trad. Luiz Sérgio Repa, Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARENDT, Hanah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

AZEVEDO, Aline Fernandes de. Tecnologias do eu: sujeito, corpo e sentido da festa rave. 2009. Disponível em: <www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/index.lab> Acesso em: 05 agos 2012.

BARBOUR, Rosaline. *Grupos focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BARROS, Ana Taís Martins, BARROS, Eduardo Portanova. Perder-se para se reencontrar. *Jornal do USP*, São Paulo.

BARROS, Eduardo Portanova. Maffesoli e a investigação dos sentidos: das identidades as identificações. *Revista Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo: RS. v. 44, n. 3, p. 181-185, set./dez. 2008.

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Lisboa, Portugal: Edições 70. 2007.

_____. *A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos*. Campinas, SP: Papirus, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

BEDIN, Silvio Antonio. *Escola, da magia da criação as éticas que sustentam a escola pública*. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BEVERARI, Rafael Fermino. Comunicação e seus aspectos ideológicos. *Filosofia, ciência e vida*, São Paulo, ano 6, n. 71, p. 28-35, 2012.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Homem e natureza: um divórcio ético. *Filosofia, ciência & vida*, São Paulo, ano 6, n. 62, p. 17-25 2011.

BRASIL. Resolução n.02 , de 30 de janeiro de 2012. Define as diretrizes curriculares para o Ensino Médio. *Diário Oficial [da Republica Federativa do Brasil]*.

_____. Ministério da Educação. *Jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental*. Brasília: Via comunicação, 2011.

_____. Ministério da Educação. *Repensando os Colégios de Aplicação v. 5*. 1993.

_____. Parecer do Conselho Federal de Educação 292/62. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=754&id=12449&option=com_content&view=article

BRASIL. Decreto-Lei nº 9.053, de 12 de março de 1946. Cria os Ginásios de Aplicação nas Faculdades de Filosofia e Letras. *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*. Disponível em:

<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=9053&tipo_norma=DEL&data=19460312&link=s> . Acesso em: 12 abr. 2011

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre. v. 1, n.24, p. 110-124, jul.2004.

CARDIM, Leandro Neves. *Corpo*. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

_____. *A ambigüidade na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CASSIRER, Ernest. *A filosofia do iluminismo*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1994.

CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 2001.

_____. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHÂTELET, François. *Uma história da razão: entrevista com Êmile Noël*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

CHEVITARESE, L. As Razões da pós-modernidade. In: *Análogos: Anais da I SAF-PUC*. Rio de Janeiro: Booklink, 2001.

CODO, W. SENNE, W. *O que é corpo (latría)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: da revolução a grande Guerra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CORTI, Ana Paula et al. *Jovens de 15 a 17 anos no Ensino Fundamental: cadernos de reflexão*. Brasília: Via Comunicação, MEC-SEB, 2011.

COSTA, Jurandir Freire. O corpo é o maestro. *Revista de história da biblioteca nacional*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 40, p. 38-43, 2009.

_____. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

- COSTA, Marisa Vorraber; do Ó, Jorge Ramos. Desafios a escola contemporânea: um diálogo. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v.32, n 2, p. 109-116, jul./dez. 2007.
- COUTINHO, Tiago. Os usos do corpo nos festivais de música eletrônica. In: Jornada interna do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, jun. 2004, Rio de Janeiro. Disponível em www.neip.info
- CRISTELLI, Juliana. Fonte de volúpia. *Revista Filosofia: ciência e vida*, São Paulo, ano 2 , n. 7, p. 40-43, 2009.
- DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* São Paulo: Centauro, 2005.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas: Papirus, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DESCARTES, René. *O discurso do método*. São Paulo: Escala, 2009.
- DELRUELLE, Edouard. *Metamorfozes do sujeito: a ética filosófica de Sócrates a Foucault*. Lisboa: Stória Editores, 2004.
- DIAS, C. P. *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate papo*. Campinas: Unicamp. 2004. Tese (Doutorado em Linguística)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- DREYFUS, Hubert. RABINOW, Paul. *Michel Foucault : uma trajetória filosófica (apêndice com entrevista de Michel Foucault)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- DUMONT, Louis. Individualismo apocalíptico: a Kultur nas considerações de Thomas Mann. In: VEYNE, Paul. VERNAND, Jean-Pierre, DUMONT, L. RICOEUR, Paul, DOUTO, F. VARELA, Francisco, PERCHERON, G. *Indivíduo e poder*. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 45-63.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- FERNANDES. C. S. M. Socialidade e cidadania: os espaços públicos como entrelaçamento do concreto, do simbólico e do imaginário. *Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo, RS, v. 43, n. 2, p.136-143, maio/ago. 2007.
- FERNANDES, Elimara Maria. Ouse saber. *Filosofia, ciência e vida*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 36-49, 2007.

FLEURY, Laurent. Max Weber. Lisboa: Edições 70, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Experiência, estética e conhecimento. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v.27, n. 1, p. 5-10. 2002.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Vigiar e punir*. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRAGA, Alex Branco. Anatomias Emergentes e o Bug Muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 61-77.

FREIRE, João Batista. *Educação de Corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1997.

FREIRE, Jurandir Costa. *O risco de cada um: e outros ensaios de psicanálise e cultura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

_____. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FREITAG, Bárbara. *Habermas e o discurso da modernidade*. Ciclo de conferências sobre a escola de Frankfurt. Faculdade de ciências e Letras. Unesp, 1990. p.23-45.

GALLO, Silvio. Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 551-565, set./dez. 2006.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

GAYA, Adroaldo. A reinvenção dos corpos: por uma pedagogia da complexidade. *Sociologias: dossiê complexidade*, Porto Alegre, ano 8, n.15, p. 250-272, jan./jun. 2006.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2002.

_____. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1995.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar um Projeto de Pesquisa*. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1994.

GILBERT, Rob. Cidadania, educação e pós-modernidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antonio Flávio (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 21-39.

GILBERT, Paul. LENNON, Kathleen. *O mundo, a carne e o sujeito: temas europeus na filosofia da mente e do corpo*. São Paulo: Loyola, 2005.

GIOSIFFI, Maria Cristina. Imagens, memória, devaneios, virtualidades: no tempo das tecnologias digitais. *Revista Artefactum: Revista de estudos em linguagem e tecnologias*, Rio de Janeiro, ano 2, n.3, p. 27-41. jul. 2009.

_____. Linhas, formas e labirintos: cultura e imaginário estético-afetivo. *Revista vozes em diálogo*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 1-24, jun./dez. 2008.

GOERGEN, Pedro. *Pós-modernidade, ética e educação*. Campinas: Autores Associados, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

_____. O corpo cativo: sedução e escravidão feminina. In: _____. *De perto ninguém é normal*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 33-49.

_____. ; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian. *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 11- 33

_____. *Nu&Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOMES, Rui. A análise do discurso: as políticas educativas como texto. In: ESTRELA, A. FERREIRA, J. *Métodos e técnicas de investigação científica em educação*. Actas do VII Colóquio AIPELF/AFIRSE. Lisboa: AFIRSE/FACE –UL, p. 409-427. 1997.

GREINER, C. *O corpo: pistas para estudos interdisciplinares*. São Paulo: Annablume, 2005.

GUZZO, Marina. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, p. 139-152, set. 2005.

GRISTELLI, Juliana Carla. O Paradoxo de O Homem-máquina: La Mettrie foi cartesiano? *Rev. Integração/USJT*, São Paulo, ano XV, n.56, p.81-90, jan. fev. mar.2009.

- GUATTARI, Felix. *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. *As três ecologias*. São Paulo: Papyrus, 1993a.
- _____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993b.
- GUZZO, Marina. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, p. 139-152, set. 2005.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- _____. *Para o uso pragmático, ético e moral da razão prática*. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo v. 3, n7, p.4-19, 1989.
- _____. Modernidade e pós-modernidade. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, p. 86-96, 1980.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1994.
- HEIDEGGER, Martin. *O ser e o tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HILLER, Egmont. *Humanismo e técnica*. São Paulo: EPU, 1973.
- KAC, Eduardo. A arte da telepresença na internet. In: DOMINGUES, D. (Org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997. p. 315-324.
- KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. Piracicaba, SP: Ed. Unimep, 1996.
- _____. *Lógica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- KELEMAN, Stanley. *Mito e corpo: uma conversa com Joseph Campbell*. São Paulo: Summus, 2001.
- KESKE, Humberto Ivan. Por um laço social: da formação de tribos à comunhão emocional. *Diálogos possíveis*, Salvador, ano 4, n. 2, p. 31- 40, ago./dez. 2005.
- LACROIX, Alain. *A razão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LASH, Scott; BECK, Ulrich; GIDENS, Antony. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

- LE BRETON, David. *Antropologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____. *As paixões ordinárias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. *Adeus ao corpo*. Campinas: Papirus. 2008.
- _____. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- _____. Adeus ao corpo. In: NOVAIS, Adauto. *O homem máquina*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003. p. 123-138.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na idade média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LEHMANN, Lúcia de Mello e Souza. Corpo e escola. In: *A pesquisa nas ciências do sujeito*. São Paulo: Revinter, 1997. p.183-197.
- LEVIN, Jack. FOX, James Alan. *Estatística para ciências humanas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- LÉVY, Pierre. Virtualização dos saberes. *Filosofia, ciência & vida*, São Paulo, ano 6, n. 68, p. 16-23 mar. 2012.
- _____. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 2009.
- _____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIMA, Joana Brito de Lima. Realidade e ficção na transvaloração filosófica: vontade de poder e afirmação da existência. *Revista Bagoas*, Natal, RN, v. 243, n. 2, p. 231-250, 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *A felicidade paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.
- _____. *A sociedade da decepção*. Barueri, SP: Manole, 2007b.
- _____. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri, SP: Manole, 2005.
- _____. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarola, 2004.
- LYOTARD, Jean-François. *A fenomenologia*. Lisboa, PT: Edições 70, 2008.

_____. *O pós-moderno explicado às crianças*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

_____. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1986.

MACEDO, Maria A. A. As incidências da crítica à razão da pós-modernidade nas teorias sobre intertextualidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: Tessituras, Interações e Convergências, 11. 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2008.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *Apocalipse: opinião pública e opinião publicada*. Porto Alegre: Sulina, 2010a.

_____. A barbárie face ao humano. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v.17, n. 1, p. 5-10, 2010 b.

_____. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007a.

_____. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 2007b.

_____. Tribalismo pós-moderno: da identidade as identificações. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 97-102, jan./abr. 2007b.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

_____. Comunidade de destino. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 12, n. 25, p. 273-283, jan./jun. 2006 b.

_____. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 20, p.13-20, abr. 2003a.

_____. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003 b.

_____. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

_____. *A violência totalitária: ensaio de antropologia política*. Porto Alegre: Sulina, 2001 b.

_____. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. *Elogio à razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1995.

_____. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MALUF, Sonia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. *Revista Esboços*. Florianópolis, SC, v. 09, n. 09, p.87-101, 2001.

MIRANDA, Gilson Cláudio Barbosa de. Farmácia de epicuro: hedonsimo e a busca do prazer como receita de vida e finalidade da existência. *Filosofia, ciência e vida*, São Paulo, ano 1, n. 10, p. 44-49, 2007.

MANDRESSI, Rafael. Dissecções e anatomia. In: CORBIN, Alain. *História do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2008. v. 1.

MARTINI, Oneide Alves. *Merleau-Ponty: corpo e linguagem: a fala como modalidade de expressão*. Dissertação (Mestrado em Filosofia)–Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagens na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

_____. *Ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

_____. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU: Edusp, 1974. v. 2.

MENDONÇA, Mirian da Costa Manso Moreira de. Um olhar sobre os dizeres do corpo. É possível realizar uma história do Corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 3-34.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Palestras*. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. *O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. Papirus: Campinas, 1990.

_____. *Textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).

MIRANDA, Marília Gouvea de. Sobre tempos e espaços da escola: do princípio do conhecimento ao princípio da socialidade. *Educação e sociedade*, Campinas, v.26, n. 91, p. 639-651, maio/ago. 2005.

MILSTEIN, Diana. MENDES, Héctor. *Escola, corpo e cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. Educação Física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e para a pesquisa. In: DE MARCO, Ademir (Org.). *Educação Física: cultura e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 71-86.

MORIN, Edgar. *O Método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. A Comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). *A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 11-19.

_____. *O Método 4: as ideias*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. *O método: o conhecimento do conhecimento*. Portugal: Publicações Europa-América, 1996. 4 v.

MORIN, Edgar. A alma do cinema. In: XAVIER, Ismail. (Org.). *A experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 145-172.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MRECH, Leny Magalhães. A educação e o impossível de educar. *Revista Educação*, São Paulo, ano 2, p. 08-15. 2009. Edição especial Lacan pensa a educação.

MUCHAILL, Salma Tannus. Investigações de Foucault ajudam a desvelar mecanismos disciplinares atualizados e instigam mudanças. *Filosofia, ciência & vida*, São Paulo, ano 2, n. 8, p. 6-11, 2009.

NAJMANOVICH, Denise. Pensar/viver: a corporalidade para além do dualismo. In: GARCIA: Regina Leite. (Org.) *Sujeito encarnado: questões no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A. 2002. p. 89-110.

_____. *Sujeito encarnado: questões no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEVES, Thiago Tavares das. Uma interpretação semiótica de *raves* como expressões culturais dotadas de ordem e caos. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 11. 2009, Teresina. *Anais...* Teresina: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Escala, 2006.

_____. *Sabedoria para depois de amanhã [Fragmentos Póstumos]*. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005c.

_____. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NOBREGA, Zulmira. Cultura popular no pós-modernidade. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA - ENECULT, 4., 2008, Salvador. *Anais...* Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBa, 2008.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar. 2006. p.105-120.

NOVAES, Regina. MELLO, Cecília Campello do A. *Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos*. Rio de Janeiro: Editora ISER, 2002.

NOVAES, Adauto. A ciência no corpo. In: NOVAIS, Adauto. *O homem máquina*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003. p. 07-14.

OLIVEIRA, Cláudio Márcio, et al. *Reflexões sobre a filosofia de Descartes: subsídios para compreender as relações entre corpo e educação*. UFSC.

OLIVIERA, Inês Barbosa de. *Boaventura e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; VAZ, Alexandre Fernandes. Educação do corpo: teoria e história. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. especial, p.13-19, jul./dez. 2004.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2007.

PAGNI, Pedro Ângelo. Da polêmica sobre a pós-modernidade aos 'desafios' lyotardianos à Filosofia da Educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.3, p. 567-587, set./dez. 2006.

PEREIRA, Paula Cristina. A experiência estética ou realidade humanizada. *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, v. 21, p. 103-114, 2004.

PETERS Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

PITHAN, Flávia Ataíde. O tribalismo de Maffesoli no Orkut. *Intexto*, Porto Alegre, v. 2, n. 17, p. 1-20, jul./dez. 2007.

PITTA, Daniele Perin Rocha. O corpo inserido em diversas lógicas culturais: uma poética da sexualidade. *Bagoas*, Natal, RN, n. 2, p. 65-73, 2008.

PORTINARI, Denise; COUTINHO, Fernanda Ribeiro. A roupa faz o homem: a moda como questão. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 59-78.

RABINOW, Paul. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1999 .

RAMOS, Silvana de Souza. *Corpo e mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROCHA, Célia A. *O corpo como modalidade existencial*. Dissertação Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física- UGF, Rio de Janeiro, 2001.

RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ROZA, L. A. Garcia. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SAES, Silvia Faustino de Assis. *Percepção e imaginação*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SANTAELLA, L. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Boaventura. *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Crítica a razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *A construção multicultural da igualdade e da diferença*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais de Coimbra, 1999.

_____. *O social e o político na transição pós-moderna*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais de Coimbra, 1988.

_____. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1987.

SANTOS, Luciano. *O sujeito encarnado: a sensibilidade como paradigma ético em Emmanuel Lévinas*. Ijuí: Unijuí, 2009.

SARAIVA, Karla. A Babel eletrônica: hospitalidade e tradução no ciberespaço. In: SKILAR, Carlos (Org.). *Derrida e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 49-68.

SCALDAFERRO, Maikon Chaider Silva. Modernidade e pós-modernidade: considerações habermasianas. *Revista Urutágua: revista acadêmica multidisciplinar*, Maringá, PR, n. 18, p. 37-46, mai./jun./jul./ago. 2009 .

SCHULTZ, Adilson. A parte do diabo: provocações da sociologia maldita de Michel Maffesoli para os estudos religiosos. *Revista Tecer: científica do Instituto Metodista Isabela Hendrix*, Belo Horizonte, MG, n. 1, 2004.

SÊGA, Christina Pedrazza. *Sociedade e interação: um estudo das diferentes formas de interagir*. Brasília: Ed. UnB, 2011.

SEEGER, Antony. DA MATTA, Roberto. CASTRO, Eduardo B. Viveiros de. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. (org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987. p. 11-29.

SENNET, Richard. *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.

SILVA, Ana Márcia. A Natureza da Physis Humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001a. p. 25-42.

_____. Corpo e Diversidade Cultural. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre. v.23, n. 1, p. 87-97, set. 2001b.

_____. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. *Caderno CEDES*, Campinas, ano 19, n. 48, p. 7-29, ago. 1999.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Conhecimento de si*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra e do Saber, 2011.

SILVA, Juremir Machado da. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio. MARTINO, Luiz C. FRANÇA, Vera Veiga. (Org.). *Teorias da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 171-183.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 190-207.

SIMMEL, Georg. Como la sociedad es posible. In: _____. *Sociología: estudios sobre las formas de socialización*. Madrid: Alianza, 1986. p. 37-56.

SIMON, Roger I. A pedagogia como uma política cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 61-84.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p.109-130.

SOARES, Alexandre Guimarães Tadeu de. A atualidade de Descarte. *Rev. Filosofia*, São Paulo: Escala Editorial. n. 36. p.06-11, mai. 2012.

SOUZA, Sylvania Aparecida de Freitas. *Corpo e imaginário social: o discurso dos jovens*. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

STELARC. Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota. IN: DOMINGUES, D. (Org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997. p. 52-51.

TALAMONI, Ana Carolina. Gunther von Hagens e o "renascimento" da anatomia na pós-modernidade. In: Encontro de história e filosofia da biologia, 2011, Bauru. *Anais*. Bauru: UNESP, 2011. p. 24-32.

_____. Corpo, educação e saúde: percepções de jovens adolescentes. *Cadernos de História da Ciência*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 69-84, jan./jun. 2008.

TOMAZETTI, Elisete M. OLIVEIRA, Adriano Machado. Sintomas de um mal estar contemporâneo. *Revista Educação*, São Paulo: Editora Segmento, Edição especial educação e psicologia 03, p. 55-65. 2010.

TOURAINÉ, Alain. *Pensar outramente: o discurso interpretativo dominante*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

_____. *Crítica da modernidade*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.

TUCHERMAN, Ieda. A construção dos monstros e das raças fabulosas. In: VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred; KOSOVSKI, Ester. *Que corpo é este?* Rio de Janeiro: Mauad, 1999a. p.146-158.

TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Passagena, 1999b.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades..., In: GARCIA, Regina Leite (org.). *O corpo que fala dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: DP & A. 2002. p.35-64.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VERARDI, Francisco. A ascensão do prazer. *Filosofia, ciência & vida*, São Paulo, p. 36-47, 2009.

VERNAND, Jean-Pierre. O indivíduo na cidade. In: VEYNE, Paul. VERNAND, Jean-Pierre, DUMONT, L. RICOEUR, Paul, DOUTO, F. VARELA, Francisco, PERCHERON, G. *Indivíduo e poder*. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 25-44.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred; KOSOVSKI, Ester. *Que corpo é esse?* Rio de Janeiro: Mauad: 1999. p. 14-21.

VIRILIO, Paul. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. A imagem virtual mental e instrumental. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem máquina*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p.127-132.

WAIZBORT, Leopoldo. Georg Simmel sobre a moda – uma aula. *Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte*, São Paulo, v.1, n.1, p. 1-21. abr./ago 2008.

WELSCH, Wolfgang. *Estetização e estetização profunda ou: a respeito da atualidade do estético*. Porto Alegre: Porto Arte, 1995.

YAARI, Micahel; AIUB, Monica. Pela existência estética. *Filosofia, ciência & vida*, São Paulo, ano 2, n. 7, p. 21-27, 2009.

ANEXO I

QUESTÕES PARA O GRUPO FOCAL

Título da Tese: “O Corpo na contemporaneidade: representações de estudantes em uma escola pública”

Doutorando: José Luiz Lacerda

Orientador: Cláudio Bertolli Filho

Justificativa das questões da entrevista a ser realizada por 02 grupos focais durante dois ou três encontros.

Esta entrevista pretende buscar dados para uma análise sustentada pelas ideias fundantes de Michel Maffesoli.

Para o autor, uma nova cultura estaria nascendo e pretendemos verificar os indícios que jovens de uma escola pública apresentam em relação às ideias do autor em sua análise sociológica da atualidade.

Maffesoli aponta para um novo tempo que emerge, onde, não havendo outras denominações que ainda possam caracterizá-lo, propõe o termo de pós-modernidade.

Para o autor, na atualidade, vem se reduzindo a dicotomia, oriunda da modernidade, entre razão e imaginário ou sensível. Deste modo, os conhecimentos que integram o frívolo, a emoção, a aparência, ou em tudo que se resume no estético, passam a ser considerados. Haveria um hedonismo do cotidiano que subjaz e sustenta toda a vida em sociedade e a transcendência não mais regeria a vida, não sendo a sociedade delimitada por uma lógica econômico-política ou determinada por uma visão moral.

Neste tempo, também haveria um deslocamento da lógica da identidade para a lógica da identificação. Os modos de ser, o que é vivido e experimentado com outros é o primordial. O viver em comum, o compartilhar, o estar juntos ganha espaço e nos distanciamos da modernidade, substituindo a lógica do individualismo para uma lógica da coletividade, onde a razão, já sucumbida em meados do Séc. XX, abre espaço ao sensível. Para isso, Maffesoli define uma expressão que exprime seu pensamento: “*ética da estética*”. A ligação entre esses elementos é o que chama de pós-modernidade.

O corpo é o alvo em sua análise. Este se exhibe em grandes teatralidades contínuas e onipresentes, um corpo valorizado e epifanizado, sendo construído para ser visto, espetacularizado, construindo uma socialização.

Assim, o corpo passa a integrar um conjunto, transcendendo o indivíduo, abrindo espaço a sensação coletiva, tendo como resultado fazer participar desse corpo geral, de um corpo social e, deste modo, a estética ganha função de agregação, fortalecendo o que Maffesoli chama de socialidade, que é marcada pela estética.

Uma série de questões e de conceitos são cunhados pelo autor, como presenteísmo, vitalidade, imoralismo éticos, o que permite o estar-juntos, as sensibilidades, a taticidade contemporânea, as incertezas, o imediatismo, o formismo, a

socialidade, as moralidades, a transposição de valores, a razão, a emoção, o hedonismo, dentre outros, no qual, nas questões levantadas por este questionário, pretendemos abordá-las.

Pesquisa “O Corpo na contemporaneidade: representações de estudantes em uma escola pública.”

Participantes:

- a) _____ Ano: _____ Sexo: () Masc. () Fem
- b) _____ Ano: _____ Sexo: () Masc. () Fem
- c) _____ Ano: _____ Sexo: () Masc. () Fem
- d) _____ Ano: _____ Sexo: () Masc. () Fem
- e) _____ Ano: _____ Sexo: () Masc. () Fem
- f) _____ Ano: _____ Sexo: () Masc. () Fem
- g) _____ Ano: _____ Sexo: () Masc. () Fem
- h) _____ Ano: _____ Sexo: () Masc. () Fem
- i) _____ Ano: _____ Sexo: () Masc. () Fem
- j) _____ Ano: _____ Sexo: () Masc. () Fem

BLOCO 1:

- 1) O que vocês gostam e o que não gostam de fazer?
- 2) Com quem vocês normalmente se encontram ou saem?
- 3) O que fazem quando se encontram e saem?
- 4) O que tem de mais legal nestas pessoas?
- 5) Vocês e as pessoas com quem se encontram frequentemente , têm coisas em comum, como o modo de se vestir, tatuagens, percing, lemas ou valores que pregam?
- 6) O que vocês têm de igual em relação a eles?
- 7) Vocês e as pessoas com quem saem, têm algo em comum que a maioria das pessoas não vêem, interpretam diferente do que é?
- 8) O que vocês acham de pessoas que agem diferente, tem características diferentes? Vocês tem amigos assim?

- 9) As pessoas que vocês saem também compartilham dessas mesmas idéias da pergunta anterior?
- 10) A televisão ou a internet têm influencia nas escolhas de seus amigos?

BLOCO 2:

- 11) O que acham da vida e do mundo hoje? Por quê?
- 12) O que acham que é mais importante na vida para vocês?
- 13) O que é certo e o que é errado hoje em dia?
- 14) Gostariam de mudar alguma coisa? É possível mudar?
- 15) Vocês tem religião? O que acham das religiões hoje em dia?
- 16) E o que acham da política, da violência, do trabalho, das tecnologias, da natureza, do consumo?
- 17) O que mais os anima a viver?
- 18) O que se deveria repetir na vida?
- 19) O que os faz sair de si?
- 20) Como vocês se vêem daqui há 10 anos? Será melhor ou pior do que hoje?

BLOCO 3

- 21) Como é a escola que estudam?
- 22) Porque estão na escola?
- 23) Na escola se faz amigos? Mais ou menos que em outros locais?
- 24) Como vocês e seus amigos vêm a escola?
- 25) O que a escola ensina influencia na sua forma de aderir ou repudiar algum grupo de amigos?
- 26) O que vocês pensam que precisam saber hoje em dia? A escola ensina?
- 27) Os professores entendem as relações entre os jovens?
- 28) Como vocês se informam sobre as coisas? Que informações buscam?

BLOCO 4

- 29) Como cuidam de vocês?
- 30) O que pensam sobre o corpo na sociedade ou o que a sociedade pensa sobre o corpo?
- 31) Como é o corpo exibido pelas mídias? O que acham desses corpos?
- 32) O que acham de quem faz cirurgias para ficar belos?
- 33) Vocês acham que as pessoas buscam corpos bonitos? Por quê?
- 34) Como definem o belo?
- 35) O que pensam sobre o corpo de vocês mesmos? Estão satisfeitos? Por quê?
- 36) O que e como a escola fala sobre o corpo?
- 37) Na opinião de vocês, o Bulling tem a ver com o corpo?
- 38) O que acham sobre anorexia, bulimia, vigorexia?
- 39) Em casa, o que se fala sobre o corpo?
- 40) O corpo é controlado na escola, em casa e na sociedade?
- 41) “Penso, logo existo”. Concordam com isto?
- 42) Corpo e alma? O que pensam sobre isto?

ANEXO II

TRANSCRIÇÃO ENCONTRO 1

Lacerda: (inaudível) Vamos tratar dos aspectos coletivos, dos grupos, como eles se formam, como eles se formam dentro dessa escola especificamente, como são essas relações, então trata disso, então são opiniões mesmo né? Não é uma entrevista, é basicamente um debate, vamos jogar assim. Nós vamos jogar as questões e vocês vão emitindo as opiniões, sem ordem de fala, fala quem quiser, intervêm quem quer, concorda e discorda um do outro, quanto mais tiver opiniões, adversidades dessas opiniões ou a concordância das opiniões, que é o importante a gente ter né, então esses dados são registrados, gravados. Vão ser transcritos, vocês não vão ser identificados em nenhuma fala, eu vou fazer uma pista pra saber quem tá participando e quem não está, mas na divulgação da pesquisa, quem falou, quem não falou, nome de ninguém aparece, todos são anônimos em termos da pesquisa. Isso passa num conselho de ética, quando se faz uma pesquisa, a universidade tem um, então elas são autorizadas, o que vai ser feito aqui então passou por um conselho de ética para ver se não tem nada que ferisse a conduta, a moral entre um e outro. Eles também fazem pesquisa quando envolve a parte biológica, precisa de coletar dados, coletar material, então se faz também por experimentação e também por fala né? Então as falas também passam por um comitê de ética, que são coisas que vão ser divulgadas, e se tratando de grupo isso é importante né? Oo então é sobre isso, é sobre isso... (inaudível). Ai só pra facilitar inclusive pra gravação, eu pediria que cada um falasse o nome. Todos se conhecem? Acho q sim né? Mas já pra registrar na própria gravação

(professora fala sobre a filmadora)

Outra questão, é... eu to calculando da gente levar três encontros desse nesse horário, né, aí e eu preciso realmente vocês retomem, porque senão desmancha o trabalho todo tem que reiniciar novamente. Então as terças-feiras eu peguei esse horário porque novamente vocês estão aí por causa da aula a tarde né? Então eu acho que a gente deve levar três semanas com esse grupo né? Mas... pode falar o nome que aí fica registrado no gravador, que por enquanto tem a filmagem ali, começa lá.

Lacerda: Só para a gente... vamos dizer assim, aquecer, vou mostrar essa figura para vocês. Aqui alguém... o que vocês veem nessas figuras? Quem candidata?

Professora 1: Querem que eu passo de novo gente?

Lacerda: Alguém queria falar?

Aluna A: Referente ao aquecimento global eu acho, né? Ou destruição do planeta...

Aluna B: É... (inaudível)... mostrando a limpeza... um negócio limpando e o bandaid do lado. (não entendi direito)

Aluno C: Cuidado com o nosso planeta

Aluna B: Eu acho que esta mostrando o mundo nas mãos das pessoas.

Lacerda: Mais alguém? E como que é o mundo nas mãos das pessoas?

Aluna A: ... tem que amar o planeta

Aluno C: nós não cuidamos direito, só destruímos....

Aluna A: Com carbono, cortando árvores, essas coisas, eu acho que é isso que ta querendo mostrar.

Aluna B: E logo abaixo tem o carinho maior com nosso planeta, (inaudível)

Lacerda: E o que vocês acham que isso vai implicar para vocês?

Aluno C: Que as condições de vida vão piorar né? a cada ano que passa, ainda mais para os nossos filhos e que vai ficar pior...

Aluna A: Acho que... (Inaudível) E vai piorar a vida de todo mundo.

Lacerda: Mais alguma implicação?

Aluna D:(Inaudível).

Professora 2:E vocês ajudam de alguma maneira, têm alguma responsabilidade por esse mundo de hoje? Tendo em vista futuro?

Aluna A: Com certeza, ainda mais nos dias de hoje que se fala muito nisso (aquecimento global) eu acho que a possibilidade de estar se formando agora, de tentar... mudando, tentar melhorar de alguma forma...

Aluno :O futuro ta nas nossas mãos

Professora :E de que maneira né? vocês se vêem na condição de ta brigando, ta melhorando esse futuro da humanidade, mudando o futuro do planeta? (inaudível) De que maneira vocês de fato vão poder colaborar com isso?

Aluna A: A consciência, eu acho. Jogar papel na rua por exemplo, fazer alguma fogueira, coisas desse tipo...

Aluna D: Usar menos carro... Mas tem que ser todo mundo... Uma pessoa só não vai ter resultado nenhum.

Aluna A: Tem que lutar para dar resultado... Consciência de cada um.

Lacerda:E a escola, o que vocês acham que a escola... vamos ver quem não falou ainda, o que vocês acham... qual a participação da escola nisso. Tem, não tem. A opinião de vocês tem alguma influência da escola,tem parte nisso (inaudível)

Aluna A: As duas coisas eu acho... Tanto dentro da escola quanto fora da escola também...

Lacerda: Como que é? Fala mais alto um pouquinho.

Aluna A: A gente receber informações de melhorar o planeta. É, eu acho que tanto dentro da escola, quanto fora, na televisão. A gente vê em lugares também. Tem vários lugares que falam sobre isso também, e aí, a gente (inaudível)

Aluno C: A escola, ela tem um papel muito importante, a gente passa um bom tempo aqui, eles são como os agentes que ensinam pra gente, e também uma boa influencia.

Lacerda: Agora vamos tentar... pra envolver um pouquinho mais os outros né? O que vocês gostam de fazer? Tentar dar uma rodada aqui...

Aluna A: Fora do colégio?

Lacerda: Em qualquer situação... Isso... Vamos...

Alunos (as): (Impossível distinguir)

Lacerda: Namorar também pode ser...

Alunos (as): (Risos)

Aluna B: Sair com os amigos... Várias coisas...

(inaudível)

Lacerda: Quais momentos podem ser? ... podem ser varias não é?

Aluna F: Sair no final de semana, estudar para uma matéria durante a semana...

Alunos (as): (reação negativa ao estudo durante a semana)

Aluna B: Nas férias, viajar.

Aluna F: É nas férias viajar, é bom fazer tudo.

Aluna G: Ah, eu gosto de ir em festas...

Aluno C: Ficar no computador, internet, sair, é bom. Namorar, é bom também, jogar um futebolzinho, peladinha.

Aluno E: Pô, curtir uma festa é essencial né, cara? Por que pra... Para todo jovem você vê que estudar é uma coisa assim bem cansativa, entendeu? Meio cansativa... Então, final de semana, uma boa festa, uma viagem com os amigos que podem, porque você sabe né?! Tem pai que prende um pouco né, e tal. Futebol com os amigos, uma boa festa, sempre agrada...

Aluna A: É, sair, eu acho assim, que, eu gosto muito, fim de semana, eu gosto de ler também, é... internet, mas o que eu mais gosto é de sair assim, fim de semana, algum lugar com os amigos, viajar também.

Aluna B: Ah, eu também, viajar, sair, ir numa festa, computador... de dormir, eu gosto de dormir também...

Alunos: inaudível

Aluna A: Malhar também.

Aluno E: Malhar é bom, malhar também é essencial né?

Aluna A: Dançar.

Aluna H: Eu gosto de sair, namorar, viajar com os amigos, eu gosto de... A sair, fazer alguns amigos é... A.. eu gosto também de trabalhar.

Aluna I: Eu também gosto de sair, de viajar, ir ao cinema com os amigos, escutar música, ficar no computador.

Aluna J: Eu gosto de estar com pessoas que me tratam bem e tal, que deixam eu ser eu mesma coisa assim. Eu gosto de desenhar, gosto de lutar (inaudível), gosto de ler, e é isso.

Lacerda: E agora, o que vocês não gostam?

Aluna B: Estudar muito.

Lacerda: Estudar muito?

Alunas: inaudível

Algumas H: Eu gosto de estudar quando estou com vontade...

Alunas: inaudível

Lacerda: Por que você fica de castigo?

Aluna F: Porque eu faço coisa errada. Não que minhas coisas erradas sejam tão erradas assim, mas pra minha mãe... As vezes nem é coisa tão errada assim ai minha mãe me põe de castigo. Aí não posso fazer as coisas que eu gosto.

Aluna B: Odeio ficar presa, odeio ser obrigada a estudar, odeio ficar sem dinheiro...

Lacerda: Mesmo ... (inaudível)

Aluna B : é ficar sem dinheiro

Lacerda: ficar sem dinheiro.

Aluna B: Odeio ficar só dentro de casa, odeio ficar sem sair, ficar sem computador então...

Aluno E: Eu acho que o que mais me irrita é, sábado assim, de noite, eu estar no computador assim, como a gente joga um drive, fica no MSN, ver aquelas poucas pessoas estarem online por que todo mundo ta saindo e você ta em casa, e isso nossa. Isso me deixa num stress, uma dor total. E também ir pra um lugar sem dinheiro também eu não gosto, ai prefiro nem sair de casa. E também assim, eu não gosto de estudar a noite, entendeu? (inaudível) mas eu odeio quando meu pai fica me forçando a estudar, aí eu acho que meu estudo fica prejudicado.

Alunos (as): (Totalmente inaudível)

Alunos (as): risos

Aluno E: lavar vasilha eu também não gosto não

Aluna H: Dar banho no cachorro...

Alunas e Lacerda: Inaudível

Lacerda: Alguém mais quer dizer?

Aluna A: Ah! Eu gosto de sair (inaudível)

Inaudível

Aluna A: Ah! Eu gosto.

Lacerda: Em nenhuma situação?

Aluna B: Não, depende (inaudível). É bom estar com os amigos. Eu gosto de estar com os amigos (Não entendi direito)

Aluno E: É um comportamento totalmente diferente né cara. Seu na frente dos pais e na frente dos amigos.

Aluna D: Você fica muito mais a vontade na frente dos amigos do que com os pais...

Aluna B: Ah, mas depende do relacionamento do meu pai comigo...

Lacerda: O que vocês não fazem na frente dos pais?

Aluno C: Beber.

Aluno E: Namorar, na frente deles. Dá uma vergonha, entendeu? Namorar na frente deles e tal. Acho que isso. Eles não saem pro mesmo lugar que a gente sai

Aluna A: Nem tudo que você faz na frente dos amigos você vai fazer na frente dos pais. Falar certas coisas que você fala na frente dos seus amigos, não fala perto dos pais.

Aluna D: Fazer algum comentário assim, de alguém que está na sua frente

(Risos)

Alunas A: Eu não vou perguntar pro meu pai: que que você acha desse menino que tá na nossa frente?

Aluno E: (inaudível)

Aluna D: (inaudível)

Lacerda: E você, o que você faz com dinheiro?

Aluno E: Eu.. o que é que eu faço com o dinheiro. Poo, cara...(inaudível). Eu vejo dinheiro assim na minha mão, pô, vou fazer alguma coisa.(inaudível). Tenho que gastar com algum doce, fazer compras, acessórios. Não consigo economizar de jeito nenhum. Tentei né? Mas não consigo. Infelizmente.

Lacerda: E... (inaudível)

Alunas: (inaudível)

Lacerda: E você? Que você faz com o dinheiro?

Aluna J: Eu faço, é assim, se a quantia é grande, eu guardo para quando tiver algum espetáculo de noite e tal. (inaudível) por que na verdade eu não tenho muita coisa com o que gastar, não gosto muito de comprar roupa, sapato, sei lá, uma coisa que eu não gosto mesmo, de sair pra escolher, não, não gosto mesmo.

Aluna B: Falou comigo que é para ir pro Shopping gastar dinheiro ...aí que eu vou mesmo. Comprar esmalte, presilhinha de cabelo, maquiagem... (inaudível)

Alunos (as): (Risos)

Aluna F: (inaudível) roupa, maquiagem

Aluna I: Sei lá, uma viagem.

Aluna A: É, viajar...

Aluna F: Ah, não, viajar não...

Aluna A: Viajar com os amigos. Mas se você for viajar, tem que levar o dinheiro.

Alunos (as): (inaudível)

Lacerda: Com quem vocês saem, com quem vocês se encontram, com quem saem?

Aluna D: Todo mundo.

Aluna A: Amigos do colégio. Amigos dos amigos

Aluno C: Inaudível

Lacerda: Quem são os amigos do colégio?

Aluna D: Grandes amigos.

Aluno C: Amigo, primo, amigo de amigo.

Aluna A: Do colégio.

Aluna F: Você quer sair e aquela sua amiga não quer ir, você vai com aquela amiga de uma amiga que você saiu no fim de semana...

Alunos (as): Inaudível

Aluna D: Tem os mais amigos e os menos amigos, se os mais amigos não querem sair você vai com os menos amigos.

Alunos(as): inaudível

Aluna D: com vizinhos...

Aluno C: O negócio é fazer amizade logo...

Aluna B: A não ser que todo mundo seja meu inimigo.

Aluna F: A não ser o que?

Aluna B: que todo mundo seja meu inimigo.

Aluna F: Nossa!

(Risos)

Lacerda: Mas, normalmente é conhecido, muito conhecido, pouco conhecido?

Aluna F: Conhecido.

Aluna A: Conhecido ué.

Aluno E: Ou, então você conhece ali na hora ali, se apresenta.

Aluna F: Ah, não! Acho horrível sair com pessoa que a gente não conhece. Por que às vezes você quer comentar “Nossa olha aquele menino lindo ali”, aí você vai falar com alguém que você não conhece direito? e a pessoa pode ir lá falar...

Aluna B: Ou então já ter ficado com a pessoa...

Aluno E: Pô, comigo é diferente, cara. Eu já interajo com o cara assim já dentro do ônibus, de qualquer coisa, já informa as horas, já começa o assunto... Já adiciona o Orkut já... (não da pra entender direito)

Aluno C: (inaudível). O cara todo sábado conhece gente nova, já puxa papo...

Lacerda: Mas, você vai sozinho?

Aluno E: Não, eu vou com outros amigos, mas tem dia que você vai sozinho assim já encontra outras pessoas. Sempre tem gente lá que você conhece

Lacerda: E pela Internet?

Aluno E: iii

Aluna D: Aí já fica mais fácil...

Aluna A: Às vezes amigo de um amigo seu, você começa a conversar...

Aluno E: Às vezes também, quando você entra num certo grupo assim de pessoas, outras pessoas vêm automaticamente também, entendeu? até você... Por exemplo, você está em certo grupo, um bonde qualquer aí. Pessoas chegam “Ah, você que é do grupo tal?” ou “Já te vi ali, lembro de você” ... Eu aceito numa boa, e tem gente que se relaciona do jeito que der...

Aluna F: Eu estudei no Granbery, aí eu tenho amigas no Granbery e amigas aqui, aí todas saem e todas são amigas, assim muito amigas aí todas saem, entendeu? a gente sempre tenta aproximar, é sempre assim a amizade.

Lacerda: E esses amigos freqüentam sempre o mesmo lugar? Ou quando tem um lugar, outro não quer ir?

Aluna B: Depende.

Aluna F: Ah, depende nada... Quase sempre são os mesmos lugares.

Aluna A: Depende, tem amigos que gostam mais de Bar, tem os que gostam mais de show. (inaudível)

Aluna B: Sempre tem aquela coisa, eu só tenho amigo mais velho... Maioria dos meus amigos já tem vinte e tantos anos. (Inaudível)

Lacerda: Vocês fazem amizade assim pela Internet? Depois encontram? Tem amigos na internet que não conhece?

Aluno C: Ah, só se for amigo de outro amigo nosso.

Aluna B: Pessoa que você nunca viu assim, não conhece, não tem amigo em comum (não entendi)

C. puxa papo pela internet neh a pessoa

E: teve um dia que eu tava conversando com uma menina assim, papo vem papo vaa (risos) papo vem papo vai, vamos combinar de sair, vamos. A gente, sabe de vez enquanto que voce combina roupa neh, e tudo pro pro... eu combinei certa roupa, mas não fui com aquela roupa, eu não sei como é a menina (risos)

H- vocês chegaram a se conhecer

E:- cheguei la ate que a menina era bonitinha, fui ate fiquei com ela uma vez, ai depois entendeu, não se viu mais ai depois procura no msn ou não para confirmar.

L: Agora... vocês seleciona assim essas pessoas?

E:- Ah mais depende cara

A- sim

E: Se você tiver com, com, se você tiver bem animado, com assim, se você tiver bebido umas e outras, entendeu, você aceita numa boa, mas se você tiver mais sóbrio você já seleciona mais.

L: Você seleciona o que?

(não entendi)

E: Ah a beleza... é isso mesmo entende ah aquela pessoa que usa droga vou afastar dela um pouco por que talvez ela me influencia também, agora já que voce, (não entendi) voce já não ta mais em si (não entendi)

L: O que voce ta falando?(dirigindo a uma menina)

Aluna A: Ah tem gente que vai e a pessoa usa droga (não entendi) eu sei o que eu faço(não entendi), tipo igual eu tenho amiga que bebe muito, (não entendi) eu faço o que eu quiser entendeu

E: Não, mas eu falei assim, eu tenho vários amigos que usam drogas também, eu tenho vários (não entendi) eu tenho amigos que usam entendeu? converso com eles numa boa, não deixo de conversar não, mas to falando assim neh aquele cara que usa droga me afasta dele, assim é, conheço o cara, sei o que ele faz entendeu?

C: mas sempre rola num lugar diferente

E: É entendeu...

H: não deixa de conversar mas fica aquela coisa de vou sair, daqui a pouco os outros vão falar (não entendi) da pessoa

E: A gente não (não entendi)

A: faz essas cisas, não aceito bem as idéias dela

L: Mas, qual é o tipo de idéia é só em relação a droga ou outra coisa assim de idéia?

A: Não.. acho outras coisas também, a pessoa já tem uma coisa, ela mesmo pode ser, pode ter idéias boas, ou é doida sei lah

L: O que é uma pessoa doida?

(risos)

E: Ai você pergunta pra ela.

(risos)

A: Eh... que usa droga (não entendi)

A: Não uai, as pessoas que usam drogas você não dá importância para o que elas dizem. Entendeu? Porque pode ser a cabeça delas diferente da sua.

D: Ah, depende, tipo, tem gente ou usa droga ou bebe demais ou é meio doidinho assim. Mas, então ai, a gente não tem problema, não vejo problema, mas tipo assim, uma pessoa que faz uma coisa muito errada. Assim, tipo, rouba.

E: Isso.

D: EU não, eu não, eu não iria ficar muito aproximada dessa pessoa. Pelo contrário, eu ia desaproximar... (não entendi).

L: Você conhece gente assim, que rouba?

D: Não conheço. Por isso que se eu conhecer vou me afastar.

(Inaudível).

L: E as pessoas que vocês saem?

I: Ah, normalmente, assim, quando essas pessoas... (Inaudível)

J: A maioria das vezes que eu saio com meus amigos, assim, os mais próximos, não saio com amigo de amigo e nem com pessoas que eu nunca vi, nunca encontrei que pela internet, nada assim, só com amigos ou mesmo com a família.

L: E seus amigos, é mesma coisa?

J: Não sei.

L: Normalmente saem com conhecidos, ou eles...

J: Não, a gente sai com conhecidos né?! Isso é com certeza. Aa sei lá.

L: Por que? Não sai com pessoas assim de internet?

J: Aa não. Não gosto não. Eu prefiro conhecer a pessoa pessoalmente, que eu já sei como é a pessoa, qual o caráter daquela pessoa, porque a internet não mostra muito a pessoa, só mostra a imagem, o que ele escreve. No Orkut, as comunidades que elas são, as comunidades falam muito sobre a pessoa, mas não fala tudo...

H: Pode não ser verdade.

A: Mas quando é amigo de algum amigo seu, você já conhece, já tem referência.

H: É

A: Ai sim, mas não uma pessoa que você do nada, você começa a conversar.

H: Sentar e conhecer a pessoa pela internet.

C: Inaudível.

L: Agora, os que vocês acham, assim, de interessante nas pessoas, nos amigos, vocês acham que é legal assim?

D: Quando a pessoa é engraçada, tem muitos amigos...

C: Papo bom.

D: Éé... As vezes tem uma pessoa bem chata assim, sei lá, você não vai quere perto.

F: Não é uma boa companhia.

L: O que é um a boa companhia?

A: Que tem os mesmos pensamentos que os seus, mesmas vontades.

Inaudível

F: As vezes nem tem a mesma opinião, mas tipo, respeita-se.

A: Você gosta de conversar , que você se dê bem... (Inaudível)

L: Éé ... e como vocês se vêem entre vocês mesmos em relação aos outros, assim, em relação à vocês, éé, vocês tem atividades iguais q esses grupos, a essas pessoas, são muito diferentes de outros?

A: Normalmente a gente é parecido, a gente busca aquelas pessoas que são parecidas com você, que gostam das mesmas coisas. É, eu acho q é assim.

C: Ah. Eu não sei, as pessoas tipo assim, falam que eu sou meio engraçado.

D: É, porém eu vejo as minhas amigas sempre me ligando, fazendo... tipo, se eu fosse chata, alguma coisa, não iam me ligar pra chamar para sair. Eu devo ser legal.

Alunos(as): Risos

C: Eles devem gostar, me chamam po.

E: Assim, tipo, eu acho que é, outros tem um círculo de amizade, assim grande, extenso né?! Então tipo, cada vez que eu saio, eu saio com certo tipo de grupo de amizade diferente. Então, eu, as vezes, com um grupo eu sinto um pouco mais de liberdade, entendeu? Mas pouca vontade de... é natural, mais natural entendeu? Não é forçado, eu sinto mais liberdade em certos grupos do que em outros.

C: Mas com quem você tem mais intimidade, isso acontece.

D: Ah não, eu sou bem, eu sou muito dada.

Alunos(as): Risos

D: Eu sou muito extrovertida, eu me dou bem com todo mundo. Assim, eu não vejo problemas. Eu sou muito, nossa, falo coisa engraçada, não tenho problemas.

H: As vezes você acaba saindo, tipo assim, com grupos que você não conhece, outro grupo você tem mais intimidade do que no grupo que você não conhece ninguém, você acaba mudando seu jeito de ser, você não vai ser da mesma forma que você é quando está com seus amigos mesmo, você convive, que sai diariamente, quando com as pessoas, por exemplo, que eu conheci hoje. Eu não vou ser a mesma pessoa que eu... (Inaudível).

D: Mas, sabe por que? Eu certamente vou conhecer essas pessoas, tipo hoje, porque eu estava com alguma outra amiga, tipo, com minha amiga. Ah!! Te apresentar uma

outra amiga minha. Ai apresenta, acaba que eu vou ser do mesmo jeito que eu sou com ela, vou começar a ser com a outra também, entendeu?

A: Mas quando você tá com uma pessoa só, você consegue ser... ter mais liberdade. Mas quando você conhece um grupo de amigos e se já tem intimidade entre eles, você fica mais...

B: Você fica sem liberdade de mudar sua expressão.

C: Ah! Eu sou tipo assim também, sou normal com todo mundo. Se a pessoa vai me conhecer, que conheça do meu jeito.

D: É, eu também acho.

C: Vou ficar diferente na frente dela porque...

A: Ou você vai se soltando aos poucos.

B: Eu gosto de observar as coisas, entendeu? Observar o jeito que são e tal. Pra mim tentar enturmar com eles.

L: Eu... Vamos perguntar pra elas aqui: Vocês acham que o grupo que vocês costumam sair é visto diferente dos outros, ou tem pessoas no grupo que são vistas diferentes?

J: Eu acho que as pessoas do mesmo grupo são diferentes e cada grupo é diferente. E cada grupo, e cada pessoa, cada indivíduo tem a sua particularidade. Então, por exemplo, eu sou uma pessoa quee, quee, deixa eu ver, eu não gosto de sair, não gosto de beber, não gosto de gastar dinheiro com roupa, é, não gosto muito de festa. Então, eu sou meio estranha, meio anormal do ponto de vista da maioria das pessoas. Só pra me ajudar um pouco, a socializar com as pessoas, sou muito tímida, assim, isso não ajuda a mim em nada. Mas mesmo assim, no meu grupo de amigas existem aquelas pessoas que bebem, aquelas pessoas que não. Mas não deixo de gostar delas do mesmo jeito. Não deixo de gostar delas porque bebem. Ah! Não gosto de bebida. Ah! Porque eu moro praticamente do lado do Pronto Pizza e eu ouço aquela barulheira toda. Não, existem pessoas no meu grupo de amigos que fazem coisas que eu não gosto, mas que são meus amigos. Eu não vou deixar de falar com eles porque eles tem uma opinião contra a minha.

B: São pessoas que respeitam o modo de ser.

J: Cada um se respeita dentro do grupo e talvez, e talvez por isso, no meu grupo de amigos e etc. pensam que é diferente. Porque se a gente for ver, a gente olha para os outros grupos, a gente não sabe o que acontece ali, mas pelo nosso ponto de vista, a gente julga uma coisa que não vai muito com a nossa opinião, vai muito com a opinião dos outros. Uma coisa que a gente certo, sei lá, é isso.

I: Quando a gente não conhece a pessoa, a gente automaticamente pensa que ela é diferente. Mas a gente tem que conhecer ela para poder julgar. Por isso que cada

grupo é visto de uma maneira diferente. Quando as pessoas estão no grupo, o outro grupo vai enxergar ela de maneira diferente e vice-versa.

D: Acho que eu não consigo conviver muito com uma pessoa que tudo é não, não acho que é assim. Ah! Eu gosto de beber. Eu não gosto de beber. Ah! Eu gosto de ver filme. Eu não gosto de ver filme. Eu não consigo conviver com uma pessoa que tudo que eu gosto, não gostar também. Entendeu? Não concordar com nada, falar assim. Você pode gostar, mas eu não gosto dessas coisas. Vou continuar conversando com você. Tá, continuo conversando com essa pessoa, mas também não saio muito com essa pessoa. Por que, como eu vou sair com uma pessoa que não goste de nada que eu faça. Incomoda as vezes. A gente fala, não sei o que. Ah! Não gosto. Ai fica sem graça.

L: E se é do mesmo grupo como é que vocês agem?

D: Ah... (Não entendi). Se eu estou com minhas amigas, ai tem uma menina que discorda de tudo, vou agir normal com ela. Só não vou continuar, continuar uma amizade muito assim, ligada com ela. Porque, imagina, se ela vai sempre pra minha casa e a menina não tem nada a ver comigo, não gosta das mesmas coisas que eu. Acho que ela vai ficar sem graça. Porque é legal você fazer. Ah! Nossa! Que legal! (Inaudível)... vai ficar sem graça.

A: E acaba afastando porque você não sai com a pessoa.

inaudível

H: É... as vezes, voce fazer tipo assim a vontade de eu sai com uma pessoa, a pessoa gosta do meu jeito, jeito de ser e não gosta da roupa que eu uso, ai eu mudar por que ela, ela não gosta, tipo assim, não perder amizade dela isso uma coisa que eu não faria, não mudaria de jeito nenhum pra agradar alguém. Eu to saindo com minha amiga e a minha amiga ta lá a gente gosta de cinema, a gente sair junto pra um show junto ela gosta da mesma coisa que eu, mas agora roupa essa questão tipo meu jeito de ser natural não mudaria por causa de ninguém.

L: As pessoas do grupo se vestem mais ou menos iguais a você?

H: É..., tipo assim você ta saindo com o grupo com todo mundo, lógico igual eu gosto de sertanejo eu não sentiria bem num grupo que todo mundo seja roqueiro, acho que isso não dá mais.

(inaudível) cada grupo tem sua característica entendeu?, a gente também não deve discriminar pelo, pelo jeito dela, pela (inaudível)

D: Eu não ia julgar, mas eu ia ficar muito coisa, tipo assim, vão sair eu querer ir num lugar ia ser diferente eu sair com uma amiga minha que gosta do mesmo tipo assim, tipo de musica que eu, que eu chamar uma amiga minha roqueira pra ir no sertanejo.

A: Isso que formam os grupos, que tem o grupo que gosta de rock, as pessoas que gostam de pagode, e..., por isso que tem esses grupos eles nunca se misturam assim.

Prof: Mas por exemplo vocês estão falando de uma forma de vocês se agruparem, quando voce falou assim eu saio com o pessoal que sai pra balada sertaneja então não vou chamar uma amiga que é do rock, mas essa amiga que é do rock também é amiga pra outro momento, não é pra aquele, mas é pro outro?

H: É...

C: É...

H: Mas tem também tem, tem grande diferença de eu ter uma amiga que é até hoje minha amiga do que uma que eu conheci na internet através de outra amiga minha, ai já é diferente, já não considero aquela coisa, posso ate sair junto, é a gente ir pra tal lugar junto(não entendi), mas assim ficar é.., não é a mesma coisa sabe, sair com uma amiga diariamente, você pega uma ou outra que é amiga dela, e acaba ficando um clima chato.

D: Não, acho que eu dificilmente vou me envolver com roqueira, por exemplo, uma pessoa querendo ou não, não vai ter nada em comum com ela, como eu vou ser amiga dela também, não tem nem como eu chama ela pra ir no sertanejo comigo por que (não entendi)...

H: Ela pode ser amiga de um lado, mas é assim, tipo assim ela pode ser sua melhor amiga, você contar as coisas pra ela, coisas assim sabe.

D: A tipo eu não tenho nada contra. So acho que não vou conseguir me envolver muito com a pessoa.

C: Acho que o importante é respeitar e diferenciar o momento.

A: (não entendi)

H: Por conta de voce não envolver você acaba mudando sua amizade, tipo assim, ela é minha melhor amiga, de um dia pro outro ela vira roqueira e ta, e ai muda tudo, por que (não entendi)

A: Acho que é só não sai com aquela pessoa, você pode ir na casa dela, estudar com ela

H: E ai não vai ter assunto nenhum, o legal é você sair com a pessoa.

F: Mas eu acho que as pessoas hoje em dia procuram um grupo que se sentem mais a vontade... por que?...

H: Mas ia ter assunto? Se você sair? Não ia... porque ela não vai sair nos mesmos lugares que você.

F: Eu não acho diferente essa questão de sair, mesmo sendo gostos diferentes, por que igual por exemplo, show muitos cantores diferentes, você ate convida a pessoa,

mas se você esta num grupo de amigos, você sente a vontade pra expressar, pra mostrar o que você gosta ou que você não gosta, você tem... você tem vamos dizer a sim a total liberdade de recusar essa ida sem ofender ninguém, por que amigo entende que voce não gosta disso, e você simplesmente não vai, você não ta ofendendo, é seu amigo, entende que você tem outro gosto. Eu acho que o respeito, a individualidade e os gostos de cada indivíduos é muito importante...

A: Eu acho que dá pra você ter uma amiga roqueira sim, Eu por exemplo que gosto de samba, vou ter uma amiga roqueira, eu acho que da sim, você só não vai num show de samba com ela, e nem num show de rock.

H: (não entendi)

A: Será sim, em outros momentos, você pode ter, ela como amiga, pode contar suas coisas, coisas de colégio, quais sãs outras amizades, com outra menina, acho que dá pra você ser amiga dessa pessoa sim.

H: Mas não é assim...

B: Mais hoje em dia tem muito preconceito com isso. Questão de amizade...

L: Como assim?

B: Ah, porque, por exemplo, eu tenho meu grupo eu já estou acostumada com meu grupo, se um dia pro outro e resolver entrar em outro grupo, eles não vão me aceitar igual ao meu grupo também me aceitou entendeu? Ai eu entraria naquele grupo com certeza eu não me sentiria bem, pelo modo, pelo jeito que iriam me tratar, entende?

H: Mas também...

Prof: Como você acha que seu grupo se formou?

B: Ah eu acho assim, cada um tem um jeito e (não entendi), eu acho que meu grupo se, é, se uniu de forma que respeitou o outro, aceitou as diferenças, aceitou o modo de ser é tudo, entendeu? A gente se uniu eu acho que assim.

Prof: Por que enquanto vocês estão falando, eu estou escutando algumas pessoas sempre coloca ali assim, o ritmo da musica que gosta. Eu to pensando se a coisa que vocês tem mais em comum nesse grupo que vocês estão acostumados a sair, se é o ritmo da musica. Seria?

C: Não...

B: Não...

G Não...

Prof.: O que que influenciaria na escolha de vocês?

B: Acho que o jeito...

Prof.: não entendi

H: Acho que é a maneira da pessoa ser, entendeu?

A: Como ela te trata, como ela trata seus amigos... como ela trata os amigos dela... você repara nessas coisas.

C: Se você sente bem com as pessoas, depende se você sente bem com as pessoas ou não, assim...

H: Voce não vai aceita a pessoa...

Prof: **Que tipo de preconceito você acha que sofreria caso viesse mudar de grupo ou viesse tentar entrar em outro grupo?**

B: (não entendi) eu acho que as pessoas não aceitariam pelo modo ser igual, as minha amigas aceitam entendeu? As minha amizades aceitam do jeito que eu sou, agora eu não tenho certeza se por exemplo, se eu usasse (não entendi) outras pessoas aceitariam meu modo de ser, eu não tenho certeza se ela vai aceitar a minha diferença entre eu e ela, é..., é... as coisas que eu gosto, tudo sabe, eu acho que ela não aceitaria, não é qualquer pessoa que aceita seu jeito de ser. Elas iam ficar te reparando, e em algum momento elas, elas iriam com certeza te chatear, entendeu? Elas fariam uma coisa que você não iria gostar, e você acabaria se excluindo de qualquer jeito.

H: Eu acho que isso é um preconceito também, diante de um grupo contra a pessoa, tipo assim, eu tenho meu grupo e aquela pessoa ta em outro grupo, começar a falar mal, entendeu? Por isso que tem aquele conflito você tem por exemplo, eu tenho a minha melhor amiga, por exemplo, que eu não goste dela, ela acaba falando mal de mim que, mesmo sendo amiga acaba falando mal de mim pra outra pessoa, por que a outra é a melhor amiga dela, ai entendeu? Ela vai fica assim, tipo assim, vai falar de você, ai você não vai contrariar, entendeu? Entao por isso que gera conflito, por que você, tem pessoa que não vai contrariar, tipo assim chegar para Rafaela e falar mal de mim, se ela contrariar, não tem ninguém pra falar por eu.

D: Mas eu acho que você não vai ser amiga de uma pessoa que é melhor amiga da pessoa que não gosta, da pessoa que não gosta de você.

A: Nem sempre.

H: Nem sempre.

D: Ah... mas você não vai procurar tanto amizade dela

A: Você não pode tomar as dores da outra

Prof: **Oi?**

A: Você não pode tomar as dores da outra, só por que não vai com a cara.

D: Ah... tem duas meninas, ai uma que você não gosta, com certeza pode reparar, com certeza, voce vai falar mal das duas com certeza.

H: Não... ah.. tipo assim...

A: Ah... você pode tentar melhorar a situação, as vezes a pessoa fala você fala que não

E: (Não entendi)

C: (não entendi)

E: Uma fala mal da outra

H: é igual ah... (não entendi), quando mistura turma igual agora, misturar turma, a gente conhece mais gente, igual eu não conversava com ela, conversava com mais pessoas que já era da sala antiga, agora todos estão na outra sala e eu fiquei praticamente isolada no meu mundo, (não entendi) hoje a gente conversa, tem uma amiga dela que eu não gosto, mas nem por isso a gente deixa de conversar com ela entendeu?

D: Não, é que tipo assim, penso que é... é..., essa é minha opinião, por exemplo, vejo uma coisa na Luiza que eu não gosto, por exemplo, vejo uma coisa que eu não gosto, aí a Lara é muito amiga dela aí com certeza, claro, vai ser a mesma coisa que a Luisa, aí com certeza quando eu for falar mal dessa coisa da Luiza eu vou falar mal da, da Lara também entendeu? É só pra comparação.

A: Mas por exemplo, quando uma amiga que é da mesma pessoa que (não entendi), se você é amiga de uma outra amiga que não gosta dessa amiga, aí uma vem falar mal da outra, mas aí fala que não concorda e vice-versa, você pode falar que não concorda.

D: Eu já passei por essa situação, eu tenho uma amiga que não gostava de uma outra amiga minha, aí elas ficaram falando mal, falava mal, falava mal, ah... e eu: não é assim...

A: E é horrível, tipo assim

H: É horrível você gostar de uma pessoa e a outra não.

D: É...é a outra não gostar...

H: E te chegar e falar entendeu, você aí tipo assim, se você pra não gerar conflito igual, quando gera o conflito, a pessoa chega e fala pô é mesmo verdade, eu não gosto dela por tal motivo, a pessoa não tem palavra (não entendi) mesmo por exemplo, eu falar que eu não gosto mesmo pra tipo assim só que ela é minha melhor amiga pra falar isso pra mim entendeu? Eu não tenho a minha palavra pra chegar e falar pra ela não eu não acho isso, você acha isso o problema é seu então, por isso que gera conflito, grupo, fica aquela turma toda separada, um grupo pra cada lado entendeu? Mas agora hoje não...

L: Isso acontece muito dentro da escola ou em todo lugar?

H: Acho que em todo lugar, na escola principalmente por que você chega na escola e conhece um monte de gente.

B: principalmente dentro da sala, tem turma que é mais unida, tem turma que é mais separada tem grupos dentro da sala.

D: Acho que todo mundo se fala, mas nem todo mundo gosta muito assim

B: (Inaudível), pela amizade, existe colegas, amigos não existem

A: É..., não...

B: Existe, mas assim

E: Todos

C: Todos

D: (inaudível)

B: to falando da turma inteira, amigo só da turma inteira não existe.

Prof: **O que acontece dentro da turma pra que não haja neh, é um maior introsamento, pra que não seja de fato a turma, mas, mas que minha turma, pra que não haja tanto afastamento?**

D: É isso, por que tem gente diferente é isso se eu fosse da mesma sala dela, ela gosta de uma coisa eu gosto de outra entendeu? Ai é mais ou menos questão de gostar.

B: É questão de gosto mesmo.

A: (não entendi) igual ano passado separaram nos todos e ai a gente começou a conviver com outras pessoas de outras turmas, começo a ser amigo também, por que é... convivem mais tem mais contato, e acho que separa por conta disso é, as pessoas convivem a manha inteira e ai, ai você acaba sendo amiga delas com certeza.

H: É igual ano passado ate final do ano todo era A,B e C, tudo que tinha aqui no colégio (não entendi) sempre tinha aquela coisa entendeu?

A: (não entendi)

H: (não entendi) ninguém nunca pensou na possibilidade de misturar a turma , ou de acontecer o que aconteceu hoje, que aconteceu esse ano,que agora passa tudo misturado, você pode ver que aquela coisa, todo mundo conhece todo mundo, agora não tem aquela coisa assim...

A: (não entendi) que amiga dela começa a conversar com a outra pessoa, agora passa a conhecer.

H: Por ela é amiga dela, se ela vem pra minha sala, a outra foi pra outra, não tem mais aquela coisa tipo assim, ah... minha turma ganhou, igual ano passado, teve tipo assim, uma turma sempre ganhou os três anos seguidos que eu acho que sempre ganho no interclasse, sempre rolou aquela conversinha sabe? Aquele papo.

A: Rivalidade

H: Hoje não, hoje já... é.. é uma coisa assim não tem como falar por que as turmas são todas misturadas.

A: A convivência também, o preconceito é isso não conhecer e ter um conceito sem conhecer a pessoa, e, e o momento que você passa a conhecer, você pode, ai sim defini se você gosta ou não dela. Entao eu acho que tem que conhecer mesmo todo mundo, porque eu posso muito bem, as vezes meu grupo que não gosta daquela pessoa, mas conversou pode vir a gostar se você conversar entendeu?

D: Pode também vir a não gostar da pessoa que você já gosta, você pode ta com uma pessoa que você adora ela, chega uma hora ai ela faz uma coisa que te decepcione, você começa a não gostar dela, é...

H: Ai você começa se afastar...

Prof: **Voces falaram ai do preconceito neh, preconceito ta indo e vinda nas falas de vocês, na visão de cada um de vocês ai, qual que é o pior preconceito neh, se é que alguém já vivem algum tipo de preconceito, gostaria também de manifesta, qual que é o pior preconceito na visão de cada um de vocês, assim numa rodada?**

H: Acho que é você (não entendi) , você porem não gostar e ter o mesmo gosto que ela.

B: Eu acho que é o preconceito racial e o de classe, esse é o pior (não entendi)

E Ah... o sexual, por ser homossexual.

A: Ah com certeza

H: É... tem isso também.

E: É assim tem grupos que...que eu convivo que fala que aquele cara (não entendi) que fala bem escrachado, aquele cara é viado , e não sei o que, é bichinha.

A (não entendi)

Prof: **Colegas?**

E: As vezes um colega.

Prof: **Esta falando de um colega, é o fulano é viado?**

E: Isso. Não, sim, pode ser que o fulano é homossexual mesmo, ai fala: não esse cara é viado, esse cara tem que bater nele, que não sei o que entende?

D: (Não entendi)

E: Não, é eu conheço, assim...

D: (não entendi), você vai bater no seu colega?

E: Não, assim, eu convivo com essas pessoas, eu tenho um amigo neh que tem um amigo dele, que o amigo dele neh (não entendi), só que e não gosto muito (não entendi) e ai tipo esse amigo meu , vai fala aquele cara é viado (não entendi), não sei o que, vai te influenciar, ah você ta conversando com ele, vai virar viado tambem, esse tipo de preconceito, entendeu?

A: Voce mesmo se afasta por causa dos preconceitos dos outros entendeu? Você acaba com preconceito, por que a outra pessoa tem preconceito (não entendi).

B: Voce percebe que ela sofrendo preconceito, o modo de olhar das pessoas, que as pessoas olham de um jeito diferente, entendeu?

A: Ah... todo mundo tem(não entendi)

B: As pessoas não se aproximam dela.

H: É... as vezes você acha é uma coisa tipo assim ah..., não tem amigo dela(não entendi), mas as pessoas não pensam tipo assim, vai ser bom pra mim, igual eu, igual ate pouco soube (não entendi) pra mim chegar na minha discriminar ele, fala alguma coisa, eu fico brava demais, por que acho que tipo eu, e nem por isso ele mudou o jeito de ser comigo, ai fica eu ele com o namorado dele vendo filme (não entendi) e eu não tenho coisa nenhuma, rola aquela coisa saiu uma vez todo mundo ficou olhando entendeu? Todo mundo ficou , eles ficaram meio assim, mas eu nem liguei, e eu acho que tipo, fica discriminando hoje...

A: Sem conhecer a pessoa, sem saber que ela é legal, não é

H: É, eu também acho que...

D: As vezes tem gente que é tem amiga que é lesbica, ai não fala nada dela, mas se vê outra é...

H: Mas a gente sempre, por mais que a gente esteja falando, sempre, rola, eu cansei de ver viado na rua, mas tipo assim aquela coisa escrachado você olha e fala, você comenta, igual tem uns que você não deixa de comentar que já é demais, tem gente que é extremo tipo assim...

E: "Ai amiga".

H: Mas, mas é... ah... mas igual assim você, as vezes ate bom pra você, igual eu se eu tivesse uma amiga assim, que saiba, ate hoje eu não descobri nenhuma que seja sapatona , mas se eu descobrir, nem por isso vou deixar de andar com ela, ah não imagina se ela começa a gosta de mim (não entendi)

A: Mas essa pessoa você já conhece ela, mas se você vê outra na rua...

H: Agora tipo assim, se você vê a outra (não entendi) sempre rola aquilo você vê uma pessoa na rua, ah você sempre comenta, entendeu? Mas tem outros não, outros (não entendi) tem uns que não tem como você deixar de comentar, você vê aquilo, eu acho...

A: Só sei que (não entendi), falam meio mal daquela que é, mas não conhece, comigo por exemplo, já aconteceu eu não conversar com a pessoa (não entendi), depois que eu conversei, virei amiga dela , eu comecei a gostar e (não entendi) completamente diferente, acho que a gente não tem que falar mal das pessoas sem conhecer, você tem que tentar sempre ser amigo e se, assim sim se não der certo

H: (não entendi) Se for bom pra você, se você acha que é bom pra você (não entendi) você continua se não, você ta vendo, ta me levando pro mal caminho... é... vacilando, não ta combinando comigo (não entendi) ai você afasta.

L: (não entendi)

H: Eu acho que não, por que igual as mulheres que são gays, a gente sempre (não entendi) ele é gay (não entendi), mas tipo assim você acaba ficando amigo (não entendi) você acaba gostando da pessoa, entendeu? E acho legal (não entendi) pelo menos os meus amigos gays (não entendi)

A: (não entendi), e falar mal por ela ser diferente (não entendi) nem sempre acontece, quando ela chega pra conversar eu converso normal com ela...

L: Vocês, você falou ai da (não entendi) que não gosta ou não de uma pessoa (não entendi) e os preconceitos que a gente ta vendo neh que surgem vocês acham que eles tem influencia, pela televisão, pela internet?

B: eu acho que, eu acho que é mais (não entendi), por que a maioria das pessoas tem uns hábitos de outras coisas, e tem outras que tem outros hábitos, ai por exemplo, uma pessoa que tem o habito de sair muito, ela não vai se socializar com uma pessoa que não sai muito, que é mais caseira que as coisas assim entendeu? Eu acho que ai sofre muito preconceito, ai você não vai sair com ela, por que ela é parada, ela gosta de ficar mais em casa, ela não vai querer sair comigo.

H: Eu acho que tem dois, o lado (não entendi) do preconceito, e o lado bom, por que (não entendi), por que se fosse todo mundo igual, não ia ter essa coisa ah... melhor amiga minha, entendeu? Não ia rolar essa diferença, não ia ter aquela coisa tipo assim, você tem uma melhor amiga, ou outro colega só, ia todo mundo sair todo mundo, pra você reclamar, você ia reclamar da pessoa dela se ela é a mesma coisa que eu, ai eu acho que isso todo vem dessa diferença de cada um.

A: Acho que a internet (não entendi) influencia muito, pelas, pelo site como Orkut que tem várias comunidades que são a favor ou contra homossexual ou (não entendi) eu acho que influencia muito isso, é..., tem padrão de beleza também, sempre afeta assim essas coisas, e eu acho que a internet influencia muito pode gerar mais preconceito.

H: eu acho que essas coisas de site essas coisas de comunidades de Orkut, ei acho que é uma coisa que bem colocou a... violência essas coisas assim, muito, igual a comunidade "eu sou contra homossexuais", é acho que é uma coisa tipo assim, você pode ate se expressar, expressa de uma outra forma, por que site de internet voce coloca la, tinha que ser proibido mesmo, você quer se expressar, se expressa de outro jeito, isso é uma coisa muito ridícula, ai a pessoa acaba ficando mal quem é, e tipo assim, acaba ficando mal por que você ta la num site de relacionamento, você

conhecia as pessoas neh, você se sente humilhado você entrando vendo aquele monte de coisas lah, falando mal... você pode não ser assumido, por exemplo, tem gente que não assume neh.

B: Com medo de sofrer preconceito

H: É, com medo de sofrer preconceito, agora você entrar no Orkut e facebook foi tudo criado pra amizade mesmo, pra você conhecer as pessoas, você ter um meio de comunicação que não seja o celular, as pessoa (não entendi) pelo MSN, internet, mas agora a pessoa que e entra e vê um monte de coisas, eu acho que não tem o nome escrito, mas fica uma coisa publica, como se fosse você mesmo sendo colocado ali entendeu? Ai fica chato, eu acho qe tinha que muitas coias ser proibidas, que não, muito difícil agora, você fazer isso tudo, mas sei la eu acho que(não entendi)

L: No grupo dos meninos se um gay quiser entrar (não entendi) no grupo o que, que acontece?

E: Po cara, eu aceito numa boa, igual, agora se começar a mexer comigo eu me sinto incomodado.

C: Não, acho que assim, tem que respeitar. Tanto a gente tem que respeitar ele, quanto ele tem que respeitar a gente.

E: Dá pra conviver numa boa, sabe? Sair e tal.

C: Igual, tipo aqueles caras que: Ai gatinha, não sei o que (inaudível). Aí é cruel.

E: Isso incomoda muito, pó cara, fica na sua ai, que a gente pode conversar sobre assuntos e tal.

H: É, ele sabendo que você não gosta, ai tudo bem. Se você falou...

C: Você sabe o que ele gosta e o que a gente não gosta.

E: Inaudível.

Prof.: Em relação às liberdades que vocês tem para se relacionarem com pessoas, seja em nível de amizade ou em nível de relacionamento de namoro. Assim, como é que a família de vocês se posicionam? Tem muitas restrições ou não tem restrição nenhuma, é tranquilo, é, é sair com namorado ou sair com grupo de amigos. Como é que é?

D: A minha mãe é tranqüila, ela deixa eu namorar, ela deixa eu fazer tudo. Ai tipo, meu pai...

Prof.: Deixa fazer tudo?

D: Não, mas ela é tranqüila, sabe? Ela deixa eu namorar, ela deixa eu levar o menino quando ela tá em casa, ela deixa eu levar o menino lá em casa para poder conhecer e tal. Mas tipo, meu pai não, meu pai em questão de amiga ele não liga não, mas de menino ele acha uma coisa de outro mundo, e ele acha que seu eu me aproximar de algum gay, alguma lésbica, eu vou virar outra pessoa. Meu pai é muito assim, sabe?

Mas é tipo assim, é, não é que ele tem preconceito, ele só fala pra mim afastar de algumas pessoas que é demais, entendeu?

H: É, mas toda mãe é assim, tipo assim, vou levar uma amiga lá em casa. Minha amiga chegar lá, escrachar, abrir a boca, minha mãe não vai gostar, entendeu? Ela não vai falar na hora, mas assim que ela sair, e passar um tempo, minha mãe vai virar e falar assim: Ah não. Não quero, porque eu fiquei sabendo de alguma coisa. Porque mãe sempre descobre. Eu tive vários amigos que minha mãe descobriu coisas que eu nem sei de onde que ela tirou, como é que ela descobriu. Mas, ela descobriu. Agora minha mãe é liberal, assim, deixa eu sair, mas igual ela falou, a partir do momento que eu te dei liberdade e você vacilar, vai ser a última vez, entendeu? Igual, eu saio, vou para show, para tudo sem ela na minha cola, mas ela não dá importância, tipo assim, ela falar...

Prof.: O que é vacilar?

H: Tipo assim, fazer alguma coisa...

Prof.: Conceito dela.

H: É, fazer alguma coisa errada, tipo assim, eu sai, ai ela descobria que eu usei, usou droga, alguma coisa, chegar em casa muito ruim. Ai...

A: A minha mãe é super liberal, mas ela só não gosta que eu saia com pessoas que ela sabe que fazem alguma coisa errada, assim, demais.

H: Eu acho que toda mãe é assim.

A: Assim, por exemplo, eu gosto de beber, tenho amigas que bebem, tenho amigas que não bebem muito. Ela já acha que...

H: Já fica olhando com outra cara.

A: Ah! Ela até deixa, mas que ela confia em mim. Ela é meio liberal, deixa eu sair bastante e tal, mas ela sempre fala né, as coisas que tem quer ser ditas.

H: E tem influência né?! Mesmo você falando que não. Ah! Eu sou eu, mesmo eu não fazendo, eu não vou ser. Mas sempre tem aquela pessoa, tipo assim. Aa prova, que não sei o que, é só isso, não vai acontecer nada não, é só um pouquinho, bebe isso, que não sei o que. Sempre tem aquela coisa, entendeu?

B: Acho que essa questão de namoro, pai e mãe é bem assim, bem rígido sabe? Mas em questão de amizade, quando você tá namorando. Eu acho que você larga um pouco suas amizades de lado. Em questão assim, por exemplo, você não vai ficar falando mais de meninos, você não fica tocando mais em assuntos de meninos, de... Ah! Que aquele menino é bonitinho, não sei o que. Você vai tocar, você vai tocar mais no assunto de, sobre namoro, como é que tá. Você vai querer falar mais sobre como vocês dois estão.

H: É, mas o bom mesmo é quando você tem liberdade com sua mãe. Você conversa com ela, entendeu? Ai tipo assim, igual eu, eu, eu, seu eu fizesse alguma coisa de errado, é lógico, ninguém faz coisa de errado e chega na mãe e conta assim, ninguém. Não é possível que existe uma pessoa assim. Eu, se eu fizesse alguma coisa de errado, eu não ia chegar nela e falar: Mãe, fiz isso. De cara entendeu?

D: Ah! Não.

H: Você demora um tempo pra falar.

D: Ah! Depende da coisa, é... tipo, quando eu, eu, eu já... Quando eu bebi, eu bebo né?! Quando eu bebo. Ela sabe que eu bebo. Ai uma vez falei assim: Ah mãe! Eu falei mesmo na frente dela. Falei: mãe, eu bebo. Só que eu não gostei não. Só que eu falei baixinho. Ai, mas ela não tem problema comigo. Sabe? É melhor eu falar, do que ela ficar sabendo por outra pessoa, entendeu?

H: Aa, é tipo, eu falo, eu falo tudo, mas desde que eu chegue em casa. Não tem explicação, por exemplo, se eu chegar em casa bêbada, minha mãe não vai querer nem escutar. Na mesma hora ela vai olhar pra minha cara e falar: Amanha a gente conversa. Ela vai perder o tempo dela conversando comigo ali, entendeu? Mas essa coisa, igual mesmo outra coisa é, você ter liberdade com sua mãe, poder contar tudo, você conversar, porque acho q isso que gera tudo que tá acontecendo. Muitas meninas...

A: Eu acho q a liberdade que tem de falar com os pais é essencial, até pra você formar sua cabeça.

H: Muitas meninas cedo.

B: Muita falta de conversa, falta de diálogo de pai e mãe, porque a gente tem mais liberdade com amigo do que com pai e mãe.

H: Mas eu acho também que, julgar, tipo assim, conversa. O fato da mãe conversar com a filha é muito ruim, tipo assim. Éé, eu tenho prima, que não adiantou nada minha tia ficar m em cima dela, ficar conversando com ela, que hoje não tem mais jeito, entendeu?

B: Tipo assim, se você não aprende dentro de casa, eu acho q você não aprende do lado de fora.

H: Não adiantou ela conversar desde cedo.

A: Eu acho que é necessário a conversa dentro de casa mesmo. Até porque quando a mãe proíbe tudo, você não vai deixar de fazer as coisas quando proíbe.

H: Mas ai, é pior né?

B: Ai, você vai fazer escondido.

A: É pior proibir. Você tem que conversar. Você vai fazer escondido, vai fazer pior, porque você não vai conversar. Ah, eu acho que o papel dos pais, aí, tá em ensinar e

de mostrar qual que é o melhor caminho, e não em proibir, dizer que não. Você não vai entender, e querer fazer pra ver como é que é. E, igual assim, você pode até fazer alguma coisa que não e legal, mas aí você conversa, conta e sua mãe te... fala o que é melhor pra você.

H: To querendo falar assim, você julgar, tipo assim, a minha mãe por por não ter conversado comigo, é uma coisa que não... sem noção. A mãe pode conversar, entendeu? Ela pode passar a vida inteira conversando com a filha, mas, a decisão é da pessoa. Entendeu? A minha mãe pode conversar comigo até a noite, mas se eu quiser sair daqui agora e não comer, ou fumar maconha, eu vou fazer isso. Ela não vai tá comigo. Falou, falou, mas eu quis ir.

A: Mas aí, a influência que sua mãe vai exercer sobre você, é , pode ajudar.

H: Mas aí então, mas aí (inaudível)

B: Inaudível.

A: Não é (inaudível). É conversar pra mostrar o que é melhor.

B: É auxiliar.

H: É, mas várias vezes também, tem aquela coisa. Ah não! Aquela menina engravidou cedo. É lógico! A mãe dela não conversou com ela. Pode, as vezes, a mãe dela pode ter conversado com ela atéé... Pode até...

A: Pode ter quebrado o tabu né? Porque...

H: Pode ter proibido ela de fazer várias coisas, ter conversado com ela muito. Mas mesmo assim.

B: Mas, se ela tivesse auxiliado ela antes, talvez isso não teria acontecido.

H: Então, pode ser que sim. Ah! Ela tem a opinião dela. A mãe dela pode ter conversado muito bem com ela, entendeu? Mas ela pode fazer alguma coisa. Igual eu, minha mãe conversa um monte de coisa comigo... Eu posso chegar amanhã e fazer o que eu quero, entendeu? Assim...

L: **E... As pessoas que vocês saem assim, tem marcas comuns assim, tipo roupa, piercing, tatuagem?**

C: Inaudível.

Alunos conversam (risos)

E: É sim, porque, como eu vou falar? É um grupo de jovens assim, que fizeram alguma coisa assim, é, o que eles tem em comum. Tipo, é uma música, que saem com as mesmas intenções e tal. Ai tipo, a gente tem um estilo assim, de se vestir, entendeu? Ah! Que cara. Você usa brinco, cordão, pingente, essa coisas todas e tal, essas coisa e tal.

Prof.: Boné pra trás.

E: Nem sempre boné pra trás.

H: E, até porque, acho que algumas características agora virou moda. Tipo assim, , a pessoa gosta, coloca, entendeu?

C: Mas também não é assim, todo mundo. Todo mundo junto assim, tem a mesma... veste as mesmas coisas não.

E: O caso, a maioria é assim. Veste tudo. Não é uma coisa obrigada, entendeu?

A: Eu acho que cada um tem seu estilo. Tem uma pessoa mais simples, a outra mais, gosta de se arrumar mais. E tudo no mesmo grupo.

C: Roupa que ela não veste não.

E: Inaudível.

H: Enquanto você é amigo, amigo de verdade, você sempre (inaudível)

Prof.: E vocês meninas?

I: Assim, as pessoas que eu ando, normalmente é o mesmo estilo de roupa. Mas não é exatamente a, andam, todas as pessoas desse grupo, usam arco na cabeça. Não. É mais ou menos o mesmo estilo de roupa. Mas não tem mesmas características marcadas.

Prof.: E você Larissa?

J: Não, eu acho que (inaudível)

Prof.: Mas que característica que é essa, por exemplo, que seu grupo tem igual, que você conseguiria identificar assim. Esse é assim, é esse o meu grupo.

I: Assim, as características do meu grupo não tem nenhuma marcada assim, é mais por afinidade mesmo. Tem pessoas que são super parecidas.

L: Inaudível.

I: Não. Tipo, modo de pensar, modo de agir (inaudível). Tem Tem pessoas que são super parecidas comigo, tem pessoa que não tem nada a ver.

H: É, tem coisas materiais que eu acho que, a gente não pode olhar muito para isso não, sabe?

A: Que o gosto é de cada um né?

H: Porque o gosto é de cada um, igual (inaudível)

A: Assim, como a gente tava falando antes. O grupo doa rockeiros e o grupo das pessoas que não gostam de rock, é diferente. Os rockeiros usam mais preto, tem essas coisas. É até por, pelas bandas, pelas coisas que segue. Agora, acho que ,pelo modo de pensar não tem muita diferença, entendeu? Como se vestem e o modo de pensar.

Prof.: Mas, se vocês fossem assim, separar o grupo de amigos de vocês, você conseguiriam assim, identificar algumas, algumas, algumas coisas em comum. Algumas características que sejam em comum entre você e aquelas pessoas?

L: Características...

E: O assunto, o assunto.

C: Ou a saída pra onde?

E: É. Pra onde?

C: O lugar, eu acho que a coisa mais assim, é...

Prof.: Pra onde vocês saem? Ou o que vocês conversam?

H: É gosto.

Prof.: Os amigos que vocês tem em comum.

C: Vestir, alguns se vestem diferente. Gostar de um tipo de música, que gosta diferente, seguir uma banda.

B: Eu acho que o que vale, é o que a gente gosta de fazer. (inaudível)

Prof.: E o assunto:?

H: Festa.

E: Pô cara, ai depende.

C: Festa, futebol (inaudível)

Prof.: Vocês acham que o assunto que o grupo de vocês mais conversam, são as coisas que vocês mais gostam de fazer? O que vocês disseram: sair, viajar, namorar, jogar futebol... Vocês disseram?

Todos: Sim

E: Com certeza

PROF.: (inaudível)

H: Roupa também é uma coisa, menina tem muita coisa de roupa assim

B: Sapato, gosta de discutir que roupa seria melhor pra sair, essas coisas assim, combinar de sair com a mesma roupa.

H: É... nem que tenha que ligar

B: Pergunta ah você vai de que? Vai de vestido? Eu também vou.

H: Voce vai de vestido e a outra com calça, acho que vai sentir frio. E você já muda também.

B: vai de vestido comigo só pra eu não ir sozinha.

H: Ah... mas, você vai de vestido

B: É, vai de salto?

H: Vai as duas morrendo de frio

B: Vai as únicas a ver.

H: Se sente frio não senti uma só.

L: Vocês sabem de alguma coisa que vamos assim chamar de serio?

E: ã?

TODOS: Risos

L: Tem algum assunto que vocês acham assim serio? Que vocês discutem quando vocês saem?

A: Ah... drogas acho que...

C: Tem hora que a gente discute, mostra que...

D: Tem hora que nossos pais não sabem, assim, tipo segredo, é muito serio, não posso falar agora (Não entendi)

H: Ah isso...

TODOS: Risos

E: Tipo, num num grupo assim, geralmente você tem uma certa pessoa que você tem aquela confiança, transmitir pra aquela pessoa, conta pra aquela pessoa que vai guardar o meu segredo e ainda vai me ajudar, entendeu? A gente conta e pô eu fiz isso, isso, isso, e aquilo cara, nossa senhora, muito grave e não sei o que, uma coisa fora do comum, se você não costuma fazer, as vezes você vai e conta.

H: Seu pai vai achar um absurdo, pro seu pai jamais contaria,

A: É lógico...

H: Você contaria pro seu amigo, mas pro seu pai jamais.

B: Alguns segredos, algumas burradas que você faz.

H: Você dorme com aquilo mas você não conta, neh...

PROF.: Então vocês ate já falaram assim um pouco daquilo que vocês conversam antes de sair, e quando vocês saem, quando vocês estão na balada, o que vocês conversam?

E: Ah..., o... depende de assim...

H: Ah na balada a gente não conversa.

E: olha só as vezes tipo, a gente, a gente ta, meu grupo é assim, a gente vai pô entra lá na festa e tal, quando a gente ta (Inaudível) começa a dança, ai fala, pô vamo da uma volta? Quando fala vão da voilta, que dizer vamo chegar nas meninas?

TODOS: Risos

E: É assim...

H: Ou se não tem aquela que você acha (não entendi) aquela é bonitinha, vou chega la, e nego vai la e chega.

E: Sabe qual é o problema é quando forma aquela roda de amigas, se a pessoa chega sozinha, vou ter que entrar na roda, vai da aquela confusão e tal,

C: Você chama o outro, você chama o outro.

E: é difícil você entrar naquela rodinha que elas estão.

B: na hora de pegar (não entendi), pega todo mundo junto

E: Se toma toco

B: Na hora de toco, toma toco todo mundo junto.

C: Ou fica ou toma todo mundo.

H: Elas combinam de dar toco tudo mesmo tempo.

E: Combinam

L: Alguém quer falar mais algumas coisa?

L: ENCERRAMENTO DO PRIMEIRO BLOCO

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO 2

L: Vamos lá, vamos dar seqüência na (pausa) nas entrevistas, ao , só relembrando a gente falou neh, no primeiro, primeiro bloco, sobre a questão das convivências, dos grupos, o que que leva a gente estar junto com o outro e outras questões que vão aparecendo naturalmente neh. Ai só, só retomar duas questões ééé..., para ver a opinião sobre essas questões pra gente ta retomando alguma (inaudível) , que a gente achou. Uma é em relação, a gente teve uma vez que perguntou sobre o dinheiro, o que que faz com o dinheiro, então apareceu apareceu ééé... Quem se manifestou dói com relação do uso com coisas pessoais, com compras eee... O lado ééé..., ninguém manifestou sobre o lado social do dinheiro e das necessidades de cada um, de de prioridades que dão ao dinheiro, (inaudível) , e quero que vocês comentem sobre isso.

C: Como assim social?

L: Social é assim ééé primeira ééé... Eu uso pra... Pra minha necessidade, pra me embelezar só, pra comprar uma roupa bonita, isso tem uma representação social uma estética, prioridade é estética, ooo... Que também, que também é social. Outra éé... Não, não gosto de (inaudível) dinheiro porque tem necessidade, a vida é apertado ou não é, então o que eu ganho é restrito pra não, pro prazer (inaudível) mas eu uso pra outros fins também, eu consigo neh.. ooo... eu acho não, acho legal quem (inaudível).

C: Eu acho bacana você ter, você comprar o que você ta querendo, mas também assim fica esbanjando, por exemplo você tem muita camisa e você compra mais por que você não quer usar aquelas que você tem, ai eu acho...

A: Só pra mostrar o que você pode, acho que às vezes pode ate chegar humilhar alguém, por não ter dependendo da situação do lugar neh... eu acho que faz parte, tudo bem, tem gente que tem dinheiro tem gente que não tem e ai uma pessoa (**pausa**) pode comprar e outra não, mas... não é legal

você fica querendo mostrar o que você tem e... (inaudível) ate deixa outra pessoa deprimida sacó?

L: Você deixar de usar alguma coisa conforme o local que você vai conforme o grupo?

A: Geralmente ééé... mesma condição social eu acho que as pessoas que eu convivo geralmente, é lógico que não tem muito isso.

B: É e acho que depende, tem ocasião que você não vai usar uma roupa que num, num te nada a ver. Tipo você ir pra uma festa de casamento e uma festa diferente (inaudível) acaba mudando o jeito da roupa, e dinheiro também acho que depende de cada um (inaudível), todo mundo gosta de roupa, mas ai chega tipo assim, tem aquela roupa, mas ai você ah... não gosta mais dela, ta usando ela, ai você vai preciso de roupa, menina tem essas coisas toda hora à gente precisa de uma roupa, nunca tem, tem pode ter muito, mas sempre fala que não tem **(risos)**, quer comprar mais neh...

H: Ah (inaudível) tem dinheiro, só não acho que não tem necessidade para se esbanjando também neh, jogando dinheiro fora com certas coisas.

J: eu acho que esbanjar dinheiro é muito ruim, que por exemplo eu não faço (inaudível), tenho que uns cuidados com que eu vou gastar por que por enquanto o dinheiro que eu tenho não é meu é dos meus pais, por que eu não trabalho, então eu tenho consciência como que está (inaudível) por que não é fruto do meu trabalho aquele dinheiro.

M: Eu também sempre tive uma noção, bastante de como gastar meu dinheiro, quando comecei trabalhar no bicjunior, que eu to tendo meu próprio dinheiro assim (inaudível) que eu mesmo consegui, e... e como (inaudível) meio pobre neh **(risos)** eu, o dinheiro que eu ganho eu tenho que racionar entre passagem, a comida quando eu não to em casa (inaudível), e sempre eu conto às partes que... a passagem, é dinheiro para comer alguma coisa, que eu to querendo e o que sobra eu guardo. Eu sempre tive que lidar, saber lidar com meu dinheiro e até com o dinheiro que os outros me dava (inaudível), por isso que eu sempre to com com algum dinheiro guardado, por que eu sempre tive

uma noção de como gastar, como segurar ou então às vezes (inaudível) chama de mão de vaca, (inaudível), mas eu to certo eu acho que eu consigo segurar meu dinheiro por um bom tempo, mas eu sei quando ta sobrando, eu não to precisando de mais nada, fim do mês assim por exemplo, ai eu compro uma outra coisa que eu to afim.

A: Eu não gosto de gastar muito pra comprar as coisas assim, roupa e tal, ate porque minha mãe falou pra mim (inaudível) que me preocupo muito, mas e gosto, tenho meu dinheiro eu uso pra sair guardo quando tiver uma festa, alguma coisa assim, tenho que comprar alguma coisa.

H: Eu acho que quando a gente tem dinheiro assim que (pausa) faz a gente ganha, a gente num tem muita noção de gastar não, agora quando a gente conquista eu acho que a gente...

B: Quando trabalha

H: ééé... a gente trabalha, a gente trabalha pra ter eu acho que a gente ver o quanto assim gente gasta com as coisas, a gente tem mais noção com, como gastar e com que gastar.

B: é minha mãe sempre fala (inaudível) ai eu peço dinheiro ai ela vai e dá mas ela fala só quero ver quando você tiver trabalhando você vi querer bolsa de (inaudível) reais você não vai querer pagar aquilo, ela sempre fala

L: (você ligou esse ai neh) Ela tinha falado éé... (inaudível) do modo de se vestir, (inaudível) o do do modo se, se mostrar neh e levar a humilhação ela usou essa palavra, dor, da pessoa se sentir oprimida, o que vocês acham disso?

C: Mas você tem que saber o que você vai usar, tem certos lugares que você vai, por exemplo uma festa de uma pessoa que é mais carente e tal, você não vai colocar um vestido... super... diferente e tal, que dá pra ver que é caro, que ai todo mundo vai te olhar até assim meio estranho, vai se sentir mal, por que não tem aquilo, não pode ter aquilo, eu acho que nessas situações tem que ter noção assim, mas pra sair geralmente são as mesmas roupas assim

que as pessoas usavam pra sair pra algum lugar (inaudível) geralmente é a mesma coisa, eu acho ...

B: se não a pessoa fica ate sem graça neh de chamar, tipo assim vou chamar ela pra sair comigo eu, ela toda arrumadinha, eu num tenho condição de comprar ...

C: não que você não possa usar as coisas que você, já que você tem condição tudo bem saco, usa o que você pode, mas... tem que tomar cuidado eu acho.

L: É... tem alguma coisa eu vocês fazem, assim que (não entendi) vou esbanjar dinheiro?

A: Ah... tem dia que é bom, você ganho...

B: Mas ai você fala com (inaudível) tipo assim hoje eu to tendo então... mas ai você (inaudível)

H: Não, é...

L: E gasta com que?

H: Quando você ganha você não sabe que sacrifício que você passa pra pode ter aquilo neh, mas quando você conquista você, assim você tem noção do que que você passou pra ter aquilo, eu acho que você tem que ter noção um pouco das coisas do que você vai, que você vai gastar.

B: Eu acho que assim que esbanjar pode até esbanjar, mas não daquele jeito de ofender a pessoa, tipo assim acho (não entendi) vai sair, vamos sair comigo hoje e to podendo (não entendi), hoje to com não sei quantos na carteira, não assim, mas tipo assim você chegar com vão sair hoje eu ganhei um dinheirinho ta não sei o que, vão sair (**risos**) ai você fala, mas acho esse jeito assim de ofender a outra pessoa não. Mas por brincadeira sabe de (inaudível), ganhei mais dinheiro hoje da pra mim comprar aquela coisa, beber aquilo.

L: vocês costuma quando vocês saem, tem gente que não tem dinheiro nenhum?

C: A gente mesmo ta sem dinheiro e o outro (inaudível)

A: Sempre tem

B: tem, tem sempre um amigo assim, tem sempre um amigo... não, não hoje eu tenho empresto

H: Sempre, sempre estamos tentando fazer uma vaquinha (**risos**), tem sempre um que sai na aba dos outros.

C: E vai assim, tem dia que você ta com mais tem dia que ta com menos, depende da medida do possível

L: Mais alguma coisa sobre isso?

Prof: E vocês?

I: Ah... acredito que que eles meio (inaudível) falaram...

L: Bom... O que vocês acham assim da da vida, do mundo de hoje da forma que vê, o que vocês acham?

C: Eu acho que tem muita desigualdade...

L: Fala só mais alto um pouquinho, pra...

C: Tem muita desigualdade, eh... dessa questão de um ter muita coisa e outro não, acaba separando o grupo também... as pessoas...

L: isso incomoda?

C: Ah... com certeza.

H: Incomoda por quem esta sendo excluído neh... (inaudível)

C: Incomoda também quem ta passando por dificuldade muito grande, as pessoas que moram na rua, por exemplo, os catadores de papeis, a gente vê a dificuldade das pessoas (inaudível) até mal, pensando às vezes, eu penso

que eu quero comprar uma blusa, que é cara, eu fico pensando naquelas pessoas que não puderam comprar nada, aí eu, a gente acaba sentindo mal com isso.

H: Não, acho que a questão de desigualdade influencia muito, mas não é questão de desigualdade é o jeito de como a pessoa trata essa desigualdade. Existe... Existem pessoas muito ricas que gostam de (inaudível) que gosta de mostrar que tem direito, que podem comprar isso, ah você não pode. E as pessoas que são ricas e não sentem nem um pouco superiores por isso. Tem pessoas pobres que acham que (inaudível) são vítimas. Tem pessoas que correm atrás, tanto a desigualdade financeira quanto os outros tipos é o modo como você lida, pois sempre irá haver desigualdade, por que ninguém é igual nesse mundo e cada um age e pensa de forma diferente, então é...

A: Não tem como acabar com a desigualdade, tem como amenizar neh, por que... mesmo se as pessoas ganhassem o mesmo salário, a pessoa, trabalho diferente, fosse... Socialista assim, eu acho que cada um gasta o dinheiro de um jeito, e sempre, sempre vai haver desigualdade mesmo assim.

B: Ah, mas ah é igual essas paradas de roupa, essas coisas, às vezes a pessoa pode não ter muito dinheiro, mas tipo tem aquele tênis da moda, aí, sua mãe tem condição de comprar seu tênis, você compra, mas você tem sempre aquela coisa, o cara tá com a roupa inteira com roupa de marca, aí você já julga pela roupa, aquele menino deve ter dinheiro pra caramba ele tá usando aquela roupa e tal, só por que é de marca, mas hoje em dia acho que tem muita diferença sabe, só que acho acabou isso, você não tem como julgar as pessoas por causa da roupa, por que hoje em dia até uma pessoa que não tem muita condição acaba tendo dinheiro para comprar um tênis que é da moda, assim que é de marca, entende.

(inaudível)

A: Sempre tem gente que corre atrás às vezes não consegue por causa (inaudível)

Prof: Como que vocês vêem que não tem condição de comprar o tênis como... como assim... como vocês explicariam isso?

M: Parcelando um milhão de vezes.

B: Ah, não, é ... tem gente que parcela, mas tipo assim você sempre consegue tipo assim pó, é ..., igual tem gente que trabalha, ah (inaudível) quero comprar um tênis (inaudível), igual tem muito gente que faz isso compra parcelado entendeu, então você acaba comprando, hoje num da sempre (inaudível), ta com a roupa inteira de marca, tênis de marca calça blusa de marca, você já olha e fala (inaudível) usando só roupa de marca deve ter dinheiro pra caramba, mas às vezes não, às vezes tem mil anos atas que ele comprou a blusa e depois comprou a calça, mas ele sai tudo do mesmo jeito agora com roupa e marca, ai a pessoa já julga, a não a pessoa tem dinheiro, sabe, vai ver ele que demorou um tempo pra comprar uma blusa depois ele comprou uma calça.

H: Totalmente diferente de uma pessoa que tem dinheiro, você pode ver, às vezes tem pessoas que sai três vezes no mês e compra uma blusa diferente, roupa diferente neh. Agora quem não tem condição compra uma vez no mês, entendeu? Totalmente diferente.

L: então eh, o que vocês acham que, o que que leva a pessoa mesmo ela,ela avaliando que aquilo é caro, pra ela é caro, priorizar aquele (inaudível)?

A: Ela se sente mal por vendo todo mundo tendo as coisas e ela não.

H: Ela se senti mal, é..., não se sentindo bem, ela não se sente... ela não se sente bem sendo ééé... igual aos outros, ela sempre quer ser melhor.

B: Eh (inaudível) às vezes é ganância de mostrar que tem, tem melhores condições que a outra pessoa.

L: Querendo mostrar pro outro?

A: Pra todo mundo neh.

Prof: O que diz respeito em melhor condição, vocês referem o que?

B: Dinheiro, você ter mais condição de compra o que você quer, do que a outra pessoa que trabalha dia e noite e não tem. Se eu não tenho minha mãe, não vai, não ter muito dinheiro, e a mãe dela for diferente, a mãe dela é isso ou aquilo e ter dinheiro pra caramba, ela pode sair, guardar dinheiro, comprar o que ela quiser, igual eu, não minha mãe tem que ficar ai trabalhando pra comprar uma blusa, uma calça, ai é diferente.

C: Tem gente que sai bem vestido porque gosta, compra roupa de marca assim, tem melhor situação financeira, mas usa porque gosta, agora tem gente que tem necessidade de mostrar que assim que tem condição, que só anda com coisa de marca.

B: que acaba que tem que mostrar que tem dinheiro, só pra fazer...

C: Mas tem gente que não, que assim, prefere usar, as pelo estilo do que pelas marcas. Às vezes compra assim uma coisa que não é de tanto marca assim e mesmo preço, mas mais pelo estilo mesmo, de gostar de sair bem.

L: Quando você sai com uma roupa de marca, o que você acha da reação das pessoas?

E: Ah! Cara, pó... Quando você sai com roupa de marca, nego te olha diferente neh!

M: (inaudível)

E: (inaudível)... Tem gente que te visa também, fala mal também. Mas nego já fala é cara ta usando essa roupa neh, nossa ta esnobando todo mundo, que não sei o que, e tal...

H: tem gente que passa te olhando

E: E tem até uma questão que, tem algumas meninas também que te olham diferente por que você ta usando tal roupa, entendeu? Pensa que você

tem aquela condição, entendeu? Essas coisas e tal, ai que mora, se bobear isso, entendeu? Essa necessidade da sociedade. Eu vou ser sincero, eu às vezes eu gosto de esnober o dinheiro. Pó você tem o dinheiro ali, eu gosto de comprar, pó eu gosto, se eu posso comprar aquela roupa ali a mais barata às vezes é mais bonita que as mais caras. Às vezes eu sou ate meio babaca, meio ignorante, em pensar em comprar a roupa mais cara só para falar que é mais cara, entendeu?

L: Por que você compra o que é mais caro?

E: Ah! Cara... Eu acho que é necessidade de mostrar mesmo.

A: Às vezes mostra uma coisa de superioridade também de certa forma a pessoa com dinheiro parece ser superior do que a outra que ta sem dinheiro. As pessoas vêm ela de outra forma, entendeu? Vocês tem duas pessoas ali, ela esta super bem vestida e a outra esta de qualquer jeito assim, relaxada, ai você vai olhar com outros olhos pra pessoa que ta bem vestida. Você vai achar... Sei lá... Vai pensar coisa melhor dela e tal. É uma coisa ruim, mas... Eu acho que é o que acontece muitas vezes.

L: vocês acham que então a maioria das pessoas tem essa mesma opinião, mas mesmo assim valorizam quem está bem vestido, ou elas não percebem isso e valorizam as pessoas? E demonstram isso inconscientemente?

A: Eu acho que você está bem vestido, pra começar é... como primeira impressão, depôs você conhece a pessoa, eu acho que isso não importa mais. Eu acho que chama a atenção da outra pessoa pra vir conversar com você, alguma coisa assim. Por causa da roupa, mas...

H: Eu acho que eu valorizo as pessoas pelo que ela é, e não pela roupa, pelo sapato jamais.

A: AH! Com certeza, assim, eu digo as pessoas em geral, geralmente olham se você está bem vestida ou não.

H: Mas que existem pessoas que preferem estar com outras pessoas, que por exemplo, da mesma classe do que ela, existe.

L: **Você acha que as pessoas preferem andar com um grupo da mesma classe social?**

H: Com certeza.

B: Nem todo mundo.

M: Não, a pessoa se sente melhor com quem é da mesma classe social, só que aqui no colégio por exemplo, tem muita desigualdade, tem gente que tem amigo muito rico e amigo muito pobre.

H: Ela não faria é... uma, por exemplo, Ela não sairia com uma pessoa que tem poucas condições para sair, assim... A pessoa que gosta de exibir que tem dinheiro, que tem condição, ela não sairia com uma pessoa que não tem condição, entendeu? Porque senão, ela saberia com certeza que ela teria que bancar a outra pessoa se ela quisesse fazer alguma coisa com ela.

A: Ah! Os programas são diferentes, as vezes ela tem condição de ir sempre em um lugar mais caro, que a outra não vai poder ir. Isso acaba formando as classes e os grupos. Porque ela vai acabar saindo com as pessoas que podem fazer o que ela quer e o que ela pode também. Quando a pessoa não tem dinheiro, não pode ir, ela acaba se afastando da outra que tem dinheiro. Por isso acho que convivem mais, as pessoas de mesma classe.

Prof.: **Se vocês fosse em um local, um ambiente que o custo não seria o fator diferenciado, assim, de graça? As pessoas iriam no mesmo espaço?**

H: Acho que sim.

B: Eu acho que não. Mas quem tem é... é da melhor classe social. Eu acho que não.

H: Ah! Se ela gostasse, sim. Seria bem difícil.

B: É. (Inaudível)

L: **Você acha que o que marca a classe é fundamentalmente o dinheiro?**

B: E o lugar também né?!

C: Mas os lugares acabam influenciando no dinheiro.

B: É, que tem uma diferença, você ir no lugar onde você vai pagar caro, e você entrar em um lugar que está aberto. Então, tipo, sei lá se...

L: **E de estudar, a possibilidade de estudar?**

B: É, eu acho que por isso que divide muito o rico do pobre, entendeu? Quem tem pouca condição, quem tem muita condição.

M: A gente, no colégio faz a gente incluir. Tem vários grupos, tem muitas pessoas que são ricas, e muitas pessoas que são pobres. Você estudando junto com uma pessoa, você não importa mais, você vira amigo da pessoa e não se importa mais se ela é rica ou pobre. Acho que isso não diferencia o seu grau de amizade com ela. Só que aí a gente vê quando você sai com a pessoa, a pessoa que não é tão rica, vai com roupa mais ou menos, e a pessoa rica, vai com roupa mais rica. Só que eu acho que botar um grupo de alunos que são diferentes no colégio, faz com que a gente não se importa tanto com isso mais.

A: Eu acho que é porque você vem aqui todo dia, você tem que conviver com a pessoa. Mas uma pessoa que mora no outro lado da cidade, você não tem um local que você sempre convive com ela, você acaba afastando porque vocês não frequentam os mesmos lugares. Mas no colégio, a gente está sempre aqui, sempre frequentando o mesmo lugar, você acaba ficando amiga de pessoas que são mais ricas e mais pobres também. Aí

acabam combinando de sair para lugares que todos podem ir, que não tem preconceito. Tem muita gente que é rica, só gosta de ir em lugar caro, lugar que é bom, que só andam pessoas ricas. E tem pessoa rica que vai em lugares que a massa mais popular vai também.

L: O que vocês acham mais importante na vida? (Inaudível)

G: O que eu acho mais importante? Ah! Tudo

C: No geral?

L: É.

B: Amigos.

C: Amizade, família, amigos também.

B: É, quando você tem amigo, você tem bastante coisa

H: Eu acho que quando você tem uma família é o mais importante. Assim, uma pessoa que tem, ela pode ter tudo, mas se ela não tiver família, ela não se sente bem. Acho que a principal base da vida é a família.

A: E acaba que a gente prefere sair com os amigos e tal, mas a família está sempre lá pra qualquer coisa, qualquer situação sempre. E assim, amigos, pode ser que numa hora você precise muito, mas ele não poder te ajudar. Mesmo que você erre, eu acho que família é o mais importante.

L: Depois, você concorda também que é a família?

J: A família é a pessoa que te dá a primeira base da vida. Porque as primeiras pessoas que você tem que conviver a partir do seu nascimento, é a sua família. Então é o primeiro lugar onde a gente recebe lição moral, a gente tem noção de respeito. As primeiras noções que a gente tem sobre o mundo, é a família mesmo.

L: Depois da família, o que vocês...

B: Os amigos

C: Os amigos.

A: Porque senão a gente se sente sozinho mesmo tendo a família

H: Os estudos também. Os amigos te deixam de lado e você vai ter que correr para os estudos e batalhar pelo futuro de sua vida.

M: Que isso! Você acha que os estudos é o mais importante na sua vida?

L: Fala...

H: Não. É.

L: Não fala para baixo assim não. (Falou para o Yan)

M: Não, porque ela falou que acha que os estudos é uma das coisas mais importantes da vida. Mas, tipo assim, coisa mais importante da vida, é aquela que você, sei lá, você corre risco de perder, assim, que vai te fazer falta. Mas se você perder seu estudo aqui na escola, por exemplo, você vai procurar outro. Tá ligado? Não vai...

H: Aí acabou.

M: É. Se todo mundo da sua família morrer de um dia para o outro, por exemplo?

B: Amigos, eu estou falando questão de amigos. Entendeu?

M: É. Amigo vai e vem. Família está sempre lá.

H: Família tem uma coisa.

M: Ah! Eu acho que em primeiro lugar.

B: Em segundo lugar, eu acho que seriam os estudos, porque os amigos, eles um dia vão crescer e vão ter a família deles e vão embora, entendeu? Agora não, seus estudos não. Seus estudos são uma coisa que você vai ter agora, entendeu? E vai ter para o resto da vida, isso não vai ter ninguém que possa tirar isso de você.

A: Eu acho que é muito importante, assim, você ter alguma coisa, tipo, você estudar, você saber fazer alguma coisa, pra você ter um meio social e poder ter os amigos no futuro também. Se você só pensar em amizade agora, e não quiser formar alguma coisa que você vai ter no futuro, eu acho que você, agora você pode ter amigos. No futuro não, porque eles vão estudar, vão seguir a vida

A: deles e você ficar pra trás. Aí você vai acabar sem eles, porque aí vai dividindo naquelas coisas das classes. Eles vão poder viajar, cuidar da vida deles, vão se casar e tal. Você vai ficar pra trás, porque aí você não vai trabalhar e tal, não vai ter estudado.

B: (Inaudível)... Tem amigo que você pode um dia se decepcionar né? Você sempre achou que ele era amigo e no dia que você mais precisa, que acha que ele está ali, e por uma bobeira, e família está sempre ali contigo com qualquer coisa, com a morte, com alguma coisa parecida. Família muito próxima sua, você tem sempre eles ali pra viver junto com você o que você tava passando naquele momento, então. E amigo você pode, um amigo até hoje, até hoje posso ter um amigo, e amanhã eu posso me decepcionar com ele. Família não, vai estar sempre ali contigo no que precisar. Pode, pode evitar as coisas ruins para você, mas também vai te mostrar as coisas boas. Mas amigos de vez em quando te levam para outros caminhos e você pode acabar se ferrando aí na vida.

M: Vai ter alguma coisa material que vocês acham que é importante assim na vida, sem ser família e amigos? Uma coisa material mesmo.

E: (Inaudível)

M: Você não entendeu não?

Todos: Risos

A: Ter uma casa eu acho.

B/H: (Inaudível)

Todos: Risos

B: Uma casa. Você ter uma casa é diferente mesmo.

A: Pode ser o pior lugar, mas é uma coisa sua. Você poder ter um lugar ali. Essas coisas né?

B: É, você constrói tudo, mas a base é a casa.

C: Casinha bacana... (Inaudível)

M/J/C: (Inaudível)

H: Um carro.

M: Gente é uma coisa só.

J: (Inaudível)

B: (Inaudível)

C: Meu Deus!

M: Nossa meu! Eu vou deletar esse negócio aqui.

L: Vamos lá! Vamos lá!

J: Ah! Sobre a questão de família. É que família, muitas vezes, a gente as vezes prefere ficar na companhia de amigos, porque na família tem muitas brigas. Na verdade é que na família, estou dizendo naquele grupo familiar, porque quando a família é distante... (Inaudível). Aí tipo, aquele grupo familiar é lugar que você acha que arranja mais brigas. Mas é um lugar onde você é mais você mesmo. Porque desde criança as pessoas daquele grupo te conhecem. Então qualquer coisa que você fizer que foge seu jeito de ser, vai ter alguém que vai perceber. E quando você, sei lá, a família é o único ambiente em que as pessoas que te conhecem, por fora e por dentro.

H: Eu acho que a pessoa que não tem família, se ela não tem uma estrutura boa, ela não consegue ser alguém, assim, se dar bem realmente.

B: Ela não consegue ser ela. Eu acho que se eu não tivesse família, se eu morasse sozinho, vivesse sozinho, se não tivesse ninguém para estar comigo, não sei o que eu ia fazer.

A: Jamais queria ser.

B: Eu acho que eu preferia viver trancado o dia inteiro dentro de casa do que ir pra rua procurar um amigo, e pode ser que um dia eu perca ele e vou ter que procurar outro. E não ter família para estar do seu lado. Você não tem uma pessoas para estar do seu lado, dia e noite com você, te respeitando mesmo, te ajudando em tudo que acontecer, te dando uns conselhos. Porque as vezes amigo te dá um conselho mas não é um conselho que mãe e pai dá para você.

A: Também às vezes muitos criminosos estão por ai, também não tiveram uma família e tal, viveram sozinhos, sem ninguém, já estava nesse mundo e perderam os pais, e ai não conseguiram formar sua cabeça e seguiram num caminho errado.

B: é eu acho que às vezes você não tem família, acaba entrando num caminho errado. Por que você não vai ter ninguém, pra te ajudar.

H: Você não consegue fazes as coisas direito.

C: e a família é o maior responsável por formar nosso caráter, eu acho. Pelo menos com exemplos, assim.

B: Os melhores conselhos, o melhor conselho que você recebera dos seus pais dentro de casa.

J: Eu não sei se (inaudível), por exemplo você ta um dia , você ta com muita raiva, por causa de aula, ai você ao fala com as pessoas conhecidas, não fala com seus amigos. Ai você espera ate chegar em casa. Ai chega em casa você explode, você estoura, você sem nenhum remorso, por que sabe que ninguém vai se atingir realmente. Por que já te conhecem e vai saber que você não ta bem no dia. Normalmente quando a gente ta com muita raiva, não gosta de demonstrar a essas pessoas, a gente espera ate chegar até em casa para gente explodir, entendeu? Para gente chorar, pra gente fazer o que quiser. Então é um ambiente que a gente se sente a vontade para fazer isso. É um lugar, se a gente tem vontade de rir a gente ri, se tem vontade de chorar a gente chora, se a gente tiver com raiva a gente fica com raiva. A gente fica “fula da vida” que , sei lá, você se sente à vontade de fazer essas coisas.

B: Às vezes um amigo você ia ir e contar alguma coisa para ele, vai ser totalmente diferente do que você chegar em casa e conversar com sua mãe e com seu pai, sabe? Por que amigo você chega, aconteceu alguma coisa hoje, eu chego na minha amiga pra contar, não é aquela coisa de você chegar e contar. Não ta isso de errado, por exemplo, acontece alguma coisa no meu colégio que eu não posso chegar na dela e contar. Você chegar ns seus pais é totalmente diferente, você vai ter outros conselhos entendeu?

A: Mas eu acho que é importante ter as duas coisas, família e amigos, porque tem coisas que você não pode contar para seus pais e tem coisas que você não pode contar para seus amigos. Acho que é bem dividido.

B: tem coisa que você da melhor contanto para seus amigos do que para os seus pais.

A: tem coisas que você conta melhor para os seus pais do que para seus amigos.

H: Eu acho que quando você esta numa situação ruim

B: Você conta para quem?

H: Por exemplo, se você chegar perto do seu amigo, acaba assim, mesmo você estando ruim e ele sabendo disso e você discuti com ele, ele às vezes pode deixar de ser seu amigo, agora, a sua família, não. Ela se... Você discutir com ela, ela pelo menos assim na hora vai ficar com raiva, mas depois ela vai voltar a conversar com você normalmente, não vai deixar de ser de sua família.

G: te apoiando

L: Você não conta para os pais o que é errado?

(Risos)

B: O que a gente acha de errado, às vezes não conta.

H: Dos finais de semana, neh?

A: No meu caso eu conto às vezes mais pra minha mãe do que para meus amigos. Conto quase a mesma coisa. Mas geralmente o pessoal conta as coisas erradas só para os amigos.

L: O que vocês consideram certo ou errado?

A: Beber.

B: Errado, é uma coisa que meus pais jamais aceitariam que eu fizesse.

A: às vezes a gente acha certo mas o pai acha errado, a gente não conta por que...

M: dá um exemplo. Do que você acha certo e seu pai acha errado.

A: AH! Não sei... Beber, alguma coisa assim.

M: Você acha certo beber?

A: A não, não é que é certo, sabe, mas...

J: Inaudível

B: Mas é uma coisa que hoje em dia a maioria está fazendo. Hoje em dia não existe mais, existe assim por parte da família, mas igual meu pai e minha mãe não acham certo, mas o grupo social mesmo por fora você sair com seus amigos, hoje em dia, é normal se um deles não beber eu vou falar, jamais vai chegar na minha e falar, você é de menor, me da essa garrafa ai que você não vai beber, hoje em dia não tem essa coisa. Dentro de casa é diferente, mas tem pais que acabam brigando com você.

A: Sei lá, acho que chega uma hora...

L: **Vamos fazer uma coisa, o que vocês gostariam que acontecesse de novo na vida de vocês, varias vezes assim? O que vocês gostam mesmo?**

H: (Inaudível)

B: As! Mas assim que eu pudesse consertar?

L: **Fala você.(referindo ao C)**

C: Acontecer de novo, voltar para o presinho.

M: Pó, essa é boa.

C: Chegar àquela hora de dormir

M: (inaudível). É isso que lembro só, do maternal.

C: Do lanchinho, que beleza!

M: (inaudível), O único que conseguiu responder a pergunta sincera.

L: **Mais alguma coisa, alguém tem mais alguma coisa?**

J: Inaudível

L: Tem alguma coisa que assim, que faz ... O que faz mudar vocês, o modo de pensar, o jeito de ser, o que leva, quando você muda de opinião de alguma coisa, o que...?

H: Quando a gente conhece outras pessoas, quando a gente passa a ver que não é nada daquilo que a gente está pensando, é...

B: Conhece amigos novos, vê o lado da vida diferente do que a gente vê quando era criança, por que quando era criança não tinha noção de nada, pra gente era tudo ali ir pro colégio, desenhar, fazer lanchinho, e hoje em dia é totalmente diferente. Hoje em dia você tem visão mais definida das coisas, conhece muita coisa diferente.

C: Você vai encarando a realidade de verdade, você vai mudando.

J: Pois é quando a gente é, é meio que protegida então a gente não enxerga muito bem tudo lá fora é só aquele, vamos dizer assim, como se fosse uma esfera que te impedia de ver a realidade. Às vezes é meio doido, acontece alguma coisa de errado com você, tem sempre gente do lado de você.

B: De baixo da asa do pai da gente, e tal.

J: De baixo dos nossos pais, à medida que a gente vai ficando independente, que a gente vai perdendo essa proteção, a gente acaba descobrindo, como é o mundo lá fora. A gente consegue descobrir quais coisas boas que tem no mundo e quais coisas ruins.

B: Não perdeu a proteção, neh? Porque proteção é uma coisa assim, mas...

J: Não, mas assim você já tem condição, você já pode sair sozinha, você já pode ter suas próprias experiências, contar com você mesmo.

B: É, por que um dia a gente vai ter que trabalhar para sustentar a si mesmo. A gente não vai ter mais o dinheiro de nossos pais sustentando a gente. Fazendo tudo para gente igual tem hoje, entendeu?

A: Acho que a gente forma as opiniões por aquilo que a gente sabe, por aquilo que a gente conhece. A partir do momento que conhecemos coisas novas, vamos mudando as opiniões. Conversar com os amigos, dando opiniões diferentes, a gente vai tomando a nossa, cada vez mais a gente vai mudando. Eu acho que sempre vai mudando muita coisa, não para de aprender, de mudar opinião mesmo, acho que sempre.

L: Vocês gostariam de mudar alguma coisa na vida, no mundo, que alguma coisa mudasse?

H: Muita coisa no meu passado.

A: Mas nunca na nossa vida.

L: No mundo, na vida de vocês?

B: No mundo, menos violência.

C: No geral, mudar no nosso país assim, violência, falta de condição social de muita gente, muita desigualdade...

H: Preconceito

E: Preconceito

M: Inaudível

I: Menos violência, menos desigualdade, mas respeito em relação ao outro, você respeitar mais o outro, (inaudível)

L: Você se acha não respeitada?

B: Ah! Às vezes sim, às vezes não. No colégio sim, mas às vezes na rua não. Por que você não conhece quem vive na rua, assim, você não conhece todo mundo que está em sua volta. Aqui no colégio você já tem mais, você já conhece bastante gente, a maioria do pessoal do colégio você conhece, aí até que rola o respeito, mas na rua não.

H: Tem uns que eu conheço por alto, aí julgam as pessoas sem saber.

J: O respeito é muito importante. O respeito passa, para mim, passa por cima até mesmo do orgulho, é você, independente se você gosta ou não da pessoa, você respeita porque ela é ser humano e merece dinheiro,. Na verdade você tem dever de respeitá-la. Por que, ah... Sei lá.

B: Todos os direitos são iguais.

J: E acho que você deve respeitar qualquer um, independente, se você gosta dele ou não, independente de qualquer frescura que você tiver, então ate mesmo o orgulho você tem que perder para respeitar o seu próximo.

I: As pessoas tem o costume de não respeitar as outras, que talvez ela não conhece, elas acham que não conhecem o jeito, olha para pessoa já acha que pode julgar antes de saber.

B: Julga antes de saber

M: É um preconceito neh?

I: Pode ri da pessoa, do que ela fala, julga o que ela quiser. Só que isso não ta certo. Quando a gente fala assim, é muito fácil dizer que não está certo você lidar com uma pessoa. Mas na prática muitas vezes a gente acaba fazendo isso e não percebe. Por que a gente acaba se espelhando em outra pessoa e deixando a outra triste, e a pessoa se sente humilhada, e ela queria ser igual a todo mundo.

L: **Então que o maior desrespeito, vê se vocês concordam, o maior desrespeito da fala que eu ouvi, o maior desrespeito é com o desconhecimento do outro, dos valores que o outro tem de tudo, é isso?**

A: É o preconceito neh? Por que a gente tem preconceito quando você não conhece aquilo e julga de uma forma errada.

I: Porque por mais que as pessoas sejam diferentes, todo mundo tem as suas qualidades. Como a gente não conhece a pessoa, a gente só vê o lado ruim normalmente, que a gente não tem a chance de conhecer o lado bom da pessoa.

A: Mesmo que você conheça e não goste, você tem que respeitar do mesmo jeito, a opinião dela ou não. Ela não tem que seguir a sua, seu modo de viver, ela tem o dela. A gente tem que respeitar mesmo não gostando.

L: O que mais vocês sentem desrespeitar você?

M: As pessoa acabam desrespeitando a gente quando a gente não se dá o respeito e não respeita os outros. Igual, eu acabo tomando muita intimidade com as pessoas rápido. Eu acabo me dando o direito de brincar com ela, posso fazer um outro tipo de brincadeira de tratamento e as pessoas acabam em tratando mal, me julgando mal, porque eu acabo virando amigo da pessoas rápido. E, acho que isso é um problema meu mesmo, de eu acabar criando aquela intimidade, sendo legal do jeito que eu acho que eu estou sendo, e as pessoas acabam me tratando mal achando que eu estou ultrapassando os limites.

B: Às vezes você vira amigo da pessoa e faz um tipo de brincadeira, de uma hora pra outra e a pessoa, você acha que a pessoa vai levar na brincadeira e a pessoa não gosta, e acaba perdendo a amizade da pessoa. A pessoa, tipo (inaudível).

M: Um ótimo jeito de julgar quem é seu amigo é quando você faz uma coisa e você deixa passar, que você pode contar mesmo com ela. Se a pessoa te respeita mesmo, ela não liga pra coisa boba.

L: Você, politicamente, vocês são respeitados?

M: Como menos de idade ainda não.

L: E os políticos?

B: corruptos

(risos)

A: acho que não, eles nem se respeitam.

M: Você acha que como os políticos, respeitam a gente? Você acha que é isso? (para L)

L: Vocês acham que eles respeitam vocês enquanto cidadãos?

B: Não. Eles dão mais importância aos outros.

H: (Inaudível)

B: Mas aí eles, às vezes os políticos falam uma coisa na televisão para adolescentes, mas reclamam, que tipo assim, em ganhar alguma coisa, sabe? Para os próprios, para as pessoas mais velhas. Tipo assim, político não dá muita importância, sempre falam que sempre buscam melhorar a situação das pessoas mais velhas, para gente é muito raro ouvir eles chegarem na televisão e falarem coisas que sejam para nos, entendeu? Que vai melhorar o futuro dos jovens.

A: Ah! Eu não acho não. Eles pensam bastante sim. Jovens e crianças eu acho que...

C: Falar eles falam pra caramba sim.

A: Falar: vamos fazer projetos e tal. Mas tem muita corrupção, daí a gente sempre sai perdendo. Tanto a gente quanto os adultos, todo mundo. Eu acho que eles pensam sim. Quem é correto e tal, pensa sim no jovem, tem vários projetos para gente. Igual o colégio aqui, é, governo e tal, pensa sim.

L: Vocês falaram da violência, da desigualdade, acham que a política pode ajudar em alguma coisa, não pode, ajuda, não ajuda?

B: Acho que sim.

A: Deveria, mas não está o suficiente.

C: Eles que são o carro chefe, eles que tem o poder de fazer isso.

B: Eles que tem o poder do negocio lá, igual essa legalização aí agora do casamento dos gays, eu acho que é uma coisa muito legal a ser feita. Uma coisa muito legal.

L: Vocês, é, estão falando do, igual ela falou do casamento gay, isso tem oposições da maioria das religiões. Vocês têm religião? O que vocês acham da religião hoje no mundo presente?

H: Tem muitas religiões que não aceitam, é um direito deles entendeu? Eu acho que ninguém tem que proibir, agora eles... Uma coisa, assim também, que eu não concordo é discriminar, discriminar acho que ninguém tem que discriminar ninguém. Eles tem o direito de não querer o casamento de gay, entendeu? Porque é uma opinião deles.

B: isso é um direito que eu tenho para minha escolha.

A: a tem ter respeito de um ao outro.

B: Não, mas ai o mesmo direito que eles tem de não aceitar um casal gay.

H: Não é, não aceitar o casal, é o casamento.

B: Não aceitar o casamento gay, porque eles também não podem, é, ser contra o casamento de um homem e uma mulher.

H: Não, ai é um direito dele não querer fazer.

B: Só a única diferença é que são homens, mas agora, é ridículo isso. Igual, foi legalizado agora, por quê? Eles não têm nada de diferente, eles são humanos também. Eles não tem culpa de um ter aceitado, é, a mudar de sexo, a gostar de um cara que pode não ser a mesma coisa que ele. Ah! É, eu acho ridículo isso, igual hoje, você pode chegar lá e fazer tudo e casar, ou casa com ele, igual hoje, chegar lá dois casais, e do meio lá, um com outro. E vão falar: vocês não podem casar. Eu acho que é uma coisa muito ridícula isso.

H: Poder pode, o negocio é eles aceitarem o casamento

B: Inaudível

J: Eu acho que foi o que eu falei mesmo, eles podem não gostar, podem não concordar, ter algo contra etc. mas respeitar é acima de tudo isso.

Não gosta? Ta. É opinião sua, mas o respeito é acima de tudo, de qualquer religião.

B: Eu acho que isso pode deixar pra eles neh? Não divulgar muito as coisas que não gosta. Legaliza de uma vez, mesmo você não gostando. É só naquele momento ali, que você esta juntando os dois lá e pronto. Depois vira as costas e finge e pronto. Pelo menos você ta fingindo que você fez pra eles também. Isso vai mudar o que não sua vida? Vai mudar o que na minha vida se eu virar pra vocês e falar: não. Vocês não podem se casar, porque vocês são um casal gay. O que que vai mudar na vida dele isso? Não vai mudar nada.

A: Vai mudar na vida da pessoa que vai poder casar.

B: É as pessoa vão ser bem felizes casando com quem ela está.

A: Pelo menos vai ter menos preconceito e assumindo não gosta mesmo.

B: A vida deles não vai mudar nada. Vou chegar e vou falar, não você não pode. Vai mudar o que na minha vida falar isso? Vai se sentir mal na boa. Eu não gosto e pronto. Mas aí já é uma coisa de preconceito, você falar que não. Então tem que legalizar agora.

H: Mas ai onde fica o direito de liberdade deles não quererem casar, do casal?

L: Um de vocês já participou? Tem alguma religião?

B: Eu tenho, mas vou pouco.

A: (inaudível)

J: Espírita

L: Participa? Alguém participa?

M: Eu participava de um centro espírita. Mas minha família nem obrigou muito não. A gente é, eu minha mãe, espírita mesmo, só que de vez em quando a gente ia na igreja no domingo de manha. Porque eu acho que o

melhor é a gente pensar em Deus mesmo, a religião não é muito importante. É só uma complementação.

A: Eu acho que é importante mesmo a gente acreditar que existe uma coisa maior do que a gente pra dar força, pra gente poder fazer as coisas. Pra gente conseguir, pra lutar.

B: Meu pai e minha mãe são bem rígidos com essa negocio, (inaudível). A pessoa chegar e obrigar você ir, é melhor vão nem ir. Você vai lá dentro com a cabeça em outro lugar, então é melhor você nem ir na igreja. Igual, eu vou, tem dia de domingo que minha mãe chama pra eu ir , eu vou com ela. Mas às vezes quando você não ta afim, ela vai e insiste pra mim ir, ai eu falo, não vou não, o que adianta eu ir se eu não estou com vontade.

J: Mas se você não tem interesse, entra por um ouvido e sai pelo outro. Você não aprende nada daquilo. É melhor você fica em casa.

B: Você vai pra lá. E vai fica lá voando. Vai ir, só pra falar que foi pra, ah! Sei lá...

I: Os meus pais são bem ligados à religião. Eles são espíritas também. Mas eles nunca me obrigaram a nada, assim. Eles me deixaram assim, pra me escolher. Eu nunca fui de ir em igreja, nunca fui de ler sobre religião nem nada, mas eu acredito em Deus. Mas isso é uma coisa que eles deixaram pra mim escolher e a minha ligação com a religião é uma coisa que eu criei. Agora eu vejo umas mães que obrigam o filho ir em igreja, obriga a participar de culto, e a pessoa acaba assim, nem tendo nenhuma ligação com a religião. E acaba tendo um pouco de afastamento, porque a pessoa não gosta de fazer isso. Eu acho que essa coisa de exigir religião também é muito da pessoa. Eu acho que eu não obrigaria a fazer nada. Isso depende da pessoa gosta ou não.

A: Ela pode não gostar e ser obrigada a ir muitas vezes. Eu acho que não é legal obrigar, cada um tem escolher o seu. Quando a pessoa ficar mais velha e tal, ai ela escolhe o que quer seguir. Eu acho que a religião também é uma coisa criada pelo homem e tal. Ai eu acho que não tem tanto a ver, não é obrigado a ter uma religião. Acho que se você se da bem com uma sendo você

sem precisar em acreditar em nada dessas coisas, tudo bem. Eu acho que é importante às vezes para algumas pessoas, que pode fortalecer, ela conseguir vencer as dificuldades da vida.

B: É, eu acho que esse negócio de católico, protestante, essas coisas eu acho que hoje em dia não tem aquela coisa igual tipo: ah! Não, ele é evangélico, essas coisas. Igual lá em casa muitas vezes minha mãe já falou que ela não dá muita importância, para eu escolher se eu quero ser católica, cristão, alguma coisa assim, sabe? Ela deixa eu escolher o que eu quero ser. Igual eu, eu já frequentei igreja evangélica muitas vezes, mas ela dá liberdade pra mim escolher, mas tem pais que não, tem pai que é católico e não gosta que a filha vai em igreja evangélica. Mas aí depende muito e eu acho que isso daí atrapalha, você acaba afastando as pessoas da igreja mesmo, entendeu? Meu pai pode ser católico e eu não gostar de ser católico e querer ser evangélica. Aí eu acabo me afastando. Meu pai quer que eu seja uma coisa que eu não quero ser, aí eu acho que isso que está afastando muito as pessoas da igreja.

A: Cada um tem que decidir se quer ir mesmo. Você escolheu ir ou não acha que tem necessidade de ir na igreja ou alguma coisa assim. A pessoa tem que identificar com alguma coisa ou ela deixar de lado e continuar vivendo a sua vida normalmente.

B: Não é porque você não vai na Igreja que você não acredita em Deus né?

A: Se você acredita também, não precisa de ir na Igreja.

L: O bom e o mal existiria pra vocês?

J: Eu acho bem e mal não existe, eu acho que o que existe, são pessoas más e pessoas boas.

A: Todo mundo tem um pouco de maldade...

M: Tudo bem que os bons estão escondidos ultimamente né? Nos nossos dias assim. A gente ta vendo mais o mal, assim, sabe?

H: Todas as pessoas têm o lado bom e o lado ruim. Só que tem umas que estão mais com o lado ruim do que com o lado bom.

B: Mais é com o lado ruim...

L: E na... vocês acham que a religião influencia o comportamento dos jovens ainda?

H: Eu acho que não. Tem muita gente que está deixando a religião de lado, está mostrando quem ela é, entendeu? Hoje em dia eu acho que a religião está ficando um pouco de lado.

L: E por que?

H: A.., porque hoje em dia... Antigamente eu acho que todo mundo falava: Ah, a Igreja, a igreja, a igreja, a igreja. Hoje em dia nem... acho que muita gente não está interessado com esse negócio de igreja.

B: É, eu acho que assim...

A: Eu acho que a Igreja evangélica marca mais encontros assim, dos jovens, por exemplo, tem muito jovem que fazia um monte de coisa que não é legal e tal, que não é boa pra ele, e entra para a Igreja, para com tudo e fica só pensando na Igreja. Tem muito jovem que está achando bacana isso. Acha que é mais porque, assim, acha que tem que mudar, assim, de alguma forma a vida, e tem que tomar uma decisão dessa, de mudar radicalmente.

J: Eu acho que a religião , todas elas, é um trabalho sério, e se você pegar isso ou aquilo, aquela essência boa da religião, isso vai influenciar. Mas não há regra, religião influencia sim. Não só porque a pessoa tem uma certa religião, tem uma religião e acredita em Deus, que ela vai ser uma pessoa que tem predominância de atos bons. E nem só porque uma pessoa não tem

religião, ela vai ser de todo mal. Muitas vezes ocorre o contrário, assim, não é uma regra. Influencia, mas depende mesmo de cada pessoa.

I: Influencia mais em algumas atitudes da pessoa, mas não influencia no caráter dela.

B: Se ela gosta também, ela vai seguir os modos que a religião dela é, entendeu? Nem por isso ela vai deixar de ser o que ela é por causa da religião não.

I: Tem muita gente que pode ir na Igreja e fazer um monte de coisa ruim, e tem gente que pode não ir e fazer um monte de coisa boa.

M: Hoje em dia tem dois extremos. Tem pessoa que vai na igreja, fica radical, usa mais saia e tal. E tem a outra que vai na igreja e continua fazendo bobagem e nem liga. Tem gente que não está ligando pra Deus. Porque ainda tem o aspecto que é... hoje em dia a gente tem preconceito com tudo, e até quem é de igreja, a gente chega assim e: Ah! Aquela pessoa é crente, aquela pessoa não faz nada. E aí a pessoa, até para ela se poupar disso e não ter que escutar as coisas atoa, acaba encenando que gosta de sair, gosta de fazer as coisas, mesmo que ela não goste, para as pessoas não encherem o saco dela.

B : É, e tem gente que vai na igreja e não muda o jeito de ser, naturalmente não é todos os dias.

H: É. Eu sou evangélica, assim, já sofri muitos preconceitos contra isso, com esse negócio de religião. E hoje em dia, assim, a maioria das pessoas que criticaram por eu ser evangélica, hoje a maioria, é tudo evangélico.

B: Igual, eu vou, mas eu não deixo de sair, de ir para outros lugares.

H: Eu também, eu não deixo de ter meu lazer por causa de religião não. Acho que vai muito pela cabeça da pessoa.

B: Mas ai também tem uma coisa da religião também, porque tem igreja que não permite, roupa, cortar cabelo, aí eu acho que é exagero, sabe? Da igreja, do...

H : Aí é da igreja.

B: ... mas aí eu acho exagero. O que vai ter o tamanho da cabelo pra algumas pessoas que são evangélicas? Acho que não muda isso, e por isso que as vezes eu deixo de freqüentar algumas igrejas por conta disso, você tem que usar tal roupa que... que é tipo como se fosse uma marca, você não poder cortar cabelo, acho que isso é muito exagerado e essas coisas que a igreja cobram.

H: Acho que é a igreja que impõe, não é a religião não, entendeu? Igual...

B: É, mas aí é muito exagerado.

H: Depende da religião que respeita o seu jeito de ser, e tem religião que quer que você siga piamente aqueles negócios...

B: É

A: Ai tem algumas igrejas, é... são poucas igrejas que são assim (Inaudível)

B: Tem umas que são de mais...em relação essas coisas.

L: Você é de outra religião?

I: Tenho

M: Não, mas tem gente que diz que (inaudível) por causa da religião dele.

C: É a religião dele.

E: Acreditar, ele acredita.

A: É uma religião sim. Só que muita gente considera como religião ruim né?

J: Ah, sei lá. Existe religião e existem pessoas que estão naquela religião. São completamente diferentes. É que cada religião,... sei lá, tanto que a religião representada nas fotos, eu até diria que ela, ela é até bastante respeitosa e tal. Mas eu acho que as pessoas que... adeptas dessa religião que dizem que vão (inaudível). E dá nisso.

H: Eu acho que tem gente né? Tem gente que, é, sabe viver uma religião, mas tem gente que, é também, é fanática também né? Não sabe o que é religião e acaba vivendo uma coisa que ela não sabe o que é, entendeu?

A: ela leva pra tudo.

B: É. Ela vive na religião dela, na igreja dela.

A: (Inaudível). Muda todas as suas opiniões, tudo que acreditava e fica só pensando naquilo.

H: E outra, se você falar pra ela, ela até bate em você, entendeu? Ela até briga.

I: (Inaudível). Pra gente que olha aqui, acha isso uma loucura, mas acho que eles é normal.

B: É como se fosse uma defesa da religião deles.

J: Religião é até uma boa ferramenta, aconselhada, a razão e ao bom senso.

H: Quando você tá numa situação ruim, você corre mais também, além da família, você corre também pra religião.

I: É

J: Assim, então eu acho que as vezes... e o bom senso influencia muito, você,... a sua religião manda fazer algo que você acha errado. Só porque é sua religião, não quer dizer que você tenha que fazer. Porque sua razão, você na sua razão, você vê que isso daí não faz o menor sentido. Seu bom senso, ah! Porque eu vou prejudicar alguém com isso.

H: Então... quando você não conhece a religião, você tem o hábito de criticar também.

L: E essas situações... Várias já citadas né? Respeitar a família, a religião, amigos, das drogas também. Como vocês vêm essas situações no mundo hoje?

A: (Inaudível)

L: (Inaudível)

A: Acho que as pessoas que tem muito dinheiro, as vezes ficam cegas e não enxergam as pessoas que não tem, que não tem possibilidades dessas coisas. Aí passam por cima dessas pessoas e nem percebem. O governo, por exemplo, que tira dinheiro de alimentação para poder ter mais luxo, essas coisas assim. O dinheiro que as pessoas pegam as vezes... (Inaudível)

J: Por causa dos políticos, o dinheiro e o poder também. Tem um ditado que diz assim: Se você quer saber como é que uma pessoa é realmente, dê poder a ela. Não é com todas as pessoas, mas muitas deixam o poder subir a cabeça.

I: Realmente.

H: Acho que em questão das drogas, eu acho que, acho que muita gente... Se você fosse parar pra pensar bem, esse dinheiro que sai para

drogas, se fosse usado para outras coisas, pra fome ou coisa assim, eu acho q não teria gente passando fome.

B: Ou as vezes é o vício né?! Droga é uma coisa que vicia, as vezes vicia e não para, não consegue parar. Tem gente que não tem condição de pagar um tratamento pra parar ali. Porque tratamento hoje em dia pra droga, para reabilitar a pessoa assim, é bem mais caro. Ai tem,... Quem está na droga mesmo é que já não tem muita condição. As vezes não né?! Lógico. Mas a maioria é que não tem condição, segue o caminho errado por conta de dinheiro e não tem dinheiro para entrar numa casa de reabilitação.

H: Acho que isso, isso também é por causa de educação né?! Acho que, as vezes não teve uma boa família que pudesse conversar mais, que pudesse aconselhar mais, entendeu?

B: É

H: Igual passou hoje a tarde, no jornal agora de tarde, o cirurgião dentista que roubou um desodorante para poder comprar droga. É meio triste, uma pessoas que já é formada, tem condições de, assim, de ter...

C: Fez o que?

H: Roubou o desodorante dentro da farmácia

C: Que isso!! Dentro da... Ele está desempregado?

H: Não.

C: Se fuder atoa...

B: Ham. Eu acho que esse negócio. É, porque se você vem de uma boa família, que.... ter uma família assim pra te dar apoio, essas coisas. Se você não tiver e entrar nas drogas e não ter uma família para poder te dar apoio, você vai continuar naquilo e não vai conseguir sair mais.

H: Ter alguém para dar conselho né?

B: É. Mas Eu acho que essa questão de dar conselho, igual, você não pode julgar ao pais por ter dado conselho a uma pessoa que hoje é um viciado. Porque minha mãe me dá conselho até hoje, mas pode ser que amanhã eu entre pro mundo das drogas, aí as pessoas vão julgar ela, vão falar que ela não me deu conselho? Porque hoje em dia cada um tem a sua decisão, mesmo sendo criança ou não, e também tem aquela coisa de condição, é, a maioria das pessoas, igual, das crianças entrando no mundo das drogas por causa do dinheiro fácil, que você entra e é uma coisa que você fica vendendo e fazendo e ganhando muito dinheiro, sendo que não está fazendo bosta nenhuma. Ficar lá vendendo e cheirando. E para quem está cheirando e está fumando é fácil, fica lá, pó, voando lá, você está esquecendo até o que tem que fazer amanhã e acaba que vira vício. E ai não tem jeito. Tem jeito pra quem tem condição , igual, os pais vão lá, porque muitas vezes o menino que tem muito dinheiro, igual, entra no mundo das drogas, os pais acabam, por conta da classe social, deixando o menino de lado para não ter que falar, ter que mostrar para os amigos que tem um viciado dentro de casa, entendeu? Então as vezes o rico, por exemplo, tem um pai que é rico, por exemplo, meu pai é rico e eu entro no mundo das drogas amanhã, talvez ele me deixe de lado por conta de ter que assumir para os amigos dele, com quem ele tem, é... encontra em casa, essas coisas, então para ele não ter que assumir para os amigos dele que hoje ele tem um filho viciado, porque acho que para eles, acaba sendo uma coisa... Ele vê o lado de outra pessoas, igual, não tem muito dinheiro, aí lógico você vira e fala: “poo, aquela pessoas ali não tem nada e lutou...”, ele sempre critica. Tem um, tem um pessoal aí que está criticando todo mundo na sua, mas isso pode acontecer com o filho dele dentro de casa, e essa questão de dinheiro aí, fácil, hoje em dia você pode perceber que muita criança entrando nessa questão de droga, muito rápido e muito fácil. Por que às vezes, e também por conta dos maiores né? Os mais velhos não ter consciência de chegar para a criança e dar sem achar que ela vai viciar. Pode ser que ele chegue para criança e fale: “Não, toma isso daí”. E a criança pode não saber o que é aquilo, cheirar assim do nada e gostar daquilo e continuar, aí vai achar, não tem noção, não sabe do

que é feito, o que aquilo pode causar, porque muitas vezes, mendigo gente de rua assim, são os que mais têm acesso a essas coisas, sabe? Você pode ver que muita criança que fica em sinal, você pode ver que a maioria delas já teve acesso fácil a essas coisas, porque as vezes a pessoa terá maldade, chega e mostra aquilo e acha lindo, a criança ficar lá no chão, o menino que ta pedindo dinheiro no sinal, ficar cheirando e fumando, entendeu? E tem isso, questão de dinheiro, eu acho que hoje em dia está sendo fácil entrar nas drogas, mas ta difícil você sair. Por que as vezes você pode ter uma condição boa, mais hoje também, muita pessoa que tem condição boa ta entrando nisso, por que esta fácil neh? Você acha que nao viciar, por que eu tenho muitos amigos que tem dinheiro para caramba, e hoje em dia você olha, pô, o menino tinha um carrão e hoje ta ai sem nada, errado na vida, mas com um pai dentro de casa que anda de gravata e de terno, dono de não sei o que, dono daquilo, dono disso, o dia inteiro. Trabalha o dia inteiro, tem dinheiro pra caramba, e o filho dele andando como um menino que pegou ali no sinal, andando pra lá e pra cá.

C: ele é bandido que vai destruir a família, que vai destruir a vida de alguém, ele quer dinheiro fácil.

B: É. E esta sendo muito fácil, porque é muito fácil.

A: as vezes a vida pra ele foi difícil também, e esse foi o único caminho que eles encontraram, por que ninguém deu oportunidade pra ele.

B: e esse que é o problema, as vezes eles buscam isso porque o dinheiro esta fácil, entendeu? Esta dentro desse mundo, dessas coisas de drogas, o dinheiro lá pra ele esta muito fácil. Você pode ver que hoje em dia você não vê traficante andando desarrumado hoje não, porque o dinheiro é tão fácil.

M: (Inaudível)

B: É. Pode não esta, mas ta vendendo, ganhando dinheiro pra caramba.

M: Esse daí vendendo na rua, não é traficante não, é tudo empregado. Traficante mesmo ta la de boa.

B: Com carrão.

C/B/M: (Inaudível).

J: è porque realmente ele não perde o cliente, porque quem é viciado só vai comprando, vai comprando. Não é um negocio que você perde o cliente, se o cliente viciou, ele vai comprando.(Inaudível)

B: E acabar com isso não tem, hoje em dia, eu acho que não tem mais jeito de falar acabou.

J: não dá pra ...

B: Igual, esta parecendo mais drogas, igual uma agora que eu vi na televisão, ela mata mais rápido que o crack. Mesmo com isso, quem é o, quem que o traficante, o cara que vai lá pra comprar, não vai deixar de usar. Crack mata, agora me fala quantas pessoas vão escutar isso e vão parar de usar? Muito raro a pessoa parar de usar

C: Viciado ta é doido... (Inaudível)

B: Porque viciado não quer saber se eles vão morrer amanhã. Eles não querem saber se eles vão morrer amanhã.

A: Tem gente que consegue sair depois de entrar num buraco assim, mas tem gente que não consegue, por isso que tem gente morrendo aí e ninguém está preocupado com isso, A culpa é da sociedade mesmo que não deu oportunidade.

B: Mas aí eu acho que quando a pessoa sair, se for uma pessoas que já usa a muito tempo, acho que é só entrando em clínica e hoje em dia você não vê clínica barata por ai. Tem que ter dinheiro pra pagar uma clica, entendeu? E da onde que esse povo vai tirar um dinheiro pra entrar numa clínica? Não é vontade dele, pode ser que eles tenham vontade de entrar , mas por conta da droga, o efeito dela, você desiste, você não quer entrar naquilo

pra você melhorar sua situação, entendeu? E o cara fica lá 3, 4 meses, e tem clínica que cobra por mês que você fica lá, e é muito caro, eles não têm condição de ir. É por isso que hoje em dia só vai entrando mais gente e não vai saindo, ou morre ou fica naquilo ai pro resto da vida. Porque não vai ter uma pessoa que vai fazer uma bondade, que vai falar: “Ah não, vamos lá que eu vou pagar pra você” Hoje em dia não existe isso, sabe?

J: é até porque também acontece assim. Também não dá pra parar com essas drogas, porque tem gente que tem capacidade de parar, que tem poder, que tem influencia nisso, mas sempre tem aquela brechinha, aquela contribuição que sempre consegue. Começo de drogas sem pré tem a..., porque tem um grupo de policiais envolvidos com esse negócio, Sei lá, porque sempre, não só aquele pessoa que usa droga, que consome. Tem sempre alguém que tem condições de fazer algo ou não faz nada , ou deixa uma brechinha pra que aquilo aconteça.

B: É. E hoje em dia você não tem como falar que você entrou por não terem te avisado. Porque o que mais tem é anúncio, hoje em dia o que mais tem e todo mundo sabe o que é, o que acontece, é isso.

J: Só os mais fracos, só os mais fracos.

B: Quem tem dinheiro e for preso, sai no mesmo dia, quem não tem, fica lutando. E quando sai fica pior ainda.

G: Continua fazendo um monte de coisa.

L: **É, pra vocês não perderem a próxima aula, e encerrar esse bloco, como vocês se vêem daqui 10 anos?**

C: (Inaudível)

(Risos)

M: (Inaudível)

(Risos)

B: Uma melhora de vida.

C: Igual a gente mesmo está.

B: É porque hoje a gente faz tudo, mas daqui a 10 anos a gente vai está trabalhando em algum lugar e se bobear até aposentando... (Inaudível)

(Risos)

I: Estar trabalhando também.

B: Ah! Ser independente, mais independente ainda.

A: Trabalhando, viajando...

L: Mas isso sozinha?

M/A: (Inaudível)

H: É, ai só vou morar sozinha quando eu terminar a faculdade, porque senão não tem como viver.

B: Ah não! Marido vai morar com você e sua mãe?

H: Não. Quando eu estiver casada tudo bem, mas...

B: É

L: Mais alguma coisa?

H: Quando eu estiver casada, porque eu não quero ficar sozinha né? Mas quando eu não estiver casada nem nada, não vou morar sozinha não, não gosto de ficar sozinha não.

B: Nossa! É mesmo, ficar sozinha é muito ruim.

L: O que você quer? Casar?

I: Eu acho assim, eu quero ser independente, eu não quero ser sozinha totalmente, eu quero ter minha família, meus amigos, mas assim, sozinha... (Inaudível).

L: Quem mais quer morar sozinho?

M: Eu quero.

A: Mesmo morando na casa dos seus pais, você pode ser independente. Mas nem tanto, tem que ter muita responsabilidade.

B: Muda muita coisa você sair da casa dos seus pais para morar sozinha.

M: Minha mãe nunca vai deixar eu largado. Minha mãe quando eu falo assim, eu não vou querer atrás da faculdade, trabalhar de dia e estudar a noite, por morar sozinho, entendeu?

B: Se eu falo que vou sair de casa e morar sozinha, minha mãe (inaudível).

M: Minha mãe acha até que fazer faculdade, e quando tiver um emprego, já estabilizado, namorando alguém que eu já queira casar, aí é hora de querer sair de casa.

B: Nossa! Minha mãe vai pegar as roupas dela e morar na minha casa, ela já faliu. Ela vai querer morar comigo, ela já falou.

A: Minha mãe falou que ela vai aposentar, vai pra algum lugar, vai me vender...

(risos)

C: Nossa! Ela não gosta de você...

(risos)

M/A/C: (inaudível)

B: Não, minha mãe é muito enjoada comigo, quando eu viajo, eu fico uns dias, na casa da minha tia e ela me liga todo dia. Se eu estiver na internet saindo, ela, ah!, Ela entra na internet, vem falar comigo. Minha mãe é muito enjoada. E eu não tenho irmã, não tenho irmão, nem cunhada. Aí minha mãe fica doidinha.

A: Mas a minha mãe, ela fala que ela que vai sair de casa, tirar férias dos filhos.

B: Nossa!

M: Minha mãe fala sempre que vai tirar férias. Quando eu fico fora dois dias, eu vou pra casa do meu pai, e eu fico dois dias sem ver ela, eu volto, ela tá lá chorando sozinha, que fica com saudades da gente.

B: Nossa! Minha mãe me segue o dia inteiro. Um dia eu cheguei de viagem, minha mãe escreveu: EU TE AMO no espelho do meu quarto.

C: Sinistro

B: Escreveu de batom ainda, para tirar... Eu dei muita pala disso. (inaudível).

L: pra ser independente tem que morar sozinho?

E: Ter dinheiro próprio.

B: É. Não ter que depender dos seus pais pra nada.

A: Ah! Ai você ser formando, ter seu emprego e tal.

B: Ah! Que hoje é fácil, se você não tem dinheiro, você como amigo, todo dia.

(Inaudível)

B: E eu acho também que não quero morar sozinha não. Eu vou arrumar um cozinheiro, meu marido vai ter que ser cozinheiro. Comer macarrão todo dia, miojo todo dia não dá não.

I: (Inaudível), Você é independente quando não tem ninguém te controlando, aí você tem uma maior independência. Nem financeira, é da sua vida mesmo. De você quiser sair na hora que você quiser, voltar na hora que você quiser e ninguém ficar te influenciando no horário.

B: É. Hoje em dia você ser independente, é você sair e morar sozinho, ter sua família, assim, família que eu falo é assim, seu marido e um filho, entendeu? Aí acho que a partir daí que você vai ser independente. Você vai ter sua casa, você vai ter fazer tudo, então...

Prof: Mas o morar sozinho que você tá falando, não é morar não, com marido, com filho?

I: è pode ser também. O que eu digo assim, que o que eu quero é ser independente de morar sozinho, de morar com mais alguém.

B: É isso pra mim que é ser independente. Você ter sua casa, você ter que pagar ali.

(inaudível)

L: E o Lucas (E)? Como você se vê daqui a dez anos?

A: Melhor ou pior Lucas?

E: Ah! Tem que melhorar né? Daqui a dez anos eu vou ter 26 anos, eu não sei se eu vou ser uma cara responsável. Eu não sei, eu acho que com 26 anos vou estar começando a pensar em sair de casa.

(Riso)

(Inaudível)

B: Ah! Com 26 eu já vou ta cansada há uns três anos já. A Rafaela e você com 26? A Rafaela vai estar com quantos filhos? Com dez filhos eu acho.

H: Ah! Eu pretendo estar casada.

B: Ah! Não é possível. (risos)

H: Ah! Ta casado, formada também, de ter minha casa já. Ah! É isso.

(inaudível)

B: Ah! Eu dependendo eu vou casar muito nova, meu namorado é muito serio.

H: Eu vou casar só depois que tiver minha casa.

(risos)

B: Ta igual minha amiga, minha amiga quer casa com 56 anos. Eu não quero pensar em casa não, depois dos meu 18 anos, eu vou desistir de casa, por que eu nossa senhora...

M: Daqui a 10 anos acho que eu quero já estar estabilizado financeiramente já, formado, namorando eu nem penso.

B: Comendo miojo.

M: Casa ta muito caro ultimamente

(risos)

B: você já ta vendo casa já?

M: não. Sabe quanto que ta valendo aquele apartamento que ta fazendo do lado do RU?

C: Hã?

M: 400 contos, cara. 85 só de sinal. Ou, eu nem sei onde que eu vou morar não.

B: morar debaixo da ponte você não paga não.

(risos)

L: Quando você pretende casar, Larissa?

J: Eu? Ah sei lá, quando estiver madura, equilibrada, bem estruturada e um serviço.

Prof: Ah! A maior parte de vocês disse que daqui dez anos. Quando vocês estiverem com 26 anos, vocês pretendem ficar fora da casa dos pais de vocês. Essa geração que tem 26 anos hoje, é uma geração que tem características de ainda morar na casa dos pais, de sair da casa dos pais com 30 anos ou mais. De se casar lá pelos 30 ou de sair para um apartamento próprio só com 30 ou ate depois dos 30. Então a gente pode pensar que existe um dever de mudar essa situação de hoje porque isso já é uma característica dessa geração de agora. Estar na casa dos pais ate mais tarde né? Antigamente as pessoas saiam da casa dos pais bem cedo, eles casavam, formavam família e saiam bem cedo. Ai essa geração que hoje por volta de 30 anos saiu da casa dos pais mais tarde. Então a gente pode dizer existe um desejo de vocês de mudar essa situação?

A: Ah! Eu acho que sim.

B: A gente vai parar para pensar no nosso futuro.

A: Eu acho que isso vai acontecer. Porque assim, a gente agora se sente privado de fazer muita coisa. De sair, de ser independente, em outro sentido. Ai a gente quer sair da casa para fazer o que a gente quer. Mas ai quando a gente chega lá à gente vai ver que a gente vai poder sair à hora que quiser. Depois dos 20, sei lá, a gente não vai querer mais, a gente vai ver como é confortável estar na casa dos seus pais. Eles vão te ajudar te apoiar em tudo.

B: Eu acho que hoje em dia o que o jovem quer mesmo é sair e não falar com ninguém. É ter liberdade de fazer o que você quer entendeu?

A: Isso mesmo.

M: Ai depois você sai e começa a morar sozinho (inaudível),

B: Ah! Você já ta velho mesmo. Não vai querer.

M: Quando a minha mãe viaja, eu fico sozinho em casa, eu tenho muita coisa pra fazer.

H: É tão bom ficar sozinho quando a mãe viaja.

B: Eu já posso ficar quando eu chego da escola, né? A gente pode sair de casa e viajar né? Eles não podem sair não, que a gente fica doidinha. Agora a gente pode né? Falar, mãe vou viajar e to indo, a gente nem se preocupa se ela vai chorar se ela cai lá no chão sei lá. Sei quando ela sai à gente fica lá comendo miojo.

C: Inaudível

B: É

C: A gente nem sente mal assim.

Lacerda está marcando o próximo encontro. Encerrando o bloco

TRANSCRIÇÃO DO ENCONTRO 3

L: Nosso bloco de hoje é essa questão da escola. E vamos dar seqüência a essa questão do corpo propriamente dito. As perguntas direcionadas né?! Então queria saber assim, primeiro, o que vocês vêem... Não precisa se preocupar com a minha pessoa não. Como vocês vêem a escola?

Prof.: Ou com a nossa?

L: Como vocês vêem a escola que vocês estudam? Mais direto, o que vocês teriam vontade de dizer sobre a escola?

C: Pô, eu acho que assim, ela é o lugar que mais tem influência sobre a gente depois da família. A escola, o ensino daqui é muito bom, a gente aprende bastante coisa apesar de estar vivendo uns momentos meio... Do ensino médio, mas, bom.

Prof.: E o que é que define a escola boa, quais as características para vocês de uma escola boa?

C: Professor, professor assim capacitado, que assim, dê a aula, que conseguir fazer a gente prender a atenção e ao mesmo tempo estar aprendendo. Porque tem professor que assim, é muito bom, que dá matéria, matéria, matéria, só que a gente não consegue prestar atenção. Tem professor que consegue prender a nossa atenção e dar a matéria, aí sim. Assim que eu defino.

J: Eu acho que isso é muito interessante. Aqui tem muitos professores que sabem muito, tem uma grande carga de conhecimento, mas nem sempre passa isso pra gente da forma mais eficiente. É isso. Agora quanto à escola nossa? Eu já estou há muito tempo, então, todas as coisas eu aprendi aqui,

tanto a questão de conhecimento, como, sei lá, sobre o ponto de vista, o desenvolvimento moral, sei lá, ajudou muito para compor, para compor, sei lá, a maturidade que eu tenho, foi da parte da escola. Sei lá, é mais um ano que você tem de conhecimento. É um lugar que você aprende algo mais. A lembrar disso.

Prof.: E o que mais? Concorda? Alguém não concorda?

H: Eu concordo.

L: E essa é a opinião dos amigos também, dos colegas de turma, ou mais pessoal? O que vocês acham assim, de tudo?

A: Acho que é essencial mesmo, pra fazer uma boa escola, são os professores, o ensino de boa qualidade, poder saber lidar com os alunos bem. Você tipo, dá duro, você manda e todo mundo tem que obedecer. Acho que aqui é legal, porque dá liberdade pra todo mundo falar o que pensa, e sei lá, dar chance de dar suas opiniões. Eu acho que é legal nesse sentido também.

H: É, é importante os alunos darem suas opiniões pro colégio. Não são só os professores, os diretores imporem as coisas. Isso é legal você dividir tudo com os alunos, sabe? Tem colégio que fica mais rígido, tem uns que não aceitam muito, que nenhum aluno pode interferir, dar sua opinião, dizer o que pensa, o que acha.

J: Mas eu acho também que a qualidade do ensino depende do aluno. O professor programa sua aula com toda boa vontade, para fazer alguma coisa de melhor para os alunos, assim, a má vontade deles as vezes, sei lá, desanima um pouco. E também o alunos que fala muito, que é mais descomportada, ela só vai atrasando a aula e nisso o professor tem que dar a mesma matéria que tinha que dar em menos tempo, então tem que correr com a matéria e os alunos ficam meio perdidos. Então eu acho que depende dos dois lados. Do aluno e do professor.

L: Agora o que vocês acham, o que... vocês falaram bastante de conhecimento, a questão de conhecimento, vinculou a escola ao conhecimento. O que precisa saber hoje em dia? Vocês acham que a escola dá conta do que precisa saber, ou precisava saber outras coisas, ou não?

J: Sei lá. O ensino mede nosso conhecimento. A gente está se preocupando mais com o PISM do que com outras coisas. Mas, além disso, as outras coisas, tem umas matérias que não vão cair no PISM. E sei lá, às vezes, são outras experiências, algumas experiências dos professores, isso ajuda, isso não é só o que a gente vai precisar para fazer vestibular, para fazer uma faculdade. Isso são conhecimentos para a vida toda, só que nem se compara com o que a gente tem que aprender para passar no vestibular. É isso que eu tenho ouvido muito.

C: Acho que assim, o que a gente aprende, que a gente tem que aprender, a gente aprende. Agora, eu sou bem crítico quanto a isso, acho que muita coisa que a gente aprende, a gente não vai usar nunca na vida. Então por exemplo, tem a nossa professora de Biologia, a Carminha, ela ensina muita coisa para a vida, entendeu? Tipo assim, de doença, assim, entendeu? Aí ela sempre gosta de enfatizar bastante, não é uma questão que vai ajudar pra PISM, mas sim pra vida. É muito bom.

A: Acho que não só dentro de sala de aula, mas também na convivência com os alunos, os professores. Não somente dentro de sala de aula. Eu acho que a escola é boa por isso também. Você ter um convívio social, eu acho que é importante para você fazer suas idéias.

L: O que aprende na convivência?

A: A lidar com situações difíceis.

C: A conviver com o outro. Conviver com a diferença do outro.

J: Conviver com pessoas diferentes, que gostam e que tenha opiniões diferentes dos seus. Sei lá, pessoas que apresentam características que vocês não sabem lidar muito. Saber principalmente como viver mesmo em um grupo, com pessoas, e isso.

L: E nas redes sociais aprende isso também?

H: Acho que não. Você não está de frente com a pessoa. Como muitas vezes na rede social você não sabe quem é a pessoas de verdade, igual, tem milhares de pessoas diferentes. E pode ser qualquer pessoa. Claro que a pessoa pode pegar um perfil e mentir para você, como é que você vai saber quem está ali do outro lado?

A: Você não se expressa como você expressaria pessoalmente com a pessoa. Você fala coisas pela internet que você não falaria pessoalmente. Sei lá, você fica mais corajoso para falar as coisas. Você não está cara a cara com a pessoa. Você não conhece ela de verdade.

L: E você?

G: É, eu acho que sem as redes sociais, eu não seria o que sou hoje, porque eu sou muito mais social por causa delas. Porque se eu não pudesse falar uma coisa que acho que eu não conseguiria fazer de cara com a pessoa...

A: Você começa a conhecer a pessoa depois que você conhece ela pessoalmente. Às vezes você conversa muito pelas redes sociais e tal, e quando você vai conversar pessoalmente, geralmente você não gosta mais tanto daquela pessoa. Pode acontecer isso também. Você não conhece ela tão bem.

Prof.: Mas você atribui essa facilidade de você conseguir estabelecer um primeiro contato nas redes sociais, é, de repente pela sua personalidade, você é mais tímida?

G: Não. Não sei, eu sempre usei mesmo, aí eu comecei a, por exemplo, conhecer amigos daqui do colégio, que eu nunca conversei no colégio, aí eu adicionei lá, e comecei a conversar. Aí agora a gente é amigo aqui também e nas redes sociais. Acho que é o início de uma conversa. Eu acho que é bom.

A: É uma oportunidade de falar com a pessoa com mais facilidade. Você não vai chegar do nada e vai começar a conversar com ela assim, no colégio. É mais difícil, agora na rede social, todo mundo faz isso.

C: Para os mais tímidos é o que há. Você está lá digitando com a pessoa, se te ver pessoalmente, fica mais fácil, com certeza. Aí cria assim a possibilidade para perder mais essa timidez de falar pessoalmente.

L: O que muda no pessoalmente, assim?

H: Porque você está de frente com a pessoa e na rede social você não vê ela. Você não sabe o que vai ser, como ela vai agir quando você falar isso na frente dela. Porque na internet você está lá digitando, entendeu? Se você tiver que xingar, você xinga. Mas quando você está de frente com ela, você falar para ela, você não sabe o jeito como ela vai agir contigo. Na internet ela não pode expressar como está lá. Expressar alguma coisa.

L: Vocês acham que a identidade da pessoa muda da rede social para...?

A: Depende da pessoa também. Tem gente que do mesmo jeito que fala no computador fala na sua frente também, tem gente que é desinibido e não precisa disso para comunicar com as pessoas. Eu acho que sou a mesma pessoa sempre, mas tem pessoa que não. São completamente diferentes, falam coisas na internet que não tem nada a ver com ela de verdade.

Prof: Sara, quando você comentou que a pessoa se expressa de forma diferente, você está se referindo a uma expressão mais corporal?

H: É.

Prof: No que ela fala e dá escrita, como você identifica essas diferentes formas de expressão?

H: Ah! Assim, quando você está na rede social conversando com uma pessoa, você não tem visão de como ela vai, é, se ela vai ficar surpresa, o que você vai falar, se ela vai... Porque na internet, igual às meninas falaram, você cria coragem, você fala um monte de coisa, mas você não sabe como a pessoa é na sua frente, entendeu? Às vezes você fala com ela na rede social ou algo assim. Ela pode reagir de um jeito na internet e de outro na sua frente. Pode ser outra pessoa, entendeu? Na internet ela pode conversar de um jeito normal e na sua frente ela pode brigar contigo ou nada. Eu acho que a pessoa quando é ela mesmo, eu acho que ela muda na sua frente mesmo, porque na rede social é só um perfil.

Prof.: A experiência de vocês aqui, de um modo geral é, tem se confirmado as impressões que vocês têm na internet com elas? Quando vocês encontram pessoalmente com essas pessoas ou na maioria das vezes as pessoas se distanciam daquelas impressões que você tiveram no primeiro momento? Quando tiveram aquele contato lá na internet?

A: Eu acho q é dividido. Tem mesma quantidade de pessoa que são iguais pessoalmente como o contrário também.

Prof.: Então às vezes confirma ou não, né?

A: É.

L: Larissa quer falar alguma coisa?

J: Não, não.

Prof.: Os demais aí que vêm (inaudível)

Todos: Risos

C: Eu acho que é mais pra filme, assim, quer dizer, é meio estranho. As vezes você conhece a pessoa, a pessoa parece até ser mais madura, ai você vai pessoalmente e a pessoa é mais criança. Às vezes é o contrário, a pessoa é mais descontraída digitando, quando você conhece ela , é mais séria.

M:Na internet você tem tempo pra pensar no que você vai falar.

C: É.

Prof.: E com relação ao caráter da pessoa? Também vocês observam diferença?

C: Isso daí é só pessoalmente. Quer dizer, assim, dá pra você conhecer ela na rede social. Na rede social eu posso falar que eu tenho 25 anos, formei em medicina agora, moro numa casa de praia.

H: Se a pessoa morar longe, você não vai ter oportunidade de conhecer ela. Assim, você pode ter um dia, mas se ela chegar pra você e falar, você vai acreditar.

C: Ai você não tem como provar.

H: Você só vai avaliar ela, assim que você conhecer ela. Se ele falar não, ele não pode ter. Quando você vai, se eu estivesse conversando contigo e te conhecesse de algum lugar, ela podia falar: Nossa! Hoje eu posso não conhecer ela e até amanhã conhecer ela, então, tudo que ela falar pra mim vai valer, entendeu?

L: Vocês acham assim? Só conhece quando ela está presente?

C: Não.

H: A não ser que seja algum colega seu, que já tem muito tempo que você não vê, você conversa pra lá, você já sabe como vai ser algumas coisas. Já é familiar. Como é a pessoa que você conhece assim, você só conhece de verdade quando está de frente com ela.

L: E como vocês aprenderam na escola, sobre essas relações, do seus pais, como você aprende a se relacionar, +e entre vocês mesmos isso ou a escola põe como conhecimento ou tem interferência nisso daí? Nas escolhas, nos valores, como vocês falaram. Tem uma certa aproximação das pessoas em função dos valores que a pessoa atribui a ela, como vocês falaram. Entendendo assim, só quando ela está presente primeiro que vocês confirmam ou não se a pessoa é aquilo mesmo, então a gente passa a atribuir valores nas pessoas, ela valoriza, eu também valorizo, e vocês estão numa fase de amadurecimento, você falou bem nesse campo que a gente vai aproximando. Agora, o que caracteriza esses valores? A escola ensina alguma coisa ou é entre vocês, na igreja, na família, fora, de onde vem mais isso?

C: Mescla né?! Encontra em tudo, mas acho que a escola tem o seu papel nisso. Porque a gente passa aqui na escola assim, quase 5 horas no dia, às vezes mais, então assim, o que muito professor, diretor... tudo depende, +e meio que um exemplo, a gente tem, a gente leva muito desses valores, mas também óbvio, valores da sua família e do mundo.

L: E quando o professor faz uma coisa que você não concorda? Professor é exemplo né? Então...

C: Então, está até acontecendo isso aí, já rolou lá na sala. Assim, não que eu esteja lançando muita crítica em cima do professor, não consigo mais ver o professor como, assim, uma pessoa como a gente admira, não tem mais respeito, porque o que ela fez com a gente, a gente não leva mais.

A: Ajuda a formar também as idéias, porque querendo ou não, se a pessoa faz alguma coisa que você não concorda, ai você não concorda mesmo, ai você não vai tirar nada daquilo. Mas se é uma pessoa que você admira, que você segue o exemplo, a gente pode tirar coisas boas daquela pessoa.

H: Eu acho que é bom quando o professor dá um pouco de liberdade para o aluno, para debater, para falar que não acha certo, entendeu? Porque se fosse

assim, se ele tomasse uma atitude que todo mundo pudesse debater sobre aquilo, é..., mesmo achando errado, lógico que a gente não ia fazer, mas caso desse trabalho ou alguma coisa assim, que a gente achasse errado e tal. A gente ia fazer, mas hoje aqui no colégio não tem nada que, assim, pode ter alguma coisa, mas você conversa, resolve, entendeu? E é bom essa liberdade que eles dão pra gente falar assim. Porque sempre tem alguma coisa que você não acha certo. Mas aí a liberdade que eu estou falando, você dá pra ele falar, que se ele também achar que tem toda liberdade contigo pra falar sobre outras coisas, você começa a cortar entendeu? Já começa a conversar com ele, para falar que a liberdade que você dá assim pra ele, não é aquela liberdade pra ele poder falar tudo contigo, e achar que você vai achar errado, sobre aquilo que você está falando.

C: É tipo assim, a gente tem três anos com a mesma professora. Aí pô, várias coisas que ela já fez, que a gente não concordava, mas era só sobre isso, trabalho, prova, essas coisas. Até o momento em que ela foi e afligiu a gente, assim, como pessoa, como caráter nosso. Ela duvidou do nosso caráter, aí já mexeu mais com a gente, já não mexeu mais com a matéria, aí pra gente mudou.

J: Sei lá. Eu não consigo muito ser, tipo, amiga do professor, porque eu sei que meu professor é algo assim, acima de mim, é algo superior, é como se fosse uma hierarquia e ele estivesse acima de mim e eu fosse o último, o nível mais baixo dessa hierarquia. Eu sempre tratei o professor com muito respeito, agora se for pessoal mesmo, que me ofende, eu falaria assim, algo que fosse... Na maioria das vezes algo só em relação a mim, (INAUDÍVEL), algo em relação a mim mesma. Eu sei lá, procuro conversar com o professor em outro momento, lugares a sós mesmo. E eu sou, procuro ser as vezes tipo assim, mesmo, por mais que a pessoa seja injusta, que o professor seja injusto, alguma coisa assim comigo, eu sempre procuro ver se eu não tenho parte nisso. Porque se o professor tomar má impressão de mim, posso ter contribuído para que a má impressão tenha sido feita, sei lá, então pensando nisso, eu... E também independente de tudo, isso é um ponto importante na sua vida, nunca me

incomodei com métodos diferentes dos professores, e a questão do ensino, faz algo que eu não goste, assim, eu sempre corro atrás, sei lá, no caso é que de maneira nenhuma eu tento me igualar ao professor, porque eu sou uma rés aluna e eu tenho o poder de conceber o professor.

M: Mas eu já acho que não pode ser assim, se a escola como o João XXIII investe tanto num projeto de diálogo mesmo entre os professores e alunos, se a gente aqui tem vez, eles querem pelo menos que a gente tenha vez. Eu acho que a gente não pode escutar, assim, e baixar a cabeça e procurar a nossa melhor culpa, eu acho que a gente tem que...

H: Se for uma coisa que eles estejam certos, sim. Mas que a gente não acha..

A: Então a gente tem que questionar quando a gente acha.

M: É, a gente tem que fazer isso sim.

C: Mas a gente tem que ter respeito por eles, isso todo mundo sabe, mas acho que eles tem que ter o mesmo respeito que a gente por eles.

M: Você não pode levar assim, o professor como um Deus, como se tudo que ele fala está certo.

J: Eu sou a favor do diálogo do professor com o aluno, só que eu observo que muitas vezes o alunos passou disso, passa até do respeito que tem do professor. Então por mais que ele não goste, tem que ter sempre o respeito.

H: Eu acho que o professor tem que conversar com o aluno até onde é o limite dele, porque se dá liberdade para você fazer tudo, se quiser falar tudo que você achar que está no seu direito de falar comigo, aí eu já acho errado, igual como eu falei que tem que deixar o aluno debater, sobre sua função, até aí tudo bom, mas já misturar com coisas diferentes disso ou se não tratar com falta de educação, achar que porque tem liberdade, pode fazer isso, aí já é diferente, entendeu? Mas todo aluno tem que ter o seu, dar sua palavra no colégio, porque eu acho que um colégio de verdade tem também que dar uma

base para os alunos né?! Se os alunos não debatessem, o colégio ia ser sem graça. Por causa daquilo e não ter a opinião de nenhum deles. Como se a gente fosse excluído.

A: Porque um dia a gente vai ser como eles, a gente vai trabalhar, vai ter nossa autoridade, eu acho importante a gente formar desde agora, para gente poder lá na frente saber o que fazer.

M: Saber resolver as coisas no começo.

L: E com são os amigos que vocês têm em outras escolas, essas relações de professor e aluno? Vocês acham que é diferente? Do meio que vocês convivem?

H: Eu acho que depende muito da escola.

A: Mas eu acho que nenhuma é tão severa assim, que o aluno não tem palavra nenhuma, eu acho que às vezes é menos do que aqui, porque aqui a gente pode falar abertamente o que a gente quer, o que a gente pensa sempre, com qualquer pessoa, qualquer professor, coordenador, diretor. Agora tem certas escolas que não, são nas primárias quanto a isso. Mas eu acho que em todas elas o aluno tem algum direito pelo menos assim,...

J: Ah! Esse negócio do aluno querer aprender, esse negócio das pessoas terem opinião, é porque tem muito aluno que fala o que pensa, mas muitas vezes acaba ofendendo, acaba colocando o professor, vamos dizer assim, numa situação desagradável. O aluno fala o que pensa com o devido respeito, ai sim.

H: Só que aí é bom ter o diálogo, se ele achar errado, não gostar do que você falou sobre o que ele vai chegar em você e conversar. Igual um professor uma vez, acho que no ano passado, aconteceu um negócio que os dois conversaram, resolveram e estão bem. Tem sempre aquela coisa assim, por isso é bom só aquela coisa, tipo assim, rola alguma coisa, uma bobeirinha ou outra, você fica bolada com alguma coisa, trata ele na hora, tipo assim, ele vai

achar que você tratou ele com falta de educação, não é daquele modo que você trata o professor. Então se você tiver o diálogo, é... Se ele for aberto para falar contigo da mesma forma que ele acha que é aberto para você conversar com ele naturalmente, ele vai chegar na sua e vai conversar contigo que ele não gostou da sua atitude. Aí eu acho que é bom ter o diálogo com o professor sim.

A: Muitas vezes, sem o aluno passar da conta, ofende, o professor fica numa situação difícil, mas acho que essa é a oportunidade que o professor tem de colocar na sua cabeça o que você tem que fazer, colocar uma certa maturidade no aluno, para ele não fazer aquilo que ele está fazendo, ofendendo e tal. Que um dia ele vai ser, vai ter um chefe, sei lá.. ai ele não vai poder fazer nada disso. Aí eu acho que é trabalho do professor falar com o aluno as coisas legais, mostrar que aquilo não está certo.

Prof.: Vocês estão em contato com colegas que estudam em outras escolas né? O que vocês destacariam de diferentes se é que existem, dessa escola para outras escolas?

H: Qualidade.

Prof.: Qualidade?

H: O ensino

Prof.: Você acha que o diferencial dessa escola é a qualidade?

H: Eu acho que o mais importante é a qualidade do ensino, e o lugar também, o espaço que eles estão, estão dando assim para os alunos, sabe.

G: Porque o João XXIII oferece muita coisa pra gente, tem gente que nem dá muito valor. Tem colégios que nem professor direito tem.

H: Tem alunos aqui que ficam batalhando pra caramba, estudando e tem uns que não querem saber de nada, entendeu? E as vezes tem o outro que está lá,

que não tem condições de nada, que tentou e não conseguiu que continua lá estudando.

C: Qualidade é muito interessante nisso, só que tem um problema que eu acho que assim, que é um diferencial do nosso colégio, conheço muita gente de colégio particular, e muito colégio assim, por exemplo, acontece acontece alguma coisa no colégio que eles querem botar, jogar para debaixo do tapete, que eles não querem comentar muito, querem resolver por dentro, não colocar para os alunos, para os pais, assim, aqui não. Aqui no colégio aconteceu, então vamos falar o que está acontecendo, aconteceu isso, isso e isso, a gente ta fazendo isso, isso e isso, pra solucionar. Outros colégios não botam debaixo do tapete, acabou e não querem que os alunos fiquem sabendo disso.

H: Principalmente de convivência.

C: Eu acho que um dos diferenciais do nosso colégio é isso, está acontecendo, então vamos jogar a realidade para os alunos, porque se eles são um dos papéis mais importantes da escola, porque eles não vão ficar sabendo? Eu acho que uma das coisas mais importantes do nosso colégio é isso. A verdade que os funcionários, os professores, as pessoas maiores tem com a gente.

H: Aqui no colégio, pelo que eu vejo, a gente está sempre escutando as coisas acontecendo. Igual, sempre passam na sala pra falar o que está acontecendo, qual o problema, o que está acontecendo de errado, pode ser que não resolve no dia entendeu? Mas pode até resolver, mas tem colégio que não faz isso. Bota pra debaixo do tapete, não vai na sala para avisar, não vai conversar com os alunos. Eu acho que precisa conversar com os alunos.

C: É então eles querem isso mesmo, colocar debaixo do tapete para que ninguém fique sabendo, para não sujar a imagem.

H: É porque eu acho que muitas vezes colégio particular, ainda mais quando é muito rígido, o negócio deles é esconder as coisas que estão acontecendo para não ter que expor o nome do colégio, entendeu?

C: Eu acho que é o contrário, você sendo verdadeiro acho que seria assim, ter mais pontos positivos do que você escondendo as coisas.

Prof.: **As relações de você fora daqui do colégio, o que domina? Colegas que estudam em escola pública ou em escola privada ou é meio a meio?**

M: O meu é tudo público.

H: Para mim não tem nada não, até porque assim, onde a gente está assim, quando a gente está com amigos a gente não é muito de conversar sobre escola.

C: Eu conheço muito de particular, mas também tenho muito amigo da pública, isso não dá muito diferença.

L: **Em relação aos professores vocês acham que os professores entendem o jovem de hoje?**

H: Acho que sim.

M: Acho que eles tentam.

H: Eles podem tentar mas muitas vezes eles não vêem o lado positivo, igual eles vão muitas vezes na minha sala, professor quando dá um trabalho ele vem conversar comigo. Eu sei que você não quer que eu te dê o trabalho, porque você não quer fazer no fim de semana.

C: Tem muito professor assim.

H: Ele já sabe que muitas vezes a gente não quer fazer, igual muitas vezes tem festa, ai um professor da nossa sala comentou de uma festa que ele teve (INAUDÍVEL)

C: Sempre tem professor marcando prova, tipo assim, depois de show e tal.

H: Vou marcar uma provinha no tal dia que eu sei que vocês vão no show também, vão chegar cansados

(Risos)

Prof.: Vai chegar cansado? Será que vai chegar cansado mesmo?

H: Vocês não vão querer fazer uma prova segunda feira, a pior coisa que tem é você fazer prova na segunda e na sexta, são os dois piores dias que tem.

G: Na sexta não tem tanto problema, na segunda é porque domingo é dia de descansar e você tem que ficar estudando.

M: Segunda é correria pô.

Prof.: Vocês vivem algumas situações em que o colega extrapola no grupo em algum aspecto? Vocês têm vivenciado isso aqui dentro da escola?

H: É, eu acho que sim, mas quando você é amigo, você conversa com a pessoa, é isso, isso e isso.

M: Acho que hoje em dia na minha roda de amigos, seu amigo é um tipo um irmão, assim, do seu lado. Quando a gente tem uma divergência a gente briga mesmo, grita e depois volta ao normal.

H: Depois chega com as...

M: Depois chega, pede desculpas e fica de boa.

Prof.: Então entre vocês mesmos, dá para contornar a situação ou tem que haver um estado de intervenção de intermediação de professor, coordenador ou até mesmo de diretor, não sei.

M: Acho que quando você é amigo, você tem que brigar mesmo. Apesar de que quando tudo acontece direitinho, fica direito, não dá certo não. Se você não tiver nada que você não concorde com ele, acho que não dá certo não.

H: É o jeito de mostrar que você não concorda com ele e que você mostra que ele fez isso, entendeu?

M: Ter um amigo tudo igual, é muito ruim pra amizade.

H: Do mesmo jeito que ele vai te mostrando coisas que ele gosta, você vai mostrando pra ele. É tudo diferente mas você acaba se surpreendendo.

L: Vocês acham melhor a relação com o diferente?

A: É, mas não tanto diferente, mas algumas opiniões diferentes, porque ai vai ter uma discussão, se for uma pessoa igual a você , não vai ter nem o que falar com ela, é eu também gosto. Aí você não vai aprender muito com aquela pessoa.

L: Você acha que o interessante quando você aprende com o outro, as relações ficam... tem que ter alguma que ligue?

M: Tem que ter alguma coisa que comesse o assunto, uma faísca assim, pô você gosta também? Só que são as diferenças que unem mais. Se você aprende com o outro, você discute com o outro, você se completa com seu amigo sabe? Quase isso.

A: Pode melhorar a pessoa, sabe? As vezes pelo exemplo que ela te dá.

M: Igual, o meu melhor amigo que minha mãe mais gosta, sem ser daqui do colégio, é porque é calmo, tranquilo, resolve tudo na conversa. E eu sou agitado, hiperativo, doido. Aí minha mãe ama quando estou com ele. Porque ele me equilibra, sabe? Não faço tanta confusão estou com ele. Ele é mais cabeça, sabe? E eu sou mais doido.

L: A professora falou de extrapolar, quando alguém extrapola, quando vocês extrapulam, o que os amigos fazem?

A: Como assim?

Prof.: Alguma atitude, seja entre vocês, seja na sala de aula, na escola, com professores, funcionários, colégio, alguma atitude que não é aceitável no princípio.

A: A gente conversa.

M: Sempre no começo é conversar, mas quando a pessoa é sua amiga, você tem intimidade pra falar o que está te incomodando, grita mesmo com ela, você vai voltar a conversar, não tem nada que acabe a amizade.

Prof.: **Mas posso provocar mais um pouquinho. Por exemplo, A gente teve uma situação aqui no colégio, que colocaram fogo no armário, queimaram as coisas do colégio, é nesse sentido de extrapolar que eu estava querendo colocar. Provavelmente aqui sabe quem fez isso e tal, ai tem atitude de chegar para a pessoa e conversar; “Pô, você mandou mal”?**

M: Eu acho que é isso, se você não tiver tanta intimidade com a pessoa, e você chegar e falar assim, você fez errado e tal, se for amigo meu, vou brigar com ele, vou tentar corrigir de uma forma mais rígida.

H: Só que ele extrapolou bem, extrapolou mesmo, só que essa foi demais. Assim é demais.

C: É.

H: Só que aqui no colégio, se eu fosse amiga da pessoa, eu ia falar. Só que ele não ia falar. Imagina como ele vai ficar se o colégio souber disso. Eu acho que muitas pessoas, a maioria pelo menos Vai deixar ele de lado, e vai partir para outro modo, não vai conversar entendeu? Porque o povo ficou muito revoltado com esse negócio, com o que aconteceu, você fica sem saber o que vai fazer. Porque eu acho que a pessoa que não esperaria que a outra pessoa iria chegar na dela pra conversar, pode ser... eu acho que amigo mesmo vai chegar, vai na dela conversar, é o melhor amigo dela, porque colega não vai. Eu pelo menos, fiquei revoltada quando fiquei sabendo. Eu acho que a maioria das pessoas quando descobrirem quem foi, vão ficar revoltas também com ela.

Prof.: **Vocês acham que o grupo devia, seja esse que está aqui hoje, ou os demais do colégio, teriam coragem de entregar o nome dessa pessoa, de denunciar, ou não?**

H: Eu acho que não.

A: Se é amigo de verdade não.

H: Eu acho que não, eu acho que mesmo se não for amigo, eu acho que não..

M: Eu sei o caso de uma pessoa que denunciou no colégio esse ano, mas fica morrendo de medo da pessoa descobrir que foi ela.

H: Eu denuncio, se você está errado, eu não aceito de jeito nenhum, sendo amigo ou não, tem que falar, eu fico bolado com pais que passam a mão na cabeça do filho que faz coisa errada.

A: É, ou tentar convencer ele a se entregar. Mas eu não falo.

H: Igual, se eu tiver um amigo que tem um amigo que sabe que fez uma parada dessa no colégio, ela não iria me contar. Porque se ela me contasse eu chegaria para falar. Só que acho que ela viu que se ela me contasse, eu ia chegar para contar quem que é, então ela preferiu abafar o caso, tanto que até hoje ela não comenta do assunto. Eu tentei, pelo menos eu tentei descobrir quem é a pessoa, mas ela não quis contar. Mas eu acho que depende, se é amigo, eu, se fosse um amigo meu, que tivesse feito, ele falaria, lógico, ele ficaria bolado comigo. Pô Sara, você é minha melhor amiga, vai lá dedar para as pessoas. Mas eu acho que assim é errado, então...

C: Ainda mais quando a gente, que não parece que a gente denunciou, mas é uma coisa que está prejudicando a escola.

H: É uma coisa que é errada, mas quando chegar em casa, vou contar pra minha mãe e ela vai fazer o que for preciso. É uma coisa que você fica assim, tipo, o dia que eu cheguei aqui e fiquei sabendo, quando fiquei sentada ali fora,... Igual uma amiga minha, que eu acho que queimaram o armário dela primeiro, até no dia ela não veio na aula, ela me contou pela internet que tinha acontecido isso, aí, igual quando eu cheguei aqui no colégio e eu vi que as pessoas estavam sentadas do lado de fora, porque eles não abriram as salas, porque eles trancaram as salas por causa disso, porque o povo estava revoltado com o que aconteceu, entendeu? Ai você fica assim, é uma coisa que dentro do colégio, que pelo menos em todos os colégios que eu estudei até

hoje, nunca aconteceu, entendeu? E fica aquela dúvida, igual está rolando muito assim, tipo, porque o 1º ano chegou, eu também não tenho dúvida que é por causa disso que aconteceu. Igual, ela é do 2º ano praticamente, igual minha amiga falou, “Sara até hoje, até hoje não aconteceu nada depois que eu vim pro ensino médio. Igual, eu sou do primeiro ano, ele e ela também. Depois que a gente chegou, a minha amiga falou que acha que isso está acontecendo por causa do 1º ano, e eu também que sou do 1º ano, eu acho que isso que está acontecendo é por causa disso também.

C: É tipo quando o 3º ano estava no 1º e no 2º, não acontecia, a gente do 2º foi e não aconteceu, e com esse do 1º do nada aconteceu.

H: Pode ser alguma coisa meio assim.

M: Vocês estão, eu não gosto disso, vocês estão culpando a gente.

C: Lógico que vocês não são culpados

M: Só porque chegou gente nova no ensino médio, vocês estão falando que foi a gente, eu não estou gostando disso. Pode ter sido muito bem os novatos, ou alguém que já está lá e que está puto há muito tempo, e aí chegou e extrapolou.

H: É pode ter sido alguma coisa assim, mas Nossa Senhora! Mas eu acho que é certo você chegar e falar, mas sempre tem aquela coisa. Eu acho que a primeira coisa que passa na sua cabeça, igual se eu fosse dedar uma amiga minha, a primeira coisa que ia passar na minha cabeça ia ser assim, “Pô.. ela não vai querer mais conversar comigo”, entendeu?

C: Fale escondido.

H: Pode ser que ela descubra, tipo assim, pode ser que ela faça uma coisa e só pra mim que ela tenha contado, e se ela sabe, igual ela vai me contar, e se for só pra quem ela tenha contado, e eu chegar e falar, e ai como descobriu?

M: Ela vai saber que foi você que contou.

Prof.: Gente! Olha só pra vocês. É certo ou errado contar?

H: É certo.

Prof.: A sua amizade está acima do que é certo?

H: É, acho que mesmo que ela fosse minha amiga, eu ia contar.

C: O certo está acima.

Prof.: Vocês responderam a colocação da professora, dizendo que não contariam, agora vocês estão dizendo que é certo contar.

H: É certo contar. Eu contaria

A: Eu não contaria se fosse minha amiga, eu acho que amizade esta acima do que é certo e errado, você pode até convencer essa pessoa, seu amigo conversar, ficar bravo com ela, eu acho que chegar e contar eu não faria. Poderia até me afastar dependendo do caso, se fosse desse tipo de coisa que a pessoa fez. Porque a pessoa já se transformou em um tipo que eu não conhecia, e ai eu me afastaria. Mas acho que eu não contaria.

H: Eu também me afastaria.

A: Eu tentaria convencer, mas se eu visse que ela estava agindo diferente mesmo, eu acho que eu me afastaria.

H: Eu acho errado.

C: Eu também acho.

M: Ah! Sei lá, mas se você tem um amigo de verdade, que você goste dele, eu acho que ele não deveria fazer bobagem pra você provar sua amizade com ele não.

H: Mas fica uma dúvida, uma dúvida se eu conto ou se eu não conto, entendeu?

Prof.: Tem um dilema!

H: É

M: Se o cara fosse muito meu amigo, eu dedava. Mas eu não contaria pra ele que foi eu que dedei.

H: Eu também, eu ia lá e contava , mas não falaria que eu contei.

M: Mas se não fosse meu amigo, não ia ligar não, eu ia falar.

C: Se for merda então, o mais certo é contar.

M: Ainda mais pra prejudicar um espaço que é nosso.

C: Não né?! Prejudicando a gente mesmo.

M: Ai, agora ai o primeiro ano todo fechado achando que é a gente. Agora tudo que acontece já vão lá na sala e ficam falando pra caramba.

H: Ai tem essa coisa, quando eles passam na sala pra falar, eles passam em todas as salas, aí tem uma coisa que até ontem não acontecia, ai a gente chegou e está acontecendo. Aí, tipo assim, sempre rola isso. Em qualquer lugar que você vai e você é uma pessoa nova, a primeira que eles vão desconfiar é de você. Agora eu não acho errado eles desconfiarem, eu mesmo estou achando que tudo que está acontecendo é por conta do 1º ano. Como ele falou, se até ontem não aconteceu, porque eles iam deixar... Porque o 1º e 2º ano iam deixar pra fazer tudo agora que a gente entrou? Para acontecer algum motivo para prejudicar a gente, entendeu? Eu acho que, algo assim, eu acho que, sei lá.

L: O que leva vocês a afastarem, ao vêem que a pessoa se transformou, então afasta, o que leva?

H: Dessa pessoa.

L: Afastar, vocês afastarem, afastar alguém do grupo?

A: Ah! Eu acho que é esse tipo de comportamento que nunca foi da pessoa, diferente, ou sempre foi, só que você nunca percebeu.

L: Quais tipos?

M: Você vê que a pessoa é mau caráter, sai dela assim, você vê que ela faz as coisas muito erradas.

A: Pode fazer errado até com você, do jeito que ela quer levar vantagem em cima de todo mundo, prejudicando todo mundo, ela pode prejudicar até você mesmo.

M: Acho que briguinha que você tem todo dia, uma coisa boa, não faz você afastar de uma pessoa. Mas se você vê que a pessoa é ruim, e que ela não tem caráter, eu acho que é o que basta para você largar dela.

Prof.: **Nessas situações de extrapolações que puseram fogo no armário. Vocês tem percebido que os colegas te isolado os possíveis autores, essas coisas ou continua aquela cumplicidade?**

M: Eles não isolam assim, pra não dá muito na pinta, mas sempre fica aquele murmurinho;. Ah! Foi aquela pessoa, eu acho...

H: Ainda mais se for um grupo, e não só uma pessoa. Que eu penso que foi um grupo, porque não tem como a pessoa fazer sozinho, tem que ter gente para olhar.

M: Mas a gente não pode falar que é um grupo de terrorista.

H: Qualquer um pode ver se não tiver auxílio. Eu acho que nunca a pessoa vai estar sozinha. Se for um grupo, se uma pessoa sai, vai ferrar o grupo inteiro, entendeu? Se eu for do grupo e eu contar, a pessoa chegar e contar, vou ferrar meu grupo, vão chegar e contar e contar que eu também estava junto com eles. Eu acho que eles estão sempre em grupo. Se for eu, eu tenho certeza que não é só uma pessoa, eu acho que uma pessoa só, não seria capaz de fazer aquilo tudo sem ninguém ver, entendeu? Eu acho que ninguém viu, então é... ela nunca estar sozinha, não vou falar que aquela pessoa está sozinha, está sendo excluída, então deve ser ela. Se eles andam em grupo, vão continuar em grupo.

L: **Ok. Nós temos outro bloco. Aí é de vocês se a gente continua agora, se a gente...**

(Comentários sobre ter que ir).

Prof.: Aproveitando isso, até antes de desfazer o nosso grupo, o que vocês pensam dessas atividades extraclasse, como por exemplo, o ensaio para quadrilha, uma semana cultural?

M: Eu acho muito legal, é uma coisa que a gente tem que agradecer pelo colégio que a gente.

H: Eu acho legal, mesmo eu não tendo vindo, porque toda vez que tem algo aqui no colégio, igual na semana atrás eu viajei quando foi, entendeu? Igual, vou viajar também e não vai dar pra eu vir, mas eu sempre falo assim, na hora pra minha mãe e ela fala que já tinha marcado tudo. Mas eu acho legal porque nem todos os colégio fazem isso.

A: Eu acho que tem que ter mesmo, para os alunos se distraírem e para que os alunos não vejam o colégio só como uma coisa séria, mas vejam como uma coisa descontraída.

H: Igual o interclasse, é uma boa.

M: Tem também a oportunidade de monitoria de tarde, que nem eu, por exemplo, eu passo a maior parte da minha vida aqui no colégio. Tem dia que eu fico aqui até às 18h. Tem dia que eu chego em casa as 18h e saio as 6h da manhã.

H: Tem também esse projeto que está tendo para alunos trabalharem a tarde, também acho legal.

Prof: Você faz monitoria?

M: Não faço o BicJunior daqui.

Prof: você faz o bic:

M: É eu sou o bolsista do Lacerda.

Prof: É mesmo, o outro dia você tava ali, ai você passou pro lado de Ca, muito bem.

Prof2: Vocês têm aqui um grupo de convivência, um grupo de amigos do colégio, e um grupo que não tem vínculo com o colégio, um grupo de fora, como é que é, essa relação, com o grupo daqui do colégio vocês fazem coisas fora daqui, juntos. As vezes acontecem algum intercambio, com o grupo que vocês tem aqui com o grupo de fora, ou as coisas não se misturam, como é que funciona isso?

C: Sai com os dois.

M: Eu acho que isso.

H: Igual aquela hora que você perguntou sobre a questão da amizade é a mesma coisa, entendeu? A gente convive, igual esse negocio da festa junina, tem uma amiga que falou que vai chamar amigo de outro colégio para vir. Eu acho que é igual o convívio, entendeu? Mas tem aquela coisa, eu já escutei sobre o colégio João XXIII é um colégio de baixo que não gosta do de cima. Igual tem muita gente que passa de ônibus e acha que é do santa Catarina, olhando, sempre tem aquela coisa entendeu? Se eu não gosta eu não ligo, igual passou gente do colégio Santa Catarina, ou de outro bairro eu não ligo, ainda mais se for minha amiga, se não for também não ligo não, mas tem, mas acho que tem algumas pessoas tem aquela coisa. Ah estudou no Central ou assim no João XXIII, não gosta do central, mas eu assim saio com eles, normal.

Prof: Quando vocês andam assim na rua, com a camiseta do colégio, vocês sentem algum olhar diferente, por parte de pessoas que estudam em outras escolas? É isso?

M: Sim, sim, existe sim.

C: Não sei se é por que eu tenho muito contato com todo mundo, não sinto não.

A: eu também sinto mesmo.

Prof: O que você sente?

M: Ah sei La, as vezes as pessoas olham esquisito, as vezes acha legal, tem gente que gosta, mas parece que tem gente que não gosta, tipo quando eu passava na frente da academia, nego ficava me olhando, querendo briga, não si se era por causa de mim ou por causa da camisa, não sei, qual que é o problema mais.

Prof: **Bom. Mas isso é uma coisa que esta passando na sua cabeça, concretamente ninguém nunca verbalizou, expressou nada, apontou assim para você?**

M: Mas concretamente não tem de briga, já vi concretamente de elogiar, a esse colégio é muito bom, legal sabe, nunca de falar assim a você é um bosta, você estuda no João XXII.

C: apontar assim pra mim e falar coisas assim não, nunca.

M: já aconteceu isso por causa de outras coisas sim ser o colégio, tipo assim, por causa de mim, mas por causa do colégio não, ate abriu outras portas de comentários assim o João XXIII, nossa que maneiro e tal.

Prof: **Mais portas?**

M: É um inicio de conversa com outras pessoas que estudam em outros lugares, igual eu tenho amigos de fora do colégio que são loucos para estudarem aqui ou conhecer como funciona.

C: Ate outro dia eu estava conversando com uma amiga minha, e ela ah... Minha mãe falou que queria me colocar no João XXIII, mas é difícil por que é sorteio.

H: É igual eu tenho uma amiga, e primos que ate hoje tem vontade de vir para cá, minha mãe tentou sorteio aqui duas ou três vezes, ai quando eu estava estudando no outro colégio, aqui ainda não tinha aula, teve sorteio e não tinha aula, minha mãe chegou la e falou que eu tinha conseguido o sorteio. Minha mãe falou que era a ultima vez que ela ia tentar, ai ela conseguiu, ai eu sai de la. Ai tem uma amiga minha de lá que falou comigo que ela estava tentando

sorteio para Irma dela, entendeu? A mãe dela poderia muito bem deixar ela no santos anjos, mas aí...

M: aqui esse colégio aqui é muito bom, a gente tem todos os benefícios de um colégio particular, sem pagar assim diretamente, sabe?

Prof: **Mas alguém aqui entra no colégio é, e tendo passado por outra escola antes, e no caso dela que ficou tentando sorteio, duas ou três vezes?**

C: Eu entrei na quinta série e estudei meus quatro anos lá no santos anjos também. Aí assim tentou uma vez, tentou duas vezes. Por que meu tio era professor aqui e falava assim, vai que dá certo, eram dez vagas e eu fui para três.

A: Eu estudei aqui desde o primeiro.

H: Ah eu estudei em colégio particular.

M: eu também estudei desde o primeiro.

Prof: **Vamos dizer aqueles que entraram tardiamente, é entre aspas, é vocês, o resto tudo entrou no primeiro ano?**

G: Eu entrei na quarta série.

Prof: **Você também tentou mais de uma vez?**

G: Tentei quatro vezes, desde o primeiro ano.

Prof: **Quer dizer que foi muito desejado entrar aqui nessa escola?**

H: É

G: eu sempre quis estudar aqui.

Prof: **Quem estudava aqui que você conhecia?**

G: Minha Irma, ela já saiu, já passou no terceiro ano.

Prof: Mas então quando vocês fazem alguma coisa fora daqui, esse grupo daqui do colégio quando fazem alguma coisa fora daqui o que normalmente, o que vocês combinam de fazer fora daqui?

A: em todos os colégios as pessoas combinam, festas que tem...

C: A gente saiu com pessoas daqui com pessoas de outro colégio, tudo junto.

H: Eu acho que não existe essa coisa sabe, igual a gente, tipo assim, é de outro colégio, eu acho que na hora de você esta lá, você nem toca no assunto, a você e tal lugar, eu nem toco nesse assunto.

M: No meu já, nego já fala assim, naquele e tal, tem uns colégios legais, outros não. Igual eu já morei em monte de lugares, e eu tenho um monte de amigos pela cidade, mas onde eu estou agora, os meus amigos de lá estão todos no colégio do meu irmão pequeno, minha mãe tenta sempre pro meu irmão entrar aqui, mas não consegue, ai todos os sonhos dele é entrar aqui, por que o colégio lá é horrível sabe, é uma porcaria, e ai o sonho da minha mãe, e de todo mundo é assim, colocar, meu filho em um colégio igual o João XXIII.

H: Minha mãe falou que era a ultima vez que ela iria tentar, igual aqui, igual eu te falei quando eu sai de lá, eu já estava tendo aula lá, entendeu? Ai eu sai de lá e vim pra cá, ai no dia que ela chegou lá e falou que eu tinha conseguido, que não sei o que, ela foi conversando comigo, ai ta, ai eu fiquei uns dois meses sem aula, ai entrei na mesma sala de vocês neh?

C: Não.

H: Ah, foi do povo que ta no segundo ano hoje, eu entrei na sala da Laura.

Prof: Se vocês tiverem a oportunidade de escolha, ou alguém, ou os pais de vocês chegassem para vocês e perguntassem assim, vocês gostariam de mudar de escola, ou permanecer aqui no João XXIII?

A: Permanecer.

M: Ainda mais esse colégio do melhor da minha vida.

C: Também agora que eu estou terminando.

H: É mesmo eu já estou no ensino médio, você vai sair.

M: Uma coisa que não me interessa nada é essa coisa de ensino religioso, que na maioria dos colégios bons daqui de Juiz de Fora, são religiosos, e aqui não tem essa pressão, essa chatice.

H: Mas nos Santos Anjos era também, mas não tinha aquela coisa assim.

M: Então, mas só pra puxar pra esse lado já é foda, sabe, igual Santa Catarina, Jesuítas, Santos Anjos, tudo é assim.

Prof: **Vocês sentem falta de alguma matéria aqui no colégio?**

C: Eu sinto falta, eu sinto mais de educação física.

M: Eu também, eu ia falar a mesma coisa, eu sinto falta por que quando eu passei por ensino médio é só uma aula só por semana, eu queria que fosse cinco.

C: tirar sociologia ou de filosofia e bota mais uma de educação física.

M: É isso ai mesmo.

Prof: **Alem de mais uma aula de educação física, vocês falam mais algum outro conteúdo, que vocês sentem falta de poder discutir, alguma coisa, algum assunto?**

A: Eu acho que aborda todos os conteúdos, inclusive o modulo também, dá varias oportunidades.

C: Talvez mais opções de modulo também.

M: Eu acho que esta sobrando matéria tipo assim se a base do nosso estudo aqui no ensino médio é o PISM, por que que a gente estuda matérias tipo filosofia.

G: Eu não acho necessário.

H: Eu acho muito necessário.

J: É só que a gente tem que pensar que o PISM, muita gente desiste do PISM e etc. Tem vestibular, tem o Enem, que cai filosofia se não me engano, sabe. Não é só do PISM, a gente esta principalmente centrado no PISM, por que eu acho que é a melhor oportunidade para nós aproveitarmos, mas tem outras coisas que nos colocam na faculdade que precisa de outras matérias, inclusive filosofia, e as línguas estrangeiras.

H: Igual dá pra você escolher se você quer inglês, espanhol, e ate Frances.

M: Sabe que eu acho, que seria um avanço muito grande, as escolas dos estados unidos buscam sua nota e vê quais matérias você é melhor. Quando você entra no ensino médio, você só faz as matérias que encaixam com o curso que você quer fazer para, que você se identifica, sabe? Eles vêem quais matérias que você não, que você vai bem, você esta entendendo o que eu to querendo falar. Ele se encaixa em tal, tal e tal, é faculdade, curso superior, ai ele só faz matérias que cai nesse curso superior, entendeu? Tipo assim, eu acho que tem gente, igual eu quero alguma coisa como arte e publicidade, ai eu faço matéria que não cai, que não precisa.

A: Mas ai por que você não se decidiu completamente.

C: Mas uma hora vai chegando.

M: Mas ai já é.

A: Igual no terceiro ano no PISM, você só faz as matérias que você precisa.

C: É, da sua área.

H: É, mas ai tem essa coisa, você vai fazer uma área igual de uma matéria que você vai usar mais, ai é lógico, direito você usa mais o português, por exemplo, cada área tem uma matéria, mas...

M: Mas é igual que o Agostinho falou uma vez comigo, que ele falou assim que o filho dele foi formar em comunicação, e viu que as notas de física eram baixa do pessoal que passava, ai foi estudou para caramba ai foi o diferencial nele, ai

isso eu acho que é legal, só que eu acho que é difícil, você ver afinidade em matéria que você não gosta.

L: Falaram em sociologia e filosofia que não serve para nada?

A: Eu acho que serve muito para formar a pessoas.

H: A não, mas hoje a gente pensa assim, igual de vez em quando passa matéria no quadro, o professor passa, para que eu preciso saber disso.

M: Outra coisa que eu fico revoltado, eu acho que deveria ser uma matéria conceitual, tipo por que, eu acho que ela é dada, eu acho que as pessoas estão colocando, muita pressão em cima de uma matéria que nem é tão importante assim. Eu acho que eu posso até esta falando alguma coisa errada, mas o professor que esta dando essa matéria, é então, ela briga muito pela matéria que assim não vale tanto a pena.

Prof: Se você tivesse que destacar... Ah desculpa não te escutei.

J: Ta, essa questão da filosofia, por que eu não gosto, particularmente eu não gosto de matéria tipo aula, por que se você for ver todas as teorias, todos, ver os pensadores e tal, vê as pessoas que elaboraram isso, são linhas de pensamentos, são muito inteligentes, mas eu acho que algo para ser estudado é algo mais pessoal sabe, aula, é algo que é cobrar com seu pensamento.

M: Eles estão avaliando de um jeito errado, filosofia, acho que não é nota, é como se fosse ver se você esta pensando certo, fazendo certo, mas ninguém mede o que esta certo. Eu acho que a avaliação da filosofia em nota não dá certo.

J: A sei lá, é por que filosofia por exemplo, seria para ampliar o conhecimento sobre a realidade, é algo que vai muito além de sala de aula e nota, e pensamentos corretos. O que tem em filosofia são pensamento que do meu ponto de vista são corretos ou não. Mas são pontos de vista e são debatidos, e assim a gente vai chegando mais no nosso todo. Com vários focos diferentes a gente tem uma maior visão do mundo. Não como uma matéria que o professor

passa no quadro, cobra nota, por que não é isso, eu acho que isso é o verdadeiro objetivo. Sabe?

Prof: Se vocês tivessem que destacar, porque ou ai uma discussão, NE. Tem coisas que servem, tem coisas que vão me servir, para cada um tem um sentido diferente do que serve ou não, de acordo com o próprio objetivo. O que vocês destacariam então, o que é fundamental, relevante, o que é mais importante para vocês, em termos de conteúdos, coisas a serem aprendidas?

C: Eu acho que vai do que a pessoa quer fazer.

A: Aqui a gente aprende muita coisa que a gente não vai usar, matéria assim mesmo, a gente não vai lembra assim ano que vem mais, entendeu? Eu acho que não vai ser tão importante. Eu acho que a gente devia pegar mais base.

H: Mais é importante para você passar de ano.

M: A pessoa aprende uma coisa e fica pensando nisso ate a prova, depois esquece, nunca mais.

A: Tem as pessoas inteligentes que sempre estudaram vão lembrar mais. Mas acho que em massa assim a gente não decora as matérias mesmo, quando a gente já esta trabalhando, por exemplo, a gente vai e não usa, mais técnica talvez pudesse mudar isso.

J: às vezes me incomoda assim, fico meio inconformada, são muitas informações, resumidas em cinco questões fechadas e algumas abertas, no PISM, é muita coisa para aprender que na hora a gente usa tão pouco, sei lá, dá a sensação...

H: Você estuda tudo ate o PISM, a não ser que o seu professor saiba o que vai cair. Ai chega lá é outra questão, acontece nada.

M: Acontece com todo mundo. Pode levantar a mão quem nunca aconteceu você estudar muito uma coisa e nem cair na prova, cair coisa que você nem viu, nem sabe. Revolta qualquer um, não sei. Eu acho que os professores

estão deixando muito geral, e chega na prova eles direcionam só um assunto, que eles nem deram tanta importância.

A: Eu acho que devia ser um pouco mais técnica, as vezes o ensino médio principalmente, no ensino fundamental a gente tem uma base, o ensino médio devia ser um pouco mais técnico.

Prof: Em que sentido?

L: Profissional?

A: É, mais pratico, essas coisas assim.

M: Eu continuo desejando aquele jeito onde a gente deveria escolher o que tivesse a ver com nossa vertente profissional.

C: também acho.

J: muitas vezes a gente muda o que a gente quer, chega lá na frente e quer fazer outra coisa. Não é meu problema, por que eu já sei o que eu quero, já ta meio fixo assim, mas muita gente só vai pensar no que fazer só no terceiro ano do ensino médio. Então não dá para direcionar nada.

Prof: alguém aqui já, todo mundo aqui já está bem definido no que quer como perspectiva de carreira?

M: Eu não faço nem idéia.

A: Se fosse para escolher agora com certeza, mas pra frente eu não sei se vou mudar. Posso conhecer mais coisas novas.

C: Talvez até na hora de eu escolher, eu vou esta tão definido como eu to agora, mas...

M: Eu acho que eu tenho tantas opções eu não sei qual que eu posso escolher, de coisas que eu vou bem assim sabe.

G: Você se acha.

(RISOS)

M: não é que eu me acho. É porque, olha só, meu pai fala assim, você tem que fazer alguma coisa, serio meu pai fala assim, você tem que fazer computação gráfica, e nem sei que lá, é tudo que eu gosto de computador, minha mãe que é professora de artes, ela fala, a você desenha bem, você tem que fazer alguma coisa com arte, você sabe ensinar, você fala bem. O monte de outras pessoas falam pra me fazer um monte de coisa, eu não entendo, que eu tenho que fazer sabe. Ai meu vô fica em cima para eu fazer direito, que só advogado que é gente, minha avó fala que eu tenho que fazer medicina, olha só, é por que eles tem cabecinha fechada sabe? Ai eu tenho o montão de coisa que eu acho que eu poderia fazer que eu ia me dar bem, só que eu não tenho.

Prof: O que você acha que você pode fazer, que você vai se dar bem?

M: Comunicação. Por que, mas eu acho que hoje em dia você tem que ter muita sorte para te dar dinheiro, pro negocio desse, você tem que ter muita sorte, pra você arranjar um emprego bom. Igual assim você se forma professor ate você conseguir um colégio bom pra você dar aula, você vai andar ferrado, porque você vai trabalhar pra caramba, sofrer pra caramba, tem que agüentar aluno e ganha pouco, olha você tem que agüentar algum lan na vida, assim neh.

H: Igual minha mãe fez geografia, e chamei ela de doida

(risos)

M: Minha mãe por exemplo, minha mãe é professora de artes, ai ela da aula no centro sócioeducativo, que é o serespe, ela da aula pro menores infratores, ai lá por incrível que pareça, eles respeitam muito ela e tal, e é muito tranqüilo pra ela dar aula, por que é a única aula que eles gostam, o resto tudo é ruim, e eles gostam muita de minha mãe, minha mãe trata eles muito bem. Mas só que ela foi da aula em dois lugares, foi da aula lá, e em outro colégio publico, eu nem lebro como chamava o colégio. Eu sei que ela teve que largar, antes de fazer um mês de aula, por que os alunos, brigavam, tinha que ver o que eles faziam, eles raspavam o giz, até dá pó e ficavam cheirando, o pó de giz dentro da sala. Minha mãe relatou isso, ai a diretora disso, não tem nada que a gente

possa fazer quanto a isso, ai minha mãe falou então vou sair. Minha mãe foi obrigada a sair do serviço por que os alunos ficavam brigando o tempo todo, saindo na porrada dentro de sala. Escola publica, escola assim da zona norte mesmo, sabe? Minha mãe largou.

H: Eu acho que pra mim nenhuma matéria serviria pra eu ser professora. Meus alunos vai ficar tudo doido, já não ia da pra da aula.

Prof: qual a sua perspectiva de carreira?

H: Quero fazer marinha, aeronáutica, policia rodoviária federal.

Prof: carreira militar?

H: É

M: Ainda tem isso ainda, meu tio ainda insiste, por que ele foi policial, e quer que eu seja policial.

Prof: Como que é que vocês estão tentando conciliar pelas pessoas que falaram aqui, alguma coisa que satisfaça seu desejo, que também dê retorno?

M: E também que seu pai goste, que seus pais goste.

A: A não.

H: A não, eu achei que não deve fazer nada por que seu pai goste.

M: A sei la, a minha família é tão doida, que eu acho que eles vão brigar comigo se eu fizer a coisa errada.

Prof: Você ainda está tentando conciliar desejo com vontade da família?

M: É por que eu tenho vontade de orgulhar eles, nesse caso, o ponto de vista que eu escolho.

C: Eu tendo conciliar o local com o que eu quero fazer, igual aqui.

H: Eu quero fazer alguma coisa que eu não tenho que ir embora, eu poso ate ir embora sim, mas igual na aeronáutica, eu tenho uma amiga de um amigo meu que fez, ai ela já esta acabando. Igual ela falou que não sei, noivou, e disse não sei para que lado eu vou, e ele não vai poder vir comigo, por que ele também trabalha, ai eu falei esse que é o negocio. Ai eu faço, e eu tenho que ir para lugar muito longe, do meu pai e minha mãe. Ai eu não quero ficar muito longe assim não. Igual minha prima fez marinha, passou em primeiro lugar, ela tem tempo pra vir pra casa sabe, ela vem pra cá, ai tudo bem os pais dela mora aqui, ai tudo bem. Agora se eu tivesse, igual ela tem oportunidade de vir pra cá, e puder vir pra cá igual ela assim, ai eu posso fazer, mas se for pra me ficar longe muito tempo.

J: Eu não espero muito nem, eu não ligo muito nem pelo retorno e nem opinião de ninguém, assim. Eu me preocupo mais com que eu gosto e as vezes com que eu tenho mais afinidade, então pra mim já esta mais que decidido.

Prof: O resto é consequência?

J: O resto é consequência, até por que se eu quero me dá bem, eu quero ser com que eu gosto, se for pra me dá mal com que eu gosto também. Por que se você não gosta da sua profissão que você segue, e você vai levar ela para vida toda, vai ser. Então, eu acho principalmente importante, por mais que você queira dinheiro ou status por exemplo, que eu vejo muito, vou ser medico para ganhar dinheiro, não que todo caso seja assim, tem muitas pessoas que gostam, de fazer isso, e é realmente o que elas querem fazer. Mas você, você vai escolher algo que provavelmente você vai seguir na sua vida inteira. Vou viver a vida inteira com uma coisa que você não gosta deve ser um saco. Vendo pessoas que você não gosta, fazendo coisas que você não gosta, então mesmo se for pra ganhar salário baixo, e viver numa condição de vida meio baixa, é melhor que seja com algo que você goste mesmo.

A: Mas acho que tem que conciliar também, porque sem a gente ganhar dinheiro, ganhar dinheiro é importante hoje em dia, a gente não faz nada sem dinheiro, ai eu acho importante, conciliar o que você gosta com ganhar dinheiro. Você pensa na sua profissão.

M: Hoje em dia é uma questão de sorte, eu falei da minha mãe, a formação da minha mãe, ela fez faculdade de administração e de gestão ambiental, e ela é professora de artes. Olha ela é formada em administração e outra, olha só, ela fez duas faculdades, outra de gestão ambiental, e ai ela é professora de artes, olha só, é brincadeira né.

H: A minha mãe também fez duas, ai agora ela parou em farmácia, ela fala que não vai fazer outra não. E a minha cunhada fez enfermagem, só que ela começou a fazer estagio e não agüentou, ela pegou, foi ate, ganhou diploma e tudo. Mas nada da enfermagem ela trabalha. Ela vai fazer odontologia agora, e esta trabalhando em um consultório de dentista.

C: Eu tenho um dilema, o que eu quero não tem muita faculdade. Por que eu tenho duas opções na UFJF ou na universidade federal fluminense, que onde meu irmão mora. Então assim eu quero fazer biomedicina, aqui pelo menos no que eu saiba não tem. Por exemplo só tem lá, pô então eu faço PISM, se chegar ano que vem será que ainda eu vou querer biomedicina, se eu passar pra cá, será que vai ter, fica meio complicado isso.

Prof: O que é uma aula boa pra vocês?

H: Uma aula que você aprende, é a aula que você aprende.

M: Aula que você sai com aquela sensação, pô não entendi nada vou ter que estudar tudo isso de novo.

A: Aula que todo mundo participa, colabora, que professor sabe a matéria, que rende.

M: A aula perfeita, sério, que todo mundo ficasse quietos, que o professor conseguisse passar tudo que ele quisesse, todo mundo saísse com tudo entendido, essa seria perfeita.

TRANSCRIÇÃO DO 4 ENCONTRO

L: Hoje é o último bloco e a gente vai falar da visão de corpo que vocês tem, como vocês acham que a sociedade vê a questão do corpo, o cuidado que está bastante relacionado com nó mesmo né?! Com si mesmo, que envolve corpo e mente, o que nós podemos demarcar aqui. Como é que vocês pensam, assim, que a sociedade vê o corpo hoje? Por exemplo: Nessas fotos né?! Tem algumas situações, tipo... (“Começa a pensar aí”).

A: Pode passar?

L: Pode. Começa a passar aí.

TODOS: Observando as fotos.

Prof.: O que as imagens fizeram vocês pensarem aí sobre corpo? Que idéias ocorreram em vocês?

J: Deu para perceber que a visão do corpo assim, a maneira como se encara o corpo depende de fases e de época, e da sociedade, da cultura, sei lá, varia bastante, no ponto de vista sobre o corpo.

I: Da pra ver que hoje em dia, naquelas primeiras imagens, que vocês passaram, que hoje em dia as pessoas se preocupam em serem jovens, ou estarem muito magras ou com o corpo mais sarado. É... se preocupam muito com a imagem, assim.

A: Porque a indústria e tal, a mídia coloca isso né?! Ai todo mundo fica com essa idéia que tem que ter um corpo perfeito para ser feliz, ou se você não tem, você sofre bulling. No colégio, por exemplo, muitas vezes é por causa disso, ou você é magro demais, ou baixo demais, ou alto demais, é sempre assim. Ai as pessoas sempre procuram entre academias, ou ficam doentes, como mostrou lá: anorexia, bulimia, vigorexia também. E você fica doente e tal, por conta da sociedade e acaba com sua cabeça, assim, você sofre muitas coisas e acaba, é, indo contra seus princípios, mesmo para poder agradar a sociedade.

Prof.: a gente acaba não se sentindo bem com algumas coisas que a gente tenha diferente daquilo que impõe, que é o certo e o ruim, a gente tenta sempre mudar por conta disso.

L: Como que é essa imposição?

I: Ah! A gente vê em televisão, em revista, em todo lugar essas coisas. A gente sé vê gente magra, gente com corpo bonito assim, que eles consideram como pessoas saradas, e aí todo mundo quer seguir essas pessoas. Aí meio que a sociedade impõe para todas as pessoas.

Prof.: Por que vocês submetem, por que as pessoas se submetem a determinados sacrifícios para atender essa posição, a maioria das pessoas?

I: Se sentir bem com as outras pessoas. Para que as outras pessoas achem a gente bonita.

E: Aceitação pela sociedade também. Porque quando você pega alguma coisa que é fora do padrão, imposta pela sociedade, você sofre um certo tipo, sei lá, de estranhamento. As pessoas te estranham, te zoam, coisa e tal. Por isso fazem certos sacrifícios para tentar atingir o padrão.

I: Muito julgamento é pela nossa imagem, então a gente tenta seguir sempre o que as pessoas impõem, para que as pessoas nos vejam bem pela nossa imagem, porque hoje em dia é muito importante.

A: E é uma coisa da cultura também de cada lugar. Aqui, por exemplo, tem um padrão de beleza diferente de um outro país, é... de outro continente. As vezes

aqui é... pra cá é muito feio, pra lá é o bonito para eles. Aí eu acho que a gente vai pelo padrão de beleza de onde a gente vive. Pra gente se sentir bem no lugar onde a gente está.

C: E aí com as pessoas que a gente se relaciona, por exemplo, essa imagem aqui, mostra que assim, não é o padrão, totalmente fora do padrão. Então talvez assim, o grupo dela, da pessoa que ela vive, costuma usar, assim, adereço desse tipo. Porque assim, eu acho que ele não está preocupado com preconceito, se vão achar estranho, se ele gosta, ele vai usar.

A: As pessoas se sentem bem mesmo com a reprovação da sociedade quanto aquilo, muitas pessoas, a maioria no caso, não se sentem bem, tentam mudar para atender o padrão de beleza que a sociedade impõe.

C: A maioria assim, segue moda, por exemplo, o Neymar, tem um moicano, aí a pessoa vai lá e “vou fazer!”. Acho que isso também influencia quem pode usar.

Prof.: **Aqui não tem ninguém de moicano ou não, ou tem?**

C: Ele tentou fazer (se referindo ao M)

M: Hoje eu estava com preguiça, meio com sono, aí não saiu nada.

A: Mas você tentou né?!

M: Não, normalmente eu uso. Quando eu não estou de boné, eu estou de moicano. É porque hoje eu acordei atrasado.

L: **Agora eu senti que vocês colocaram o sentir bem em relação ao outro, as pessoas impõem, a mídia impõe, e... o que vocês pensam? Vocês impõem para alguém, cobram de alguém, também os mesmos padrões? O que vocês falaram, todas as falas foram em relação de fora para vocês. O que vocês acham disso, como se sentem em relação a essa imposição?**

A: Acho que como impõem pra gente, a gente acaba impondo para as outras pessoas também. A gente acaba comentando que a pessoas está fora do padrão ou não está no padrão. Aí eu acho que sim, que a gente também, eu

acho até que é um erro, porque a pessoa acaba se sentindo mal, atrai muitos problemas psicológicos pra ela, pra gente. Mas como a gente é acostumado com isso, a gente acaba fazendo também.

Prof.: Você acha que essa imposição, ela se dá de forma consciente?

A: As vezes não, as vezes por todo mundo falar, você acaba falando também, ou achando aquela pessoa... falando daquela pessoa, porque todo mundo está falando. Acho que nem sempre é da nossa consciência mesmo.

Prof.: Vocês se cobram alguma coisa dentro do que foi estabelecido né?! No que foi posto pela sociedade, pela mídia, por alguma coisa que incomoda vocês mesmo no corpo, alguma coisa que vocês gostariam de mudar, para enquadrar ai como vocês colocaram?

A: Muita coisa.

Prof.: Mas o que?

E: Ah! Acontece isso sim, muitos jovens da nossa idade, e a gente também, procuram academia, fazer caminhada, exercício físico, né?! Para tentar chegar ao padrão que a sociedade impõem.

Prof.: Você faz academia?

E: Faço.

Prof.: Você também?

C: Já fiz.

L: Só ele faz aqui?

A: Eu também.

G: Faço também.

I: Eu também faço.

M: Eu faço.

Prof.: Você faz com qual objetivo mais especificamente?

E: Hipertrofia. Pra ganhar massa mesmo.

L: E vocês?

A: Eu também, pra entrar no padrão mesmo, l tirar barriga, aumentar perna, essas coisas.

I: Perna nunca é demais.

L: E você Lara?

G: E eu? Entrar no padrão normal, melhorar um pouquinho.

A: Melhorar um pouquinho! (RISOS).

L: Qual é o padrão normal?

G: Ah! É um corpo bonito.

A: É um pernã, bundão, barriguinha lisinha. (RISOS).

Prof.: Faz academia, alguma coisa? (Perguntando pra J).

J: Não.

L: Você tem vontade de fazer?

J: Ah! Sei lá. Eu até tenho assim, mas não é o que eu gostaria mais. Vamos dizer assim, tem coisas que eu gostaria mais do que fazer academia. Acho que lutas, coisas que quero fazer mesmo, não sei como explicar.

L: Quais coisas você gostaria, assim?

J: Ah sei lá. Não consigo.

I: Por que você não se sente bem fazendo exercícios.

Prof.: Você tem outras prioridades, é isso?

J: É sei lá. É falta de tempo parece.

L: Essas outras prioridades suas tem alguma coisa em relação ao corpo?

J: Aa não.

Prof.: Nada relacionado a sua imagem?

E: É, existem pessoas no mundo que nem a Larissa também, que não cultivam tanto o corpo quanto as outras pessoas. Tem pessoas que não se importam com sua imagem, preocupam mais com seu conhecimento, entendeu? Com essas coisas. Nem todo mundo cultiva o corpo **(INAUDÍVEL)**

J: (INAUDÍVEL) Ah! Assim, eu sei lá, gosto de ficar bonita, lavar o cabelo, deixar o cabelo cacheado, me maquiar toda assim, é bom, só que na escola eu não faço muito isso. Agora, ah! Academia, porque eu quero ficar assim, assim, assado, não é... não estou vivendo para isso. Eu não me concentro muito nisso, sabe?

L: Agora o que... O Lucas falou da, tem gente que valoriza mais o conhecimento, outras coisas. No meio de vocês tem muita gente assim, ou ma maioria hoje cultiva o corpo?

A: A maioria quer entrar no padrão de beleza, e aí tem muitas pessoas que cultivam tanto o conhecimento quanto ter o corpo bonito e tal. Mas acho que a maioria mesmo procura o padrão de beleza ideal, assim, eu acho que a maioria se preocupa muito com isso.

L: E o que vocês acham do conhecimento?

I: Muito importante. As pessoas as vezes acham que a imagem é mais importante do que o conhecimento, mas o que vale mesmo é o conhecimento. É isso que a gente leva pra nossa vida.

J: Pois é. É que a maioria dos empregos, tirando os empregos que você expõe sua imagem seu corpo, você não consegue emprego fora desses pelo seu corpo. Você consegue mais pelo seu conhecimento, pela sua capacidade.

I: Mas muitas vezes também não. Hoje em dia as pessoas conseguem muito emprego por conta da idade. A pessoa as vezes, se ela é... ela tem o

conhecimento, mas aí pelo fato da outra ser mais bonita, ela consegue o emprego, porque as vezes ela vai ter que se relacionar com outras pessoas e aí, é um emprego que ela vai ter que falar com outras pessoas. E as pessoas mais bonitas, são mais bem aceitas na sociedade.

E: A questão muito injusta também é a mídia, muita propaganda, entendeu? Geralmente é uma mais bela, segue um padrão mesmo. Eles querem fazer a propaganda, por isso que eles escolhem gente que tem uma imagem melhor. Várias são desse tipo.

L: Você acha assim, que uma pessoas bastante obesa, deficiente, tem dificuldade de arrumar emprego?

A: Sim. Por isso que ela procura entrar em academia, alguma coisa desse tipo. Porque não é opção dela, a sociedade que impõe que isso. Se você não estiver, digamos, dentro dos padrões, você acaba meio que excluído um pouco. Tem pessoas que não, que convivem bem com isso, a gente se dá bem, se sente bem também, agora tem outras que não, que tem que estar com o corpo melhor, para sentir melhor e ser bem aceito.

J: Bom, isso de emprego tem outras questões, não só a imagem que passa a selecionar as pessoas, mas, por exemplo, a evolução social, as pessoas magras passam a ser mais valorizadas por que? Por causa daquele estereótipo, que a pessoa é mais ágil, mais rápida, mais saudável, estereotipamente falando... então sei lá, tem essas coisas também, outros aspectos.

L: Ela falou no saudável, como vocês vêem a questão do corpo saudável hoje?

I: Hoje em dia assim, as pessoas, é... a gente pegou uma cultura de antigamente em que ser magro, malhado, era ser saudável. Mas eu acho que hoje em dia as pessoas estão ultrapassando isso, elas passaram de se importar em ser saudável, e querem só imagem. Então às vezes elas fazem regimes absurdos, ficam anoréxicas ou malham demais e ficam doentes, e

usam anabolizantes, um monte de coisa, e aí esquecem da vida saudável, só querem saber da própria imagem.

A: Eu acho que tudo tem que ser sobre medida, se for uma coisa muito exagerada, passa a não valer mais a pena. A pessoa não pode ficar pensando só naquilo, entendeu? Tem que fazer aquilo também, mas tem que ter conhecimento, com certeza. Não pode ser só pensar em ter um corpo bonito, essas coisas.

L: **E dessas situações aqui ó. (mostra a imagem). Vocês atribuem alguma nelas, ou todas elas a um corpo saudável?**

A: Saudável não.

L: **Aqui tem o envelhecimento, tem a imagem do espelho da anoréxica, da obesa, da vigorexia, e...**

Prof.: **E as distorções de imagem de modo geral.**

A: Eu acho que isso já se transformou em uma doença, tanto que a pessoa só pensa naquilo. Quer estar daquele jeito. É uma coisa que tem que tratar o psicológico dela e não mais do corpo. Porque ela já ficou doente de tanto pensar só nisso, ficou uma coisa muito exagerada.

C: Uma pressão da própria sociedade, tanto que fala, fala, fala, e você acaba se olhando e nunca achando que está bom, nunca achando que está bom.

Prof.: **E essa idéia aí do que é saudável, essa busca do corpo entre imagem e saúde. O que vocês pensam das pessoas que se submetem a cirurgias plásticas?**

I: Ah! Eu acho que é, elas só querem se adaptar a sociedade, eu não vejo problema na pessoa, ela querer fazer isso, ao menos que ela faça demais, porque também é doença. Da mesma forma que a pessoa pode fazer academia, ou a pessoa pode fazer uma dieta, a pessoa pode mudar o corpo e tudo com o mesmo objetivo, a pessoa se sentir melhor com ela mesmo.

J: É, pois é, se ela se sentir bem com isso, eu acho que nada impede ela fazer cirurgia plástica. Eu acho que é válido. Se ela quer mudar uma coisa, muda e acabou, se sente bem. Mas se uma pessoa quer se mudar sempre, eu acho que é problema da pessoa mesmo, porque ela nunca está satisfeita, faz cirurgia, faz outra. Se cada vez mais você faz cirurgia, você fica, sei lá, tipo uma Ângela Bismarque da vida. Eu acho que ela não vai estar satisfeita com o próprio corpo nunca, eu acho que o problema é da própria mesmo.

A: Aí vai do psicológico dela, porque ela não está mais se aceitando, de uma forma geral isso não é muito bom para as pessoas, devia todo mundo se aceitar, devia procurar mais pela saúde. Agora, com isso imposto pela mídia e tal, ela se sente mal e tal, não consegue não viver bem se ela não está dentro do padrão. Então ela procura todas essas coisas pra tentar melhorar a aparência dela, para ela se sentir melhor, mas isso é uma coisa ruim, porque muitas vezes acaba se transformando em doença, e acaba com o mundo dela mesmo, por conta disso muitas vezes.

E: Essa questão de cirurgia plástica assim, eu discordo, mas eu sou liberado, eu acho que isso é de cada um, cada pessoa tem sua opinião, pode fazer e tal, não tem perigo não, eu discordo porque acho que você pode conseguir um padrão de beleza por meios naturais, entendeu? Uma boa alimentação, exercício físico, você consegue ter esse padrão, entendeu? De acordo com esse meios naturais que você quer.

J: Nem tudo. Acho que não. A pessoa tem o nariz muito grande, aí jpa vai da estrutura óssea, aí vai da estrutura mesmo do corpo dela, não dá pra ela reduzir o tamanho do nariz por meios naturais. Esses casos assim. Agora, se há meios naturais como emagrecer, por exemplo, então eu acho que não é indicado fazer cirurgia, eu optaria por fazer os meios naturais.

Prof.: **Vocês estão felizes com a imagem de vocês, com o corpo de vocês?**

A: A gente sempre quer mudar alguma coisa né?!

C: (Tosse). Ah! Eu estou querendo emagrecer, mas a minha voz também é bom melhorar. Eu estou querendo emagrecer, mas eu estou feliz.

M: Eu estou querendo engordar, engordar muito. Porque eu acho que sou muito magro.

Prof.: **Você me mostrou alguma coisa assim?**

M: Não. Nada. Imagina...

Prof.: **Não, eu fiquei até provocada a fazer essa pergunta, porque você começou a mostrar.**

M: Minha orelha né?! Uma é grande de abano e a outra não.

Prof.: **Isso te incomoda?**

M: Me incomodar, não incomoda não. Incomoda é os outros ficarem me enchendo o saco o tempo todo, fazendo piadinha. Isso enche o saco pô! A pessoa ficar falando demais da minha orelha. Mas... eu acho que a única coisa que eu queria mudar e fazer cirurgia é pra não ter mais que usar óculos, é uma coisa que eu não queria mais. O óculos sou dependente mesmo. Não vejo nada sem. E a orelha é por causa dos outros. Os outros que enchem o saco. Mas só que é caro pra caramba.

L: **Se fosse barato você faria?**

M: Com certeza! Mas não cabe no meu orçamento ainda não. Por enquanto

Prof.: **E você?**

I: Ah! Muita coisa. Tipo, quando eu era mais nova assim, é, sempre ficavam me chamando assim, de amiga gorda, sabe? Hoje em dia eu não escuto muito isso, mas as pessoas ainda pensam nisso. Por isso que eu entrei na academia, eu entrei para poder emagrecer. Por conta das pessoas imporem isso pra mim, eu acabei querendo também. E aí, tem as outras coisas assim, a gente vê na mídia, por conta de ser da mídia inconscientemente a gente quer.

Prof.: **Mas você é obesa?**

I: Não. Não sou obesa.

Prof.: Não. você era? Quando você era mais nova você chegou a ser?

I: Eu acho que eu era obesa sim. E eu sofri muito com isso, nossa! Aí isso acabou meio que ficando na minha cabeça, entendeu?

L: Você sofreu como? Nas escola, na família...

I: Eu acho que foi um pouco na escola, assim. Tinha umas meninas na minha sala que a gente de vez em quando brigava e aí elas mexiam bastante comigo. Sobre aquilo que eu me sentia mal, eu não me sentia bem com isso. E aí tentavam piorar. Até que um dia eu cheguei em casa, um dia chorando
(INAUDÍVEL)

L: O que seus pais falaram?

I: Ah! Tipo, eu não falei sobre isso com eles não. Quando eu fiz 11 anos, eu fiquei muito mal com isso, aí eu comecei a fazer regime, praticamente eu parei de comer, aí minha mãe começou a ficar preocupada, a conversar comigo, aí eu chorava toda vez que a gente conversava, eu tentava arrumar um jeito para eu me sentir melhor, entendeu? Igual se eu quisesse fazer exercício físico, alguma coisa assim, e então parar de me preocupar com os outros também. Porque aquilo estava me influenciando diretamente. Eu não estava comendo nada mesmo. Na época eu emagreci bastante. Mas não fez nada bem.

E: Isso já aconteceu comigo também. Eu era acima do peso, o médico mesmo falou que eu tinha que emagrecer. Eu sofri muita zuação, entendeu? Por mais que meu pai falasse: “Ah! Não liga pra eles não”. Quando eu conversei com ele: “Você não está tão gordo assim não, eu acho que você não deveria ligar para os outros não, mas já que você não gosta, faz alguma coisa, a gente muda, a gente tenta aí.” Aí eu fiz atividade física, comecei a ficar melhor, aí fui emagrecendo até ficar no meu peso normal.

L: Você hoje se sente melhor ou você acha que não precisava disso?

E: Eu me sinto melhor. Ah! Sei lá. Eu assim, eu olhando pra trás assim, eu superei, entendeu? Gostei muito do que eu fiz. Eu não esqueço. Eu tento esquecer que o pessoal zuava e tal, mas eu tenho muito orgulho do que eu fiz. Eu sempre corri atrás daquilo que eu tenho hoje.

L: Se você não tivesse alcançado, como você acha que você estaria hoje?

E: Ah eu acho que eu me sentiria mal, infeliz comigo mesmo.

**Prof.: Você falou que a gente sempre tem alguma coisa que quer mudar?
(Se direcionando para a A)**

A: É, mas eu acho que foi muito imposto pela sociedade. Não sou muito desse tipo. Mas sempre foi uma coisa minha mesmo, sabe? Eu sempre me incomodei muito. Eu já fui mais gordinha quando era mais novinha também, eu era bem gordinha, aí eu fiz dieta e tal, mas mais por mim, ninguém me zuava muito e tal, eu sempre... sempre foi coisa minha mesmo, sabe? Eu me incomodava muito com isso. Eu acho que por ver essas pessoas tudo magrinha e tal. Eu sofria com isso, mas era uma coisa minha mesmo. Ninguém falava não. Aí eu fiz dieta, emagreci e agora eu malho também. Ai eu sempre quero assim, melhorar mais, entendeu? Até por saúde também. Mas ninguém... nunca foi imposto isso pra mim também.

L: Você tem uma idéia assim, do que te levava a cobrar dessa forma?

A: Ah! Eu acho que ver todo mundo, minhas amigas, tudo magrinha e tal, e eu gordinha, não me sentia bem né?!

L: Você se sentia diferente?

A: Sentia. Eu não me sentia bem, porque todo mundo estava lá, assim bem, e eu gordinha. Eu me sentia mal com isso. Ai eu quis mudar, mas nunca foi um problema tão grande.

Prof.: Você comentou alguma coisa, não comentou? (Se direcionando à G)

G: Eu não gosto de ser magra, nem baixinha, mas eu não consigo mudar. Porque eu já malho, mas não levo muito a sério, por isso não está dando muito certo.

Prof.: Não está dando certo?

G: Não. Porque eu não estou levando muito a sério.

L: Você se acha muito magra?

G: Muito. Eu não gosto. Porque as pessoas ficam me zuando.

Prof.: Será que isso te incomoda tanto mesmo? Já que você não leva a sério aquilo que você escolheu um? (INAUDÍVEL)

G: É preguiça, mas, é... Tem dias que eu não vou porque eu tenho que estudar. Até começou a resolver um pouco, mas depois eu parei porque eu tinha que estudar. Mas aí depois eu vou voltar de novo e vou levar mais a sério.

Prof.: Vocês comentaram aí, em especial, sobre as provocações na escola, dos colegas sobre a questão do corpo. Como vocês vêm a abordagem do corpo pela escola? Como ela fala do corpo? Como ela trata do corpo?

E: Até hoje é, é motivo de zuação a pessoa mais gorda, a pessoa mais magra. Não mudou muito não.

M: Mas como assim professora?

E: A escola, sei lá, porque são jovens, entendeu? Então está muito ligado a mídia, essa parada de padrão, mas aí eles se importam muito com isso. Ainda mais o jovem.

M: Acho que o pior lugar é a escola, lugar que mais te julga por causa de qualquer coisa é a escola.

E: Um ambiente de socialização.

Prof.: Dos colegas que vocês estão sofrendo?

M: Dos melhores amigos acontece zuação. Nunca vi!

E: É

M: Eles não levam em conta nada.

I: Comigo nunca aconteceu.

L: Como?

I: Eu nunca fui zuada pelos meus amigos, por exemplo, com as meninas que eu brigava. Hoje em dia elas não fazem mais nada não. Mas quando a gente brigava assim, eu era mais nova, eram elas que me enchiam o saco mesmo. Com isso meus amigos nunca me agrediram assim.

E: (INAUDÍVEL)

A: Igual eu falei com a Eliete, se é consciente ou inconsciente, que você me perguntou. Eu acho que é uma coisa inconsciente também, porque os amigos fazem, todo mundo faz e tal, acha que a pessoa não se importa. Eu acho que as pessoas acabam fazendo as brincadeiras assim, achando que a pessoa não vai se importar porque todo mundo está fazendo. Eu acho que uma coisa inconsciente, porque se você tivesse consciência disso mesmo, conhecendo seu amigo, que iria estar triste, as vezes ele mesmo não demonstra que fica mal com aquilo, mas no fundo ele está. E é uma coisa inconsciente que você faz com ele. Ai eu acho que não é maldade, nada mais.

Prof.: E na escola, eu não refiro aos colegas, mas aos conteúdos. Algum conteúdo que possa buscar ao nosso cuidado com o corpo. Como é que isso é tratado pela escola no dia a dia das aulas por exemplo?

L: Desde lá de trás, o que vocês lembrarem.

J: Eu lembro que teve uma semana, alguma coisa assim, que passava uns vídeos sobre anorexia, vigorexia, eu lembro disso.

I: Eu não vejo muita coisa assim não.

A: Porque é discutido muito a respeito né?! Com os amigos é diferente, e **(INAUDÍVEL)**

C: Nas escola, nossa escola discute muito assim, ainda mais nossas matérias do ensino médio hoje em dia, como sociologia, filosofia, relação na sociedade, a gente aprende um pouco sobre isso também. Tem umas culturas que usam muito o corpo assim, entendeu?

Prof.: **E isso tem ajudado na compreensão de vocês, numa compreensão diferenciada, ou não, sobre o corpo?**

I: Eu acho que não. Até ajuda sim, porque agora a gente está conversando, está expondo como as coisas acontecem assim. Ninguém aqui acha legal ser chamado de gordo, ser chamado de feio, todo mundo aqui acha uma coisa ruim. Mas eu acho que é a mesma coisa nas aulas, a gente aprende muito sobre isso, mas eu acho que na prática nada disso funciona. Eu acho que entra por um ouvido e sai pelo outro.

A: Mas eu acho que quanto mais for discutido, melhor fica a situação. As pessoas estão pensando cada vez mais, pensam, podem estar discutindo, e ai acho que quanto mais discussões dessas tiverem, acho que é melhor. Porque a pessoa que estiver fazendo aquilo pode se sentir, pode pensar que já fizeram com ela, ai se dar conta que não é legal e ai não faz mais. Eu acho que é muito bom, as discussões são muito boas. As discussões estão dando conta. Mas discussão eu acho melhor, porque as pessoas vão formando as idéias delas na cabeça e param de fazer isso.

L: **Você acha que a escola tem discutido suficientemente ou insuficientemente?**

I: Eu acho que a escola tinha... eu acho que a escola até tenta. A escola tentar fazer as coisas na medida do possível assim, de melhorar isso. Mas eu acho que não resolve tudo não.

A: Eu acho que devia ter mais discussões.

E: Igual o Matheus falou aqui, comentou comigo, que a escola tenta mais na saúde do que no corpo.

C: Ela se preocupa mais com sua saúde, seu bem estar, do que o corpo.

L: E na Biologia não trata do corpo não?

C: Sim.

I: Mas como o Matheus falou, mais com o bem estar

E: Tratando mais para a área de saúde né? A Biologia não trata o corpo para o padrão da sociedade, entendeu? Porque a sociedade trata daquele corpo... das formas, aquelas coisas e tal. Pra Biologia é aquele corpo saudável, né? Que você tenha essa nutrição boa, essas coisas.

L: Então vocês acham que a Biologia vê o corpo dentro de uma concepção, vamos chamar assim, técnica? Eu chamo assim, de fisiologia, como se (INAUDÍVEL). A Biologia não vai além disso?

A: Não trata muito pessoalmente dessas coisas. Não dá chance da pessoa se expor e falar, de abrir discussões quanto a isso. Eu acho que é mais sobre a saúde mesmo. Só ensina como que ocorre e não as conseqüências da sociedade, essas coisas.

E: Tanto é que nas aulas de Biologia que nem ele acabou de falar aqui, que não é ser tão magro ou ser tão gordo, que é saudável. Na Biologia, é questão de alimentação mesmo, de você ter um certo interesse, pra você ter uma vida assim, melhor.

A: Eu acho que a única matéria que discute mais o nosso bem estar é a filosofia, que fala sobre, a gente até estava tratando desses assuntos agora, sobre como a gente se aceita na sociedade, como que a gente... muitas pessoas vêm a gente, como é difícil encarar as coisas. Acho que trata muito de assuntos assim, que a gente possa refletir e sentir melhor. Acho que é a única matéria. As outras só ensinam mais, mostram mais como funciona seu corpo, essas coisas assim, mas não discutem quanto a sociedade.

L: E vê se vocês concordam, então teria um corpo social?

A: Sim.

E: Sim. Tanto é que esse desfile de moda, assim, mostra. Toda mulher queria ter um corpo igual de uma modelo, da Gisele Bündchen, por exemplo.

L: Vocês queriam?

G: Ah! Muito magra.

A: Também acho.

E: Então uma Deborah Secco então.

A: É, Ai sim.

(RISOS)

Prof.: Vocês é que queria esse corpo aí...

(RISOS)

L: Agora,, nessa situação social, o que vocês acham que pesa mais? A mídia ou grupo social? Ou as duas coisas?

I: Eu acho que os dois.

A: Eu acho que a mídia mostra como tem que ser e as pessoas impõem pra gente.

Prof.: Então. Aí eu quero saber, pra vocês. Vocês estão falando dos padrões impostos. O que é o belo hoje, se fosse pra vocês definirem o corpo belo, que corpo é esse?

C: O que faz a gente se sentir bem. Pelo menos para mim.

A: Sentir bem com você.

L: Vamos dar uma rodada nessa pergunta.

E: É um corpo bonito perante a sociedade ou para mim?

L: Pra você.

Prof.: Pra você o que é o belo?

E: Um corpo masculino seria um corpo que tenhas as definições. Essas curvas dos músculos mesmo.

Prof.: Já que você separou por sexo, e o feminino? O que é um corpo belo feminino?

E: Ó. Pra mim, na minha opinião, aquela menina que tem a barriga sequinha, sarada, e tal, que tem muito busto, glúteo, muita coxa, essas coisas, entendeu?

M: Eu que tenho que falar? É... como que eu acho de belo? Poxa! Eu acho que o Matheus falou bem, de falar de como a gente se sente bem, mas não tem como a gente se expressar sem falar do que a sociedade faz com a gente hoje. Sei lá, o corpo bonito ia ser aquele sarado e tal, pessoa alta, não tão magra nem tão gorda e forte e saudável. Um corpo que tivesse saúde e o corpo feminino é o mesmo do Lucas, a mulher bem...

C: Com muito busto.

M: Com muito busto e barriga sequinha.

I: Eu também acho que um corpo bonito é um corpo magro e só.

J: Um corpo saudável, as características que me satisfaz e que sirva né? Sei lá, porque meu corpo vai servir pra mim, do jeito que é assim, o meu corpo é mais do que imagem, é um instrumento, por meio dele que eu faço tudo que eu faço, boa parte das coisas que eu faço hoje assim.

I: Se todo mundo pensasse que nem a Larissa, seria mais fácil.

A: É verdade.

C: É isso mesmo.

A: Eu acho que é como eles falaram mesmo, a gente se sente bem, é o que a gente sempre vê que é imposto, o que é bonito, que eu acho que é bonito

também. Um jovem, corpo malhado, não tanto, quando mostra quando vira uma doença, a pessoa muito musculosa, eu acho feio, ou magra demais também. Tem que ser um meio termo eu acho.

C: Aí Yan...

G: Também acho das coisas que a Luisa falou.

L: Mais fácil por que?

I: Porque ela se aceita como ela é. Ela não tem que mudar por causa dos outros.

M: Eu acho que é mais fácil a gente aceitar a gente como a gente é. Difícil os outros aceitarem a gente. Eu, se ninguém falasse nada comigo, eu estava tranqüilo. Mas o difícil é a pessoa que te enche o saco sobre você, sacou? "Tá. Tudo bem." Mas é difícil. Sempre é o magrelo orelhudo, magrelo orelhudo... Não gosto disso.

L: É... e em casa assim, com a família, nó estamos usando o termo corpo. O corpo envolve na sexualidade, como está naquelas fotos, nas relações amorosas, drogas, o corpo drogado como está ali nas fotos, várias situações do corpo que a gente tem em relação as opções, a sexualidade, como que é em casa a conversa sobre o corpo?

I: Eu não converso muito disso não.

A: Eu acho que me apóiam nas decisões que eu tomo. Também minha mãe, todo mundo tem esse padrão de beleza assim, considera esse padrão de beleza também. Eu acho que só não é cobrado como na rua. Mas acaba sendo também. Quando você briga, a pessoa acaba falando essas coisas, meu irmão, por exemplo.

M: Que isso! Na minha casa eu acho que é bem tranqüilo, eu acho que a gente tem intimidade, até brinca com isso. Eu brinco com o meu irmão que ele é baixinho, parece um macaquinho, e ele fala que eu sou orelhudo. E minha mãe

também. É uma coisa que em casa a gente comenta, sabe? A pessoa pode até brincar com você, que você bem fica nervoso, porque é sua família né?

A: É também.

M: É intimidade que você tem.

A: Eu brinco também. Acho que é discutido sim, coisas boa e ruins.

M: Ah! Pra mim é sempre bom falar com minha mãe, converso com minha mãe sobre esse assunto sim.

A: Minha mãe também.

L: E a Lara?

G: Ah! Isso aí né?

L: Conversa em casa?

G: Converso.

M: Pode falar Lara. Se solta.

G: Eu não sei o que vou falar.

Prof.: **vocês comentaram muito do que é padrão, a questão de ser magro ou Gordo, né? Um corpo mais musculoso ou não. E esses outros componentes que a gente percebe no corpo e dão marca, assim, os piercings, tatuagens, né? O que vocês pensam disso? Igual essa pergunta do Lacerda, se eu usasse isso, como seria essa relação em casa? Igual a Luisa colocou “ meus pais também tem esses padrões.” E essas outras coisas que surgem hoje, que cada vez mais a gente identifica isso em diversos corpos pela sociedade.**

J: Se eu fizesse tatuagem ou piercing, minha mãe ia me matar.

A: Lá e, casa é bem aceito até.

E: Na minha casa é bem aceito também, é liberal, mas particularmente, eu não gosto muito, pra mim não. Só tenho vontade de fazer tatuagem.

Prof.: Mas você usa piercing.

E: Isso é um brinco, não é um piercing.

Prof.: Mas isso foi tranquilo na sua casa?

E: Foi tranqüilo sim. Meus pais são muito liberais quanto a isso.

M: Pra mim, foi minha mãe que mandou eu por brinco.

E: O que?

C: Sério?

M: É. Eu uso brinco.

C: Sua mãe mandou?

M: Minha mãe acha bonito.

A: Eu furei minha orelha aqui em cima, minha mãe foi lá e também furou, que ela gostou. Eu acho que lá em casa, a gente tem as mesmas opiniões.

J: Sei lá, eu até acho legal uma tatuagem assim. Nossa! Sei lá, eu gosto mesmo, mas eu não me vejo, vamos dizer assim, furar meu próprio corpo para fazer isso. Eu acho legal, mas pra mim não dá.

A: Eu tenho vontade, eu quis fazer e minha mãe não deixou. Muito nova.

M: Depois dos 18 gente, por favor!

A: Não, ué.

Prof.: Você tem piercing?

A: Eu tenho um aqui em cima.

L: E Você tem?

G: Ter vontade eu tenho, mas meus pais não deixam.

L: Porque eles não deixam, você sabe?

G: Meu pai não aceita porque ele é evangélico, ele acha errado um monte de coisa, ele me prende de um monte de coisa. Mas minha mãe não liga tanto não, só meu pai que é evangélico lá em casa. Ele me prende pra fazer muita coisa.

L: Você acha que religião tenta controlar o povo assim?

G: Meu pai é muito controlado pela igreja, então é, ele me proíbe muito de fazer esses negócios.

C: Igreja influencia demais na sociedade. No seu modo de vestir, nos acessórios, em tudo.

J: Ah! A religião vai influenciar até o seu ponto de vista sobre esse assunto assim, mas vai da decisão da própria pessoa.

L: Você acha que a pessoa consegue tomar a decisão, mesmo contra a religião dela?

A: Muitas vezes não.

M: Se for tão ligado assim, não.

E: A religião consegue influenciar a cabeça da pessoa. Se a pessoa cultuar assim, ela consegue.

M: Uma pessoa obcecada pela igreja.

L: Fora a religião vocês vêem mais alguma coisa assim, que tenta controlar o corpo?

I: Ah! Acho que só a mídia mesmo.

L: O que?

I: Só a mídia mesmo.

E: Eu acho que na hora de você procurar um emprego também, certos locais de emprego te limita.

M: É a primeira coisa que eles vêem, é como se apresenta.

E: E tatuagem, por exemplo, assim, se eu tiver uma tatuagem e for procurar um emprego numa empresa importante e tentar ser executivo, com certeza vai ter um certo preconceito, entendeu? Porque é um emprego muito formal, ai vão ver tatuagem, piercing, essas coisas. É bem controlado isso também.

Prof.: Se você for em uma grande empresa futuramente procurar um emprego né? Um executivo por exemplo, você iria de piercing?

E: Não. Eu tentaria muito evitar. Evitar mesmo. Até esconder tatuagem e tal. Eu ia evitar.

A: uma coisa que você gosta né? Mas você não pode ter porque aquela pessoa considera aquilo uma coisa contrario a empresa dela, muitas vezes, ai as vezes acaba não fazendo para poder trabalhar.

M: É uma bobeira, o que isso vai influenciar no seu caráter, no que você pode ou não fazer, se você tem um brinco, você tem um piercing, acho que isso não muda em absolutamente em nada. Acho isso ridículo.

C: Eu também

M: Voce perder um emprego porque você tem um brinco e a outra pessoa não tem. Isso torna, ninguém mais serio, mais inteligente, ter mais caráter.

C: Isso é opinião da sociedade.

M: Isso não significa nada, é só uma questão de gosto, você gosta você usa.

E: Talvez uma pessoa que tem tatuagem ou um pircing trabalhe bem melhor, do que uma pessoa formal que usa terno.

A: Fizeram uma imagem muito importante, mas do que deveria ser.

M: Talvez eles acham quem usa tatuagem é mais irresponsável do que os outros. Vai ver que a pessoa que não tem isso, passa uma imagem mais seria.

A: Tem empresa que você vai trabalhar que exige unhas feitas, maquiada, as vezes você não gosta daquilo mais você é obrigado, porque a empresa exige aquilo. Como se pudesse passar uma boa imagem, para ser mais fácil de você se socializar com as outras pessoas também.

C: Outro dia mesmo sobre essa questão, não pude entrar na justiça federal porque estava de bermuda, entendeu? Eu não posso entrar lá de bermuda, só posso entrar de calça, você não pode usar bermuda. O que você vai fazer nada.

L: Você acha isso correto?

C: É pode ate ser que sim, por um lado, eles tentam manter a formalidade, uma questão seria, entendeu? Daquele lugar. Tentando mostrar que o lugar é a policia federal, formal, consciente e tal.

M: Você não acha que esta exagerado não? Eu acho que é ate demais não é não? Sei La, se você for La falar com sua mãe por exemplo.

C: Ai eu não sei né? Se tem a ver você entrar la de chinelo, bermuda.

L: Ela falou que a mídia controla, vocês acham que a mídia controla o corpo?

E: A mídia hoje em dia esta muito variada, tem tantos programas hoje em dia, eu não sei, depende muito da pessoa.

A: Mas mostra muito daquelas pessoas com corpo escultural, ai você, todo mundo idolatram aquela pessoa, ela é bonita e tal, ai você acaba querendo ser como ela. Ai você procura as coisas que vão fazer você ficar parecido.

L: Você tem uma influencia?

A: sim.

L: E a mídia nas redes de comunicação, como esta a questão, como vocês vêem a questão do corpo, porque vocês se comunicam tem uma presença. Não é necessário, nos já falamos nessa presença corporal. Vocês imaginam como fica a questão do corpo e a internet? Não entenderam?

A: eu acho que a internet é da mesma forma da televisão.

Risos

L: Mas quem estava falando? Me perdi...

Todos: era a Luiza

A: Eu estava falando que a internet age da mesma forma que a televisão. Também mostra esses corpos, acaba influenciando da mesma forma.

L: Nos conversamos da outra vez, conhecer a pessoa pela internet e conhecer pessoalmente, neh, você só conhece de corpo presente? É isso mesmo?

C: é...

G: Sim

L: E quando está de corpo presente, o que, como é que vai construindo, a pessoa que vocês estão conhecendo?

G: Não entendi.

L: Chega uma pessoa aqui pela primeira vez o que vocês vão observar nela? Conhecer ela?

E: Ah, eu acho que, primeiramente assim, a beleza. Eu acho que assim se a pessoa for um pouquinho gorda por mais que você assim, quer conhecê-la, seja uma pessoa assim simpática e tal, você acha a pessoa gordinha. Você não vai ter aquele preconceito, ah eu não vou falar com ela porque ela é gordinha. Você vai estranhar entendeu? Você julga o padrão entendeu? A pessoa é gorda, essa pessoa é mal de imagem assim.

L: Então a primeira questão é a aparência corporal? Depois...

E: depois é a conversa, você começa a conversar o mesmo assunto com você e tal.

A: É, porque você sempre vai ver primeiro a pessoa sem ter conversado com ela para saber quem ela é. Então a aparência chama atenção primeiro, porque muitas vezes a gente quer ter uma boa aparência para dar uma boa impressão pra ela também. A pessoa que é feia às vezes, que é considerado feia pela sociedade, as pessoas pode achar que ela é chata também, podem não gostar dela de cara por que ela não tem uma boa aparência.

Prof: E no meio de vocês, nas relações de convivência, vocês sentem que de repente uma pessoa que é considerada feia, não acaba se enquadrando em um determinado padrão, elas estão sendo isoladas, excluídas, no grupo de convivência, ou não existe esse tipo de problema. Nesse círculo que você convive, seja dentro da escola ou fora da escola?

E: Eu não consigo, pelo menos eu não vejo assim, se a pessoa é feia ela, a gente não conversa com ela e tal, eu acho que no meu círculo de convivência não tem isso. Eu acho que esse parâmetro de beleza influencia muito mais é na sua vida amorosa.

A: É verdade.

E: Eu acho que influencia mais nisso.

Prof.: Você disse que acha que influencia? Que existe... Desculpa...

I: Eu acho assim depois que passa a primeira impressão, eu acho que as pessoas se aproximam primeiro das pessoas consideradas bonitas. Muitas vezes as pessoas não são consideradas assim, eu acho que às vezes elas ficam isoladas, aas vezes só depois assim de certo tempo, que elas acabam se incluindo também. Elas acabam se incluindo também. Elas demoram mais para aceitar isso.

L: tem um filosofo da modernidade, penso logo existo, vocês já ouviram, devem ter ouvido essa frase o que vocês acham da frase dele hoje? Ele falou tem 300 anos.

I: Eu acho que eles valorizam mais o conhecimento que ele tinha. Diferente da nossa sociedade de hoje, se você pensar, se você for inteligente isso não basta para a nossa sociedade. Você tem mais um monte de coisa que você precisa ter para você ser melhor aceito, não é só a nossa inteligência, os nossos conhecimentos.

A: Você precisa ter uma vida social, talvez uma pessoa inteligente não tem essa vida social, como a pessoa que não é. Ai eu acho que naquela época não era tão visto por causa da mídia, por que hoje em dia tem muita coisa com isso. Ai eu acho que hoje em dia valorizam mais o, a beleza e tal o exterior, naquela época não, não tinha esse recurso que hoje tem.

Prof.: O que define para vocês a existência?

I: Ah, eu acho que é as nossas relações com as outras pessoas que define nossa existência. Eu acho que o que a gente significa para outras pessoas, eu acho que isso o que as outras pessoas pensam da gente, eu acho que isso que vai definir.

A: Eu acho o que a gente faz, as nossa atitudes são muito importantes. Você pode ser a pessoa mais bonita, depois que você conhece ela for uma pessoa ignorante, que trata as pessoas mal, você humilha as pessoas, as pessoas de certa forma vai te achar ate feia. E uma outra pessoa que pode ser feia, tipo de primeira impressão, que você achou a pessoa feia, você conversa com ela, você vira amigo dela, é uma pessoa é boa, ela acaba ficando bonita também. Você ser uma pessoa boa.

Prof: E a morte gente? Vocês já pensaram sobre a morte? O que vocês pensaram sobre a morte, morrer? O que vocês pensaram nisso...

A: Sempre pensa...

M: sabe aquela hora que você está em casa ai você pensa em tudo que aconteceu no seu dia, você está atoa mesmo, ai eu penso será que tudo isso que eu faço, essa correria de estudar, trabalhar, ficar pensando no nosso futuro, daqui a oitenta anos ou menos eu vou estar dentro de um caixão, eu vou... Ai eu fico pensando, eu vou ficar quieto, vou dormir, o que eu fiz foi em vão.

A: A religião nisso é importante. Tipo na minha religião, por exemplo, eu acredito que tenho uma coisa alem disso, você não morre e acaba. Eu acho que tem alguma coisa que você vai fazer alem, eu acho que isso que me faz sentir melhor, que faz ter vontade de fazer essas coisas, de você ser uma boa pessoa, de tratar os outros bem porque eu acho que vai ter um retorno, se não for aqui, em outro lugar, mesmo depois que eu morrer. Eu acho que tem um outro mundo depois, num sei, eu acho que é importante você acreditar nisso, para você não, para você ter força para você não pensar, que tudo isso é em vão.

L: Teria assim corpo e alma, corpo e mente? Será que é assim? Separado ou junto?

A: Com certeza. Eu acho que o corpo vem pra um corpo belo, um rosto bonito, facilitar, um corpo belo em um rosto bonito, ser para facilitar as influencias da nossa vida. Por isso que a gente procura estar bem também, não é só pela mídia. Pensando por esse lado, eu acho que faz parte, pro que num emprego por exemplo, influencia a gente ser bonito, ter um corpo bonito, uma aparência legal influencia na sua vida. Para você persuadir as pessoas melhor. Eu acho que influencia sim. Eu acho que não pode ser uma coisa vaga, que seja só a beleza do corpo, das pessoas admirarem, você tem que usar isso para fazer o bem.

L: Larissa?

J: A sei La eu não penso muito na morte, sei La eu acredito em corpo e alma e etc. mas o que eu acho mais importante e ter a nossa própria vida, e o que você faz, sei La, você aproveitar e fazer o melhor consigo mesmo.

A: Ah, um dia todo mundo vai morrer mesmo, não tem como você fugir disso. Acho que você tem que fazer o melhor enquanto, você está aqui o melhor para você o melhor pro outros.

Prof.: E vocês?

C: Deixa eu viver, uma vai ter que morrer, não vou ficar pensando nisso agora. O que tiver que acontecer vai ser.

M: Por isso que às vezes eu ate me desprendo um pouquinho da escola, faço as coisas o que eu quero, porque uma hora isso todo vão acabar, então eu quero ter juntado o Maximo de coisas, ter feito o Maximo de coisas, que eu posso fazer, antes de eu ir embora.

E: Po, eu. Ah pó assim antes de vir, pó eu quero, eu sonho em fazer muitas coisas, e os sonhos que eu tenho é, faz parte das coisas durante a minha vida. E quando eu ficar velho assim, olhar para traz e ver quanto coisa eu fiz, essas coisas...

M: Sabe é como você ter uma sensação de missão cumprida sabe, do que você fez.

E: E também quando você morrer você fica com o sentimento assim de arrependimento. Ah não fez aquilo, deixei de fazer aquilo por causa disso. Eu não quero ter arrependimento de uma coisa que eu não fiz, eu posso ate ter arrependimento de coisas que eu fiz. Mas eu não gostaria de ter arrependimento de coisas que eu não fiz.

L: então vocês acham que tem que aproveitar muito o presente, ou tem que se resguardar para viver mais?

A: Tem que aproveitar, mas não tanto para você morrer daqui a pouco entendeu? Igual tem pessoas que fazem.

I: eu também acho que tem que aproveitar, porque a gente não sabe o dia de amanhã. A gente tem que viver cada dia como se fosse o ultimo.

L: vocês, todo mundo concorda com ela? Vocês lembram sempre disso assim, deixa Ru aproveitar hoje porque eu não sei o do amanhã, nem lembra disso?

I: Não lembra o tempo todo, eu acho que a gente deveria, às vezes a gente acaba deixando de fazer muita coisa assim. A escola é uma coisa que às vezes atrapalha assim, por que a gente quer aproveitar o nosso dia, para fazer o que a gente gosta. Mas a gente tem que estudar esse tipo de coisa, e aí a gente não pode aproveitar tudo que a gente quer.

L: Você não trabalha, ainda, o trabalho depois vai atrapalhar isso muito?

I: Também. As nossas obrigações que atrapalha a gente fazer o que a gente gosta de fazer. Por isso que a gente trabalha naquilo que a gente gosta. Mas às vezes nem sempre vai gostar de tudo.

A: Eu acho que é importante ter uma coisa que você não goste tanto de fazer, para você poder fugir e fazer as coisas que você gosta mais. Eu acho que é importante ter uma parte mais chata tipo o colégio, um trabalho, eu acho que é muito importante porque a gente precisa conviver também, se a gente não tivesse a gente sentiria falta de ser alguma coisa assim um compromisso para gente. Eu acho que é importante para você viver bem.

L: O que tem de chato na escola assim?

M: obrigações

A: você ter que fazer aquilo

J: A rotina

M: O dever né, quando você chega da escola para descansar, mas tem o dever.

G: Prova segunda feira

Risos

M: é, prova segunda feira. Professor chato de mais.

A: Essa cobrança que tem, pism.

M: Eu acho que é mais difícil você apontar a quem tem de bom na escola, por que o que tem de ruim é bem fácil.

L: **Mas ah, quando perguntar sobre a existência, ai ela falou, o que você significa pro outro. E as pessoas individualistas (INAUDIVEL), as pessoas que só pensam nelas, que querem vantagens, ainda tem?**

J: Nos mesmos às vezes somos bastante individualistas.

L: Vocês são individualistas?

E: Hoje em dia, muitas pessoas passam por cima dos sentimentos de outra as pessoas, nem ligam tanto.

L: quando vocês são individualistas?

J: Às vezes eu acho que meus problemas são maiores do que das outras pessoas, ai eu só vejo ah, os problemas, os problemas, os problemas, tem gente que problemas piores eu acho.

L: Vocês tem situações que vocês se sentem individualistas?

I: às vezes eu chego em casa de tarde e estou cansada, e ai a minha mãe chega do trabalho cansada também. Ai tem um monte de coisa pra fazer ai eu não penso em ajudar ela, por que eu acho que estou muito cansada. Às vezes eu acho, eu não penso que às vezes ela esta mais cansada do que eu.

M: Eu não estou entendendo muito bem como se sentir individualista. Mas eu acho que eu sou individualista quando todo mundo sai lá de casa. Por que em casa pode esta uma bagunça do carai, e quando todo mundo sai e eu fico sozinho. Eu acho que é o melhor presente que minha família podia me da entendeu? Me deixa sozinho numa tarde assim, para fazer o que eu quiser, e não preocupar com ninguém sabe eu acho que é muito bom quando eu fico sozinho.

A: Às vezes eu acho que eu sou individualista em pensar que eu tenho problemas muito grandes, enquanto eles são muitos pequenos. Coisas bobas, eu ficar sofrendo sem pensar que tem pessoas com problemas tão grandes, e às vezes não sofrem tanto quanto eu estou sofrendo por bobeira.

L: E o que vocês acham que a ciência, essa tecnologia, o conhecimento, o que tem trazido pro homem? Pra humanidade?

A: o que, não entendi.

L: Assim o que o conhecimento a tecnologia, esta influenciando na humanidade hoje?

A: Ah eu acho que é importante ter essas coisas também, para a evolução do ser humano. Mas às vezes as pessoas não conseguem administrar bem isso e acabam adoecendo de tantas informações. Quanto mais informação, mais tecnologia, mais problemas as pessoas tem mentalmente assim. Elas não conseguem mais relaxar.

L: essa tecnologia de certa forma ela traz um certo prejuízo?

A: De certa forma sim. Eu acho que é importante acho que é bom.

I: Acho que o objetivo é trazer mais informação, mais praticidade pra gente. Mas eu acho que acabou se tornando uma coisa muito tensa assim, às vezes a gente tem isso demais, e ai acaba atrapalhando mas que ajuda.

L: Tem diversas tecnologias, vocês colocaram a da informação, foi bem destacado. Mas tem a da saúde, da indústria, tem...

I: A tecnologia hoje em dia tem que se adequar a todos os padrões a tudo que a sociedade impõe. Tudo que a indústria, a tecnologia faz hoje em dia é pra tentar fazer o que a sociedade pede. Porque às vezes tenta, por exemplo, cirurgia plástica é uma tecnologia que a sociedade pediu assim de certa forma.

J: O motivo da tecnologia é nos servir, mas ultimamente nos estamos servindo essa tecnologia, nos estamos perdendo nessa tecnologia. Eu acho, sei lá, eu acho que essa que é a situação.

Prof: Quando você coloca que a gente esta servindo a tecnologia, e não ela nos servindo. Você se refere em que tipo de situação, ou de interesse?

J: Por exemplo, nós, por exemplo, cada vez mais algo, por exemplo, celular nós sempre queremos comprar outro celular, outro celular, como se a gente quisesse atualiza tecnologicamente. Basicamente celular foi feito para falar apenas sabe, mas tem que ter um com isso com aquilo, porque esse é melhor que o outro por causa disso. Nós estamos sei lá, deixa de ser algo mais para servir, para utilizar, essa tecnologia a nosso proveito, mas acaba a gente dependendo dessa tecnologia.

Prof.: Você relaciona isso ao consumismo?

J: É o consumismo. E também, por exemplo, computador, internet, tem muita gente que vive só pra isso, fica completamente alienado do mundo que vive, por que está na internet, por que esta, porque a vida dela virou aquilo sabe.

L: Há um tempo atlas, um pouco tempo em termo de historia assim, o governo alienava o povo através da televisão, talvez ai ate com a própria globo. Vocês devem ter ouvido alguma coisa. E hoje vocês acham que em termo de política em termo de mídia, continua tendo a mesma ação ou?

I: Alienação tipo o que ele quer impor pra gente?

L: O que?

I: Alienação tipo o que ele quer impor pra gente? Se eles influencia a gente?

L: Não é bem uma imposição, mas é uma, é, você tem a visão daquilo, você acha que aquilo que é que é certo, você não tem outras possibilidades, você esta alienado...

Prof.: você não tem uma postura política em relação com que foi colocado...

I: Eu acho que, a gente acaba aceitando algumas coisas assim, a gente vê, por exemplo, a cultura do oriente, onde lá as mulheres não podem fazer nada, aqui

a gente é contra isso, mas La eles tem essa alienação, eles tem essa visão do governo deles impõe pra eles.

L: falava assim o povo é alienado, então, não sabe votar, só tem aquela visão política, acha que aquilo que é certo...

A: Pensamento fixo.

L: Essas mídias hoje, dão só uma visão, ou tenta...

I: A mídia, por exemplo, eu acho que tem o cigarro como prova disso, antigamente a mídia influenciava a gente gostar do cigarro, com as propagandas e tal, hoje em dia com as mídias, todas as pessoas tornaram totalmente contra o cigarro.

J: E essa questão da alienação, tem mídias que são mais silenciosas para questões de partidos políticos. Então mesmo que não explicitamente tem uma certa influencia, por exemplo , sobre a opinião de quem esta assistindo, por exemplo. Eu acho que pessoa, a sei lá, eu acho que adquirem aquele ponto de vista como sendo dela mesmo.

Prof: Deixa eu te perguntar , a mídia coloca diferentes posicionamentos, para você pensar sobre aquilo e decidir, ou ela te influencia, já encaminhando para aquilo que ela espera que seja a sua decisão, sua conduta, sua postura, o que você pensa disso?

J: Ah normalmente a mídia, a mídia, a mídia, depende dos programas, por exemplo, o jornalismo é bem direto, assim, mostra os fatos quem vai pensar sobre tudo que está acontecendo é você. Mas às vezes coloca alguma opiniões deles mesmo. Por exemplo quando tem muitos jornais, por exemplo, ocorreu **(INAUDIVEL)**, ai tem muitas pessoas, “ah porque ele foi sujo teve uma atitude leviana”. Tem uns jornais que já colocam uma opinião dele né? que, mas tem uns que só lançam fatos, só lançam noticias, que eu acho que é o mais correto, só contam o que aconteceu, quem vai pensar em tudo aquilo é você, depende do programa. Igual programa de fofoca é ótimo pra ter opinião, o que faz todo aquele sensacionalismo, sabe...

Prof: Acho que já deu...

L: Eu vou agradecer a colaboração de vocês.

FINAL

ANEXO III

Questionário

Pesquisa - “O Corpo na contemporaneidade: representações de estudantes em uma escola pública”

Esta é uma pesquisa para uma tese de Doutorado que esta sendo realizada no C.A. João XXIII. Seu objetivo é identificar questões sobre o comportamento de grupos na atualidade. Necessitamos da colaboração de voluntários, no caso alunos do Ensino Médio, para que possam contribuir com o seu andamento. Lembramos desde já, que não haverá identificação do sujeitos que contribuíram para a realização desta, e os resultados serão utilizados para fins acadêmicos.

Ano: _____.

Sexo: () Masculino () Feminino

1) Quais são os fatores que levam você a se tornar amigo de alguém?

a) Interesse

b) Ter companhia

c) Admiração

d) Coisas em comum

e) Outros: _____

2) Geralmente, você se veste como seus amigos?

- a) Gosto de me vestir igual a eles
- b) Não gostamos da moda, temos nosso próprio estilo
- c) Adoramos a moda, procuramos estar sempre informados
- d) Cada um tem sua opinião a respeito da aparência
- e) Outros: _____

3) Quais são as coisas, que tanto você quanto seus amigos, acham sensual, bonito ou até atrativo em uma pessoa ?

- a) Estilo ao se vestir
- b) As opiniões e estilo diferentes das suas opiniões e estilo
- c) O corpo da pessoa
- d) Pessoas interessantes que saibam conversar
- e) Outros: _____

4) Com que tipo de coisa, juntos, você e seus amigos se divertem?

- a) Quando vão ao show de sua banda preferida
- b) Quando saem juntos para ir ao cinema
- c) Quando se encontram para conversar na casa de um do grupo
- d) Quando viajam juntos
- e) Outros: _____

5) Você e seus amigos têm a mesma crença religiosa? Caso a resposta seja sim, no que acreditam?

- a) Sim, esse é um dos motivos para a nossa afinidade
- b) Não acreditamos em nada
- c) Sim. Porém cada um tem a sua religião
- d) Não. Mas respeitamos quem tem alguma

6) O que você, juntamente com seus amigos, considera irracional?

- a) Covardia

b) Preconceito

c) Racismo

d) Bulling

e) Outros: _____

07) O que atrai a atenção de seu grupo?

a) Conhecer culturas e pessoas diferentes

b) Conhecer ritmos diversos

c) Discutir sobre política e sobre a situação do planeta

d) Baladas, Festas e diversão

e) Outros: _____

08) O que você e seus amigos repudiam?

a) Pessoas preconceituosas

b) Pessoas com outro estilo

c) Pessoas com os corpos marcados

d) Pessoas que não acreditam na mesma religião que você

e) Outros: _____

09) Por que você e seus amigos se reúnem?

a) Porque curtimos o mesmo estilo musical

b) Porque temos a mesma crença religiosa

c) Porque torcemos pelo mesmo time de futebol

d) Porque tivemos afinidade e gostamos das mesmas coisas

e) Outros: _____

10) Que tipo de gente você e seu grupo excluem? a) Gente feia

b) Gente que, em sua opinião, gosta de música ruim

c) Gente sem maturidade

d) Gente séria demais

e) Outros: _____

11) Você acha que a televisão ou a internet tem influência nas suas escolhas com relação a seus amigos e colegas?

- a) Sim. As duas têm essa influência
- b) Somente a TV
- c) Somente a internet
- d) Não. Nenhuma das duas tem essa influência

12) O que a escola ensina influencia na sua forma de aderir ou repudiar algum grupo de amigos?

- a) Sim. Sempre
- b) Não. Nunca
- c) Frequentemente
- d) Raramente

13) Seus professores entendem as relações entre os jovens?

- a) Sim. Todos os meus professores entendem
- b) Não. Nenhum de meus professores entende
- c) Alguns de meus professores entendem

14) Qual é o lugar que te permite fazer mais amigos?

- a) Escola
- b) Sua rua ou bairro
- c) Redes sociais na internet
- d) Outros: _____

15) A escola é um bom lugar para estabelecer relações com os amigos?

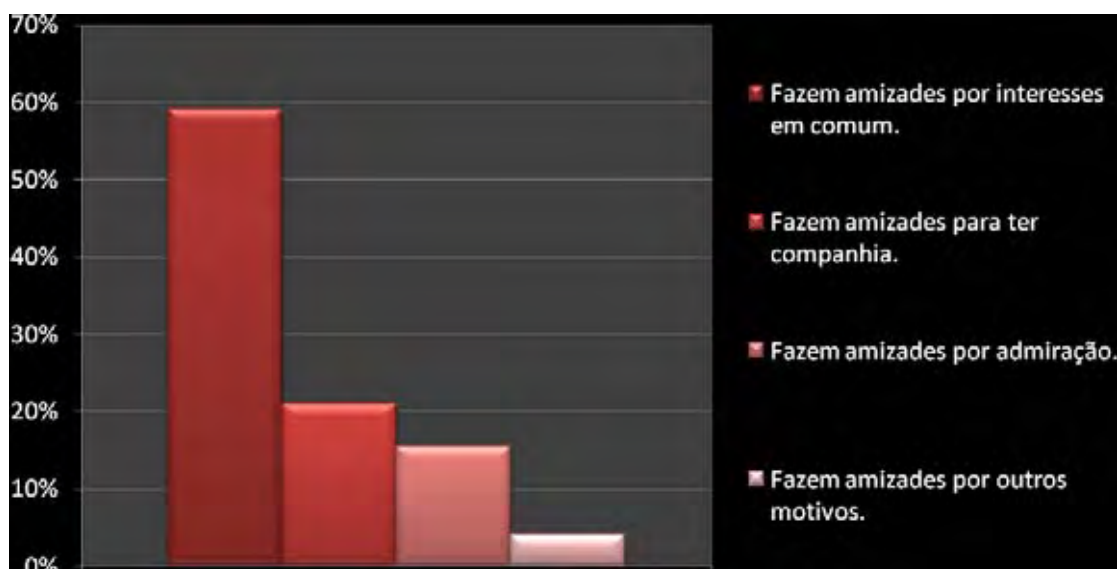
- a) Sim
- B) Não

ANEXO IV

GRÁFICOS DOS RESULTADOS DO SEXO FEMININO.

GRÁFICO 1

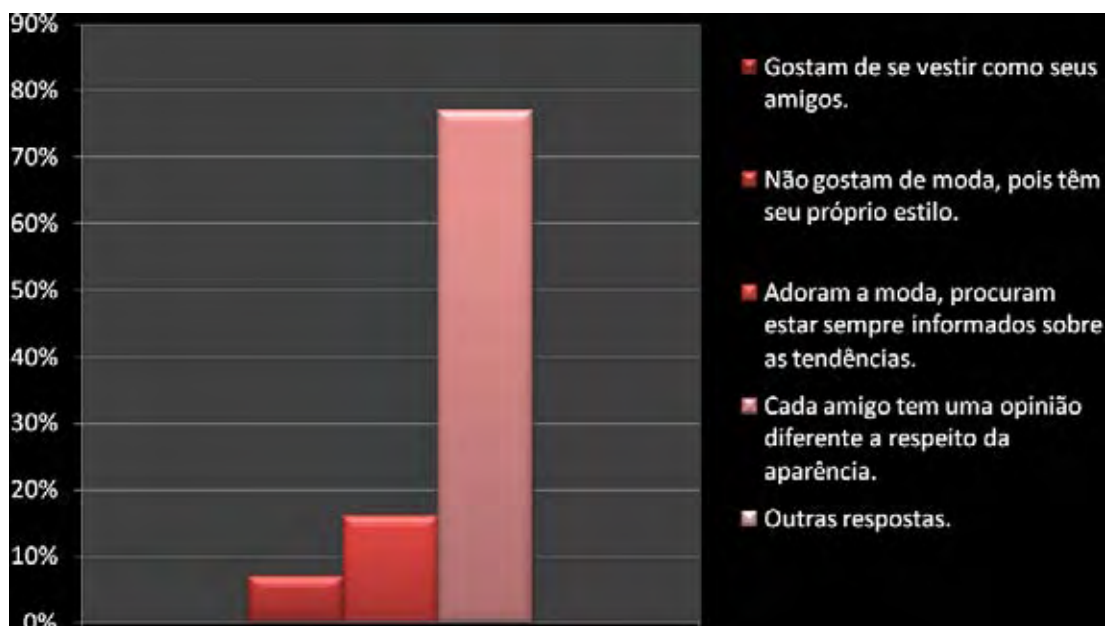
1) Quais os fatores que levam você a se tornar amigo de alguém?



O gráfico acima nos permite constatar que, do total de alunos entrevistados, 59% afirmam que fazem amizades por interesses em comum, enquanto 21% afirmam que fazem amizades para ter companhia, 16% respondem que fazem amizades por admiração e o restante, formado por 4%, deram outras repostas.

GRÁFICO 2

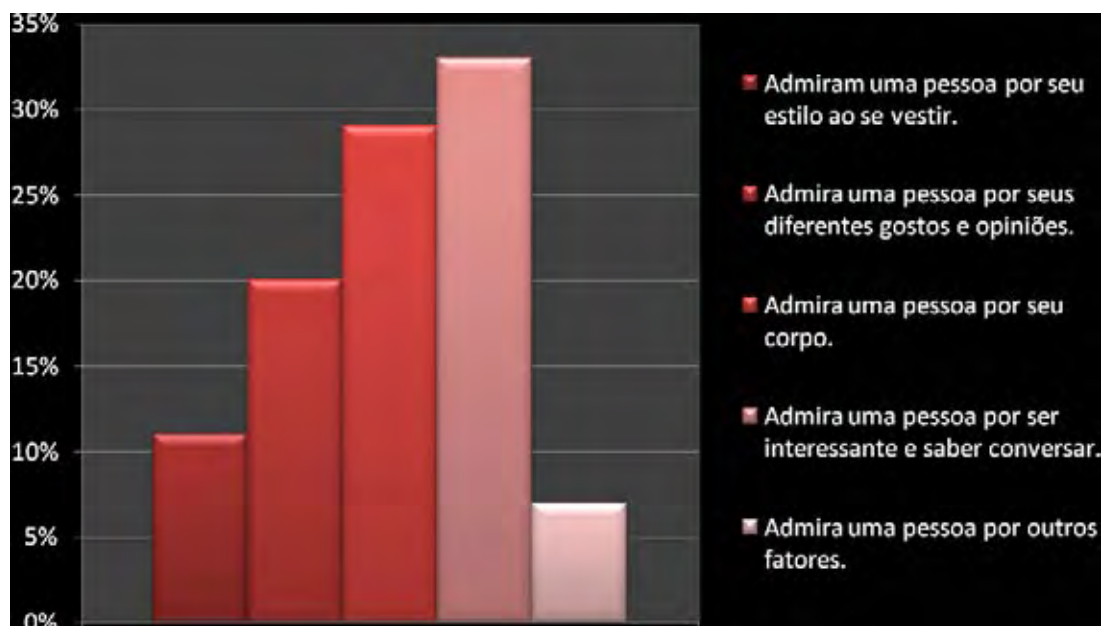
2) Geralmente, você se veste como seus amigos?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 0% afirmam gostar de se vestir como seus amigos, enquanto 7% afirmam não gostar de moda porque tem seu próprio estilo, 16% respondem que adoram a moda e buscam sempre seguir as tendências, 77% declaram que cada um de seus amigos tem a própria opinião a respeito da aparência e o restante, formado por 0%, deram outras respostas.

GRÁFICO 3

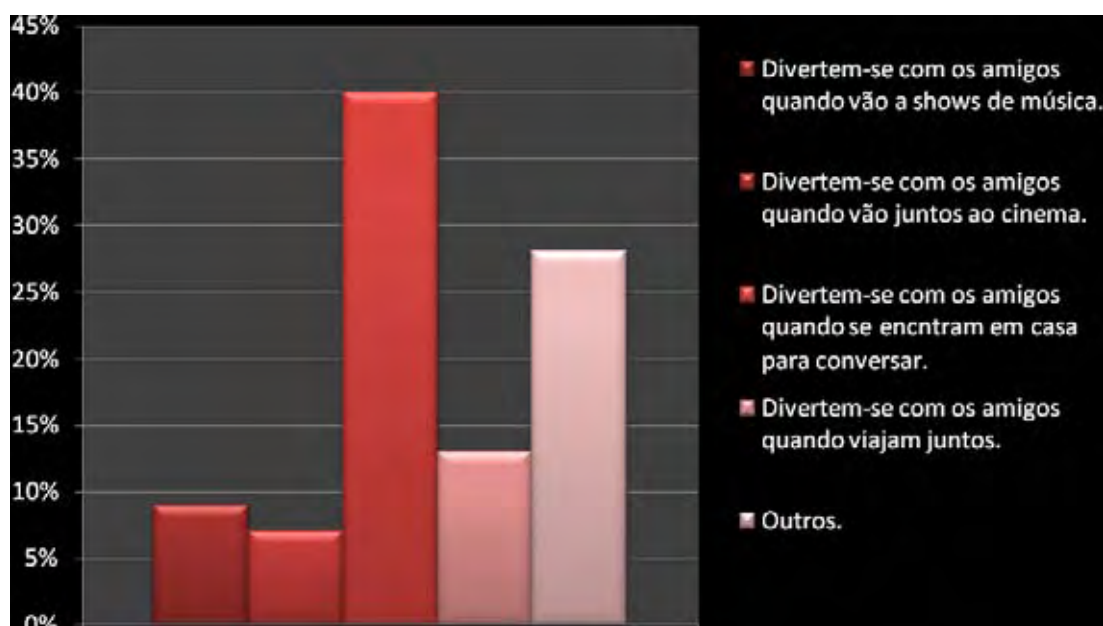
3) Quais são as coisas que tanto você quanto seus amigos acham sensual, bonito ou até atrativo em uma pessoa?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 11% afirmam admirar uma pessoa por seu estilo ao se vestir, enquanto 20% afirmam admirar uma pessoa por seus diferentes gostos e opiniões, 29% respondem que admiram uma pessoa por seu corpo, 33% declaram que admiram uma pessoa por ser interessante e saber conversar e o restante, formado por 7%, dizem admirar as pessoas por outros fatores.

GRÁFICO 4

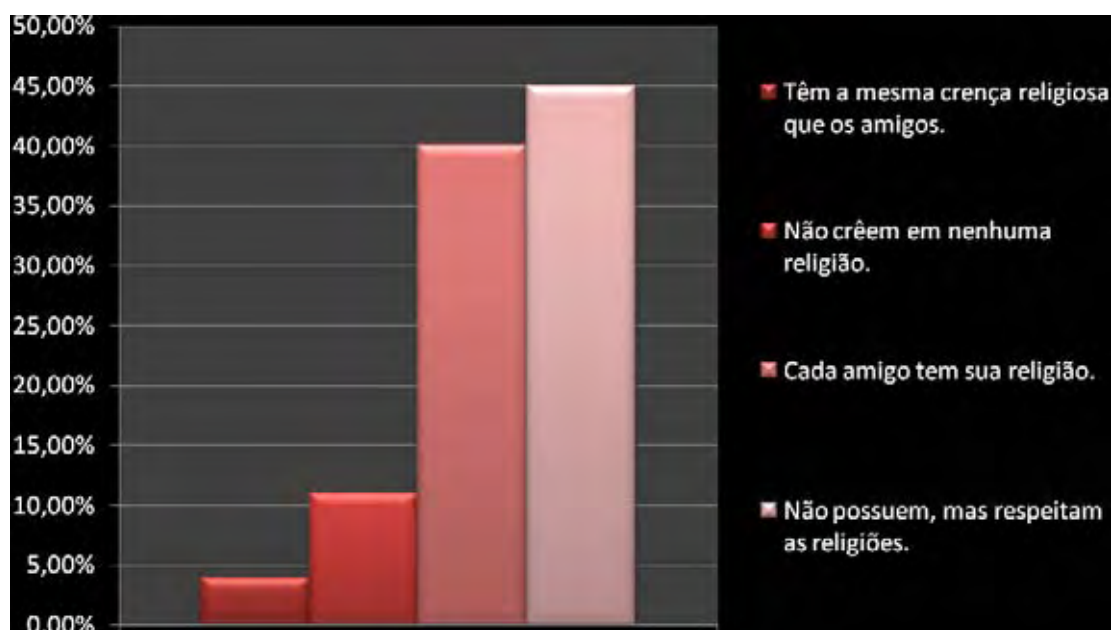
4) Com que tipo de coisa, juntos, você e seus amigos se divertem?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 9% afirmam divertir-se com os amigos quando vão a um show de música, enquanto 7% afirmam divertirem-se com os amigos quando vão ao cinema, 40% respondem que se divertem com os amigos quando se encontram em casa para conversar, 13% declaram que se divertem com os amigos quando viajam juntos e os restantes, formados por 28%, deram outras respostas.

GRÁFICO 5

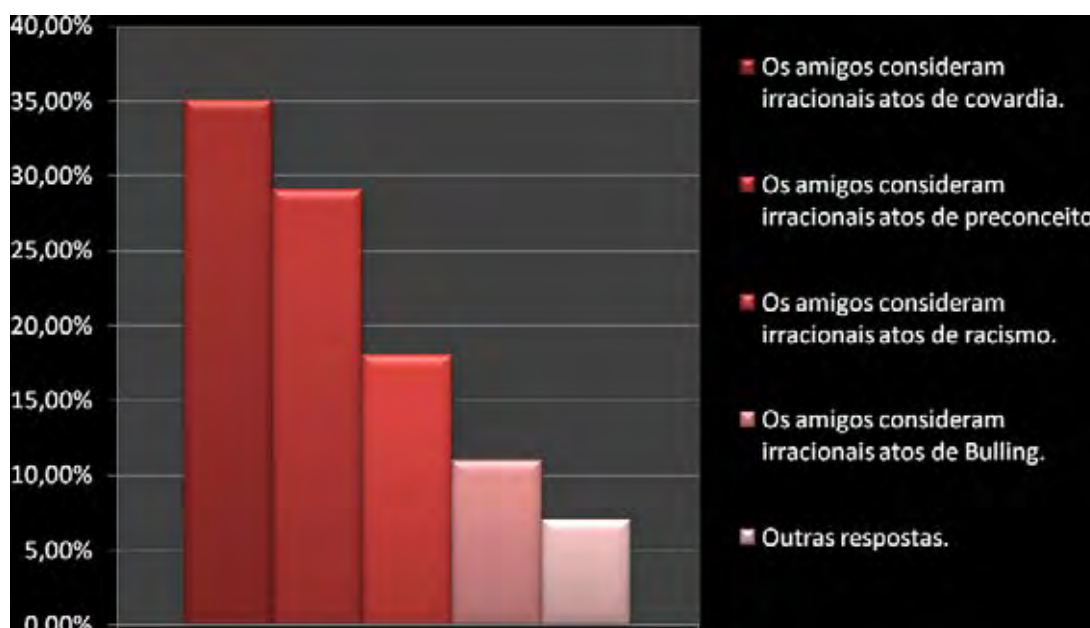
5) Você e seus amigos têm a mesma crença religiosa? Caso a resposta seja sim, no que acreditam?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 4% afirmam que têm a mesma crença religiosa de seus amigos, enquanto 11% afirmam que não crêem em nenhuma religião, 40% responderam que cada um de seus amigos tem sua religião e o restante, formado por 45% declaram que não possuem, mas respeitam as religiões.

GRÁFICO 6

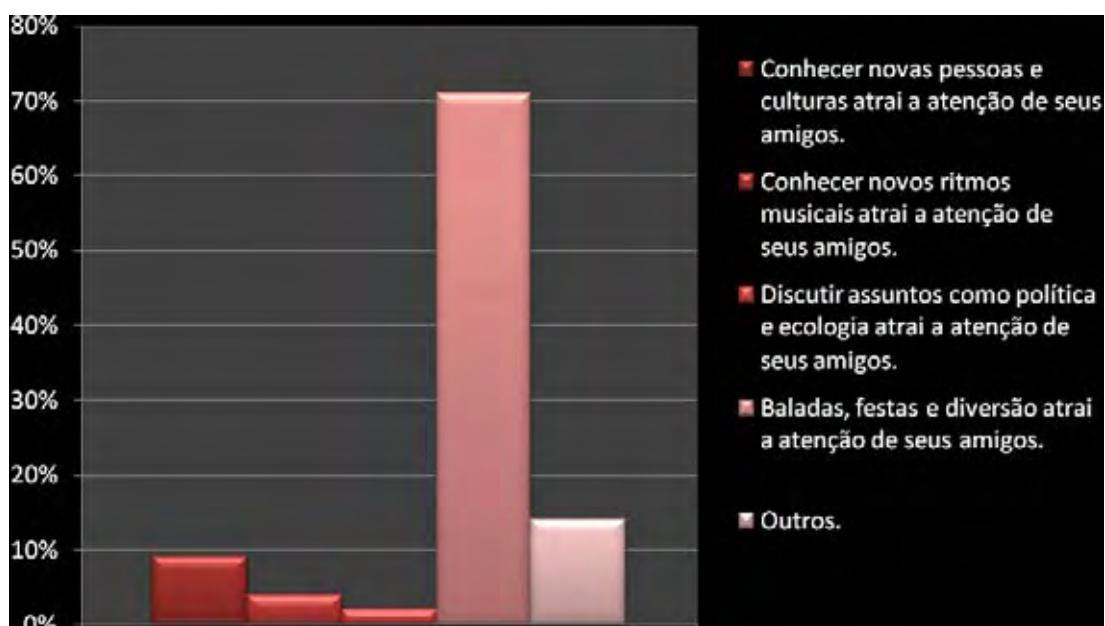
6) O que vocês e seus amigos consideram irracional?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 35% afirmam que os amigos consideram irracionais atos de covardia, enquanto 29% afirmam que os amigos consideram irracionais atos de preconceito, 18% respondem que irracionais, para seus amigos, são os atos de racismo, 11% declaram que Bulling é irracional, e o restante, formado por 7%, deram outras respostas.

GRÁFICO 7

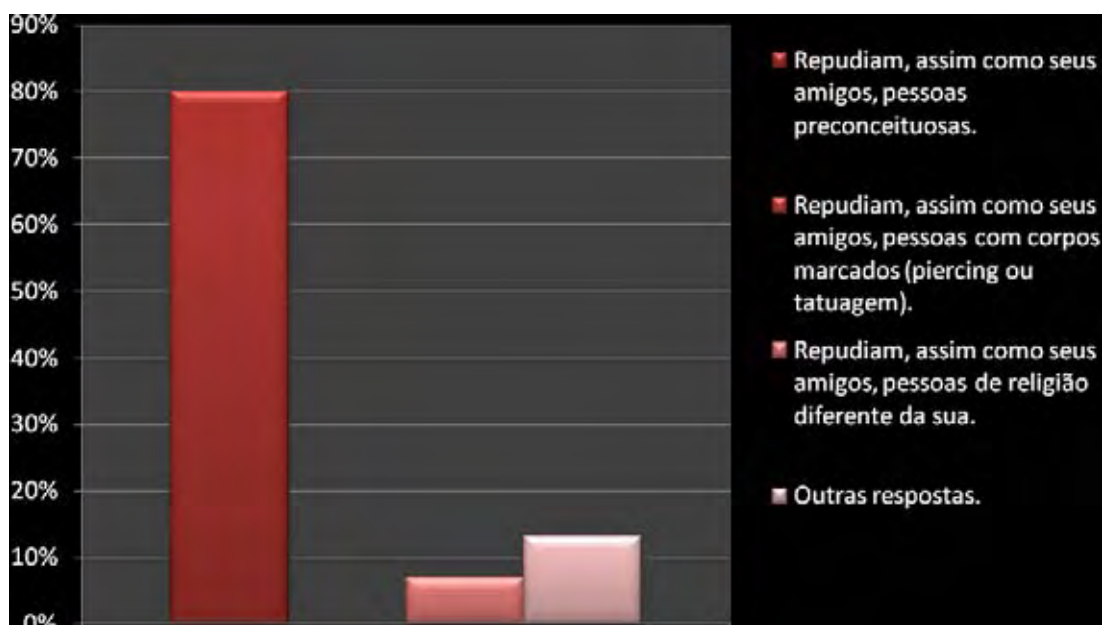
7) O que atrai a atenção de seu grupo?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 9% afirmam conhecer novas pessoas e culturas atrai a atenção de seus amigos, enquanto 4% afirmam que o que atrai a atenção de seus amigos é conhecer novos ritmos musicais, 2% respondem que discutir assuntos como política e ecologia atrai a atenção de seus amigos, 71% declaram que o que realmente atrai a atenção de seus amigos são as festas e baladas, e o restante, formado por 14%, deram outras respostas.

GRÁFICO 8

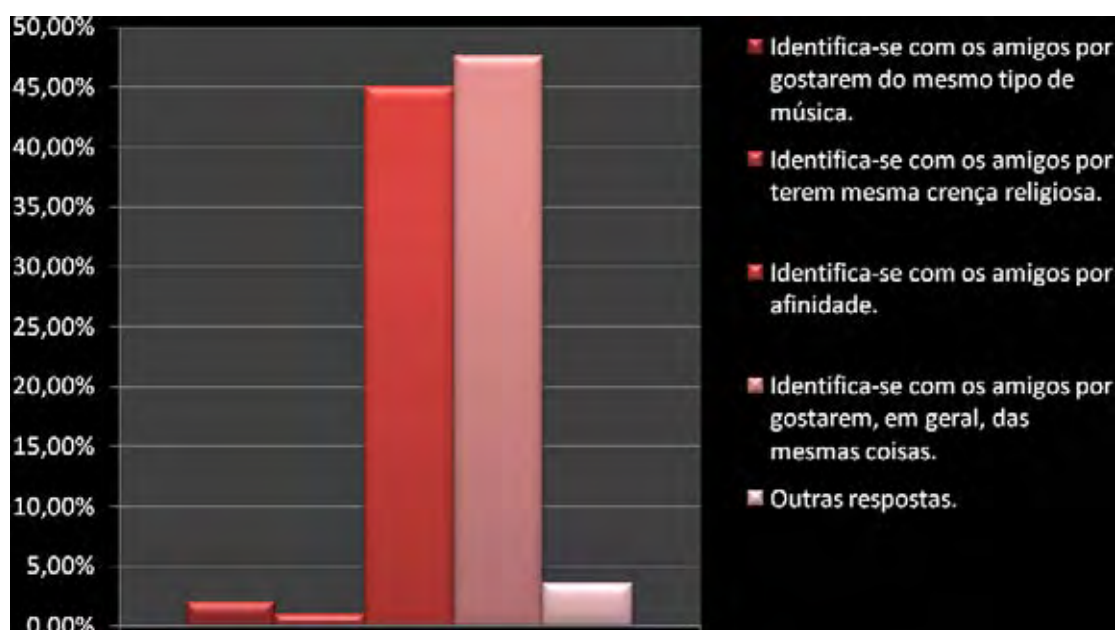
8) O que vocês e seus amigos repudiam?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 80% afirmam repudiar, assim como seus amigos, pessoas preconceituosas, enquanto 0% afirma que repudiam, assim como seus amigos, pessoas com corpos marcados (piercing ou tatuagem), 7% responderam que repudiam pessoas de religiões diferentes da sua e o restante, formado por 13% deram outras repostas.

GRÁFICO 09

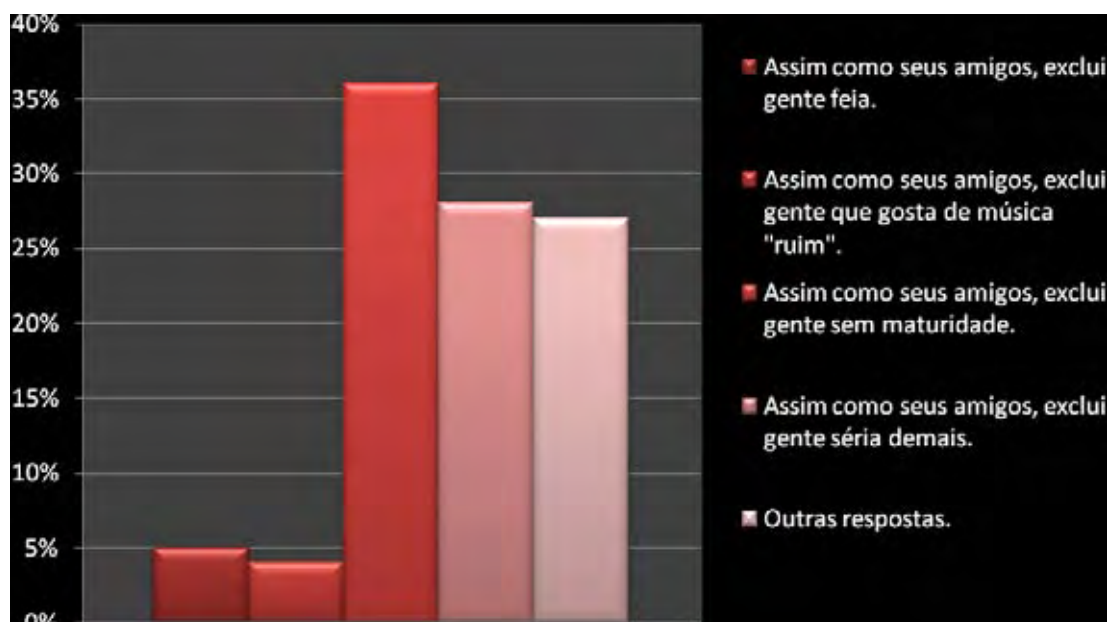
9) Por que você e seus amigos se reúnem?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 2% afirmam identificar-se com seus amigos por gostar do mesmo tipo de música, enquanto 1% afirmam que, por terem mesma crença religiosa, identifica-se com seus amigos, 45% respondem que se identificam com seus amigos pela chamada afinidade, 48% declaram que se identificam com seus amigos por gostos e opiniões em comum, e o restante, formado por 4%, deram outras respostas.

GRÁFICO 10

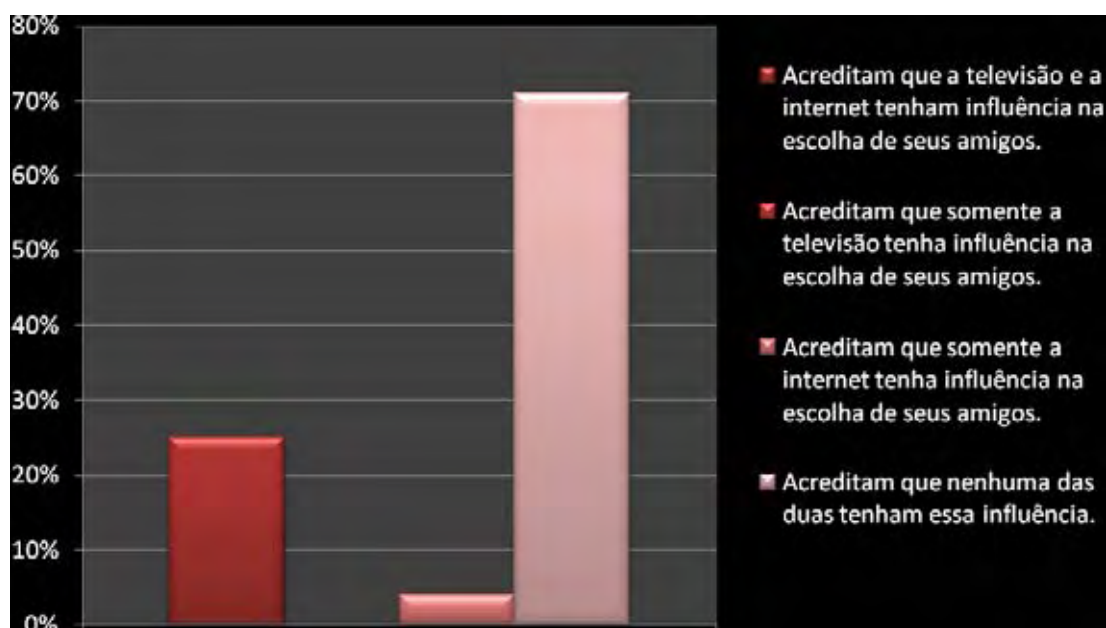
10) Que tipo de gente você e seu grupo excluem?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 5% afirmam excluir, assim como seus amigos, gente feia, enquanto 4% afirmam que seus amigos excluem pessoas que gostam de música "ruim", 36% respondem que excluem pessoas sem maturidade, 28% declaram que excluem gente séria demais e o restante, formado por 27%, deram outras respostas.

GRÁFICO 11

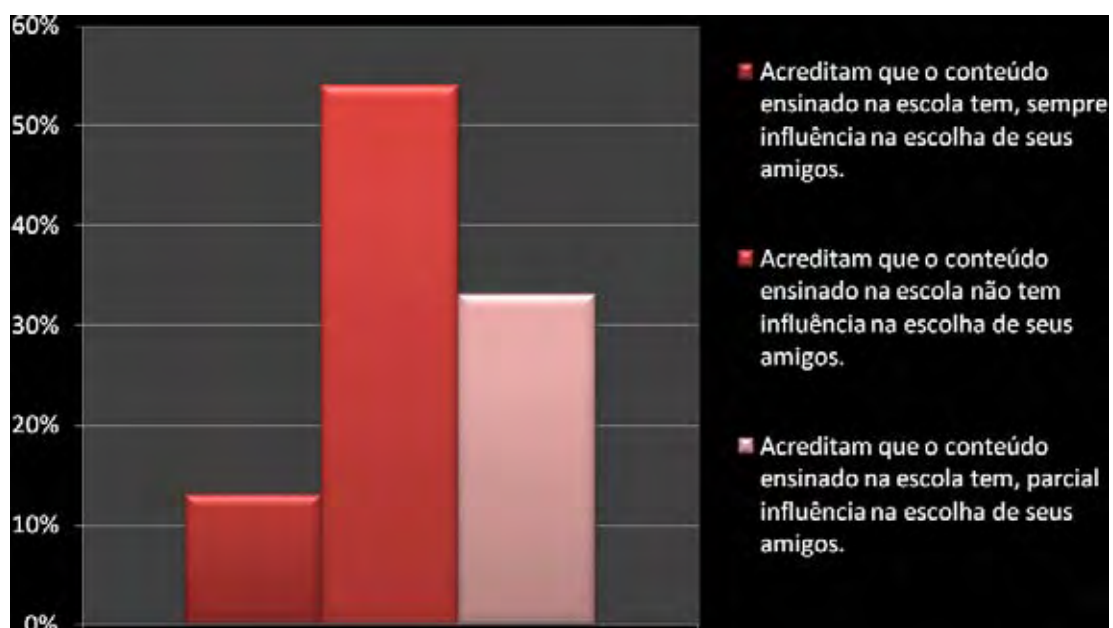
11) Você acha que a televisão ou a internet tem influência nas suas escolhas com relação a seus amigos e colegas?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 25% acreditam que a internet e a televisão têm influência na escolha de seus amigos, enquanto 0% afirma acreditar que somente a televisão tem influência na escolha dos amigos, 4% responderam que acreditam que somente a internet tem a influência sobre as escolhas dos amigos e o restante, formado por 71% declaram que nenhuma das duas tem essa influência.

GRÁFICO 12

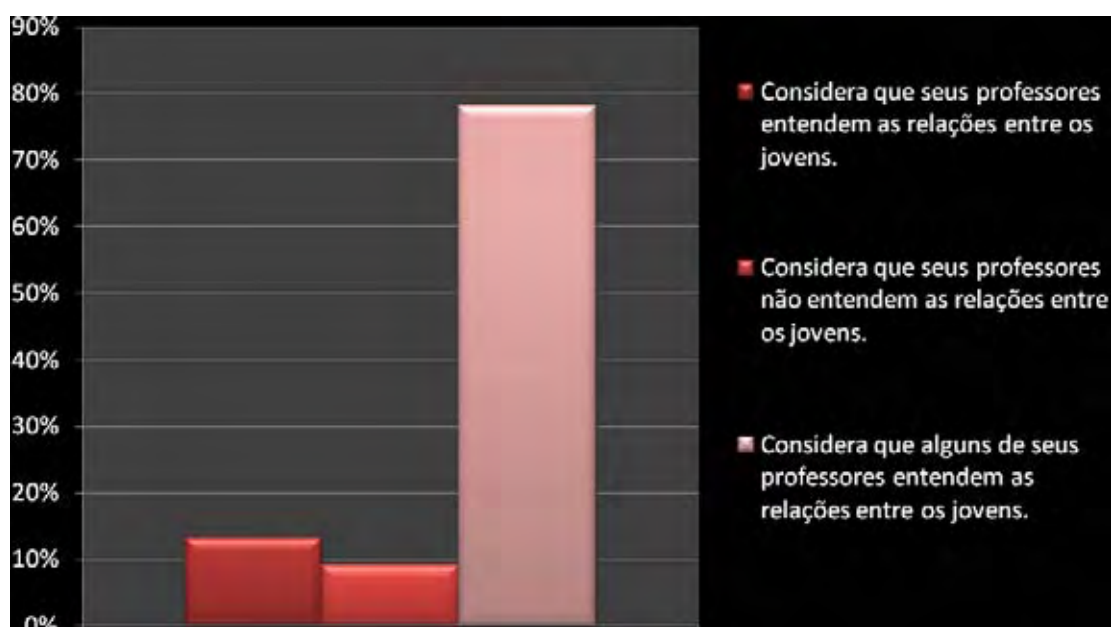
12) O que a escola ensina influencia na sua forma de aderir ou repudiar algum grupo de amigos?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 13% afirmam acreditar que o conteúdo ensinado na escola sempre tem influência nas escolhas de seus amigos, enquanto 54% respondem que acreditam que o conteúdo ensinado na escola não interfere nas escolhas de seus amigos e 33% declaram acreditar que o conteúdo ensinado na escola tem parcial influência sobre as escolhas de seus amigos.

GRÁFICO 13

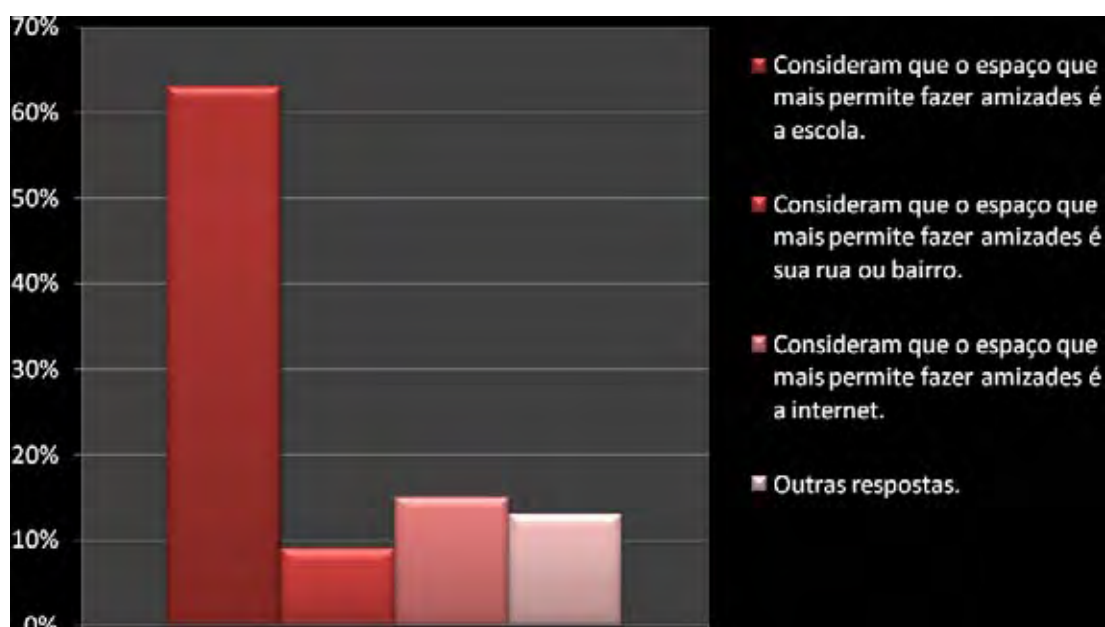
13) Seus professores entendem as relações entre os jovens?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 13% afirmam que seus professores entendem as relações entre os jovens, enquanto 9% respondem que seus professores não entendem as relações entre os jovens e 78% a declaram que alguns de seus professores entendem as relações entre os jovens.

GRÁFICO 14

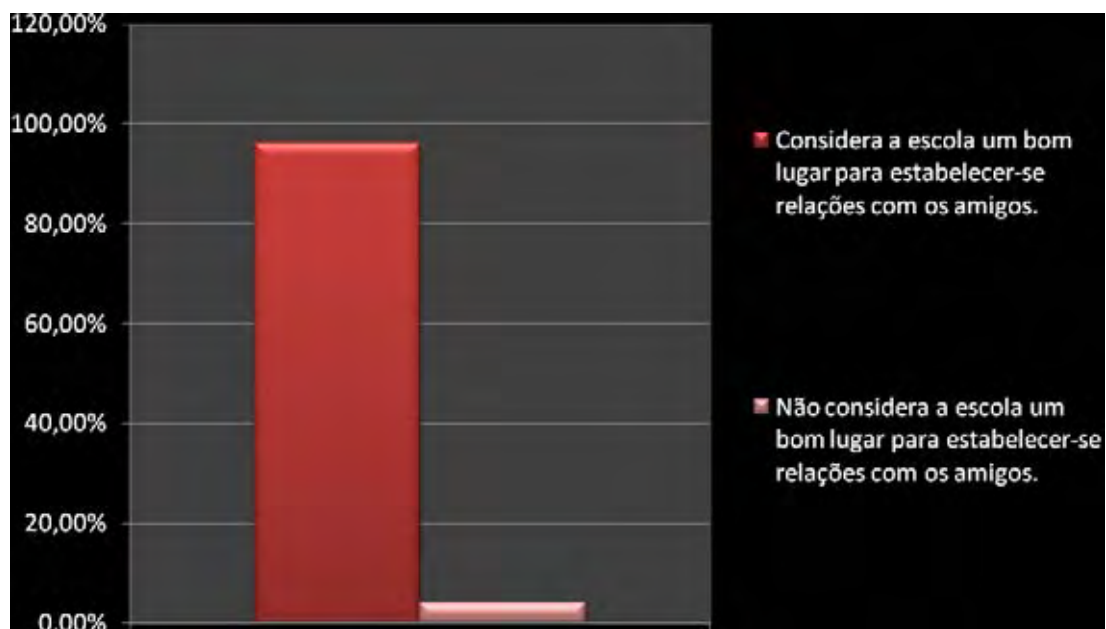
14) Qual é o lugar que te permite fazer mais amigos?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 63% afirmam que o melhor espaço para se fazer amigos é a escola, enquanto 9% afirmam considerar sua rua ou bairro o melhor espaço para fazer amizades, 15% responderam que o espaço que mais permite fazer amizades é a internet e o restante, formado por 13% deram outras respostas.

GRÁFICO 15

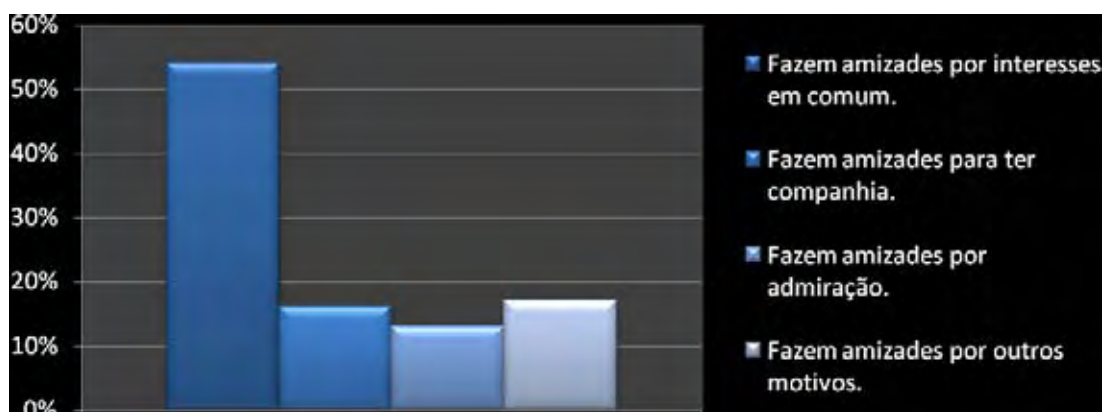
15) A escola é um bom lugar para estabelecer relações com os amigos?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 96% afirmam considerar a escola um bom lugar para se fazer amigos, enquanto 4% pensam que a escola não é um bom lugar para fazer amizades.

GRÁFICOS DOS RESULTADOS DO SEXO MASCULINO.**GRÁFICO 16**

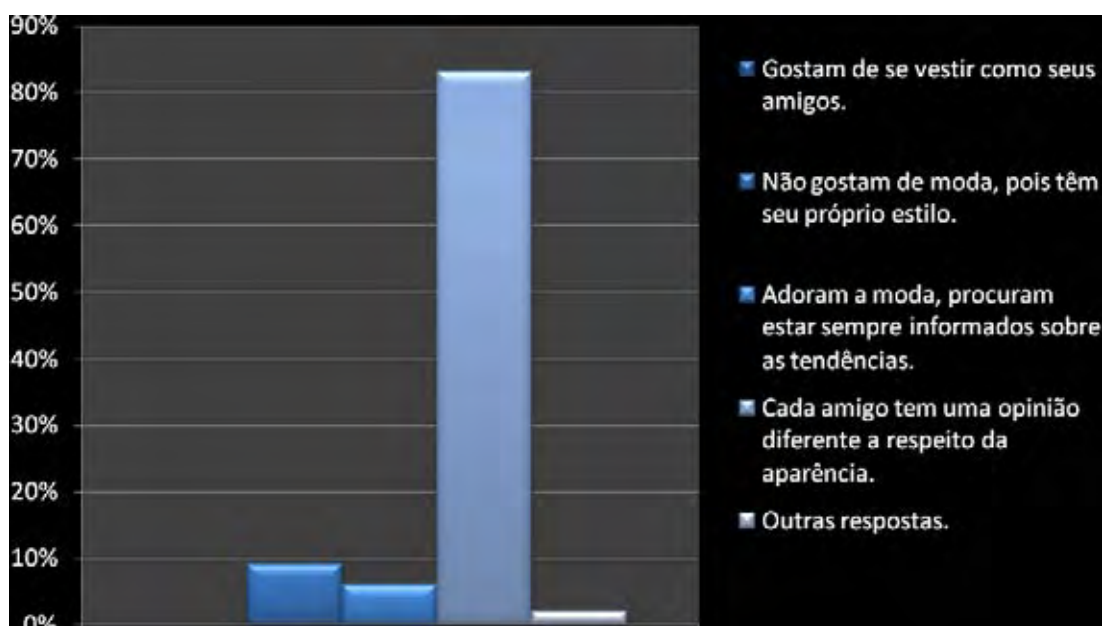
1) Quais os fatores que levam você a se tornar amigo de alguém?



O gráfico acima nos permite constatar que, do total de alunos entrevistados, 54% afirmam que fazem amizades por interesses em comum, enquanto 16% afirmam que fazem amizades para ter companhia, 13% respondem que fazem amizades por admiração e o restante, formado por 17%, deram outras repostas.

GRÁFICO 17

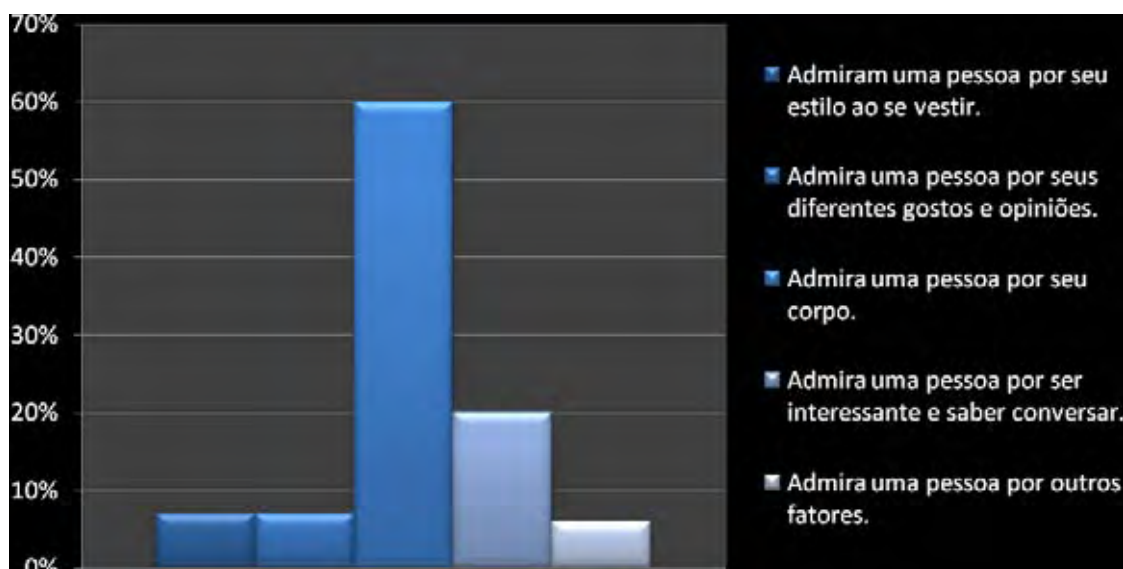
2) Geralmente, você se veste como seus amigos?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 0% afirmam gostar de se vestir como seus amigos, enquanto 9% afirmam não gostar de moda porque tem seu próprio estilo, 6% respondem que adoram a moda e buscam sempre seguir as tendências, 83% declaram que cada um de seus amigos tem a própria opinião a respeito da aparência e o restante, formado por 2%, deram outras respostas.

GRÁFICO 18

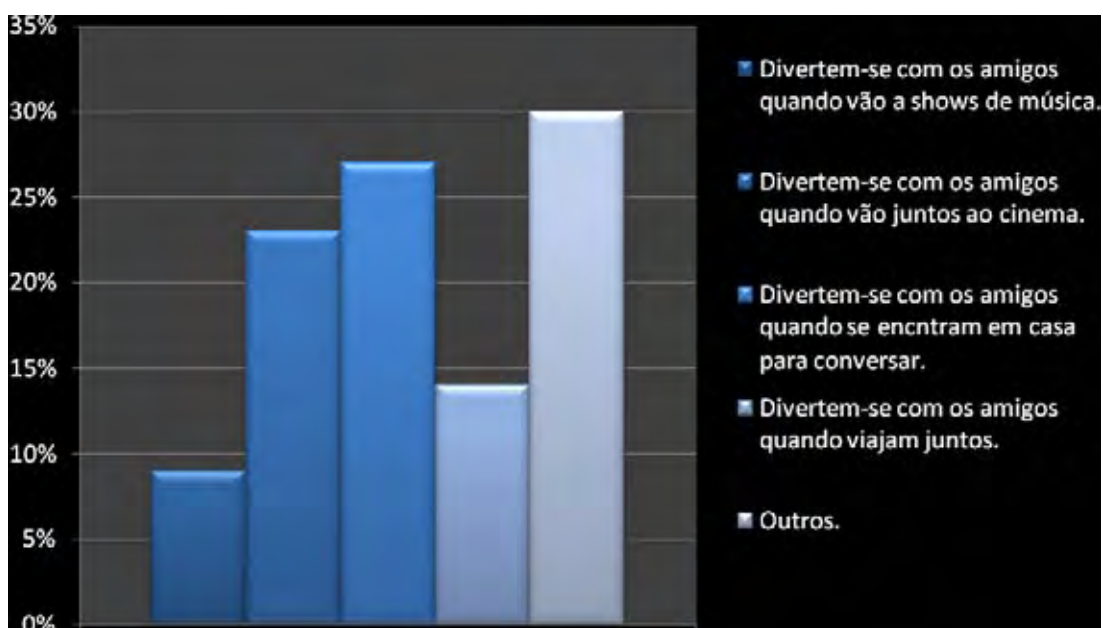
3) Quais são as coisas que tanto você quanto seus amigos acham sensual, bonito ou até atrativo em uma pessoa?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 7% afirmam admirar uma pessoa por seu estilo ao se vestir, enquanto 7% afirmam admirar uma pessoa por seus diferentes gostos e opiniões, 60% respondem que admiram uma pessoa por seu corpo, 20% declaram que admiram uma pessoa por ser interessante e saber conversar e o restante, formado por 6%, dizem admirar as pessoas por outros fatores.

GRÁFICO 19

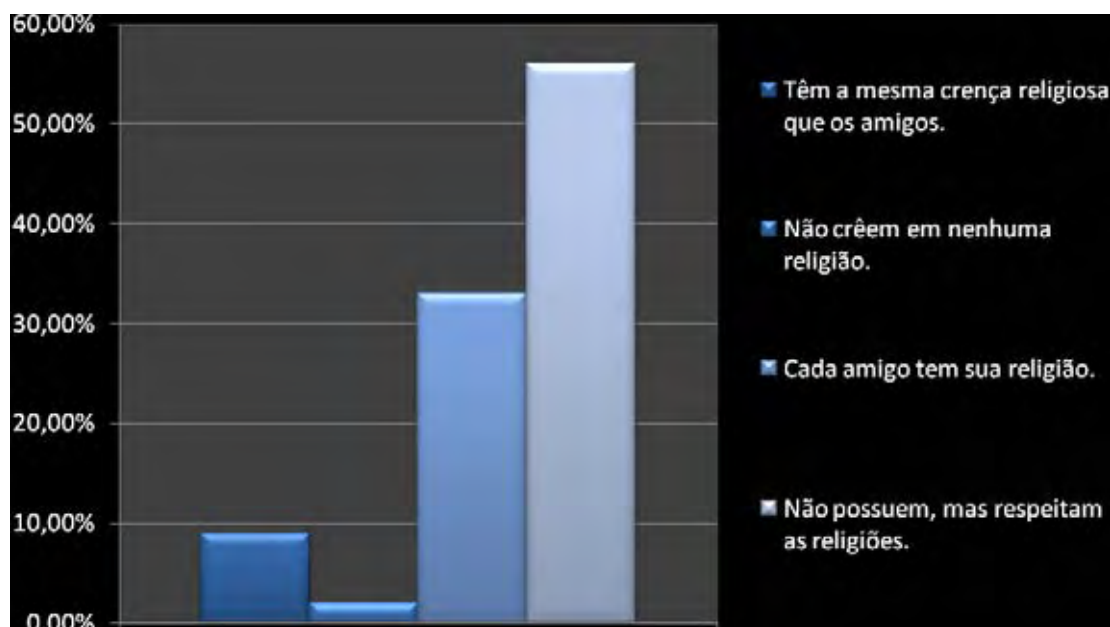
4) Com que tipo de coisa, juntos, você e seus amigos se divertem?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 9% afirmam divertir-se com os amigos quando vão a um show de música, enquanto 23% afirmam divertirem-se com os amigos quando vão ao cinema, 27% respondem que se divertem com os amigos quando encontram-se em casa para conversar, 14% declaram que divertem-se com os amigos quando viajam juntos e o restante, formado por 30%, deram outras respostas.

GRÁFICO 20

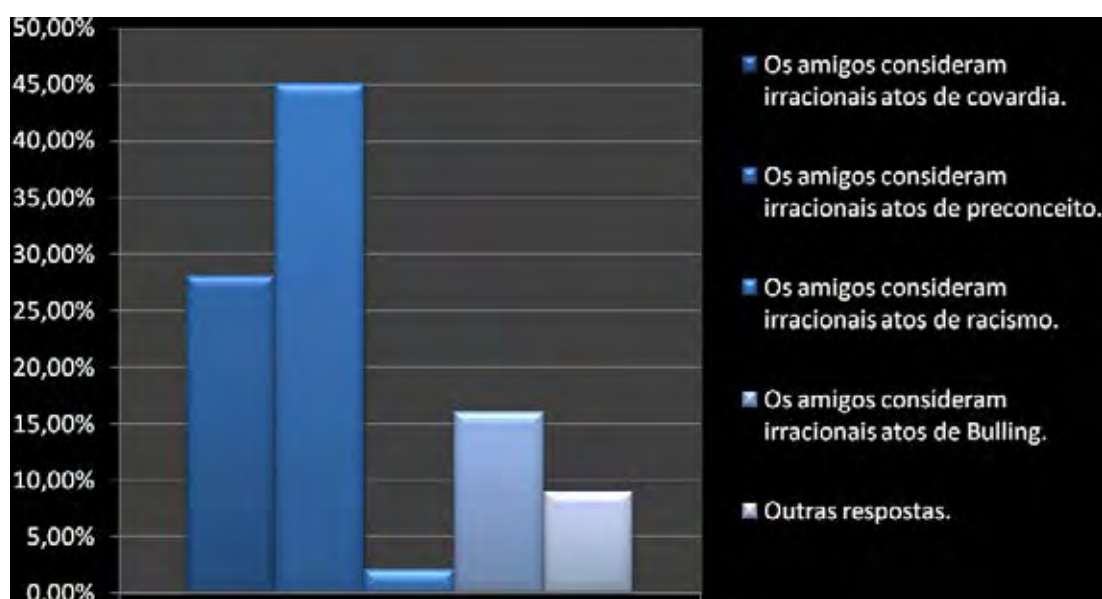
5) Você e seus amigos têm a mesma crença religiosa? Caso a resposta seja sim, no que acreditam?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 9% afirmam que têm a mesma crença religiosa de seus amigos, enquanto 2% afirmam que não crêem em nenhuma religião, 33% responderam que cada um de seus amigos tem sua religião e o restante, formado por 56% declaram que não possuem, mas respeitam as religiões.

GRÁFICO 21

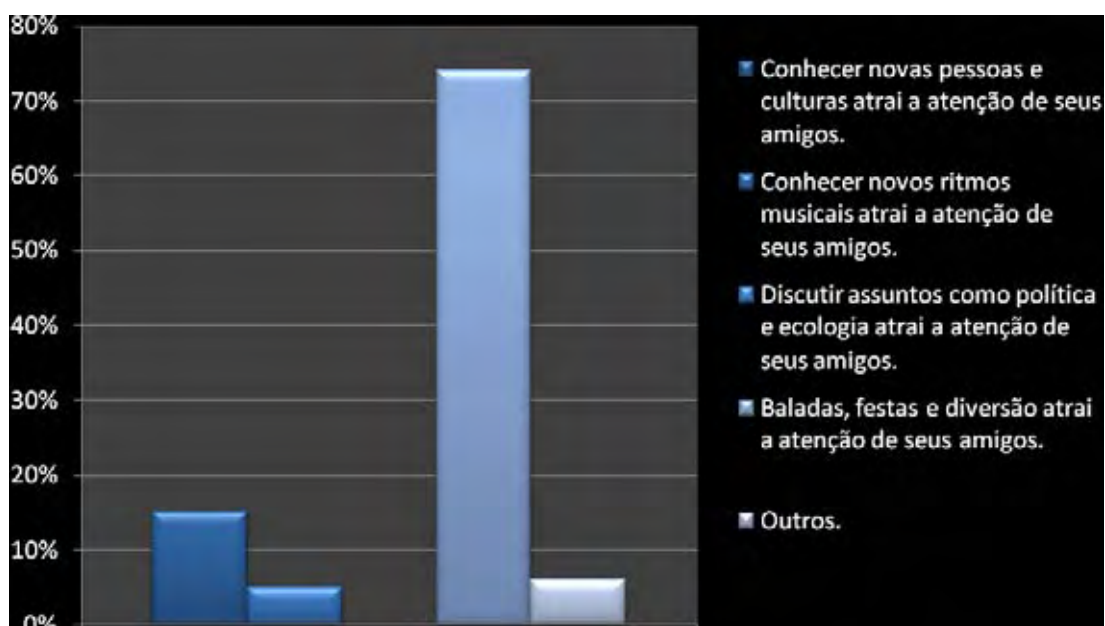
6) O que você e seus amigos consideram irracional?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 28% afirmam que os amigos consideram irracionais atos de covardia, enquanto 45% afirmam que os amigos consideram irracionais atos de preconceito, 2% respondem que irracionais, para seus amigos, são os atos de racismo, 16% declaram que Bulling é irracional, e o restante, formado por 9%, deram outras respostas.

GRÁFICO 22

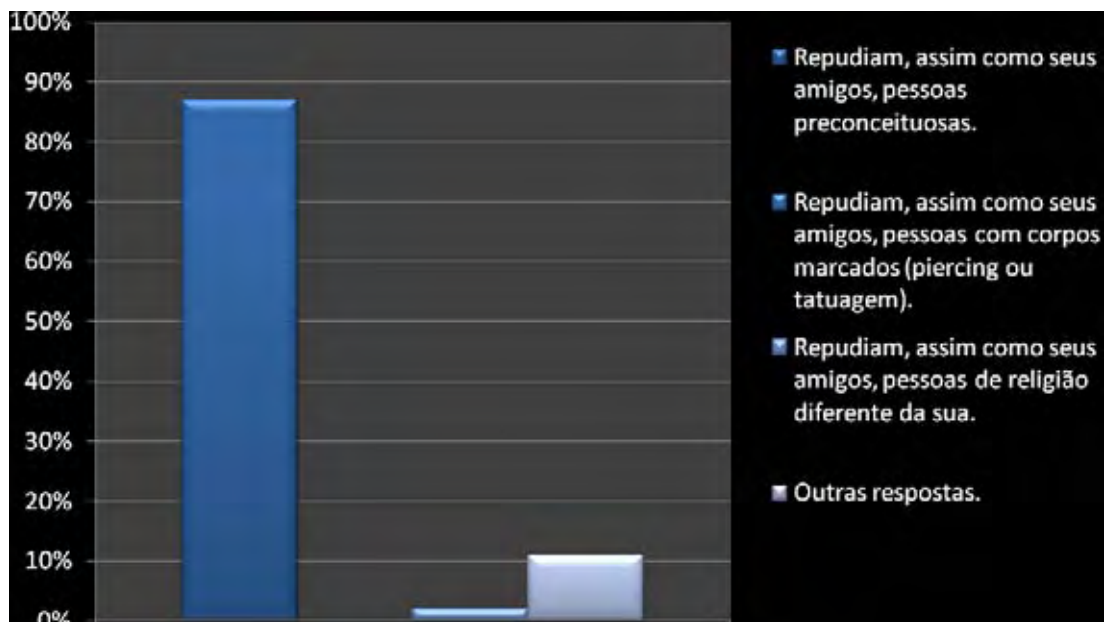
7) O que atrai a atenção de seu grupo?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 15% afirmam conhecer novas pessoas e culturas atrai a atenção de seus amigos, enquanto 5% afirmam que o que atrai a atenção de seus amigos é conhecer novos ritmos musicais, 0% respondem que discutir assuntos como política e ecologia atrai a atenção de seus amigos, 74% declaram que o que realmente atrai a atenção de seus amigos são as festas e baladas, e o restante, formado por 6%, deram outras respostas.

GRÁFICO 23

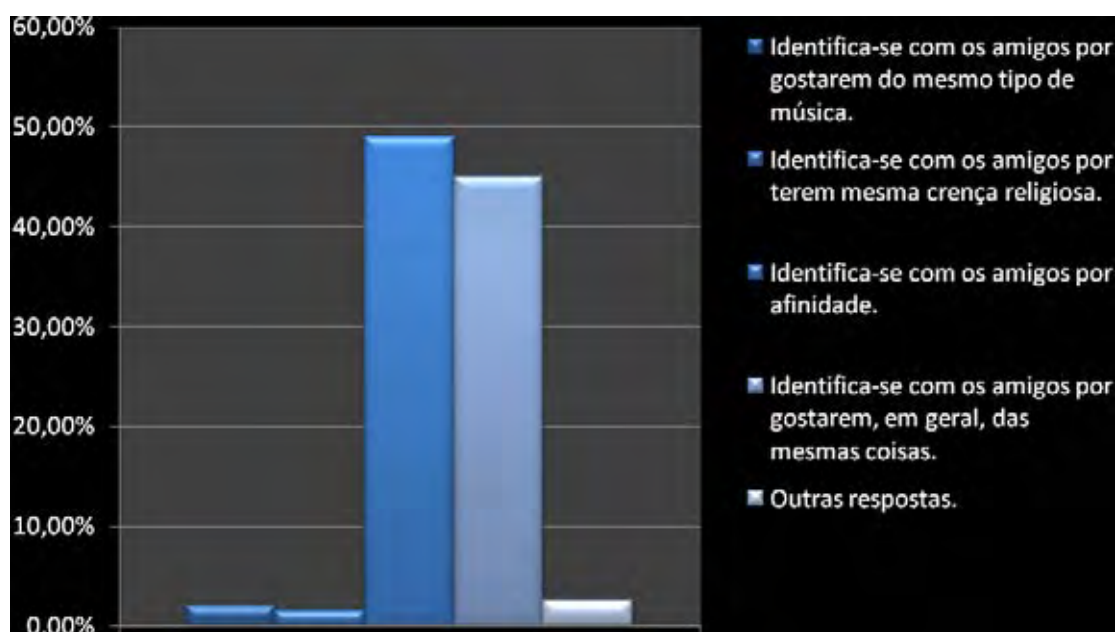
8) O que vocês e seus amigos repudiam?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 87% afirmam repudiar, assim como seus amigos, pessoas preconceituosas, enquanto 0% afirma que repudiam, assim como seus amigos, pessoas com corpos marcados (piercing ou tatuagem), 2% responderam que repudiam pessoas de religiões diferentes da sua e o restante, formado por 11% deram outras repostas.

GRÁFICO 24

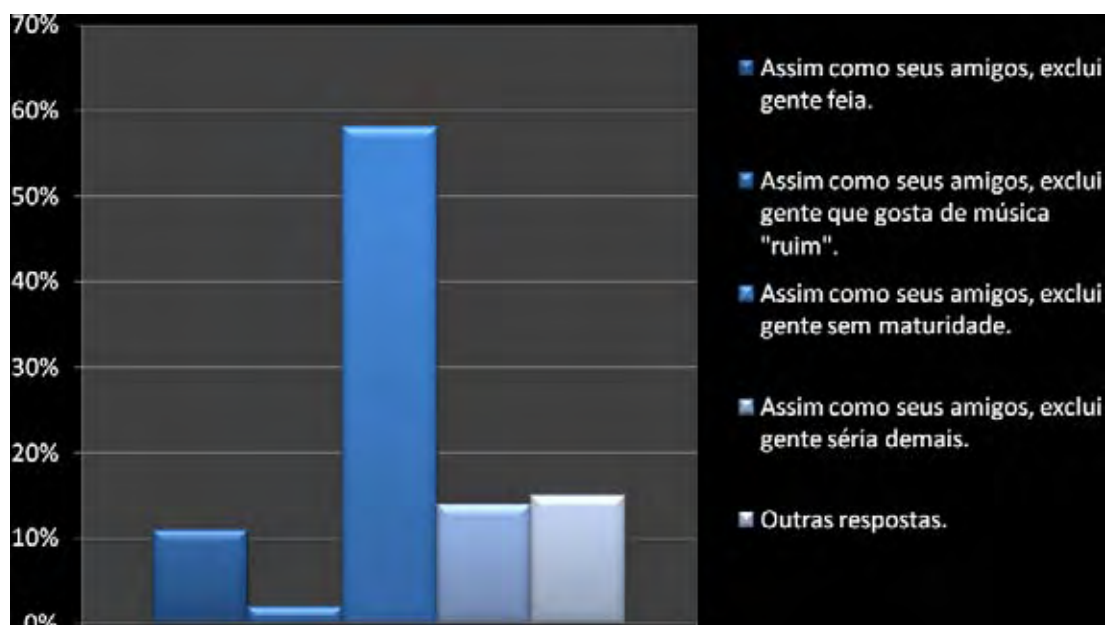
9) Por que você e seus amigos se reúnem?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 2% afirmam identificar-se com seus amigos por gostar do mesmo tipo de música, enquanto 2% afirmam que, por terem mesma crença religiosa, identifica-se com seus amigos, 49% respondem que se identificam com seus amigos pela chamada afinidade, 45% declaram que se identificam com seus amigos por gostos e opiniões em comum, e o restante, formado por 3%, deram outras respostas.

GRÁFICO 25

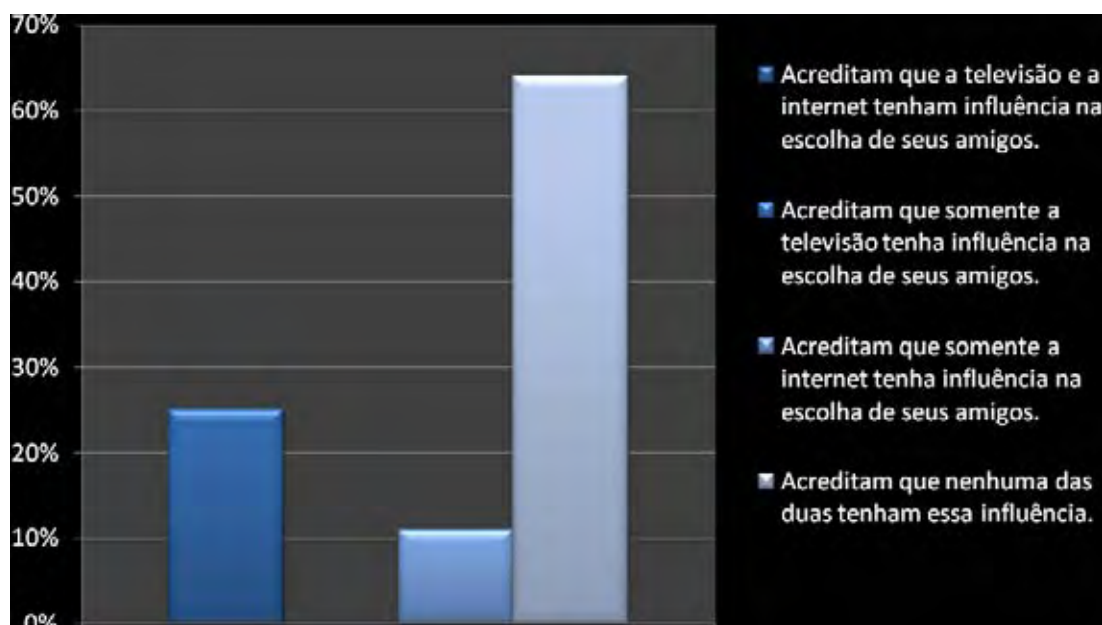
10) Que tipo de gente você e seu grupo excluem?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 11% afirmam excluir, assim como seus amigos, gente feia, enquanto 2% afirmam que seus amigos excluem pessoas que gostam de música "ruim", 58% respondem que excluem pessoas sem maturidade, 14% declaram que excluem gente séria demais e o restante, formado por 15%, deram outras respostas.

GRÁFICO 26

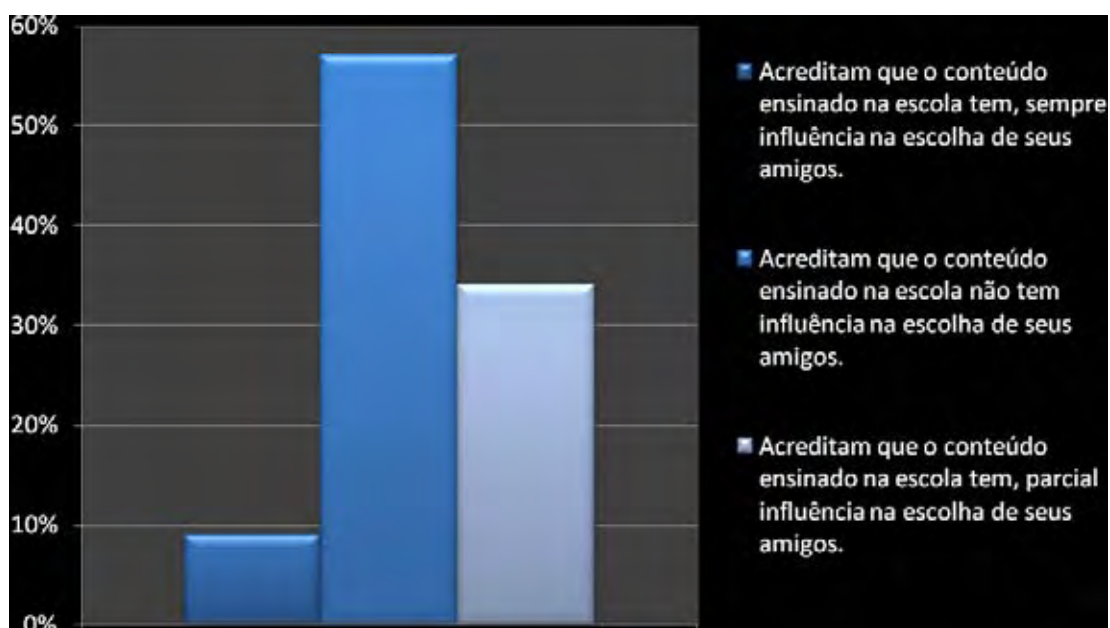
11) Você acha que a televisão ou a internet tem influência nas suas escolhas com relação a seus amigos e colegas?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 25% acreditam que a internet e a televisão têm influência na escolha de seus amigos, enquanto 0% afirma acreditar que somente a televisão tem influência na escolha dos amigos, 11% responderam que acreditam que somente a internet tem a influência sobre as escolhas dos amigos e o restante, formado por 64% declaram que nenhuma das duas tem essa influência.

GRÁFICO 27

12) O que a escola ensina influencia na sua forma de aderir ou repudiar algum grupo de amigos?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 9% afirmam acreditar que o conteúdo ensinado na escola sempre tem influência nas escolhas de seus amigos, enquanto 57% respondem que acreditam que o conteúdo ensinado na escola não interfere nas escolhas de seus amigos e 34% declaram acreditar que o conteúdo ensinado na escola tem parcial influência sobre as escolhas de seus amigos.

GRÁFICO 28

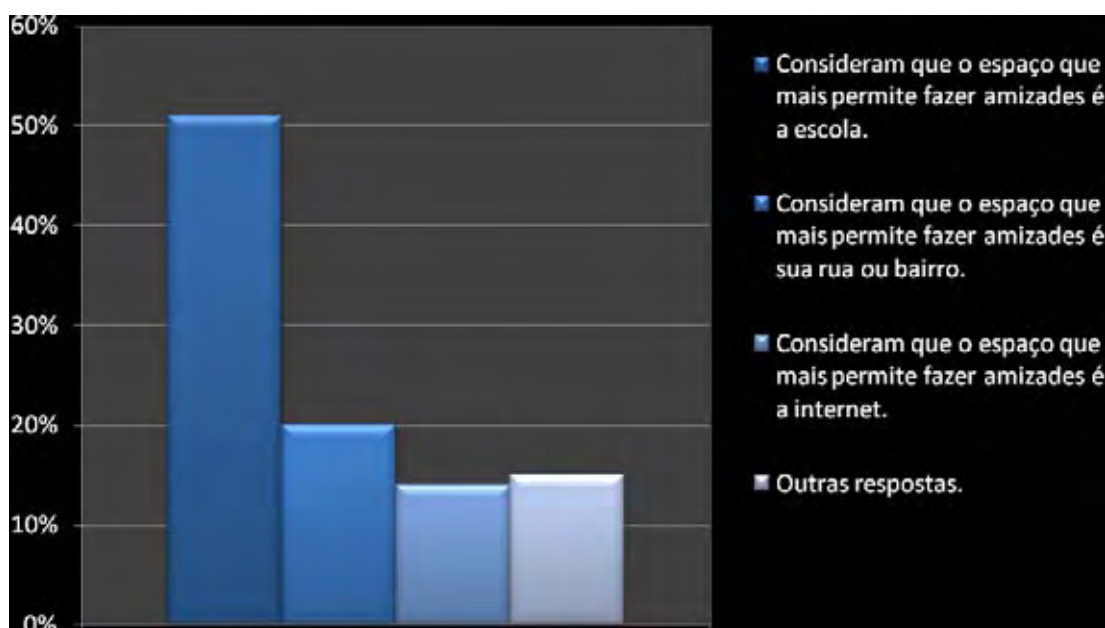
13) Seus professores entendem as relações entre os jovens?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 15% afirmam que seus professores entendem as relações entre os jovens, enquanto 9% respondem que seus professores não entendem as relações entre os jovens e 76% a declaram que alguns de seus professores entendem as relações entre os jovens.

GRÁFICO 29

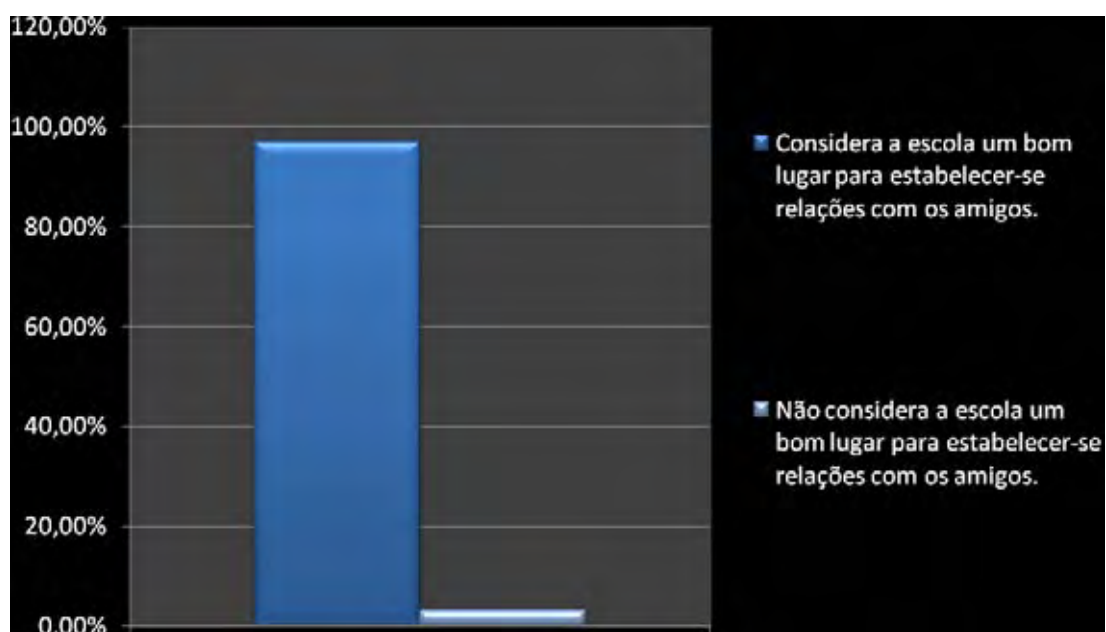
14) Qual é o lugar que te permite fazer mais amigos?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 51% afirmam que o melhor espaço para se fazer amigos é a escola, enquanto 20% afirmam considerar sua rua ou bairro o melhor espaço para fazer amizades, 14% responderam que o espaço que mais permite fazer amizades é a internet e o restante, formado por 15% deram outras respostas.

GRÁFICO 30

15) A escola é um bom lugar para estabelecer relações com os amigos?

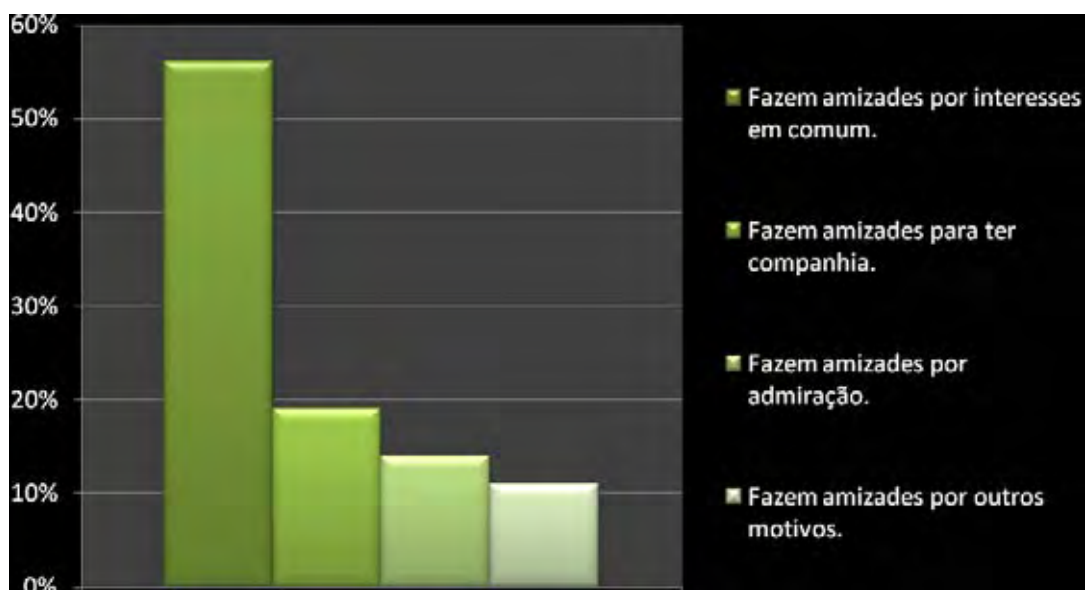


O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 97% afirmam considerar a escola um bom lugar para se fazer amigos, enquanto 3% pensam que a escola não é um bom lugar para fazer amizades.

GRÁFICOS DOS RESULTADOS DOS SEXO FEMININO E MASCULINO

GRÁFICO 31

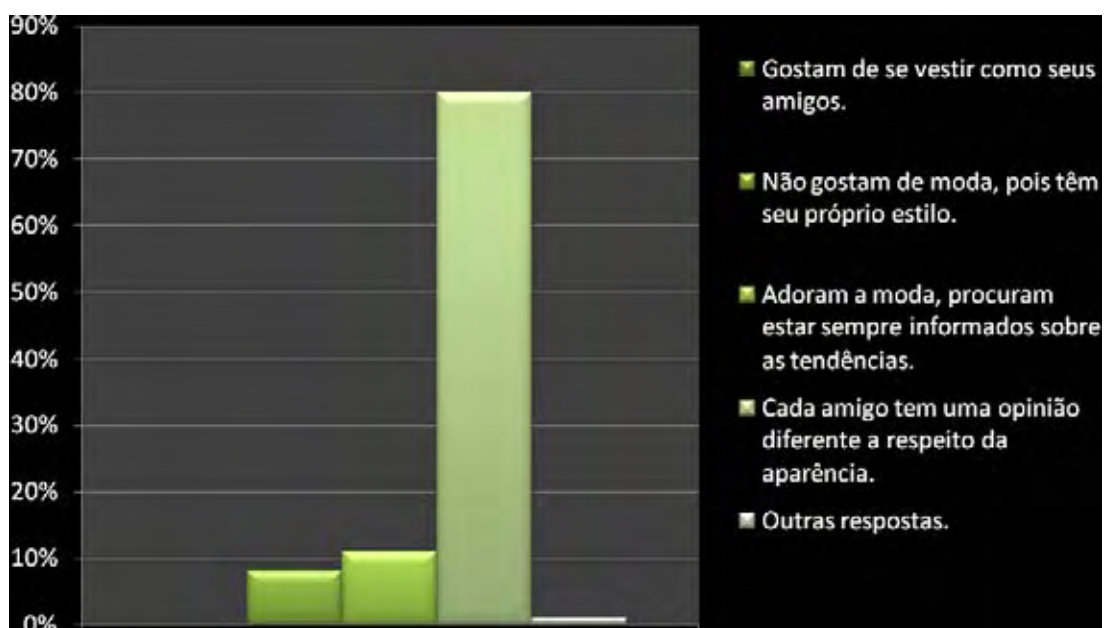
1) Quais os fatores que levam você a se tornar amigo de alguém?



O gráfico acima nos permite constatar que, do total de alunos entrevistados, 56% afirmam que fazem amizades por interesses em comum, enquanto 19% afirmam que fazem amizades para ter companhia, 14% respondem que fazem amizades por admiração e o restante, formado por 11%, deram outras repostas.

GRÁFICO 32

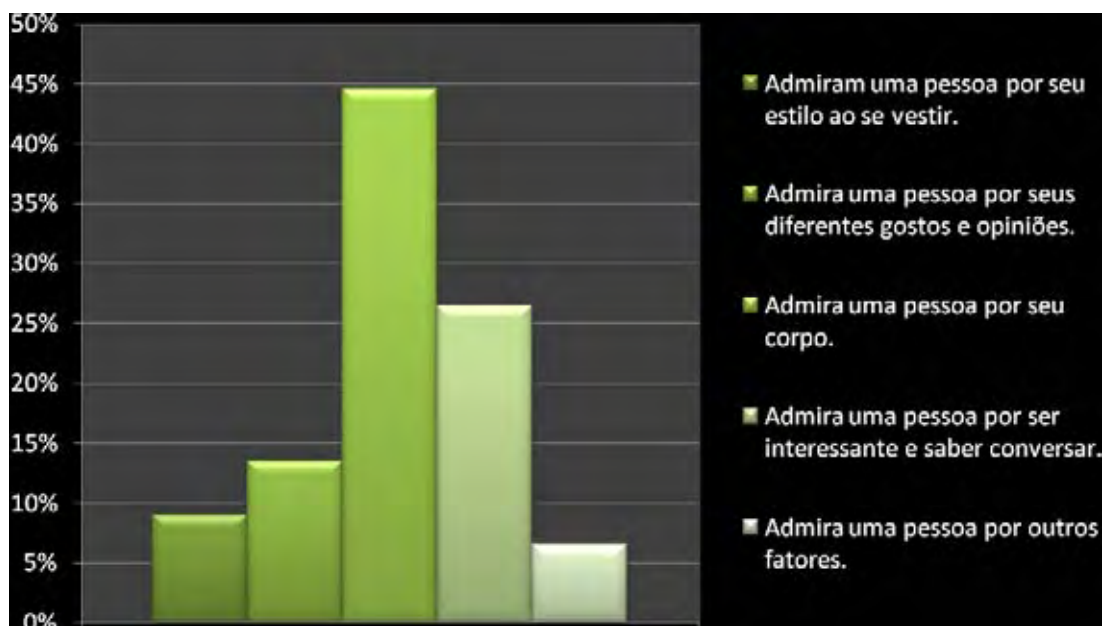
2) Geralmente, você se veste como seus amigos?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 0% afirmam gostar de se vestir como seus amigos, enquanto 8% afirmam não gostar de moda porque tem seu próprio estilo, 11% respondem que adoram a moda e buscam sempre seguir as tendências, 80% declaram que cada um de seus amigos tem a própria opinião a respeito da aparência e o restante, formado por 1%, deram outras respostas.

GRÁFICO 33

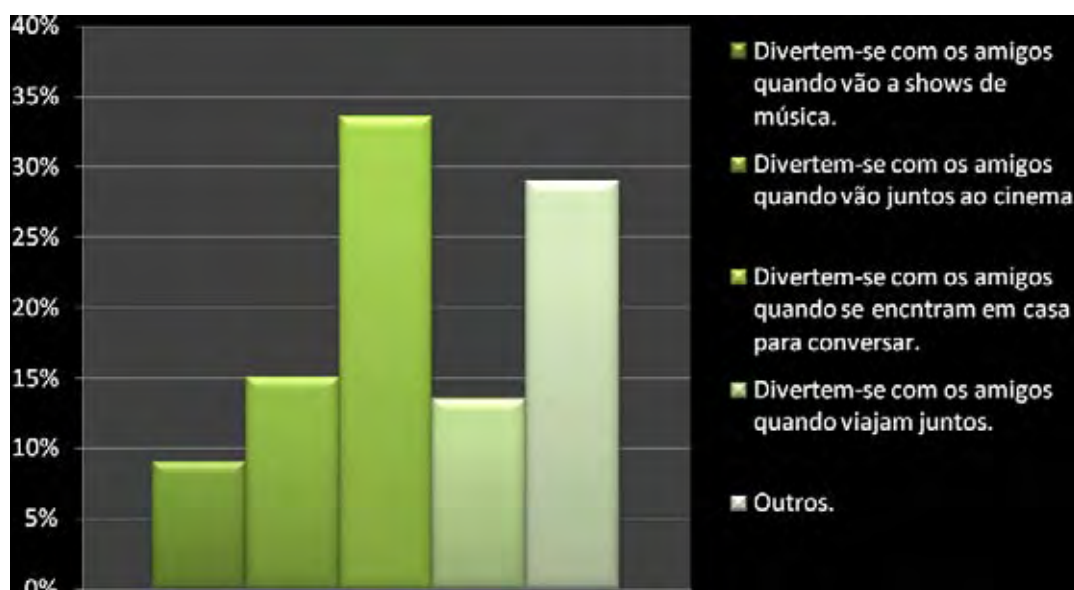
- 1) Quais são as coisas que tanto você quanto seus amigos acham sensual, bonito ou até atrativo em uma pessoa?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 9% afirmam admirar uma pessoa por seu estilo ao se vestir, enquanto 13,5% afirmam admirar uma pessoa por seus diferentes gostos e opiniões, 44,5% respondem que admiram uma pessoa por seu corpo, 26,5% declaram que admiram uma pessoa por ser interessante e saber conversar e o restante, formado por 6,5%, dizem admirar as pessoas por outros fatores.

GRÁFICO 34

2) Com que tipo de coisa, juntos, você e seus amigos se divertem?

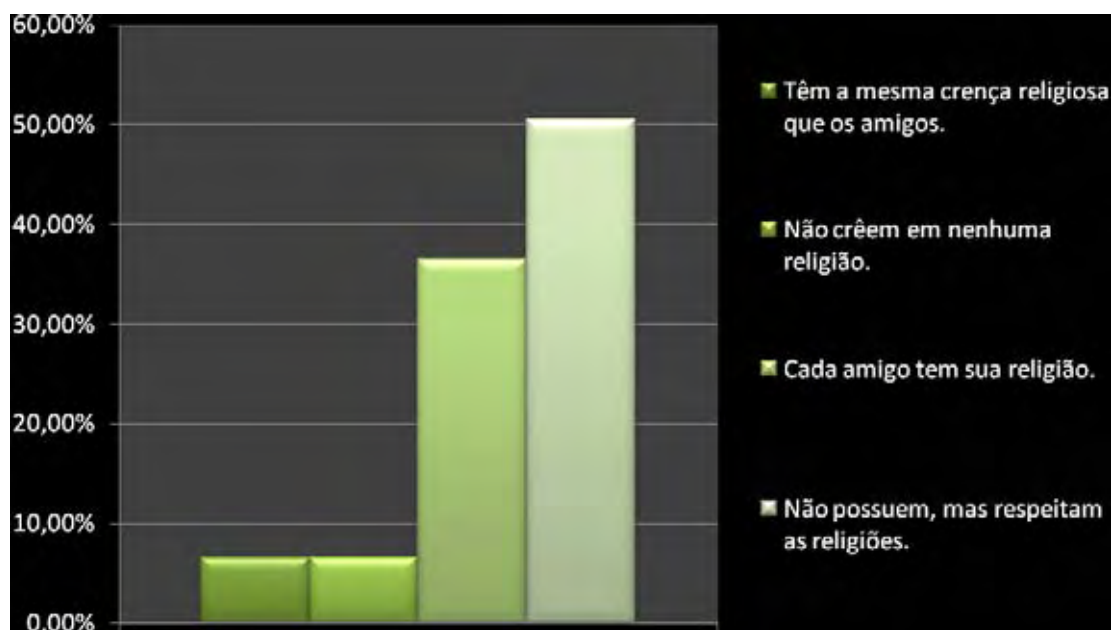


O

O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 9% afirmam divertir-se com os amigos quando vão a um show de música, enquanto 15% afirmam divertirem-se com os amigos quando vão ao cinema, 33,5% respondem que se divertem com os amigos quando encontram-se em casa para conversar, 13,5% declaram que divertem-se com os amigos quando viajam juntos e o restante, formado por 29%, deram outras respostas.

GRÁFICO 35

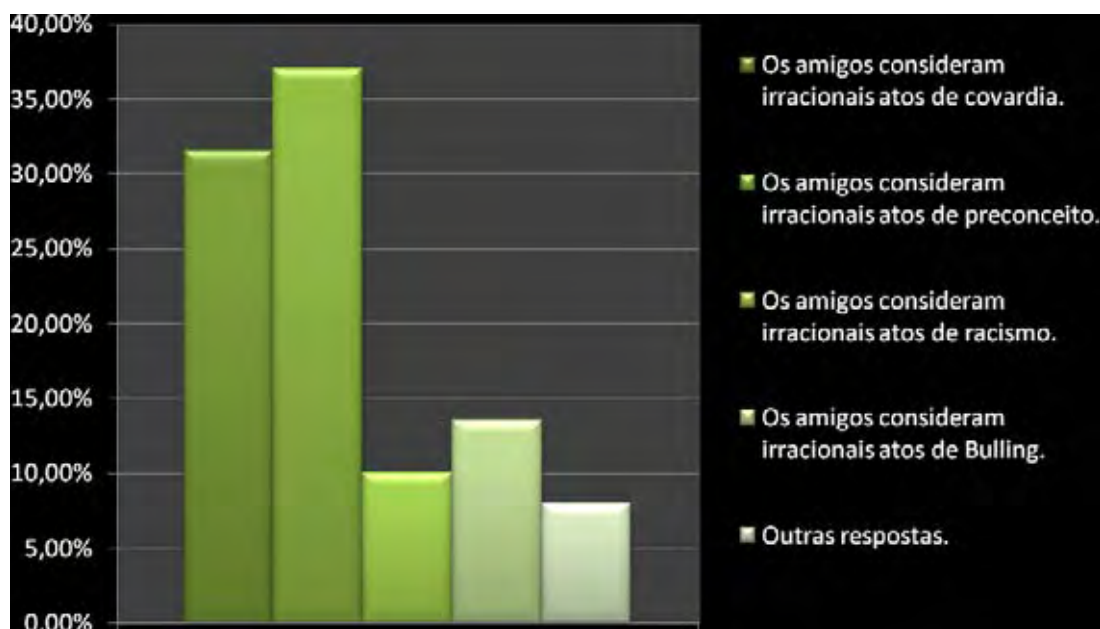
3) Você e seus amigos têm a mesma crença religiosa? Caso a resposta seja sim, no que acreditam?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 6,5% afirmam que têm a mesma crença religiosa de seus amigos, enquanto 6,5% afirmam que não crêem em nenhuma religião, 36,5% responderam que cada um de seus amigos tem sua religião e o restante, formado por 50,5% declaram que não possuem, mas respeitam as religiões.

GRÁFICO 36

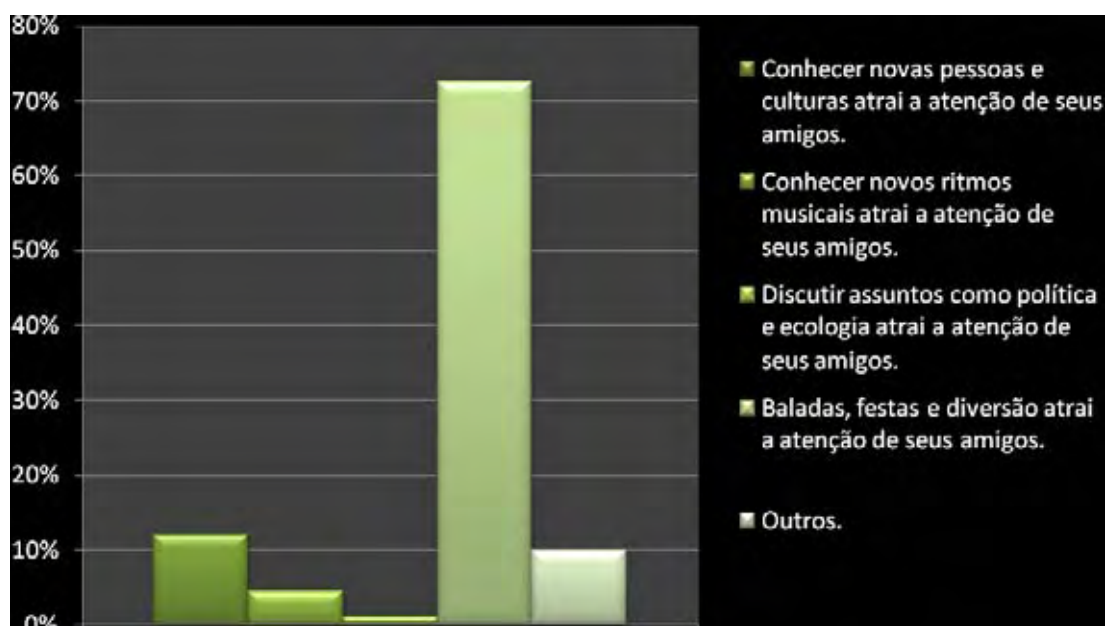
4) O que vocês e seus amigos consideram irracional?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 31,5% afirmam que os amigos consideram irracionais atos de covardia, enquanto 37% afirmam que os amigos consideram irracionais atos de preconceito, 10% respondem que irracionais, para seus amigos, são os atos de racismo, 13,5% declaram que Bullying é irracional, e o restante, formado por 8%, deram outras respostas.

GRÁFICO 37

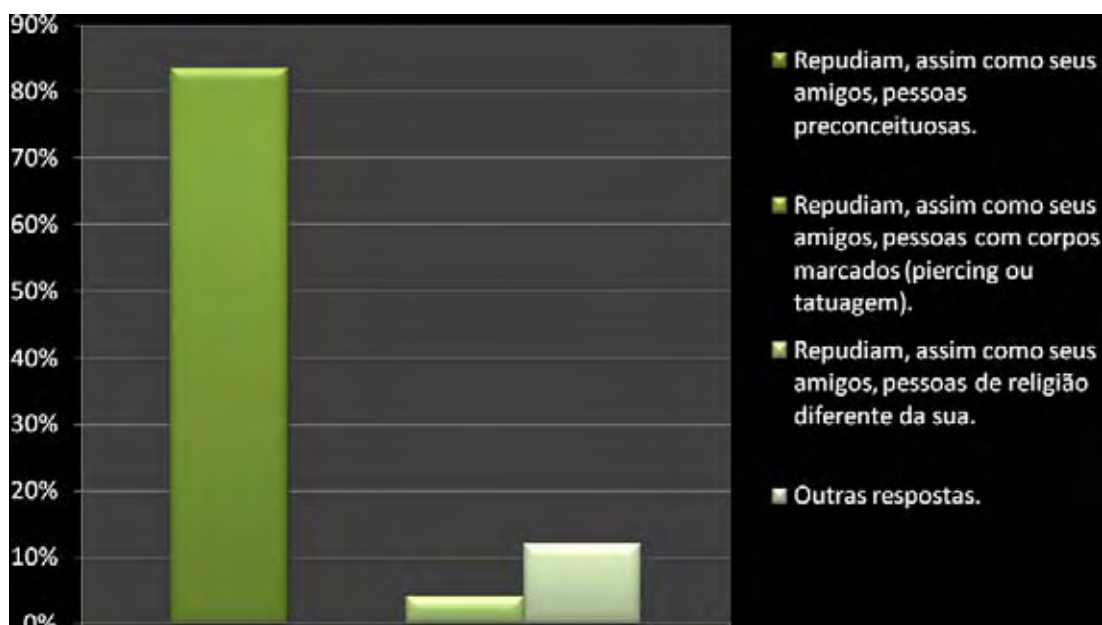
5) O que atrai a atenção de seu grupo?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 12% afirmam conhecer novas pessoas e culturas atrai a atenção de seus amigos, enquanto 4,5% afirmam que o que atrai a atenção de seus amigos é conhecer novos ritmos musicais, 1% respondem que discutir assuntos como política e ecologia atrai a atenção de seus amigos, 72,5% declaram que o que realmente atrai a atenção de seus amigos são as festas e baladas, e o restante, formado por 10%, deram outras respostas.

GRÁFICO 38

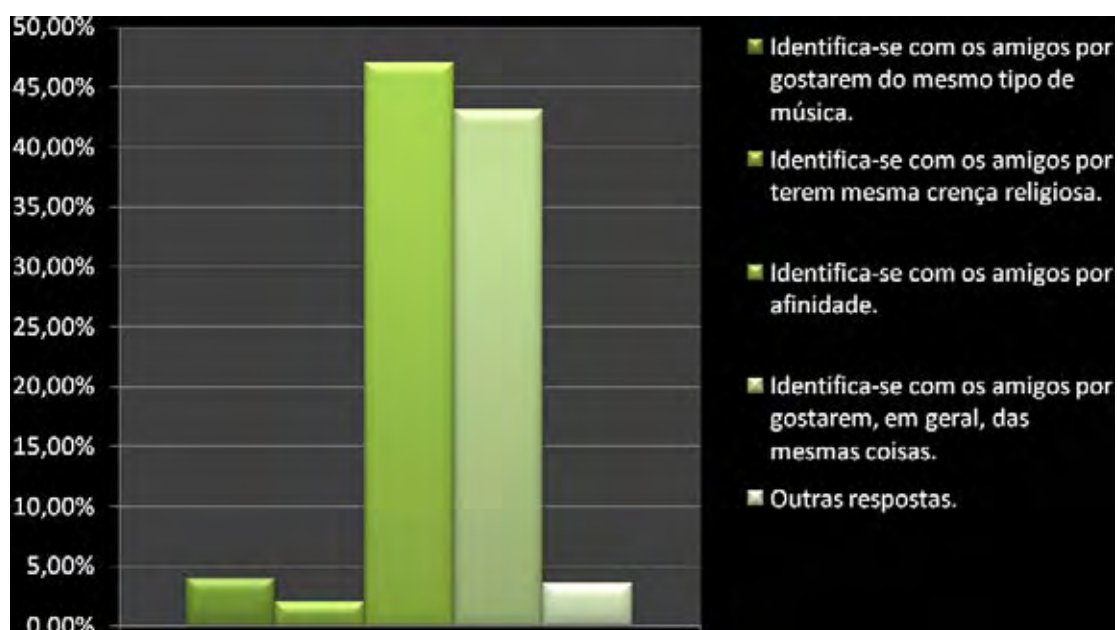
6) O que vocês e seus amigos repudiam?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 84% afirmam repudiar, assim como seus amigos, pessoas preconceituosas, enquanto 0% afirma que repudiam, assim como seus amigos, pessoas com corpos marcados (piercing ou tatuagem), 4% responderam que repudiam pessoas de religiões diferentes da sua e o restante, formado por 12% deram outras repostas.

GRÁFICO 39

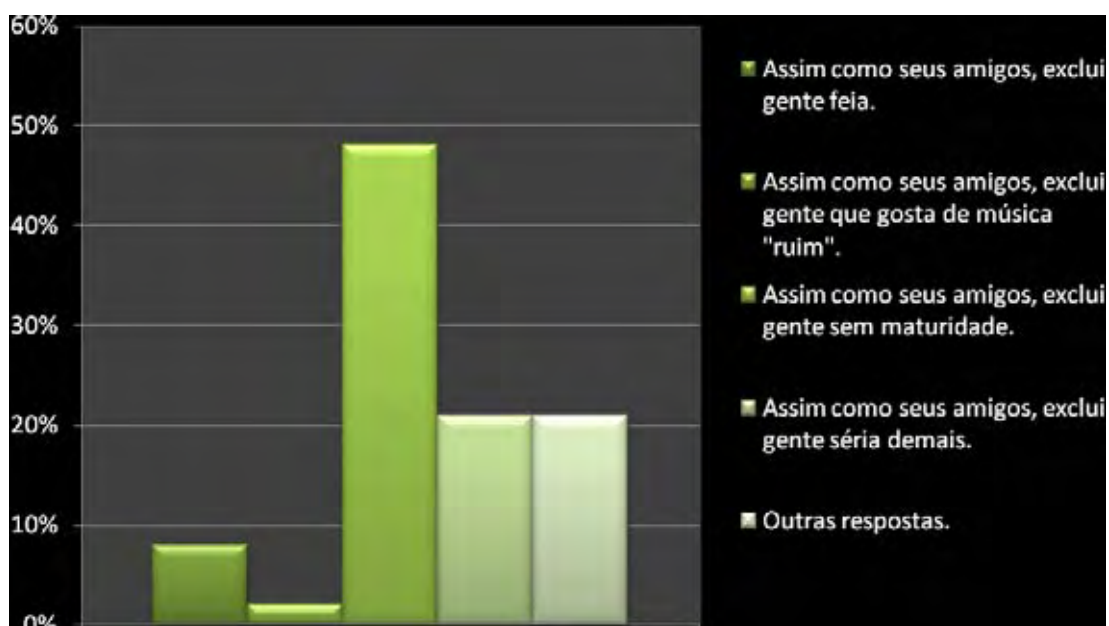
7) Por que você e seus amigos se reúnem?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 4% afirmam identificar-se com seus amigos por gostar do mesmo tipo de música, enquanto 2% afirmam que, por terem mesma crença religiosa, identifica-se com seus amigos, 47% respondem que se identificam com seus amigos pela chamada afinidade, 43% declaram que se identificam com seus amigos por gostos e opiniões em comum, e o restante, formado por 4%, deram outras respostas.

GRÁFICO 40

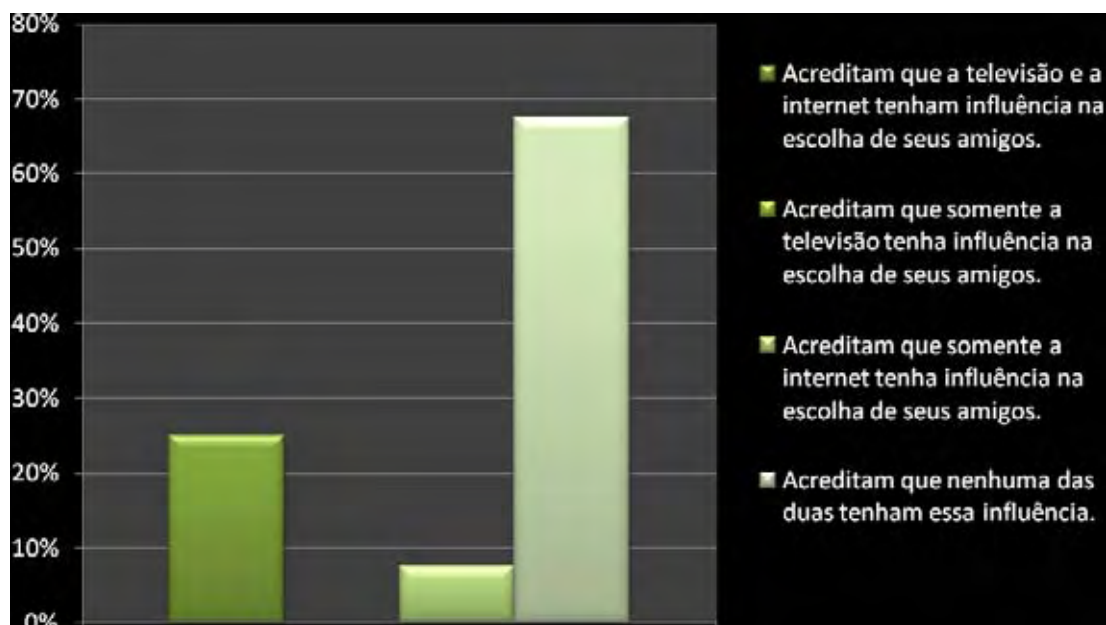
8) Que tipo de gente você e seu grupo excluem?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 8% afirmam excluir, assim como seus amigos, gente feia, enquanto 2% afirmam que seus amigos excluem pessoas que gostam de música "ruim", 48% respondem que excluem pessoas sem maturidade, 21% declaram que excluem gente séria demais e o restante, formado por 21%, deram outras respostas.

GRÁFICO 41

9) Você acha que a televisão ou a internet tem influência nas suas escolhas com relação a seus amigos e colegas?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 25% acreditam que a internet e a televisão têm influência na escolha de seus amigos, enquanto 0% afirma acreditar que somente a televisão tem influência na escolha dos amigos, 7,5% responderam que acreditam que somente a internet tem a influência sobre as escolhas dos amigos e o restante, formado por 67,5% declaram que nenhuma das duas tem essa influência.

GRÁFICO 42

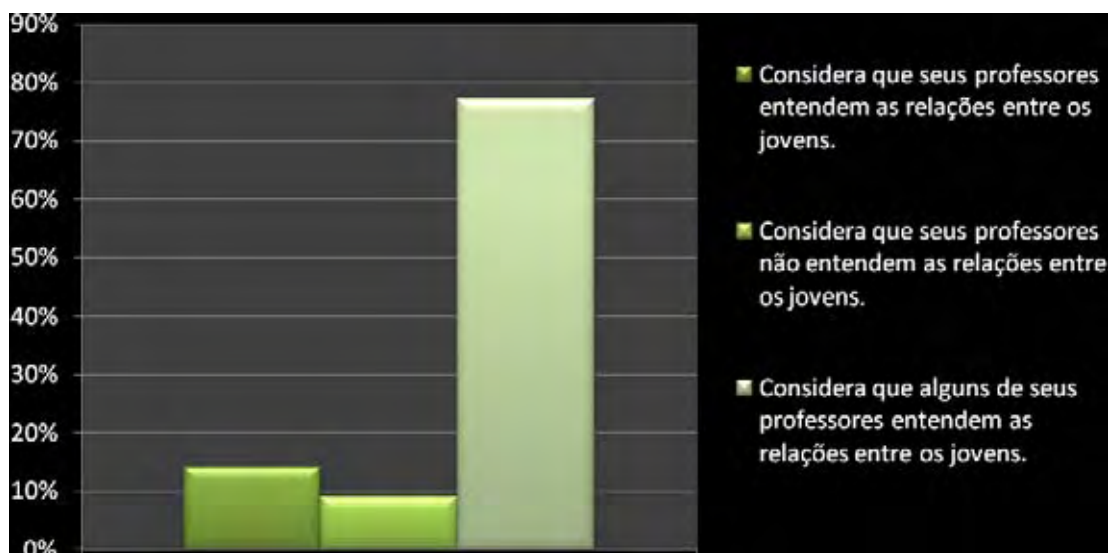
10) O que a escola ensina influencia na sua forma de aderir ou repudiar algum grupo de amigos?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 11% afirmam acreditar que o conteúdo ensinado na escola sempre tem influência nas escolhas de seus amigos, enquanto 55,5% respondem que acreditam que o conteúdo ensinado na escola não interfere nas escolhas de seus amigos e 33,5% declaram acreditar que o conteúdo ensinado na escola tem parcial influência sobre as escolhas de seus amigos.

GRÁFICO 43

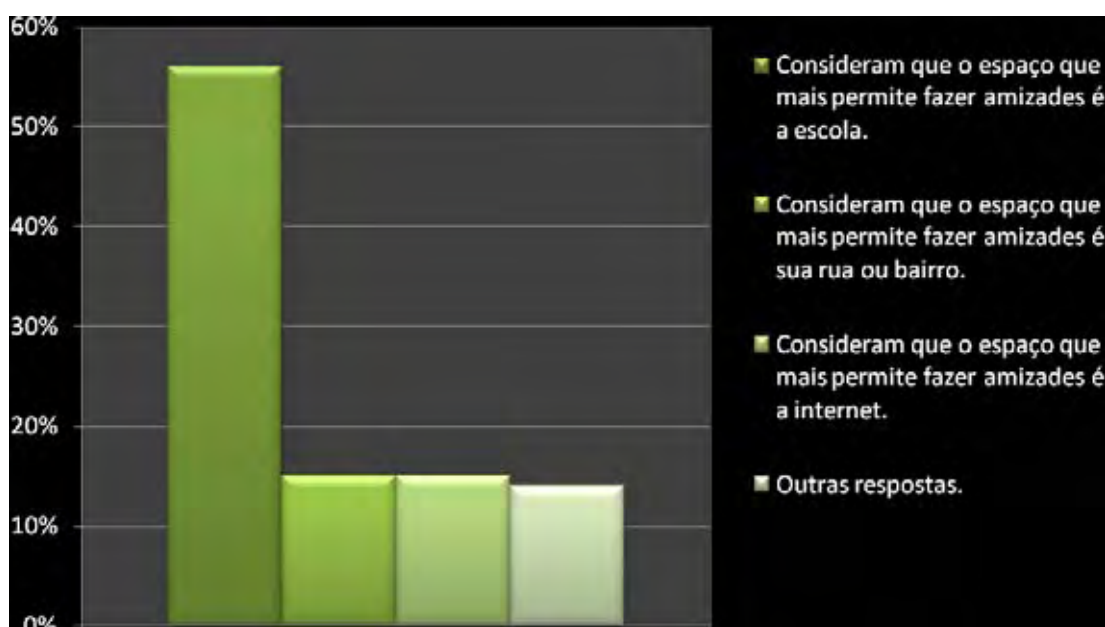
11) Seus professores entendem as relações entre os jovens?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 14% afirmam que seus professores entendem as relações entre os jovens, enquanto 9% respondem que seus professores não entendem as relações entre os jovens e 77% a declaram que alguns de seus professores entendem as relações entre os jovens.

GRÁFICO 44

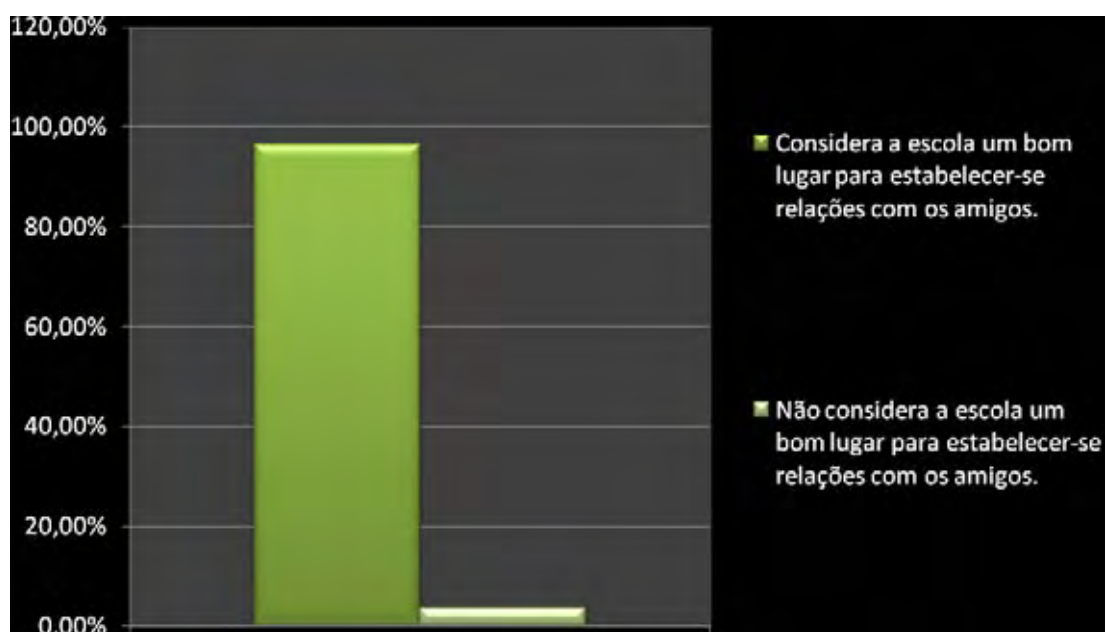
12) Qual é o lugar que te permite fazer mais amigos?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 56% afirmam que o melhor espaço para se fazer amigos é a escola, enquanto 15% afirmam considerar sua rua ou bairro o melhor espaço para fazer amigos, 15% responderam que o espaço que mais permite fazer amigos é a internet e o restante, formado por 14% deram outras respostas.

GRÁFICO 45

13) A escola é um bom lugar para estabelecer relações com os amigos?



O gráfico acima nos permite constatar que do total de alunos entrevistados, 96,5% afirmam considerar a escola um bom lugar para se fazer amigos, enquanto 3,5% pensam que a escola não é um bom lugar para fazer amizades.

ANEXO V

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO: O corpo na contemporaneidade: representações de estudantes em uma escola pública.

O seu filho (a) está sendo convidado (a) à participar de uma pesquisa que tem como objetivo estudar as representações que os jovens tem da atualidades, tendo com referencias as questões do corpo, educação, conhecimento. Será adotado os referencias teóricos de Michel Maffezoli, com a metodologia da sociologia compreensiva, buscando as questões que levam a ética da estética, ou o que faz com que os grupos se identifiquem e busquem os estar juntos, ou na relação ético-estético- efetiva, nas ligações existentes entre a emoção estética e a socialidade, compreendendo que a relação sujeito-outro é sujeito-corpo.

A participação envolverá 04 encontros em que serão realizadas entrevistas coletivas com um grupo de cerca de 08 alunos, no contraturno escolar. Cada encontro terá a duração de cerca de 1h 3 30 min.

Não há obrigatoriedade de respostas sobre questões em que não queira opinar.

A participação do aluno é voluntária, devendo ser autorizada pelos responsáveis e por termo de concordância do próprio aluno. A pesquisa não envolve qualquer risco, e na divulgação de seus resultados será mantido sigilo e privacidade das identidades que serão omissas.

Qualquer dúvida poderá ser esclarecida com o coordenador da pesquisa, podendo ser pessoalmente no Departamento de Educação Física do Colégio, ou pelo tel. 3229- 7600.

Informo ainda que a pesquisa já foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFJF, localizado no PROPESQ, Campus Universitário, CEP: 36.036-330, tel: 3229-3788 onde poderão ser esclarecidas quaisquer outras dúvidas.

O presente Termo de consentimento Livre e Esclarecido será feito em duas vias ficando uma com o responsável do participante, e outra arquivada com o Pesquisador responsável.

Eu, _____, _____ anos, RG: _____, Residente à rua _____, tel; _____, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário (a) do Projeto de pesquisa supracitado.

ASSINATURA DO VOLUNTÁRIO

Eu, _____, _____ anos, RG: _____, Residente à rua _____, tel; _____, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para que o menor _____, participe como voluntário (a) do Projeto de pesquisa supracitado.

ASSINATURA DO (A) RESPONSÁVEL

Juiz de Fora, _____ de _____ de 2011.

JOSÉ LUIZ LACERDA
Pesquisador Responsável

ANEXO VI

FICHA INDIVIDUAL

NOME: _____

DATA DE NASCIMENTO: _____ ANO ESCOLAR: _____

ENDEREÇO: _____

TEL: _____

Número de pessoas que moram na sua casa: _____

Laços pessoais destas pessoas: _____

RENDA FAMILIAR:

() até um salário mínimo

() entre um e dois salários

() entre 03 e 05 salários

() acima de 05 salários

Como vai para o Colégio? () ônibus () carro () a pé

Possui computador? () sim () não

Possui celular? () sim () não

Como você se classifica como aluno? () interessado () desinteressado

ANEXO VII

FIGURA 01



FIGURA 02



FIGURA 03



FIGURA 04

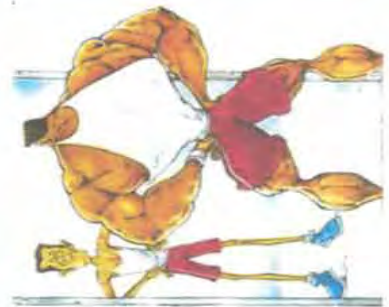
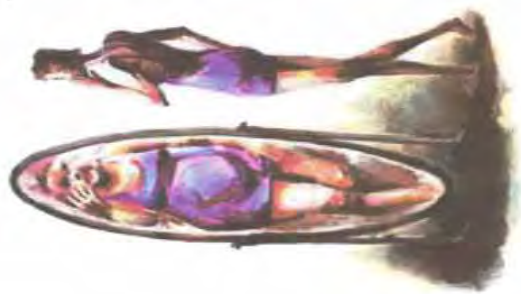
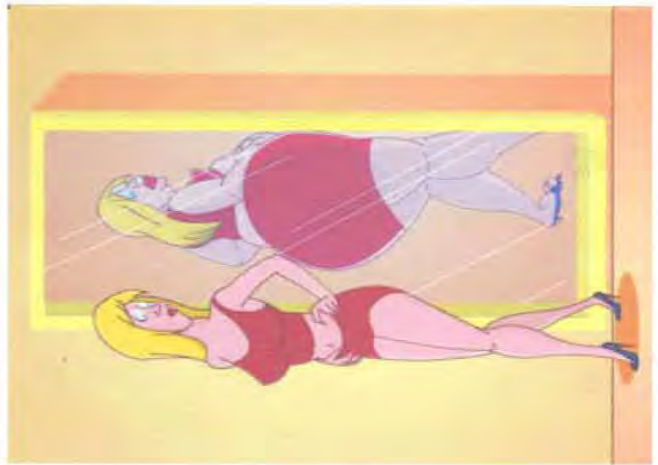


FIGURA 05



FIGURA 06



FIGURA 07



FIGURA 08

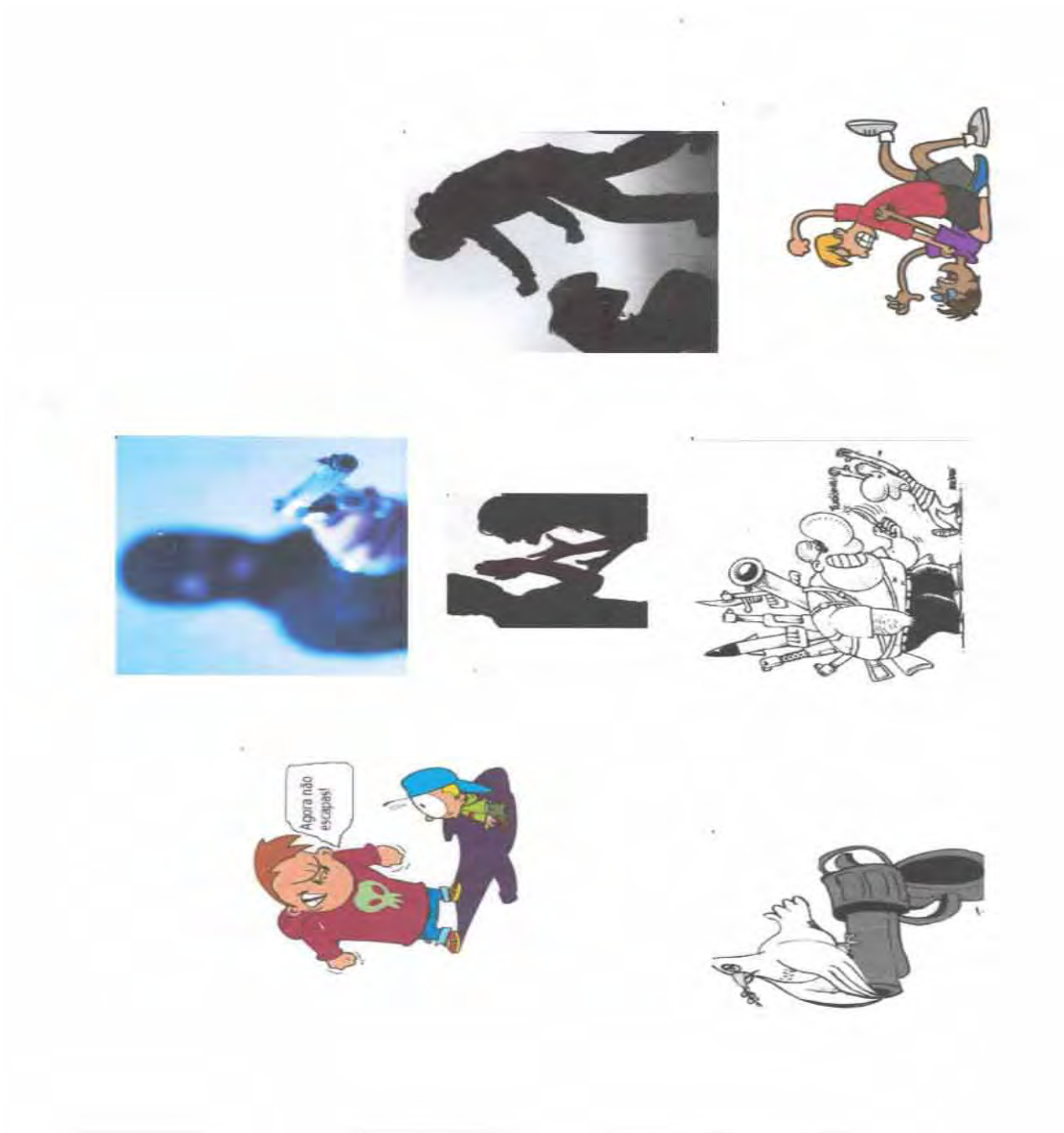


FIGURA 09



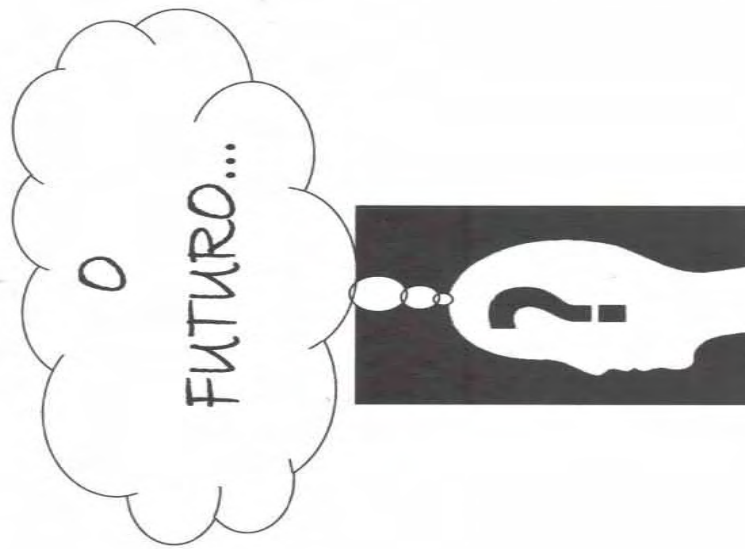
FIGURA 10

FIGURA 11



FIGURA 12



FIGURA 13



FIGURA 14



FIGURA 15



FIGURA 16

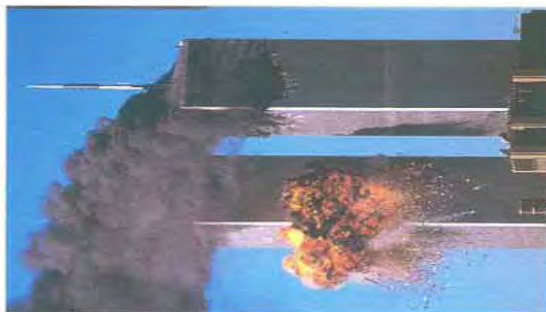
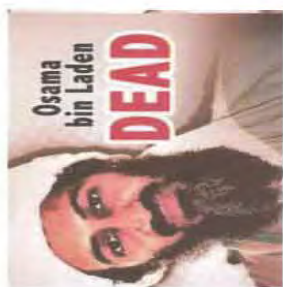


FIGURA 17

FIGURA 18

FIGURA 19



FIGURA 20



FIGURA 21

